



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE

**NARRATIVAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE ESTUDANTES E LIDERANÇAS DO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS**

FORTALEZA

2019

ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE

NARRATIVAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE ESTUDANTES E LIDERANÇAS DO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito à obtenção do título de doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A565n Andrade, Ana Maria Teixeira.
Narrativas de vida e formação de estudantes e lideranças do Programa de Educação em Células Cooperativas / Ana Maria Teixeira Andrade. – 2019.
455 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque.
1. Educação.. 2. Histórias de vida.. 3. PRECE. 4. Solidariedade. 5. Aprendizagem Cooperativa. I. Título.
CDD 370
-

ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE

**NARRATIVAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE ESTUDANTES E LIDERANÇAS DO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito à obtenção do título de doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em 15 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque – UFC
(Orientador)

Profa. Dra. Ana Maria Iório Dias – UFC
(Examinadora)

Prof. Dr. Pedro Rogério – UFC
(Examinador)

Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar – UECE
(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza – UNEB
(Examinador Externo)

Em memória de minha avó Perpétua Gomes de Paiva que me contava histórias de sua vida, rezava comigo e me dava bons conselhos para que eu vivesse bem.

Em memória de José Orismar da Silva Barroso e de todos que fizeram com que o PRECE existisse no campo educacional cearense.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu criador em quem acredito e confio e a Jesus, meu redentor!

Aos meus pais, que me deram a vida e amor.

Ao meu esposo, Manoel Andrade e minhas filhas Alzira, Alice e Ester que me apoiaram quando precisei.

Ao meu orientador, Luiz Botelho que pacientemente me ouviu e me orientou.

Ao meu amigo professor Pedro Rogério pelo incentivo.

Ao meu amigo e professor Luiz Távora pelo apoio.

À todos os precistas em nome de Francisco Antonio, Antonio Eudimar, José Noberto, Carlos Roberto, Francisca Raquel, Francisco Gonçalves, José Orismar e Adriano Andrade que caminharam comigo nas lutas no PRECE por um mundo melhor.

Aos meus irmãos e irmã pela compreensão em minhas ausências no cuidado com meus pais.

À minha sogra Francisca Andrade e meu sogro Arão de Andrade pela oração e apoio.

Às minhas cunhadas pela amizade, escuta, oração e torcida.

Aos meus cunhados pelo apoio

À minha amiga e pastora Rosilene Alves pelo apoio na oração e conversa na hora precisa

À minha amiga Donaciana Fernandes Jiruska pela amizade, a escuta e a palavra sábia quando necessitei e pela ajuda financeira a essa pesquisa.

À minha psicóloga Maria Edna Barbosa Ferreira pela ajuda profissional e acolhedora.

Ao meu amigo Washington Moreira pela correção do trabalho.

Ao meu amigo Hermisson Bezerra pela tradução de resumo desse trabalho

À Brazilfoudation pelo apoio financeiro ao Memorial do PRECE.

E à Capes pelo fomento a realização dessa pesquisa.

“Sou eu próprio uma questão colocada ao mundo e devo fornecer minha resposta; caso contrário, estarei reduzido à resposta que o mundo me der”.
(Carl Jung)

[...] Meu amor, alivia e acalma,
É o remédio da alma,
Pra quem quer se curar.

Meu amor é humilde é singelo
E o destino mais belo
É torná-lo maior.

Meu amor, o mais apaixonado,
Pelo injustiçado,
Pelo mais sofredor. [...]
(Compositor: Silvio Rodriguez)

"As pessoas podem esquecer o que você fez, o que você disse, mas nunca esquecerão o que você as fez sentir." (Fernando Pessoa).

RESUMO

O PRECE, então Programa de Educação em Células Cooperativas surgiu em Pentecoste, Ceará, em 1994, sob a liderança do professor Manoel Andrade Neto da Universidade Federal do Ceará e de mais sete estudantes que, na ocasião, estavam fora da escola. Esses seis rapazes e uma moça se reuniam em uma Casa de Farinha para estudarem juntos com o desejo de se escolarizarem e entrarem na universidade, e assim conseguiram através do PRECE. O jeito que encontraram, aprendendo em cooperação e solidariedade trouxe êxitos, pois cinco deles e a moça fizeram o ensino superior e ainda construíram um movimento de estudantes cooperativos e solidários que tem sido exemplo em metodologia participativa para agentes da educação no Ceará, Brasil e fora do país. Esse estudo objetiva compreender as condições de produção e de existência da experiência educacional do PRECE; saber como se deu o processo de aprendizagem cooperativa e solidária que gerou impactos sociais pela inclusão de jovens populares no ensino superior; evidenciar elementos impactantes e diferenciais que possibilitem a compreensão de que a experiência pedagógica tem potencial inspirador a práticas educativas em outros ambientes educacionais, formais ou não. Guiando-me pela proposta teórico-metodológica das Histórias de Vida e formação, coloco lado a lado, a minha autoanálise, pautada pelas experiências de formação na comunidade, na escola e no PRECE e a análise de nove memoriais de estudantes e líderes comunitários que caminharam comigo. Analisei episódios referentes ao antes e ao depois da experiência, em suas realidades difíceis nos rincões interioranos. Destaquei pontos fortes, valores educativos, elementos metodológicos e práticas sociais. O trabalho revela resultados que podem servir de inspiração para profissionais da área da educação que carregam grandes desafios nesse campo no Brasil. Os dados obtidos permitiram outro olhar sobre o contexto educacional e político da experiência e a percepção do valor que teve o capital social levantado pelo grupo precisa na região. Vi em minhas práticas, uma convivência com o outro e uma opção de mudança de realidades excludentes para outras inclusivas e promotoras da justiça social. Percebi que a experiência do PRECE teve potencial transformador por incluir, socialmente, uma juventude vinda de famílias de baixa renda através da educação cooperativa e solidária que inseriu esse público na universidade, resultando em potente fertilidade na possibilidade de implementações em outros contextos educacionais aproximados. E nisso tudo se mantém um *habitus* individual e grupal, acionados e mantidos pelo campo e seus agentes através da interdependência social, protagonizando vários projetos educacionais e transformadores de vida. Por fim, essa narrativa de formação apanhou fragmentos da vida da educadora que sou, agente de uma práxis em uma experiência (trans)formadora a qual revela uma leitura de mim, do outro e do mundo nas dimensões afetiva, formativa e social.

Palavras-chave: Educação. Histórias de Vida. PRECE. Solidariedade. Aprendizagem Cooperativa

ABSTRACT

PRECE, then Cooperative Cell Education Program was founded in 1994, in Pentecoste, Ceará, under the leadership of Professor Manoel Andrade Neto of the Federal University of Ceará and seven other students who weren't attending school at the time. These six boys and one girl were meeting in a flour house to study together with the purpose of finishing their studies and enter in the university and they succeeded through the PRECE program. Learning in cooperation and solidarity brought success, observing that they completed higher education and also built a cooperative and supportive student movement that has been an example in participatory methodology for education agents in Ceará, Brazil and internationally. The purpose of this thesis is to understand the conditions of production, existence of the PRECE Program, how this experience of cooperative and solidarity learning generated social impact in the inclusion of young low-income students in the university; to highlight impacting and differential elements that enable the understanding that the educational experience has potential to inspire educational practices in other environments, formal or non-formal. Guided by the theoretical-methodological proposal of life stories and formation, I place my self-analysis side by side, guided by the development experiences in the community, in the school, in PRECE and the analysis of nine memorials of students and community leaders who also walked the same path. I analyzed episodes of before and after the experience in their difficult reality in the countryside. I highlighted strengths, educational values, methodological elements and social practices. The thesis shows results that can serve as inspiration to professionals in the field of education who carry great challenges in Brazil. The obtained data allowed another look on the educational and political context of the experience and the perception of the value that had the social capital raised by the PRECE group in the region. I realized that the experience of PRECE had transformative potential by socially including youth from low-income families through the cooperative and supportive education that inserted this group in the university, resulting in potent fertility in the possibility of implementation in other close educational contexts. In this context, an individual and group habitus is maintained, driven and maintained by the field and its agents through social interdependence, leading various educational projects and life transformers. Finally, this narrative of formation caught fragments of the life of the educator I am, the agent of a praxis in a (trans) formative experience which reveals a reading of myself, the other and the world in the affective, formative and social dimensions.

Keywords: Education. Life story. PRECE. Solidarity. Cooperative Learning.

RÉSUMÉ

Le PRECE, alors Programme d'Éducation en Groupes Coopératifs, a été fondé à Pentecoste, Ceará, en 1994 sous la direction du professeur Manoel Andrade Neto de l'Université Fédérale du Ceará et de sept autres étudiants non scolarisés à l'époque. Ces six garçons et une fille se rencontraient dans une maison "Casa de farinha" pour étudier avec le désir d'être scolarisés et, ont ainsi, réussi grâce au PRECE. La façon dont ils ont appris, en utilisant la coopération et la solidarité a apporté le succès, puisque cinq d'entre eux et la fille ont fait des études supérieures et ont également créé un mouvement d'étudiants coopératifs et solidaires qui constitue un exemple de méthodologie participative pour les agents d'éducation au Ceará, au Brésil et à l'étranger. Cet étude a pour objectif de comprendre les conditions de production et d'existence de l'expérience éducative du PRECE; de savoir comment s'est déroulé ce processus d'apprentissage coopératif et solidaire qui a généré des impacts sociaux dû à l'inclusion des jeunes dans l'enseignement supérieur; de mettre en évidence des éléments impressionnants et différentiels qui rendent possible la compréhension d'une expérience pédagogique qui a un potentiel inspirant des pratiques éducatives dans d'autres ambiances éducationnelles, formelles ou non. Guidée par la proposition théorique et méthodologique d'Histoires de Vie et formation, je place mon auto-analyse parallèlement, mené par les expériences de formation dans la communauté, à l'école et dans le PRECE, l'analyse de neuf témoignages écrits d'étudiants et de leaders communautaires qui ont travaillé avec moi. J'ai analysé des épisodes liés à l'avant et après l'expérience dans leur difficile réalité dans les petites villages, vu qu'il s'agit d'une recherche exploratoire. J'ai mis en évidence les points forts, les valeurs éducatives, les éléments méthodologiques et les pratiques sociales. Le travail révèle des résultats qui peuvent inspirer les professionnels de l'éducation qui ont des grands défis dans ce domaine au Brésil. Les données obtenues ont permis de revenir sur le contexte éducatif et politique de l'expérience et sur la perception de la valeur du capital social généré par le groupe "precista" dans la région. J'ai vu dans mes pratiques une coexistence avec l'autre et une option qui permettait de passer d'une réalité d'exclusion à une autre plus inclusive et favorable à la justice sociale. J'ai aperçu que l'expérience du PRECE a eu un potentiel transformateur parce qu'il inclut de manière sociale une jeunesse qui vient de familles pauvres à travers de l'éducation coopératif et solidaire qui a inséré ce public à l'université, se trouvant comme une forte possibilité d'implémentations dans d'autres contextes éducatifs similaires. Il existe en tout cela un habitus individuel et de groupe, activé et maintenu par le domaine et ses agents à travers de l'interdépendance sociale, réalisant divers projets éducatifs et transformateurs de vie. Enfin, ce récit de formation a rassemblé des fragments de ma vie d'éducatrice, auteure d'une praxis dans une expérience (trans) formative qui révèle une lecture de moi-même, de l'autre et du monde dans les dimensions affective, formatrice et sociale.

Mots-Clés: Éducation. Histoires de vie. PRECE. Solidarité. Apprentissage Coopératif.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACACE	Associação de Cooperação Agrícola do Ceará
ACOMPARCC	Associação Comunitária de Pequenos Agricultores Rurais de Capivara e Cipó
ADEL	Agência de Desenvolvimento Local
APEC	Aliança Pastoral de Evangelização de Crianças
ATEMPE	Associação de Trabalhadores em Educação do Município de Pentecoste
ASIHVIF-RBE	Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação e da Pesquisa Biográfica em Educação
BIOGRAPH	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CEE	Conselho Estadual da Educação
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CHPL	Curso de Habilitação para Professores Leigos
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisas
COAMPE	Central de Organizações Associativas de Pentecoste
COART	Coordenadoria de Articulação entre a Universidade e a Escola Básica
CODEA	Coordenadoria da Escola e da Aprendizagem
COFAC	Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
EBTT	Ensino Básico Técnico e Tecnológico
EFASA	Escola Família Agrícola Santa Ângela
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPC	Escolas Populares Cooperativas
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores(as) Rurais do Estado do Ceará
FOCCO	Programa de Formação de Células Cooperativas
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFCE	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará
INEP	Instituto Nacional de Educação e Pesquisas
IPI	Igreja Presbiteriana Independente de Fortaleza
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento sem Terra
NAPR	Núcleo de Assessoria ao Produtor Rural
PAC	Pastoral de Adolescentes e Crianças
PACCE	Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis
PDT	Projeto Diretor de Turma
PRECE	Projeto Educacional Coração de Estudante (1998) / Programa de Educação em Células Cooperativas (2004) / Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (2016)
PRONERA	Programa de Educação na Reforma Agrária
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
SEFOR	Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TVC	Televisão e Cultura

TVE	Televisão Educativa
UAVRC	União das Associações do Vale do Rio Canindé
UEPI	Universidade Estadual do Piauí
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNEMAT	Universidade do Estado do Mato Grosso

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Professores da ATEMPE e blusa dada na festa.....	26
Figura 2 - Escala de times do campeonato ACOMPARCC em 1991.....	27
Figura 3 - Ficha de inscrição dos atletas do time.....	28
Figura 4 - Time de futebol Estudantina em 2005.....	29
Figura 5 - Diploma do curso de datilografia de José Noberto.....	31
Figura 6 - Integrantes do 1º Curso de Língua Portuguesa e Redação.....	32
Figura 7 - Comunidade de Cipó.....	33
Figura 8 - Templo da Congregação da IPI Cipó.....	39
Figura 9 - Agentes Fundadores do PRECE: reunião de gestão na IPI Fortaleza.....	43
Figura 10 - Os sete estudantes fundadores do PRECE (2009).....	46
Figura 11 - Estudantes do PRECE na casa de farinha (2000).....	49
Figura 12 - Página 1 da 1ª edição do Jornal Tribuna do Estudante (A).....	56
Figura 12 - Página 2 da 1ª edição do Jornal Tribuna do Estudante (B)	57
Figura 13 - Primeiro encontro de convivência do PRECE em Mundaú (1996).....	58
Figura 14 - Estudantes da sede de Pentecoste em Cipó (2000).....	62
Figura 15 - Eu em aula de Português nas EPC - FOR e EPC – Benfica.....	64
Figura 16 - Reunião de parceria com o CEJA – Itapipoca.....	66
Figura 17 - Professores do CEJA – Itapipoca aplicando provas da EJA em Cipó.....	68
Figura 18 - Transporte usado na multiplicação do PRECE.....	72
Figura 19 - Professor Edgar Linhares Lima, amigo e parceiro do PRECE.....	75
Figura 20 - Universitários facilitadores e público do Projeto Estudante Cooperativo.....	78
Figura 21 - Programa Radiofônico Coração de Estudantes (Apresentadores: Jocélio Simplicio e Tony Wérisson).....	83
Figura 22 - Movimento em defesa da Escola Pública.....	86
Figura 23 - Minha mãe Luiza Feitosa Teixeira.....	94
Figura 24 - Meu pai Antonio Rodrigues Teixeira, na minha Formatura em Letras.....	96
Figura 25 - Minha irmã, Odete Feitosa Teixeira.....	98
Figura 26 - Carta de ABC utilizada por Rosinha para me alfabetizar.....	99

Figura 27 - Minha alfabetizadora Rosinha.....	101
Figura 28 - Eu como rainha no desfile cívico em 7 de setembro escola Francisco Sá e meu irmão Assis.....	106
Figura 29 - Minha mãe e meu irmão Francisco Feitosa em minha formatura do 8º ano.....	107
Figura 30 - Minha 1ª comunhão com Padre Estêvão e irmã Verônica.....	109
Figura 31 - Eu após a missa na Igreja Matriz com Padre Paulo	110
Figura 32 - Eu, professora aos 19 anos	115
Figura 33 - Eu e meus alunos da primeira comunhão e PAC.....	117
Figura 34 - Nós (Eu, Adriano, Pedro) e o grupo da PAC no Serrote Tamanduá	119
Figura 35 - Meu casamento com Manoel Andrade pelo Pastor Áureo de Oliveira.....	121
Figura 36 - Encontro com Rachel de Queiroz nos seminários literários da Letras/UFC	123
Figura 37 - Eu no primeiro grupo de estudo do PRECE.....	124
Figura 38 - Eu no trabalho de formação de professores do PRONERA.....	128
Figura 39 - De Casa de Farinha à Casa de Estudantes	134
Figura 40 - Eu nas aulas de Literatura na casa do estudante.....	143
Figura 41 - Liderança da EPC Ombreira	157
Figura 42 - Minhas aulas de Inglês/Carlos Augusto (Jogos Educativos) na EPC Ombreira.....	159
Figura 43 - Oficina de histórias de vida das crianças na EPC Ombreira.....	162
Figura 44 - Manoel Andrade Neto e integrantes do seu grupo de estudo.....	198
Figura 45 - Sete estudantes do 1º grupo de estudo do PRECE, Manoel Andrade e sua mãe Francisca Andrade.....	202
Figura 46 - Adriano Andrade e trabalhadores na construção da casa de farinha/Inauguração da casa.....	211
Figura 47 - Adriano Andrade na residência universitária da UFC.....	215
Figura 48 - Adriano Andrade em células de estudo de Geografia no PRECE em Cipó.....	216
Figura 49 - Francisco Antonio na Formatura em Pedagogia com Inácio Arruda.....	226
Figura 50 - Sala de trabalho na gestão dos Projetos coordenados por Francisco Rodrigues na UFC.....	227
Figura 51 - Antonio Eudimar recebendo diploma do curso de liderança Cristã.....	238
Figura 52 - Carlos Roberto na formatura em Agronomia – UFC.....	248

Figura 53 - Francisca Raquel e logo do PRECE no campo de futebol (Cipó) e na formatura em História.....	258
Figura 54 - Francisco Gonçalves na defesa de doutorado / Posse no IFT Mato G. do Sul.....	276
Figura 55 - José Noberto quicando sua bola na casa de farinha.....	279
Figura 56 - José Noberto e sua mãe, Anésia Bezerra, na Formatura em Química (Licenciatura).....	286
Figura 57 - Orismar no Programa de Rádio Coração de Estudante em Pentecoste.....	296
Figura 58 - Formatura de José Orismar – Bacharel em Teologia.....	297

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Projetos principais realizados e público beneficiado pelas Escolas Populares Cooperativas/EPC do PRECE, em 2008.....	65
Tabela 2 - EPC que realizam o projeto EJA/com estudo em células ou não/público/resultados quantitativos.....	70
Tabela 3 - Vestibular 2009.1 da Universidade Federal do Ceará – aprovados na 2ª. Fase por EPC.....	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	HISTÓRIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS (PRECE).....	23
	...	
2.	Antecedentes.....	24
1		24
2.	Cenário da experiência inicial: Cipó.....	32
2		32
2.	Igreja Presbiteriana Independente: congregação de Cipó.....	36
3		36
2.	Projeto Educacional Coração de Estudante.....	41
4		41
2.	Início do Processo de Institucionalização do PRECE.....	49
5		49
2.	A Criação das EPC: ações pedagógicas, cooperativas e solidárias do PRECE.....	62
6	62
2.	Apoio à Escola Pública.....	76
7	76
3	HISTÓRIAS DE APRENDIZAGEM – ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE: EM BUSCA DO “SER MAIS” ATRAVÉS DE PRÁTICAS SOCIAIS NA	92

	COMUNIDADE.....	
	
4	REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO.....	16
	3
4.	Percurso Metodológico.....	18
1	8
5	PERFIS BIOGRÁFICOS DOS AGENTES FUNDADORES (AS) DO PRECE: MEMÓRIAS COLETIVAS.....	19
		4
5.	Manoel Andrade: o primeiro grupo de estudo e o retorno à sua comunidade.....	19
1	6
5.	Adriano Sérgio da Silva Andrade: entre a comunidade, a agricultura e os estudos.	20
2	6
5.	Francisco Antonio Alves Rodrigues: a motivação e a coragem para começar um	
3	novo projeto de vida.....	21
	7
5.	Antonio Eudimar Barbosa: caminhos e descaminhos, outros percursos.....	22
4		8
5.	Carlos Roberto de Sousa Gomes: da experiência de vaqueiro à vida universitária.....	23
5	9
5.	Francisca Raquel de Sousa Somes: a única mulher no grupo.....	24
6	9
5.	Francisco José Teixeira Gonçalves: das pescarias no açude aos bancos da	
7	Universidade Federal do Ceará, esboços de uma biografia.....	26
	0
5.	José Noberto Sousa Bezerra, a busca por uma vida melhor: o futebol, a via para os	
8	estudos.....	27
	6
5.	Memórias de José Orismar Barroso: uma história de superação e esperança.....	28
9	8
6	CONCLUSÕES.....	29
		9
	REFERÊNCIAS.....	30

	8
ANEXO A – FICHA DE MATRÍCULA DO CURSO INTRODUÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA E REDAÇÃO.....	31
.....	7
ANEXO B – ATA DE CONSTITUIÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL CORAÇÃO DE ESTUDANTE (PRECE).....	31
	8
ANEXO C – CARTA DE COMPROMISSO DO MOVIMENTO EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA.....	32
.....	6
ANEXO D – CARTA DO PADRE MISSIONÁRIO IRLANDÊS PAULO TURLEY A ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE.....	33
	5
ANEXO E – CRACHÁ DE RECENTEADOR DE ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE.....	34
	2
ANEXO F – PRODUÇÕES DE TEXTO.....	34
.....	3
ANEXO G – ENTREVISTA ESTRUTURADA DA ESTUDANTE PARTICIPANTE DOS SEMINÁRIOS LITERÁRIOS DO PRECE – FRANCISCA MAUZIRENE ALVES TEIXEIRA.....	34
	8
ANEXO H – PRIMEIRA LOGOMARCA DO PRECE.....	34
	9
ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA NORTEAR A CAPTAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	35
	0
ANEXO J – TRABALHO DE TRANSCRIÇÃO DE BIOGRAFIAS ORAIS.....	35
	2

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as condições de produção e de existência da experiência educacional do Programa de Educação em Células Cooperativas/PRECE¹, que possibilitou o ingresso de centenas de jovens de camadas populares ao ensino superior, gerando, portanto, impactos sociais importantes em seu campo de atuação no contexto do semiárido nordestino. A socialização do resultado se dá por meio da análise das narrativas de vida de seus estudantes e líderes pioneiros. As práticas educativas que compõem nossas narrativas de aprendizagens foram a via de desenvolvimento e transformação de realidades excludentes aqui apresentadas em direção a um estado social de inclusão e realização de sonhos.

Este estudo e análise partirão da minha história e se cruzarão com as dos outros protagonistas dentro do campo e contexto de produção das experiências. Implica-me ainda saber e entender como se deu o processo de aprendizagem que nos constituiu no que somos hoje. A partir dessa análise, espero possibilitar a propagação e o entendimento da experiência do PRECE como uma das melhores em educação não formal nascida no semiárido do Ceará. Destaco os episódios mais significativos de minha trajetória de formação como estudante, líder comunitária e professora. Trabalho os pontos mais relevantes das histórias de vida de meus pares, dentro do que me chamou a atenção em seus memoriais, constituindo-se o conjunto dessas histórias como o alvo desta análise. Durante o percurso da pesquisa, utilizarei a linguagem ora em primeira pessoa do singular, ora em primeira pessoa do plural, pelo fato de haver momentos em que falo de ações feitas só por mim e, em outros momentos, de práticas feitas em grupo.

A experiência educacional do PRECE se releva por ter acompanhado centenas de jovens de origem popular em seu percurso educativo na escolarização e preparação para a

¹ Em 1994 o grupo era uma iniciativa que não tinha nome – apenas seus participantes o chamavam “o projeto”. Em 1998, o projeto foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará como Escola Alternativa, no mesmo ano, foi feita a constituição estatutária da organização social, sendo nomeada de Projeto Educacional Coração de Estudante. Em 2004, faz-se uma reformulação estatutária e é criado pelo movimento estudantil denominado PRECE, o Instituto Coração de Estudante - ICORES, uma ONG pensada, inicialmente, com o objetivo de sustentar o Projeto Educacional Coração de Estudante, com a captação de recurso financeiro para sustentar e manter vivas as ações na área educacional; inicialmente, tinha a visão de que no futuro cada cidadão seria um protagonista autônomo e que cada comunidade seria um espaço de cooperação e desenvolvimento igualitário. O Projeto passa a ter novo significado: fica conhecido nacionalmente como PRECE – um movimento de estudantes (ensino básico e superior), com a colaboração de professores participantes de projetos. A sigla segue o curso da história educativa do fazer de seus agentes no campo educacional se metamorfoseando de acordo com os contextos de atuação de sua liderança. Em 2004, a sigla passou a significar Programa de Educação em Células Cooperativas e em 2016, por ocasião da parceria institucional com a Universidade Federal do Ceará, passou a significar Programa de Estímulo à Cooperação na Escola.

universidade e, nesse ínterim, ter propiciado a formação de uma liderança comprometida e unida, convergindo a um só objetivo e crença de que seria possível mudar a sua realidade de exclusão social, por meio da educação transformadora. Dessa forma, a partir desse desvelar de sua história coletiva, tomando como objeto de análise as travessias de vida de seus agentes fundadores, tento mostrar que a prática pedagógica do PRECE, no âmbito da educação não formal, pode ocupar lugar de destaque na história da educação brasileira e ser fonte inspiradora para outros agentes educacionais de qualquer ambiente educativo, comprometidos com uma educação libertadora e transformadora de realidades excludentes, principalmente de minorias relegadas socialmente.

Quanto à atualidade e viabilidade desse estudo, percebo que trabalhar com as narrativas de vida, à procura de compreender melhor a experiência do PRECE, pode contribuir muito para quem deseja algo semelhante, em uma possível aplicação, observando os constituintes locais. A experiência desses protagonistas de então vive hoje um processo de reformulação em novos contextos. Novos agentes entraram em cena nessa construção rumo à melhoria, sistematização e aplicação em instâncias institucionais que já apresentam demandas novas, dessa forma, já passam por um bom momento de aceitação, ponto que será explorado mais tarde. As mudanças ocorrem e os princípios precistas – ideias pedagógicas que estão calçadas pela cooperação, solidariedade, o paradigma do cuidado, a escuta ativa e sensível das histórias de cada um, a união dos estudantes, a descentralização da figura do professor na sala de aula e o fortalecimento da parceria estudante-professor – acompanham essas mudanças, pois são esses princípios sem preço, os quais propagados, que fazem a diferença na vida das pessoas e na vida social de nossos dias.

Sabe-se que nem tudo foi e será um “mar de rosas”, pois tivemos muitos problemas na liderança de um grupo que crescia, quanto aos conflitos de relacionamento, quanto à precariedade de nossas instalações físicas, quanto ao trabalho de conscientização política, dentre outras coisas. Porém aqui, o mais importante foi que nunca pensamos em “desistir do arado” no meio do trabalho, fomos sempre avante, com esperança e perseverança, caminhando na solidariedade e na certeza de que dias melhores viriam, conforme essa análise parece ter chegado.

Fomos avançando em número e formação acadêmica, estimulados pelo contexto de valorização do estudo que criamos. Era um clima propício ao crescimento intelectual, que se fortalecia pelo nosso sucesso na conclusão do ensino básico, na aprovação no vestibular, na conclusão de graduação, no ingresso de alguns de nós na pós-graduação, pela entrada em

empregos melhores, na felicidade de alguns de nós em podermos ajudar os nossos pais, de podermos casar e dar mais qualidade de vida a nossas famílias. Tudo isso se constitui como resultados que ultrapassaram as nossas expectativas ao longo de 25 anos, completados no dia 18 de outubro de 2019. Nesse *corpus*, pretendo partilhar a trama de nossas relações, geradoras estas de tantos resultados que nos fazem querer entender melhor esse fenômeno educacional, mas também social, como reflexão que pode gerar sustentação e consolidação ao PRECE.

No capítulo **História do Programa de Educação em Células Cooperativas**, apresento os movimentos históricos antecedentes de seus agentes fundadores e lideranças da educação pública municipal de Pentecoste, passando para a narrativa de fatos que ocorreram ao longo dos vinte e cinco anos de existência PRECE, destacando pontos vigorosos como o protagonismo estudantil, o engajamento dos participantes da experiência, protagonizando práticas educativas nas comunidades, a partir de projetos de luta em defesa da escola pública, da segurança, da criação das escolas populares, das aprovações em vestibulares, dentre outros marcos e divisores de água da história do programa que pude dar conta nesse primeiro trabalho que pretende ser o pontapé inicial. Esses eventos históricos foram captados da minha memória precista, aqui desvelada, e procurei me apoiar também em documentos, por mim colecionados, ao longo do meu percurso no PRECE.

Destaco haver na experiência, a construção empírica de uma pedagogia onde o estudo e a aprendizagem são baseados na cooperação e solidariedade e, que de forma despreziosa, no início, ancoraram-se também na metodologia das histórias de vida e formação, pois nos formamos professores já em nossas experiências estudantis, contando nossas histórias de vida para nos fortalecer em horas de desânimo nos estudos. Veremos que essa união entre aprendizagem cooperativa e solidária e as histórias de vida podem configurar-se como bioformativas para a formação de professores em algum projeto de intervenção *a posteriori*.

A experiência do PRECE foi fundamental para transformar a realidade dos estudantes fora da escola formal. Ela uniu uma prática e encontrou um jeito de fazer – uma metodologia estudantil. Para isso, contou com agentes interessados que creram com coração e alma na ação pedagógica que poderia ser a grande saída. Essa experiência em muitos de seus aspectos, pode ser recriada com o auxílio do educador no sistema formal de ensino público, ajudando a muitos estudantes a continuarem seus estudos, diminuindo, portanto, os índices de evasão e da violência.

Nessa prática, reside um potencial relevante na possibilidade de ajudar os professores na tarefa de como lidar com as reais dificuldades do jovem de baixa renda, que é o grande público da escola pública no Brasil de hoje. Esse estudo é relevante para gerar alternativas de abordagem de ensino compartilhado com o estudante, desenvolvendo o protagonismo estudantil, algo tão presente em todas as histórias aqui narradas; e pela utilização de pedagogias mais ativas, por exemplo: além do estudo em grupo cooperativo e solidário, podemos ligar a estratégia organizada da contação das histórias de vida dos estudantes. Dessa forma, percebo que a prática educativa eivada por esses valores pode melhorar os resultados escolares da rede pública de ensino.

Além disso, entendo que com o apoio dos estudantes, há viabilidade para se desenvolver projetos com a participação destes nas lutas na sua comunidade, com resolução de questões sociais importantes para seu contexto sócio – educacional. Minha pesquisa contribui para fortalecer as ações atuais de implementação da experiência no âmbito institucional da Universidade Federal do Ceará (UFC), desde o seu registro na Pró-reitoria de extensão passando, posteriormente, para a Pró-reitoria de Graduação desta universidade e ainda da parceria realizada com as Secretarias de Educação do Estado do Ceará e do Município de Fortaleza.

Em **Histórias de Aprendizagem – Ana Maria Teixeira Andrade: em busca do “ser mais” através de práticas sociais na comunidade**, apresento a minha história de vida desde minha juventude ao trabalhar na comunidade, na igreja e na escola da minha comunidade, Ombreira(São Pedro), momento em que recebi de minha família, a influência e o apoio para realizar muitos projetos comunitários de alguns impactos sociais; e depois discorro sobre a minha atuação na experiência do PRECE, destacando os pontos mais vigorosos do meu percurso narrativo na comunidade de Cipó, sede do Programa.

Destaco algumas ações educativas necessárias em nosso contexto e situação local rural. Tudo que fosse muito complicado, pelo cenário ao nosso redor, exigia-se que cada um de nós descomplicasse. Um bom facilitador sente-se, penso eu, impulsionado a buscar alternativas possíveis para solucionar os problemas dos estudantes, visando ao crescimento intelectual deles. Diante disso, trabalhei na Produção de Texto com temas sobre as vivências dos estudantes e nas aulas de Literatura, coordenei com líderes de grupos, os Seminários Literários, práticas representativas de tantas outras realizadas por mim na pedagogia do retorno; ainda iniciei juntamente com um grupo de precistas, a Escola Popular Cooperativa (EPC) Ombreira em minha

comunidade, dentre outras inúmeras ações que não caberiam todas nesse estudo que apenas inicia um processo de escrita e reflexão sobre a experiência do PRECE. O mais importante a dizer é que as minhas travessias e viagens nessa história precisaram resultarem em muitos frutos que adoçam a vida educacional, social e cultural brasileira.

Quanto ao **Referencial teórico metodológico** desse trabalho, dialogo, principalmente, com autores das epistemologias das Histórias de Vida e formação e com outros que se interconectam com as discussões teóricas referidas. Tenho visto que as pesquisas em histórias de vida e formação que discutem sobre o valor que há nas narrativas de vida para utilização nos processos formativos de educadores e estudantes têm avançado muito nos últimos anos e têm construído um campo muito fértil na área de formação de professores e insiro também a formação do estudante, pois vi em minha experiência no PRECE, o valor de preparar o estudante para ser protagonista do seu aprendizado e ser parceiro do professor, viabilizando a aprendizagem mútua entre pares sob a orientação do professor que atua como mediador.

Dos conceitos teóricos-metodológico das histórias de vida e formação, acentuo, principalmente os de Marie Christine Josso (2004), Momberguer (2012), Elizeu Clementino (2014; 2008;) e Maria da Conceição Passeggi (2008). No que se refere aos outros referenciais que se inter-relacionam àqueles, destaco os da Aprendizagem Cooperativa, trabalhados por David e Roger Jonhson (1998) e Anastassio Ojerejo (2019). Ainda outros vistos em Bourdieu (2005; 2011), dos quais trago os conceitos de *habitus*, *campo*, e capital cultural. Cito ainda, ideias de Moran (2011), constantes no estudo dos sete saberes para uma educação do futuro. E por último, Freire, (1996; 1992; 2011; 2014) acerca da emancipação do indivíduo, sobre uma educação problematizadora, conscientizadora, esperançosa e solidária.

Seguindo esse mesmo paradigma, com esse trabalho espero ampliar mais o conjunto de opções teóricas na área das histórias de vida e formação de professores e estudantes. Tive acesso à memória dos líderes e estudantes pioneiros por meio das suas histórias de vida descritas em seus memoriais, além de material documental e um banco de imagens da história do movimento. Com os memoriais de meus amigos, procedi com a análise textual discursiva (ATD), inspirada no modelo apresentado por Moraes; Galiuzzi (2011) para verificar aquilo que ligava ao como o PRECE surgiu, como se manteve e como seu deu essa criação metodológica de estudo, ensino e aprendizagem. Ainda me utilizei da metodologia da “análise compreensiva-interpretativa” discutida por Souza (2014), principalmente, na questão da escolha de temas.

No trabalho do PRECE percebo elementos metodológicos do estudo/ensino-aprendizagem que podem se desdobrar para a formação de professores já que foi vivendo e fazendo o PRECE acontecer cada vez melhor que nos formamos professores. Todo esse processo se dava por meio de grupos de estudo solidários, hoje, sistematizados como grupos de Aprendizagem Cooperativa e solidária; havia também projetos didáticos (práticas sociais), envolvendo a comunidade, que podem ser utilizados para inspirar políticas de formação de professores que querem unir ensino, pesquisa e intervenção.

O Capítulo **Perfis biográficos dos agentes fundadores(as) do PRECE: Memórias coletivas** se relaciona à análise das narrativas de vida dos agentes em estudo, onde destaco e analiso alguns temas que tem uma relação importante na construção do PRECE. Discuto temáticas sobre a solidariedade, cooperação, protagonismo juvenil, e faço algumas análises sobre o conceito de *habitus* no PRECE, como por exemplo o *habitus* estudantil precista, o *habitus* dialógico precista, o *habitus* cooperativo e solidário e o *habitus* engajado. Vou tecendo a cada biografia dos agentes fundadores do PRECE, os modos de ser do precista que compõem o universo da experiência no campo educacional em estudo. Nossas histórias apresentam, na versão da cada um, a prática do estudo em grupo da primeira geração de precistas, oriunda de famílias agricultoras do espaço rural do Ceará.

Trabalho as narrativas biográficas pensando no potencial formativo que há no processo da escuta, do voltar ao antes, refletir o presente e repensar a prática futura, pensando em novas formas de continuar o processo formativo. Discuto ainda acerca do potencial de capital social produzido pelo PRECE. Apresento a ênfase dada pelo primeiro grupo à partilha das histórias de vida. Nos relatos biográficos dos agentes fundadores do PRECE, vemos como viviam no meio familiar, como foi sua história estudantil, a contribuição que todos deram na questão da sustentabilidade de suas famílias, desde criança; as dificuldades que encontraram para continuarem estudando no espaço rural, cheio de adversidades; a vida difícil no enfrentamento de coisas novas e desconhecidas para eles, desde estudar em grupo a outras questões como a mobilidade do espaço rural para o espaço urbano, dentre outros temas desses personagens precistas.

Por fim, compartilharei as descobertas dessa viagem de análise e compreensão de como aconteceram muitas ações que, no calor da prática cotidiana, não percebemos sua força e grandeza. Busquei compreender quais as motivações dos agentes envolvidos em algo tão ousado

e não tão fácil de realizar; saber o que pensavam sobre a vida, quais foram os desafios, os sonhos, suas estratégias de resistência, como se sentiam estudando em grupo sem a presença de um professor diariamente, dentre outras indagações que nos ajudam a compreender o processo.

De todas essas histórias de vida aqui analisadas, mesmo que suscintamente, pelo tamanho do universo recortado, veremos que a força do grupo foi primordial para o bom êxito dessa experiência educacional. Com essa leitura, podemos ver que o PRECE tem uma história de resultados que dar a ele um lugar na História da educação do Ceará e a partir daí pode constituir-se em um exemplo de prática educativa virtuosa para fortalecer outras iniciativas semelhantes em ambiente escolar ou não. Assim, o que apresentamos nesse estudo pelas histórias de vida analisadas pode ser um dispositivo pedagógico para estudantes e professores da rede pública.

2 HISTÓRIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO EM CÉLULAS COOPERATIVAS – PRECE

A ideia de apresentar elementos históricos precedentes à criação do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE), por nós vividos, ajuda na compreensão de que antes do PRECE já havia inquietações por parte de um grupo de jovens professores para mudar a realidade da educação no município de Pentecoste.

O importante é sabermos que as movimentações educativas e de controle social desse pequeno grupo prepararam o contexto para a chegada do PRECE. Desse grupo, três pessoas se constituíram liderança fundadora da experiência em análise: Manoel Andrade, o idealizador, Adriano Andrade, líder comunitário e eu, professora e líder comunitária na comunidade de Ombreira Esquerda (hoje São Pedro).

Essa história aqui apresentada está longe de ser completada, pois trata-se apenas de uma visão de parte das ações do PRECE realizadas por nós, grupo pioneiro; digo parte porque esse trabalho não teria a menor condição de esgotar uma história de vinte e cinco anos de existência.

Inicialmente havia o movimento em torno da cultura do futebol que sempre foi um esporte muito amado pelos pentecostenses, especialmente, as populações rurais. Manoel Andrade e Adriano tiveram uma história de organização desses times dos espaços do campo com fins educativos. O futebol oportunizou os encontros dos líderes citados com os estudantes fundadores do PRECE.

Depois, tivemos o Movimento em torno da organização dos professores do município do qual participei ativamente junto com Manoel Andrade e Adriano Andrade e os outros 04 amigos professores os quais citarei adiante. Parte desse movimento, tivemos também o Programa Radiofônico Coração de Estudante que complementava as nossas ações em torno da ideia de iniciar a primeira Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação de Pentecoste.

Posteriormente já no início do PRECE havia o Curso de datilografia que funcionou para agregar mais estudantes em torno do interesse na preparação do jovem popular para a profissionalização, porém, esse jovem recebia o estímulo que mostrava outras oportunidades.

Outra atividade que fortaleceu a ideia do PRECE foi o Curso de Introdução à Língua Portuguesa e Redação, realizado na sede de Pentecoste para juntar professores e estudantes com

propósitos de aperfeiçoamento na área da língua materna. Por fim, todas essas iniciativas que antecederam a ação educativa PRECE deu bases para que a experiência precisasse lograsse o êxito em todos esses 25 anos.

2.1 Antecedentes

Em relação à existência do PRECE participei de movimentos que foram precursores das bases de atuação educacional desse projeto. Inicialmente pontuo sucintamente, sobre cada uma dessas ações. A primeira delas, foi a criação, em 1990, da Associação dos(as) Trabalhadores(as) em Educação do Município de Pentecoste (ATEMPE). As reuniões da associação aconteciam às 8h, aos sábados, no salão paroquial da Igreja Nossa Senhora da Conceição, Matriz.

A associação tinha na diretoria a professora Irismar da Costa, da comunidade de Cacimbas; as professoras Lucinha, da comunidade de Capivara; Rosa Lima e Quitéria Nascimento, da sede; Pedro Firmiano e Eu, de Ombreira Esquerda (hoje São Pedro). A Associação recebia o apoio de Adriano Sérgio e Manoel Andrade que tinham o papel de assessorar na organização e estratégias de combate.

Eu gostava de ir fundo em tudo que fazia. Vesti a camisa e passei a ajudar a diretoria da Associação a realizar a primeira festa do professor no município. As reuniões aconteciam às 8h, aos sábados, no salão paroquial da Igreja Católica.

Em uma das assembleias, onde um vereador que se dizia oposição, na época, iria responder aos questionamentos dos professores sobre o aumento salarial, fiz uma indagação ao vereador: perguntei o que teria sido feito da verba da educação que não havia chegado aos professores; todos olharam espantados e curiosos devido à simples pergunta, mas, na época, pronunciar-se em público para questionar o poder político estabelecido, não era comum. Ninguém abria a boca, a categoria era amedrontada por esse poder. Numa atitude simbólica, o vereador se eximindo de qualquer culpa, mostrou os bolsos vazios à plenária e disse: “Não sei professora, para o meu bolso é que não foi e nem vai” – e aí, seguiu com as desculpas convencionais próprias dos políticos brasileiros de todas as épocas.

No fim da assembleia, ficaram apenas os líderes principais do movimento, apesar de eu estar chegando ali naquele momento, gostei da ideia de fazer parte daquele grupo. Pedro

chamou o professor Manoel Andrade para me apresentar como a mais nova integrante da luta dos professores. Manoel cumprimentou-me e disse algumas palavras de incentivo para que eu continuasse a participar daquele grupo e de suas movimentações, e ali, foi o início de uma nova jornada que me fez ser o que sou: professora e coordenadora de várias práticas educativas e sociais no âmbito da educação não formal e formal. Caminhando e lutando por melhoria da qualidade de vida e inclusão social do estudante de baixa renda.

Nessa caminhada, tínhamos muitas reuniões da associação que ganhou mais força com a criação do programa de rádio chamado Coração de Estudante, na rádio Difusora Vale do Curu, em Pentecoste. Apesar da emissora de rádio ser privada, ela recebia ajuda financeira do prefeito, mas pagávamos pelo programa; conseguimos um horário, porém, fomos advertidos de que não poderíamos “falar mal do prefeito”.

O Programa de Rádio Coração de Estudante teve seus primórdios em 1990, coordenado pelo professor Manoel Andrade, juntamente com alguns dos professores que faziam parte da Associação referida os quais eram Pedro Firmiano, eu, Rosa Lima e Quitéria Nascimento, mais o então líder comunitário Adriano Sérgio. O objetivo do Programa era ser um veículo de divulgação das ações comunitárias, fazer controle social e lutar pelos direitos do cidadão pentecostense.

Esse programa, na mesma década, sofreu censura por parte do governo municipal da época que não aceitava nenhum tipo de representação popular que defendesse o cumprimento da lei e da transparência da gestão pública. Depois de anos de silêncio no rádio, ele renasceu protagonizado por novos combatentes da causa pública, os precistas, em 27 de março de 2005. Agora, o anseio maior era informar ao município, urbano e rural sobre as atividades realizadas pelo PRECE e valorizar temas ligados a educação e à política.

Nós, líderes da ATEMPE, organizamos a primeira festa do professor no município, fato marcante para a época. Jamais havia acontecido uma festa em homenagem aos docentes de Pentecoste. Para podermos realizar a festa, Manoel Andrade arranhou um carro emprestado para sairmos pelas comunidades arrecadando recursos. O trabalho social empreendido para realizarmos essa festa foi compensado com sua realização no dia 20 de outubro de 1990, na Escola Francisco Sá.

A participação dos professores da rede municipal foi enorme e, a convite de Manoel Andrade e Adriano Sérgio, o deputado de esquerda Durval Ferraz palestrou sobre lutas sindicais e

direitos dos professores. Foram distribuídas camisetas para todos os professores com a frase: “Quem planta educação no futuro colhe progresso, o professor planta, e a comunidade colhe”. Essa frase significava a nossa luta para melhorar a educação em nosso município por meio da organização comunitária. A (figura 1) representa esse momento: à esquerda estávamos em um dia de coleta de recursos para a festa. À direita, apresento a blusa presenteada a cada professor no dia da festa.

Figura 1 – Professores da ATEMPE e blusa dada na festa



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Além dos movimentos de lutas trabalhistas, destaco ainda o lugar preponderante ocupado pelo Futebol no PRECE o qual foi uma cultura que firmou as bases para o bom crescimento da ideia desse projeto educacional. Cheguei a participar de jogos como torcedora dos times das comunidades de Capivara e Cipó no início de 1990. Ainda segundo documentos existentes, a prática do esporte como meio educacional e cultural já era bem desenvolvida por essa liderança do projeto.

Através da Associação Comunitária de Pequenos Agricultores Rurais de Capivara e Cipó (ACOMPARCC), Manoel Andrade e Adriano Andrade realizavam campeonatos municipais com um nível de organização inédita no município. Acessei um documento que registra a

existência de um campeonato realizado em 1991, com a escala dos times que participariam dos jogos (figura 2).

Figura 2 – Escala de times do Campeonato Acomparcc em 1991

**CAMPEONATO
ACOMPARCC 91**

SEGUNDO TURNO

CHAVE A

DATA	HORA	TIMES	CAMPO
13/10	15:30	BOA VISTA x TAMARINA	TAMARINA
20/10	15:30	CIPO' x SERRINHA	CIPO'
27/10	15:30	IRAPUA' x BOA VISTA	TAMARINA

CHAVE B

03/11	15:30	CAPIVARA x SERRINHA	SERRINHA
10/11	15:30	IRAPUA' x TAMARINA	TAMARINA
17/11	15:30	CIPO' x CAPIVARA	CAPIVARA

SEMI - FINAL

24/11	15:30	1 ^o A <input type="text"/> x <input type="text"/> 2 ^o B	CAMPO B
01/12	15:30	1 ^o B <input type="text"/> x <input type="text"/> 2 ^o A	CAMPO A
08/12	15:30	1 ^o A <input type="text"/> x <input type="text"/> 2 ^o B	CAMPO A
15/12	15:30	1 ^o B <input type="text"/> x <input type="text"/> 2 ^o A	CAMPO B

FINAL DO TURNO

22/12	15:30	<input type="text"/> x <input type="text"/>	TAMARINA
-------	-------	---	----------

FINAL DO CAMPEONATO

29/12	15:30	<input type="text"/> x <input type="text"/>	TAMARINA
-------	-------	---	----------

LEMBRE-SE: O objetivo do futebol não é somente fazer gol, mas também e principalmente cultivar a amizade. Portanto, evite a jogada desonesta, respeite seu adversário, não transforme o campo de futebol em campo de batalha.

ORGANIZADORES: Andrade e Adriano

PROMOÇÃO:
ACOMPACC – Associação Comunitária
de Cipó e Capivara



Fonte: Arquivo pessoal de Adriano Andrade


Com a evolução do trabalho, quando já tinham criado o Estudantina, time dos estudantes pioneiros do PRECE, passaram a registrar tudo em fichas de inscrição para cada

jogador, com foto e assinatura (figura 3). Ainda faziam cartazes com foto dos times para a divulgação do evento.

Tudo isso mostra um investimento desses líderes na melhoria e qualidade da cultura do esporte futebol na região, bastante valorizado pelo povo de Pentecoste. A figura 4 ilustra a organização do campeonato municipal de futebol, realizado em 2005. Vemos nela informações sobre um dos jogadores do time, Francisco José Teixeira Gonçalves, agente fundador do PRECE, sobre o qual falarei adiante.

Figura 3 – Ficha de inscrição dos atletas do time


LIGA DESPORTIVA DE PENTECOSTE – L.D.P.

ADMINISTRAÇÃO NOVO TEMPO
CAMPEONATO PENTECOSTENSE DE FUTEBOL - 2005



FICHA

ESTUDANTINA

Equipe por qual está inscrito

Nome do atleta: FRANCISCO JOSÉ TEIXEIRA GONÇALVES Apelido: CHICÃO

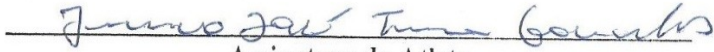
Filiação: Pai: ANTONIO INOCÊNCIO GONÇALVES

Mãe: MARTA TEIXEIRA GONÇALVES

Localidade onde nasceu: JARDIM Dt. Nasc.: 05/03/76

Identidade nº: 223604192 Órgão: SSP Estado: CE

Reservista: _____


 Assinatura do Atleta

Fonte: Arquivo pessoal de Manoel Andrade Neto.

Esse movimento do futebol ocorrido antes do PRECE impactou muito esses líderes e os estudantes fundadores a ponto de os mesmos resolverem fortalecer mais o time de Cipó, participando e nomeando de Estudantina (figura 4), nome emblemático e que fazia jus a causa dos estudantes.

José Noberto, em seu depoimento à frente, falará do impacto que tinha o futebol em sua vida e do objetivo educacional que o time possuía, além da responsabilidade que todos os

jogadores do Estudantina tinham em dar bom exemplo no campo, jogando com amizade aos companheiros de outros times e respeito às regras do jogo. Em 2014, decidi me juntar aos outros agentes fundadores do PRECE e comemoramos os 20 anos do PRECE e do Estudantina no Campo de Futebol de Cipó, com torneio, músicas, falas e entrega de prêmios.

Figura 4 – Time de futebol Estudantina em 2005



Fonte: Arquivo pessoal de Manoel Andrade.

Fui testemunha da boa organização desse esporte, e hoje, com alguns documentos, posso afirmar que os jogos, torneios e participação em campeonatos municipais foram atividades muito utilizadas para formar uma rede de amigos e, dentre esses, estava a maioria dos sete primeiros estudantes que, conforme seus relatos de vida apresentados, posteriormente, dizem que foi através dessas relações nos jogos que se tornaram amigos do professor Manoel Andrade e, depois, convidados por ele a iniciarem o PRECE com o objetivo inicial de recomeçar ou acelerar o processo de escolarização.

Essa organização na área do futebol era uma maneira de fomentar as lutas comunitárias para melhorar a educação em Pentecoste e se fortalecia no limiar da década de

1990, se desdobrando para o início do projeto educacional, mais focado no estudo com vistas à formação escolar e acadêmico-profissional dos jovens do município.

De 1995 a 1997, ocorreu nas comunidades de Cipó e São Pedro (antes Ombreira), o curso de datilografia e este foi uma das principais ações implementadas pelo PRECE, na área da educação, logo em seus primeiros meses de existência. O curso era dado na antiga Casa de Farinha, hoje, Casa do Estudante, e em Ombreira, na casa de Rosa Araújo dos Santos, minha alfabetizadora e professora leiga; sobre ela falarei à frente. Ela e seu filho Oriano Araújo dos Santos coordenaram as aulas de datilografia.

O objetivo do curso de datilografia, ainda em voga naquela década, era juntar os estudantes para estimulá-los a pensarem sobre seus estudos, de forma mais ampla, além de aprenderem o básico sobre a utilização da máquina, versão antiga do computador. O coordenador desse projeto em Cipó era Francisco Antonio Rodrigues que foi um dos primeiros a fazer o curso logo que se iniciou em Cipó, em 1994. O curso, na época, foi uma grande novidade para a juventude rural pelo fato de sempre ter existido no centro da cidade, distante das possibilidades dos estudantes, mas agora tudo estava ali, próximo a eles.

Vi nessa iniciativa, uma oportunidade para o cultivo de sonhos e de esperança de uma vida melhor por meio dos estudos. Com esse projeto, o PRECE já se lançava rumo à construção de parcerias para se chegar às metas almejadas. Para a certificação desse curso, Manoel Andrade, eu e Adriano fomos à escola de datilografia do Patronato Nossa Senhora da Conceição, no centro de Pentecoste e falamos com a irmã de caridade Maria Oscarina Brandão, diretora do curso para firmarmos uma parceria institucional que garantisse a certificação aos nossos estudantes.

Irmã Oscarina não colocou empecilho, aceitou e foi uma união que promoveu o bem de nossas comunidades rurais. Na figura 5 demonstro o certificado de um dos cursistas e agente fundador do PRECE, José Noberto Bezerra, sobre ele falarei mais, posteriormente.

Figura 5 – Diploma do curso de datilografia de José Noberto



Fonte: Arquivo pessoal de José Noberto.

Os projetos antecedentes foram se ampliando e se transformando em novos projetos iniciais do PRECE, importantes para firmarem as bases de uma experiência que transformaria a vida dos jovens dispostos a mudarem suas realidades difíceis através da educação. Foi com esse espírito de educador que em 1996, o professor da UFC Manoel Andrade convidou o professor Roderic Terence Gonçalves de Szasz para realizar um curso de Introdução à Língua Portuguesa e Redação² na Escola João XXIII, em Pentecoste, aos sábados pela manhã.

O objetivo deste curso era contribuir com a melhoria da educação no município de Pentecoste, especificamente, na escolarização de estudantes e na formação de professores do

² Ficha de matrícula do curso – Anexo A

município. O curso teve a participação de 24 cursistas (figura 6), com um público de estudantes e professores.

Figura 6 – Integrantes do 1º Curso de Língua Portuguesa e Redação



Fonte: Arquivo pessoal de Manoel Andrade.

Essa era mais uma ação que preparava e fortalecia o campo educacional do PRECE, além de formar seus agentes para atuarem juntos em prol da melhoria da educação na cidade. A maioria desses cursistas eram estudantes do PRECE que já se preparavam para se escolarizarem e entrar na universidade.

O outro público eram professores, a maioria com formação secundária em curso normal que ensinavam na rede municipal e desejavam melhorar seus conhecimentos para as chances que poderiam surgir no futuro.

Eles compunham um público ávido por aperfeiçoamento e aprendizado, muito escasso na época. Não tinham certeza de nada já que não havia universidade em Pentecoste ou outra maneira de se graduarem.

2.2 Cenário da experiência inicial: Cipó

A comunidade de Cipó onde o PRECE começou localiza-se a 17 km da cidade de Pentecoste, é parte da microrregião Vale do Médio Curu a 89 km de Fortaleza (figura 7). Destaco alguns dados sobre o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 1991 a 2010 de Pentecoste com o intuito de mostrar como era a realidade econômica e social do espaço dessa experiência nessas duas décadas:

De 1991 a 2010, o IDHM do município passou de 0,307, em 1991, para 0,629, em 2010, enquanto o IDHM da Unidade Federativa (UF) passou de 0,405 para 0,682. Isso implica em uma taxa de crescimento de 104,89% para o município e 68% para a UF; e em uma taxa de redução do hiato de desenvolvimento humano de 53,54% para o município e 53,85% para a UF. No município, a dimensão cujo índice mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,472), seguida por Longevidade e por Renda. Na UF, por sua vez, a dimensão cujo índice mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,358), seguida por Longevidade e por Renda. (IDH, 2019).

Apesar dessa evolução na educação de Pentecoste, causada pela ação do PRECE, nessas duas décadas, diante do contingente populacional de 35.400 habitantes (XIMENES, 2017), ainda não é o bastante. Diante dessa análise, importa complementar que a experiência atinge seu ápice de resultados quantitativos e qualitativos, na primeira metade da sua terceira década, de 2006 a 2020. Levando em conta, as análises da pesquisa de Ximenes (ibidem), mostrada abaixo, ainda não mudou muito os índices quantitativos de avanço educacional no município.

Figura 7 – Comunidade de Cipó



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A professora Verônica Morais Ximenes (ibidem), em pesquisa realizada pelo NUCOM (Núcleo de Psicologia Comunitária), publicada em 2017, sob sua coordenação, conforme dito, afirma que a população de Pentecoste é de 35.400 habitantes. Desses, 14.006 moram na zona rural. A pesquisa destaca ainda que a pobreza ou pobreza extrema se faz presente em 5.204 famílias do município. Quanto a economia, esta se baseia na agricultura de subsistência das culturas de milho, feijão e mandioca e ainda a banana e o côco nas áreas irrigadas pelo açude Pereira de Miranda. O clima é semiárido na maioria da região e subúmido na parte sul, nas proximidades da serra de Baturité. A vegetação que predomina é a caatinga.

Ximenes (2017) analisa áreas básicas da vida social, econômica e política da população de Pentecoste e expõe vários dados importantes para entendermos mais profundo a realidade do município nessas áreas. Acerca das condições de renda e benefícios 85,9% recebem até um salário mínimo, 48,9% recebem o benefício do Bolsa Família e 12,9% recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Quanto ao grau de escolaridade, a pesquisadora verificou que 27,4% concluíram o ensino médio ou cursaram o ensino superior (12 anos ou mais de estudo), 37,8% não concluíram o ensino fundamental e 7,4 % nunca frequentaram a escola.

A partir desses dados, entendo que muito ainda precisa ser feito quanto à escolarização da população de Pentecoste, porque se de 35.400 habitantes, apenas 27,4% desse total, se escolarizou ou concluiu um curso superior, mesmo com a existência do PRECE, tem-se um cenário educacional difícil, ainda com um bom número de pessoas que não concluíram o ensino fundamental e outro bom número que nem frequentou a escola. Com isso, principalmente, os gestores públicos do município precisam avaliar e olhar com mais atenção e seriedade para os entraves que empatam o crescimento da educação no município.

Um dado importante para entendermos a realidade de Pentecoste hoje, sobre o quesito moradia, Ximenes (2017) concluiu que 84,4% moram em casa de alvenaria. Em relação a saúde, 34% da população diz que nunca, ou poucas vezes, consegue atendimento quando precisa, 20,5% das famílias tem morrido alguma criança na família e 37% já não utilizam mais algum serviço de saúde por não ter recurso para pagar o transporte.

A questão do transporte sempre foi um problema para a população rural. Esses dados precisam ser revertidos para um quadro mais positivo porque, quando concluímos que ainda há um contingente de mais de 70% da população sem perspectivas de formação profissional para

obter melhores posições no mercado de trabalho, dentre outras possibilidades de inclusão social, ficamos nos interrogando para onde estão indo os investimentos em educação? Como está sendo feito que não surtem bons resultados, dentre outros questionamentos.

O PRECE trouxe oportunidade para essa população, mas a demanda foi e continua sendo muito alta, levando em conta a possibilidade do movimento em Pentecoste e, principalmente, as comunidades rurais como Cipó, ainda precisam de mais apoio e ações práticas, cooperativas e solidárias para se obter crescimento qualitativo dos resultados educacionais que garantam uma nova realidade, de transformação e desenvolvimento.

Ao longo de quase cem anos, Cipó tem crescido muito lentamente em população, digo isso porque, durante uns 28 anos, tenho passado parte do meu tempo nessa comunidade devido possuir família lá. Por outro lado, ela tem crescido em conhecimento e organização comunitária. Inicialmente, surgiu a família do primeiro proprietário das terras de Cipó do qual se dá conta, Manoel Sabino que vendeu parte dessa terra, em 1921, ao Senhor Alfredo Vicente de Andrade, bisavô de Manoel Andrade Neto.

No decorrer desses anos até a década de 1990, foram construídas algumas casas e bens sociais não governamentais como uma igreja (Presbiteriana Independente do Brasil) um grupo escolar e uma casa de fazer farinha. Cipó foi crescendo e ficou conhecida pelo Ceará, Brasil e por outros países. Isso por ser o espaço onde têm ocorrido mudanças de vida de centenas de Jovens que estariam submetidos ao fracasso escolar e profissional, porém através da relevância vinculada aos impactos e repercussão do PRECE, o seu destino passou a ser outro. Hoje, a comunidade de Cipó se destaca no cenário educacional de Pentecoste por ser a comunidade onde nasceu o PRECE. Na História recente de Cipó, o papel social das famílias, principalmente das mulheres, no apoio aos estudantes do PRECE e suas iniciativas foi primordial para que eles tivessem sucessos em seus estudos, provas e exames seletivos.

Hoje, em Cipó residem em torno de 20 famílias. Essas famílias foram se estabelecendo em um período de mais ou menos três décadas para cá, pois no início, a comunidade foi constituída por outras famílias que acabaram migrando por causa da seca. A principal atividade econômica dessas famílias é a plantação em tempos de chuva e a criação de ovinocaprinocultura, e, alguns deles cuidam de gado. Em sua maioria, as mulheres e os homens das famílias de Cipó são semianalfabetos dos conhecimentos históricos e científicos de seu país, estado e município, mas dono de um vasto conhecimento do seu microespaço de vivência e de

suas atividades de trabalhador rural, criador de animais, e pescador, dentre outras funções que a vida rural exige.

Poucos têm comércio (bodega, bar) ou carro para transporte de pessoas. Percebo como características dessa mulher e homem, a pacatez, a religiosidade, a resignação e pouca consciência crítica da sua realidade. Acreditam que o seu futuro está nos filhos. A mulher, em alguns aspectos, é mais escolarizada, por isso acompanha os filhos na escola e exerce o papel de cuidar da casa e dos filhos. Somente algumas são professoras ou merendeiras na escola pública. Outras cuidam da família, da casa e ainda ajudam o marido na agricultura e criação de animais.

Os filhos homens estudam parte do tempo, em outra, ajudam o pai no roçado e no cuidado com os animais. Outros, só estudam e se divertem nos campos de futebol ou no celular, na internet rural. As moças estudam e ajudam as mães em casa, ou se divertem como os meninos em redes sociais e na torcida nos campos de futebol. Os filhos e filhas estudam no ensino básico nas escolas públicas de três comunidades vizinhas a Cipó, a Escola Sebastiana Rodrigues de Sousa em Capivara, a escola Nossa Senhora da Conceição em Irapuá e a escola Manoel Félix Gomes em Mulungu.

Alguns desses estudantes continuam o Ensino Médio em núcleos existentes nessas escolas, certificadas pelas escolas da sede de Pentecoste. Outros, com mais condições para deslocamento, preferem enfrentar as distancias e vão diariamente 17 quilômetros para as outras escolas de ensino médio da cidade. E ainda há aqueles que são selecionados pela a escola de educação profissional Alan Pinho Tabosa também no centro de Pentecoste que hoje utiliza a metodologia do PRECE, a Aprendizagem Cooperativa.

Como cidadã de Pentecoste e conhecedora de parte das realidades dessas comunidades rurais e urbanas, considero importante a história de cada comunidade e que dessa forma, cada moradora e morador podem perceber o valor que há em suas histórias de vida para a construção da sua identidade e da memória coletiva de suas comunidades.

A partir dessa ideia e inspirada na história do PRECE foi que criamos o Projeto Memorial do PRECE no qual tenho dedicado um pouco do meu tempo e que tem sido fundamental para valorizar, organizar e divulgar histórias de protagonismo estudantil cooperativo e solidário de estudantes e professores agentes da experiência. Com essa iniciativa, vejo que teremos mais condições para preservar a memória e a cultura da comunidade e da região onde temos construído tantas práticas educativas e transformadoras da nossa realidade.

2.3 Igreja Presbiteriana Independente: congregação de Cipó

Na área religiosa ou espiritual, o PRECE foi um projeto com fortes valores cristãos e isso influenciou cada agente precista em seus princípios até hoje. Vivi e ainda vivo esses princípios, porém com o respeito às diferenças de crença e as leis do estado laico. Há um elemento, penso eu, meio místico sobre a história da Congregação da Igreja Presbiteriana Independente (IPI). A igreja ficou sem atividades por um período de tempo e entendo que isso tenha ocorrido devido o isolamento que as distâncias do espaço rural ocasionam. Os líderes da denominação, na capital do estado, não podiam dar a assistência desejada e isso causava uma tristeza nos membros mais antigos da Igreja.

Uma das mulheres mais fervorosa na fé e desejosa da reabertura da igreja era a anciã Dona Sinhá, uma octogenária, tia de Manoel Andrade. Ela parecia muito sábia, positiva em expor o que pensava sobre as coisas, as pessoas e o mundo. Mesmo com seus 80 anos, tinha muita vontade de revitalizar a Congregação, pois além da pouca assistência da igreja mãe, os membros da família de Manoel Andrade que participavam da Congregação tinham ido embora para Fortaleza.

De tanto querer a igreja em atividade, mas não poder por se achar sozinha, Sinhá pregava os ensinamentos bíblicos para todos que chegavam e falava sempre que um dia as portas da igreja seriam abertas novamente e que essa seria reavivada e que ainda haveria naquele pequeno Cipó, um grande movimento. Ela dizia para mim: “aqui nesse lugar ainda vai ter um grande movimento, eu vejo” – Sinhá partiu para outra dimensão em dezembro de 1994, um mês após a criação do PRECE, deixando em nós a saudade de suas constantes conversas, pregações, orações, admoestações aprendidas em suas leituras bíblicas das cartas do apóstolo Paulo que era o apóstolo preferido dela.

Tia Sinhá, como eu a chamava, gostava de falar com muita certeza e convicção que nos fazia acreditar nas suas ideias acerca de muitas coisas da vida das pessoas, da igreja e do lugar. Eu gostava de ouvi-la porque ele sabia contextualizar as histórias do livro sagrado. Às vezes eu a observava olhando para o tempo, para o céu e para o horizonte. Hoje, acho que ela era uma filósofa vivendo no tempo e lugar errado, pois tanta sabedoria que poderia ter sido

potencializada jogada ao vento. Se sua vida tivesse passando hoje, entendo que teria sido mais bem vivida, teríamos interagido mais com ela e valorizado mais as suas experiências.

A partir da minha experiência com ela, vi que tia Sinhá tinha um dom de antever fatos importantes para a sociedade, era visionária. Hoje vejo que Sinhá Marques da Costa era alguém especial, que deixava sua marca por onde passava, estava à frente de sua época, era proativa, agia com ideias próprias que as defendia com engenho, com argumentação e tinha uma visão crítica sobre os fatos do seu tempo e espaço. A expressão “grande movimento” traz o tom dessa análise pelo fato do grande impacto causado pelo PRECE na vida das famílias dessa e de outras comunidades.

Ela gostava de falar da sua visão futura da comunidade de Cipó e da influência que aquela irmandade iria ter dentro desse movimento. A partir dessa breve história da Congregação e de Dona Sinhá, vejo que ela tinha uma sabedoria própria dessas pessoas que, sente profundamente, de coração e alma, o espaço onde vive e como ocorrem as relações nele. Ela estava sempre ali, no alpendre da casa com a Bíblia na mão, a ler, a pensar e a falar com quem chegasse, quase às 24 horas do dia. Tia Sinhá sempre dizia: “se eu me calar, as pedras falam”, talvez por isso, ela sempre tinha algo falar. Outra coisa que ela contou para mim foi: “minha filha, eu bebi água de chocalho, por isso que eu não posso me calar”.

De fato, ela conversava muito e aqueles e aquelas de sua rotina, que dormiam e amanheciam ouvindo a tia Sinhá conversar, as vezes se enfadavam um pouco e isso certas vezes a deixava meio chateada, mas tudo se dava dentro da normalidade da vida em família. Vejo essa característica dela de forma positiva para a vida em comunidade; são essas pessoas que quando partem para outra dimensão fazem uma falta grande, deixam uma lacuna difícil de ser preenchida por muito tempo; eu gostava de ouvi-la e senti uma falta enorme da sua presença na casa grande da família Andrade, em Cipó.

Um mês antes de Sinhá Marques partir, seu sobrinho, Manoel Andrade entendendo receber de Deus a missão de iniciar um movimento que promovesse o bem às pessoas, criou o PRECE – inicialmente, tido como um projeto missionário e social da Igreja, até ali, representada pelos membros que se resumiam na família de Manoel Andrade e por alguns da família da professora Francisca Felix Gomes. Porém, com o crescimento do Projeto, surgiu a necessidade de reorganizar os trabalhos da Congregação da IPI de Fortaleza que enviou um pastor o qual visitava de dois em dois meses, variando para mais ou menos tempo, essas visitas.

Agora com a movimentação maior de pessoas que o local ganhou, era necessário contar com mais pessoas para encampar a luta por melhoria na área educacional a qual é uma das mais valorizadas por essa denominação que tem suas origens nos ideais da Reforma Protestante Calvinista. Apesar de ter nascido em espaço bastante religioso, o PRECE tem caráter laico e respeita, portanto, a legislação educacional, na prática, tendo como missão político e social, o desenvolvimento educacional dessas comunidades das quais se originam o seu público.

Nem mesmo Manoel imaginava que a ideia ultrapassaria os limites de um projeto social local. A Igreja local (figura 8) foi reaberta no ano de 1997, tendo como colaboradores, os seminaristas Alexsandro Rocha e Marcos Dutra que passaram a trabalhar, aos fins de semana, tendo como objetivos: organizar os trabalhos da igreja e dar suporte a membresia e ainda ajudar as necessidades do PRECE, juntamente com o Manoel Andrade em suas atribuições. A igreja ainda cooperava financeiramente a partir de seus pequenos dízimos com passagens e lanches para os estudantes que se deslocavam para fazerem provas em Pentecoste ou em Fortaleza.

Figura 8 – Templo da Congregação da IPI Cipó



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As mulheres da congregação colaboravam sempre com refeições, doação de redes para os estudantes, devido os mesmos residirem longe de suas famílias. Por exemplo, o estudante universitário que veio depois dos sete primeiros, Adriano Batista, em sua história de vida

(SOUSA, 2006) reconhece o quanto foi importante o apoio que a igreja deu quando ele foi fazer as suas provas e precisava de apoio emocional e espiritual para aliviar a tensão do momento. Elas davam esse suporte com conversas e orações quando eles iam fazer as provas da EJA e do Vestibular. A ação dessas mulheres da igreja fez uma enorme diferença na vida dos estudantes pioneiros e por isso relatam até hoje e, com sentimento de gratidão, que teem essas mulheres como suas segundas mães.

Esse fato na história do PRECE aponta para o paradigma do cuidado com o nosso próximo, discutido por Toro (2009, p. 04). O autor nos diz “que aprender a cuidar dos próximos é aprender a criar vínculos emocionais. ‘As características definidoras de um vínculo afetivo são o envolvimento emocional, o compromisso com um projeto de vida, a permanência e a unicidade da relação’”. Esse cuidado que os membros da Congregação tiveram com os estudantes do PRECE, desde o início da década de 1990 até hoje, resulta em nós um espírito de união que mais nos assemelha a uma grande família. Penso que esse sentimento de congregação por causas basilares da vida das pessoas, ultrapassa as relações formais do sistema escolar não formal ou formal.

As mulheres cuidadoras eram tidas e ainda são como as guerreiras de oração da igreja. Elas procuraram saber das dores físicas e psicológicas desses estudantes, dialogaram, ouviram às queixas, os medos e as dúvidas desses jovens, supriram, em certos momentos, a falta de bens materiais, mas, principalmente, se interessavam para ajudá-los quando os problemas doíam na alma. Essa experiência foi forte e crucial na vida deles.

Algo que não esqueceram foi o fato de, nas vésperas e no dia do vestibular, essa comunidade cristã dobrava os joelhos para interceder a Deus por eles, no exato momento de prova para que fizessem uma boa prova, apesar do nervosismo e da agonia na seleção, ao lado de fortes concorrentes das escolas particulares de Fortaleza. Essa atitude delas ficou na memória de alguns estudantes do PRECE.

Em nossa mente, havia um versículo bíblico que sempre usávamos, seja em fala oral, em nossas reuniões, ou na escrita, em nossas redações que nos alimentava o espírito, gerando em nós uma força mental para a atividade intelectual: “Tudo posso naquele que me fortalece” (BÍBLIA, 1997, p. 1669). Propagávamos esse verso bíblico e nele encontrávamos uma força sobrenatural vinda de Deus, creio que nos auxiliava e fortalecia. Segundo Sousa e Olinda (2015, p. 238) o conceito de espiritualidade para os professores do ensino religioso é o de “aproximação

com Deus; necessidade de vivência comunitária e de serviço ao próximo; a pertença religiosa como fator inseparável da espiritualidade [...]”. Nessa experiência relatada, vimos esses conceitos reafirmados, pois a Igreja viveu os nossos sonhos que eram também os dela, na esfera do coletivo, e isso foi o que nos moveu na condição de estudantes cheio de dificuldades a serem superadas para atingirmos o maior objetivo, a melhoria de vida em todos os aspectos e dimensões; na ética, afetiva e social.

A partir dessa rápida inserção da história da IPI na história do PRECE, vi que o apoio dado pelos membros dessa Congregação foi de suma importância na vida de todos os atores do processo. E quando hoje contribuimos para que mais de quinhentos estudantes entrassem na universidade, temos a certeza de que não teríamos tido tantos êxitos se não tivéssemos contado com essa grande parceria que foi determinante na vida intelectual, emocional e espiritual deles. Sem esse apoio, parte desses estudantes poderia desistir do sonho, diante das pesadas cargas presentes em sua história de exclusão social.

2.4 Projeto Educacional Coração de Estudante

O PRECE surgiu em 1994 com a força de um movimento social, sem rigor formal, sem o peso institucional, mas movediço; informe, sem nome; porém, principalmente, a partir de 1998, foi ganhando uma cara nova, ficando mais formalizado, e se transformando em uma Organização Não Governamental (ONG), nomeada de projeto Educacional Coração de Estudante e, posteriormente, em 2004, recebeu reformulação estatutária e a mudança para outra razão social, nomeado de Instituto Coração de Estudante. Porém, o nome PRECE permanece nas práticas educativas dos seus agentes fundadores e de tantos outros novos agentes que foram se unindo ao grupo pioneiro; e acima de tudo, ele permanece no imaginário das pessoas de Pentecoste, e de alguns municípios vizinhos que tiveram estudantes participando e de outros lugares inimagináveis que receberam a boa influência desse nome, nesses 25 anos de existência do Programa.

Dentro de um contexto em que a educação poderia ser um instrumento para o processo de transformação da desigualdade social em inclusão social dos jovens de origem popular de Pentecoste, foi que Rodrigues; Andrade; Andrade Neto; Bezerra (1999, p. 01) em um trabalho apresentado nos encontros universitários de título “Escola Alternativa”, dizem que o

PRECE desenvolvia atividades educativas, com o objetivo geral de proporcionar a jovens e adultos, a oportunidade de terem uma educação de melhor qualidade, possibilitando ao educando, o desenvolvimento de uma consciência crítica para exercerem o seu direito de cidadão.

Eles afirmam que as atividades desenvolvidas eram “aulas interativas, debates, estudos individuais e em grupo, palestras, seminários e eventos culturais”, com vistas a “uma participação ativa do educando, estabelecendo um ambiente interativo em que o mesmo fosse estimulado a pensar, criar e aprender, apropriando-se da cultura produzida e legitimada socialmente”. Ainda apresentaram resultados quantitativos dos primeiros cinco anos que foram seis alunos aprovados em vários cursos da UFC, “fato que alterou de forma substancial a realidade local” o que os fez terem “novas perspectivas de vida”, destacando ainda que os mesmos passaram a atuar “como professores” dos novos estudantes do projeto. (ibidem).

O líder Manoel, ao falar sobre o PRECE em alguns momentos de reuniões, (figura 9) costumava dizer “estamos contrabandeando educação”, talvez essa expressão significasse impossibilidade, porque era isso mesmo que passava em nossa mente, era como nos sentíamos naquele momento difícil. O sentimento era de não sermos autorizados a trabalhar na educação. Mas esse momento difícil foi passando a medida que fomos ganhando bons resultados nas aprovações dos vestibulares da UFC e ouvíamos vários testemunhos de pais, homens e mulheres que consideravam e consideram ainda hoje, o PRECE como algo de muita importância para as famílias desses lugares onde o PRECE esteve ou está.

O PRECE foi e é necessário à juventude que precisava e precisa estudar e se desenvolver na vida, porém, o movimento não conseguiu dar conta de fazer, sozinho tudo o que projetou e sonhou realizar pela juventude pentecostense. Por outro lado, as pessoas enxergavam o PRECE como algo que deveria trabalhar sempre independente do governo e na luta por direitos, muitas vezes, negados por esse. A demanda cresceu numerosamente e sem os recursos necessários, algo que é dever do Estado realizar, foi preciso buscar as parcerias com os setores públicos da área educacional, tema discutido um pouco mais adiante. A (figura 9) compõe o grupo pioneiro em uma de nossas reuniões:

Figura 9 – Agentes Fundadores do PRECE: reunião de gestão na IPI Fortaleza



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

Estar envolvido com o PRECE é como embarcar em uma viagem em que acertamos os caminhos, mas, outras vezes, erramos e assim vamos caminhando sempre abertos a novas possibilidades. A experiência começou de uma ideia e se constituiu em um movimento educacional que congregou estudantes, pais, irmãos e irmãs, líderes comunitários, todos unidos, cotidianamente, agindo e partilhando o saber para lograrem o êxito pessoal e social.

Essa união deu mostra de que, quando o poder público não vem cumprindo o seu papel na construção de uma educação de qualidade para a sociedade, dentro de suas diversas culturas, seja do campo, do mar, da serra ou de áreas urbanas; respondendo pela grande diversidade cultural existente em nosso país, a sociedade civil se levanta para fazer o que precisa ser feito e como deseja que as coisas aconteçam.

Na década de 1980, segundo (GOHN, 2005, p.8) ocorreu uma baixa na qualidade da educação pública brasileira e, a partir disso ocorreu “o ressurgimento de novas formas de educação informal através de trabalhos na área da educação popular, e de experiências na área da educação não formal, geradas a partir da prática cotidiana de grupos sociais organizados em movimentos e associações populares” (ibidem). Esse contexto anterior a década de surgimento do PRECE ainda predominava, especialmente na zona rural como vimos, as deficiências do nível de escolarização da juventude. Percebo que com essa mesma tônica e objetivos, surgiu o PRECE, da inquietude que os tempos requereram dos agentes do campo educacional não formal, em destaque, o campo educacional precisa. Compreendo que o PRECE pode ser configurado como um movimento social surgido nesse contexto para responder a uma demanda de jovens populares que estavam nesse grupo que não recebia uma educação de qualidade por estar o país imerso em uma crise educacional que atingia, principalmente, a educação pública.

O PRECE surgiu, de modo revolucionário, distante geograficamente dos olhos da oficialidade das instituições educacionais e se originou dentro do contexto social do problema para o qual foi a solução posteriormente. Gohn (2005, p.16) diz que “a educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo”. Eu teria alguns motivos para sugerir que o PRECE continua sendo um movimento social, educativo, onde nele e em sua construção, fomos aprendendo. Apesar de o seu processo histórico o colocar no âmbito da instituição, ao meu ver, sempre residirá latente uma chama acesa que simboliza o ímpeto presente em um movimento social organizado.

Sustentada pelo que diz a autora, vejo que na história do PRECE, desde seus primórdios, sempre houve a preocupação constante em se garantir cidadania ao público ávido por mudança de vida que, em fileiras, procurava o movimento. Lutar e agir para levar educação para quem precisava e queria e ainda promover o desenvolvimento local sempre foram alguns

objetivos do PRECE. Ele buscou alternativas práticas, ajustadas a realidade e viáveis para se manter como uma opção inovadora de inclusão social.

Antes de garantir sua institucionalidade, o PRECE foi um movimento social forte em sua origem e ainda permanece nessa última década, não deixando de mostrar o seu potencial de luta e engajamento. Vale destacar o interesse de parte do grupo em reiniciar ações com caráter de movimento para, novamente, interferir positivamente, com dinamicidade e amplitude nos espaços de luta por direitos negados ao jovem popular. Sobre esse tema urge a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada para conhecermos suas raízes e histórias de movimento social organizado. Portanto, o PRECE surgiu como resposta a esse contexto difícil para o jovem que precisava concluir a educação básica e entrar na universidade.

De acordo com Andrade (2014) em 1994, o PRECE se constituiu nesse contexto social como um movimento de educação feito por estudantes, filhos de agricultores, fora da faixa etária e desprovidos de condições para continuarem seus estudos básicos. Esses jovens ficavam sem rumo diante das adversidades desse espaço distante, sem recursos, assolado pela seca e esquecidos pelo poder público. Esses eram os maiores obstáculos para o avanço deles em sua vida estudantil.

Desse modo, o PRECE procurou solução para os problemas apresentados e buscou novas configurações, criou instituições e fez parcerias públicas ou não para responder a uma demanda crescente e dinâmica. Vi que ele se transformou e caminhou junto com parceiros como a UFC por meio de programas universitários, como as Escolas Populares Cooperativas, e outros, sempre em movimento. Quando se trata de movimento social, como o termo já significa, movimentar-se, nada é imutável, nada é somente uma coisa, tudo pode se transformar, tudo pode se reconfigurar.

Voltando a realidade educacional do contexto da comunidade, tais dificuldades encontradas em Cipó repercutiam em inúmeras outras, sobretudo, na área educacional: analfabetismo, abandono escolar, dificuldades de aprendizagem, alto índice de repetência, pessoas fora da faixa etária escolar, etc. Uma realidade ainda longe de ser modificada, como mostraram os dados de Ximenes (2017). Diante disso, os jovens da localidade, sem perspectivas nos estudos também não encontravam melhores possibilidades profissionais e migravam para as cidades em busca de oportunidades de trabalho. Mais uma vez, Cipó seguia o padrão típico de comunidades problemáticas dos municípios sertanejos que, diante dos problemas citados, a

solução encontrada por alguns, foi o êxodo rural que esvaziou o campo e aumentou o volume de pessoas em miséria nas favelas urbanas.

Diante desse quadro desalentador, o PRECE emergiu da união de sete estudantes pioneiros (figura 10), do líder e professor universitário, Manoel Andrade, de mim e do líder comunitário Adriano Andrade, todos com disposição solidária e acolhedora, se posicionaram sempre como líderes e estudantes que tomaram, sob a coordenação de Manoel Andrade, a iniciativa de muitas ações, como sempre fizeram até hoje. Os jovens estudantes, com o mínimo de condições, se reuniram em uma casa de farinha, em grupos de estudo cooperativo e solidário que consistiram em uma alternativa para os que desejavam melhores oportunidades através da educação.

Dessa forma, romperam o ciclo do êxodo rural descontrolado que gera as favelas e os mendigos da cidade. No PRECE, inicialmente, os estudantes foram, pela circunstância do atraso de suas comunidades, orientados a estudarem na capital, porém de forma organizada e com um objetivo pontual que garantia a eles, uma transformação de vida para melhor: a formação universitária, um processo inclusivo socialmente, que os impulsionaria para a realização profissional. Dessa forma, quando eles passavam no vestibular da UFC, morariam em residências estudantis e se alimentariam no restaurante universitário.

Posteriormente, foram desafiados a retornarem às suas comunidades de origem para ajudarem os outros estudantes do programa que também estudavam em grupo com o sonho de fazerem universidade. A fotografia na (figura 10) mostra a liderança do PRECE constituída a partir de 1994 que, ao entrarem na universidade retornaram para o interior com o objetivo de manter o funcionamento das células de estudo:

Figura 10 – Os sete estudantes fundadores do PRECE (2009)



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

A proposta feita pelo professor Manoel consistiu na formação de grupos de estudos onde os jovens se reuniram, diariamente, e estudariam juntos para se escolarizarem e entrarem na universidade, se assim desejassem. Reuniam-se em células de estudo na casa de farinha desativada, sede dos encontros e a qual servia de moradia para aqueles que viviam distantes de Cipó. Manoel Andrade convidou outros jovens da circunvizinhança de Cipó, mas apenas sete aderiram à ideia, formando, assim, a primeira Célula³ de estudo precista (PRECE, 2014).

A rotina da célula de estudo era bem simples. Durante a semana o grupo se reunia por conta própria, sem nenhum tipo de supervisão de professor. Cada participante ficava responsável por estudar e ensinar para os demais a disciplina que mais gostava de maneira que todos do grupo contribuíssem com o pouco que sabiam em um processo de mútua educação. Inicialmente, aos

³ Termo criado por Manoel Andrade para designar grupos de estudo. Segundo ele, o termo trazia uma ideologia da força da união, da aglomeração com o propósito de crescimento, de multiplicação, assim como a célula do corpo humano. A partir da ideia dele, faço uma metáfora comparativa entre o grupo de estudo e a célula do corpo humano: O grupo de estudo pode ser visto nessa metáfora como uma unidade estrutural e funcional onde há uma conexão entre todos no grupo o qual passa por um direcionamento dado pelo coordenador de célula que dá instruções vitais para o bom funcionamento da célula que resulta no aprendizado. Além disso, se algo não vai bem, as células podem reconectar suas ideias tomando outra direção para atingir os objetivos. Assim como o corpo humano, o PRECE é esse corpo composto por muitas células que dão existência a ele. As funções vitais de um organismo ocorrem dentro das células e tal quais os grupos de estudo têm funções vitais que mantêm o sistema PRECE vivo e saudável para fazer o bem à sociedade. Por fim, na célula há uma informação genética que regula todas as outras e como essa, na célula de estudo do PRECE há informações genéticas que se autorregulam as quais são seus princípios: a cooperação, a solidariedade e o protagonismo; essas informações são impressas no código genético de cada célula de estudo. (Fonte: construído pela autora desse trabalho)

finais de semana, eles contavam com a presença do professor Manoel de quem recebiam o estímulo e apoio para continuarem.

Após a multiplicação da experiência para outras comunidades, o coordenador de célula atuou fortemente. Trata-se de um membro do grupo que estuda, com antecipação, o conteúdo da disciplina escolhida para coordenar no encontro da célula. Ele direcionava o registro de frequência, via o tempo de estudo e se comunicava com os líderes do PRECE para fazer um relato dos estudos. Depois de ter vivido esse processo e refletido sobre essa figura do coordenador de célula, caracterizo ele como um “gestor de célula”.

No começo, os estudantes não conseguiam perceber que havia algo mais, além da conclusão do ensino médio, mas a convivência com o professor Manoel que falava sobre o valor de uma universidade na vida de um jovem, e ainda mais que ele era um exemplo vivo ali no meio deles, fez com que fossem percebendo que poderiam chegar ao nível superior.

Quando o grupo completou dois anos de existência, em 1996, o primeiro estudante Francisco Antonio Alves Rodrigues ingressou na UFC, obtendo o primeiro lugar da segunda fase do vestibular. Essa aprovação triplicou a dose de estímulo que serviu de grande motivação para os demais estudantes e assim foram galgando degraus da vida estudantil com o apoio do movimento PRECE.

A partir daí muitos jovens se interessaram em fazer parte das Células de Estudo do PRECE, aumentando o número de aprovados em universidades. Esses universitários “precistas” tornaram-se multiplicadores da metodologia, pois retornavam aos finais de semana, para acompanharem o desenvolvimento de novas células, que foram surgindo em outras localidades. Eles realizaram a “pedagogia do retorno” que se retroalimentou no espaço precista, permitindo assim, a novos estudantes, a entrada e permanência no programa e, conseqüentemente, na universidade. Dessa forma, novos retornos se dariam porque nós líderes e estudantes líderes sempre trabalhamos a conscientização da importância do retorno.

Acerca desse momento em que a maioria retornava, o registro mais organizado que fizemos foi o relatório do Instituto Coração de Estudante (2007; 2008), que se constitui em fonte, juntamente com a minha narrativa de vida na experiência, realizando também esse retorno por todos esses 25 anos de existência do Programa.

Como consta no relatório sobre a pedagogia do retorno, a mesma é uma prática que sustentou o PRECE e disseminou os valores precistas, pois retornar é sinal de entendimento do

princípio da cooperação e solidariedade precisa: “após o ingresso no Ensino Superior, os novos universitários continuaram retornando às suas comunidades e criaram projetos de desenvolvimento comunitário nas mais diversas áreas, de seu interesse”. (ibidem, p.08).

A (figura 11) ilustra um encontro, em 2000, da liderança principal do PRECE quando estavam presentes os seis estudantes pioneiros, Adriano, eu e mais os dois professores do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), de Itapipoca, parceiro do programa, sobre o qual falarei mais adiante. Sobre a figura, vemos que depois de quatro anos de vida do programa, houve um crescimento satisfatório para o tipo de ação educativa não formal, em espaço rural.

Figura 11 – Estudantes do PRECE na casa de farinha (2000)



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

A iniciativa dos sete primeiros estudantes ganhou notoriedade nas localidades da região, ficando conhecida em todo o município de Pentecoste e em cidades adjacentes. Devido a isso, houve um movimento de deslocamento de muitos estudantes da sede do município e de outras comunidades para Cipó, que não tinha condições suficientes para acolher a nova demanda, por isso, alguns estudantes foram desafiados a implantarem a metodologia do estudo em célula em suas próprias comunidades, dando origem a partir de 2003 à rede de Escolas Populares Cooperativas, sobre as quais falarei um pouco mais adiante.

Assim, criou-se um novo ciclo; agora de protagonismo, cooperação e solidariedade em um contexto de escassez, no qual os esforços individualistas e solitários tornavam-se ínfimos para efetivas mudanças. Os estudantes do PRECE trouxeram uma fórmula que deu muito certo numa circunstância de pobreza. Essa estratégia valorizou o que havia de potencialidade local, estimulando a formação de um ambiente, onde cada um poderia usufruir de um mútuo benefício.

2.5 Início do processo de institucionalização do PRECE

Nós, agentes fundadores buscamos a institucionalização do PRECE a partir da criação do que foi nomeado Projeto Educacional Coração de Estudante em 18 de outubro de 1998. Com essa formalização, nós líderes poderíamos escrever projetos para captar recursos de diversas instituições que, comumente, lançavam editais para fomento de ações educativas no âmbito da educação não formal de diversas entidades do terceiro setor, e esse avanço na elaboração sistemática da escrita de projetos sobre a experiência foi feito por Manoel Andrade.

Essa formalização se processaria a partir da sua organização estatutária, e sobre isso, destaco um trecho da ata de fundação⁴ da ONG que ilustra como aconteceu esse novo momento de planos e sonhos para o futuro dos estudantes e líderes que ali se encontravam e para tantos que viriam depois:

Aos 18 do mês de outubro. Do ano de mil novecentos e noventa e oito, às 20 horas na casa de farinha, situada na comunidade do Cipó, município de Pentecoste, Estado do

⁴ Ata da Assembleia Geral de constituição do Projeto Educacional Coração de estudante (PRECE), realizada no dia 18 de outubro de 1998. – Anexo B

Ceará, reuniram-se em Assembleia Geral de Constituição e Fundação os senhores membros do PRECE – Projeto Educacional Coração de Estudante. Estavam presentes muitas pessoas residentes nas comunidades adjacentes. Foi dada a saudação de boas vindas aos presentes pelo jovem Francisco Antônio Alves Rodrigues, o qual passou a palavra para o seminarista Alexandro Rocha dos Santos, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que dirigiu uma devocional e na ocasião fez uma oração pedindo que Deus abençoasse a reunião e a Entidade a ser fundada. Após a oração, todos entoaram o cântico *“Oh! Vinde vós os povos de todas as nações, erguei-vos e cantai com alegria”*. (Ata de Fundação, 1998)

A partir do fragmento do documento e do qual sou testemunha por estarmos todos imbuídos do mesmo objetivo, que era iniciarmos um processo de crescimento a partir da institucionalização, criando uma ONG que pudesse, principalmente, captar recursos de forma legal para o fomento dos vários projetos educacionais nascentes a partir de novas perspectivas educacionais. A liderança fundadora do PRECE e representantes de outras comunidades, a igreja local, todos estavam presentes nesses momentos importantes da vida do Projeto que crescia cada vez mais. Além, da possibilidade de captação de recursos, o grupo pautou o seguinte objetivo constante no 2º artigo do seu estatuto:

colaborar para o pleno desenvolvimento dos jovens, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho; promover atividades que possam despertar o interesse dos jovens pela educação, incluindo movimentos artísticos e culturais; promover cursos, treinamentos e outros eventos; desenvolver palestras, excursões, atividades esportivas tais como campeonatos e torneios; (Estatuto do Projeto Educacional Coração de Estudante, 1998)

Despertar o interesse dos jovens pela educação, esse foi o maior objetivo do PRECE até hoje, multiplicado em suas diversas facetas. Colaborar para o seu desenvolvimento pessoal e social e prepará-lo para ser um cidadão. O cidadão tem direitos e deveres, dentre outras atribuições do termo. Lutamos para crescer, intelectualmente e contribuirmos com as causas sociais que têm nos desafiado, diariamente, em nossas trajetórias de vida. Desde a primeira célula de estudo, cultivamos o nosso compromisso de retornar à comunidade de Cipó para acompanharmos os outros estudantes que se preparavam para a universidade.

Na ata de fundação do Projeto Educacional Coração de Estudante, o presidente da instituição criada fala que “estes estudantes que hoje já estão em um estágio mais evoluído de conhecimento, dedicam-se durante os finais de semana, a atividade de ensino aos seus colegas que ainda estão fazendo os supletivos do primeiro e segundo grau” (ata de fundação, 1998). As ações aconteciam de forma dinâmica, o grupo inicial caminhava e os projetos iam surgindo das ideias do líder principal que instigava os participantes a se envolverem na execução dos mesmos.

Uma dessas ideias foi a criação do Jornal Tribuna do Estudante, que tinha o objetivo de divulgar as práticas socioeducativas realizadas pelo PRECE. O primeiro número do jornal foi lançado no dia da oficialização da experiência conforme exposto antes.

Mais uma fonte documental que registrou esse dia de institucionalização da experiência, o *Tribuna do Estudante*, foi uma maneira criativa de comunicação e fortalecimento do projeto para aquele contexto ainda em atraso. Segue-se a análise do número 01 do periódico que surgiu como uma espécie de manifesto de implantação de uma cultura de estudos autônomos, cooperativos e solidários. Dentro dessa ideia foi que Manoel Andrade pensou em lançar um jornal que representasse nossa causa.

No primeiro número do jornal, de forma oficial, nomeamos essa prática social educativa de Projeto Educacional Coração de Estudante. Após o processo de nominalização oficial perante um grupo, o projeto passou a ter uma identidade, um nome.

O periódico *Tribuna do Estudante* foi lançado no mesmo dia da intitucionalização do PRECE e surgiu pela necessidade de divulgar as nossas ações educacionais. O primeiro jornal faz parte de uma coletânea de 19 a 20 fascículos. Esse fascículo representa o nosso momento de atuação, mostra o que estávamos fazendo e funciona quase como um mini-relatório de nossas atividades no PRECE em 1998. Esta análise se destina a mostrar quais objetivos, princípios e ideias que sustentavam as práticas educativas do PRECE, sendo, portanto, a nossa primeira iniciativa de divulgação via imprensa.

Primeiro destaco o Editorial do número 01 do periódico de apenas duas páginas. No estudo do Editorial, inspirado nas reflexões de Pierre Bourdieu acerca do nome próprio, em seu artigo “A ilusão Biográfica” (1986), apresento uma análise sobre o ato de nomear uma prática social, o grupo de estudantes pioneiros do PRECE. Aqui se trata de algo com natureza institucional, um grupo, um movimento social em seus primórdios e que caminha para sua formalização e nomeação referendada pelo grupo, pela sociedade e pelo Estado, chegando a se constituir em uma ONG.

Os estudantes do grupo inicial do PRECE eram bastante estimulados a não desistirem frente às dificuldades econômicas e políticas presentes em seu contexto local e as adversidades de pobreza material. Esses estudantes foram estimulados pelo exemplo de superação do professor Manoel Andrade, que vivia nas mesmas comunidades dos estudantes e que lutou e superou a pobreza e ausência do poder público para se formar e se tornar professor da UFC.

A presença de Manoel Andrade gerava motivação para que eles continuassem lutando por uma vida melhor, frase muito recorrente nas entrevistas e depoimentos desses primeiros precistas. Observei haver em alguns deles, valores aprendidos em nossas trajetórias, tais como o amor ao próximo, a solidariedade, a cooperação, a ajuda desinteressada ao outro e o cuidado com esse outro. E todos esses valores foram surgindo de um ponto central que era a crença no Deus cristão, Jesus Cristo.

O número 01 do jornal tem apenas duas páginas de tamanho A4, escrito com a cor verde e destaques em vermelho, cores representativas do PRECE, constante na primeira logo. Nas nossas discussões, a partir das proposições de Manoel Andrade, sugeridas ao grupo, o vermelho significava o amor, o coração do estudante; o verde simbolizava a esperança, a nova vida que se esperava com a transformação de uma trajetória difícil, de pobreza para outra mais digna e justa. Uma vida transformada no sentido de se abrir a construção de saberes, entendendo a realidade social e o conhecimento histórico acumulado que “empodera” o ser. Na primeira página, lemos o editorial, escrito por Manoel Andrade Neto. Destaco um excerto do editorial que apresenta a temática do jornal e seu objetivo:

Dezoito de outubro é um dia muito especial. Digo especial, pela relevância no que diz respeito a sua natureza histórica. Nasce oficialmente dois possíveis grandes baluartes do futuro município de Pentecoste: o projeto educacional Coração de Estudante que recebe a significativa sigla de PRECE e o seu principal órgão de divulgação o jornal Tribuna do Estudante para o qual tenho a honra de redigir seu primeiro editorial. Neste dia, completam-se quatro anos de existência oficiosa, porém não oficial, de um projeto cujo principal objetivo é colaborar com o pleno desenvolvimento dos jovens e seu preparo para o exercício da cidadania [...]. (ANDRADE NETO, 1998, p.01).

Logo nas duas primeiras linhas, observo o esforço para se criar uma identidade e referência do grupo que já tinha uma trajetória de quatro anos. A criação desse aparelho de mídia contribuiu para dar o tom oficial e poderoso do recurso midiático, desde os primórdios da história jornalística no mundo. Esse registro escrito também afirmava uma espécie de pacto social entre o grupo. A publicação era uma forma de dizer para todos do município de Pentecoste quem eram os agentes precistas e porque estavam ali.

A história social do PRECE se confunde com a história individual de seus agentes. Sobre isso, Bourdieu faz uma reflexão que reforça o que discuto aqui, ou seja, a trajetória de um coletivo, de uma entidade, mas também de percursos individuais, de agentes de uma prática. Ele fala de histórias de vida, de “caminhos”, “estradas”, “carreiras” e de “encruzilhadas”. Segue-se a citação do referido autor:

[...] um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (“a mobilidade”), que tem um começo (“uma estreia na vida”), etapas a um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (“ele fará seu caminho” significa “ele terá êxito”, “fará uma bela carreira”), um fim da história. (BOURDIEU, 1986, p.01).

Na história do PRECE e de seus protagonistas, em termos cronológicos, foi estabelecida uma linha divisória no tempo, demarcando um antes, e um depois de 1994 repleto de caminhos, trajetos, passagens, viagens, paradas que apontam para uma “estreia de vida”. Depois, veio um devir, marcado por “ele fará seu caminho”, “ele terá êxito”, “fará uma bela carreira” que confirma um continuar, renovando – se de tudo, numa construção sublinhada por trajetórias individuais que tomam corpo no âmbito coletivo.

Ao se contar essa história, supõe-se ter um fim, mas talvez não tenha fim, pois sempre haverá uma meta a se alcançar, um objetivo para se conservar vivo, renascendo em outros sujeitos, em outros espaços, para a ação quase contínua de “colaborar com o desenvolvimento dos jovens e seu preparo para o exercício da cidadania”. O testemunho do registro escrito pelo *Tribuna do Estudante* e referendado pela publicação diante do grupo e da comunidade marca o início de uma procura por identidade, nomeação, reconhecimento e legitimação.

O autor do editorial é enfático ao dar nome oficial ao grupo de estudos, caracterizando-o como uma estrutura de sustentação forte e segura que daria suporte ao “futuro do município”, assinalando para uma espécie de missão social que precisavam realizar e que ultrapassava a dimensão individual. Por isso, fez-se um ato público, uma espécie de manifesto, com o lançamento de um jornal que publicou o momento solene.

O destaque honroso do significado da sigla PRECE, ou seja, da institucionalização com nome próprio que de agora em diante seria conhecido e chamado de Projeto Educacional Coração de Estudante e ainda de seu pequeno órgão de mídia, o jornal *Tribuna do Estudante*. Nesse expediente, o *Tribuna do Estudante* contribuiu para uma apresentação pública do ente social instituído pelo nome próprio.

Aqui me refiro a um projeto educacional que percebeu o valor de um periódico para ampliar a luta por uma educação libertadora e transformadora de base freireana, na qual os sujeitos realizam a mediação do saber que parte de uma ação social, seguindo-se uma *práxis* que poderíamos chamar de praxiologia freireana (FREIRE, 2011).

Muitos grupos ou instituições, ao longo da história do mundo, fundaram um jornal, canal de comunicação entre o fundador e seu público. Acerca da importância do jornal na História da Educação, destaco o que pontua Celina Mizuta:

Nesse sentido, os jornais podem trazer à tona os elos fundamentais para recompor a História da Educação uma vez que na origem do jornalismo na Europa, ele tornou-se um poderoso instrumento do projeto iluminista para desencadear mudanças nas ideias e nos comportamentos das pessoas comuns. (MIZUTA, 2017, p. 02).

A ideia da criação do jornal partiu do professor Manoel Andrade que iniciou tal empreendimento comunicativo do PRECE sabendo do poder que esse instrumento tem para fomentar e ser sustentáculo de lutas sociais e políticas educacionais de qualidade. Junto com ele, estávamos todos nós que fazíamos parte do expediente⁵ e nos responsabilizávamos pelas novas publicações. No entanto, o periódico teve vida efêmera, por motivos que precisam ser analisados em outro estudo. Mesmo assim, sua curta vida trouxe informações importantes e guardou a memória do grupo que será importante como registro histórico da educação no Ceará.

Além do editorial, tem-se um espaço intitulado de **Dito pelos homens**, onde se destacava, a cada número, um dito, uma frase; no primeiro número publicou-se a frase célebre do escritor Monteiro Lobato: “Um país se faz com homens e livros e o futuro de um homem depende de ele ter tido ou não, uma biblioteca em sua casa” (KOSHIYAMA, 2006, p. 212). Essa frase me lembra do fato de que nos lares da maioria das pessoas que constituíam nosso grupo não havia um lugar adequado para estudar, imagine uma biblioteca! Essa frase nos tocava pela razão da valorização inicial de que nosso espaço de estudo, a casa de farinha, deveria ser cheio de livros. Nesses quatro anos iniciais, recebemos muitas doações de livros de professores da UFC.

Segue-se outro espaço de título **O que disse Jesus**, e nele, constava um versículo bíblico que diz: “no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16:33, Bíblia). A utilização do versículo era para estimular o grupo a não desanimar frente às

⁵ **Diretor:** Francisco Antonio Alves Rodrigues; **Editor:** Prof. Manoel Andrade Neto; **Revisora:** Ana Maria Teixeira Andrade; **Diagramação e artes:** Manoel Andrade Neto; **Colaboradores:** Francisco José Teixeira Gonçalves, José Orismar da Silva Barroso, Adriano Sérgio da Silva Andrade, José Noberto Sousa Bezerra.

adversidades que encontrariam em suas trajetórias de vida. O modelo era Jesus, no sentido de se ter uma missão social e de resistir a uma cultura antiética na política local que aumentava cada vez mais o abismo social entre a classe pobre e a pequena elite, dado as diferenças nas devidas proporções da analogia utilizada pela máxima bíblica. A (figura 12), dividida em A e B ilustra o jornal aqui analisado.

TRIBUNA DO ESTUDANTE

JORNAL DO PROJETO EDUCACIONAL CORAÇÃO DE ESTUDANTE (PRECE)

CIPÓ - PENTECOSTE - CEARÁ

ANO 1

EDIÇÃO Nº 1.

18 DE OUTUBRO DE 1998

EDITORIAL

Dezoito de outubro, é um dia muito especial. Digo especial, pela relevância no que diz respeito a sua natureza histórica. Nasceram oficialmente dois possíveis grandes baluartes do futuro município de Pentecoste: O projeto Educacional Coração de Estudante que recebe a significativa sigla de PRECE e o seu principal órgão de divulgação o jornal Tribuna do Estudante para o qual tenho a honra de redigir seu primeiro editorial. Neste dia, completam-se quatro anos de existência oficiosa, porém não oficial, de um projeto cujo principal objetivo é colaborar com o pleno desenvolvimento dos jovens e seu preparo para o exercício da cidadania. Esse projeto iniciou a exatamente quatro anos, através da iniciativa de cinco jovens que resolveram se reunir para mudarem o destino de suas vidas, inicialmente imposto por um sistema desonesto e desumano, onde só os que podem pagar uma boa escola é que de fato tem direito a uma educação eficaz. Os jovens **Francisco Antônio Alves Rodrigues, Francisco José Teixeira Gonçalves, Carlos Roberto de Sousa Gomes, Francisca Raquel de Sousa Gomes e Antônio Eudimar Venâncio Barbosa** se reuniram na Casa de Farinha do Cipó sob nossa orientação, para fazer uma revisão do primeiro grau e logo após iniciar os estudos supletivos. Outros jovens como **José Noberto de Sousa Bezerra, Genival Barros da Silva**, ambos da comunidade da Canafistula juntamente com **Francisco Nacélio da Silva Gomes e José Orismar da Silva Barroso**, reuniram-se posteriormente a estes pioneiros, e dentro de pouco tempo, havia se formado um grupo de estudantes, situados em diferentes níveis educacionais, cuja semelhança entre estes, os estudantes, residia basicamente na vontade de vencer através dos estudos. A maioria destes alunos situava-se fora da faixa etária, pois haviam ficado à margem do processo educativo convencional, e por isso foram orientados para cursarem o supletivo. Contando com doações de livros e em meio a condições precárias, fundamos uma biblioteca, que consideramos de fundamental importância para a consecução do projeto. Causamos uma explosão, e ninguém mais poderia deter essa força, essa motivação, essa idéia. Fora dado um passo para a liberdade, não só a liberdade destes jovens, mas a liberdade de um povo. Pois a verdadeira liberdade só vem pelo conhecimento, assim disse Jesus: **e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Jo 8:32**

De fato, muitos foram os sucessos alcançados. Quando o grupo comemora o seu quarto aniversário e elege oficialmente uma diretoria, redige uma ata de fundação e aprova um estatuto, finalmente se legaliza para que exista de direito o que de fato já existia. Hoje, já se pode vislumbrar muito sucesso desta empreitada, pois dentre outras vitórias já se contabiliza quatro alunos na universidade, os quais são: **Francisco Antônio Alves Rodrigues (Pedagogia-UFC)**, **Francisco José Teixeira Gonçalves (Agronomia-UFC)**, **Adriano Sérgio da Silva Andrade (Geografia-UFC)** e **José Noberto Sousa Bezerra (Licenciatura em Química-UFC)**. Esperamos portanto, que o PRECE continue sendo abençoado por Deus como foi até agora, que ele continue tentando construir a sua realidade e nunca espere por governantes e líderes políticos para isso. Nossa esperança é que, os integrantes deste projeto, não tenham como meta prioritária somente se dar bem na vida ou ter uma formação universitária, mas que sejam esses os meios pelos quais eles possam servir a Deus e aos homens. Oramos ao nosso Deus para que os sócios fundadores do PRECE se coloquem como instrumentos de transformação da sociedade, contribuindo com o estabelecimento do reino de Deus. Onde ninguém é tratado pelo que tem e todos são iguais perante o Criador e perante os homens. Onde a paz, a justiça e o amor são valores verdadeiramente praticados e absolutamente inquestionáveis.

DITO PELOS HOMENS

Um país se faz com homens e livros e o futuro de um homem depende de ele ter tido ou não, uma biblioteca em sua casa. **Monteiro Lobato.**

O QUE DISSE JESUS

No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo. **Jo 16:33**

EXPEDIENTE

TRIBUNA DO ESTUDANTE é um jornal do Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE).
Diretor: Francisco Antônio Alves Rodrigues.
Editor: Prof. Manoel Andrade Neto
Revisor: Ana Maria Teixeira Andrade.
Diagramação e artes: Prof. Manoel Andrade Neto.
Colaboradores: Francisco José Teixeira Gonçalves, José Orismar da Silva Barroso, Adriano Sérgio da Silva Andrade, José Noberto Sousa Bezerra.

Figura 12 –
 Página 1 da 1ª
 edição do Jornal
 Tribuna do
 Estudante (A)

ACONTECIMENTOS

FUNDACÃO DO PRECE Dia 18 de outubro de 1998 é o dia da fundação oficial do Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE). Os sócios fundadores aprovam um estatuto e elegem a sua primeira diretoria como está apresentado abaixo: **Presidente:** Manoel Andrade Neto, **Vice-Presidente:** Francisco Antônio Alves Rodrigues, **1º secretário:** Ana Maria Teixeira Andrade, **2º Secretário:** Francisco José Teixeira Gonçalves, **1º Tesoureiro:** José Noberto Sousa Bezerra, **2º Tesoureiro:** José Orismar da Silva Barroso e **Secretário Executivo:** Adriano Sérgio da Silva Andrade. **Conselho Fiscal:** Genival Barros da Silva, Francisco Nacélio da Silva Gomes, Carlos Roberto de Sousa Gomes, Maria do Carmo de Sousa Gomes e Francisca Raquel de Sousa Gomes. Na ocasião realizar-se-á uma solenidade simples porém significativa em que contará com a presença de muitas famílias da comunidade. **DIA DA CRIANÇA:** No dia 11 de outubro foi comemorado na comunidade do Cipó o dia da Criança. A organização ficou por conta da professora Raquel auxiliada pela Lucia, Fátima, Silvalina e Rafaela. Foi uma festa simples porém bastante significativa. **MUNDAÚ:** No mês de agosto a maioria dos alunos do PRECE participou de um acampamento na praia de Mundaú. O evento tinha como objetivo trabalhar a unidade do grupo. Foram realizadas dinâmicas de grupo apropriadas, as quais foram dirigidas por nossas colaboradoras Patrícia e Jaqueline. O Senhor Deus nos abençoou grandemente.

ANIVERSARIANTES: Neste mês de outubro Deus está concedendo mais um ano de existência para: O estudante do ensino fundamental da comunidade do Cipó, Francisco Antônio Agostinho da Silva (04), a sócia estudante do PRECE Daiana Paula de Sousa Rodrigues (08) e seu pai o também sócio estudante do PRECE José Alfredo de Paula Firmiano (12), o sócio fundador do PRECE José Noberto de Sousa Bezerra (18), a sócia fundadora do PRECE Maria do Carmo de Sousa Gomes (23), a sócia estudante do PRECE Maria de Fátima Moreira de Lima (27), o Diretor do PRECE Manoel Andrade Neto (28). Que Deus abençoe com o seu amor e a sua misericórdia a estes nossos irmãos. Estes são os votos do nosso jornal.

FATOS MARCANTES

No dia 11 de outubro de 1998, durante uma partida de futebol envolvendo as seleções municipais de Apuiarés e Paracuru, no estádio municipal de Paracuru, ocorreu um fato lamentável com o atleta José Noberto Sousa Bezerra um dos sócios fundadores do (PRECE). Durante uma disputa de bola envolvendo Noberto e o goleiro da equipe adversária, este de forma desonesta e irresponsável atingiu o atleta resultando em uma fratura dupla da tibia e do perônio. O atleta foi conduzido pela ambulância ao Frotinha de Antônio Bezerra onde permaneceu até Terça feira pela manhã, quando foi conduzido ao Instituto José Frot. Devido a falta de vagas neste hospital o atleta foi enviado ao Pronto Socorro dos Acidentados e já encontra-se operado.

ESPORTES

ESTUDANTINA 2 X MASSAPÉ 1: No dia 11 de outubro de 1998 a equipe da Estudantina atuou no campo da Canafistula enfrentando o time do Massapé. A Estudantina formou com o arqueiro Abraão, Jairan na lateral direita, Francisco como zagueiro central, Ailson na quarta zaga e Orismar na lateral esquerda. Clélio saiu jogando de volante (depois substituído por Domingos Denis), Beto na meia esquerda, Tetê na ponta direita, Chagas na ponta esquerda e Andrade na meia direita (substituído por Toinho). No comando de ataque estava o veterano Jaime Filho autor dos dois gols da Estudantina. O jogo da preliminar foi realizado entre a escola Estudantil de Canafistula e o segundo quadro do Massapé, tendo a equipe local vencido por 2 X 0. A equipe da Estudantina tem se notabilizado por seu estilo disciplinado de jogar. Esmera-se sempre para transformar o

ENTREVISTA

Entrevista gravada com um dos sócios fundadores do PRECE o jovem Francisco Nacélio da Silva Gomes, atualmente terminando o supletivo do 2º grau.

R. Nacélio, quando você começou a participar das atividades do PRECE e qual foi esta atividade?

Nacélio - Bem, oficialmente eu comecei a participar do projeto no dia 06/02/95. Foi uma data que marcou muito, e a primeira atividade que participei foi estudar com um grupo de alunos que já estavam lá na casa de farinha, e eu iniciei estudando Geografia a partir do volume 3.

R. Quem participava deste projeto, na época?

Nacélio - Os participante eram Toinho, Francisco, Beto, Eudimar e o Noberto.

R. O que te motivou a participar deste projeto educacional?

Nacélio - Foi a expectativa de uma vida melhor, porque eu havia concluído o 1º. grau e não tinha onde estudar, então este projeto veio na hora certa.

R. Qual o proveito que você considera obter deste projeto?

Nacélio - Eu espero, aliás, deste projeto eu já consegui muitas coisas, por exemplo, estou quase concluindo o 2º. grau, isto em pouco tempo, se eu estivesse na escola regular demoraria mais. Também a expectativa de ser aprovado no vestibular no final do ano, coisa que antes já mais eu esperava que acontecesse em minha vida.

R. Quais as pessoas que te incentivaram a participar deste projeto educacional?

Nacélio - Primeiro eu fui convidado por um colega, o Eudimar, pois eu não sabia deste projeto. Depois a dona Nenê Félix convidou-me para morar com os filhos dela em Pentecoste para estudar com eles, só que não deu certo.

Um dia de domingo ao chegar do futebol minha mãe me falou que o Andrade tinha me convidado juntamente com meu pai par irmos à casa dele. Fomos chegando lá ele falou dos objetivos do projeto para nós e perguntou se meu pai concordava que eu ficasse estudando no projeto. Meu pai concordou e eu fui estudar no projeto.

R. O que este projeto representa para você?

Nacélio - Representa um futuro melhor, pois é através dele que eu tenho uma melhor visão da educação e tenho objetivos bem definidos.

R. Você gostaria de falar um pouco de sua vida cristã?

Nacélio - Minha vida cristã eu considero muito importante, minha vida mudou muito desde que eu aceitei a Cristo. Depois que comecei a frequentar a Igreja vejo o mundo de forma

diferente, agente tem que ser mais sincero com as pessoas, mais honesto... então minha vida mudou muito.

CURIOSIDADES

ENTOMOLOGIA: A maior barata já vista é a *Megaloblatta longipennis*, encontrada na Colômbia. Uma fêmea preservada em uma coleção pertencente a Akira Yokokura, de Yagamata, Japão, mede 9,7 cm de comprimento e 4,5 cm de largura. As maiores moscas foram encontradas na espécie de *Mydas heros*, das regiões tropicais da América do Sul, com comprimento de corpo de 6 cm e envergadura de 10 cm. Essas moscas capturam abelhas e outras vespas mordendo seu pescoço. **GEOGRAFIA:** O país mais arborizado do mundo é a Finlândia. Ela está sempre cuidando do reflorestamento porque tem 70% do seu território coberto por florestas e também é a maior

Fonte:
Arquivo pessoal
da autora.

Figura
12 – Página 2
da 1º edição
do Tribuna do
Estudante (B)

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na página 02, há uma coluna de título **Acontecimentos**. Nesta há alguns subtítulos como a Fundação do PRECE, o Dia da Criança, Encontros de convivência em Mundaú (figura 13), praia onde fizemos o primeiro encontro de convivência do nosso grupo, cujo objetivo era trabalhar os relacionamentos entre os participantes do PRECE e a sua unidade. A foto representa

um momento de dinâmica sobre a interdependência entre os participantes da experiência que nos levou a refletir acerca da importância de nos unir com vistas a um só propósito.

Figura 13 - Primeiro encontro de convivência do PRECE em Mundaú (1996)



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

Depois vem o espaço para a divulgação dos aniversários dos estudantes, oportunizando momentos festivos entre os amigos do projeto. Em seguida, há outra coluna de título **Fatos Marcantes**, onde se registrava a aprovação de algum estudante no vestibular, e isso servia de estímulo e fortalecia os objetivos do projeto educacional e do periódico. Havia outra coluna chamada de **Esportes** e esta não poderia faltar, pois os estudantes(homens), do PRECE tinham o esporte como o seu maior lazer e momento de interação com os amigos de estudo e com a comunidade. Posteriormente, vem o espaço da **Entrevista** onde registrávamos entrevistas dos estudantes do projeto, uma biografia a cada edição do jornal e, finalmente, a última, nomeada de **Curiosidades**, a qual falava de amenidades, pequenas informações acerca de descobertas, fatos curiosos, etc.

Sobre o significado de **nome próprio**, o termo serve para individualizar uma pessoa, nações, povoações, instituições, etc (HOLANDA, s/d, p.1197). Aqui, verso sobre a constituição

do nome próprio Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE) que dá existência oficial a uma instituição criada e sustentada por seus agentes fundadores. A partir desse marco, foi constituída uma diretoria, uma ata, um estatuto e, posteriormente, um CNPJ. Com essa nomeação, ficou, oficialmente, garantida uma existência institucional, ou seja, uma ONG. Percebo que a essência (a necessidade, a motivação) do nome próprio, pensado para nomear a ação de estudantes estudarem juntos, confunde-se com a essência de cada integrante, transitando do coletivo para o individual. Sobre isso, vejamos o que pensa Bourdieu em suas reflexões sobre o tema:

[...] o nome próprio é o suporte [...] daquilo que chamamos de *estado civil*, [...] produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é o verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social: essas certidões (em geral públicas e solenes) de *atribuição*, produzidas sob o controle e com a garantia do Estado, também são designações rígidas, isto é, válidas para todos os mundos possíveis, que desenvolvem uma verdadeira *distribuição* oficial dessa espécie de essência social, transcendente as flutuações históricas, que a ordem social institui através do nome próprio [...]. (BOURDIEU, 1986, p.02).

O aniversário de quatro anos de existência do grupo como uma espécie de “rito de instituição inaugural” demarcou a existência, a história e a perspectiva de uma nova história social e individual. Esse momento cercado por frases como “dia muito especial” e “tenho a honra” simboliza ato solene e gera atributos produzidos para assegurar uma garantia oficial que mantém a ação social instituída e legitimada pelo grupo e pela comunidade.

Essa “nomeação”, esses “mundos possíveis” se aplicam bem ao PRECE. Seu nome, sua designação, é tão forte que transcende às mudanças históricas e se transmuta em novas práticas sociais, não somente na educação não formal, mas na rede pública de ensino fundamental, médio e superior e em novas parcerias que merecem um estudo à parte, em outro momento. Essa sigla é mantida, porém com novos significados, sendo partilhada oficialmente em sua natureza social, elevando-se às “flutuações históricas” instituídas socialmente pelo “nome próprio”.

Na história do PRECE, desde o seu início, destaco como as principais motivações para a criação do Projeto Educacional Coração de Estudante as péssimas condições para o desenvolvimento econômico e educacional no município, assinaladas aqui pelo editorial do jornal *Tribuna do Estudante*. Outra importante motivação era a situação de pobreza pela qual cada estudante vivia em sua realidade, consequência da anterior. Diante disso, apresento mais um

fragmento do editorial para entendermos um pouco a visão do grupo sobre o contexto político de Pentecoste:

Cinco (posteriormente entraram mais dois, totalizando sete – grifos da autora.) jovens que resolveram se reunir para mudarem o destino de suas vidas, inicialmente imposto por um sistema desonesto e desumano, onde só os que podem pagar uma boa escola é que de fato tem direito a uma educação eficaz [...]. (ANDRADE NETO, 1998, p.01).

Sistema político “desonesto” resume um estado de negação, de enganação, mentira, falta de integridade, atos velhacos, improbidade administrativa e não ser sincero perante a população a qual representa. Sistema capitaneado por indivíduos desprovidos de decência e que não demonstram honestidade no tratamento da coisa pública. Sem honra e falta de decoro, dentre outras denominações dadas a esse tipo de governo. A segunda palavra, “desumano” trata-se de alguém que não expressa humanidade, que tende a ser tirano, bárbaro e atroz. São termos fortes que se justificam pelo despreparo e descompromisso social de muitos governos municipais do Ceará.

No geral, no senso comum, os órgãos de fiscalização dos municípios são tidos como não confiáveis e não fiscalizam seriamente, com ética. Para se ter uma ideia, segundo os jornais de Fortaleza, o grupo político que governa Pentecoste nessas três últimas décadas, em 2018, passou a ser investigado pela justiça por suspeita de “golpes em idosos para financiar campanha”. Porém, até hoje, o caso não foi bem esclarecido para a população do município, se as acusações tem procedência verídica ou se o que ocorreu foi uma guerra política partidária. (Diário do Nordeste, 2018).

Quanto aos valores do PRECE, constante neste jornal, como citado antes, observo em mais um fragmento de seu editorial que um deles era a crença em Deus – o Cristo e em suas máximas que consistiam o parâmetro de conduta para o grupo. Esse valor era carregado de um sentimento de missão social, com autonomia e altruísmo na luta por direitos fundamentais na educação já que não confiávamos nos políticos da região. A partir dessa missão, esperava-se do grupo que, além das conquistas pessoais, fosse imbuído do senso de serviço a Deus e aos homens como extensão do divino na terra e, diferentemente do indivíduo político descrito, anteriormente, fossem cheios de amor pelo próximo e pela justiça.

Por conseguinte, reforçando, destaco ainda a presença de uma oração a Deus pelos sócios fundadores do projeto, leiamos:

Esperamos, portanto, que o PRECE continue sendo abençoado por Deus como foi até agora, que ele continue tentando construir a sua realidade e nunca espere por governantes e líderes políticos para isso. Nossa esperança é que, os integrantes desse projeto, não tenham como meta prioritária somente se dar bem na vida ou ter uma formação universitária, mas que sejam esses os meios pelos quais eles possam servir a Deus e aos homens. Oramos ao nosso Deus para que os sócios fundadores do PRECE se coloquem como instrumentos de transformação da sociedade, contribuindo com o estabelecimento do reino de Deus. Onde ninguém é tratado pelo que tem e todos são iguais perante o Criador e perante os homens. Onde a paz, a justiça e o amor são valores verdadeiramente praticados e absolutamente inquestionáveis. (ANDRADE NETO, 1998, p.01).

Essa oração é carregada de um compromisso social forte, o qual conclama que os sócios fundadores sejam instrumentos de Deus para uma mudança da realidade opressora, com sonhos de transformação social, mudanças de vida para melhor, onde os valores cristãos estivessem presentes. Isso me pareceu bastante idealista pensando naquele momento, mas hoje vejo que muito do que se idealizou em 1998 foi realizado. Agora, tudo está ganhando uma nova configuração por vivermos momentos de constantes mudanças. O último escrito do excerto é utópico, mas não impossível de ser posto em prática por cada cidadão ou cidadã. Esse valor da crença dá base para a presença de muitos outros valores como o amor e o cuidado com o próximo.

Nesta parte do trabalho faz-se importante a explicação desse título. Muitos projetos realizados por nós, nesse período, nos ensinaram, tanto na condição de educando quanto na de educador. Éramos um projeto social e educacional, assim, tudo que fazíamos tinha uma dimensão sócioeducacional no âmbito da educação não formal, fora do ensino convencional.

Ao criar **O Tribuna do Estudante**, como o próprio nome explicita, havia a intenção de construirmos mais um instrumento de apoio às grandes causas levantadas pelo PRECE: *a inclusão social de jovens populares na universidade pública; a formação da consciência do jovem sobre sua realidade e a formação da consciência do jovem acerca do potencial dele como agente de transformação da sua realidade.* (p. 01). O Jornal mostrou a todos, precisas e a comunidade em geral, as ações realizadas no PRECE, o pensamento ideológico-filosófico e os valores pelo grupo, difundidos e preservados.

2.6 A criação das EPC: ações pedagógicas, cooperativas e solidárias do PRECE

O espaço de origem do PRECE passou a ser chamado de EPC Cipó, a partir de 2003. Essa EPC foi considerada ‘mãe’ ou ‘sede’ por ter sido a primeira. Esse processo ocorreu a partir da vinda dos primeiros estudantes da cidade de Pentecoste (Figura 14) para estudarem na casa de farinha em Cipó. Com isso, o espaço não comportou mais e nem a liderança estudantil foi suficiente para acompanhar os estudantes, de acordo com a necessidade de cada um. Com o problema, surgiu a ideia da expansão e multiplicação da experiência do PRECE para outras comunidades.

Figura 14 - Estudantes da sede de Pentecoste em Cipó (2000)



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

Assim, o primeiro núcleo foi criado em 2003, na sede de Pentecoste, pois era necessário criarmos novas estratégias para os estudantes da cidade que precisavam também entrarem na universidade e para isso, procuravam o PRECE. Sobre como se deu essa primeira expansão, necessita haver um estudo mais aprofundado de cada EPC e analisar as possíveis causas porque foram desativadas.

Para viabilizar esse processo, sob a coordenação de Manoel Andrade, foi criado em 2005, o Projeto Incubadora de Células Educacionais. Esse projeto visava a formação dos

estudantes que desejassem levar a metodologia do PRECE, das células educacionais de estudo para suas comunidades e assim, criarem associações estudantis denominadas de EPC. Esse projeto, basicamente, consistia em os estudantes da preparatória para o vestibular ou para EJA, ao passo que estudavam nessa preparação, eram orientados a como fundarem e registrarem as suas associações estudantis.

Nas EPCs, além dos projetos Pré-Vestibular (Figura 15) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), os líderes poderiam desenvolver outras iniciativas dentro das necessidades locais de cada comunidade. A partir dessa formação, os estudantes líderes de várias localidades fundaram treze EPCs a partir do ano de 2003 até 2008. Durante os anos de 2007 e 2008, a experiência das EPCs foi escrita em um projeto selecionado pela Fundação Lemann para receber apoio financeiro para o fortalecimento dessas escolas. Ao final de cada ano, era redigido um relatório técnico-pedagógico das atividades realizadas pelas EPC, nesse período. (Instituto Coração de Estudante, Relatório Anual 2007, p.13).

Figura 15 – Eu em aula de Português nas EPC - FOR e EPC - Benfica



Fonte: Arquivos do Memorial do PRECE.

Avendaño (2008, p. 29) fala que as EPCs “como organizações estudantis autogestionárias, formam uma rede de atuação em educação básica, controle social, governança e desenvolvimento econômico”. Elas foram associações estudantis fundadas e geridas por estudantes pré-universitários, universitários e graduados do PRECE. Elas tiveram o intuito de estimularem e sediarem os encontros das células de estudo, bem como fomentar ações protagonistas, cooperativas e solidárias, contando com o apoio e colaboração das famílias da comunidade.

De acordo com os dados do último relatório (2008), as EPCs eram distribuídas nos municípios de Pentecoste, Apuiarés, Paramoti, General Sampaio e Fortaleza (EPC - FOR e EPC - Benfica). De acordo com esse relatório, o PRECE através das EPC, teve em 2018, 976 estudantes participando das atividades, distribuídos nos projetos conforme quadro abaixo, extraído do relatório (ibidem), com as devidas correções de erros de soma, feitos por mim, coordenadora do projeto e autora do relatório naquela época.

Até 2008, o total de aprovados para o ensino superior no PRECE/EPC conforme a soma dos dados enviados por cada coordenador das escolas populares naquele ano foi de 358. Desses, hoje, grande parte estão graduados e outros deram continuidade à carreira acadêmica,

concluindo mestrado e doutorado. Apresento a tabela abaixo para ilustrar a compreensão de como se configuravam os projetos realizados pelo PRECE nessa fase de sua história.

Dentre os projetos dispostos na (Tabela 01), os dois primeiros estiveram presentes desde os primeiros anos da experiência até o fim das EPC, mas sem sistematização ou divulgação; os outros tiveram vida efêmera ou se transmutaram em outras ações educativas, sobre esses, falo mais logo à frente.

Tabela 1 - Projetos principais realizados e público beneficiado pelas EPCs do PRECE em 2008.

PROJETO	Nº DE ESTUDANTES
PRÉ – VESTIBULAR COOPERATIVO	532
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	80
APOIO À ESCOLA PÚBLICA – (ESTUDANTE ATIVO/ESTUDANTE COOPERATIVO E APOIO À INFÂNCIA)	364
TOTAL	976

Fonte: Relatório Fortalecimento e Expansão das Ações Educacionais no Sertão Cearense.

Conforme pontuei, os dois projetos que caminharam juntos, desde o início do PRECE, antes da criação das EPC e após, foram o Projeto Educação de Jovens e Adultos e o Projeto Pré-vestibular Cooperativo. Com a criação das EPC, eles passaram a ser implementados por cada uma delas em diversas comunidades que as sediavam, em Pentecoste, em outros municípios vizinhos e em Fortaleza. Na zona rural de Pentecoste, as escolas só atendiam até, no máximo, a quarta série, e o ensino fundamental ocorria, em algumas escolas, pelo sistema TV Educativa, por isso, era grande a demanda de estudantes para concluir o ensino médio.

Logo no início quando chegaram os sete estudantes pioneiros desejando se escolarizar e concluir o ensino fundamental e médio, o campo de atuação já requeria uma tomada de decisão sobre o que fazer para melhorar a vida desses jovens estudantes que chegavam a cada semana, e, além disso, só havia em Pentecoste a EJA do ensino fundamental.

A decisão precisava ser rápida, pois quem ia chegando ao projeto, Manoel Andrade sugeria e orientava a fazer o supletivo do ensino fundamental e médio com o apoio do estudo em grupos (células estudantis), aprendendo uns com os outros para realizarem as provas nessa

modalidade; e depois iniciarem os estudos preparatórios para os exames vestibulares das universidades.

Como só faziam as provas em Fortaleza, os estudantes em fase de escolarização, passavam por dificuldades de deslocamento, para fazerem as provas de EJA fora de sua comunidade. Desse modo, para fazê-las, havia períodos em que tinham que se hospedar em nossa residência. Com esses obstáculos de mobilidade, tendo que pagarem alimentação, passagens de ônibus, tudo foi ficando pesado para sustentar. Com isso, precisávamos buscar alternativas para continuarmos com o projeto que era a espinha dorsal do PRECE.

Por toda essa problemática, Manoel Andrade e todos nós, estudantes pioneiros (Figura 16) buscamos a parceria com o CEJA Padre Luís Gonzaga Xavier de Lima, da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE) 02, no município de Itapipoca. A parceria foi firmada em uma reunião da liderança do PRECE com o diretor da escola Pedro Jaime de Oliveira (figura 16) que, de modo acolhedor, enviou dois professores (Figura 17), aos fins de semana, para aplicarem as provas de EJA para os estudantes do PRECE na própria comunidade de Cipó. O apoio do diretor foi algo que marcou a vida de todos nós, precisas iniciantes e de muitos outros que viriam.

Figura 16 - Reunião de parceria com o CEJA – Itapipoca



Fonte: arquivo pessoal de Manoel Andrade

Assim, firmou-se no ano de 2000, a parceria entre essa escola e o Projeto Educacional Coração de Estudante, que se responsabilizaria pela infraestrutura, orientação dos estudantes e apoio aos professores do CEJA na aplicação das avaliações.

Para melhorar as práticas educativas no projeto EJA, foi escolhida uma coordenação que, inicialmente, ficou com Adriano Sérgio da Silva Andrade. Posteriormente, o projeto foi coordenado por Francisco Antonio Alves Rodrigues; nesse período, ambos eram estudantes universitários. Havia uma sistemática metodológica que consistia em os estudantes poderem optar entre duas alternativas de estudo, de acordo com o tempo disponível de cada um. Eles podiam receber os módulos de ensino para estudarem em casa ou podiam formar células de estudos e serem acompanhados por monitores. Os monitores eram estudantes do pré-vestibular que moravam na comunidade.

Inicialmente, a modalidade EJA foi muito importante para dar base a todo o trabalho do PRECE, pois todos os agentes fundadores da experiência passaram por esse sistema de estudos, a única exceção foi Manoel Andrade. Rodrigues (2007) diz que:

muitos dos estudantes que hoje são universitários passaram pela modalidade do curso supletivo no PRECE. Todos os estudantes fundadores da entidade, por exemplo, passaram por essa modalidade de ensino, evidenciando que ela teve considerável importância ao viabilizar a continuidade dos estudos de jovens e adultos moradores da zona rural. (idem, p.77-78).

O primeiro estudante do PRECE, Francisco Antonio Alves Rodrigues, concluiu o ensino médio profissionalizante na modalidade EJA em um Programa do Ministério da Educação (MEC), denominado de LOGOS II e assim como ele, eu também fiz o meu ensino médio no mesmo curso, ficamos amigos e passamos a estudar juntos, principalmente, na última etapa quando teríamos que ministrar cinco aulas práticas e, para isso, tínhamos que treinar, pois havia um passo a passo que não podíamos deixar de seguir direitinho para poder conseguir a nota em todas as aulas e assim, poder concluir o curso profissionalizante em Pedagogia.

Foi por meio do projeto EJA que os agentes fundadores do PRECE se escolarizaram. O programa atendia aos estudantes, em qualquer nível de conhecimento, possibilitando-lhes a certificação expedida pelo Centro Educacional de Jovens e Adultos citado. A aplicação das provas ocorria na casa de farinha, em Cipó, porém com as dificuldades de locomoção dos docentes, pioradas pelas cheias do inverno, na estrada de Pentecoste a Cipó, eles não puderam mais continuar. Desse modo, o diretor nos deu a credibilidade merecida; permitindo que

aplicássemos as provas e entregássemos os resultados a cada fim de mês. Da esquerda para a direita na foto são os professores do CEJA e o primeiro estudante do PRECE, então coordenador desse projeto:

Figura 17 - Professores do CEJA – Itapipoca aplicando provas da EJA em Cipó



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

Segundo Rodrigues (2007) “a partir de abril de 2000, a instituição firma uma das mais importantes parcerias do ponto de vista do trabalho educacional que desenvolvia”. (idem, p.76). Em sua pesquisa de mestrado em Educação Brasileira, ele comenta que “após seis meses de atividades, a equipe do PRECE, formada por estudantes universitários, assumiu tanto as atividades de acompanhamento quanto a de aplicação das avaliações, apresentando ao CEJA, mensalmente, os relatórios dos trabalhos realizados”. (idem, p.77).

O projeto EJA no PRECE visava oportunizar aos estudantes fora da idade escolar a sua escolarização através de um sistema modular de educação que é o corriqueiro do sistema formal, mas havia o diferencial do estudo em célula com o apoio mútuo entre os estudantes mais experientes do Programa. De acordo com o 2º relatório pedagógico dos projetos realizados pelo PRECE em 2008, o processo metodológico da EJA funcionava mais ou menos assim: os estudantes que já tinham passado pelo sistema cooperavam como monitores educacionais ajudando os que ainda estavam cursando as disciplinas.

Os universitários, aos finais de semana, ao retornarem de Fortaleza, orientavam os monitores e aplicavam as avaliações para os estudantes do Projeto EJA. Cabe destacar que alguns recém-graduados atuavam na gestão do Projeto EJA na EPC de sua comunidade. O interessante

era a facilidade que o Projeto EJA oferecia para os estudantes de serem atendidos em sua própria comunidade, como uma escola itinerante. (Relatório 2007, p. 09).

Os monitores de cada disciplina eram escolhidos pelo seu engajamento no projeto e pelo seu interesse pela disciplina que pretendia compartilhar os seus saberes. Os conteúdos seguiam a grade curricular da EJA, reforçados por outros que o estudante necessitasse, conforme o nível em que chegava ao projeto. Nas células, cultivava-se a discussão em grupo e o debate sobre variados temas de interesse do estudante, privilegiando-se a leitura e a escrita já que havia uma atividade obrigatória que era a produção de redação semanalmente, porém se o estudante quisesse, podia escrever mais de uma redação por semana. Essa atividade era muito valorizada por Manoel Andrade que orientava a todos os facilitadores a priorizarem essa prática, não deixando de fazer a correção de todas as produções, emitindo comentários e pedindo a refacção das mesmas, se necessário.

Nós, professores de Português, sempre íamos ampliando as ideias com novas propostas textuais que se ligassem à história de vida do estudante, como demonstro, à frente, uma experiência sobre esse trabalho no PRECE. Com o decorrer dos anos, as atividades foram se diversificando e outras práticas foram se somando, por exemplo, orientávamos a “leitura de paradidáticos, a escrita de diários, de histórias populares, cordéis, autobiografias e biografias de pessoas da própria comunidade, etc.” (RELATÓRIO, 2008, p. 09).

Devido a ação do PRECE acontecer, principalmente no meio rural, considerava-se a realidade do campo, “da geografia, das distâncias, das intempéries, da cultura daquele povo, enfim, de todos os dissabores do próprio ambiente”. Todo estudante que nos procurava com o objetivo de se escolarizar na EJA e se preparar para o ensino superior, era bem acolhido e não havia processo seletivo que pudesse excluir ninguém, permanecer ou não, a escolha para entrar e estudar era somente de cada um.

Destaco na (Tabela 02) (ibidem) uma primeira amostra quantitativa de resultados do Projeto EJA, realizado em 2008 com o apoio da Fundação Lemann que oportunizou a sistematização de nossas atividades pedagógicas na modalidade EJA no PRECE. Com a visualização, temos uma noção de quantidade, de público e de resultados desse projeto em 2008:

Tabela 2 - EPCs que realizam o Projeto EJA/ Com estudo em células ou não/Público/Resultados quantitativos

EPC	Nº de estudantes ingressos na EJA	Nº Estudantes - atuais	Realiza o estudo em células	Nº de provas realizadas por aluno mensalmente	Nº de concludentes	
					Ensino Fundamental	Ensino Médio
Cipó	17	14	Não*	5	0	5
Canafistula	27	19	Sim	5	0	8
Boa Vista	24	22	Sim	6	1	3
Ombreira	4	4	Não	2	0	0
TOTALIZAÇÃO	72	59	50%	Média geral = até 5	1	16

Fonte: Relatório Fortalecimento e Expansão das Ações Educacionais no Sertão Cearense.

Conforme a tabela, destaco que em relação a questão metodológica do estudo cooperativo, nem todas as EPCs conseguiam aplicar o estudo em Células, algumas se dobravam à forma de estudo mais comum no sistema formal de EJA que era levar o módulo fornecido pelo sistema de ensino, estudar em casa e vir ao Cipó apenas realizar as provas. Isso era algo que tentávamos desestimular e continuar focando na proposta de um estudo mais ativo e contextualizado com o interesse de cada grupo de estudantes e comunidade aprendente que era a proposta do PRECE, ou seja, ver além da prova e da certificação do ensino médio e dentro desse olhar, logo que o estudante de EJA concluía o ensino médio, já orientávamos esse a continuar seus estudos preparatórios para o ensino superior no Projeto Pré-Vestibular Cooperativo. É importante ainda destacar que nem todos os estudantes matriculados nesse ano, deveriam concluir, cada um tinha o seu próprio ritmo, por isso, a taxa de conclusão se mostra baixa, apenas 01 no ensino fundamental e 16 no ensino médio.

No Pré-Vestibular Cooperativo, fomos aperfeiçoando o estudo em células, em que os educandos com maior competência em conteúdos da formação básica, cooperavam para o aprendizado de outros, com histórico avaliado de pouca competência acadêmica.

Desde a primeira célula do PRECE, nos reuníamos para compartilharmos nossos conhecimentos e nos construirmos como lideranças e nunca foi necessário seleção de monitores por sermos ainda poucos e necessários nos estudos preliminares com o saber que tínhamos, mas os educandos que vieram nos anos posteriores a esse período de 1994 à 1998 eram selecionados e submetidos a uma capacitação básica para se constituírem monitores e articuladores e assim,

darmos conta da alta demanda que surgia à medida que nossos resultados aumentavam e repercutiam na região.

Esses estudantes que passavam por uma formação docente necessária no contexto de escassez de professores licenciados, já muito cedo, foram se constituindo facilitadores educacionais. Em 2002, com a ida dos estudantes da sede de Pentecoste surgem também as dificuldades de acomodação, alimentação e responsabilidade de gestão para com esse público, já que era necessário cuidar desses rapazes e moças, desde aulas, material didático, alimentação, alojamento e acompanhamento em toda situação que pudesse surgir nos âmbitos social e emocional, assim, ocorreu a primeira multiplicação, já comentado.

Nesse contexto, destaco duas figuras, além de Manoel Andrade, que foram muito importantes nesse processo de expansão do PRECE, saindo dos limites de Cipó; uma delas é a de Adriano Sérgio Andrade e a outra é a de Elizeu Peixoto; o primeiro destaca-se na implementação do projeto, por ter demonstrado total desprendimento pessoal, abdicando de projetos pessoais para se dedicar, integralmente, a causa e assumindo todo tipo de papel, desde a preparação de material didático ao transporte de universitários, diuturnamente de Fortaleza a Pentecoste e vice-versa para darem aulas no novo PRECE Pentecoste, que teve como primeira sede alugada o então Centro Educacional João XXIII.

A segunda pessoa, por ter sido o apoiador financeiro, tendo a coragem de mexer naquilo que poucas pessoas têm, nas finanças para emprestar dinheiro ao PRECE para comprar um carro, a Kombi (figura 18). Com isso, garantiu-se a presença dos universitários para conduzirem as aulas todas noites.

Para essa expansão do PRECE obter sucesso, a Kombi foi essencial, pois como as lideranças principais do projeto estavam na universidade, em Fortaleza, e, sem a presença delas na semana, em Pentecoste e, aos fins de semana, em Cipó, o projeto não poderia ter frutificado tanto ao longo de sua história.

Com a compra da Kombi, as ações do PRECE obtiveram mais êxito, pois o núcleo original em Cipó se manteve forte e a ideia da multiplicação, pensada por Manoel Andrade que consistia em “dividir para poder multiplicar” foi exitosa. Nesse ideal, houve a semeadura nos campos férteis, a começar pela EPC – Pentecoste, e dali para frente, não se parou mais.

Até hoje, a partir desse olhar para a minha história de vida no PRECE, vi soma nos diversos grupos existentes na história da experiência e vi divisão e multiplicação na replicação da

pedagogia do PRECE para outras comunidades, EPCs, escolas públicas (Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC e Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza - SEFOR) e universidades (UFC e Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT).

A Kombi foi uma personagem inanimada fundamental para que houvesse vida, vida estudantil, vida comunitária, e tudo isso ligado ao sonho de cada um que fez parte desse processo. Havia momentos em que o professor de geografia Adriano Andrade, homem proativo e prático que era e é, assumia o cargo de motorista da Kombi.

Nossa personagem e seu motorista sofriam na estrada esburacada de Croatá a Pentecoste, diuturnamente. Todos saíamos de Fortaleza no fim da tarde para estarmos na escola João XXIII às 18h30min, tempo em que deveríamos entregar as *xerox* aos outros professores e aos monitores antes das 19h, quando começavam as aulas. A Kombi foi muito querida e, antes de ser vendida, tirou-se uma foto dela para guardar na memória do PRECE (figura 18).

Figura 18 – Transporte usado na multiplicação do PRECE



Fonte: Arquivo Memorial do PRECE.

Na implementação do PRECE na cidade de Pentecoste, com o início da primeira EPC de Pentecoste, colaborei acompanhando os novos precistas da cidade um dia na semana, no turno da noite. A Kombi me levava às 17 horas de Fortaleza à Pentecoste para facilitar uma aula geminada de Língua Portuguesa, que se iniciava às 19h e terminava às 21h e 30min.

Acompanhávamos todos os grupos de estudo da nossa disciplina em um dia na semana e, ao término de cada dia de aula, nos reuníamos durante meia hora com cinco ou mais monitores de cada grupo para recebermos o *feedback* de cada célula de estudo naquele dia e em seguida retornávamos para Fortaleza, chegando por volta de meia-noite.

Trabalhávamos com a mesma sistemática metodológica do estudo em células, com cinco ou seis estudantes no máximo, e, dentre estes, havia um monitor previamente selecionado e um coordenador de disciplina, que era um de nós graduandos. Todos os facilitadores do PRECE que atuavam conosco nesse novo momento, passavam por essa mesma rotina. No geral, cada disciplina tinha em torno de 20 ou mais estudantes. Às vezes, ocorriam problemas nas células de estudo das disciplinas que teriam que ser resolvidos na mesma noite, pois não haveria tempo depois, já que gestores e universitários não se veriam mais até as próximas aulas da semana seguinte.

Não podíamos adiar os conflitos, pois se assim agíssemos, como as células poderiam funcionar com problemas? Muitas vezes, a natureza do problema não era de rápida resolução, então havia dias que voltávamos para Fortaleza quase 1h da madrugada para trabalharmos a resolução desses conflitos, em maior parte, de relacionamento. Na maioria das vezes, a volta era depois de meia noite.

Quando chegávamos ao temido trajeto da estrada Croatá/Pentecoste, cheio de crateras, já estávamos atrasados devido a uma série de dificuldades para sairmos de Fortaleza, então passar por aquele “campo minado de buracos” se tornava um verdadeiro martírio. Entre tantas outras percepções marcantes desse momento descrito, isso é um breve panorama de como aconteceu a primeira multiplicação.

Vejamos uma primeira amostra quantitativa de resultados do Projeto Pré-Vestibular Cooperativo que a partir de 2003 funcionava em cada EPC que ia sendo fundada. Essa amostra foi colhida em 2008. Até esse momento, pouco se havia registrado acerca de nossas ações, o que havia até esse momento eram projetos escritos, principalmente pelo professor Manoel Andrade e apresentações feitas no calor da ação prática. Cabe lembrar que esses escritos do professor Manoel Andrade são memórias que estão sendo organizadas por ele para a publicação posterior de um livro sobre a experiência exitosa do PRECE.

Tabela 3 - Vestibular 2009.1 da UFC – aprovados na 2ª fase por Escolas Populares Cooperativas

Nº	ESCOLA POPULAR	Nº INSCRITOS NA 1ª FASE	Nº DE APROVADOS NA 2ª FASE	PERCENTUAL DE APROVAÇÃO
01	CIPÓ	12	5	42%
02	PENTECOSTE	23	4	17%
03	CANAFÍSTULA	15	5	36%
04	BOA VISTA	11	2	18%
05	APUIARÉS	30	10	33%
06	PROVIDÊNCIA	04	1	25%
07	PARAMOTI	17	4	24%
08	GENERAL SAMPAIO	12	0	0%
09	ESTRELA D'ALVA	08	2	25%
10	PIRAMBU	21	4	19%
11	FORTALEZA	14	7	50%
12	BENFICA	18	8	44%
13	OMBREIRA	-	-	-
TOTAL GERAL		185	53	29%

Fonte: Relatório Fortalecimento e Expansão das Ações Educacionais no Sertão Cearense, Fortaleza, 2008.

Essas escolas recebiam o nome da própria cidade, comunidade ou bairro. Os resultados foram fornecidos à coordenação do Projeto de fortalecimento das EPCs pelos coordenadores dessas escolas que eram universitários. Como vemos, a realidade nos resultados é bem diferente, algumas escolas tinham poucos inscritos, conseqüentemente, menos aprovação, outras mais inscrições e mais aprovações, outras não realizavam o projeto. Levando em conta as nossas dificuldades, ainda considerávamos esses resultados satisfatórios, dentre outras análises possíveis e com a simplicidade desses dados que não dispõem de um parâmetro de comparação mais adequado, assim, de modo simplificado, no geral, aproximou-se de um terço dos inscritos que recebeu aprovação.

Um ano após a criação das EPC, em 2004, dez anos após a formação de sua primeira célula de estudo, o PRECE recebeu a visita do professor Edgar Linhares (figura 19), então conselheiro do CEE - Conselho de Educação do Estado do Ceará desde 1987 e presidente do órgão entre 2007 e janeiro de 2015.

Edgar Linhares, ao conhecer a história do movimento, afirmou em outras palavras que a maneira do PRECE trabalhar na educação básica já era utilizada por professores americanos e europeus em suas escolas, desde os anos de 1960 e tratava-se da metodologia da Aprendizagem Cooperativa que era devidamente sistematizada e consubstanciada em pesquisas e em resultados práticos. Ficamos excitados com essa informação, especialmente, o professor Manoel Andrade que logo iniciou uma pesquisa na internet sobre a experiência dos americanos.

A partir daquele diálogo entre o professor Edgar Linhares, o professor Manoel Andrade e eu que os acompanhava, travou-se uma procura de estudos e pesquisas sobre a teoria e experiências formais de aplicação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Esse encontro possibilitou um avanço qualitativo na história do Programa que serão estudados e publicados posteriormente.

Figura 19 – Professor Edgar Linhares Lima, amigo e parceiro do PRECE



Fonte: Memorial do PRECE.

O professor Edgar Linhares nasceu em Santa Quitéria, interior do Ceará, assim como nós, matutos coadjuvantes, no dizer de Manoel Andrade e tinha formação na área da educação, suficiente para se interessar e fazer uma espécie de avaliação da nossa experiência. Além de presidente e membro do CEE, era formado em Letras, tinha especialização em Planejamento Educacional, mestre em Psicologia da Educação, diretor de planejamento da Secretaria Geral de Apoio do MEC, professor da UFC e tinha experiência de mais de 60 anos no Magistério.

A sua visita, no meu entender, foi para nos aprovar, confirmar que estávamos no caminho certo e todas as suas palavras foram de contentamento por ver algo assim e expressaram contentamento. Ficamos muito satisfeitos em ver o interesse dele em nos reconhecer como uma experiência inovadora em nosso contexto, no Ceará. Por fim, esse mestre, no pouco tempo em que esteve conosco, nos iluminou com suas palavras de orientação quando precisávamos avançar no conhecimento das nossas bases teóricas e foi graças a esse ele que desenvolvemos os estudos sobre Aprendizagem Cooperativa.

Infelizmente, Edgar Linhares, nosso parceiro e admirador da causa, faleceu em março de 2015. Em sua homenagem, seu nome foi posto em uma das Escolas Municipais de Tempo Integral (Professor Edgar Linhares Lima). A sua morte nos entristeceu a muitas pessoas da área educacional, desses, destaco Mauricio Holanda, então secretário de educação do Estado do Ceará, esse, na ocasião, afirmou que Linhares era “uma pessoa criativa, inteligente, comprometida com a melhoria da educação e muito generosa para partilhar as ideias e descobertas” (O POVO ONLINE, 2015).

2.7 Apoio à escola pública

Estudante cooperativo

A escola pública do espaço rural, em especial, não dispõe ainda de uma educação de qualidade, que ofereça aos estudantes a oportunidade de aprenderem os saberes historicamente organizados e os saberes locais para conseguirem mudar a situação econômica e social em que estão imersos.

Como temos visto, esse contexto do interior não é desenvolvido o suficiente para gerar oportunidades de mudanças que favoreçam a realização do sonho da juventude rural que, desanimados, tendem a abandonar a escola, ou a se conformar apenas com o ensino fundamental ou o médio, quando conseguem concluir. Assim, acabam optando por viverem de pequenos ofícios ou, quando muito, assalariados do capital, sem desmerecer aos que estão nessa condição, mas sabemos que nossas crianças e jovens têm potencial para irem à frente.

Tais caminhos de trabalho os põem na situação eterna de população de baixa renda. Por outro lado, há outros que ao concluírem o ensino médio, ainda não se encontram aptos a iniciarem no ensino superior. Dos muitos problemas que explicam essa situação, destaca-se a infraestrutura escolar que ainda não é apropriada a uma possível diversidade de usos metodológicos.

A falta de professores com formação específica é outro problema para o ensino-aprendizagem. Grande parte dos professores só tem graduação em Pedagogia, portanto sem habilitação para lecionar disciplinas específicas. Em termos dos recursos disponíveis, a situação das escolas da área rural ainda é bastante precária.

Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2007, p.29) afirmam que “[...] as escolas rurais apresentam características físicas e dispõem de infraestrutura bastante distinta daquelas observadas nas escolas urbanas. Em termos dos recursos disponíveis, a situação das escolas da área rural ainda é bastante precária”. E em relação ao grau de formação dos professores, os dados afirmam que:

o “nível de escolaridade dos professores revela, mais uma vez, a condição de carência da zona rural. No ensino fundamental de 1ª a 4ª série, apenas 21,6% dos professores das escolas rurais têm formação superior, enquanto nas escolas urbanas esse contingente representa 56,4% dos docentes. (ibidem, p. 33).

A partir desses dados confirmados, vemos a necessidade de se tomar uma atitude para mudar essa realidade triste da nossa educação, e foi por isso que a liderança do PRECE criou projetos em cooperação com a escola pública com a intenção de colaborar com a comunidade

escolar. Um desses projetos foi o Estudante Ativo, que depois se transformou no Projeto Estudante CooperAtivo.

O projeto procurava apoiar e estimular os estudantes matriculados na escola pública para estudarem além da sala de aula e expandirem a visão de futuro. Nas ações, os estudantes eram impulsionados a serem autônomos intelectualmente e a agirem como protagonistas, engajados nos espaços da escola, no PRECE, e posteriormente, em outros locais de participação cidadã.

O fim maior do projeto era colaborar com a qualidade da educação por meio do aumento da aprendizagem do estudante. Para isso, procurávamos trabalhar com um “currículo local engajado” nas áreas específicas, como por exemplo, a história, o espaço geográfico, a diversidade biológica, as características ambientais, os aspectos econômicos, políticos e sociológicos do lugar.

A ideia de estudar o contexto local da escola por meio de diversos projetos é discutida por Freire (2011) e considero uma importante forma de trabalhar, para obtermos um aprendizado contextualizado de fato, colaborando para a melhoria da educação básica. (A figura 20) mostra os estudantes universitários facilitadores das disciplinas, o público e eu, então coordenadora do projeto.

Figura 20 – Universitários facilitadores e público do Projeto Estudante Cooperativo



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A metodologia do projeto Estudante Cooperativo partia da escolha que o estudante fazia por uma disciplina que mais o atraísse. Depois, ele recebia um curso nessa área, aos fins de semana, pelos estudantes universitários das áreas de licenciatura ou afins. Por exemplo, no ano em que coordenei esse projeto, tínhamos alguns projetos didáticos nas áreas de Geografia, Biologia e História que se baseavam no paradigma da interdisciplinaridade.

Nessa proposta, trabalhávamos temas locais, enfatizando a investigação e o estudo de situações nas áreas de estudo citadas. A estratégia de acompanhamento perpassava pelo estudo em grupo, seguindo os valores da Aprendizagem Cooperativa, solidária e participativa, embora ainda não trabalhássemos essa metodologia com rigor técnico. Os conteúdos foram facilitados com o auxílio também da Pedagogia de Projetos, com vistas à mediação nos problemas da realidade local.

O curso do projeto Estudante Cooperativo era diferente dos cursos do Pré-Vestibular pelo fato de, enquanto aquele era mais voltado para uma aprendizagem mais holística do estudante, pois ainda havia uma formação política para que ele pudesse entender e interferir na própria realidade, esse último se voltava, predominantemente, para preparar os estudantes no conteúdo da prova do vestibular das universidades públicas, principalmente, da UFC pelo fato de esta prover a residência estudantil e a alimentação para estudantes do espaço rural do estado.

Além dos encontros semanais, criávamos formas de estimulá-los que eram as viagens de campo quando os estudantes gozavam da oportunidade de conhecer laboratórios, departamentos da UFC, visitar museus e outros espaços culturais de aprendizagem informal, em Fortaleza.

O projeto teve alguns parceiros importantes, “o apoio de alguns professores das Universidades Estadual e Federal do Ceará, os quais colaboraram proferindo palestras e orientando o processo”. (Relatório 2018). Nessa edição do projeto, havia também a participação dos professores das Escolas públicas dos estudantes do projeto.

Em 2008, as turmas de estudantes eram do Ensino Fundamental de algumas escolas do Município de Pentecoste, do 6º ao 9º ano. Por exemplo, os professores da escola Licínio de Moraes, do distrito de Serrota, em Pentecoste, entenderam o valor desse projeto para o aprendizado de seus estudantes. Em nossos encontros semanais, duas professoras dessa escola participaram de todas as atividades que realizamos nesse ano.

Programa Radiofônico Coração de Estudante

No PRECE, procurávamos caminhar juntos em algumas lutas que víamos como necessárias em prol de uma transformação social através da educação. Porém, sem a escola pública, não podíamos ir adiante, então resolvemos encampar algumas lutas locais em prol dessa escola e demos o primeiro pontapé em 1990, no movimento concebido pela ATEMPE, falado antes. O Programa de Rádio foi a maior ação que fortaleceu a ideia do PRECE como um movimento social, organizado por um grupo de agentes estudantis que, cansados com a falta de apoio para a juventude se desenvolver, resolveu trabalhar na conscientização de que devemos conhecer e defender os nossos direitos de cidadão brasileiro.

A partir desse revisitar à nossa história de lutas sociais, achei adequado nomear essas ações de “pedagogia engajada”. Esse termo denota a possibilidade de se trabalhar com projetos em parceria com órgãos de representação comunitária. Trabalhar abordando temas(transversias) que pudessem influenciar e minimizar os problemas sociais, de várias naturezas, percebidos no entorno da escola, pela ação educativa os quias recaem na sociedade,.

Assim, com essas ações geramos um aprendizado que parte de uma prática social, a de sair dos muros do que chamamos de escola. Em nosso caso, saímos da casa do estudante para

a rádio, a rua, a reunião da associação, a reunião da câmara municipal, etc. Dessa forma, essas movimentações favoreceram a participação de todos na vida comunitária, contemplando a ideia freireana de conscientização e transformação do que não está bom para algo bom na vida social.

O nosso engajamento foi importante nesse período de enfrentamento de uma realidade precária na educação como vimos antes. Ao falar da liderança revolucionária, Freire (2011) frisa a necessidade dessa liderança pensar com os grupos organizados, com as massas e não pensar por elas, mas juntos, de mãos dadas, como companheiros. No mesmo ideal de Paulo Freire foi que nós, professores da escola pública, em 1990, iniciamos o Programa Radiofônico Coração de Estudante, embora tenhamos sido podados pela censura do prefeito, mas a semente não morreria e, nesse mesmo ideal, ela renasceu.

Além do que já foi discutido sobre a censura que sofremos em 1991 por parte do governo municipal da época, acrescento que esse fato impacta até hoje, chegando aos nossos estudantes, pois impactata por esse fato da nossa história foi que Avendaño (2008, p.34), em sua pesquisa coloca a situação história que tendia a se repetir novamente com os novos professores precistas na nova versão do programa radiofônico Coração de Estudante:

A primeira versão do Programa Coração de Estudante, em 1991 teve apenas 6 meses de duração. Organizado e financiado por Manoel Andrade, as transmissões aconteciam aos domingos pela manhã de 7h às 9h. Eram os realizadores 5 professores da escola pública local (*Eu-Ana Maria-, Pedro Firmiano, Rosa Lima, Quitéria Nascimento e Irismar da Costa – grifos da autora*). Tinha-se como pauta principal discutir o tema educação por meio de debates, entrevistas, notícias e música. [...]. Certo dia, Manoel convidou duas orientadoras do programa de saúde do município e o presidente do sindicato rural para participarem do programa. Aproveitando a oportunidade, o referido presidente “falou mal do prefeito” (na época, Antonio Carneiro). Na semana seguinte, o diretor da rádio informou aos realizadores do programa que este não iria mais ser veiculado, pois o prefeito, que era um dos sócios da rádio, havia proibido. Andrade, apesar de argumentar que o papel do programa era apenas contribuir com a educação do município e não atacar interesses alheios, resolveu resignar-se aos mandos do prefeito por não possuir apoio popular suficiente para resistir. Teve que aguardar uma nova oportunidade para enfrentar a situação.(*ibidem*).

Diante desse fato que nos chocou no momento ocorrido pela arrogância e autoritarismo de um gestor municipal despreparado de todas as formas para ocupar o cargo a ele dado pelo povo desprovido da educação que transforma e liberta a pessoa do analfabetismo político. Em Pentecoste isso ocorreu de forma grosseira, mas sabemos que essa prática, de forma mais sublimar, também é comum em outras experiências nos órgãos de comunicação que servem ao agente de poder político ou ao poder do capital. Esse tipo de órgão de comunicação é serviçal

do poder de mando que pratica o cerceamento de liberdade, praticada de forma banal e natural como se isso fosse uma cultura aceitável, nesses rincões do Ceará interiorano.

Os anos passaram e o programa de rádio renasceu, protagonizado por novos combatentes, os precistas, em março de 2005 até dezembro de 2010, na rádio Difusora Vale do Curu. Depois de uma nova parada, retornou novamente, na FM 98.7 em 2011, indo até final de 2012. O programa foi um dos projetos de luta engajada, encabeçado por essas lideranças do PRECE.

Além desse projeto, os precistas realizaram diversos projetos na área de educação e formação política. Nossos levantes trouxeram a ideia de participação na representação da sociedade civil criada frente ao poder do governo municipal, intervindo na reivindicação por melhorias da política pública educacional no município:

[...]. Desde os anos 70, os movimentos sociais que lutam pela democratização da sociedade brasileira buscam o direito de intervir nas políticas públicas através da criação de mecanismos de controle social. Controle social é uma forma de compartilhamento de poder de decisão entre Estado e sociedade sobre as políticas, um instrumento e uma expressão da democracia e da cidadania. Trata-se da capacidade que a sociedade tem de intervir nas políticas públicas. Esta intervenção ocorre quando a sociedade interage com o Estado na definição de prioridades e na elaboração dos planos de ação do município, do estado ou do governo federal. [...]. (Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais – nº 29 - Agosto/08 - <http://www.polis.org.br/uploads/1058/1058.pdf> - 22/06/19).

A partir dessa visão de controle social foi que o programa radiofônico moveu a participação dos estudantes e da comunidade nas discussões sobre várias temáticas caras à realidade local, na forma dos estudos em grupo, ou por meio do programa de rádio.

Seu objetivo era garantir a participação e a compreensão da população de Pentecoste em relação aos gastos públicos da gestão do município e aos investimentos das verbas destinadas às principais áreas que consideramos importantes tais como educação, saúde, emprego e segurança.

Nossas ações procuravam zelar pela ética na política a partir de uma fiscalização da gestão do poder executivo e do diálogo e observância da postura o poder legislativo que deveria fiscalizar o executivo, representando, de fato, o povo para obter uma ampla transformação da forma centralizadora de governar para outra mais participativa e com respeito ao patrimônio público.

Dentro desse tema, outras ações de combate na participação política ocorreram, como por exemplo, o projeto chamado Observatório do Eleitor, que nas quintas-feiras participava das reuniões da câmara de vereadores do município para depois levar as informações para os debates no programa de rádio e para as reuniões do PRECE.

O programa contribuiu com a divulgação dos trabalhos nas comunidades a partir de importantes parcerias com as Associações comunitárias da região, representadas pela Central de Organizações Associativas de Pentecoste (COAMPE) e a União das Associações do Vale do Rio Canindé (UAVRC).

O programa se tornou uma ferramenta fundamental para as ações previstas no município, preparando um terreno fértil para a iniciativa de entrada na política partidária, que compõe mais uma página na história dos previstos graduados, tema que poderá ser estudado em outra ocasião. Na (figura 21) exposta abaixo, temos os principais estudantes líderes José Jocélio Simplicio (à esquerda) e Tony Ramos (à direita) em execução do Programa. Na época, os dois eram estudantes universitários, coordenavam e eram locutores.

Figura 21 – Programa Radiofônico Coração de Estudante com os apresentadores: Tony Wérisson e José Simplício



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

No início, foi difícil para o projeto deslanchar porque o grupo não tinha formação radialista, mas os debates e a preocupação com a programação possibilitaram mais clareza sobre o que seria ideal para o programa. Eles também participaram de formações na UFC, no Departamento de Comunicação, de oficinas de rádio e conferências em Fortaleza para melhorar a interlocução com o público.

Apesar das dificuldades de todo começo de projeto, o trabalho no rádio é excitante pelo fato de interagirmos com a possibilidade de se ter uma ampla audiência, assim, o impacto na comunicação de ideias é animador. O rádio continua sendo um veículo de comunicação bastante utilizado, e mesmo após o advento da *internet*, ele abrange um raio amplo de comunicação dos fatos diversos da vida social e cultural da sociedade em geral, não somente local, mas a nível mais amplo. E em nosso caso, íamos nas ondas do rádio para fora das fronteiras do município. Jocélio Simplício relata:

Não tenho dúvidas que é um bom trabalho, palestras com nomes renomados da comunicação cearense, controle social e participação política fará uma grande diferença na formação crítica de nossos jovens. Enfim, foram ações que deram bastante visibilidade ao PRECE. Em 2011 fomos para FM 98,7, ficamos apenas 2 anos até

terminar nossa jornada na comunicação. Atualmente, estamos sem programa de rádio, esperando, quem sabe, pessoas (comunicadores) que possam resgatar esse momento da história do movimento PRECE na comunicação de Pentecoste. Participaram da equipe do programa de rádio: Manoel Andrade, Edilson Costa, Francisco José (Shaycon), Nonato Furtado e Jocélio Moraes, Tony Ramos, Viviane Matos e Orismar Barroso”. (INSTITUTO CORAÇÃO DE ESTUDANTE, 2014).

De acordo com a afirmação de Moraes (2014), percebo que o trabalho realizado no projeto foi uma iniciativa que contou com os esforços dos estudantes universitários do PRECE e do líder Manoel Andrade para manter esse importante veículo comunicativo.

A partir da fala desse precista, vejo o valor do Programa na nova versão ao discutir controle social e participação política com o intuito de desenvolver o espírito crítico dos nossos jovens. Infelizmente, assim como o jornal Tribuna do Estudante, o Programa de rádio Coração de Estudante teve vida efêmera, porém ganhou um lugar de destaque na História do PRECE e isso se deu pelo fato de ter sido bastante valorizado pelos precistas e suas famílias.

Movimento em defesa da escola pública

Quando os estudantes da sede de Pentecoste chegaram ao Cipó, no início de 2002, foi ficando difícil manter ações de luta e por isso, víamos que precisaríamos criar vários projetos e ações de pressão ao poder local. Com a união desses estudantes, ganhamos mais força popular e isso nos impulsionou a criar outras ações de combate ao descaso da gestão pública do município.

Com o passar do tempo e com um público maior e mais aguerrido, realizamos em 2008, o movimento em defesa da escola pública, no período eleitoral, onde os candidatos a prefeito e a vereadores foram pressionados a se comprometer em realizar uma série de ações pontuais referentes a melhoria da educação pública. Esse foi o movimento mais organizado de nossa história recente, porém, ainda outros movimentos foram feitos e que impactaram na época, como, por exemplo, o movimento em defesa da segurança pública que não me deterei nesse trabalho.

O movimento em defesa da escola pública foi uma iniciativa pioneira, uma campanha de educação política no período eleitoral, na cidade de Pentecoste, por entender o valor que tinha naquele momento em que se discutia a definição dos quadros representativos dos poderes executivo e legislativo do município.

Vi, como participante desse movimento, o quanto foi importante a nossa atitude de defesa da Escola Pública por meio de atos públicos já que, nesse período, tudo ficava mais

evidente. Era necessário colocar a educação pública em evidência, pois a própria existência do PRECE se deu pelo fato desses gestores públicos não terem sem condições técnicas visíveis para atuarem nos cargos que pleiteavam.

E mesmo obtendo sucesso na educação, o nosso esforço sempre foi hercúleo para obtermos tantos resultados até hoje. Os precistas não esperavam dos gestores públicos de então, o desenvolvimento a contento, das políticas públicas de educação para a juventude popular da cidade e do interior. Por isso, foi necessário que a massa mais crítica do local fizesse movimentos de luta de rua, dentre outras estratégias para conscientizar e pressionar esse poder.

O movimento tinha um caráter suprapartidário e partia de uma questão legal, de cobrança de aplicação da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), de que “a educação é um direito de todos e dever do estado”, portanto necessária a todos e a todas, não podendo deixar ninguém de fora, desse modo, cumpria a todos exigirmos que a educação não ficasse debaixo dos interesses de qualquer político ou partido.

Na carta de compromisso (anexo C), são expostas as razões e princípios do movimento em defesa da escola pública. A razão principal era de que a ausência de uma escola pública de qualidade perpetua a desigualdade social que gera um abismo entre ricos e pobres, difícil de ser superado. Nós, lideranças do PRECE, junto com estudantes das 13 EPCs criadas no período entre 2003 a 2007, realizamos e participamos de vários eventos como palestras, seminários e passeatas.

Promovemos uma passeata (Figura 22), saindo do Centro de Pesquisa, sede da EPC de Pentecoste e seguindo na avenida principal, a José de Borba Vasconcelos, terminando em uma sede organizada por nós que nomeamos de Comitê da Educação, onde projetávamos filmes e recebíamos assinaturas de testemunhas e apoiadores (as) dessa causa pública. Nesse espaço, montamos uma estrutura mínima de mesa, cadeiras, computador e água. Lá, ficava sempre um estudante precista para receber as pessoas que queriam apoiar o movimento e distribuir panfletos educativos a respeito de como votar consciente, sem a venda e compra de votos. No local, também eram distribuídos os informativos do Tribunal Superior Eleitoral que orientavam as leis de regimento do pleito eleitoral.

No comitê, fazíamos reuniões de planejamento e avaliação das estratégias da liderança precista que encabeçava o movimento. A carta construída pelo grupo deveria ser

entregue ao prefeito que fosse eleito, e no final dela, havia assinaturas colhidas dos pentecostenses que entendiam a causa e se dispunham a apoiar o movimento.

Além da carta e outras atividades de menos repercussão, como entrevistas e reuniões, organizamos o primeiro debate na história de Pentecoste, entre os candidatos à eleição municipal de 2008. O debate foi transmitido ao vivo pelo nosso Programa de rádio, diretamente do auditório do Centro de Pesquisas e sobre isso há um farto material gravado que poderá ser estudado com mais detalhamento. Teve uma ampla audiência ao vivo e pelo rádio que se compunha das lideranças de comunidades das EPC, das associações parceiras do PRECE e outras lideranças em geral para engrossar as fileiras da luta pela valorização da Escola Pública.

Na figura, tem-se à esquerda, a passeata de abertura da campanha e à direita, o comitê da educação.

Figura 22 - Movimento em defesa da Escola Pública



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

A carta de compromissos foi assinada pelos candidatos onde eles se comprometeram em lutar por melhorias para a escola pública, descritas no documento. Esse foi o movimento mais animado e sério que já ocorreu no PRECE, fizemos pintura no comitê, confecção de blusas, banner, faixas etc. Foi um momento de luta organizada de rua que representava o espírito da época, o PRECE unido pela escola pública, a mesma de onde saíram os precistas.

Esse foi um contexto de mudança, quando a liderança do PRECE entendeu que a transformação e a luta pela inclusão social da classe excluída podia ser através da educação, por meio dos espaços públicos de educação e da escola. É por meio de ações educativas como essas que acende em nós a chama da esperança de um Brasil melhor para as gerações futuras. O

movimento organizado pelo PRECE foi algo inédito no município e no Ceará, e o mais interessante foi que contou com o apoio da justiça local somada a uma adesão significativa e de credibilidade dos estudantes, pais e professores do município.

Até aqui destaquei práticas sociais das quais fui testemunha ocular, ora na participação direta, desde o planejamento, execução, acompanhamento e registro, juntamente com outros participantes, ora na expectativa e na torcida, mas sempre preocupada com o registro do que fazíamos. Estive nos primórdios da primeira célula estudantil dos agentes fundadores e na implementação do PRECE em outras comunidades – a criação das Escolas Populares.

De forma não tão direta, participei de diversos projetos realizados com a parceria da escola, no âmbito da escolarização (com os públicos da educação infantil, fundamental e médio) e em projetos de educação de Jovens e Adultos, tentando sempre ampliar os resultados positivos da educação que transforma e liberta o jovem da exclusão social, tornando o mesmo cidadão, alguém consciente dos direitos adquiridos e dos deveres a serem cumpridos. Por fim, a partir da minha experiência no PRECE e dos documentos por nós guardados, como esta carta de compromisso e inúmeras fotos tiradas, ao longo de nossa prática, foi que tive condições de abordar mais um pouco da história educacional do PRECE.

Breve atualização das ações do PRECE

Na tentativa de esboçar uma breve atualização da história precisa, apresento de forma sucinta informações descritivas de práticas e avanços do PRECE a partir do ano de 2009. Nesse ano, inspirada na experiência exitosa do PRECE, a UFC convidou o professor Manoel Andrade Neto para implementar um protótipo do PRECE, porém, com as devidas contextualizações às necessidades da universidade. Desse modo, Manoel deu início a COFAC (Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa) através da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), com o intuito de promover ações que estimulassem a organização de grupos de estudos, denominados de Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa no ambiente acadêmico da UFC. Nesse ano, dentre outras ações de formação, a COFAC desenvolveu o PACCE (Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis), o qual tinha como um dos principais objetivos colaborar para o aumento da taxa de conclusão nos cursos

de graduação da UFC, motivado pelo protagonismo estudantil e por uma maior autonomia dos estudantes para a aprendizagem.

O programa facilitava a vida do estudante popular que, ao entrar na universidade não conseguia se manter por dificuldades, sejam de ordem financeira ou psicológica. Presenciei nas formações em que trabalhei nesse projeto, relatos de vida de estudantes populares dessa bolsa, afirmando que só não desistiram do curso porque passaram a ser apoiados, financeiramente pela bolsa e, emocionalmente, pelos companheiros da célula de estudo em Aprendizagem Cooperativa.

Nos primeiros anos, o PACCE contava com cerca de 150 à 250 bolsistas, de todos os cursos e *campi* da UFC os quais recebiam formação teórica sobre como estudar cooperativamente, e praticavam esses conhecimentos nas células de estudo no método da aprendizagem cooperativa, por eles organizadas. Essas atividades formativas e de interação entre os discentes fomentavam a articulação e inserção dos universitários em uma rede de aprendizagem e mútuo apoio, contribuindo para os objetivos do programa (PACCE, 2019).

Outra ação do PACCE foi a participação de bolsistas em projetos de Aprendizagem Cooperativa que articulavam a universidade com a educação básica, firmada através da parceria entre a UFC e a SEDUC. Várias ações promissoras foram sendo desenvolvidas nessa parceria como: os projetos Eu Curto a Universidade, Letras Solidárias, Iniciação à Docência, Colônia de Férias, Plantão tira-dúvidas, dentre outros. Percebi que nesses projetos havia o encontro e a troca solidária de experiências entre os estudantes universitários e os estudantes secundaristas da escola pública, criando um espaço de diálogo que rompe as barreiras e derrubam os muros erguidos entre o ensino secundário público e o ensino superior.

Em 2011 a SEDUC, tomando conhecimento dos impactos positivos possibilitados pela experiência da Aprendizagem Cooperativa utilizada pelo PRECE, resolveu estimular a sua utilização na rede estadual de educação. Desde então, a Aprendizagem Cooperativa passou a estar atrelada aos projetos e às ações da Coordenadoria de Protagonismo Estudantil vinculada a CODEA (Coordenadoria da Escola e da Aprendizagem).

Nesse ano, a Coordenadoria de Protagonismo Estudantil sob a coordenação do professor Manoel Andrade desenvolveu ações de formação de educadores e de estudantes pertencentes à rede de educação estadual. Com os estudantes, o trabalho foi feito em parceria com o PACCE/UFC através do Projeto Eu Curto a Universidade e da Colônia de Férias, onde os discentes participaram de um Curso de Formação de Articuladores de Células Estudantis de

Aprendizagem Cooperativa e foram estimulados a buscarem o ingresso na universidade pública através do estudo em grupo, onde se utilizaram dos elementos básicos da Aprendizagem Cooperativa (EU CURTO A UNIVERSIDADE, 2014).

No mesmo ano de 2011, consubstanciados e inspirados na experiência do PRECE, a SEDUC, juntamente com a UFC firmaram um convênio para implantação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa em Pentecoste. A experiência foi inovadora sob três aspectos: por ser a primeira unidade escolar de educação básica do país a ter uma universidade como co-gestora; por ser a primeira escola do Ceará, quiçá do país, a utilizar as Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa em seu Projeto Político Pedagógico e pelo fato da maioria dos componentes do corpo docente e núcleo gestor da escola ser formado por profissionais do PRECE.

Como toda escola estadual de educação profissional, a Escola de Pentecoste funciona integrando o ensino médio à cursos profissionalizantes, de maneira que seus estudantes permanecem na escola em tempo integral. Devido ao fato de carregar os princípios do PRECE, a escola tem se diferenciado das demais, por executar, além dos projetos do currículo oficial da secretaria de educação, outros projetos específicos e inovadores. (EEEP ALAN PINHO TABOSA, 2014).

Em 2012, a professora Ana Maria Di Renzo, então Pró-Reitora de Graduação da UNEMAT, assistiu uma apresentação do PRECE no encontro de Pró-Reitores de Universidades do Norte e Nordeste Brasileiro e, encantada com a experiência, convidou o professor Manoel Andrade do PRECE e do PACCE para ir ao Mato Grosso apresentar a experiência para estudantes e professores de sua Universidade. Foi uma oportunidade para conhecermos uma nova realidade em outro estado, e assim, colaborar com a qualidade do ensino universitário desse estado. Pude participar dessa viagem e de outras que vieram, em que facilitei grupos e conheci a cultura local da cidade de Cárceres, *campi* da UNEMAT, onde iniciamos o trabalho.

O fato da experiência do PRECE e do PACCE ter sido bem aceita por docentes, discentes e gestores da UNEMAT motivou a Pró-Reitoria de Graduação a colaborar com a criação de um programa semelhante ao PACCE. Alguns estudantes da UFC foram convidados a participarem das ações formativas dos articuladores estudantis da UNEMAT e um novo programa, com as mesmas características e princípios do PRECE se estabeleceu a partir do entusiasmo dos estudantes, docentes e gestores da referida universidade.

Esse programa, denominado Programa de Formação de Células Cooperativas (FOCCO) em 2014, contou com a participação de mais de 100 bolsistas que estavam vivenciando a experiência de ensinar uns aos outros e aprender uns com os outros nos mais longínquos municípios do Estado do Mato Grosso onde a UNEMAT tem seus campi organizados. (UNEMAT, 2014).

Em 2014, ocorreu a primeira experiência de formação em Aprendizagem Cooperativa, com professores da rede pública estadual através do Curso de Formação de Facilitadores em Aprendizagem Cooperativa feito com educadores, gestores escolares e universitários. Nos encontros, a formação era facilitada de forma teórica e prática, enfatizando as principais estratégias de como utilizar as Células de Aprendizagem Cooperativa nos diversos espaços de aprendizagem, ou seja, dentro ou fora da sala de aula.

A partir do curso, as escolas agregaram aos seus respectivos Projetos Político-Pedagógico, os princípios dessa metodologia. Essa experiência, merece um estudo mais aprofundado a partir de materiais coletados nos 14 cursos realizados pela equipe de formação preparada pelo professor Manoel Andrade e da qual fiz parte nesse ano, me responsabilizando pela oficina de História de Vida.

Nesse novo contexto, em que o PRECE estava imerso, foi importante o encontro de Manoel Andrade com Frank Viana Carvalho. Na procura que, costumeiramente, Manoel Andrade fazia na *internet* sobre experiências em Aprendizagem Cooperativa no Brasil, ele encontrou Frank, um professor com experiência em formação de professores nessa metodologia, no Sudeste do Brasil, na educação formal.

Frank Viana é hoje um companheiro para desbravar os caminhos futuros da implantação e sistematização dessa metodologia no Brasil. Ele publicou um livro intitulado *Trabalho em equipe, Aprendizagem Cooperativa e Pedagogia da cooperação* (2015) que sintetiza sua experiência na formação de professores, baseando-se nesse metodologia, em várias regiões do Brasil (sudeste, norte, centro-oeste, etc.).

Enquanto Carvalho trabalhava a formação de professores nesses espaços, Manoel Andrade e todos nós, integrantes do PRECE, realizávamos nossas ações com os estudantes de comunidades rurais e urbanas do Ceará.

É interessante destacar que essas duas experiências se diferem, pela primeira trabalhar com formação de docentes desde o seu início, enquanto que a segunda se notabilizou

por atuar durante 25 anos, na formação discente e, somente a partir de 2009, por meio das parcerias públicas da UFC e SEDUC foi que o PRECE se iniciou na formação docente. A experiência de Frank Carvalho aconteceu, principalmente, em ambientes formais de ensino, enquanto o PRECE atuou por mais de 15 anos em contextos não formais. Ou seja, foi a partir de 2009, quando o Programa teve início na UFC, nomeado de PACCE dentro da COFAC, passou a atuar nos dois campos, discente e docente.

De acordo com a minha experiência no PRECE, juntamente à estudos teóricos e discussões nas aulas do curso de doutorado, percebi que existem diversas pesquisas e práticas realizadas no escopo da educação, focando metodologias ativas que perpassam pela formação de professores no Brasil, assim, entendi ser importante a busca para conhecermos o maior número possível desses trabalhos que enfatizam um processo mais democrático de ensino.

Entendo que a Aprendizagem Cooperativa é uma estratégia importante para nossa realidade de desigualdade social, ainda muito forte, e a escola pública, de modo amplo, ainda tem a condição de ser um instrumento poderoso na inclusão social das classes populares, tendo em vista a promoção de vida digna a esse grande público do Brasil.

De acordo com Andrade Neto (2018), O PRECE nos últimos dois anos, ganhou um novo significado por atuar na maior parte de suas ações pedagógicas em ambiente institucionalizado. Sua sigla passou a significar Programa de Estímulo à Cooperação na Escola, devido seu foco ser mais voltado para a escola pública, algo desde 2008, muito discutido e almejado por todos nós precisistas.

Porém, a experiência ganhou novo significado em seus objetivos, mas os seus princípios e valores continuam os mesmos. Nesse novo momento, ele tem sido gerenciado pela Coordenadoria de Articulação entre a Universidade e a Escola Básica (COART). Nessa nova atuação, sob a gestão do professor Manoel Andrade e a anuência da UFC, SEDUC e SEFOR, na prática, o PRECE desenvolve diversos projetos vinculados a essas instituições. Toda a prática desses novos projetos é fundamentada nos princípios da aprendizagem em cooperação e solidariedade. (ANDRADE NETO, 2018).

Os universitários de diversos cursos de graduação da UFC e os professores concursados e contratados, vindos da experiência da nova versão do PRECE realizam as atividades a partir de projetos pedagógicos e da metodologia da Aprendizagem Cooperativa com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem na escola, ampliando os seus

resultados. (ibidem). Para que tudo isso acontecesse, muito esforço e dedicação tem sido investido e muitos resultados já foram alcançados, mas mais uma vez, enfatizo a necessidade de uma pesquisa que analise, de maneira aprofundada toda essa nova história precisa.

3 HISTÓRIAS DE APRENDIZAGEM – ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE: EM BUSCA DO “SER MAIS” ATRAVÉS DE PRÁTICAS SOCIAIS NA COMUNIDADE

Paulo Freire (2011) fala de um tempo e lugar bastante conturbado, década de 1960, no exílio, longe de sua pátria, quando nosso país passava por um duro golpe militar. O autoritarismo cerceava a liberdade das mentes brilhantes de nosso país e uma delas era a de Freire. Ele fala de um lugar onde tudo era incerto, movediço e mais para desfechos negativos do que para uma aura positiva, por isso usa o termo “dramaticidade”. No trecho, ele desafia o homem e a mulher a olhar para si e se ver como um problema a ser analisado e refletido, ou seja, a exercer a tomada de consciência de que é um ser humanizado e não meramente um objeto na condição de oprimido. Este agente ontológico precisa entender qual o seu papel no mundo. Conclama esse homem e mulher a enxergar que de si, sabe pouco e que, portanto, precisa saber mais para poder ser mais e nessa autorreflexão se perguntar e se responder de um modo infinito na incompletude desse ser.

Há um sentimento em nós herdado de um processo de colonização pelo qual passamos, que nos deixou marcas profundas até hoje percebidas. Assim, não valorizamos nossa história e só agora temos dado conta do valor que há no percurso em busca do “ser mais”, termo cunhado por Freire que significa a necessidade de superação de uma situação opressora através do reconhecimento crítico e de uma ação transformadora que alimente a busca desse ser mais, de uma transformação de vida indigna para outra mais digna (FREIRE, 2011, p. 46).

Fortalecida pelas palavras de Freire e de tantos outros pensadores que destacam a importância do olhar para dentro de nós e nos perceber no outro e na vida social, é que inicio essa aventura à procura de mim e do “ser mais”.

Nasci no meio da vegetação cinzenta do sertão cearense, numa casa de taipa. Sou filha de Antônio Rodrigues, um vaqueiro, agricultor e pescador e de Luiza Feitosa, dona de casa.

Os dois tinham poucos estudos, mas, apesar dessa condição, sobrava muito amor, e esse amor me empurrou para frente. Só aprendi a ler aos dez anos de idade, mas desde que abri meus olhos para ler o mundo, tenho buscado vários saberes.

O nome Ana significa “cheia de graça” e Maria “mulher que ocupa o primeiro lugar”. Este é o meu nome. Quando me entendi por gente, eu não gostava do meu nome, mas se me perguntassem o porquê, eu não saberia responder. Só sei que ficava indagando a mim mesma: “*por que não gosto do meu nome?!*”. Certa vez, no início da minha adolescência, perguntei a minha mãe por que ela havia me colocado esse nome, ela me respondeu: “minha filha, seu nome é muito importante! Pois é o nome de duas santas, mãe e filha, Santa Ana, mãe de Maria Santíssima, e essa, a mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Naquele dia, senti certo alumbramento pela satisfação e prontidão com que minha mãe, cheia de certeza, explicava o motivo pelo qual havia me nomeado assim. Com essa explicação, ela tornava o meu nome valoroso e produzia em mim um momento revelador, cercado pela natureza da fé. Depois desse diálogo, fiquei a pensar, e, muito crente, decidi: “preciso gostar do meu nome, pois ele é importante”. Hoje, acho o meu nome muito bonito e gosto dele, pois representa a mim, como sou.

Na figura 23, apresento mamãe, com seu sorriso costumeiro, amoroso, mas meio sério, estava sempre focada em ver o que não estava certo aos seus olhos para corrigir. Exercia sobre mim, na adolescência e tenra juventude, um controle quase exagerado; sempre dizia uma frase que representa bem essa forma de se relacionar comigo: “você é o rabo da minha saia”, ou seja, alguém que não podia despregar dela e que para onde ela fosse, eu estaria junto, e quanto a isso, ela não saía de casa sem mim, sempre dizia que não gostava de andar sozinha; principalmente por isso, me influenciou tanto a ir para a igreja e a me envolver na missão cristã e ter fé em Deus, algo que ficará para o resto de minha vida.

Dessa forma agia talvez pelo fato de eu ser a filha que substituiu o seu caçula que morreu com 01 ano e alguns meses de idade pelas doenças da infância, na época da precariedade quase absoluta do sistema pública de saúde, na década de 197,0 em Pentecoste. Depois desse triste episódio na história de vida de minha mãe, passei a ser a filha caçula da família. Por tudo que ela havia passado em ter perdido três filhos bebês, mamãe tinha muito medo de que eu morresse também.

Figura 23 – Minha mãe, Luiza Feitosa Teixeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nasci em um pequeno sítio no município de Pentecoste, à 88 quilômetros de Fortaleza, local bucólico e tranquilo. Meus pais tiveram onze filhos, sobreviveram sete, três morreram ainda crianças pelas infecções da primeira infância e o outro, já rapaz, desapareceu ao enfrentar o subemprego em Fortaleza, na década de 70, e nunca mais voltou à casa paterna. Tive uma infância embaixo de cajueiros e mangueiras do pequeno lugarejo chamado Tabuleirinho, zona rural distante uns seis quilômetros do centro da cidade interiorana, Pentecoste.

Em minhas lembranças, vêm os momentos que mais marcaram a minha infância, um deles era o de brincar debaixo dos cajueiros grandes e frondosos. Eu e minha prima Rita de Cássia, brincávamos de boneca de pano e, às vezes, simplesmente subíamos bem alto no cajueiro para ter uma visão panorâmica de cima. Lá, conversávamos sobre muitas coisas e assuntos que não lembro para defini-los, mas só sei que eram de tom agradável, positivo e feliz, tudo muito para cima, nada de tristeza, de chatice ou de problemas – era pura felicidade! Talvez porque soubéssemos agradecer pelo que tínhamos ali naquele pequeno pontinho no mapa do Brasil.

Aquele lugar era cheio de árvores localizadas abaixo da parede de um açude, em uma terra molhada e fértil pela vertente de águas que vinham do açude em frente a nossa casa de taipa, grande por abrigar uma família de oito filhos, mais o papai e a mamãe. Essa casa foi feita por meu pai que era carpinteiro rústico, além de outros ofícios que a vida foi exigindo dele. Ele havia feito as nossas casas anteriores, talvez uma ou duas. Homem moreno bronzeado, cabelos pretos, parecido ao nativo de nossas terras, forte e trabalhador, nascido em Itapipoca, nome de origem indígena, distante 100 quilômetros de Fortaleza; ele me disse que sua bisavó era índia, então o seu porte físico já traz essa informação de sua ancestralidade. Viveu no Sítio dos pais, próximo da Barra do Rio Ceará, em Fortaleza, no tempo de sua adolescência. Saiu de sua cidade natal quando começava a ganhar a vida, vendendo maçã na praça da lagoinha e verduras e bombons no mercado São Sebastião, na década de 1940.

Logo conheceria seu grande amor, quando se mudaria para Pentecoste, após a adolescência, com intuito de ajudar seu pai, João Rodrigues Teixeira, na fazenda dos Carvalhos. Ele, ao conhecer Luiza, minha mãe, nascida em Pentecoste, branca, loira, de olhos verdes, bonita aos olhos de meu pai, que caiu de amores por ela. Namoraram poucos meses, logo casaram e foram morar na fazenda Belém, em um pequeno torrão, próximo à natureza do sertão de duas estações: a de sol e a chuvosa, quando não éramos surpreendidos pela seca avassaladora da verdura, das gentes e dos animais como nos mostraram genialmente, Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos, em *O Quinze e Vidas Secas*, respectivamente.

A (figura 24) é representativa para mim, pois o sonho de se graduar simbolizava que, a partir desse momento, eu poderia ajudar mais, financeiramente, ao papai e mamãe. Consequentemente, consegui melhorar as instalações físicas de sua casa e ajudá-los a cuidar da saúde deles, acompanhando junto com os meus irmãos e irmã que também, como eu, se importam com eles.

Figura 24 – Meu pai Antonio Rodrigues Teixeira, na minha Formatura em Letras



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Voltando a minha infância, na estação chuvosa, vivíamos a tomar banho no açude, nas grotas e riachos, a ver a tirada de leite no curral, a apartação dos bezerros, a ferra do gado, a chegada e estadia dos ciganos que ficavam semanas debaixo do pau branco em frente a nossa casa, e nós, irmãos grandes e pequenos, a ouvir a nossa mãe a nos orientar a não ir para junto deles, pois eles poderiam dar maus presságios na leitura de nossa mão ou poderiam nos levar embora com eles e nem nós e nem ela nunca mais nos veríamos. Em outros dias, no fim da tarde,

quando o sol batia naquele pau branco, agora desabitado pela gente andarilha, aquela paisagem tinha outra cor naquele momento tão desolado, e nossa casa se perdia na vastidão do sertão, onde as casas são tão distantes umas das outras.

Eu, ainda pequena, às vezes ficava a olhar de mão em pala para ver se a Júlia e suas bonecas de pano “apontavam” no caminho que dava em nosso terreiro e quando isso deixava de ser uma simples miragem, eu morria de felicidades a brincar o tempo inteiro com minhas bonecas de pano porque na ausência delas, eu usava sabugo de milho. Enfim, ali era o meu paraíso infantil, perdido pela ação do tempo em nossas vidas, que nos jogam para frente, para o futuro, para vivermos novas aventuras.

Nessas experiências, fui me construindo pela aprendizagem na convivência e interação com outras pessoas e lugares. A minha trajetória intelectual iniciou-se tardiamente, devido à distância de minha casa para a escola, mamãe se sentia desconfortável em me deixar ir somente aos cuidados de meus irmãos, por isso, somente aos nove anos de idade, quando nos mudamos para próximo de uma escola chamada José de Anchieta e Silva, localizada na comunidade de Ombreira Esquerda, foi que passei a sentar em um banco de escola pela primeira vez.

Tudo começou quando minha irmã Odete (figura 25) alertou a minha mãe a me matricular, parece que estou vendo a cena do diálogo de outrora: “mãêêee, a senhora não pode deixar essa menina crescer sem ir a uma escola não, ela precisa estudar!”. Odete era mais velha do que eu quinze anos, tinha feito até a oitava série em Fortaleza quando morava na casa do patrão de meu pai e ao voltar para Pentecoste, ganhou um contrato para lecionar na escola citada.

Quando entrei na referida escola me sentia um *ET* no meio da classe, acanhada, calada e assustada, parecia um bicho do mato, como se dizia na expressão popular, era uma matuta, sem uma cultura escolar prévia, sentia-me como um “peixe fora d’água”, com a autoestima baixa e sem estímulo, e já ao final do primeiro ano, não aprendi a ler. Além disso, a professora não contribuía para o meu aprendizado.

Figura 25 – Minha irmã, Odete Feitosa Teixeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Naquela época, o método educacional incluía a tão temida palmatória e eu sofria ameaças dispensadas por Tonete Nasciso⁶, caso eu não lesse a lição do dia na minha cartilha, no entanto, eu não sabia ler, e, ela me pressionava, e eu apenas ficava calada e tremendo de medo quando ela se aproximava. Certa vez minha mãe se encontrou com Tonete Nasciso na feira e as

⁶Nome fictício

duas falavam sobre os porquês de, no fim do primeiro ano, eu ainda não saber ler, o resumo da conversa foi que a professora pôs a culpa em mim.

Minha mãe pediu a nossa vizinha, a grande amiga da família, Rosa Araújo (Rosinha), que era professora particular, para abrir-me os olhos para o mundo fascinante da leitura. Porém, naquele momento, eu estava mais confusa do que antes quanto à importância de ser alfabetizada porque eu havia sofrido uma violência psicológica, uma ameaça sob os últimos anos do castigo da palmatória em minha região e isso me deixou sequelas, provavelmente, pelo resto de minha vida, operadas, talvez, de modo inconsciente. Pressionada, sufocada! “Ufa!” eu não aprendi a ler naqueles nove anos de idade, mas, somente aos dez anos pelo amor da professora Rosinha, minha querida vizinha que no ano de 1981, quando, numa mesa grande em sua sala, eu ouvia suas palavras mágicas e meigas e aprendia a juntar as sílabas na carta de ABC (figura 26) e foi assim que abri meus olhos para a leitura do mundo como diz Paulo Freire.

Figura 26 – Carta de ABC utilizada por Rosinha para me alfabetizar



Fonte: Internet.

Se não fosse a redenção do amor de Rosinha não sei se eu teria persistido. Com sua presença carinhosa e meiga abria-me ao diálogo que ela travava comigo, tratando-me como sua amiga do coração, ela me fazia entender que surgia uma nova fase na minha vida quando eu teria que assumir algumas responsabilidades até então inexistentes em minha rotina de pré-adolescente.

Em apenas três meses meus olhos receberam a luz do saber, outrora a mim negado pela palmatória, envolta pela arrogância e autoritarismo de um sistema opressor e por alguém, fruto desse sistema, sem formação humana profissional nenhuma e imersa na cegueira da sua realidade. Assim como o mito do Prometeu que compartilhou o fogo do conhecimento negado pelos Deuses aos humanos, Rosinha foi o meu Prometeu e essa analogia se conformou nela porque ela sempre foi uma pessoa muito cooperativa, caridosa, amável, voluntariosa na comunidade, na sua vizinhança, mas sempre muito sofredora, dentro de uma realidade de pobreza e de ignorância que a cercava por vários lados de sua vida, na época.

Essa situação de Rosinha era imponente devido ela, mesmo amor pelo que fazia por quase nada de dinheiro, não ter as condições para se desenvolver; era impossível, na época, em suas condições, conseguir uma formação de professora, um curso superior que lhe oportunizasse um emprego melhor.

Essa situação só veio mudar em Pentecoste mediante a criação do PRECE, em 1994; com o programa, felizmente, seu filho Antonio Erasmo teve a oportunidade que Rosinha não teve, o de realizar um curso superior. Na figura 27, Rosinha está na idade de quando me alfabetizou; uma mãe, esposa e professora bem jovem e bonita. Hoje guardo gratidão pelo que ela me deu: o melhor presente da vida de uma pessoa – a leitura. Ela é uma amiga que permanecerá sempre no meu coração.

Figura 27 – Minha alfabetizadora Rosinha



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Araújo dos Santos.

Acerca desses dois episódios narrados, viajando pelo túnel do tempo da minha memória, até bem pouco tempo, eu não tinha consciência da importância desses fatos e personagens na minha vida presente. Recentemente, ao contar minha história de vida numa formação de professores, passei por uma epifania, uma descoberta de mim mesmo e do valor das relações empreendidas no decorrer da minha vida. A partir desse revisitar ao meu passado, tomo atitudes mais assertivas, socialmente e emocionalmente, em relação a valorização de minha alfabetizadora na minha história. Rosinha é uma figura muito valiosa para mim, atualmente, procuro visitá-la mais que antes.

Não ter aprendido a ler com nove anos por causa do terror da palmatória, mas apenas com dez anos, pela doçura de Rosinha, me faz uma vencedora por ter conquistado vários êxitos na

minha vida estudantil, profissional e pessoal. Isso tudo são questões lembradas por vários estudiosos da pesquisa autobiográfica e uma delas, Isabel López Górriz, diz que:

quando as pessoas começam a se questionar e a desenvolver um processo autobiográfico, as formas que as configuram começam a se demonstrar – atitudes, comportamentos...-. Entram, então, em crise e, sob profundos questionamentos, tomam consciência de suas ações e tomam decisões para gerar mudança. Mudança que lhes permite romper com os moldes nos quais estão aprisionadas e, assim, configurar-se diferentemente. (GÓRRIZ, 2008, p.305).

Desse modo, vejo que tudo que configurou esse momento de minha vida veio à tona e surgiu em mim, um emaranhado de coisas mal resolvidas que, expostas a meu autojulgamento, pareceram superadas, até que um dia, elas resolveram me visitar. Isso tudo foi se conformando em um novo momento, um tempo mais próximo do presente e fui tomando consciência de tudo que constitui o meu ser e fazer no mundo. Essa autoanálise funciona como uma espécie de balanço da própria vida e requer um processo de retorno, permanência e mudança que culmina no desejo de ser e fazer o melhor para mim e para o mundo. Na mesma tônica, Paulo Freire afirma que:

mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas. (FREIRE, 2011, p.39).

Essa fala de Freire vem me certificar do fato de que pouco olhamos para nós mesmos no mundo, nas nossas andanças e no perscrutar acerca de nós. Passamos nossa vida sem dar conta dos nossos sonhos e feitos. Ele fala do drama humano de cada um, mas principalmente, daquele que está à margem da sociedade. Destaca a possibilidade de um cair em si, entendendo que somos indivíduos históricos, com uma razão de ser no mundo e importantes na construção de uma nova sociedade mais justa e equânime. Nessa busca de nós, indagamos e respondemos esse processo que nos conduz a novas inquirições, mas assim seguimos no curso desta vida terrena, nunca estamos prontos, vivemos nesse constante devir.

Nessa caminhada, desde muito jovem, aos treze anos, convivi com processos de ensino e aprendizagem não formais nos grupos de jovens da Igreja Católica. Essa convivência se deu na cidade onde nasci, Pentecoste, em companhia de minha mãe e meu irmão, ambos militantes da igreja junto com padres, freiras e outros líderes da época.

Todo esse cenário me serviu de estímulo para que eu fosse impulsionada a escolher a área do ensino e a profissão docente. O exemplo de minha família foi o rumo inicial para que eu assumisse a função de professora de religião, catequista de turmas para a primeira comunhão, para a crisma, e assim, foram surgindo outras funções em que eu continuaria nesse processo de educar-me e formar-me.

Lani-Bayle (2008) discute acerca de conceitos importantes que devemos saber a fim de que compreendamos antes de construirmos nossa história de vida. A autora cria o termo *transgeracional*, o qual quer dizer que nossa história de vida veio se fazendo antes de nós existirmos, e esse fenômeno é responsável pelo nosso “pré-texto”; assim, a nós é repassado, de nossa geração anterior, alguns legados culturais, sociais ou econômico, transmitidos de geração em geração. Ela diz que “esse interior não é inerte, ele se fez sem nós, mas ele nunca acaba de ter coisas a nos dizer, coisas que contribuem para nossa constituição” (LANI-BAYLE, 2008, p.305). Isso me fala que ao contar minha história de vida não estou pensando somente na esfera do possível, mas, igualmente, abrindo-me à possibilidade do inesperado, ou seja, modos e práticas herdadas que retornam em uma nova roupagem. Isso gera a existência de um *eu* construído também por heranças culturais de meus ancestrais. E me deixa alterar, me transformar em um processo histórico, social e emocional na grandeza completa de meu ser, num jogo empático, inserindo-me, portanto, em uma dimensão de anterioridade, de contemporaneidade e de posterioridade.

Lani-Bayle apresenta ainda outro conceito, o *intergeracional*; ela afirma tratar-se de um diálogo entre uma geração antiga e uma geração nova, e nisso, há essa inter-relação de modos de ser, valores, cultura das gerações passadas para as de hoje, e nessa comunicação, a geração atual representa a anterior dando àquela vida novamente por meio da recriação desses legados. A partir desse fenômeno, percebo que me reconecto com meus ancestrais a partir dessa reatualização do legado genealógico da religiosidade, do engajamento social e, do ensino, ambos tão definidores de minha formação profissional. Apresento a argumentação da autora:

[...]. É assim que se manifesta o intergeracional pela *via* da narrativa e da relação com o presente, esse contato que se estabelece entre as gerações está para além do tempo. Ele inaugura nosso desenvolvimento pessoal e nossa própria narrativa. É através dele que dominamos o mundo [...], que entramos na cultura e que se inicia nossa relação com o saber. [...]. *Via* o processo de escrita conectado à vida, esboçam-se nesse sentido, várias perspectivas no modo de fazer dessa vida, que nos ultrapassa no tempo, do começo ao fim, uma história que será um pouco a nossa, ou a dos nossos... [...]. Recolhendo seixos e cinzas, deixadas pelos antepassados – face aparente da transmissão-, e duplicando esse

trabalho por um efeito de eco, que por si só pode dar novamente carne ao esqueleto, incompleto, exumado, graças a alguns vestígios restantes, é possível realizar, pela escrita, o que chamei de “parto ao revesso”, ou seja, dar à luz às pessoas das quais descendemos. (LANI-BAYLE, 2008, p.306).

Vejo em minha história de vida um pouco da história de minha mãe que me visita, e, nessa ideia do parto reverso é como se ela nascesse de mim, hoje. Nesta autoanálise, confundo-me às vezes com minha mãe e esses modos de ser retornam de uma nova forma, como uma espécie de ciclo da vida genealógica *intergeracional* que se reatualiza a cada tempo. Parece uma marca genética transmitida por minha mãe e que agora, ao me construir, interconecto-me com ela em um diálogo que não se acaba. Dentro da perspectiva *trans* e *intergeracional* me narro não esquecendo minhas origens nesse percurso formativo, hoje refletido e me alimento para perseguir novas conquistas na vida em todas as dimensões da existência humana das quais entrarei em contato nessa jornada que também me lança para o futuro.

Retomando a minha narrativa de vida após o marcante aprendizado da leitura, voltei para a escola José de Anchieta e Silva, agora de olhos abertos, lendo os livros e a vida. Minha autoestima estava bem mais elevada pelo amor da família e de minha alfabetizadora. Fiz amigos, ganhei o amor de todas as novas professoras e professores que se seguiriam em minha trajetória de estudante no ensino básico; e vi como se diferenciavam da Tonete Nascimento.

Naqueles primeiros quatro anos na escola José de Anchieta e Silva fiz da 1ª à 4ª série e, naquele período, algumas professoras me marcaram. O amor e a atenção delas por mim, todos e todas percebiam, e isso causava a inveja de colegas de sala, ocasionando certos problemas e um deles foi o fato de eu ter sofrido *bullying* por uma garota que me apelidava e todo dia ameaçava me bater na saída da escola. Com isso, eu sofria o medo de apanhar porque eu era uma garota de natureza pacata e pacífica. Essa situação permanecia por semanas e eu, a cada fim de aula, ficava horas na escola para que ela e seu grupo fossem embora, e somente quando eu tinha certeza de que a ameaçadora havia partido, era que eu ia para casa, mas sempre com medo, a olhar se ela não estaria se aproximando de mim. Essa menina era grosseira, deveria sofrer de algum transtorno psicológico. Assim, consegui compartilhar a minha angústia com a minha mãe e ela então falou com a minha professora e a mesma mediou esse conflito entre nós. Somente depois da intervenção da minha professora foi que o problema foi resolvido, mas as marcas permaneceram por muitos anos em minha vida.

Quando concluí as séries iniciais, era preciso estudar em outra escola, agora no centro da cidade de Pentecoste, na década de 1980. Para quem mora no Sertão, o maior desafio diário são as distâncias. Assim, eu teria que andar, diariamente, mais de um quilômetro a pé, pois meus pais não tinham transporte próprio, e nem havia público na época. Em 1985, fui para minha segunda escola que se chamava Escola de Ensino Fundamental Francisco Sá, ainda bastante precária de professores e recursos didáticos e tinha como abordagem de ensino o sistema TV Educativa. Lá eu cursei a 5ª e a 6ª séries. Nesse mesmo tempo, em meus 15 anos, pela necessidade financeira da minha família, a qual não podia me dar nem mesmo produtos de higiene pessoal, roupas e calçados, comecei a vender perfumaria e maquiagens em vários catálogos como *Avon*, *Daiana*, *Christian Gray*, *Hermes*, *Mappin Postal*, *Blumenau* etc.

Por outro lado, eu, na minha inquietude e busca por algo novo, acompanhava meu irmão Israel nos encontros dos grupos de Jovens no Patronato Nossa Senhora da Conceição da Igreja Católica. Nessa mesma época, eu participava ainda dos desfiles cívicos de Sete de Setembro promovidos na referida escola. Em um desses desfiles, fui escolhida rainha da escola (figura 28) e esses desfiles cívicos eram uma atividade muito importante a qual me dava alegria e divertimento.

Figura 28 – Eu como rainha no desfile cívico em 7 de setembro na escola Francisco Sá e meu irmão Assis



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao concluir a 6ª série, eu quis mudar de escola, pois tinha sido muito difícil estudar pelo sistema TV. Eu passava de ano, mas com a ajuda dos professores que solicitavam muitos trabalhos de recuperação de notas. Assim, pensava firmemente em realizar o meu sonho de estudar na Escola João XXIII, considerada como uma escola de ensino melhor, tido no município

como particular. Como eu não tinha patrocínio político, meu irmão Francisco Feitosa, comerciante no meu bairro, se disponibilizou a pagar a minha mensalidade nessa escola e, assim, eu dei um grande salto em estímulo e mais estudo. Nessa escola, eu cursei da 7ª série ao 1º ano básico. Ao término do ensino fundamental, tive a minha festa de término de curso e foi muito bom poder concluir uma etapa de estudo que perpassou por tantas lutas.

Quando fui estudar no João XXIII, eu já não ia mais a pé porque eu tinha dois amigos que estudavam na mesma escola e um deles me levava, diariamente, um quilômetro de bicicleta. Após a festa da 8ª série, (figura 29) ocorreu um hiato na minha vida escolar e eu perdi um ano dos meus estudos, pois não continuei o 1º ano básico no ano seguinte, mas voltaria somente depois do meu retorno do Pará, sobre isso falarei mais à frente.

Figura 29 – Minha mãe e meu irmão Francisco em minha formatura do 8º ano



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nessa mesma época, fui influenciada a participar ativamente das pastorais de missão da Igreja Católica, primeiro por meu irmão Israel que frequentava assiduamente a pastoral de jovens e, segundo, por minha mãe que participava da organização Católica Legião de Maria e tinha a missão de dar a hóstia consagrada aos idosos e doentes, pessoas que não podiam ir até a igreja. Eu ia com ela visitar essas pessoas. Com esses estímulos, acabei desenvolvendo o que hoje considero um excelente trabalho comunitário com adolescentes via Igreja, na capela de São Pedro que eu havia ajudado a construir, conjuntamente ao povo, promovendo eventos para conseguir recursos para a construção. Esse trabalho era feito por mim, pela dona Alvina e por outras amigas, junto com uma figura central, um amigo já de idade avançada, o Senhor Antonio da Mata, já falecido. Eu o considerava um grande amigo desse tempo; eu sempre gostava de conversar com ele à tardinha em sua calçada e isso fortalecia a nossa amizade e parceria nos trabalhos da igreja, na comunidade.

Eu realizava diversas atividades na militância católica, mais ligada às Comunidades Eclesiais de Base (CEB). Esses trabalhos, aparentemente simples, demandavam quase toda a minha vida na época: tinham a preparação para as festas do padroeiro da capela (São Pedro); o meu trabalho de catequista e, posteriormente, de coordenadora da catequese no bairro; de professora de Bíblia da pastoral de crianças e adolescentes; de coordenadora de liturgia da missa; de auxiliadora dos missionários estrangeiros que realizavam as Santas Missões em Pentecoste; de ministrante da campanha da fraternidade realizada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), secretária adjunta do Padre Estêvão, que tinha vindo da Hungria para ser vigário da paróquia de Pentecoste. Na época, fui secretária auxiliar, juntamente à minha amiga Antonia Viana, a secretária do vigário.

Eu e Antonia, viajávamos aos fins de semana para várias comunidades rurais de Pentecoste com Padre Estêvão, organizando a liturgia das missas e falando com pessoas sobre suas necessidades quanto aos sacramentos conferidos pelo padre.

Participávamos da vida social dessa gente, de forma ativa, em festas de casamentos, batizados e todos regados por almoços regionais especiais em mesas ao ar livre, dentre outras experiências como a de cantora dos hinos da missa, etc. Essa foi uma fase muito importante para a minha formação intelectual e humana, devido à interação com pessoas de diferentes mentalidades, desde gente muito simples, do meu berço de nascimento, como minha família, até

peças mais estudadas ou experientes como professores, líderes comunitários, padres e freiras brasileiros(as) e estrangeiro(as) com os quais convivi e troquei correspondências⁷.

Dessas figuras do trabalho na Igreja, as que mais me marcaram foram a professora e minha madrinha de crisma Valdelice Teixeira, a professora e grande amiga Alvina Gomes, a irmã Paulina Elízia, o Padre Estêvão e o irlandês Padre Paulo com o qual me respondi por algum tempo. A (figura 30) representa um momento importante na vida de um católico (a) praticante da doutrina que é o sacramento da 1ª comunhão.

Figura 30 – Minha 1ª comunhão com Padre Estêvão e irmã Verônica



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

⁷ Carta de Padre Paulo - Anexo D

O padre Paulo foi alguém que viu em mim um futuro, ainda muito jovem, mas eu já era muito integrada no trabalho social da comunidade pela via da igreja que felizmente, era o que existia de apoio para quem tinha missão social.

Eu era para ele uma colaboradora no projeto das Santas missões na comunidade São Pedro, era a ponte entre ele e a comunidade local. Ele via em mim uma jovem missionária, ele sentia que o meu serviço era feito com amor e alegria. Essa foi uma das melhores experiências da minha vida. Tudo o que eu fazia para acolher bem o padre Paulo (figura 31) na comunidade, eu fazia. Eu agendava as visitas dele às famílias do bairro; demarcava em qual casa ele almoçaria e jantaria; escalava pessoas voluntárias para cuidar da roupa dele; eu saía com ele para fazer as visitas e o apresentava para as pessoas que ele conversaria e ouviria seus problemas; dentre outras coisas.

Esse acompanhamento que eu me dispunha a fazer, no período das santas missões, o alegrava muito e ele externava a mim, uma gratidão enorme; expressava sempre um obrigado e um largo sorriso em seu rosto e isso me passava muita paz, amor e o sentimento de que eu era importante para alguém.

Figura 31 – Eu após a missa na Igreja Matriz com Padre Paulo



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Agora eu trabalhava na escola e na igreja junto com o Senhor Antônio da Mata e com dona Alvina Gomes. Juntos, realizávamos muitas ações na escola e na capela. A minha amizade com Seu Antônio continuou até o fim da vida do velho que eu gostava muito e, gostar dele, significava gostar de todos da família como, por exemplo, de sua meiga esposa, a Dona Jomária, que mora no meu coração até hoje. Esta ainda vive, mesmo sem memória, destruída por um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Eu e essa família sempre trabalhávamos juntos em várias ações da Igreja. Dentre essas ações destaco algumas que marcaram a minha vida: a mais importante delas foi o trabalho com o grupo da PAC. Com esse grupo aprendi muitas coisas e procurei ensinar outras que eu acreditava serem importantes para eles. Mas, tudo eu fazia por prazer, o processo de constituição do *habitus* docente ainda não era tão claro na minha cabeça. Parecia que era um mundo

encantado e eu, até ali não complicava nada, era muito mais criativa do que hoje. Ainda não tinha nem mesmo o ensino médio. Não sabia o que era uma universidade. Vivia naquele micromundo interiorano, sem saber do resto da terra.

Com esse engajamento na igreja, recebi de dona Alvina, um convite para substituí-la em suas aulas do ensino fundamental na Escola de Ensino Fundamental e Médio Valdemar de Alcântara, com isso, comecei a ensinar, oficialmente, na escola formal com 17 anos.

Depois da festa da 8ª série, eu pensava que continuaria meus estudos do ensino médio naquele próximo ano, porém, em 1989, com meus 18 anos, minha família resolveu ir embora para o Pará, onde meu tio materno João Batista nos acolheria por um tempo em sua casa no meio de um pimental, próximo da “juqueira” como era chamado esse trecho da floresta densa com seus igarapés e pequenos macacos a pularem de árvore em árvore, na região próxima à cidade de Capanema, distante 160 quilômetros da capital, Belém.

Foi difícil a hora da despedida dos meus amigos e integrantes do grupo da PAC. Eles fizeram uma despedida carinhosa. Os amigos do grupo de jovens da igreja fizeram uma serenata com músicas de nossa roda e outra que me fizeram chorar: “Já está chegando a hora de ir, viemos aqui para dizer Adeus...”. No Pará, não foi fácil para minha família que agora se compunha de papai, mamãe, meu irmão Tobias Feitosa e sua primeira esposa, Lúcia de Sousa, sua filha Eveline Teixeira e eu. Minha irmã ficou no Ceará por causa de seu emprego, meus outros irmãos migraram para o estado de Rondônia à procura de melhores condições de vida. Nenhum de nós se adaptou à realidade paraense, com a falta de perspectiva de trabalho para os homens fora da agricultura, a qual só renderia mais recursos a longo prazo, caso se fizesse uma plantação de pimenta ou de mandioca, que eram as principais culturas da região.

Só havia uma forma de ganhar dinheiro semanalmente para, pelo menos sobreviver, era o trabalho de diarista nas plantações de pequenos proprietários, com condições um pouco melhor que a nossa realidade econômica. Vendo a necessidade de minha família, eu tentava não ficar parada, e, certa vez, chamei a minha prima para trabalhar comigo como diarista tirando a mandioca “puba” de dentro de um buraco cheio de água, próximo do Igarapé, essa era a forma de preparar a mandioca para fazer a farinha d’água. Como ela ficava vários dias dentro da água, tinha um odor ruim e deixava as mãos com odor desagradável por alguns dias.

Era um trabalho mal visto pelos jovens da localidade. Mas eu passei um dia fazendo isso para ganhar algum dinheiro e ajudar na alimentação da minha família. Lá eu fiquei sem

estudar, porque só havia escola de ensino médio distante oito quilômetros do espaço rural onde eu morava. Então como permanecemos sete meses lá, perdi um ano de estudo.

Sobre entretenimento, naquele local desolado, a única diversão que eu tinha na semana era assistir à novela, à noite, na casa do vizinho e para isso eu andava um quilômetro a pé com minhas primas que tinham a mesma idade que eu, 18 anos. No fim de semana, nosso lazer era acompanhar o jogo de futebol no campo do meu tio.

Depois de vivermos três meses, praticamente às custas do tio João Batista, pois meu pai ainda não tinha se estabelecido, demoraria para que isso acontecesse; e assim, meu pai somente ajudava ao tio João em seus trabalhos na agricultura, vivendo com alguns alimentos comprados com o dinheiro de nosso parco patrimônio, vendido a baixíssimo custo.

Lá, dormíamos em redes próximas umas das outras, tirando toda a privacidade da família, e isso nos causava certo constrangimento, por isso meu pai construiu um barracão, sem cômodos, para recomeçar a nossa vida naquele espaço longe de tudo que se pensa ser a civilização. Essa construção era dividida ao meio, de um lado ficava meu irmão Tobias Feitosa e sua família – o qual depois que casou sempre morou mais de uma década conosco – e do outro lado, ficávamos eu e meus pais.

O clima não nos agradava e somado ao fato daquela casa não ter compartimentos, à noite sofríamos muito frio e de dia muito calor quando o sol batia no telhado de amianto. Diariamente, depois do meio dia, do calor intenso, caía uma forte chuva e quando ela cessava, vinham os mosquitos que se alimentavam bastante do meu sangue. Minhas pernas não tinham um lugar sem feridas, em consequência do processo alérgico que as picadas dos insetos ocasionavam. Para nós cearenses, acostumados com um clima mais estável, isso era um horror. Toda tarde eu vestia uma calça comprida para me proteger das carapanãs.

Como eu gostava de vendas, minha amiga Zulmira Nunes, advogada e costureira de lycra me ofereceu uma sacola de roupas de praia para demonstração. Eu teria que demonstrar em lojas da cidade de Capanema e/ou outras e enviar para ela os pedidos das lojas no modo atacado, receber o produto e entregar. Porém, como disse, a distância de Capanema, onde havia muitas lojas, desfavoreceu a continuidade desse empreendimento.

Após dois meses, fui a Capanema com o intuito de iniciar o projeto de sociedade com minha amiga, e ainda visitei umas três lojas, em que seus donos ficaram bastante interessados pelos modelos e pelo preço, no entanto, não tive tempo de fechar as encomendas, devido eu andar

em carro de horário (caminhoneta) de beira de estrada o qual levava outros passageiros e com hora marcada para retornar pra Colônia (como era nomeada a zona rural lá). Voltei para casa muito desanimada e frustrada concluindo que naquele lugar eu nunca cresceria na vida.

Resolvi então vender as amostras nas poucas casas das colônias próximas da que morávamos. Para isso, pedi a bicicleta do meu primo e fui com minha prima tentar vender, acabei vendendo boa parte dos produtos e usei o dinheiro das vendas das malhas para comprar comida, pois as dificuldades eram diversas.

Eu estava ciente de que teria que voltar para o meu Ceará. Em momentos de melancolia, toda tardinha ao pôr-do-sol, eu e minha mãe íamos para o quintal, abraçadas e olhávamos para o sol se pondo e era como se na direção do sol, víssemos o Ceará e, ali, contritas, fazíamos uma prece a Deus para voltarmos. Essa saudade invadia todos nós, e assim, meu irmão Tobias decidiu voltar antes de nós e isso foi uma força para meu pai também voltar. Deus atendeu as nossas preces e voltamos para nossa terra natal, cheios de esperança para recomeçar a vida novamente, sem pensar mais em problemas, com uma fé imensa. Ao chegarmos, fomos acolhidos pelos nossos amigos com muito afeto.

A volta foi maravilhosa, pisar novamente o chão cearense, rever as pessoas que havíamos deixado, enfim, voltar para o berço de onde nunca eu quis sair era para mim algo sem preço, mas carregados de desafios, pois se tratava de um novo começo. Eu nem pensava nas dificuldades que ainda passaríamos para conquistarmos novamente nossa casa e as terrinhas do meu pai plantar.

Porém, chegou um momento depois da euforia do retorno que bateu um pouco de tristeza, pois não podíamos mais ter a nossa casa de volta, nem os móveis dela, nem os lotes da beira do açude, foi um momento muito difícil e de muitas privações. Mas eu, meu pai e minha mãe, juntos, “arregaçamos as mangas” e fomos brigar pela vida para ela melhorar: alugamos uma casa, pedimos ajuda a Dona Alvina Gomes, diretora da minha primeira escola e amiga da nossa família. Ela nos deu mesas e bancos quebrados da escola para o meu pai consertar. Pedi ajuda aos comerciantes do meu bairro, Senhor João Marcelino Basílio Alves que me deu frangos para vender abatidos e pagar no apuro, e seu Gonçalo me emprestou uma balança para pesar os frangos. Com esse minúsculo empreendimento de subsistência, consegui ganhar um dinheirinho para comprar feijão, arroz, pão e os miúdos que sobravam das galinhas no fim do dia, minha mãe fazia uma sopa para o jantar.

Vendo minha situação, minha amiga Zulmira Nunes me levou para morar com ela em Fortaleza com o intuito de me ajudar a estudar e trabalhar como ela havia feito em sua vida, na juventude, também difícil. Pautada em sua experiência, pediu a seu irmão para me levar para fazer um teste de admissão em uma fábrica do ramo de confecções chamada Guararapes. Ao fazer o teste psicotécnico, fui reprovada. Fiquei ainda dois meses na casa dela, mas depois decidi voltar pra Pentecoste.

Dona Alvina, sempre muito envolvida com os problemas das principais famílias do bairro, se mobilizou pra nos ajudar e fez da forma mais acertada que havia: como ela já conhecia a minha competência por algumas vezes tê-la substituído em suas aulas e pelos meus trabalhos realizados na comunidade, não hesitou em me contratar para trabalhar como professora na escola em que eu havia estudado e isso me impulsionou a trilhar o caminho da docência como profissão, logo em minha tenra juventude, aos 19 anos, (figura 32) como demonstrado na figura 30 em seguida.

Foi a melhor coisa que me aconteceu naquele momento de crise a qual, na época, não sentia tanto como agora posso imaginar. Agora eu estava feliz, empregada e diante de uma sala de aula. A preparação prévia era a experiência nos estudos fundamentais com meus professores, minha atuação no ensino religioso e os momentos em que substituiria Dona Alvina em suas necessidades.

Figura 32 – Eu, professora aos 19 anos



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nesse tempo, início dos anos de 1990, ainda não havia concurso público no meu município, assim, eu havia sido contratada pela diretora, com o aval do prefeito. Comecei a conhecer o sabor de ganhar o próprio dinheiro e aí pude voltar a estudar no primeiro ano do ensino médio na mesma escola, João XXIII e pagar eu própria, a minha mensalidade.

Antes dessa experiência, por volta de 1985, em meus 14 anos, eu já havia tido uma oportunidade de ensinar em uma creche comunitária que funcionava em nossa própria casa, mantida por aqueles políticos que chegavam ao município querendo ajudar com interesse de criar bases eleitorais nessas comunidades interioranas. Como eu já era conhecida pela minha liderança

precoce na igreja, me procuraram para assumir o projeto da creche. Aceitei, mas sob a tutela de minha irmã Odete, pelo fato de eu ser menor de idade.

Voltando desse *flashback* em minha história, depois retorno o meu engajamento no trabalho comunitário no ensino bíblico da igreja, na preparação das liturgias, na organização da catequese, preparando crianças para a primeira comunhão, ao passo que realizava os encontros da campanha da fraternidade nas casas e, ainda tinha, semanalmente, o encontro com as crianças e os adolescentes da PAC.

Na (figura 33), as crianças e adolescentes que fizeram a primeira comunhão, depois de serem preparadas por mim são, em parte, as mesmas que fizeram parte do grupo da PAC. Com esse grupo, aprendi muitas coisas e essa experiência foi mais uma das melhores em minha vida.

Em 1991, como meu salário de professora era muito baixo, eu procurava ampliar essa renda, e nessa busca, eu soube que sairia em 1991, o concurso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para trabalhar no recenseamento da população. Eu acreditei, fiz e fui selecionada para trabalhar recenseando as pessoas de minha comunidade. Esse fato chamou bastante atenção na minha comunidade, pois naquela época, essa era uma grande conquista. Eu amei o trabalho porque sempre gostei de visitar os amigos, de interagir com as pessoas e essa foi uma oportunidade para conhecer todas as famílias da comunidade, pois antes eu só conhecia os idosos a quem minha mãe dava a hóstia consagrada comigo.

Paralelo ao meu trabalho na escola, fiz o trabalho do Censo 1991⁸. No final, recebi o dinheiro todo de uma vez e com esse recurso ajudei a minha família na construção de um banheiro em nossa nova casa. O restante do recurso, investi em confecções para assim eu criar um pequeno negócio e aumentar minha minúscula renda de professora do município, realidade injusta, antes dos programas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) e Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB).

Figura 33 – Eu e meus alunos da primeira comunhão e PAC

⁸ Crachá de identificação da recenseadora Ana Maria - Anexo E.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A nova casa de meus pais ficava à rua atrás da avenida onde morávamos antes da viagem ao Pará. Essa localização geográfica dizia muito, pois havia certo preconceito em morar na rua de trás, mas naquelas circunstâncias o que nós queríamos mesmo era termos o próprio teto. Papai fez uma casa de taipa muito simples e rústica, longe da iluminação pública, com isso passamos mais de dois anos sem energia elétrica. Com a volta da família e o reequilíbrio, aos poucos, fomos nos reerguendo, dois dos filhos que tinham ido para Rondônia voltaram: Francisco Feitosa, dedicado ao ramo de negócios voltou para Pentecoste onde passou a trabalhar para conseguir de volta seu comércio e Francisco de Assis, policial concursado de Rondônia, que conseguiu sua transferência para a polícia militar do Ceará. Israel Feitosa, policial concursado no Estado de Rondônia, permaneceu lá em toda sua carreira.

Devido ao fato de eu gostar de interagir na comunidade, nas famílias, nos grupos, nas festas populares, encontrei muitos amigos que me influenciaram a valorizar os estudos e a seguir a minha carreira profissional. Por ter sido alfabetizada tardiamente, perdido um ano, fora da escola, no Pará, considerei fazer um curso de Educação de Jovens e Adultos profissionalizante em Pedagogia, denominado na época de Logos II (Curso de Habilitação para Professores Leigos),

que existia em Pentecoste. Assim, decidi deixar a escola regular e fazer esse curso na tentativa de caminhar mais rápido e estudar algo mais significativo e coerente com o meu trabalho de professora. As palavras de incentivo de Manoel, meu namorado na época, hoje esposo, ajudaram-me nessa decisão.

Neste curso dei meus primeiros passos rumo à autonomia intelectual e a buscar aprendizagem em minha profissionalização. Foi uma experiência positiva, pois havia muita flexibilidade; eu fazia as provas no meu ritmo e como eu estava muito estimulada, fazia tudo muito rápido e me escolarizei em menos tempo, mesmo com certas dificuldades, pois eu estudava à luz de lamparina. Como resultado disso, toda vez que eu concluía os estudos daquela noite eu tinha que lavar minhas narinas pretas da fuligem do querosene queimado. Além disso, andava mais de um quilômetro de bicicleta para realizar as provas no turno em que eu não estivesse em sala de aula.

Em 1990, na atuação da Associação de Trabalhadores em Educação do Município de Pentecoste, falada antes, eu, atendendo ao convite de meu amigo Pedro Firmiano, hoje falecido, não faltava as reuniões que, para mim, eram importantes para a nossa luta por melhorias da educação em nossa cidade e pela valorização da categoria de trabalhadores da educação. Eu morava longe do local de reunião da Associação, mas Pedro me levava de bicicleta para as assembleias, aos sábados.

Era difícil conquistar adeptos para a causa, pois os professores temiam o prefeito da época, que não gostava de ver a classe se organizando para reivindicar seus direitos. Fui muito corajosa, pois sendo nova no emprego, e sem nenhum amparo legal e nem garantia de permanência no trabalho, fui uma das pioneiras nas lutas associativas por melhores condições de salário para a categoria, dentre outras reivindicações.

Durante meu namoro com Manoel Andrade, ele se tornou também um colaborador do meu trabalho social e, ao juntar nossos propósitos, surgiu então um novo momento formativo e definidor da minha vida profissional – a construção de várias práticas sociais que delineariam os anos de 1990/1991.

Manoel patrocinava viagens e incentivava as ações desse grupo – uma das viagens que fizemos foi a subida ao serrote do Tamanduá, momento em que interagimos muito, aprendemos sobre a vegetação, nos exercitamos, fizemos um lanche no topo do serrote e uma foto para a posteridade, exposta na (figura 34) com os amigos Adriano Andrade, Pedro Firmiano e o grupo.

Esse registro foi feito por Manoel Andrade, com sua inseparável câmera fotográfica. No grupo, eu fazia uma leitura bíblica e tínhamos uma reflexão, depois podíamos brincar e cantar várias cantigas de roda e brincadeiras populares da época, retiradas dos baús da nossa experiência de vida, além disso, realizávamos vários tipos de enquetes a partir dos talentos artísticos das crianças e adolescentes como, por exemplo, fazíamos uma *performance* inspirada em um famoso programa da TV Globo, a escolinha do Professor Raimundo – programa humorístico de Chico Anísio que fazia muito sucesso na década de 1990.

Figura 34 – Nós (Eu, Adriano, Pedro) e o grupo da PAC no Serrote Tamanduá



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Aos sábados, quando o Andrade vinha ao meu encontro, passava primeiro na Capela de São Pedro, onde eu estava com esse grupo e então ele esperava que eu terminasse as atividades com as crianças para podermos ir para a minha casa. Além do trabalho social, tínhamos momentos de lazer e educação e esse tempo de lazer ocorria aos fins de semana, nos campos de futebol com vistas à educação comunitária, no sentido de desconstruir uma cultura de violência

nos campos de futebol, alimentada pelo alcoolismo e pelos conflitos gerados nos jogos competitivos. Eu e minhas amigas formávamos a torcida organizada ao redor do campo, e isso agradava muito a todos: jogadores, donos de times e outros torcedores.

Além do trabalho e lazer nos campos de futebol que comecei a ir com Manoel Andrade, em 1991, me envolvi diretamente com a campanha eleitoral de Adriano Andrade, irmão de Manoel Andrade, para vereador em Pentecoste. Ele construiu uma candidatura mais à esquerda, e isso nos seduziu a “arregaçar as mangas” e a trabalhar pela sua eleição. Como eu pertencia ao grupo de professores (as) da ATEMPE que se mostrava mais consciente, politicamente, da situação de opressão pela qual passávamos, recebemos ameaças e censura ao Programa de Rádio.

Nosso grupo queria trazer emancipação para o município que sofria uma má gestão pública, com governos corruptos e ditatoriais. Nunca estivemos satisfeitos com essa forma de governo em nossa cidade por se pautarem em velhas práticas. Tendo vivido momentos de muita indignação pelas injustiças por nós sofridas, eu me envolvi bastante na campanha eleitoral dele, mobilizando minha família e amigos próximos de minha comunidade para votarem nele. Apesar do nosso esforço e de todo um trabalho comunitário de envolvimento diuturnamente de Adriano, ele não ganhou a eleição.

Nesse caminhar de professora, sempre sonhava com um curso superior e quando conheci o Manoel Andrade, ele me perguntou se eu havia pensado em fazer universidade e eu respondi que sim, então ele quis saber qual curso eu faria e eu disse: “sociologia!” E ele me corrigiu: “Ciências Sociais, não é?”, pois bem, eu fingi que entendi, mas na verdade, não sabia direito dessas divisões das ciências. Essa foi uma das primeiras conversas que tivemos quando nos conhecemos. Eu pensava em estudar nessa área devido eu gostar muito de trabalhar com pessoas na minha comunidade e por ter gostado muito de estudar os módulos de sociologia do Curso Logos II.

Desde o dia em que Manoel me falou sobre a universidade, eu não parava de sonhar nesse horizonte que se abria em minha vida. Mas antes dele, veio a conclusão do ensino médio profissionalizante. Agora eu concluíra uma etapa importante em minha vida, era professora, oficialmente, com direito a lecionar da 1ª à 4ª série do ensino fundamental em todo território brasileiro. Eu estava feliz, mais um degrau na minha vida profissional, com perspectiva de continuar meus estudos na universidade.

Após essa vitória, em 1992, ocorre meu casamento, demonstrado na (figura 35), com Manoel Andrade. Então mudei para Fortaleza, saí da escola e passei pela separação de meu mundo interiorano. Meus primeiros meses em Fortaleza foram tristes, uma saudade imensa de meu micromundo, onde me sentia integrada e pertencente. Depois do sofrimento da adaptação em um novo espaço, passei a incorporar o *ethos* da vida corrida da cidade e iniciei vários cursos na área de Língua Portuguesa, seguindo a orientação de Manoel Andrade, pois segundo ele, na área do Português, eu poderia ajudar mais aos estudantes de nossas comunidades rurais.

Meu casamento foi muito importante, pois casei com uma pessoa muito incentivadora e que me motivava sempre. Manoel Andrade nunca foi empecilho para a minha carreira profissional, ao contrário, foi um colaborador, amigo, companheiro e professor.

Figura 35 – Meu casamento com Manoel Andrade pelo Pastor Áureo de Oliveira



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Logo depois que mudei para Fortaleza, no início, era muito bom retornar todo fim de semana para ver a minha família e trabalhar nos projetos antecedentes ao PRECE que, inicialmente, era a coordenação da creche da ACOMPARRCC. Com mais cinco meses as coisas começaram a ficar difícil devido eu estar grávida da minha primeira filha Alzira Gabriela, e dessa

forma, a viagem de moto tornava-se uma perigosa aventura, por causa da minha barriga de oito meses. Depois de um ano nessa pedagogia do retorno, nossa trajetória teve um clímax, em 1994, quando nossa vida comunitária me proporcionou viver a experiência do PRECE com o Manoel Andrade; desse modo, iniciamos juntos, o trabalho social no PRECE, como já dito, uma ousada iniciativa em educação e resistência em busca da inserção do estudante popular na universidade.

Ademais, concomitante ao estudo e ao trabalho no PRECE, eu tive a minha primeira filha Alzira. Porém, apesar da minha condição de mulher recém-casada, em fase de constituir família, eu não podia perder a oportunidade de, ao mesmo tempo, me dedicar também aos estudos da faculdade, algo negado a mim antes, bem como a muitas mulheres do meu contexto.

Dessa forma, em Fortaleza, nos anos de 1994 e 1995 passei a fazer vários cursos no SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e em seguida fui para o IMPARH (Instituto Municipal de Pesquisa Administração e Recursos Humanos). No IMPARH fiz o curso de português e iniciei o de inglês, não concluindo este por um acúmulo de atividades, além do trabalho com as minhas duas filhas.

Participava de seminários literários e congressos de linguística, dentre outras atividades relativas à área de atuação em educação, literatura e linguística. Em um desses seminários literários, como estudante pré-universitária, conheci, pessoalmente, a Rachel de Queiroz (figura 36), momento em que tirei uma foto com ela e peguei seu autógrafo no meu livro *O Quinze*, para mim, uma relíquia.

Figura 36 – Encontro com Rachel de Queiroz nos seminários literários da Letras/UFC

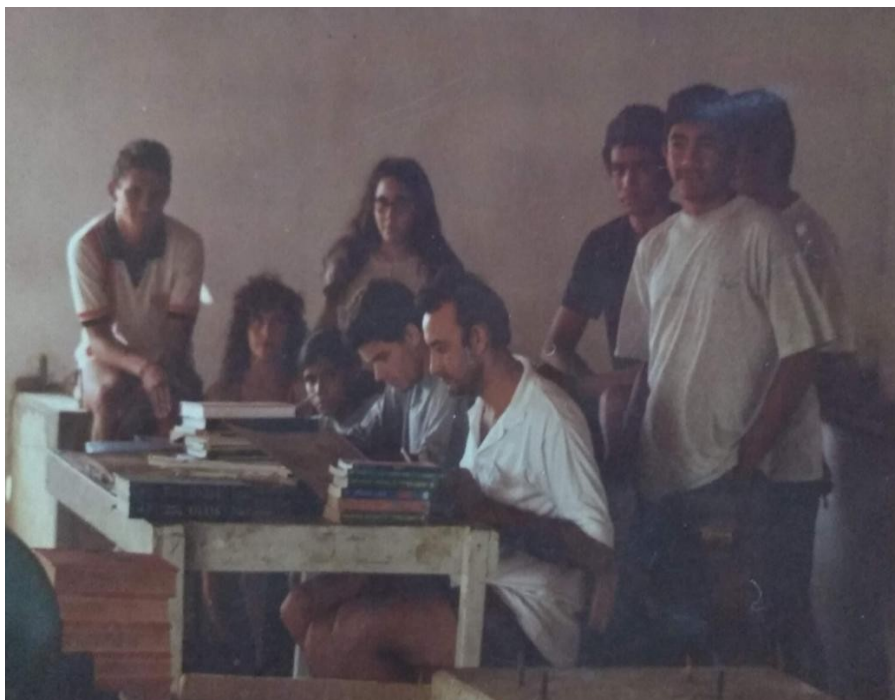


Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Depois, fui para as casas de cultura da UFC e lá fiz todos os cursos de Português e iniciei o de Inglês na Casa de Cultura Britânica, e, mais uma vez, não concluí. Os cursos que fiz na área da linguagem me deram a base necessária para ajudar os sete primeiros estudantes do PRECE. Com esse projeto social, começamos mais uma caminhada de luta pelo desenvolvimento de nossas comunidades através da educação que transforma e liberta as pessoas da ignorância e da dependência política.

A participação nesses cursos de extensão da UFC foi que fortaleceu a minha vontade de cursar Letras. Assim, me estimulava para me preparar melhor para o vestibular dessa universidade, aos fins de semana com os meus amigos do PRECE, como demonstrado na (figura 37).

Figura 37 – Eu no primeiro grupo de estudo do PRECE



Fonte: Arquivo pessoal de Manoel Andrade

Nos estudos com os primeiros estudantes pude contribuir com a leitura e a escrita, pois eles tinham dificuldade nessa parte. Nesse período, eu era a monitora de Língua Portuguesa deles e trabalhava redação e literatura.

Em minha trajetória de professora, desde muito jovem, somada ao apoio e orientação do Manoel, fui adquirindo certeza da minha escolha pelo curso de Letras e, desse modo, me envolvi, mais fortemente, dentro da dinâmica da primeira célula de estudo do PRECE de 1994-1999, principalmente aos fins de semana junto com Toinho, Noberto, Francisco e Beto. Eles me ajudavam nas disciplinas de Matemática, História, Química, Física e Biologia. Estudávamos ouvindo um dos sete estudantes dando uma aula expositiva, ou outras vezes, em grupo ou participávamos de aulas expositivas de professores convidados pelo professor Manoel Andrade. Nesse período, fui monitora, articuladora e coordenadora de grupos de estudo no PRECE, realizando a “pedagogia do retorno” porque durante a semana, eu estava em Fortaleza.

Depois de graduada, continuei fazendo esse trabalho voluntário, crendo eu, estar contribuindo para a transformação da nossa realidade de estudantes de baixa renda. Os amigos e estudantes pioneiros tinham muitas dificuldades com o estudo e prática de leitura e escrita, assim

como eu tinha sofrido antes de encontrar as minhas saídas por meio do desenvolvimento em grupos sociais da igreja os quais me oportunizaram obter relações que me levaram ao trabalho de professora do município, episódio narrado anteriormente.

Dessa forma, tendo já enfrentado situações iguais as deles, logo fui me identificando e passamos a nos ajudar a partir de nossas fortalezas e fraquezas, ou seja, minha fraqueza em determinadas disciplinas era a fortaleza de outro e vice-versa. Com isso, fomos crescendo em objetivos comuns, como relatei acima como cada um se ajudava.

Em Fortaleza, morávamos em um pequeno apartamento de 42 metros quadrados que tinha apenas dois quartos e uma sala com dupla função (jantar e de estar), mas apesar disso, em 1995, duas amigas minhas vieram morar comigo para estudarem e fazerem faculdade, eram a Rosiane, filha de Rosinha, minha alfabetizadora e Marcilene, ambas participantes da PAC. Eu as orientei a fazerem o curso de Português do IMPARH e a estudarem em casa para o vestibular.

A acomodação da família e agregadas era distribuída em um quarto pequeno para essas amigas que moravam comigo; o outro, um pouco maior para a minha família, eu, meu marido e minhas duas filhas pequenas. Além de nós, vez ou outra vinham alguns dos sete primeiros estudantes do PRECE fazerem suas provas da EJA - Ensino Médio. Eles dormiam em colchonetes espalhados pela sala. O Francisco Antonio (Toinho) permaneceu três meses estudando para o vestibular. Na hora do almoço, como a mesa era pequena, todos sentavam pelo chão com seus pratos. Enfim, era um verdadeiro calor humano por todos os lados de minha vida e isso me trazia satisfação, apesar dos momentos de dificuldades.

Manoel e eu estávamos sempre rodeados de estudantes em nossa rotina familiar e éramos impulsionados pelo sucesso do PRECE, que se constituía como se fosse nosso próprio sucesso. Às vezes reflito que talvez houvesse uma projeção do nosso eu, algo que a psicologia deve explicar. Esse crescimento do projeto fez com que Manoel e eu alugássemos uma casa duplex para ampliar o espaço e, assim, caberia mais gente conosco. Na casa nova, vieram mais duas pessoas morar conosco para estudar. Hoje, ao contar a minha/a nossa história de vida, vejo que muitas de nossas decisões, na época, eram movidas levando em consideração as necessidades do grupo do PRECE que escolhíamos serem também as nossas.

Quando resolvi prestar vestibular pela primeira vez em 1997 estava muito otimista e achava que passaria logo de primeira, o que não aconteceu. Fiquei revoltada com Deus, foi mais um momento difícil. Depois que superei a decepção da reprovação, recomecei os estudos que

eram sempre diários. Eu usava os fins de semana para trabalhar no PRECE, dependendo das particularidades de cada projeto. Nesse movimento, sob o desejo de entrar na universidade, assim como todos os estudantes precisas, eu também já estava ansiosa para fazer vestibular novamente. Foi assim que em 1998, fiz o vestibular novamente e mais uma vez não passei, mas a reação foi melhor. Eu estava na igreja arrumando algo para levar para um culto campal na casa de um membro na comunidade de Tamarina, quando me deram a notícia de que somente o Adriano Sérgio e José Noberto tinham sido aprovados. Do fundo do meu coração, eu me senti muito feliz por meus amigos terem sido aprovados porque eu havia caminhado com eles e sabia o quanto cada um se esforçou para obter aquela vitória.

Naquele dia eu sabia que ainda não era o meu tempo de entrar na universidade, talvez o sábio maior entendesse que eu não estava preparada e que o meu dia de vitória chegaria como o de todos os companheiros que caminhavam conosco naquela jornada de estudos. No culto, eu estava muito em paz comigo mesmo e sem nenhuma revolta com Deus, era como se Ele tivesse passado um bálsamo em minha cabeça que anestesiou de qualquer tristeza o meu espírito. Quando no culto abriram a oportunidade para testemunhos eu fui e falei da vitória dos meus dois amigos e disse que mesmo eu não tendo passado, eu não estava me sentindo derrotada e finalizei a minha fala, cantando um louvor de título: “Derrota não é coisa de cristão”.

Tínhamos voltado para nosso pequeno apartamento em 1999 e estava uma situação difícil para eu estudar, pois eu tinha duas crianças com idade de cinco e três anos querendo brincar o tempo todo em um espaço muito restrito. Então tive a ideia de passar três meses em Cipó para poder focar mais nos estudos e assim conseguir entrar na universidade. Conversei com o Manoel, com Dona Fransquinha, minha sogra, para ficar na casa dela e todos concordaram com o meu plano. Fomos eu, minhas filhas Alzira e Alice, minha amiga Luiza, que me ajudava a cuidar das crianças e minhas amigas Marcilene e Rosiane, as quais também prestariam vestibular naquele ano. Lá nos reuníamos para fazermos nosso horário de estudos, de comer, de ouvir os debates da *AM* do O POVO, de cochilar, de caminhar no trajeto da beira d’água, e de irmos à igreja à noite. Eu resolvi fixar nas paredes de meu quarto, muitas frases de estímulo retiradas da Bíblia e do livro do Lair Ribeiro *Como passar no Vestibular*, de 1997.

Nos vestibulares anteriores, eu tinha problemas com a redação devido ao fato de eu não praticar muito, talvez porque eu assumia o papel de professora de redação do PRECE, vivia corrigindo a redação de todos os estudantes, então eu pensava que assim, eu teria um bom

resultado, no entanto, eu precisava não somente ensinar, mas fazer redação. A experiência da baixa nota nos vestibulares anteriores me conscientizou de que, dessa vez, eu teria que praticar muito mais que antes e assim, comprei um caderno e quase o preenchi de redações. Nunca me disciplinei tanto em minha vida, com um foco: fazer uma ótima redação e passar no vestibular.

No fim do ano, fui vitoriosa e passei para o curso de letras da UFC, logo para o primeiro semestre, tirando uma ótima nota na redação – 7,6. Poucos dias depois que soube da minha aprovação, descobri que estava grávida de minha filha caçula Ana Ester.

O primeiro ano de faculdade não foi fácil por conta da gravidez e, posteriormente, no acompanhamento da amamentação da Ester, ainda pequena. Tive que trancar algumas disciplinas e fazer prova no resguardo para diminuir o meu tempo fora de casa; e quando eu ia para a faculdade, deixava leite materno na geladeira para a Ester. Na graduação, nunca deixei de dar aulas no PRECE, todos os fins de semana. Iniciei o curso em 1999 e concluí em 2003. Sem dúvida, tudo para mim, vinha se apresentando sempre como um grande desafio a ser enfrentado. E Deus, sempre comigo, assim eu creio, por isso fiz das palavras bíblicas uma regra de fé: “Tudo posso naquele que me fortalece” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 1164).

O desafio da faculdade e de criar filhos, tudo ao mesmo tempo, era, com certeza, maior que o vestibular, mas eu nunca estive tão estimulada como naquele ano que eu consegui chegar à universidade. Além da faculdade, eu trabalhava na igreja de Cipó com as crianças e, para me aperfeiçoar no ensino bíblico, a igreja pagou um curso de evangelização de crianças na instituição Aliança Pastoral de Evangelização de Crianças (APEC). Eu ia de ônibus, grávida todos os dias pela manhã para a faculdade e a tarde para o curso que durou oito meses. Entendi um pouco mais sobre Jesus, e havia questionamentos que surgiram do contato com a igreja evangélica e que até então me inquietavam e que o curso esclareceu. Foi um momento importante para minha relação com Deus.

Em 2004, a convite do meu amigo Francisco Antonio, fui trabalhar na coordenação de dois projetos do PRONERA (Programa de Educação na Reforma Agrária). Nesses projetos, trabalhei dois anos na formação de professores rurais, como exposto na (figura 38). Tratava-se de uma parceria entre o MEC (Ministério da Educação), o MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), e a FETRAECE (Federação dos Trabalhadores(as) Rurais do Estado do Ceará) e a UFC. Além desses, ministrei a disciplina de Português no curso de Pedagogia da Terra, em regime especial. Essa experiência foi importante em minha carreira docente e para meu currículo.

Figura 38 – Eu no trabalho de formação de professores do PRONERA



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A fotografia acima representa um momento de formação com educadores e educadoras do campo nas cidades do interior do Ceará que participavam do PRONERA. Nesse mesmo ano, fundamos a Associação Escola Popular Cooperativa Ombreira, com sede própria, que é um dos prédios do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), cedida sob a direção do Dr. Pedro Eymar. Lá, eu e Rosinha Araújo, iniciamos um projeto pioneiro com as crianças da comunidade de Ombreira Esquerda, onde cresci. Com o aumento da demanda, juntou-se a nós Jorge Araújo. Ele tinha experiência em trabalhar com meninos de rua em Fortaleza. Depois veio Maria Marcilene, minha amiga e afillhada, nascida nessa comunidade e líder precista. A história da EPC Ombreira será discutida mais profundamente adiante.

O PRECE, conforme falei antes, a partir de 2003, saiu dos limites de Cipó e ganhou outras comunidades pela ação de novos estudantes, impregnados pela pedagogia do exemplo dos seus antecessores. As EPC foram gestadas pelos próprios estudantes, muitos deles foram se construindo, muito cedo, mestres de novos discípulos que chegavam a cada ano.

Mas por que preciso falar o que foi e o que é o PRECE? Porque parte significativa da minha vida foi construída nesse movimento. A minha escolha pela docência se deu muito antes desse projeto social, mas foi nele que decisões importantes da minha vida acadêmica e profissional foram ficando mais conscientes e mais claras.

A minha opção pelo curso de Letras foi motivada a partir da perspectiva desse trabalho social e muitas outras decisões importantes, diante da vida, os meus valores, crenças e modos de viver. Todos esses receberam uma influência exponencial dessa experiência educacional. Não somente em mim, mas em conversas com meus amigos pioneiros e outros precistas que vieram depois dos sete, chegamos à conclusão de que existe algo que eu posso chamar de a formação de um *habitus* precista.

Em 2004, iniciei a implementação da Escola Popular Cooperativa Ombreira, na minha comunidade, juntamente com Manoel Andrade e outros líderes ligados ao PRECE, história relatada à frente, junto com outras experiências educativas feitas por mim.

Em meados de 2004 e 2005 fiz o curso de especialização em estudos Literários e Culturais e escrevi minha monografia sobre os escritores Jader de Carvalho e Graciliano Ramos. Depois fiz pela primeira vez a seleção para o mestrado em Literatura Brasileira, em que passei na prova, mas não consegui passar na entrevista. Era um sonho que acabou na entrevista pelo fato do meu projeto estar mal elaborado. Hoje vejo que eu era muito imatura para ser pesquisadora. No primeiro semestre de 2006, o Andrade estava planejando sua viagem de Pós-doutorado nos Estados Unidos e disse para mim: “se você não passar no mestrado, nós vamos para os Estados Unidos para eu fazer meu Pós-doutorado” e foi o que aconteceu.

Nos Estados Unidos, fomos morar na cidade de *Iowa City* onde tínhamos bons amigos. Eles eram líderes da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, leste desse estado. Com muito amor, se prontificaram a nos apoiar no ano em que moraríamos lá. Eles foram geniais, agiram como anjos enviados por Deus. Chamaram outras lideranças do presbitério para ajudarem em nossa mudança, alugando e mobiliando uma casa para nós, porque com nosso inglês limitado, tratar dessas burocracias seria um sofrimento, assim, eles pensaram tudo por nós, mobilizaram as igrejas da cidade de *Muscatine* e outras para nos ajudar, foi algo divino, um trabalho missionário e de amor fraternal. Todos que nos ajudaram em *Iowa* tinham visitado o Cipó e conhecido o nosso trabalho social no PRECE ou ouvido falar.

Eles organizaram a casa, conseguiram doações de móveis, roupas de cama, tudo o que era preciso. Foram nos esperar no aeroporto e quando chegamos na casa, ficamos encantados com tantos detalhes, cuidados e solidariedade. A cada cômodo que entrávamos havia uma surpresa. Antes de nossa viagem, que foi no segundo semestre de 2006, houve um encontro organizado pela liderança do PRECE no Cipó. E toda a comunidade precisa, entre estudantes pré-universitários, graduados, colaboradores e suas famílias se reuniram no estudantório “Sombra do Juazeiro” para se despedirem de nós, pois só retornaríamos no segundo semestre de 2007. Saímos felizes pela festa de despedida e cientes de que apenas íamos aprender mais para voltar para o nosso país e continuar o nosso trabalho na educação, de forma melhor e com mais experiência.

Lá, passei por problemas decorrentes do pouco conhecimento da língua inglesa. Antes da viagem, eu tentava estudar inglês, mas não conseguia devido a correria da especialização e estudos para a seleção do mestrado. As meninas também sabiam muito pouco, somente o Andrade tinha um inglês melhor. Assim, sofremos um pouco porque não sabíamos falar com os vizinhos. Quando o inverno trouxe o frio, apesar do aquecedor, sentimos dificuldades para nos adaptar com o clima, apesar de esse ter sido um inverno menos frio, segundo nosso amigo Gilbert Dietz. Houve pequenas tempestades no inverno e não sabíamos muito bem como nos proteger. No início, as meninas choravam porque não queriam ir à escola com medo do novo, do desconhecido e também por ainda não saberem se comunicar em inglês. Mas para minimizar o sofrimento delas, creio eu, Deus enviou, uma brasileira, estagiária do curso de pedagogia para a escola delas e essa pessoa ajudou muito nossas filhas a se sentirem melhor na escola.

Lá, eu fazia comida para a família, às vezes deixava o Andrade na Universidade de *Iowa* no carro que, gentilmente, nosso amigo David Jiruska nos emprestou durante aquele ano, outras vezes, pegava as meninas na escola quando saíam mais cedo. Um objetivo que imputei a mim, era o aprendizado do inglês, assim, fiz dois cursos não pagos nas igrejas de lá e, às vezes, participava de estudos bíblicos na Igreja Presbiteriana de *Iowa City*, onde nos congregamos durante nossa estadia lá. Depois de mais ou menos um mês que eu estava lá, certa vez, alguém bateu em minha porta; fiquei um pouco apreensiva antes de abrir, pois pensava no que falar com a visita estranha se eu não sabia falar quase nada em inglês, mesmo assim, acreditando que tudo daria certo e que eu me sairia bem, abri a porta. Era uma senhora testemunha de Jeová com uma Bíblia na mão. A mulher me inspirou confiança e fiquei aliviada pelo modo simpático e interativo

como conversava, inicialmente em espanhol. Ela era de Filipinas, mas naturalizada americana, casada com americano. Naquele dia, ganhei uma amiga e professora de inglês, pois ela passou a me visitar, semanalmente, para me falar da Bíblia em inglês. Como eu sempre gostei de religião e, naquele momento, aprender inglês era meu principal objetivo, juntei as duas coisas e foram muito bons nossos encontros. Antes de voltar ao Brasil, essa amiga e sua família serviram um jantar de despedida. Ela me ajudou muito, tanto no aprendizado de inglês quanto no apoio emocional, pois na solidão de estrangeira, sem poder fazer novos amigos pela barreira da língua, havia momentos de tristeza e isolamento que meus amigos presbiterianos não percebiam, porque cada um estava cuidando de suas vidas e já tinham feito muito por nós, naquela terra.

A partir dos cursos de inglês, mais intensivos que frequentei, fui ganhando mais autonomia linguística e fui construindo novas amizades, a primeira foi a da professora Donna Sanforek. Ela ficou nossa amiga de quase todas as horas, de passear com a gente, nos levar em sua casa, de ir à nossa. Outros amigos, Alfred Airola e sua esposa Carol Airola, nos levaram para conhecer *New York* e no caminho conhecemos *New Jersey*, onde ficamos na casa do irmão de Carol Airola. Eles foram maravilhosos, contribuíram muito conosco, dando aula de inglês em nossa casa, doando recursos financeiros para nossas despesas.

Foi algo extraordinário em bondade e amor fraternal diante de tudo de negativo que às vezes ouvíamos falar sobre os norte-americanos. O Andrade mantinha-se informado de como andava o PRECE por meio do *Skype*. Com seis meses, as meninas já estavam falando inglês e interagindo muito bem com os amigos e amigas da escola e por causa disso, a Alice Manuela sentiu muito a separação dos(as) amigos(as) de colégio quando viemos embora. A readaptação foi normal, sentimos falta, principalmente, dos nossos amigos, da segurança que tínhamos ao andar nas ruas e da educação dos motoristas no trânsito.

Ao chegar ao Brasil, eu estava com muita saudade da família e do ambiente precista, do trabalho no PRECE. Dessa forma, em termos profissionais, decidi passar o ano de 2007 me dedicando aos trabalhos voluntários no PRECE e revendo meus familiares e amigos. Outra grande preocupação era com a minha carreira profissional, pois o PRECE, naquele momento, continuava a não ter bolsas, nem recursos financeiros para nos ajudar, mesmo nos custos. Disso, eu já sabia, pois, a maior parte da minha vida trabalhei no projeto por missão, para ajudar o outro a caminhar e ainda por desejo de me capacitar na área do ensino e gestão de projetos. Mesmo que, psicológica e inconscientemente, talvez todo esse propósito de ajudar ao outro se reflita

como uma ajuda a nós mesmos por uma necessidade latente que não sabemos explicar. Todavia, essas são reflexões que tenho feito sobre mim mesma e que preciso amadurecer como questionamentos acerca do trabalho voluntário e solidário.

Em 2008, com o objetivo de fazer o mestrado, resolvi voltar ao departamento de literatura e ver se havia uma linha de pesquisa que o meu projeto se encaixasse. O projeto era a continuidade do que eu havia pesquisado na especialização: o escritor Jáder de Carvalho e sua prosa. Assim, vi que havia o grupo de pesquisa denominado Literatura e Sociedade, coordenado pela professora Irenísia Torres de Oliveira. Eu não a conhecia, mas resolvi procurá-la e me apresentar, falar do meu interesse em entrar no grupo dela, dentre outras coisas. Foi um pouco difícil no início, na primeira conversa, na primeira participação dos encontros, sem conhecer ninguém do grupo, mas fui resistindo e persistindo, fui fazendo amigos nas conversas depois dos encontros, etc.

A primeira pessoa desse grupo que me acolheu bem e me deu apoio foi meu amigo e, hoje, professor do município, Washington, amizade que preservo até hoje. E ali, naquela oportunidade cavada com esforço e dedicação, fui aprendendo muitas coisas, inclusive como fazer uma boa prova escrita em uma seleção importante como a de pós-graduação. Tentei o mestrado pela primeira vez naquela linha, mas não logrei êxito. Continuei estudando para tentar pela segunda vez em 2010 e valeu a persistência, pois passei na prova escrita e fiz uma prova de língua estrangeira muito boa, obtive uma nota que chamou a atenção de minha orientadora Irenísia Oliveira. Provei de uma doce e saborosa vitória, um sonho realizado. O meu projeto a análise das relações de poder na obra *Sua Majestade, o Juiz* (1956), de Jáder de Carvalho, um escritor cearense da fase realista da nossa literatura. A temática do estudo tinha uma forte relação com a minha trajetória de vida. Quando finalizei as disciplinas e restava concluir a dissertação, fui chamada pelo concurso público da Secretaria de Educação do Município (SME) de Fortaleza para lecionar no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, em uma escola municipal. Assim, entrei novamente no serviço público com 40 anos, em fevereiro de 2011. Paralelo ao trabalho na escola, eu redigia a dissertação e em agosto de 2012 realizei a defesa e me senti satisfeita com meus resultados.

A produção textual⁹ dos estudantes a partir de temas da sua história de vida

⁹ Produção de textos dos estudantes – Anexo F

Como universitária, a começar pelos anos de 1999, em minhas aulas de produção textual, eu achava árduo trabalhar com temas voltados para a prova do vestibular, então resolvi, inserir, inicialmente, temas mais significativos para o estudante, ou seja, temas que tivessem alguma relação com a vida deles. Levando em conta a dificuldade que tinham para escreverem um texto, pensei em uma forma de minimizar o problema e disso resultou uma simples e boa prática em minhas aulas no PRECE. Vejo nessa narrativa a importância de apresentar conteúdos significativos na vida do discente e do docente, quando se tratar de ambientes formativos. Com essa ideia, eu objetivava despertar neles o gosto pela escrita, assim, selecionei temas sobre a vida deles e o resultado foi animador. Desse modo, foram surgindo temas sobre a importância dos estudos, acerca da viagem deles para o Cipó, sobre o aniversário do PRECE, a casa do estudante, dentre outros.

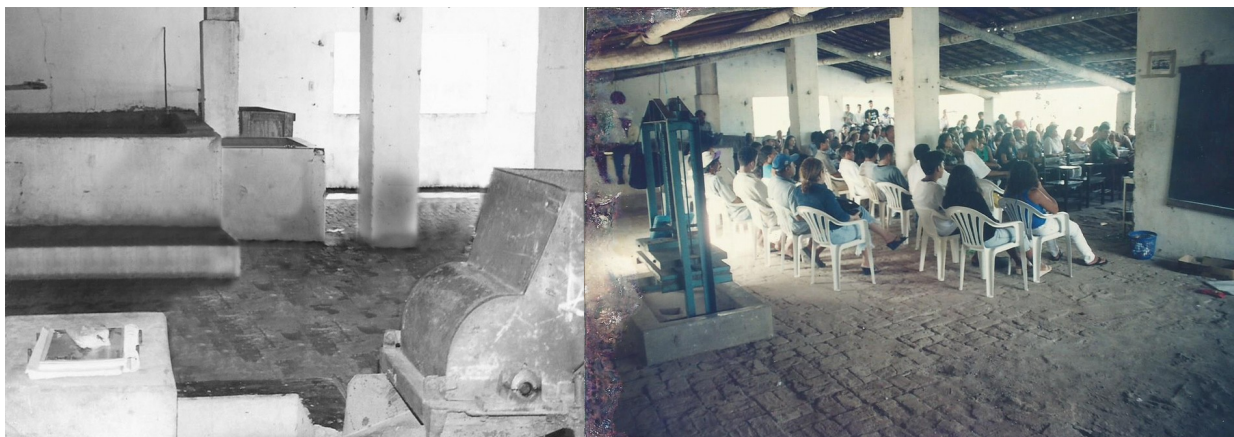
Nesse trabalho analiso seis produções de texto que giram em torno da descrição da casa do estudante. Nas produções de 2002, na escolha desses tipos de temas eu seguia as orientações de meus professores durante meu estágio em Linguística. Eles pediam que eu tivesse cuidado quanto à escolha do tema e da tipologia textual a ser pedida nas aulas de produção de texto. Por exemplo, solicitar a produção de uma tipologia já conhecida pelo estudante, em um tema não tão distante da sua realidade, de assunto constante em seu repertório, é o mais adequado.

Percebi que o valor metodológico da atividade residia no fato de eu trabalhar as questões do *eu*, não me preocupando somente com a dimensão cognitiva, mas também com a emocional e a social. Para fazer esse resgate histórico, parto da análise de fontes primárias, ou seja, das redações escritas pelos estudantes, observando no discurso textual, a presença dessas três dimensões, todas acionadas pelo tema dado – nesse caso, acerca do espaço de estudo dos discentes – de casa de farinha a casa de estudante.

Escolhi essa experiência de professora de Português porque fui orientadora nas aulas de Literatura e Leitura e Produção de Texto. Sempre procurei abordar o estudo da gramática por meio do texto, especialmente em nossa experiência, pois nossos estudantes tinham muitas dificuldades com a leitura e a escrita. Os resultados de uma avaliação diagnóstica, feita com cada estudante, nos mostraram essa realidade. Eu via que eles tinham dificuldades com a escrita e leitura de textos, então não fazia sentido ensinar-lhes gramática normativa, sem contexto, como

não faria sentido em nenhuma situação. A foto abaixo (figura 39) mostra a parte interna da casa do estudante a qual os estudantes descreveram:

Figura 39 - De Casa de Farinha à Casa de Estudantes



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

Ao solicitar aos meus estudantes a produção desses textos sobre o tema “casa de estudante” na tipologia descrição, levei em consideração o contexto de sua produção, o espaço físico que dizia muito para eles naquele momento. Minha escolha pretendia ser coerente para que eu também pudesse garantir que os estudantes fizessem uma produção textual com coerência de propósitos, estabelecidos pelo uso efetivo deles como falantes nas situações reais de comunicação, a qual considera a interação, as vontades, os desejos e as escolhas dos interlocutores.

Dessa forma, podemos dizer que uma maneira de atingir por meio da escrita, objetivos de ensino - aprendizagem é enfocá-los dentro das dimensões afetiva, cognitiva e social, sabendo que a dimensão cognitiva ocorre sempre e, especificamente, potencializada pelas duas outras. Sobre o valor do contexto e da semântica na produção e análise de um texto, entendo que a contextualização se dá na esfera do pragmático e também no contexto da situação semântica, portanto, é sobre os sentidos que analisarei, mesmo de maneira breve, as redações por mim escolhidas para esse trabalho que discute minhas experiências nas práticas educativas.

Passeggi (2008, p.120) ao falar sobre a sedução autobiográfica, pontua que “expor para o outro, e por escrito, as histórias que contamos sobre nós mesmos e a nós mesmos, em

nosso discurso interior ou entre amigos, não é tarefa fácil, ainda menos quando se trata de escrevê-las para os pares em posição de avaliado”. Sei que não é como um passe de mágica que conseguimos organizar nossas experiências formativas, pois precisamos de muita energia e consciência de nosso papel como indivíduos e cidadãos para dar o mergulho interior em nossa vida e balancear essa narrativa que, no geral, se dá no domínio da oralidade e da escrita.

Nessa prática de ensino das aulas de produção textual, eu não tinha ainda certeza de que surtiria bons resultados, somente muito depois, ao precisar escrever meu memorial por conta de um trabalho acadêmico, foi que remexendo em meus documentos guardados, ao longo de anos, encontrei as produções textuais pedidas aos meus estudantes com o objetivo de um dia me debruçar sobre elas em algum trabalho de pesquisa. A escrita desse memorial foi um divisor de águas em minha vida e com isso realizei o que desejei há muito tempo. Falar de mim, do que aprendi, significa revisitar e valorizar, na perspectiva das histórias de minha vida, o meu percurso de aprendizagens.

Ao tomar conhecimento de tantas pesquisas acerca das narrativas de si, vibrei e me estimulei a cada leitura que faço. Sobre a importância da escrita do memorial em suas classificações, Passeggi reafirma o seu valor em ambiente acadêmico ou escolar como elemento desencadeador de processo formativo. Ela diz que:

O êxito da escrita do memorial se realizaria quando o autor explora o potencial formativo do memorial e se deixa envolver pelo encantamento estético e ético de fazer da vida intelectual e profissional um texto acadêmico como arte autoformadora de si mesmo como profissional. (PASSEGGI, 2008, p.127).

No processo de escolha das produções textuais para a análise, vi nelas a presença das dimensões afetiva e social acionadas pelo título dado. Em um horizonte de vinte redações, escolhi seis pelo fato de conterem uma descrição de cunho mais subjetivo, em que sempre, concluíam os textos como se quisessem dizer “enfim, penso que a casa do estudante me faz estudar feliz”. Claro que estou começando já muito otimista, mas confesso que depois de reler todas as vinte redações, me senti mais eufórica ainda para descrever as minhas práticas docentes. As produções não selecionadas são muito parecidas com essas. Eu não as escolhi por causa do espaço/tempo e objetivo desse trabalho que não comportaria a análise de todas.

Bachelar (1978) me veio por todo o tempo em que comecei a trabalhar com o tema do espaço poético e social em minha monografia e dissertação de mestrado em Literatura. Acho o trabalho de Gaston Bachelar sobre A Poética do Espaço muito profundo e verdadeiro. Acentuo

este aspecto aqui por achar nas produções de meus estudantes um tom poético ao falarem sobre o espaço da casa do estudante. Essa ideia presente no pensamento do filósofo apresentado, sobre como me sinto em determinados espaços, me inspirou a iniciar essa análise. Leiamos abaixo o excerto de A Poética do Espaço e percebamos o valor que tem esse espaço milenar que todo ser humano deseja ter – a casa.

Chegamos aqui a uma recíproca cujas imagens deveremos explorar: todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa. [...]. Em suma, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. (BACHELAR, 1978, p. 200).

A casa do estudante, antes, casa de farinha, habitada pelos precistas, trouxe a eles a essência da noção de casa e abrigo. Nesse espaço, os sete estudantes fundadores do PRECE foram impulsionados a cooperarem e a se solidarizarem uns com os outros na batalha de estudar juntos. A casa não tinha conforto material, mas tinha gente, sentimento de agregação e união por uma causa comum a todos os estudantes que nela viviam. A casa os sensibilizou e ainda sensibiliza quando lá retornam para os reencontros que propiciam a lembrança do tempo que nela viveram. A casa se confundiu com o ser abrigado o qual mobilizou todo o espaço de seu abrigo e continua a nos tocar sempre. Por isso ela simboliza a existência precista corpórea, real através da linguagem das emoções e dos sonhos.

A primeira produção analisada tem como título “Transformação da casa de farinha”, escrito em 1998 e faz um resgate histórico do processo de mudança da casa para melhor atender a seu público. Esse texto trata muito mais da descrição física do ambiente, o que foi talvez o que o seu escritor entendeu acerca do contexto da hora de sua produção. A redação foi escrita bem antes das outras cinco. Ela abre o tema, sinalizando uma preocupação anterior, como essa temática escolhida por mim, de enfatizar a reflexão sobre a nossa própria história. Por isso, resolvi inseri-la no grupo de produções a ser estudado. O tempo da memória não deixa lembrar nitidamente minhas orientações acerca desse trabalho naquele ano, quando eu ainda não havia iniciado meu curso de letras, enquanto eu ia planejando minhas aulas com base na minha experiência prática, desprovida de ação mais reflexiva e preventiva de erros. Esse texto nos prepara para entendermos melhor as próximas produções destacadas aqui. Vejamos o trecho que nos fala acerca do assunto em discussão:

Localizada a dezoito quilômetros da cidade de Pentecoste na comunidade do Cipó, existe uma casa de farinha que aos poucos vem sendo modificada. [...]. Neste desenvolvimento da educação a sua transformação é importante, pois dará condições adequadas para o intelectual desta pequena região, deste pobre município. [...]. (GOMES, 1998).

Falar sobre os cuidados de revitalizar a casa, o espaço dedicado às aprendizagens mútuas, representa a valorização dada a como se sentiam bem seus estudantes residentes. Isso mostra um nível de conscientização do estudante acerca da dimensão social de compromisso com o outro, do seu papel ali naquele espaço de troca e de interação onde um dos valores principais é o cuidado com a pessoa humana, focando o aspecto de cidadania existente em cada estudante que chega à casa, já que cuidar da casa é como cuidar de cada estudante.

Quanto aos vocábulos que denotam a afetividade, eles são percebidos de modo tênue, embutidos pela ideia do coletivo, quando ele coloca que transformações na casa trarão melhores condições para a educação da região pobre, está falando do público de estudantes de baixa renda. Vemos então, além da dimensão cognitiva de domínio do código da língua escrita, da articulação coerente de ideias em seu contexto de produção, a dimensão social muito presente. Além disso, percebemos pelas entrelinhas, a dimensão emocional da preocupação em preparar o espaço que será habitado por esse indivíduo que compõe esse coletivo, denominado PRECE.

A segunda produção textual já no tema reatualizado, de título “A casa do Estudante” denota agora lugar de estudantes e não mais de mandiocas. Esse escrito me fornece mais pistas à minha indagação. Ele mostra, com mais força, a presença do sentimento de aconchego e apego nos estudantes hospedados na casa, isso dentro da esfera da subjetividade e até do lirismo. A estudante afirma que:

Logo ao entrar naquela casa, de cor clara, em meio a uma vegetação verde, fui tomada por uma agradável atmosfera campestre. [...]. Ao fundo havia alguns banheiros, no centro da casa, existia um auditório com alpendres rodeados de grades, que me permitiram uma visão majestosa de uma paisagem natural, fui surpreendida por uma forte sensação de paz. A vontade que tive foi de não mais deixar aquele local calmo, sereno e enriquecedor. [...]. (TEIXEIRA, 2002).

Quando a pessoa entra em um local e de imediato é tomada por uma agradável sensação que lhe causa bem, isso nos remete ao estatuto da positividade, das coisas boas que nos predis põem a receber e compartilhar saberes, de modo completo e inteiro do *ser*. Cassasus (2009) relembra a importância de se criar uma atmosfera agradável na escola e essa atmosfera não é só física, mas é relacional, interacional e pautada na quantidade de amor, afeto e respeito existente

entre os relacionamentos. Na casa do estudante, além desse ar puro vir do ambiente campestre, havia também o ar agradável das relações e dos afetos entre os estudantes e facilitadores que chegavam àquela casa. O vocábulo “majestoso” reforça a semântica do grandioso, de algo que é o melhor, assim como a sensação de paz que é importantíssima hoje, em nossa sociedade contemporânea, eivada de situações problemáticas, tanto nas relações afetivas entre estudante/estudante quanto entre professor/professor, bem como destes com gestores escolares e políticos administrativos, além das dificuldades de ordem material envolvidas. A estudante ainda declara querer permanecer ali, na quietude que acalma sua alma e a prepara para se enriquecer de aprendizagens.

O estudante Luciano Pereira (2002) segue descrevendo o mesmo sentimento de bem-estar ao estudar na casa, destacando a aura agradável que sente trazida pelo vento que batia no peito e isso nos é até imagético, posso voltar ao tempo e vê-los a ler ou escrever, conforme a atividade do dia. Suas descrições no corpo integral do texto fazem as descrições físicas dos cômodos da casa, mas ao chegar no sentimento, é quando eles se utilizam de vocábulos mais sofisticados que buscam no coração. Ele pontua que:

ao redor da casa existem várias plantas fazendo assim com que a atmosfera que paira no ambiente seja muito agradável e ao mesmo tempo também muito saudável. O vento que bate no peito da gente é muito gostoso de sentir [...]. (CUNHA, 2002).

Parece que esse sentimento é coletivo, os textos se batem na identificação afetiva sentimento de pertencimento, no gosto de adentrar e de possuir aquele espaço majestoso da casa espaçosa, feita de grandes troncos da planta carnaúba, típica de nossa região, a sustentar os telhados da casa. Ao ler hoje os textos de meus estudantes, lembro-me das descrições objetivas e subjetivas feitas pela escritora Natércia Campos no romance *A Casa*, de 1998, que tem como personagem protagonista a própria casa. Nunca esqueci *A Casa* de Natércia, pelas belas descrições por ela feitas. Era puro sentimento, isto é, uma poética da casa. Os textos aqui apresentados também evidenciam o sentimento, que unido à necessidade de apreender conhecimentos científicos das várias áreas do saber, gerou algo muito bom, a inclusão social de mais de 800 estudantes de origem popular no ensino superior de nosso estado.

O texto de Daiana Sousa (2002) também segue o mesmo caminho, trabalha a descrição física da casa e vai liberando mais o sentimento, tomando palavras que elevam o

espaço geográfico e indo para os objetivos sociais para os quais a mesma foi criada e reformada.

Ela destaca que:

Há uma casa exclusiva para estudantes. Esta, além de ter grande importância na vida de cada jovem que a usufrui, está em constante transformação para garantir o conforto dos alunos vindouros. [...], tudo foi reformado há pouco tempo para ficar de uma forma que os alunos sintam-se integrantes e amantes da natureza. Afinal, é um ambiente que permite aos estudantes respirarem ar puro todos os momentos. Ouvirem o cantar dos pássaros a qualquer instante, isto é, eles têm livre acesso a natureza. Portanto, é uma casa especial que tem a função de fazer feliz cada um dos seus hóspedes”. (SOUSA, 2002).

A cada texto lido, percebemos a recorrência do sentimento de agregação coletiva quanto à preparação física da casa para dar mais conforto e bem-estar aos estudantes. Mesmo essa descrição objetiva não escapa ao sentido subjetivo, de ordem afetiva, pois mostra a preocupação na integração de cada estudante à unidade grupal. O interesse é que todo o grupo se sinta parte desse todo, portanto, um ser integrado e pertencente àquela célula com interesses e objetivos comuns. O ar puro é sentido por todos. Ele é o oxigênio que alimenta os sonhos desses estudantes que enfrentam chuva, cheias, lama, sol, calor, suor, distâncias, falta de comida, e outras coisas para poderem vencer, realizando uma transformação de vida difícil para outra melhor. O cantar dos pássaros leva alegria e esperança a cada um desses guerreiros das plagas do sertão do Ceará.

Essa esperança produz a perseverança nos estudos, embora muitos cheguem em déficit e fora de faixa escolar. Essa escrita de si traz ideias fundamentais, como o retorno a natureza. O espaço de estudos, a casa e seu entorno, traz à vida diária deles o regresso ao seu estado natural onde o homem se volta a si, e se regenera, cura-se de males do corpo e da mente.

A casa não é qualquer casa, ela é especial, diferente e essa distinção se faz pelo que nela habita, gente humana a procura de vida digna, de conhecimentos que libertam em todos os sentidos e dimensões do *ser*. É uma casa feita para trazer felicidade àqueles abrigados por ela. A felicidade, embora sendo um estado de espírito, gera bons resultados nas relações pessoais e sociais e isso deve ser buscado por todos nós que trabalhamos com pessoas.

A quinta redação escolhida, assim como as anteriores, faz apologia às sensações evocadas pelo espaço da casa e vai um pouco mais longe, utilizando-se de metáforas comparativas entre a casa e a figura materna de todos nós, pelos braços da figura materna, as nossas mães. Leiamos o texto da estudante Luciana Nunes (2002):

Local de muita tranquilidade, estudos, alegrias, reuniões, dentre outros assuntos. Um ambiente cheio de coisas boas que serão seguidas e guardadas nas memórias de todos nós. Ao nos envolvermos em suas paredes amplas que parecem os braços de nossas mães; as janelas e portas sempre abertas para a natureza. [...]. Aquele ambiente que veio a pairar respeito, igualdade de todos que o compõem, ordem, orgulho de o está constituindo junto dos colegas e professores, e carregando uma das maiores certezas, a de sabermos que somos capazes de com essa união formarmos um grupo inigualável. (NUNES, 2002).

A autora retoma a ideia de um espaço tranquilo, alegre, onde ocorrem coisas boas que serão armazenadas na memória de todos, pois, novamente, cada fala representa o grupo precisa, e o resultado é uma descrição coletiva do material ao sentimental. Vejo que apesar de todos estarem ali com o objetivo de estudar, ou seja, destacando mais a dimensão cognitiva, do estudo, da regra, do fato, o que eles mais falam com força é da dimensão afetiva, das emoções e dos sentimentos. Verifico nesse texto, que a estudante cita reuniões, estudo, ordem e isso significa a não ausência de certo rigor quanto ao ato de se ensinar e aprender na casa, porém, essas ideias vêm imbricadas nas mais recorrentes, as de ordem afetiva.

Neste último texto, pareço demasiada enfática em destacar o pensamento denunciador das emoções afloradas de meus estudantes quanto à atmosfera emocional que a casa do estudante evoca, contudo, se lembre que o propósito da análise dessa experiência de ensino, era averiguar a existência das dimensões afetiva e social, principalmente, expressadas nas produções de textos de meus estudantes, quando solicitei a descrição da casa de estudos.

Esse tipo de atividade facilita a fruição das ideias na hora da escrita, já que muitos deles tinham dificuldades de pensar, de formular ideias e organizá-las no papel, achei que por esse caminho facilitaria esse processo. Digamos que esse tema e título fossem uma porta de entrada para temas mais complexos, mais argumentativos próprios das provas de seleção e concursos. Vejo como é surpreendente a emoção por eles descrita, o que hoje valorizo muito mais do que quando medie esse trabalho, que por sinal, também me faz ver meus erros em propor a eles certas mudanças no texto que não fazem o menor sentido. Finalmente, para reforçar, o texto que se segue retoma quase as mesmas ideias dos anteriores. Façamos, então, essa última leitura:

Movida pela curiosidade do saber, fui conhecer a Casa do Estudante, era uma ‘casa de farinha’ que foi reformada e hoje podemos encontrar jovens e adultos a procura de um objetivo, um sonho. [...]. O ambiente é bem agradável, boa iluminação e o vento sopra que parece a nos levar, assemelha-se a uma área de lazer do que propriamente sala de estudos. (OLIVEIRA, 2002).

A estudante fala novamente no vento que toca forte e a faz pensar em ser levada. A descrição me faz visualizar essa imagem que tantas vezes vislumbrei, mas sem o saudosismo que agora me toma, com um sentimento de que não aproveitei esse momento como deveria. Ela faz uma comparação bem clara de que a casa mais parece um ambiente de diversão do que uma sala de aula. Infelizmente, a visão de nossos estudantes sobre a sala de aula é sempre muito negativa, mas em nosso caso, as produções nos mostraram que a visão deles acerca do espaço, apresenta a casa como um lugar inusitado, uma casa quase mágica, pois nela todos se sentiam bem, seguros e com vontade de estudar e aprender.

Na análise dessa experiência na disciplina de Produção Textual, revisitar as redações dos meus estudantes, preservadas já com o intuito de estudá-las, vi o quanto foi importante trabalharmos com as narrativas autobiográficas para nossa formação no processo de voltar e refletir sobre o realizado, mirando o futuro, já anunciando novas formas de continuar nos formando. Nesse trabalho de voltar e rever o vivido, percebi que, quando nós amamos aquilo que fazemos, a nossa intuição nos encaminha para as boas práticas, muito embora não saibamos no que elas resultarão, como foi o meu caso, nessa fase descrita, por desconhecer certas consequências do meu agir no ensino e acompanhamento de estudantes.

Das vinte redações que venceram o tempo de dois mil e dois para cá, todas iniciam descrevendo a casa, fisicamente, e nos parágrafos finais, falam de sentimentos bons e revigorantes evocados naquele espaço. Assim, pude constatar que a escolha do tema, ligado à vida do estudante, ajudou na aquisição de conhecimento de forma ampla que abarca as dimensões essenciais do ser humano, como a cognitiva, ligada mais à razão, ao intelecto e a competência acadêmica e afetiva que lida com as emoções, com os sentimentos, os desejos, as vontades, as quais nos movem com força arrebatadora, em muitos momentos, nos fazendo invencíveis na busca de vencer barreiras. Além das duas citadas, ressalta-se ainda a dimensão social que nos faz ser verdadeiros cidadãos do mundo, vendo que sozinhos não somos suficientes para viver em paz conosco.

Percebi que valeram meus esforços neste trabalho pelos resultados que hoje são em números e em valores internalizados na vida desses estudantes. O meu intento era despertar neles o prazer da escrita e penso que atingi, pois eles produziram muitas redações sem grandes desacordos de gramática ou de texto. O fato de eu ter selecionado temas do cotidiano deles facilitou muito a compreensão situacional e do léxico. A metodologia que utilizávamos a do

estudo em grupo favorecia muito ao espírito coletivo e afetivo, o que percebemos facilmente nos escritos, por meio dos excertos das produções de texto destacados. De fato, vi que a dimensão afetiva e a social ganharam destaque especial nas produções de texto. A semântica dos vocábulos utilizados pelos estudantes expressa a dimensão das duas, imbricadas, juntas, uma não existe sem a outra e em todas está também a cognitiva.

A análise dos textos me conduziu ao momento em que desenvolvi essa prática e me vi cercada por vários sentimentos como o de que eu poderia ter interagido mais com os estudantes e ter discutido mais acerca de seus trabalhos. Contudo, sei que sempre que trazemos algo de nosso passado ao presente, haverá essa reflexão, esse saudosismo nostálgico das histórias de vida, mas com isso vem também aprendizado e, diante disso é que vemos o valor desse tipo de metodologia de formação.

A ideia de sugerir a descrição da casa do estudante veio a mim pelo fato de eu também compartilhar do prazer que me dava está naquele ambiente de estudo, já que eu havia tido as mesmas experiências na condição de estudante. Isso nos coloca a questão de que passamos para o futuro a maneira como fomos nos construindo educadores e educadoras. Vi nas produções a competência intelectual de uso da língua de acordo com o nível deles. A metodologia das histórias de vida é bastante efetiva e eficaz pelo fato de se ligar à pessoa professor e à pessoa estudante, estando carregada de significância na vida desses sujeitos.

Os Seminários Literários no PRECE

Na foto seguinte, estou apresentando um conteúdo da minha aula de literatura, em 2002, na casa do estudante. Com essa turma trabalhei a prática dos seminários literários no segundo semestre desse ano (figura 40). Cada estudante desse grupo veio de várias comunidades ao redor de Cipó e também da cidade do município, assim, houve um público do campo e outro da cidade. Percebi haver uma diversidade de público que se formou no PRECE no decorrer dessa década.

Figura 40 – Eu nas aulas de Literatura na casa do estudante



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O encontro de si e do outro na aprendizagem e na busca pela felicidade se faz presente em toda prática educativa. Nessa autoanálise do meu itinerário formativo no PRECE, descobri que a busca pela felicidade está em tudo que fazemos com vontade de gerar transformação interior e exterior, no campo de ação. Como protagonista, agente fundadora e

estudante desse projeto social, fui por alguns anos, responsável pela coordenação dos grupos de estudos na disciplina de Língua Portuguesa (Literatura, Leitura e Redação).

Nessa experiência metodológica dos seminários literários “precistas”, iniciados na casa do estudante, a única “sala de aula” do PRECE, mostro o potencial que havia em cada jovem que chegava ao Projeto e que, quando o professor percebe o potencial, a motivação dos estudantes, ele pode nutrir altas expectativas deles e se aliar aos mesmos para, com criatividade, recriar os métodos, embora que tradicionais, e, se esse educador tiver objetivos claros e uma prática focada, ele certamente obtêm bons resultados. Foi o que aconteceu na minha mediação dos seminários que foram organizados pelos próprios estudantes sob a minha liderança, uma prática de ensino pouco utilizada nas escolas formais do ano de 2000, utilizada mais no ensino superior.

Essa metodologia leva o professor a ter alta expectativa quanto à capacidade dos estudantes. Ao escolher trabalhar com os seminários, pensei que seria uma boa preparação para a seleção do vestibular e para a experiência acadêmica, tão sonhada por todos. Conduzi essa técnica de ensino, aparentemente, usual, mas que gerou muitos resultados, pelo fato de terem estudado em grupos cooperativos e solidários (com divisão de função, responsabilidade e competência individual) e não em pseudogrupos, ou mesmo, virtualmente, como de costume, desorientando uma metodologia que poderia ser bem dirigida e orientada. Nesse acompanhamento dos seminários, aprendi muito com meus estudantes e na Faculdade de Letras, pois essa ponte entre o que ocorria no ambiente universitário e como processávamos os estudos de literatura na casa do estudante era muito benéfico a eles e a mim.

Eu trazia novidades, vídeos, músicas, poemas, crônicas e textos críticos que eu via nas aulas do meu curso para ampliar o saber de meus estudantes nos estudos secundários e de preparação para o vestibular. Isso tornava minhas aulas de literatura totalmente diferente das aulas dos professores de literatura da escola pública da sede de Pentecoste; essa avaliação eles mesmos faziam.

Como essa experiência traz no cerne princípios da metodologia da Aprendizagem Cooperativa, oriento-me ainda por uma concepção vygotskyana utilizada por Alice Fontes e Ondina Freixo, as quais dizem que “a Aprendizagem Cooperativa encontra a sua explicação teórica em alguns conceitos dessa teoria como, por exemplo, a Zona de Desenvolvimento Proximal” (FONTES; FREIXO, 2004, p.26).

O pensador soviético enfatiza o valor da interação social como motor para a aprendizagem. Ao término, tenho sistematizada, a análise e a escrita de uma prática de ensino que, ao passo que é transportada pelo tempo, também é ressignificada, orientando o fazer pedagógico de hoje. A mesma poderia permanecer no anonimato como tantas outras, porém, agora, poderá impactar outros profissionais da educação.

Traduzindo o conceito jossoneano das *buscas*, destaco aqui o da *busca da felicidade*. Entendo que, essa busca pela felicidade implica ter um sonho, um projeto de vida para realizar, tanto no nível individual quanto no social porque é quase impossível ser feliz sozinho. A felicidade é algo coletivo, é além da dimensão material, é algo que passa pela descoberta de si e do outro. Dessa forma, obter uma vida melhor, com dignidade e direitos garantidos é um grande passo, mas, além disso, entendo que precisamos participar de uma comunidade solidária, amorosa e cooperativa para, de fato, nos sentirmos felizes, apesar de que, ainda assim, não se garante, obrigatoriamente, que todos devam estar felizes.

A felicidade, no meu entender é algo subjetivo, um estado de alma, mas acredito que essas condições proporcionam e aproximam o indivíduo desse estado de felicidade, embora alternados por momentos de ausência e presença desse sentimento. Sobre as buscas orientadoras dos itinerários e das escolhas de vida, Josso discute o fato de que:

As narrativas de vida contam itinerários ao longo dos quais os autores qualificam as suas experiências de vida classificando-as, quer em períodos felizes, quer em períodos psíquica ou fisicamente dolorosos. A vida humana apresenta-se, pois, de forma ininterrupta nesta dialética do bem-estar e do sofrimento. (JOSSE, 2004, p.88-89).

Ao longo de minha vida, observei que não deveria dizer que sou feliz, mas que tenho momentos de felicidade e momentos que me sinto órfã dela. Hoje, ao narrar minha história no PRECE percebo, claramente, que a todo momento eu buscava a felicidade na aprendizagem de saberes para conseguir ser aprovada nas provas do Ensino Médio da EJA e do vestibular da UFC. Dessa forma, com essas aprovações eu teria um momento de felicidade e meus amigos também, pois, quando cada um de nós era vitorioso em provas de EJA ou de vestibular, ficávamos felizes ou tristes, porque havia sempre alguém no grupo que era vitorioso e outro que não obtinha o mesmo êxito. Sendo assim, a nossa felicidade não era completa, era uma sensação de estar e não estar feliz. A partir dessa experiência afirmo que a felicidade é algo social e necessitamos vivenciá-la com outro.

Os Seminários Literários eram parte de um plano de estudo global de todas as disciplinas do ensino médio que nós, a liderança do PRECE, planejávamos para aplicar com os estudantes da EJA e do pré-universitário. O planejamento desses seminários era feito junto com os estudantes seminaristas que eram em número de 20, uma dupla para cada livro paradidático, escolhido pela UFC a cada vestibular anual que divulgava uma lista de 10 livros, a maior parte deles da literatura cearense para o certame. A prova de Língua e Literatura e o tema da Redação eram feitos a partir de temas e textos de um ou mais livros dessa relação, por isso, a leitura dessas obras era tão importante para nossos estudantes. Cada dupla se encarregava da leitura do paradidático e de alguns textos críticos, da discussão dessas leituras, da organização de um seminário literário para ser apresentado para o restante da turma que era em torno de 20 a 25 estudantes que deveriam também ter lido as obras e textos críticos sobre essas obras.

Diante do valor que havia em aprender sobre as obras, os 20 estudantes seminaristas, quase todos monitores de disciplinas, tinham mais responsabilidade que os outros, porque teriam que aprender para eles e para ajudar o restante da turma. Isso eu deixava claro e estava sempre a alertá-los de sua missão nessa conjuntura de estudos.

Sobre a evolução dos estudantes seminaristas, vi neles um entusiasmo maior que eles mesmos, admirava-me tanto o empenho e superação em aprender, em se preparar para aquela prova, definidora de suas vidas e de sua felicidade, através dos seminários. Nesse ano, eu era estudante universitária do curso de Letras, e quando eu contava a minha história de vida, do que tive que enfrentar para entrar na universidade, para meus estudantes, isso era um exemplo vivo de superação de dificuldades para poder vencer.

Os estudantes que chegavam ao projeto para continuarem sua escolarização ou para se prepararem para o vestibular eram muito interessados e ávidos para estudar. Vinham nessa busca por aprendizado, objetivando o crescimento intelectual e sonhavam com uma vida melhor. Na verdade, todos vinham com o objetivo de buscar saída para um futuro diferente do de seus pais, na maioria agricultores e pescadores de baixa renda, sem desmerecê-los. Não somente eles, eu também sonhava em mudar a minha vida, cheia de ausências, e juntos sonhávamos em sermos mais felizes e minimizarmos os momentos dolorosos.

Ao orientar cada seminário, sugeri que eles iniciassem a leitura espontânea dos livros, depois fizessem um breve resumo, e seguissem em uma segunda leitura, mais crítica e analítica à

luz de algumas teorias da literatura cearense e brasileira de mais fácil compreensão. As indicações das obras teóricas eu conseguia com meus professores do curso de Letras.

Os estudantes realizavam o seminário com muita responsabilidade e organização. Como eu já tinha a experiência acadêmica dessa técnica, eu fiquei surpresa com o resultado final dos seminários os quais foram muito melhores do que muitos dos que eu costumava ver na graduação. Eu mesmo considerei que eles me superaram ao apresentarem os Seminários Literários no PRECE, pois foram muito desenvolvidos tanto na dimensão cognitiva quanto na dimensão social, na interação e cooperação dispensada pelos precistas na troca de ideias.

Para fechar o nosso trabalho feito na preparação para a prova de vestibular da UFC, os estudantes e eu promovemos dois dias de revisão dos estudos e seminários literários dados no decorrer do semestre. Essa culminância foi o clímax e a constatação de todo o esforço dos estudantes, empreendidos nas leituras silenciosas das obras e da sua crítica; nas discussões de grupos maiores, (geralmente de cinco componentes para falarem de temas das obras afins) e das duplas (preparação da apresentação da obra escolhida), nas aulas ministradas por mim para introduzir os conteúdos, no isolamento e concentração que esse tipo de atividade exige e nas análises das mesmas. Esses dois dias de reapresentação dos seminários dados no decorrer do ano 2000 foram nomeados por mim como “Sabadão da Revisão” e “Domingão da Revisão”¹⁰. O evento ocorreu em dois fins de semana seguidos, na escola João XXIII, na cidade de Pentecoste.

Com essa experiência, hoje, penso que nem tudo se define pelo método em si, em ser bom ou ruim, mas em sua funcionalidade e aplicação contextualizada com criatividade, e ainda se é utilizado como uma pedagogia tradicional ou recriada por uma visão de pedagogia renovada e ativa. Penso que há métodos e técnicas cobertos pelo véu da tradição infrutífera que podem ser recriados e impregnados de princípios renovadores e democráticos que proporcionam a participação ativa do estudante, cheio do ideal libertador e conscientizador da própria realidade dos agentes envolvidos no ensino-aprendizagem.

Entendo que, em muitos casos, o que diferencia no plano de execução de práticas educativas é a formação dada ao professor dessas práticas, que princípios de educação existem cristalizados na mente desse líder de turma, que experiências libertadoras esse educador teve, dentre outras possibilidades.

¹⁰ Entrevista estruturada feita a estudante participante dos Seminários Literários do PRECE Francisca Mauzirene Alves Teixeira - Anexo G

A nossa realidade na década de 1990, no interior do Ceará, era de ausência de professores com formação nas áreas específicas nas escolas públicas e privadas para preparar bem o estudante para a seleção do vestibular da UFC ou de outras universidades, de forma que muitos estudantes nem sabiam o que era um curso superior e onde cursar. Era uma realidade longe dos olhos deles, mesmo sendo um direito disponível para muitos, no setor público, a eles não era dada essa garantia pelos gestores públicos.

Quando mostramos essa oportunidade e as viabilidades de concretização dessa possível transformação de vida, tudo brilhou e surgiram muitas ideias, planos e projetos nas esferas individual e coletiva.

Desde o início do PRECE, os grupos de estudo funcionavam satisfatoriamente, com poucos conflitos, penso eu que pelo fato dos estudantes participarem por decisão própria, e não por obrigação. É fato que alguns eram convencidos por seus familiares, mas eu sentia na convivência com eles que estar no PRECE era algo vital e seguro para o futuro de cada um, no espaço da casa de farinha, inicialmente, e em outros espaços, quando a experiência se multiplicou. Os depoimentos que eu ouvia em minhas aulas, levam-me hoje a essa convicção de que os discentes tinham uma total liberdade para encaminhar as suas trajetórias de vida.

Todos os facilitadores do PRECE procuravam trabalhar com o estudo em células em suas disciplinas. Dessa forma, eu seguia essa máxima, mesmo que a técnica dos Seminários Literários fosse, por natureza, mais expositiva, eu os orientava a se reunirem para discutir as obras lidas e planejarem a apresentação do seminário. Eu acompanhava, dando o suporte e apoio em suas solicitações, mas eles sinalizavam ter autonomia e proatividade. Com isso, avançavam e conseguiam filmes, músicas, poesias, imagens que abordassem o mesmo tema, trabalhando, despreziosamente, a transdisciplinaridade entre os diferentes formatos de arte. Faziam um roteiro da apresentação em *folder* para distribuírem aos estudantes que também teriam a tarefa de ler a obra de cada seminário.

Eu me extasiava com o nível de organização e de capacidade deles para aprenderem os conteúdos e com a sensibilidade para os relacionamentos com o outro. Percebi nessa experiência que o nível de cooperação mútua entre os estudantes aumentava. Penso que esses resultados eram uma conquista de todos nós, líderes e facilitadores do PRECE, porque esses princípios eram ensinados por todos nós, nos momentos de aulas, nos encontros com os

coordenadores de disciplinas, nas reuniões de gestão da parte pedagógica, nas reuniões de projetos comunitários, etc.

No PRECE também havia poucos professores graduados, pois em 2000, poucos estudantes universitários da área de licenciatura tinham se graduado. Eu, por exemplo, era estudante universitária e já atuava nas aulas de literatura por falta de um graduado. Não esqueçamos que o PRECE foi, genuinamente, um movimento educacional de caráter estudantil, de estudo entre pares, portanto, o estudante mais experiente ajudava o estudante com menos experiência e, assim, o agrupamento foi se constituindo, sem ansiedade que seus estudantes se graduassem. Eu acompanhava os estudantes durante os sábados à tarde toda, com um intervalo para o lanche. Para a semana, eu deixava atividades para serem feitas em células (grupo), mostradas a mim no fim de semana, momento em que as corrigia antes da nova aula.

Para trazer uma novidade, resolvi propor a eles que faríamos a revisão dos seminários literários na cidade, com isso, promoveríamos uma interação maior entre os dois grupos de estudantes do espaço rural com os estudantes do espaço urbano. Conseguimos o espaço que foi a escola da CNEC João XXIII, por meio de um participante do PRECE, que estudava nessa escola. Para o deslocamento dos estudantes de Cipó, alugamos um pau de arara¹¹, pois esse era o único transporte escolar da época, em nossa região. Tinha ainda o problema da falta de dinheiro para oferecer lanches e almoço e nem os estudantes das comunidades rurais tinham condições financeiras para isso. Como tínhamos que pensar em tudo, decidimos que cada estudante da cidade levaria um ou dois estudantes das comunidades rurais para almoçarem em suas casas, todos concordaram e foi um sucesso.

No fim de cada dia, iniciamos a avaliação da atividade e os depoimentos dos estudantes foram emocionantes. Eles falaram que, tanto em aprendizado cognitivo quanto em interação social e afetividades, os Seminários Literários trouxeram muito aprendizado. Sobre o almoço, os que receberam um amigo em sua casa, afirmaram ter sido genial, a ideia de poder oferecer um almoço e interagir mais. Segundo os que foram almoçar, eles sentiram que foi honroso ter um almoço preparado especialmente para eles. Outro ponto destacado foi o fato de poder conhecer a família do colega de estudo, poder conversar, almoçar juntos, enfim, foi tudo agradável e carregado da dimensão afetiva. Posteriormente, percebi que eles ficaram mais

¹¹ Caminhão de boleia e carroceria feita de ferro e madeira, com bancos de madeira dispostos na extensão dessa carroceria, coberto com lona para proteger da chuva e do sol. Aberto nas laterais, e traseira. Conta com uma pequena escada de ferro para as pessoas subirem. Não há nada para os passageiros se protegerem de quedas em caso de acidentes. (Nota da autora).

próximos uns dos outros e isso maximizou o aprendizado nas minhas aulas. Leiamos o que pensa, hoje, uma professora da rede municipal de Fortaleza, então estudante do PRECE a qual apresentou um dos Seminários Literários:

A troca que havia dos meninos da zona rural almoçar nas nossas casas aqui da sede era muito interessante, porque você estreitava os laços de amizade, você até debatia alguma coisa que tinha acontecido no seminário, bem como você ajudava também, tinha a oportunidade de estar matando a fome de alguém. Era ao mesmo tempo a fome da comida e a fome literária. Assim, era um momento muito interessante, muito rico, de trocas. [...] o ganho afetivo-social foi a questão das amizades, porque eu vejo que os meninos do PRECE, que estudaram comigo na época, são como se fossem irmãos. O ingresso nas universidades deles é como se fosse o ingresso de alguém da família. E a gente tem amizades que vão para a vida inteira, que vão até hoje. (MAUZIRENE, 2018).

Vi que essa proximidade entre os estudantes fez com que eles se conhecessem mais e à medida que se abriam para a mútua cooperação, nessa identificação de sonhos, de lutarem por uma mesma causa, contra as dificuldades enfrentadas na luta pela conclusão da escolarização (ensino fundamental ou médio) ou pela aprovação tão sonhada no vestibular; enfim, juntando tudo, essa era a eterna busca pela felicidade, pela vitória, pelas conquistas dos que enxergavam à frente.

Nós, facilitadores e estudantes, juntos, constituíamos uma fonte inesgotável de estímulos uns para com os outros. Essa energia grupal fazia caminharmos em nossos itinerários de vidas cruzadas para alcançarmos a vitória e o estado de alegria. Afinal eram eles querendo entrar na Universidade e eu querendo concluir o curso universitário.

Essas ideias narradas e analisadas me levam às observações de Marie Christine Josso (2004), quando fala acerca daquilo que conhecemos sobre nós mesmos que nos deixa conviver com os outros, com satisfação e de maneira criadora, vivenciando a harmonia de dar e receber tudo o que constrói em nós, no outro e na vida.

Percebi que todos nós, estudantes universitários e secundaristas do PRECE estávamos todos disponíveis para a vida, para a vida em solidariedade, descobrindo o mundo do conhecimento, da ação em prol de nossa felicidade individual e coletiva, sempre na tentativa de ser solícito à medida em que nos fosse requerida uma ação de mútua cooperação no projeto.

Como Josso (2004, p.89) falou anteriormente, “a vida humana apresenta-se, pois, de forma ininterrupta nesta dialética do bem-estar e do sofrimento”. Em nossas interações nas aulas de sábado e nos encontros para realizarmos os seminários literários, havia os momentos felizes, de bons resultados e também os momentos de conflito, de desacordo. Lembro que algumas

duplas ainda inspiravam o sentimento competitivo, o gosto pela superioridade, de se sentir o melhor, o que deu o melhor seminário, o mais inteligente do grupo, etc. E isso causava sofrimento naqueles que tinham mais dificuldades para realizar o desafio de falar em público, de se responsabilizarem pelo aprendizado dos colegas que tinham dificuldades de leitura das obras e que, em algumas situações, acabavam não conseguindo ler os dez livros, e por isso tinham que aprender o máximo sobre a obra a partir dos seminários, dos colegas ou de buscar mais ajuda comigo.

Apesar de desestimularmos o espírito individualista, o foco somente em si mesmo, ou nas atitudes competitivas que alimentavam o isolamento e a baixa autoestima, ainda havia casos de pessoas que acabavam ficando para trás nos estudos e isso gerava vulnerabilidade nesses estudantes, resultantes no desenvolvimento de conflitos pessoais que influenciavam no coletivo. Frente à determinadas situações conflituosas, lidávamos a partir de nossos princípios da ajuda a quem está atrás, a quem tem mais dificuldade e se vê em situação de atraso. Daí porque foi criada no PRECE, nesse mesmo período de 2000, a ideia de se trabalharem os grupos de estudos por níveis de aprendizado de cada estudante. Ou seja, aqueles que chegavam com pouca aprendizagem em conteúdos tidos como essenciais em determinada disciplina, formavam grupos com todos na mesma situação e designávamos um estudante com um pouco mais de conhecimento naquela disciplina para coordenar estudos de revisão.

Detalhando um pouco, nesse grupo se começava da base, por aqueles conteúdos que faltavam para que os estudantes ficassem aptos para aprenderem novos conhecimentos, de forma satisfatória, e, assim, íamos procurando resolver os conflitos tanto no nível cognitivo quanto no nível das relações sociais. No final, eles iam avançando até serem, novamente, incluídos em seu nível por série; depois reuníamos todos e prosseguíamos na preparatória para as provas da EJA ou do vestibular, dependendo da situação de cada um, mas sem ainda aplicar de modo sistemático, os cinco elementos da Aprendizagem Cooperativa.

Diante desse valor dado ao trabalho de grupo cooperativo, o de impulsionar o estudante mais experiente para cooperar com aqueles menos experientes, vi nascer em alguns casos, o espírito de gratidão por parte daqueles, que recebiam ajuda, e de missão social e solidariedade por parte daqueles que ajudavam. Com isso, percebi em meus estudantes e em mim, essa busca de si e do outro, e juntos nos construíamos. Diante dessa análise, destaco mais uma vez as palavras de Josso, ao afirmar que:

A busca de si é inseparável de uma relação com outrem, mesmo quando, durante um tempo, se privilegia uma exploração de si, em relação a si mesmo, a partir de autopercepções e de auto-observações, sustentadas, ou não por um quadro terapêutico ou de desenvolvimento pessoal. Nós não saberíamos viver, mesmo como eremitas, sem pertenças (reais ou simbólicas). (JOSSO, 2014, p.95).

Para tudo que íamos realizar no PRECE, pensávamos no coletivo, em algo que não seria somente para nós, mas para todos, não havia lugar para o individualismo, por mais que a nossa natureza humana, em algum momento desejasse isso, não havia terreno fértil para tal comportamento ou atitude. O sentimento de pertencimento também era algo muito presente em todos os estudantes do PRECE.

Sentir-se pertencente ao grupo precisa sempre foi um sentimento notório por todos, a começar pelos líderes pioneiros e isso foi tomando conta dos novos que chegavam, porque esse estado de espírito, de se sentir integrado no grupo sempre contagiou em todas as fases da história do movimento. De acordo com minhas experiências no PRECE, sentir-se integrado, significa que, quando não estamos no grupo, fazemos falta a todos os membros e que, quando estamos presentes, inteiros, sentimos uma áurea agradável liberada por todos a partir da presença. A pertença é algo da dimensão afetiva, subjetiva, é um sentimento de alegria em estar juntos e, por vezes, um sentimento de tristeza por estarmos separados.

O espírito cooperativo no PRECE já se fez notório desde o primeiro grupo de estudo dos sete primeiros estudantes, que, aos poucos, foram se formando, se descobrindo em que gostariam de se dedicar, profissionalmente, etc. Ao morarem juntos na casa de farinha estudavam, compartilhando aquilo que sabiam uns com os outros em cooperação e solidariedade. Penso que foi a partir dos dispositivos afetivos, forjados pela convivência entre os sete primeiros estudantes, que foram surgindo determinados símbolos que fazem parte da nossa história.

Por exemplo, sobre as logomarcas¹² do PRECE, já feitas, tomo a primeira para comentar, sucintamente, a sua simbologia. Nela, vejo temas como a afetividade, representada pelo coração, a missão cristã, pela cruz, a esperança da mudança de situações de tristeza para outra realidade, mais feliz, simbolizada pelo verde da planta; os públicos, em maioria o jovem, representado pelo broto da planta, em especial, o trabalho de plantar e de colher os frutos, também presente na simbologia da planta. A logo ainda traz um título - Coração, Juventude e Fé. Frase que fecha a ideia e fortalece o que analisei, por enquanto.

¹² Primeira logo do PRECE – Anexo H

A criação do PRECE foi de forma espontânea, sem uma base teórica educacional, mas surgiu de modo empírico e sem interesses financeiros, porém, essa condição passou a nos impedir de crescer e atingir outros grupos sociais necessitados de uma experiência exitosa, como tem se demonstrado ser o PRECE. Com esse pensamento, fomos buscando sair da não formalidade, fomos tentando esquematizar e sistematizar as nossas experiências educativas. A partir de conversas com professores universitários e pesquisas, fomos encontrando os fundamentos teóricos da nossa experiência na Aprendizagem Cooperativa, que também está sendo bastante difundida em Portugal e no Brasil. Fontes e Freixo ressaltam que a Aprendizagem Cooperativa em Portugal:

Está subjacente na nova reorganização curricular para o ensino básico, no Estudo Acompanhado. Trata-se de uma área de intervenção educativa que se desenvolve ensinando os alunos a aprender uns com os outros, servindo cada um deles como o par mais capaz, permitindo-lhes alargar os seus campos de experiências educativas, independentemente das suas condições socioculturais, sexo, idade, capacidades cognitivas ou acesso ao conhecimento. (FONTES; FREIXO, 2004, p.10).

A experiência de Portugal, aqui discutida, ocorreu na educação formal, diferenciando-se um pouco da nossa realidade, principalmente no início de nossa história. Em 1994, todas as nossas ações educativas se deram na esfera não formal de educação, porém a partir de 2008 a ideia ganha estatuto de formalidade se transformando em um projeto de graduação da UFC, com o objetivo de minimizar a taxa de evasão de estudantes de baixa renda na universidade. Depois, a experiência já fundamentada pelos pressupostos teóricos da Aprendizagem Cooperativa ganhou outros passos na escola secundária estadual e municipal do Ceará.

Pensando a Aprendizagem Cooperativa e a teoria socioconstrutivista de Vygotsky, Alice Fontes e Ondina Freixo afirmam na publicação *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa* que o conceito *Zona de Desenvolvimento Proximal*¹³ é fortalecido nas práticas educativas que se

¹³ [...]. “Para Vygotsky, a aquisição da linguagem representa o momento mais importante do desenvolvimento cognitivo. Enquanto outros autores se preocuparam apenas em estudar o desenvolvimento cognitivo real dos alunos, aquilo que já tinha sido desenvolvido, Vygotsky foi mais longe e estudou as funções ainda em desenvolvimento, ou seja, o nível de desenvolvimento potencial. É baseado nesta perspectiva de desenvolvimento que Vygotsky introduz o conceito de *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP): distância entre o nível de desenvolvimento real de uma criança (ZDR) – realização independente de problemas – e o nível mais elevado de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob a orientação de um adulto ou trabalhando com pares mais capazes (ZDP). A zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é, portanto, percebida pelo autor como uma atividade que se vai construindo, no tempo, e, portanto, é histórica (Vygotsky, 1934:1998). A zona de desenvolvimento proximal é um espaço teórico que se origina pela interação entre o professor (ou o par mais capaz) e o aluno em função do conhecimento sobre a tarefa a ser realizada e dos saberes e recursos utilizados pelo professor. Aquilo que no momento é realizado pelo aluno, com assistência. Não existe em cada aluno uma só zona de desenvolvimento proximal, mas inúmeras zonas que se vão criando em função das tarefas que o aluno tem de realizar. Claro que nem

utilizam da metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Vejamos o que as autoras comentam acerca dessa união de conceitos em uma prática pedagógica:

A Aprendizagem Cooperativa encontra a sua explicação teórica em alguns conceitos dessa teoria (socioconstrutivismo – grifos da autora) como, por exemplo, o conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal*, de aprendizagem social, [...]. Pessoalmente, vemos a Aprendizagem Cooperativa como uma prática pedagógica capaz de desenvolver, nos alunos, a *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP). Ou seja, a colaboração com outra pessoa (o par mais capaz), que pode ser o professor ou um colega de grupo mais competente, na ZDP, conduz ao desenvolvimento cognitivo, no sentido em que o professor ou o colega se torna o objeto para o qual tende o desenvolvimento. (FONTES; FREIXO, 2004, p.26).

A descoberta e o entendimento, por mim, da *zona de desenvolvimento proximal* de Vygotsky me alegam pelo fato de perceber agora esse conceito como basilar em nossas práticas. Hoje, entendo que quando nossos estudantes chegavam, eles traziam sua *zona de desenvolvimento real* (ZDR), ou seja, o que tinham aprendido e o que poderiam resolver sozinhos, individualmente, mas a partir do momento que realizavam problemas com outros indivíduos mais experientes no contexto de estudo, acionava-se neles a *zona de desenvolvimento proximal*, ou seja, esse dispositivo ia se construindo na interação, no espaço, no tempo, sendo, portanto, histórico.

Na ZDP aprende-se não mais sozinho, mas sob a orientação de um facilitador ou de um colega mais capaz. Essa integração de saberes possibilitava, em algum momento, que todos pudessem cooperar com o outro em determinada disciplina. Nos Seminários Literários, os estudantes aprendiam muito com seus pares, se construindo nesse processo acionado pela ZDP que, posteriormente, em processo de desenvolvimento, ampliava-se o aprendizado na universidade. Vejamos o depoimento de Mauzirene, que realizou dois desses seminários literários:

No geral, a minha participação nos seminários literários dos anos 2000 foi de muito proveito, tanto na vida pessoal quanto na vida acadêmica que seria iniciada no ano seguinte. [...] e ser protagonista nesses seminários foi muito bom, porque [...] a partir do momento que a gente era chamado para dar um seminário, assim como quando a gente era coordenador de células, a gente, automaticamente já tinha a autoestima elevada, porque outra pessoa tinha achado que você era capaz de administrar aquela célula, aquele grupo, aquele seminário. [...] vejo tudo aquilo como um combo de coisas boas que elevava nossa autoestima, nos fazia sentir-se capaz de passar para os outros. Ao mesmo tempo, para mim que fiz o curso de Letras, funcionava como uma espécie de

todas as tarefas que os alunos executam necessitam de ajuda, nem toda a ajuda gera uma ZDP, nem tão pouco todas as atividades desenvolvidas pelos alunos têm o mesmo efeito em cada um deles". (FONTES; FREIXO, 2004, p. 17-19)

ensaio, como se fosse já um treinamento para os seminários que eu iria apresentar na faculdade e assistir, [...]. [...] de você ajudar a quem está precisando, a quem não dominava tanto a literatura, quem não gostava tanto, vamos dizer assim, de literatura [...]. (MAUZIRENE, 2018).

Vejo no depoimento da estudante, o valor da interação social como motor para a aprendizagem. Essa aproximação de estudar junto, preparar o seminário e apresentar trouxe a eles um bom desenvolvimento que ampliou as aprendizagens que eles já traziam e os impulsionou para frente, para o que viria logo após a aprovação no vestibular, o curso universitário. Foi importante eu ter tido altas expectativas acerca deles e de acreditar que eles seriam capazes de realizar seminários semelhantes aos apresentados na universidade.

Hoje, percebo que contribuí muito para o desenvolvimento e a aprendizagem de meus estudantes, mesmo sem tanto planejamento, sem um acurado suporte teórico e sem nenhuma noção de pesquisa. O nosso objetivo maior no PRECE, da década de 1990 a 2000, era ajudá-los a aprenderem uns com os outros e a entrarem na universidade, pois acreditávamos que assim estávamos promovendo inclusão social e melhorando a vida deles e de suas famílias. Sobre os Seminários Literários, ao ver os depoimentos da então estudante Mauzirene, estímulo-me ainda mais a continuar escrevendo sobre minha experiência de trabalho educativo e social no PRECE. Me revigoro nesse fazer presente, olhando para um futuro próximo de continuidade em meu fazer docente, com certeza, mais lúcida e mais forte para desenvolver aprendizados mútuos através da cooperação e da solidariedade aonde quer que eu atue.

A descoberta do conceito de Marie Christine Josso (2004) acerca das *buscas*, aqui destacando a *busca da felicidade*, me fez refletir, que em tudo que realizamos em nossa vida, estamos sempre buscando a felicidade. Sempre procurando acertar, embora nessa busca haja erros; nesse processo, vamos estar em constante construção de nosso ser que não reside isolado, mas mediante a busca da felicidade coletiva. Nessa pesquisa (auto)biográfica, acentuo, fortemente, o valor desse outro, os precisistas, os que caminharam e os que caminham ainda hoje, lado a lado nessa busca. Na verdade, penso que para poder me sentir feliz, em muitos casos, preciso de alguém para confirmar essa felicidade e participando dela.

Destaco ainda que foi essencial descobrir e consolidar através da análise, o valor que tem a teoria de Vygotsky para os pressupostos teórico-metodológicos da Aprendizagem Cooperativa e para a nossa experiência. Vi a importância da dimensão sociocultural dada por

Vygotsky no desenvolvimento e aprendizagem do estudante, pensamento que se liga às práticas educativas em Aprendizagem Cooperativa.

Trabalhar de forma cooperativa significa passar por novos desafios e isso inclui tanto os estudantes quanto o professor. Os desafios de trabalhar em grupo, relacionar-se com pares, cooperando uns com os outros, construindo aprendizado e aprendendo a conviver não é algo fácil, pois surgem sempre conflitos, mas isso amplia ainda mais o aprendizado que não deve ser somente no âmbito cognitivo, de garantir o domínio dos conhecimentos historicamente acumulados, mas também colocar lado a lado as práticas docentes que valorizem as aprendizagens da dimensão social.

Em convergência, esse foi também o jeito que Vygotsky entendeu que seria a melhor forma de aprender. Ao término tenho escrito e analisado mais um pouco de minha história, ou melhor, de nossa história, que vai do individual ao social, por meio de uma prática de ensino que resiste ao tempo, tendo hoje novo significado.

A fundação da Escola Popular Cooperativa Ombreira

O PRECE, conforme falei antes, a partir de 2003, foi saindo dos limites de Cipó e ganhou outras comunidades pela ação de novos estudantes, impregnados pela pedagogia do exemplo dos seus antecessores. As EPC foram gestadas pelos próprios estudantes, muitos deles foram se construindo, muito cedo, como mestres de novos discípulos que chegavam a cada ano. Bem antes dessa multiplicação do PRECE começar no ano de 2003, eu desejava iniciar um projeto semelhante ao PRECE em minha comunidade, de nome São Pedro, zona urbana periférica de Pentecoste. Eu tinha saudade do meu trabalho na comunidade, discutido antes, por isso, eu pensava em uma forma de resgatar aquela experiência com crianças e adolescentes, porém, com foco nos estudos.

Em parceria, Andrade e eu conversamos e vimos que era viável a criação da EPC devido haver alguns estudantes na comunidade que poderiam desenvolvê-la, além de mim, que poderia realizar as ações aos fins de semana. Com isso, em 2004, iniciei a implementação da Escola Popular Cooperativa Ombreira na minha comunidade, com Manoel Andrade e os estudantes ligados ao PRECE que como eu nasceram na localidade.

Sabíamos da existência de um prédio do DNOCS abandonado, logo na entrada da comunidade São Pedro, que abrigava adolescentes e jovens marginalizados que se drogavam. Tivemos daquele lugar, uma nova visão, vimos não mais um lugar para a marginalidade, mas um lugar para estudantes - crianças, adolescentes e jovens estudarem, brincarem, se alegrarem e aprenderem, desde pequenos, a sonharem com uma vida melhor, pois essa comunidade é conhecida por ter muitas crianças, portanto esse foi o nosso público inicial. Sonhamos com um lugar novo, espaço para transformação de vidas e a partir desses sonhos, Andrade foi estimulado por nossa vontade, digo nossa, porque não era somente eu a maior interessada, mas especialmente, eu e Marcilene Oliveira, pois éramos as primeiras precistas dessa comunidade a ingressarem na universidade e a saber do valor que tinha fundarmos um PRECE em nossa comunidade.

À nossa causa, somou-se a líder comunitária Rosa Araújo, uma educadora que ainda ensinava as crianças a ler em uma grande mesa na sala, em sua própria casa. Com o aumento da demanda, juntou-se a nós Jorge Araújo. Ele tinha experiência em trabalhar com meninos de rua em Fortaleza, e, posteriormente, os estudantes Elvis Marques, Railson Feitosa, Rayssa Feitosa, Isaqueu Viana, Manoel Barbosa Filho, Carlos Augusto, Nayane Azevedo, Jaqueline Viana, dentre outros que se doaram a essa causa (figura 41). Assim, compusemos o primeiro grupo de fundadores da Associação EPC Ombreira, em que, atualmente, todos estão na universidade, alguns já concluíram seus cursos superiores, com exceção de apenas dois que preferiram trabalhar logo.

Figura 41 – Liderança da EPC Ombreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Contudo, para a formalização da cessão do espaço para utilizarmos em nossas ações educacionais, Manoel Andrade conversou com o diretor do Centro de Pesquisa do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), Pedro Eymar, e ele nos cedeu o espaço com o objetivo de utilizarmos para o bem da comunidade ao seu entorno. O espaço se encontrava depredado e sem iluminação para a realização de ações educacionais e recreativas, assim, foi necessária uma reforma completa.

Iniciamos com a limpeza, e depois com uma reforma. Manoel Andrade se responsabilizou pela coordenação do projeto de reforma do prédio. Para uma melhor adequação do espaço aos objetivos educacionais e de segurança, foram feitas duas reformas e a construção de mais um cômodo. O recurso dessa reforma foi conseguido através da aprovação de um projeto feito pelo Manoel Andrade a uma organização de mulheres da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

O diretor Pedro Eymar não gerou dificuldade em nos ceder o prédio, pelo fato de já nos conhecer e valorizar o trabalho feito pelo PRECE até o momento. Pedro já havia ajudado na criação da EPC Pentecoste, cedendo espaços do Centro de Pesquisas do DNOCS para os líderes e estudantes se organizarem e estudarem.

Assim, a Associação Escola Popular Cooperativa da comunidade de São Pedro foi estabelecida no dia 19 de julho de 2004 pelo espírito de luta social de todos nós. Para ocupar o prédio, limpá-lo e pensarmos o trabalho educacional inicial, contamos com o apoio dos estudantes pioneiros do PRECE – Pentecoste. Para que ocorressem as atividades educacionais semanais eu e Manoel Andrade convidamos Rosa Araújo para iniciar um projeto pioneiro com as crianças e adolescentes da comunidade para contribuir com ensino desse público inicial. Com o crescimento da demanda de crianças e a necessidade de incrementar mais as atividades lúdico-educacionais, contamos com a parceria da 1ª Igreja Presbiteriana de Fortaleza, através do Reverendo Áureo Rodrigues de Oliveira, o qual destinou a doação de fogão, geladeira e uma bolsa de 300 reais mensais para o educador social Jorge do Carmo que se somou a nós.

Ele tinha experiência em trabalhar com meninos(as) de rua, em Fortaleza, e agora com Rosinha, iniciaram o trabalho com um público mais numeroso de crianças e adolescentes. Posteriormente, começamos outros projetos com jovens e adultos, incluindo a família dos participantes e, indiretamente, contribuindo com a educação da comunidade. Ao todo, trabalhávamos, com seis diferentes projetos. Realizamos uma série de atividades educacionais, no esporte e na cultura e parte deles envolvia o ensino através da metodologia do estudo em células cooperativas do PRECE.

Aos fins de semana e nas férias me reunia com a equipe para planejarmos as atividades da semana e houve épocas em que ministrei várias formações educativas para esse grupo e ainda cursos intensivos de Português, focando a leitura e produção de textos. Realizei e coordenei, por muito tempo, cursos intensivos do aprendizado de língua estrangeira como facilitadora e como acompanhante de amigos norte-americanos que, a convite meu e do Andrade, deram curso de conversação em inglês para crianças e adolescentes, estudantes da Escola Popular.

Na escola, sempre priorizamos projetos com o público infanto-juvenil que chamávamos de Programa de Apoio a Infância e tinha a proposta de realizar uma série de atividades como, por exemplo, auxiliar às crianças nas tarefas escolares; proporcionar o prazer e o lúdico por meio da utilização de jogos e brincadeiras com objetivos educacionais. Os próprios adolescentes colaboravam em atividades como passar vídeos educativos e filmes do cinema e contar histórias infantis, dialogando sobre a escrita de novas histórias.

Outro eixo que compunha as nossas ações era reunir os pais e mães para pensarmos e discutirmos sobre a importância da Associação Escola e a educação dos filhos na comunidade e sobre isso, realizávamos visitas aos locais menos conhecidos da comunidade, proporcionando atividades de lazer que tiravam os estudantes adolescentes dos riscos próprios da sua idade. Havia um projeto bastante ativo que os meninos amavam, era o da Escola de Futebol Infanto-Juvenil no qual se treinavam as técnicas do jogo. Dessa forma, era promovida a interação do grupo, proporcionando o preparo físico com alongamentos e aquecimentos; trazendo a saúde do corpo e da mente às crianças e adolescentes através do esporte. O grupo realizava torneios comunitários que não tinha somente o objetivo de ganhar, de forma competitiva, mas jogar, de modo educado e saudável. Para realizarmos esses projetos, alguns dessa equipe se responsabilizavam por mais de um projeto.

Dessa forma, Jorge do Carmo iniciou o trabalho, usando, principalmente, a pedagogia do xadrez e outros jogos educativos que eram o ponto forte de nosso trabalho nessa escola. Em 2007, os projetos que desenvolvíamos eram: Ação Complementar à Escola Pública; Educação de Jovens e Adultos, Formação de Estudantes CooperAtivos, Horta Escolar Comunitária, Inglês Cooperativo (figura 42), Escola de Futebol Infanto-Juvenil, Xadrez (figura 41) e Jogos Populares; e Teatro. Nesse ano, atendemos um total de 104 crianças, 37 jovens e 11 adultos. (Relatório 2007, p. 25).

Figura 42 – Minhas aulas de Inglês/Carlos Augusto (Jogos Educativos) na EPC Ombreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os resultados das nossas atividades educacionais e recreativas eram muito bons, apesar dos poucos recursos que tínhamos oriundos do projeto aprovado da Fundação Lemann. Eis alguns: um grupo de líderes comprometido com a Associação Escola, a diminuição da violência entre as crianças e adolescentes; o retorno de crianças jovens e adultos à escola, a sociabilidade de famílias estigmatizadas pela péssima condição social, vícios, deficiência e violência intrafamiliar; a integração família/associação escola; a prática de uma nova metodologia educacional através do uso de jogos educativos, o atendimento a um bom número de estudantes da escola pública.

Foi realizado diversas atividades educacionais tais como: visitas a outras EPCs, torneios de futebol e xadrez, apresentações de teatro, festas para mães, pais e crianças, sessão de filmes para crianças, visita às famílias dos estudantes, subida ao serrote do Tamanduá, falado antes, como aula de campo de geografia local, etc.

A Associação Escola Popular Cooperativa Ombreira tinha como missão: colaborar ativa e cooperativamente com a melhoria da educação na comunidade e com o desenvolvimento social e igualitário da mesma, criando espaço para o protagonismo juvenil, criativo e autônomo e oportunizando práticas socioeducativas, através do trabalho cooperativo, por meio de projetos e programas com ou sem parcerias de instituições governamentais e não-governamentais.

Atualmente, a escola está sob a coordenação local de Jorge Araújo do Carmo e a coordenação geral ainda está comigo, porém, as atividades estão bem resumidas devido eu ter me ocupado mais com meus estudos e, a liderança estudantil, em maioria, entrou na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção e, assim, ficou inviável o seu retorno para sua comunidade, aos fins de semana para sustentar os projetos da EPC.

A escola não tem condições financeiras para custear, nem mesmo, as passagens dos estudantes para retornarem, alimentando assim, a pedagogia do retorno da forma como fazíamos desde o início do PRECE em 1994. Atualmente, existe apenas um projeto de Reforço Escolar que orienta o estudo nos deveres de casa e atende apenas 10 crianças da escola pública da comunidade Maria Glaucineide Firmiano de Sousa. O meu sonho para esse espaço hoje é a construção de um Centro Cultural do PRECE para desenvolvermos os potenciais locais nas áreas de educação infantil, de Jovens e Adultos, Arte e Cultura. (ASSOCIAÇÃO ESCOLA POPULAR COOPERATIVA OMBREIRA, 2019).

Ao ler o trabalho sobre as produções apresentadas no VI CIPA¹⁴ vi que posso explorar muito mais trabalhos com as crianças dos projetos do PRECE na atualidade, pois um dos focos hoje é o trabalho na educação infantil, e esses projetos já ocorrem na sede do PRECE, onde tudo começou, na casa de farinha, em Cipó. No momento, a iniciativa ainda não é sistemática, ocorrendo somente, aos fins de semana, mas estamos sonhando e planejando a criação de uma escola de educação infantil em Aprendizagem Cooperativa, novamente, inspirada na forma que se estabeleceu o PRECE em 1994.

Vejo um futuro promissor dessas novas influências teórico-metodológicas das pesquisas em história de vida e formação e ainda da nossa história, aqui apresentada. Disso tudo, teremos as bases teóricas para iniciarmos a nova jornada que será essa escola com responsabilidade social que demarcará um novo momento na história do PRECE. Jornada de trabalhar com as crianças e a partir daí, estudar e conhecer outras metodologias ativas, possíveis de aplicar com a infância, e, baseando-nos em nossas experiências, poderemos iniciar com a Aprendizagem Cooperativa e as Histórias de Vida. Sobre como trabalhar com esse novo público, enfocando o estudo e a pesquisa a partir de suas histórias de vida Mignot; Souza (2015) vão dizer que:

Infância é um dos temas que, anteriormente, aparecia ao lado de outros, [...] [...] as organizadoras de *infância, aprendizagem e exercício da escrita* destacam e justificam a especificidade do novo recorte temático, afirmando que “a partir de enfoques distintos, em diálogos com a produção acadêmica de diversas tradições disciplinares, os autores apontam caminhos possíveis de investigações sobre e com as crianças no contexto escolar” [...]. (ibidem, p. 23).

Ao entrar em contato com esse trabalho do qual destaco o texto acima, senti o quanto foi importante todas essas experiências docentes em História de Vida feitas por mim e por meus amigos até hoje, de modo prático, sem a previsão de um estudo teórico metodológico como o que tem se apresentado a partir dessa pesquisa e do que pode vir depois dela. Segundo esse estudo apontado pelo excerto, é possível, em nosso trabalho com crianças, nos utilizarmos das investigações sobre as histórias de vida infantis na escola. Com a minha experiência com crianças desde jovem, percebi ser viável trabalhar com as crianças, suas histórias de vida (figura 43).

¹⁴ MIGNOT, Ana Chrystina; SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de viver, narrar e guardar: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 10 – 33, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas>. Acesso em 09 maio 2019.

Martine Lani-Bayle (2008) em seu artigo “Histórias de vida: Transmissão intergeracional e formação”, discute um pouco essa questão afirmando que as crianças:

Buscavam na verdade, era compreender a sua vida, ou o que a sua vida tinha sido até então para elas e, por essa razão, precisavam saber o que lhes tinha acontecido e porquê. Os adultos, que detinham esses saberes ausentes sobre elas, recusavam-se a lhes dar o que lhes faltava. Supostamente, para protegê-las de aprendizagens difíceis ou dolorosas que lhes diziam respeito diretamente. (ibidem, p.300-301).

A criança ainda permanece um mundo a se descobrir e investigar, tomando um pouco das duas citações apresentadas por último. Como parte da minha vida, tenho trabalhado com crianças e adolescentes, compreendendo o valor de nos formarmos sempre acerca de novas possibilidades de estudo, ensino e pesquisa com esse público que tem uma vida inteira para se formar em um ser humano melhor para a sociedade, em especial, as nossas crianças pobres são inteligentes e capazes, mas lhes falta, muitas vezes, a oportunidade na idade certa. Muitas vezes, precisamos saber o que a criança falta saber da sua vida para poder melhor ajudá-la a saber e com isso aprender o caminho que fará a mudança na sua vida e com isso, a felicidade dentro da sua realidade escolar e familiar.

Figura 43 – Oficina de histórias de vida das crianças na EPC Ombreira



Fonte: Arquivo pessoal da autora

4 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Cabe iniciar discutindo que, apesar do método biográfico ter sido por muito tempo relegado por outros grupos de pesquisa científica, os quais prezam o rigor, bem como o dado e o racional acima de tudo, não desanimei no percurso de pesquisa por mim pensado, por saber que essa ideia de ciência pura já se encontra em processo de superação. Nas últimas décadas, muitas pesquisas têm demonstrado que o método biográfico tem sua autonomia científica e se apresenta muito mais desafiador dentro de uma pesquisa pautada na ética e na legislação da pesquisa científica.

O livro de Ferraroti (2014) traz uma discussão que nos faz entender esse processo de fincar as bases epistemológicas do método biográfico como uma episteme vigorosa em relação aos seus achados científicos. A metodologia das narrativas de vida tem se mostrado relevante por trabalhar de forma individual, sem, contudo, deixar de mostrar o conjunto, o contexto. Assim, apresenta-se um leque de oportunidades, por exemplo, a análise de narrativas autobiográficas nas pesquisas educacionais, caso de meu estudo, no qual veremos a apresentação e discussão do meu referencial teórico dentro do método biográfico.

O método biográfico

Lani-Bayle (2008) apresenta um breve panorama do surgimento do método das histórias de vida, primeiramente, como corrente de pesquisa e de reflexão em sociologia, para depois ir ao âmbito da formação, tendo tal abordagem o contexto mais próximo de seu surgimento, o final do século XIX. Na Alemanha, Wilhelm Dilthey colocou as bases epistemológicas do método biográfico, distinguindo Ciências da natureza (explicação) e Ciências do espírito (compreensão); depois, a Escola de Chicago, entre 1915-1940 foi quem deu origem às histórias de vida com o estudo de Thomas e Znaniecki, em 1918, sobre os camponeses poloneses. Entretanto, de 1930 a 1970, o método continuou banido ao esquecimento devido à forte tendência de se quantificarem os fatos sociais. Nesse ínterim, a abordagem começa seu processo de consolidação científica desde os anos de 1950, na Itália, com os trabalhos de Franco Ferrarotti; no México, com a obra *As crianças de Sanchez*, de Oscar Lewis, mostrando uma sociedade por meio de uma família do interior, no início dos anos 1960; na França, com Daniel Bertaux. Contudo, foi

a partir dos anos de 1980 que essa corrente teórico-metodológica abarcou uma gama considerável de domínios. A abordagem ganha legitimidade nos diversos campos das Ciências Sociais, notadamente, em Sociologia Clínica e Ciências da Educação.

A autora acentua ainda que essa corrente adota a perspectiva militante da geração de 1968, que rompia com a história única das elites e lutava contra a hegemonia do número de ciências, ditas humanas, naquele momento. Para finalizar o percurso histórico dessa episteme, a autora destaca que os pesquisadores práticos têm se organizado em redes desde 1983. Ainda, reforça que, no plano internacional foi criada em 1991 a *Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação* (p. 297-300). No artigo citado, a ela afirma que

[...] se o procedimento biográfico permite construir e conquistar a sua história narrando-a e dando-lhe forma, formar-se -, ela dá acesso também à [...] dimensão da anterioridade pela importância conferida ao genealógico, na gênese da pessoa, tanto pessoal quanto cultural. Desse modo, introduzo o que denomino de *clínica narrativa*, via [...] “história de vida genealógica” e “geracional” ou “geradora”, que assim categorizei [...] (LANI-BAYLE, 2008, p.297).

A partir da leitura desse fragmento, bem como do texto integral, tive a sensação de que a autora dava ênfase a questões mais psicológicas, no âmbito mais terapêutico, porém a estudiosa desfaz essa possibilidade. Ele diz não haver uma pretensão de se utilizarem as histórias de vida como análise clínica no sentido curativo, mas no sentido (trans)formador, diria eu, processual, algo que não ocorre de uma vez, mas numa construção diacrônica. Sobre as crianças, com as quais ela trabalhava, dizia que na verdade “o que elas buscavam [...], era compreender a sua vida, ou o que sua vida tinha sido até então pra elas e, por esta razão, precisavam saber o que lhes tinha acontecido e por quê” (LANI-BAYLE, 2008, p.300-301).

Outro elemento que assenta os pilares desta episteme é a já mencionada carta da ASIHVIF-RBE - Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação e da Pesquisa Biográfica em Educação (ASIHVIF-RBE, 2016). A ASIHVIF-RBE congrega pesquisadores, professores e estudantes, dentre outros, “sensibilizados aos desafios da educação e os laços entre formação e ‘história de vida’”. Suas pesquisas e suas atividades se inscrevem no campo da formação durante toda a vida, assim como no aspecto da pesquisa biográfica (ASIHVIF – RBE, 2019, p. 177 - 178). Vejamos no fragmento abaixo um pouco de sua consistência e finalidades:

[...] a finalidade da ASIHVIF- RBE é desenvolver práticas de história de vida por meio da narrativa no âmbito da formação, da pesquisa e da intervenção. Trata-se de um

procedimento que coloca, no centro, o sujeito narrador, enquanto aquele que define seu objeto de busca e desenvolve um projeto de compreensão de si para si e pela mediação do outro. A perspectiva que orienta, media e apoia as práticas da narrativa de vida é a emancipação pessoal e social do sujeito. Entende-se por “emancipação” a ação que tende a substituir uma relação de assujeitamento por uma relação de igualdade. Enquanto prática de formação, a narrativa de vida permite ao sujeito apreender seus objetivos existenciais no seio da coletividade. Enquanto método de pesquisa qualitativa, a narrativa de vida constitui um procedimento inovador em relação aos modelos de pesquisa mais clássicos. Enquanto prática de intervenção, a narrativa de vida permite ao sujeito, com base numa explicitação de seu percurso de vida, dispor dos meios necessários à tomada de consciência reflexiva e crítica, visando situar-se como ator social num projeto de ação mais lúcida e mais pertinente. Este procedimento autobiográfico tem então uma tripla função: a de pesquisa (produção de conhecimento), a de formação e a de intervenção (configuração de si numa perspectiva de ação social) [...] (A carta da ASIHVIF-RBE in: Revista Brasileira (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 177-179, jan. /abr.2016.)

Como vimos, a carta aponta para algo que vai se firmando e se construindo como uma inovação na educação, que é a utilização da narrativa de vida como um poderoso instrumento formativo. Entendendo o valor que há na conjunção entre formação e pesquisa, sem deixar o maior alvo que é a intervenção. A orientação da Associação, por meio de sua carta de princípios, norteia fazeres e põe o sujeito narrador como agente que possui um “objeto de busca” e sobre este se debruça para compreendê-lo a partir dele próprio e através do outro. A orientação posta defende que haja um processo que não despreze a dimensão pessoal e social do agente e isso é entendido como uma luta para neutralizar uma relação de submissão por outra de igualdade, ou digo, eu de equidade entre os envolvidos. A carta destaca que a narrativa de vida como processo formativo evidencia interesses de vida dentro do ideal de grupo. Em respeito ao método de pesquisa qualitativa, a narrativa de vida inova quando pensamos no modelo de pesquisa hegemônico que privilegia o dado preciso quando na realidade, sabemos que nada mais é tão certo e infalível. Finalmente, quando pensamos em fazer intervenção nos problemas do nosso contexto, a narrativa de vida propicia mecanismos definidores de uma transformação profunda de realidades difíceis em determinadas situações para uma mudança consistente das mesmas.

Na mesma tônica da ASIHVIF- RBE, há um grupo organizado com o objetivo de se constituir como uma base sólida, fortalecendo-se cada vez mais, multiplicando-se pelo Brasil e se constituindo como um movimento científico, com a possibilidade de pesquisar em ambientes educacionais diversos, a partir de uma multiplicidade enorme de temas e públicos. Esse promissor grupo de pesquisa senta base em boa parte das universidades públicas e privadas do

país. Pelo pouco que tenho observado, participando por duas vezes de seus encontros internacionais, os quais consistem em serem momentos de clímax de todo o processo de construção de pesquisas nessa área no Brasil e no mundo. O congresso é pensado e realizado sob a liderança dos professores e pesquisadores dessa área que compõem a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica – *Biograph*, também criada por esse grupo em 16 de outubro de 2008, e aprovada na Assembleia Final do III CIPA (Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica), realizada em Natal. A Associação tem sua sede em Salvador, com endereço na Universidade do Estado da Bahia | Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (UNEB/PPGEduC). De acordo com o seu estatuto, a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica objetiva:

[...] 1. congregar os profissionais brasileiros que pesquisam (auto)biografias, memória, histórias de vida e práticas de formação; 2. promover e coordenar estudos e pesquisas, eventos e ensino no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; 3. dialogar com associações congêneres, especialistas nacionais e internacionais e desenvolver ações interdisciplinares no campo de pesquisa-ensino; 4. estimular a divulgação e informação das produções na área de pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; 5. promover a crítica e pluralismo teórico na área em suas diferentes produções e atividades [...]. (Art. 3º Estatuto BIOgraph).(http://www.biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=25&Itemid=34 14.06.19)

Nos cinco pontos destacados do estatuto da *Biograph*, vejo o quanto foi importante a criação desse movimento de profissionais brasileiros da pesquisa (auto)biográfica. Considerando o que vem no quesito primeiro, justifica-se o valor que há em se congregar, em cooperação no desnudar dos fatos, das narrativas de existência dos objetos estudados, sejam indivíduos, eventos ou instituições que foram preponderantes e impactantes no nível individual e coletivo para melhorar a educação escolar e universitária. Enfatizo ainda o valor que há na promoção e coordenação de estudo, ensino, pesquisa e a intervenção naquilo que foi considerado empecilho ao crescimento da aprendizagem dos agentes educacionais.

Valoroso ainda é a promoção de eventos para divulgar os resultados obtidos da ação do estudo, ensino, pesquisa e a intervenção para melhorar os resultados. Outros pontos destacados são o diálogo, as parcerias; em tudo que se faz, fica bem melhor se tivermos companheiros com o mesmo propósito. Sem parceiros fica mais difícil ou impossível obterem-se resultados. A união de agentes pesquisadores e fomentadores, no âmbito da pessoa ou da instituição se faz sempre necessária para o sucesso dos objetivos, assim como a promoção da

crítica e do pluralismo de ideias; isso tudo, essa junção de forças, tende a criar um ambiente de estímulo e fortalecimento grupal dos pesquisadores em foco.

Ao fazer parte dessa Associação como sócia desde o ano de 2015, por ocasião da apresentação de um trabalho no VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica em Cuiabá, Mato Grosso, pude me aprofundar cada vez mais no conhecimento dos trabalhos teórico-metodológicos em pesquisa (auto) biográficas, aliada esta à pesquisa em contextos de sala de aula e de formação de professores. Ter-me associado foi importantíssimo para entender as bases epistemológicas dos estudos em história de vida e formação, que é o percurso teórico-metodológico por mim escolhido neste trabalho. Para compreendermos o universo das publicações desse evento foi-me muito útil o trabalho de Mignot e Souza (2015), que publicaram o inventário das produções para o VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA). Por exemplo, o tema da formação aparece tematizado, segundo os autores em

[...] um conjunto de trabalhos de pesquisadores que vem recorrendo a histórias de vida e a métodos autobiográficos para a compreensão do trabalho e da formação de professores, trazendo experiências que buscam refletir sobre a fecundidade da memória e das trajetórias de vida nos processos de socialização familiar, escolar profissional vividos pelos sujeitos sociais, com impacto nas disposições para a docência [...] (idem, 2015, p.22).

Ao participar dos dois congressos e ver o alto nível de organização dos atores desse evento científico, a competência dos palestrantes como também as apresentações de trabalhos e ainda as diversas publicações de livros da *Biograph* e de seus parceiros, fiquei perplexa como quem descobre uma mina valiosa. Senti que devia abraçar e permanecer nessa trilha que me levará a novas experiências docentes. Além de ter o apoio com fartas referências bibliográficas constantes nas coleções de livros da Associação publicadas a cada CIPA. A partir desse estudo da coleção do VI CIPA pelos autores citados, pude entender mais sobre a construção de epistemologias publicadas com uma variedade temática importante para vários interesses de estudo e pesquisa. Vi a importância de trabalhos apresentados por estudiosos que se utilizam das narrativas de vida a partir dos métodos (auto)biográficos na procura de entender-se mais acerca de seu trabalho, sobre a formação de professores, mostrando o valor da memória e dos percursos de vida no nível familiar, escolar, acadêmico e profissional vivenciados pelos agentes sociais.

Isabel López Górriz (2008, p.301) logo no início do seu texto, diz que “a autobiografia, utilizada como método de investigação-formação, desencadeia processos

formativos e educativos profundos, gerando um modelo formativo-educativo de transformação existencial”. A autora destaca ainda que na prática há uma investigação que produz processos “de tomada de consciência das diversas realidades pessoais, familiares, profissionais e sociais” importantes, as quais permitem mudar paradigmas gerados por um modelo “heterônomo” por outro mais “autônomo” (p.301). Vejo nessas ideias algo novo e convincente, algo sólido que se afirma metodologicamente para o processo formativo-educativo dos atores do ensino aprendizagem.

A partir desse estudo das publicações no método das histórias de vida, penso que estaremos a contribuir com outros agentes deste campo a analisarem suas práticas docentes na área do estudo-formação-ensino-aprendizagem, constituindo-se como soluções criativas em um contexto educativo ávido por experiências diferenciadas que possam causar impactos na escola perante os desafios postos por uma sociedade em constantes mudanças incompatíveis com o modelo de ensino tradicional, não correspondente hoje ao que se vive na escola. Essa incompatibilidade tem gerado uma crise escolar percebida pelo desânimo, desestímulo e apatia dos estudantes que diante da metodologia tradicional que ainda impera na prática docente não se sentem atraídos a gostarem de estar na escola. Por outro lado, o professor se sente meio perdido diante das suas diversas dificuldades, inerentes ao ofício de ser professor no Brasil.

Vejo que a metodologia expressa nas epistemologias das Histórias de vida e formação propiciaram a autorreflexão presente nas narrativas de si, por exemplo, no âmbito da profissão docente e no papel do estudante como protagonista principal da sua aprendizagem, no que é ser professor, no constituir-se professor, no que é ser estudante, no que é constituir-se estudante e naquilo que cabe a ambos na sociedade atual. Esse olhar para si e para o outro poderá modificar estruturas estéreis do sistema escolar vigente. A mudança precisa vir de dentro para fora, porque como afirma Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2011) quando os indivíduos se reconhecem como seres históricos, alargam seus níveis de consciência e vem a possibilidade de revolucionarem e de lutarem por uma transformação.

O pensamento freireano, em muitos aspectos se conecta com a metodologia das histórias de vida e formação. Na experiência do PRECE, a utilização das narrativas de vida mostrou-se bastante expressiva, gerando bons resultados; dessa forma, desde o começo de nossas reflexões sobre a nossa prática de ensino-aprendizagem, já inseríamos Freire como nosso referencial teórico-metodológico. Rodrigues (2007a), fala que o PRECE foi uma experiência

empírica que “se convencionou chamar de Educação em Células”. Para ele, “essa prática metodológica constitui-se num processo de estudos em que estudantes colaboram entre si, assemelhando-se aos círculos de estudos propostos por Paulo Freire”. Rodrigues fala que “a proposta pedagógica do PRECE aponta para uma educação progressista fundamentada no respeito e na participação horizontal dos sujeitos envolvidos nos processos educativos, conforme enfatiza Freire no *Pedagogia da Autonomia* (1996)” (RODRIGUES, 2007a, p.53-54). Assim como Rodrigues, percebi que mesmo com objetivos claros na preparação para a entrada na universidade, nossa postura era sempre inclusiva, mediadora, horizontal e, como venho discutindo, carregada do sentimento solidário, dialógico e transformador.

Além de Rodrigues (ibidem), a psicóloga Verônica Ximenes *et al* (2008), em uma publicação junto com estudantes precisistas, diz que o PRECE tem opção teórico-metodológica em Freire e acrescenta a influência também das ideias de Carl Rogers. Além desses teóricos citados, o processo histórico do movimento foi se delineando em uma prática de ensino dentro dos pressupostos teórico-metodológicos da Aprendizagem Cooperativa que englobam um vasto número de referenciais teóricos. Verônica diz ainda que todas as ações do movimento “fundamentam-se na autonomia intelectual de jovens envolvidos e na cooperação entre eles, a fim de proporcionar a formação de lideranças e de atores sociais comprometidos com a potencialização de suas comunidades” (XIMENES *et al*, 2008, p.14). A autora aponta para a educação centrada no estudante e pontua o valor que há em ensinar para gerar autonomia no discente. A abordagem das histórias de vida e também da teoria freireana sempre protagonizaram um ensino-aprendizagem voltado para o estudante como um ser histórico, criativo e agente de uma transformação de uma situação opressora para outra, com liberdade para pensar e agir com assertividade. Essas abordagens veem o estudante não como um agente passivo, mas ativo e rico em sua história e saberes.

Continuando na discussão do valor epistemológico das histórias de vida, Maria Isabel da Cunha (1997) chama nossa atenção, afirmando que a

[...] a narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria existência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória. É claro que esta possibilidade requer algumas condições. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a

separar olhares enviesadamente afetivos presentes na caminhada, a pôr em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo [...] (CUNHA, 1997, p.188).

A partir da fala da autora, destaco que quando nos distanciamos do momento de nossa produção, do calor do ativismo professoral-formador para melhor sentir o fazer a partir do pensar sobre, do sentir a prática cotidiana do ofício, aprendemos muito mais. Essa capacidade de criticar a nós mesmos também nos ensina a valorizar as experiências aparentemente carregadas do malogro, porém é quando aprendemos mais. Caminhar para si e afastar-se de si talvez seja a melhor fórmula dentro dessa discussão. Entendo que devemos usar do dispositivo afetivo fundamental e crucial e não de um olhar afetivo enviesado, que possa significar dispositivos afetivos posicionados de forma contrária. Segundo Maria Isabel, olhar que não traz ressonância com a discussão teórico-crítica do valor da afetividade na metodologia das Histórias de Vida e formação no âmbito do ensino.

Atentemos ao significado desse vocábulo, “enviesadamente”, o qual significa aquilo que é direcionado de modo errado, inadequado, avesso e retorcido, etc. A partir disso, infiro que a autora chama a atenção para que não trabalhem a questão afetiva sem o devido olhar para onde vão os nossos objetivos, que discutamos a questão dos afetos de maneira ética, respeitosa, com amorosidade e afetuosidade com cada um dos envolvidos na relação com vistas aos objetivos do ensino-aprendizagem nos ambientes formais e não formais.

Neste percurso teórico-metodológico, como vimos, trabalhar as histórias de vida é também trabalhar o *eu*, o subjetivo. Muitas vezes, nas formações tradicionais, só se enfatiza o saber ligado ao cognitivo, deixando-se de lado as emoções. Acerca das formações de professores de línguas estrangeiras que priorizam mais a dimensão cognitiva, Castro (2014, p.28) afirma que “[...] isso é fundamental, indubitavelmente, mas passa ao largo do que sentem os estudantes e os professores. A dimensão afetiva precisa ser levada em conta na formação dos professores, e não somente os de línguas”. A afetividade, as emoções propiciam um ambiente escolar de estudo e formação com um clima emocional mais agradável. Essas pesquisas e outras aqui não levantadas têm mostrado o quanto esse quesito favorece a maximização de resultados escolares satisfatórios. E com certeza, ao se trabalhar a metodologia das Histórias de Vida, está-se a tratar dos afetos, do *eu*, das relações interpessoais que compõem o ser individual e social, etc. Acerca disso, Casassus (2009, p. 205) afirma que

[...] não há aprendizagens fora do espaço emocional, que tudo o que alguém faz tem uma emoção na base, que o clima emocional da sala de aula é o principal fator que explica as variações no rendimento dos alunos, que as emoções servem para pensar melhor, que elas influem na saúde, para o bem e para o mal, que permitem a sobrevivência das pessoas e dos grupos, que a inteligência emocional é mais importante do que a inteligência cognitiva, e que o conhecimento e a capacidade de administrar as próprias emoções é o melhor indicador de êxito [...].

O autor destaca enfaticamente, a importância do fator emocional no ato de mediar o conhecimento e na ação de aprender. Discute a ideia de que tudo o que fazemos tem por base a emoção, o gostar de fazer determinada coisa. Analisa que as emoções conduzem a satisfação que vem do coração, a qual traz a virtuosidade do pensar melhor e profundo. Na minha história de vida estudantil, aprendi mais com os professores que foram mais afetuosos comigo, que me davam atenção e me faziam sentir que se preocupavam comigo, conseqüentemente, eu gostava das disciplinas deles.

Acerca da aprendizagem experiencial, Josso (2004, p.39) disserta que “aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas”. Mais adiante, ela pontua que “se a aprendizagem experiencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos conhecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações” (p.41). Essas falas sustentam a experiência formadora que apresentamos neste estudo, por se tratar de algo que foi capaz de resolver com eficácia muitos problemas difíceis de se formularem e resolverem teoricamente.

Bragança (2012) discute acerca da necessidade de se buscar uma formação de professores “fundada em uma epistemologia mais humana e, portanto, necessariamente mais sensível e dialógica, como nos ensina Freire (1992)”. A autora observa ainda que “são os acontecimentos biográficos que, de forma muito particular, e, ao mesmo tempo, prenes do coletivo, que vão mobilizando determinadas formas de ser e de estar na vida e na docência”. Aqui podemos observar o quanto importa a presença do *eu* e do *nós*. *Eu* com alma e espírito na construção individual, *nós* o qual ganha um sentido único e verdadeiro na vida do sujeito que compõe o social. Ela diz ainda o quanto “é preciso trazer a potência dessas múltiplas dimensões para o centro dos processos formativos e, conforme nos ensina Nóvoa (1991, p.70), encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais” (ibidem, 2012, p.32-33).

Souza (2014) discute que os acordos mútuos entre os sujeitos da pesquisa biográfica em ambientes formativos; ou ainda, em outras esferas profissionais, são importantes para

dialogarem sobre o papel da oralidade e da escrita como mecanismo de reflexão acerca dos fazeres dos sujeitos em nível individual e coletivo, preservando o bem-estar social, zelando pelos elementos fundamentais na vida em sociedade, que são a liberdade, a autonomia e a democracia. Em suas palavras, ele vai dizer que:

[...] Em contextos de pesquisas e em práticas de formação, os acordos mútuos entre sujeitos em formação bem como profissionais em acompanhamento e processos de mediação biográfica dialogam sobre o lugar da oralidade e da escrita como dispositivos que possibilitam reflexões sobre a vida, a formação, as trajetórias individuais e coletivas, bem como sobre o respeito à liberdade, autonomia e democracia individual e social. Garantir o respeito às narrativas, aos percursos de vida-formação e possíveis superações de formas de controle sobre o biógrafo e o biografado ou entre a escrita (auto)biográfica e as disposições de formação são férteis para explicitar contextos, conjunturas sociais, marcas individuais dos homens e mulheres em suas manifestações sobre a vida [...] (ibidem, p.40).

Esses olhares e reflexões acerca do *eu*, no nível individual, e do *nós*, no nível coletivo, encarregam-se de apresentarem as construções no campo de vida e experiências. Algo que o autor discute e que considero fundamental é o respeito pela história do outro, da forma como se apresenta a nós, daquilo que ela suscita, procurando nunca exercermos controle sobre a mesma. Uma das ações que podemos ter na pesquisa com narrativas de vida é sempre informar ao ser narrado como está sendo o tratamento com o *corpus* narrativo pertencente a ele. Além disso, o autor nos mostra que na escrita autobiográfica os elementos formativos são fecundos para mostrarem a realidade contextual, idiossincrática do homem e da mulher em suas construções na sociedade.

Pierre Bourdieu (2005), em *esboço de autoanálise*, deixa, mesmo que nas entrelinhas, transparecer uma dúvida sobre a autonomia do método autobiográfico nas pesquisas em ciências humanas. Percebo alguns vestígios das suas contribuições ao método, mesmo que perpassadas pelo temor de tomar uma posição favorável clara. Para mim, tem sido difícil entender qual o lugar de Pierre Bourdieu nas pesquisas (auto)biográficas. Essa dificuldade se exacerba à medida em que se leem as análises de seus leitores. Em nota da edição francesa, diz-se:

[...] ele sabia que, tomando a si mesmo como objeto, corria o risco não apenas de ser acusado de complacência, mas também de dar armas a todos os que ficam só aguardando a ocasião para negar, justamente em nome de sua posição e de sua trajetória, o caráter científico de sua sociologia e não enxergam o quanto o exercício reflexivo foi longamente elaborado como um instrumento de cientificidade. [...]. (ibidem, p.22).

Parece-me haver uma enorme preocupação com o risco e a acusação da crítica de suas obras, uma preocupação em não parecer arbitrário a tudo aquilo que foi e defendeu em sua vida de cientista social, tudo o que lhe garantiu uma posição respeitada, construída por uma trajetória de ética dentro do campo, com rigor científico. O conclave se dá no sentido de que não se deve desprezar, nem se deixar despercebido o tamanho do exercício reflexivo elaborado processualmente “como um instrumento de cientificidade” que Bourdieu realizou em sua autoanálise. Porém, no meu entender, a postura do autor não anula a existência nesse processo na utilização do método biográfico. Se foi usado somente como função auxiliar, mas me interessa destacar a evolução dessa dinâmica de autonomia do método. Em Ferrarotti (2014), podemos ver uma argumentação instigante sobre a autonomia do método biográfico, o que nos põe atentos:

[...] Somente através de uma longa série de experiências intelectuais e de verificações práticas foi que eu cheguei, na minha fase de desenvolvimento atual, a me defrontar com o problema da *autonomia do método biográfico* e de seu caráter decisivo para o futuro da pesquisa nas ciências sociais. Foi nos anos cinquenta, quando me interessava pelas consequências humanas do desenvolvimento técnico e econômico-industrial, que eu comecei a recolher histórias de vida e documentos autobiográficos em algumas comunidades italianas que se achavam, naquele momento, investidas fortemente e em proporções particulares pelo processo de industrialização [...] (ibidem, p. 59).

A partir do excerto de Franco Ferrarotti (2014), percebo que essa discussão é histórica e evolutiva. Como vemos, vem sendo construído um processo de autonomia que ainda está em curso, que não parou na discussão um tanto polarizada de teóricos influentes como Bourdieu e Ferrarotti. Cabe a nós não fugir da reflexão, sem medo de ousar e propor a nossa análise, mesmo que iniciante. O autor deixa claro o seu processo de conscientização por meio de suas experiências intelectuais práticas em relação ao problema da autonomia do método discutido. Em se tratando de Bourdieu (2005), analisemos o trecho citado em seguida:

[...] Não pretendo me sacrificar ao gênero autobiográfico, sobre o qual já falei um bocadinho como sendo, ao mesmo tempo, convencional e ilusório. Queria apenas tentar reunir e revelar alguns elementos para uma autoanálise. Não escondo minhas apreensões, que vão muito além do temor habitual de ser mal compreendido. Sobretudo por conta da amplitude de meu percurso no espaço social e da incompatibilidade prática entre os mundos sociais que tal percurso conecta sem de fato reconciliá-los, tenho o sentimento de que não posso garantir - longe tampouco de me sentir seguro de chegar a tanto com os instrumentos da sociologia - que o leitor saberá aplicar o olhar adequado, como eu enxergo, nas experiências aqui evocadas [...] (ibidem, p. 37).

Percebo haver um prévio esclarecimento que poderia me impedir de iniciar a discussão, porém fica difícil deixá-lo de lado quando lemos a obra como um todo. É quase

impossível abandonar a ideia de que Bourdieu, na prática, se utilizou do método autobiográfico. Parece-me que o texto expressa haver nele uma profunda resistência ao gênero autobiográfico, devido a sua posição no campo, entretanto, a vontade de narrar sobre si foi maior. Revela ter apreensões mais profundas talvez pelo que poderia vir do próprio horizonte científico, o qual não é imutável. O autor fala de incompatibilidades e de não conciliação de pontos de vista. Ainda mais não se sente seguro em realizar sua autoanálise com os instrumentos da sociologia. Por outro lado, Pierre Bourdieu (2005) em sua reflexividade, paradoxalmente, parece mostrar brechas por meio de suas não certezas de como se trabalhar nossa trajetória de vida na perspectiva de ciência não sendo seduzido pelo método biográfico. Mas todas essas expressões me chegam demasiado enfáticas transparecendo dúvida e incertezas. Desse modo:

[...]. Ao adotar o ponto de vista do analista, obrigo-me a reter (e permito-me fazê-lo) todos os traços pertinentes do ponto de vista da sociologia, isto é, necessários à explicação e à compreensão sociológicas, tão somente esses traços. Mas, em vez de buscar produzir assim, como se poderia temer, um efeito de fechamento, ao impor minha interpretação, tenciono desvelar tal experiência, enunciada do modo mais honesto possível, ao confronto crítico, como se fosse qualquer outro objeto [...] (2005, p. 37-38).

Bourdieu (2005) continua o esclarecimento de que somente usará os traços concernentes e necessários à abordagem sociológica em sua autorreflexividade, não se utilizando do método biográfico, por ele temido por receio de parecer convencional. Põe seu desejo de realizar uma análise de si do modo mais honesto, para o leitor crítico à semelhança de outros objetos. Esse foi o seu objetivo, porém o que se passou no âmbito das suas emoções no processo da narrativa de si. Pode-se tentar uma investigação de possíveis vestígios na obra deixada que nos faça perceber convergências com o método biográfico:

[...]. Compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez. Sob pena de surpreender um leitor que espera talvez me ver começar pelo começo, isto é, pela evocação de meus primeiros anos e do universo social da minha infância, eis por que devo, como exige o bom método, examinar de início o estado do campo no momento em que nele ingressei, por volta dos anos 50. [...]. (BORDIEU, 2005, p.40).

Destaco palavras como “bom método”, não seguir aquela história linear, iniciando a “partir de quando se era criança, mas analisar a partir do campo no qual me formei”. Essa passagem denota uma orientação para se chegar a uma narrativa que se diferencia do modelo

criticado por Bourdieu, assim, percebi que, em termos do método em questão, existe um Bourdieu muito preocupado em propor uma organização de pesquisa autobiográfica diferente do corriqueiro, convencional, em muitos casos, de acordo com sua visão, com temas pouco relevantes a um propósito maior: o social. Em outros casos, cercado pela inutilidade, com pretensão a reproduzir uma imagem real da vida de um indivíduo, sendo que isso nem sempre é possível.

Sobre a discussão, refiro-me ainda a Montagner (2007, p.04), o qual nos diz que para Bourdieu “os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, linearidade de sobrevoos que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa”. Percebo essa liberdade quando contamos oralmente ou escrevemos nossa história de vida. No primeiro momento, vem uma parte dela e nos surpreendemos a cada narrar, pois ela vai vindo aos poucos e não linearmente. De acordo com essa premissa de Bourdieu, esses eventos biográficos “não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada posteriormente pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa” (p.04). Tal constatação é algo que tenho vivenciado desde o início deste trabalho. A investigação (auto)biográfica de uma pessoa ou de um grupo social vai sendo feita, tecida por partes diferentes que compõem um universo multicolor, nunca conclusivo ou finito. Há, desse modo, sempre algo que não foi dito e que pode vir à tona.

Quanto às emoções em sua obra, elas foram equilibradas de modo a corresponder ao balanço dado entre conteúdo e forma textual, algo que ele mesmo fez questão de esmerar, nesse balanço fundamental, para nos trazer observações importantes para um modelo metodológico da pesquisa autobiográfica que não seja posicionada à margem da Ciência. De modo geral, pelo enfoque social, na obra lida, vi um sociólogo que nunca se coube naquele mundo escolar e acadêmico, hegemônicos que, segundo ele, tinham práticas e valores pautados pelo conservadorismo, difíceis de superar pelo fato de ele se ver diferente, em origem, cultura, ideias, linguagem, interesses. Assim, me pareceu que Bourdieu sempre se posicionava de forma crítica em não se formatar àquele modelo de educação francesa.

Não poderia deixar de apresentar um estudo de Passerggi (2014), o qual se detém a analisar três trabalhos de Bourdieu, constantes em *Miséria do Mundo* (1993 e 2003); *Esboços de autoanálise* (2005) e “A ilusão biográfica” (1986 e 1998). A autora levanta argumentos a partir de uma tese de que Bourdieu teria pendido ao método biográfico. Ela une inferências de análises

desses três trabalhos do autor e vai tecendo uma discussão pertinente acerca das contribuições do sociólogo ao método. Inicia a investigação pelo primeiro livro citado, especialmente, no capítulo “Compreender”. Sobre essa leitura afirma que:

[...]. Entretanto, foi sem dúvidas pela harmonia entre suas propostas que fui facilmente seduzida pelo livro, e em particular pelo capítulo “Compreender”, que se tornou uma leitura complementar aos textos de Ferrarotti e uma forma de desmitificar a “ilusão biográfica”, que me impedia de melhor compreender a contribuição de Bourdieu para a pesquisa (auto)biográfica. O mais acolhedor na leitura desse capítulo era observar o quanto Bourdieu, ao aderir ao autobiográfico, se deixara seduzir pela pessoa que narra sua existência. [...]. (ibidem, p. 228).

É importante a análise de Passeggi, a meu ver, pelo fato de se lançar ao desafio da investigação de pontos de vistas tão divergentes, quanto ao método em discussão. A autora, em suas “considerações em aberto” argumenta que “a Ilusão Biográfica impede que se avance nas leituras de Pierre Bourdieu” e leva avante concluindo em aberto que no seu entender Bourdieu “aderiu ao biográfico em *A miséria do Mundo* e escreve sua autobiografia intelectual em *Esboços de autoanálise*, comprovando a sua ‘conversão’ ao gênero.”(ibidem, p. 232). Vi que as discussões sobre a obra de Bourdieu até aqui foram importantes para nortear o processo de análise e compreensão de (auto)biografias em nossas pesquisas, as quais não param aqui, e a inserção de um autor canônico da qualidade de Pierre Bourdieu enriqueceria muito os avanços da pesquisa em (auto)biografias. A discussão foi essencial para traçarmos uma conexão no que condiz totalidade do pensamento de Bourdieu para orientar as análises sobre a experiência do PRECE.

É importante ainda discutirmos os principais conceitos de Pierre Bourdieu, os quais darão uma sustentação sociológica coerente pela trajetória da experiência aqui relatada e pelas mesmas ideias confluírem à pesquisa (auto)biográfica. Capital, *habitus* e *campo* nos guiam na melhor compreensão da experiência em estudo. Inicialmente, destaco o conceito de *habitus*, como dispositivo que norteia o estudo da experiência. A discussão sobre o *habitus* precisa me chega pelo fato de que, ao analisar a nossa história, as nossas ações, vi que existem em nós características adquiridas, comuns e incorporadas em nosso fazer no campo educacional. Estas nos aproximam por semelhanças próprias e identificação no nível interno e que ao mesmo tempo nos distinguem de outros grupos. Essa percepção me chega pelos elementos objetivos e perceptíveis na ação, como por exemplo, pela marca da cooperação, da solidariedade, da autonomia, dentre outros, os quais nos impulsionam a nos identificar como precisamos. No livro *A Distinção*, Bourdieu (2017. p. 163) faz a seguinte conceituação de *habitus*:

[...] Necessidade incorporada, convertida em disposição geradora de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas engendradas dessa forma, o *habitus*, enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente às condições de aprendizagem: é o que faz com que o conjunto das práticas de um agente – ou do conjunto dos agentes que são o produto de condições semelhantes – são sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos – ou mutuamente convertíveis – e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida [...].

Percebo que o conceito de *habitus* dialoga muito bem com o método biográfico e pensando em nossas práticas no PRECE a partir das trajetórias de vida de nós agentes em ação dentro do campo, podemos ver condições semelhantes e sistemáticas, ao passo que são distintas de outros grupos sociais. Bourdieu (2007) em *O Poder Simbólico* apresenta a gênese de *habitus* e de campo. Sobre o último, diz surgir como uma noção filosófica antiga, e retoma “a velha noção aristotélica de *hexis*, convertida pela escolástica em *habitus*” (p.61). Sobre a noção de campo ele diz que inicialmente ela serviu à pesquisa, ao campo intelectual, depois vai além disso e ganha autonomia. O autor segue descrevendo a evolução do conceito, e fala ainda que “compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram.” (p.69). Gostaria de acrescentar outra reflexão acerca do *habitus*, apresentando ainda o modo como Rogério (2011) pensa sobre a noção de *habitus*:

[...] O *habitus* na qualidade de um sistema de disposições não é formado de uma hora para outra. A incorporação das referências de leitura da realidade é um processo que se realiza na prática, no contato entre os indivíduos, logo, em um ambiente datado historicamente. As estruturas das instituições sociais, que se modificam com o passar do tempo, conforme mudanças políticas, ideológicas, tecnológicas, enfim, culturais, se conformam nos indivíduos, constituindo suas disposições e os indivíduos, por sua vez, tendem a se adequar a este ambiente no qual se socializaram. As pessoas não ficam determinadas, “condenadas” a reproduzirem as formas de vida nas quais se socializaram, mas o contexto aponta as possibilidades de atuação do agente no campo [...] (ibidem, p.33).

A experiência em estudo é um dispositivo que foi ao logo dos seus 25 anos se construindo e se fazendo forte no imaginário social local, à medida em que obtinha bons resultados pelas práticas educativas sociais que respondiam às dificuldades do contexto local e, de forma flexível, se modificavam de acordo com a realidade política, ideológica e cultural de sua época até o momento. Cada um de nós, componente do PRECE, sempre procurou se unir em torno de um objetivo comum e se socializar, seguindo as orientações apontadas pelo contexto de

produção precisa. Ademais, penso que na análise de minha trajetória há uma luta com fortes motivações sociais, constituída pelo meu *habitus* estudantil e professoral, conforme meu grupo social precisa em nosso campo socioeducacional de Pentecoste. Vejo como importante para essa pesquisa, o estudo desse campo e das histórias de vida que se cruzam dentro dele, de acordo com o que vimos da minha história e do que será apresentado da história de meus amigos.

Considero necessária uma pesquisa mais aprofundada dessa tipologia de *habitus* no PRECE, porém, sugiro aqui alguns: *habitus* estudantil, professoral, acadêmico, cooperação, solidariedade, autonomia, resistência, expressão oral. Além dessas, cabe citar outros vocábulos que identificam nossa luta educacional: união, interdependência social, comunhão, coletivo, grupo, célula, mutualidade, dentre outros termos colhidos da nossa ação educativa dentro do campo educacional. No nível do significado, essas palavras têm sido incorporadas nos agentes precisas tanto na dimensão individual quanto na social - tudo isso introjetado de forma a conduzir a uma prática social precisa.

Para Bourdieu (2007), capital significa “poder” e se manifesta na área econômica, cultural e social. No campo social se reproduz e movimenta a ascensão social ou não. O autor trabalha três tipos básicos de capital, o econômico, o social e o cultural, mas dentro desses, há outros que particularizam mais a discussão de capital no vasto material do autor sobre o tema. O tema é propício ao meu trabalho devido a experiência em análise ter um potencial de gerar capital social. Bourdieu (2007, p. 190-191) fala que no capital político

[...] o homem político deve a sua autoridade específica no campo político [...] à força de mobilização que ele detém quer a título pessoal, quer por delegação, como mandatário de uma organização (partido, sindicato) detentora de um capital político acumulado no decurso das lutas passadas, e primeiro em forma de postos [...] e de militantes *ligados* a esses postos. O capital pessoal de “notoriedade” e de “popularidade” – firmado no fato de *ser conhecido* e *reconhecido* na sua pessoa (de ter um “nome”, uma “reputação”, etc.) e também no fato de possuir um certo número de qualificações específicas que são a condição da aquisição e da conservação de uma “boa reputação” – é frequentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros domínios e, em particular, em profissões que, como as profissões liberais, permitem tempo livre e supõem um certo capital cultural ou, como no caso dos advogados, um domínio profissional da eloquência. Enquanto este capital pessoal de *notável* é produto de uma acumulação lenta e contínua, a qual leva em geral toda uma vida, o capital pessoal a que se pode chamar heroico ou profético e no qual pensa Max Weber quando fala de “carisma” é produto de uma ação inaugural, realizada em situação de crise, no vazio e no silêncio deixados pelas instituições e os aparelhos: ação profética de doação de sentido, que se fundamenta e se legitima ela própria, retrospectivamente, pela confirmação conferida pelo seu próprio sucesso à linguagem de crise e à acumulação inicial de força de mobilização que ele realizou [...]. (ibidem)

Perspicaz é o olhar do autor acerca do sentido de poder que vem por meio de determinadas oportunidades que vão além do poder econômico. Vejo que é fértil a discussão sobre a relação que há entre o ato de narrar a nossa história de vida com o efeito pós-narração, momento em que o ser narrado se sente empoderado, penso, impregnado da sensação do poder simbólico. Ao me apropriar da minha história, sinto-me mais forte, pertencente, e com certeza o processo me ajuda a ocupar um espaço simbólico de poder, mesmo que isso ocorra no nível subjetivo, porém, certamente, pode impulsionar em direção a várias posições de aquisição de capitais. A trajetória dos pioneiros e líderes do PRECE mobilizados pelo *habitus* precisa forjou trajetórias de sucesso, construindo, assim, um capital social significativo. Sobre o conceito de capital. Rogério (2011) afirma que:

[...] a primeira visualização do capital pode ser feita pelo viés econômico, ligado à renda, patrimônio, bens materiais; já o capital cultural é transmitido aos agentes pela família e pelo sistema de valores cultivados na escola que pela ação duradora, pelo longo tempo de contato com tais valores, estes são incorporados, mas se apresentam objetivamente na escolha, por exemplo, de obras artísticas e também de forma institucionalizada, como na forma de títulos acadêmicos. Já o capital social se define pela rede de relações sociais que se convertem em convites recíprocos, frequência a lugares comuns e podem ser convertidos em vantagens e desvantagens dentro do campo. E o capital simbólico é aquele que traz o reconhecimento dos demais agentes do poder adquirido e exerce um controle social, por exemplo, o papel social que é atribuído à figura do país em uma sociedade com fortes traços patriarcal. O pai detém um capital simbólico que é reconhecido pelos demais agentes do campo [...] (ibidem, p.37).

Ainda focando no campo do PRECE, vi ao longo da experiência familiares e escolares, heranças culturais que se expressam no jeito de ser, agir e viver em sociedade recebendo do campo outras tantas formas culturais. Não trouxemos bens materiais, pelo contrário, na narrativa de cada um esse estado de pobreza trouxe situações-limite impostas pelo campo, as quais tento discutir um pouco. Refiro-me à escolha que cada precisa fez de entrar e permanecer no PRECE com vistas à aquisição de um capital cultural e social, e conseqüentemente, a entrada a universidade e todo o trajeto de vida lá dentro; e depois o ganho dos diplomas universitários, ou seja, isso tem sido um capital cultural que se converte em capital financeiro posteriormente. As escolhas de cada estudante pioneiro ou líder foram movidas pela força desses capitais.

Posteriormente, após as vitórias precisas conquistadas, e aqui me incluo, de acordo com a trajetória de sucesso de cada um de nós, podemos dizer que possuímos um poder simbólico que vem do reconhecimento das nossas conquistas acadêmicas que nos permitiram, por exemplo,

obter por méritos, um emprego via concurso público federal na área da educação, como tem ocorrido com parte dos primeiros precistas, aqui discutidos através do relato de vida dos tais. Sobre capital cultural e social, falarei um pouco mais adiante nas biografias.

Discutindo um pouco os conceitos de campo, Bourdieu (2007), entende que “compreender a gênese social de um campo, e aprender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo” (p. 69), isto é, fazer dele útil e necessário. A partir do que diz Bourdieu, entendo que o conceito de campo constitui um espaço simbólico onde há embates dos atores e nessa ação eles determinam, validam, legitimam atuações. Nessas relações estabelecidas por esse campo, encorpadas pelo *habitus*, gerando então, os capitais, aqui expressão do poder simbólico.

O campo do PRECE, penso ser o educacional, e dentro desse campo maior existem outros que se conectam pela grandeza que o campo educacional requer. Nessa vastidão de possibilidades que esse campo dispõe, vejo horizontes dispostos a nossa escolha por uma ou outra ação educativa.

Na mesma ideia, Souza Neto (2010, p.1038) destaca que segundo Bourdieu, a noção de *campo* se constitui como sendo “o espaço onde as posições dos agentes se encontram *a priori* fixadas. O *campo* se define, assim, como o *locus* onde se trava uma luta entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão”. O termo *a priori*, me dá margem para dizer que antes dos precistas iniciarem seus estudos e projetos, eles já existiam representados pela problemática educacional do campo que os exigiu. Assim, as dificuldades do campo geraram a existência do projeto social e de seus agentes, portanto o campo os definiu para lutarem em torno dos interesses específicos desse campo.

Esse campo que em suas configurações exigiu uma ação prática dos agentes no processo de luta, adquirindo eles um *habitus* próprio que os distinguiu de outros grupos, e assim foram se estabelecendo de forma organizada, fincando raízes e tomando o nome próprio de “precistas”, nome que os une e os marca. Os precistas tem um significado nesse campo. Para complementar a compreensão desse conceito de campo, destaco a afirmação de Rogerio (2011):

[...] Os capitais e a constituição do *habitus* somente fazem sentido em um contexto, e para isso é necessário a visualização do espaço social. A análise desse espaço é trazida por Bourdieu (2001) através do conceito de campo, que nos ajuda a compreender o espaço onde se desenham as trajetórias dos agentes. [...]. A noção de campo pode ser entendida como um campo estruturado onde os agentes orbitam em um mesmo espaço.

A força de atração entre os agentes decorre de *habitus* semelhantes que geram interesses próximos e formas de compreensão de realidades similares [...] (ibidem, p. 40).

O contexto, já falado antes, é configurado pelo espaço social que, no nosso caso, tem como cenário a comunidade Cipó, em Pentecoste. Esse é o contexto onde os agentes do campo precisam agir a partir do seu *habitus*, que pode se caracterizar em várias denominações, sendo todas comuns ao agente que atua no seu campo estruturado e organizado. O Campo é o lugar onde os saberes, a cultura precisam agir e reagir, campo esse que ocupa um espaço dentro desse cenário físico e ao mesmo tempo social.

Concepção da metodologia da Aprendizagem Cooperativa

Anastasio Ovejero Bernal (2019) faz uma análise crítica e de posição dentro de sua área de pesquisa em educação na Espanha. A discussão sobre a Aprendizagem Cooperativa Crítica vem ao encontro ao que anseio: a utilização de uma metodologia que fomente a crítica ao *status quo* estabelecido e que tome conta de nossa sociedade a partir da ideologia de dominação das minorias que compõem a maioria da população brasileira. Ovejero (2019) discute que:

[...]. Como mostré –creo que claramente– en un libro reciente anterior (Ovejero, 2018), cuyo título ya lo decía todo (Aprendizaje cooperativo crítico: mucho más que una eficaz técnica pedagógica), el aprendizaje cooperativo es de gran utilidad para la construcción de una sociedad más democrática; es tal vez el principal instrumento que tiene la escuela para contribuir a que la sociedad sea más cooperativa, más justa, más igualitaria y más solidaria. Podríamos casi decir que el aprendizaje cooperativo crítico convierte a las escuelas que lo practican en el reverso de las escuelas tradicionales, que suelen estar –a menudo sin que el profesorado lo desee e incluso sin ser conscientes de la función que están ejerciendo– al servicio del sistema y la reproducción social, como hemos visto en los capítulos precedentes. De ahí que si siempre ha sido de gran utilidad –y sumamente fértil– el que se implemente en las aulas el aprendizaje cooperativo –sobre todo si es un aprendizaje cooperativo crítico y solidario–, la actual hegemonía neoliberal lo hace más necesario aún; le hace incluso imprescindible, si no queremos sucumbir como especie. [...]. (OVEJERO, 2014; CHOMSKY, 2017, p. 227).

Além do termo “crítica”, o autor insere a palavra “solidariedade”. A solidariedade foi uma prática utilizada por nós do PRECE, forma que encontramos para superar a desigualdade social a qual obstaculizava o nosso crescimento como estudantes de baixíssima renda do interior do estado. Essa foi a chave que combinou bem com a palavra crítica que talvez possamos usar com muito mais consciência após anos de caminhadas pela estrada do conhecimento da nossa

realidade local e nacional. Anastásio foi coerente na combinação dos termos “aprendizagem cooperativa crítica: muito mais que uma técnica pedagógica eficaz”.

Ela requer uma posição diante da vida em suas várias dimensões, não podemos ser cooperativos, críticos e solidários apenas em momentos de nossas práticas docentes, mas esses valores devem caminhar conosco em todos os momentos de nossa vida seja no pessoal ou no social. Espero poder me aprofundar mais nessa discussão em um futuro próximo. Agora passarei a discorrer um pouco sobre os antecedentes históricos da aprendizagem cooperativa.

A aprendizagem Cooperativa não é uma ideia nova, mas remonta aos povos antigos, desde a existência do homem na terra, o qual para sobreviver teve que ser interdependente com animais, as plantas, a terra, outros homens de tribos diferentes, em se tratando da era primitiva. Assim, posso dizer, olhando para a experiência de vida, que a interdependência é uma noção quase onipresente, ou seja, ela está presente na vida do homem, em todo o tempo, lugar e de modo simultâneo, basta pensarmos que para tudo precisamos da natureza, e hoje, ela até está presente imensidão de produtos feitos pelo homem.

As vestimentas que usamos, o alimento que comemos, a condução que pegamos, os remédios que saram nossas doenças, os conselhos (conversas e diálogos) que nos orientam, os quais vêm de pessoas formadas para nos ajudar no equilíbrio da mente, o livro que lemos, os eletrônicos que utilizamos, dentre outras coisas na esfera objetiva e subjetiva da nossa vida, quase não fazemos nada sozinhos. Essa é quase uma premissa da existência humana. A interdependência social positiva é um dos cinco elementos da Aprendizagem Cooperativa mais importantes. Seus teóricos chegam a afirmar que ela é o coração da metodologia. David W. Johnson (1998) faz uma breve história do uso da Aprendizagem Cooperativa, enfatizando haver uma farta tradição da metodologia no ensino superior. O autor destaca que:

[...] Há milhares de anos, o Talmud¹⁵ afirmou que, a fim de entender o Talmud, a pessoa deve ter um parceiro de aprendizagem. Sócrates ensinava seus discípulos em grupos

¹⁵ O Talmude é um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. É um texto central para o judaísmo rabínico, perdendo em importância apenas para a bíblia hebraica. No geral, todas as opiniões, mesmo as não-normativas, eram registradas no Talmude. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Talmude> Acesso em 26 jun. 2019). O Talmud é um complemento da Bíblia. Preenche as lacunas e explica as leis da Torá (a Torá é o livro mais sagrado do Judaísmo e é tratada com respeito especial). Além disso, inclui histórias e ditos que tanto direta quanto alegoricamente oferecem a filosofia e sabedoria do Judaísmo. No entanto, o Talmud é um texto difícil de ler porque contém muitas discussões (que ocorreram durante centenas de anos) na forma de prova e refutação. As progressões lógicas se prestam a citações fora do contexto que representam uma presunção que pode ser derrubada em seguida. (<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/talmud/home.html> Acesso em 26 jun. 2019).

pequenos, engajando-os em diálogos em sua famosa “arte do discurso”. Já no começo do século, Quintilino argumentava que os discípulos poderiam se beneficiar ensinando um ao outro. O filósofo romano Sêneca advogava a aprendizagem cooperativa quando disse: “Qui docet discet” (“Aquele que ensina aprende.”). Johann Amos Comenius (1592-1679) cria que os alunos se beneficiariam tanto ensinando uns aos outros como sendo ensinados uns pelos outros. Através da Idade Média, os artesanatos tinham aprendizes trabalhando juntos a pequenos grupos dos mais capacitados, os quais trabalhavam com o mestre e daí ensinavam suas habilidades aos menos experimentados [...] (ibidem, p. 98).

Percebe-se no excerto apresentado, que em todas essas épocas foi dado o destaque para a discussão sobre o conhecimento e não apenas ao repasse desse conhecimento, como ocorre no ensino tradicional e individualista. Afirmam que para se aprender bem, é necessária a companhia de pares. Enfatizam o ensino para grupos, o diálogo e a mediação como centrais. O valor do ato de ensinar algo a alguém, pois assim, estaremos usando a melhor forma de aprender e, assim, para que ninguém detenha o poder do conhecimento, importa que cada um possa tanto ensinar quanto ser ensinado. Seguindo nesse percurso histórico até aos nossos dias, destaco abaixo mais um trecho dos autores citados; eles acrescentam que

[...] Ao final do século 18, Joseph Lancaster e Andrew Bell fez uso abrangente de grupos de aprendizagem cooperativa na Inglaterra e na Índia a fim de proporcionar a educação de “massas”; foi aberta uma escola Lancaster em Nova York, em 1806. Na Boston colonial, o jovem Benjamin Franklin (vivendo em pobreza) organizou grupos de aprendizagem a fim de conseguir uma educação. Dentro do Movimento da Escola Comum nos Estados Unidos no começo do século 19, houve uma ênfase acentuada na aprendizagem cooperativa. Nas últimas três décadas do século 19, o uso que o Coronel Francis Parker fez da aprendizagem cooperativa dominou a educação americana. Por todas as primeiras décadas do século 20, John Dewey promoveu o uso de grupos de aprendizagem cooperativa como parte de seu método de projeto [...] (ibidem, p. 98).

Como destaquei, os Estados Unidos é o país que mais tem se utilizado da Aprendizagem Cooperativa e também tem sido um centro de difusão dessa metodologia. Na passagem acima citada, diz-se que a Europa se inclui na utilização dessa filosofia, a respeito da qual entendo, ultrapassa a noção de método, constituindo-se quase um *habitus*, segundo Bourdieu, (2011) construído pela aprendizagem cooperativa e solidária, na acepção de Andrade (2014) e de Ovejero (2019, p. 228). Pois de que adianta sermos cooperativos apenas na sala de aula se a nossa vida não passa pela cooperação e pela solidariedade à causa do outro, seja em qual for a situação a que nos envolve. Ainda com David W. Johnson (1998), apresento a continuidade da linha histórica do avanço da Aprendizagem Cooperativa pelo mundo:

[...]Continuando esta história tão rica, existem várias faculdades nas quais a aprendizagem cooperativa está sendo usada hoje de maneira exemplar. A Florida

Community College em Jacksonville, por exemplo, tem implementado a aprendizagem cooperativa em base de larga escala. O Estado de Michigan está implementando a aprendizagem cooperativa por toda a universidade inteira. A fim de ajudar os praticantes, James Cooper, na California - University-Dominguez Hills, publica um periódico (newsletter) sobre o uso da aprendizagem cooperativa a nível de faculdade. O interesse cada vez maior na aprendizagem cooperativa se reflete no número de apresentações em conferências acerca do tema. Mais ainda, existem áreas relacionadas de trabalho que convalidam o uso da aprendizagem cooperativa (...), incluindo o trabalho da aprendizagem com base em problema, das comunidades de aprendizagem, e a retenção de alunos até a formatura [...]. (ibidem, p. 98).

O fato de a Aprendizagem Cooperativa ser utilizada em várias universidades dos Estados Unidos, penso, favoreceu muito a escola básica, pois quando imaginamos que um estudante universitário da área de licenciatura entra em contato com a metodologia, ele, conseqüentemente, levará a ideia para a sua escola. Desde os anos de 1960, os estudos, pesquisas e formações de estudantes e professores têm sido realizadas por professores e pesquisadores da universidade de Minnesota nos Estados Unidos. Além dos pensadores ou filósofos antigos e modernos que podemos tomar como referência no uso da aprendizagem cooperativa, destaco dois importantes psicólogos do século XX:

[...] Alguns dos maiores teóricos do século 20 se concentraram na cooperação. O uso da **aprendizagem cooperativa** em classes de faculdade tem suas raízes na criação da teoria da interdependência social, da teoria cognitivo-evolutiva e da teoria da **aprendizagem** comportamental[...]. Jean Piaget ensinou que, quando os indivíduos cooperam quanto ao ambiente, um conflito sócio-cognitivo saudável ocorre, o qual cria um desequilíbrio cognitivo que, por sua vez, estimula a habilidade para se posicionarem perspectiva bem como estimula o desenvolvimento cognitivo. Lev Vygotsky acreditava que os esforços **cooperativos** para se aprender, entender e resolver problemas são essenciais para construir o conhecimento e transformar perspectivas conjuntas e funcionamento mental interno. Para ambos, Piaget e Vygotsky, trabalhar de modo cooperativo com parceiros e instrutores mais capazes resulta em desenvolvimento cognitivo e em crescimento intelectual [...]. (JOHNSON, 1998, p. 93-94).

Ela surge a partir de uma crítica ao modelo educacional competitivo e individualista, fundamentado sob os pilares do sistema capitalista. Esse modelo de educação marcou, preponderantemente, e de forma geral, o século XX. Os sistemas educacionais, de forma ampla, permanecem até hoje influenciados pelo modelo competitivo, o qual vem formando o estudante para uma concepção tradicional e individualista, fazendo desse sujeito alguém pouco cooperativo e menos solidário à necessidade dos seus pares, os quais são sempre vistos como seus oponentes.

Partindo dessas prerrogativas, David Johnson aprofundou-se em estudos sobre a Teoria da Interdependência Social de Kurt Lewin, bem como de outros autores desse campo. Essa concepção traz a ideia de que “ninguém é uma ilha isolada”, pelo contrário, cada sujeito está,

necessariamente, ligado ao outro por uma cadeia de relações interdependentes, de maneira que a ação de um indivíduo afeta o outro. Porém o que ocorre é a perpetuação de um modelo de interações que nega a interdependência positiva, portanto, obtendo interações de interdependência negativa:

[...] Kurt Lewin afirmou que a essência de um grupo reside na interdependência de seus membros (criada pelos alvos em comum). Os grupos são “todos dinâmicos” nos quais uma mudança na condição de algum membro ou de algum subgrupo muda a condição dos outros membros ou de outros subgrupos. Morton Deutsch (um dos alunos de Lewin), primeiro formulou uma teoria da interdependência social nos anos 40, observando que a interdependência pode ser positiva (cooperação), negativa (competição), ou não existente (esforços individualistas). [...] (David foi um dos alunos de Deutsch), ‘nos anos 80, publicamos uma formulação abrangente da teoria.’ - *Fala David* (grifos do autor) [...] (JOHNSON, 1998, p. 93).

Os pesquisadores americanos seguiram por estudos que demonstravam a importância da interdependência positiva (cooperação) para o desenvolvimento humano. Eles realizaram um resgate teórico sobre experiências de cooperação em diferentes períodos da história da humanidade, desenvolvendo experimentos comparativos entre os modelos educacionais individualistas, competitivos e os cooperativos. Essas pesquisas deram respaldo à Aprendizagem Cooperativa e anunciaram resultados favoráveis que fazem dela uma alternativa mais vantajosa sobre os modelos tradicionais:

[...] A interdependência positiva (cooperação) resulta em interação promotora visto que os indivíduos estimulam e facilitam os esforços mútuos para se aprender. A interdependência negativa (competição) resulta tipicamente em interação de resistência, visto que os indivíduos não estimulam e obstruem os esforços mútuos para se conseguir alguma coisa. Na ausência de uma interdependência funcional (isto é, o individualismo), não existe interação visto que os indivíduos trabalham independentemente, sem intercâmbio um com o outro [...]. (ibidem).

A partir da convicção de que a cooperação é uma alternativa melhor aos processos de aprendizagem, os Johnsons passaram a estudar os meios de como implementá-la na sala de aula e identificaram que os estudantes agem de forma individualista, competitiva ou cooperativa em função da proposta pedagógica dos professores e de seus respectivos planos de aula.

Dentro da abordagem cooperativa no tocante à formação de professores, apresento o livro *Cooperation in the classroom - 2011 trainer's manual* (JOHNSON, 2011) que adquiri por ocasião do *workshop* que fiz com os três irmãos Johnsons, David, Roger e Edythe, pioneiros nas pesquisas em Aprendizagem Cooperativa em sala de aula nos Estados Unidos. O curso ocorre

anualmente no mês de julho em um hotel próximo a Universidade de *Minnessota*, na cidade de *Minneapolis*, no estado de *Minnesota*. Lá encontrei professores de vários países do mundo, Japão, Irlanda, Itália e de vários estados dos Estados Unidos. O curso é dado em Aprendizagem Cooperativa prática e é uma aplicação completa, do início ao fim.

Para mim, foi inovador, pois mesmo com meu inglês básico, aprendi muito com quem sabia melhor o inglês, e tudo era feito na prática, com muita interação estudante-estudante. A minha visão sobre essa formação foi muito positiva. O livro traz estratégias bem práticas, como seu título já anuncia, sendo um manual com dinâmicas e muitas figuras. Com esse material, podemos traduzir e nos inspirarmos, de forma criativa, para aplicarmos a metodologia às nossas necessidades educacionais na área da formação de professores nesse método pedagógico. O livro trabalha em planos de aulas os conceitos da metodologia a partir dos seus 05 elementos fundamentais da Aprendizagem Cooperativa, mostrando o percurso teórico-prático que pode ser utilizado pelos docentes. Destaca de forma didática, cada um dos cinco elementos referidos, os quais são: Interdependência positiva, Competência individual, Interação promotora face a face, Habilidades sociais e processamento de grupo. (ibidem, 2011, p.1:31).

Overejo (1990) afirma que “[...] a forma como os professores estruturam o material que vai ser utilizado durante uma lição pode levar tanto a uma aprendizagem acadêmica eficaz como a uma interdependência positiva entre os membros do grupo [...]”. (ibidem, p. 25). Daí advém o papel fundamental do professor nessa metodologia, pois a dinâmica da sala de aula é produto do tipo de interdependência estabelecida pelo docente em seu planejamento, ou seja, a forma como ele apresenta o conteúdo aos estudantes, realiza avaliação, que tipo de interação discente permite, como lida com os conflitos. Enfim, tudo deve ser pensado de maneira a resultar na cooperação entre os estudantes.

Acentuo ainda uma experiência de formação cooperativa de professores em Portugal, o caderno de formação de número três intitulado de “Cooperação e Aprendizagem”, de Cochito (2004). Em sua introdução, a autora discorre sobre a importância do conhecimento da metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Posteriormente, ela apresenta o que é uma educação intercultural, noutro tópico, fala dos fundamentos dessa metodologia e, assim, nos apresenta com uma proposta para curso de formação nessa metodologia. De acordo com a autora, assegurada por uma sólida fundamentação teórica, essa metodologia tem natureza filosófica em Dewey, Freire, dentre outros; no campo da psicologia se sustenta pelo pensamento de Vigostky, Bruner,

Rogers, Lave, Wenger e Bandura. Faz ainda uma referência a Freinet, no que se refere à centralidade que a cooperação ocupa no modelo de escola preconcebida por ele e pela influência que tem na atualidade por meio do Movimento de Escola Moderna. (COCHITO, 2004, p.24).

Na literatura, há vários artigos científicos sobre a Aprendizagem Cooperativa na formação de professores, dentre estes, sublinho o artigo de Inês Tomé (2005), o qual fala que o curso de Aprendizagem Cooperativa tem um efeito positivo no desenvolvimento das capacidades colaborativas dos professores e “as diferenças significativas foram encontradas para os quatro elementos seguintes: interdependência positiva, interação face a face, habilidades sociais e processamento de grupo”. Outro resultado foi que “após a conclusão do curso, as tarefas em Aprendizagem Cooperativa, realizadas pelos alunos foram ampliadas nas aulas dos professores que frequentaram o curso” (2005, p.12-13). Essas experiências em formação de professores a partir da aprendizagem cooperativa são importantes para mostrar que há possibilidades múltiplas de nos apropriarmos dessas ideias e experiências dentro do teórico e prático. Além dessa exposição teórica, faço no decorrer das narrativas de vida analisadas, outras incursões teóricas dos autores aqui trabalhados.

Sobre as metodologias mais inovadoras no âmbito da formação docente e discente, insiro sempre a discente, por ser algo que nós do PRECE temos feito e visto que resulta em muitos resultados, tendo em vista que o estudante, na ideia de metodologia democrática e participativa, é um parceiro do professor nesse processo de estudo/ensino aprendizagem, o qual deveria ser sempre bilateral. Apresento um pouco do que tem se discutido no Brasil com o objetivo de pensar em uma integração de ideias que possa sugerir a utilização não somente da metodologia da aprendizagem cooperativa, mas de um conjunto de outras metodologias existentes ao nosso redor, podendo serem utilizadas, ao mesmo tempo ou não. Em nossas práticas de ensino e formação docente/discente temos usado muito a metodologia de projetos aliada à aprendizagem cooperativa a partir do momento em que soubemos da existência dela e nos debruçamos em estudar e fazer alguns cursos. Acerca da pedagogia de projetos, apresentei antes algumas práticas nossas na história do PRECE.

Em relação à contribuição do PRECE em Aprendizagem Cooperativa tudo partiu, de forma sistemática, a partir do encontro do PRECE com os pressupostos teórico-metodológicos apresentados pelos irmãos (JOHNSON, 1998, 2011...), conforme apresentei antes. Dando continuidade a essa discussão de como surgiu a Aprendizagem Cooperativa, volto a destacar o

trabalho do Frank Viana Carvalho (2015), fruto das suas práticas ao realizar cursos de formação de professores na metodologia de aprendizagem cooperativa em várias regiões do Brasil (sudeste, norte, centro-oeste, etc.). Nessa obra (ibidem, p.197-202), sucintamente, Frank apresenta um pouco da nossa experiência, na forma empírica de fazer educação cooperativa e solidária, na formação dos estudantes e professores pioneiros locais e líderes comunitários. O autor ainda expõe um pouco da ação do PRECE na implementação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa e Solidária com sistematização pelo viés histórico-metodológico precisa, a partir de 2009 na UFC, como também em escolas da SEDUC. Esse trabalho de formação foi feito com estudantes universitários da UFC e com professores e estudantes do ensino básico estadual e, posteriormente, nos anos subsequentes, com a escola básica municipal de Fortaleza.

4.1. Percorso metodológico

A partir da orientação de Gonsalves (2007) acerca da classificação das pesquisas científicas, opto por algumas das desenvolvidas por ela. Essa pesquisa é de natureza qualitativa, a qual vem a privilegiar a análise etnográfica do agente/objeto. Conforme Gonsalves, (ibidem), os agentes de minha pesquisa foram classificados em dois: o agente investigador e o agente investigado. Nessa escolha me vejo nos dois papéis. Segundo a autora, na pesquisa, a noção de espaço não configura espaço físico, mas “remete a relações entre outros que estão ausentes, distantes em termos do lugar. A noção de espaço contempla muitos locais”, diferentemente de “lugar que é o familiar, o concreto, o delimitado. [...] indica o ponto de práticas sociais [...] dominadas pela presença” (ibidem, p.71). Quanto à produção de dados e em relação aos instrumentos que utilizo na pesquisa, utilizei-me de uma entrevista construída em grupo quando coordenávamos o projeto memorial do PRECE, mas, a mesma não foi utilizada com rigor, pois apenas serviu de orientação para a captação das histórias de vidas contadas pelos agentes dessa pesquisa. Ainda, realizei uma breve entrevista estruturada, com uma estudante minha que interagiu comigo em prática narrada.

No processo de leitura, análise, interpretação, compreensão e reescrita, busco sempre fazer um estudo contínuo, com possíveis novas e curtas revisões bibliográficas, e leitura de textos do referencial teórico paralelo. Esforcei-me para participar de eventos científicos da área da pesquisa, movida pela escrita e apresentação oral de artigos acerca do tema do meu campo de

estudo, sempre focando à sistematização das experiências e resultados do processo de busca de informações que gerassem resultados. Realizei a procura por materiais como arquivos escritos, orais e fotográficos que fossem fontes informativas acerca dos processos de minha formação e dos outros participantes da pesquisa. Paulatinamente, trabalhei os dados recolhidos e fui reconstruindo esse novo texto-tese que se relaciona ao aporte teórico, numa reflexão crítica.

Continuando o detalhamento do percurso metodológico trilhado, é importante referir-se um pouco à história do Projeto Memorial do PRECE, o qual começou a se organizar a partir do financiamento da *Brazilfoundation*, no período de março de 2011 a março de 2013, quando se coletaram mais de cem histórias de vida de estudantes precistas. Dentre estes, destaco os sete primeiros estudantes do grupo de estudo do PRECE. As histórias foram gravadas em áudio e vídeo, totalizando cerca de 300 horas de gravações.

Depois desses dois primeiros anos, fomos sobrevivendo sem recursos, mas com parcerias com a UFC e SEDUC. Recebemos bolsistas (letras, biblioteconomia e comunicação social), sala e material de escritório dos quais dispomos até o momento. Para a captura das histórias de vida, foi utilizado um roteiro,¹⁶ entregue previamente, mas se esclarecendo aos sujeitos que não seriam obrigados a usarem caso não achassem necessário; portanto, poderiam ficar à vontade. A captação da história de vida era feita em um estúdio montado com iluminação, câmera e microfone. A partir do momento em que se iniciava a contação, trancávamos a porta e ninguém mais saía ou entrava até que o agente precista concluísse a sua história de vida. No decorrer das captações de relatos de vida, os precistas já não recorriam a olhar no papel, suas histórias iam fluindo, sem o auxílio desse roteiro. Acredito que graças à boa oratória de quase todos os precistas que conheço, eles tinham muita facilidade com narrativas orais. Ainda, pelo fato de sempre trabalharmos suas histórias de vida e formação, desde a primeira célula em 1994. Embora de modo empírico, eles já estavam preparados e conscientes do valor da história de cada um.

Como o objetivo geral do projeto Memorial do PRECE, em 2011, era apenas registrar as narrativas de vida para preservar a memória coletiva do PRECE a partir das memórias individuais de seus agentes, não houve uma teoria metodológica de orientação do processo de construção do *corpus* e escrita das memórias. Apesar disso, ao analisar as condições em que ocorreu esse processo, cheguei à conclusão de que ele se aproximou do método da Entrevista

¹⁶ Roteiro de entrevistas elaborado pela equipe do Memorial do PRECE – Anexo I.

Narrativa, configurando-se no formato de narrativa espontânea. Ficou muito próximo, especificamente, da proposta de aplicação do método para o estudo de experiências juvenis/estudantis. Germano (s.d) vai falar que:

[...] o método de Schürzte, em sua forma original ou mesclada a outros métodos, fornece pistas para compreender a articulação entre biografia e estruturas sociais na pesquisa sobre juventudes desfavorecidas, especialmente mediante interpretação das “trajetórias” ou processos de sofrimento que afetam tanto indivíduos quanto coletividades [...] (idem).

Neste trabalho pude perceber a necessidade de se aliarem vários percursos metodológicos que nos encaminham para os resultados. A proposta acima se conforma aos agentes jovens em situação desfavorecidas, caso nosso, ou seja, em nossa realidade de população de baixa renda dos interiores do Ceará.

No momento da captação das histórias de vida, fui à sala-estúdio contar a minha narrativa de vida e para mim, foi um divisor de águas na minha vida, já que naquele dia experimentei um sentimento novo, algo indescritível. Fiquei eufórica, era como se eu tivesse feito tudo de novo em pouco tempo. Foi um momento de balanço, de olhar para trás e olhar para frente foi mais esperançoso e feliz. Parecia que eu estava fechando um ciclo ali, diante dos meus amigos, e o tempo ainda foi pouco, passou rápido e a gravação ficou uma das maiores.

Tomei esse material digital, assisti a todas as narrativas na íntegra e li todas no formato de texto¹⁷. Fiz uma primeira leitura do *corpus*, os quais, nove memoriais em textos e procedi à Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiuzzi (2011, p. 11-12), procedendo a “desmontagem dos textos”. Depois veio o “estabelecimento de relações” existentes entre esses textos e a construção histórica e metodológica do PRECE, criando assim o “novo emergente”, recriando um novo texto, uma nova informação, portanto um “processo auto organizado” (ibidem). Moraes e Galiuzzi (2006) afirmam que “a ATD é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”. (p.118).

Tentei destacar novas informações dos textos da memória dos nove agentes fundadores que fortalecesse o PRECE em sua história, metodologia e avanços criando, portanto, novas informações que compõe um metatexto, respondendo aos questionamentos feitos nas questões de pesquisa. Para gerar mais informações e fortalecer as respostas dadas aos

¹⁷ Conjunto de 09 narrativas de vida dos agentes fundadores do PRECE na modalidade textual – Anexo 10.

questionamentos iniciais, fui descobrindo fortalezas em determinados temas constantes nesse *corpus* e fui sendo guiada por uma análise temática, por exemplo: a história familiar, a trajetória nos estudos, os episódios difíceis da rotina dos estudantes na casa de farinha, as dificuldades de locomoção, de alimentação e de vestuário. Algumas partes foram citadas indiretamente, outras diretamente. Nessa procura por temas que se ligassem à constituição das fortalezas do coletivo PRECE, senti falta de orientação de método ligado à escolha de tema, interpretação e compreensão, e fui procurando isso nos referenciais que me balizam desde a origem dessa investigação. Dessa forma, fui me aproximando, inicialmente por intuição, e depois, com a leitura do trabalho de Souza (2014) que discute sobre a “análise compreensiva-interpretativa”. Assim, fui reconstruindo as biografias a partir das autobiografias de estudantes precistas, seguindo algumas etapas dessa sistemática. Sobre esses pressupostos teóricos-metodológicos das Histórias de Vida e Formação quanto ao método exposto, Souza (*idem*) discute:

Desta forma, narrativas (auto)biográficas construídas e recolhidas em processo de pesquisa e/ou em práticas de investigação-formação, configuram-se como *corpus* de análise, por considerar a subjetividade das fontes, seu valor heurístico e a análise interpretativa-compreensiva (RICOEUR, 1996) implicada nas trajetórias de vida, bem como pela implicação e importância que tem a narrativa em contexto de pesquisas, a partir da fenomenologia das experiências. Narrativas (auto) biográficas, construídas e/ou coletadas em processo de pesquisa ou em práticas de formação, centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivo frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si (SOUZA, 2014, p. 43).

Essa leitura me alegrou porque dá base a minha reconstrução e me fez enxergar coisas ainda não processadas, porém que podem tomar copo nessa etapa final do trabalho. A partir dessa leitura, tomando-se o excerto acima por referência, conceituo esse trabalho como uma “prática de investigação – formação”. As narrativas analisadas configuraram-se “*corpus* de análise” pela sua natureza subjetiva e “heurística”. A centralidade da pesquisa residiu nas (auto)biografias que comportaram o que a memória nos trouxe de nossas experiências como agentes precistas marcados por elementos históricos em comum, com o mesmo sentimento de pertença que nos moveu a “lembrar”, “narrar” e “escrever” sobre nós. Cabe esclarecer, que de acordo com esse método, a minha autobiografia aqui apresentada realizou os **tempos de lembrar, de narrar**, mas se deteve pouco no tempo 03(três), sendo este o tempo **de refletir**. Isso ocorreu subjetivamente, todavia não materializei a forma que deveria ser conforme a explanação sistemática e rigorosa do texto metodológico citado anteriormente.

A partir de um título inspirado pela leitura do texto biográfico transcrito, procedi a uma retirada de excertos (unitarização/categorização), não esquecendo a sua totalidade (dessa ideia de totalização retirei o título), procedi a uma análise textual discursiva – no esforço da interpretação e compreensão, não muito aprofundada, por não ser essa a proposta geral da pesquisa. Iniciei a reescrita das biografias (o metatexto) seguindo pelas unidades temáticas por mim escolhidas em um processo que ainda não acabou. Cito algumas dessas unidades temáticas e seu campo semântico possível para uma maior clareza desse percurso metodológico – Dificuldades/facilidade/oportunidade (pobreza material, espaço de vida, relações interpessoais, estudo, trabalho, renda, sonhos, cooperação, solidariedade, protagonismo, autonomia, dentre outros).

No sentido de respeitar o que há naquelas biografias e pensando nos agentes delas, foi que ao concluir as partes principais em cada um, passei por um momento ímpar nessa trajetória de pesquisa que foi a apresentação do novo texto para apreciação dessa nova biografia. Essa reconstrução, em outra perspectiva, pretendeu trazer o nosso sentimento de pertencimento e de legitimação social do coletivo precisa. Esse trabalho, após todas as revisões que ainda farei, depois das três bancas de defesa, irá compor o que chamo de **Memória Coletiva do PRECE**, o qual ainda será publicado.

Paralelo ao trabalho com as autobiografias, uso algumas fotos dos agentes que representam divisores temporais na trajetória de vida em questão, com o objetivo de confirmar as interpretações feitas e também para ilustrar o trabalho. Ainda me detive em fontes documentais da história do PRECE, as quais atestam a veracidade das informações aqui relatadas. Sobre as unidades temáticas, destaquei algumas práticas educacionais de relevância que ajudaram nos impactos do programa e, além disso, sublinhei ações que denotaram haver em todos nós uma tomada de conscientização acerca da realidade, assumindo posição de liderança transformadora em nossas comunidades, dentre outras ações. Em alguns momentos, procedi a uma análise do material biográfico e dos documentos, em outros, faço apenas a análise do material teórico-metodológico que me ilumina sempre, em todos os momentos do trabalho. Quanto à posição ética no processo dessa pesquisa, esclareço que foram assinados os termos de consentimento livre e esclarecido do uso de imagem e textos. O modelo utilizado foi o orientado pela *Brazilfoundation*, como também outro modelo, da UFC.

Ao refletir sobre o presente capítulo, gosto de dizer que ele ainda não acabou, posto que pouca coisa na vida é finita, quase tudo nela é um processo. Por isso, espero poder melhorar essas discussões teóricas e metodológicas. Cabe dizer que a metodologia das histórias de vida e formação é um labirinto a ser explorado por nós que amamos entrar nele, não para nos perdermos, mas para nos aventurarmos na busca pelo caminho certo, para chegar ao horizonte logo depois.

5 PERFIS BIOGRÁFICOS DOS AGENTES FUNDADORES DO PRECE: MEMÓRIAS COLETIVAS

O conjunto dos vocábulos “perfis biográficos” foi inspirado de uma leitura feita e referenciada antes. Perfil¹⁸ a partir de seu significado nos fala de uma leitura de um olhar, de uma caracterização, etc. Assim, é isso que pretendo me debruçar nessa leitura, análise, interpretação e compreensão dessas biografias, à procura de construir uma releitura, um novo olhar, outra caracterização que proporcione o encontro do eu, do particular com o nós, o social. Dessa unidade, pretendo obter a memória coletiva do PRECE. Sobre esse percurso investigativo, destaco as palavras de Momberger (2012, p. 524):

[...]. O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. E, conjuntamente, como os indivíduos – pelas linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização – contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (“linguagens” tem aqui um sentido muito amplo: códigos, repertórios, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação etc.). Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de gênese socioindividual, seria o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular.[...]. (ibidem).

A partir da discussão feita por Christine Delory, procuro explorar “os processos de gênese” do PRECE pensando no “devir” dos agentes no campo educacional do PRECE e fora dele, quando as ações afetarem outros campos. Na análise das biografias busco captar a essência daquilo que construíram significativamente das situações e fatos por eles experimentados.

Tomar, respeitosamente, formas culturais, maneiras, intenções que operaram em sua maneira de se perceberem na narrativa. Dessa forma, colaboram para garantir a existência dessa memória coletiva que é o PRECE. Memória essa que representa tudo o que foi produzido da sua realidade social, algo amplo, realmente um *habitus* precisa (“linguagens, códigos, repertórios, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação etc.”). (ibidem).

As biografias precisas favorecem essa “interface do individual e do social” que ganham existência social um por meio do outro e isso remete a metodologia de ensino

¹⁸ Significado de perfil: desenho, delineamento, contorno, silhueta, descrição, retrato, representação, caráter, feição, gênio, índole, jeito, temperamento, tipo, etc.(<https://www.sinonimos.com.br/perfil/> acesso: 28 de jun. 2019)

aprendizagem aqui em estudo, a cooperativa e solidária. Esse estar no mundo em “processo incessante de produção recíproca”, ou seja, as práticas de estudo e vivências na casa de farinha, ou fora dela, foram realizadas de forma mútua. Esse trabalho biográfico expõe relações singulares mantidas pelo fio da vida de cada agente que sustenta o universo histórico e social do PRECE no campo da educação. Assim importa-me agora estudar a constituição do agente precisa “enquanto ser social e singular”.

Considero importante a escrita da história coletiva de um grupo se dar a partir de uma perspectiva individual por achar que, desse modo, serão tratadas melhor certas realidades vistas somente por uma visão mais pessoal e subjetiva. As histórias de indivíduos anônimos, tomadas como objeto de investigação, colaboram para um melhor entendimento da história oficial. Silva (2013) comenta:

[...]. A nova história cultural veio provar a possibilidade e relevância de se retratar trajetórias de indivíduos que não estão ligados à vida pública. Estudos da micro-história italiana destacaram-se nesse sentido na década de 1980, pois davam espaço a personagens anônimos. Mostravam a plausibilidade de se apreciar a trajetória de vida de pessoas que não estavam ligadas à vida pública e, tampouco, à política. As biografias, que outrora serviam para enaltecer a figura de homens públicos, exaltando-os como heróis, agora retratam, cada vez mais, as pessoas comuns. [...]. (SILVA, 2013, p.266).

Apesar de anônimo, o nosso percurso inclui um grupo de pessoas que conjugaram esforços em uma causa comum. A superação de obstáculos próprios do nosso contexto, como, a seca, a falta d'água, a baixa economia, menores oportunidades de emprego e renda foi algo que lutamos para superar. Essa luta conjunta, através dos estudos, por uma vida melhor para homens e mulheres, cidadãos e cidadãs, isso foi o FAZER e SER precisa. Por isso, escolhi a pesquisa biográfica para tornar público a história coletiva do grupo por meio de cada um dos precisistas fundadores e desbravadores.

Dessa forma, precisamos reconhecer as pessoas que, de fato, merecem destaque, pois na maioria dos grandes trabalhos, somente as pessoas ilustres ficam nos holofotes e os reais protagonistas da história são esquecidos.

5.1 Manoel Andrade: o primeiro grupo de estudo e o retorno à sua comunidade

De acordo com Andrade; Albuquerque (2017, p. 278), na década de 1980, o sociólogo francês Pierre Bourdieu trabalhou o conceito de Capital Social partindo do estudo sobre a teoria da ação no livro *Razões Práticas* (2011). Ele apresentou a teoria do senso prático, afirmando que o homem não realiza escolhas planejadas, analisadas; ele atua a partir das necessidades da vida diária que sugerem determinadas emergências conforme o seu *habitus*. O autor fala que “uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes” (BOURDIEU, 2011, p. 21).

Assim, de acordo com essa função do *habitus*, penso que talvez a história de vida de Manoel Andrade possa representar esse esquema: um “agente singular”, ou seja, um indivíduo tomado do seu *habitus* em relação a outro de *habitus* diferente; da mesma forma, tomando a experiência do PRECE como uma “classe de agentes” em relação a outra “classe de agente” de um outro *habitus*. Como visto, trazendo a noção desse conceito para a nossa experiência, penso que o *habitus* precisa funcionar como sustentação da existência de vários arranjos organizacionais de uma ação que são, em parte, absorvidas pela estrutura social. Parte dessa composição é de resposta pessoal dos próprios agentes às situações sucedidas no decurso de suas vidas. O PRECE tem um jeito conhecido de ser identificado; dentre outros vocábulos que expressaram o *habitus* precisa, destaco os principais que são alta motivação, cooperação, solidariedade, crença em vencer os obstáculos e união dos indivíduos por causas comuns.

A partir da história de vida de Manoel Andrade, observei a importância que teve o grupo de estudo (figura 44) na sua formação pessoal e profissional. Nesse grupo, ele foi construindo saberes acionados pelos arranjos organizacionais do campo social onde giravam os diversos capitais. Parece que Manoel tomou para si capital social, representado simbolicamente, pela família na pessoa de seus pais, tias e avós, para iniciar sua trajetória intelectual. Acerca da teoria de capital social de Bourdieu, destaco um trecho em que o autor descreve o potencial de um grupo de agentes associados por interesse comum para mobilizar uma ação. Vejamo-lo:

[...] Algo como uma classe ou, de modo mais geral, um grupo mobilizado para e pela defesa de seus interesses, não pode existir senão ao preço e ao termo de um trabalho coletivo de construção inseparavelmente teórico e prático; mas nem todos os agrupamentos sociais são igualmente prováveis e esse artefato social que é sempre

um grupo social tem tanto mais oportunidades de existir e subsistir de maneira durável quanto mais os agentes que se agrupam para constitui-lo já estejam mais próximos no espaço social (o que vale também para uma unidade fundada sobre uma relação afetiva, amorosa ou amistosa, seja ela ou não socialmente sancionada). Dito de outro modo, o trabalho simbólico de *constituição* ou de consagração necessário para criar um grupo unido (imposição de nomes, de siglas, de signos de adesão, manifestações públicas etc.) tem tanto mais oportunidades de ser bem sucedido quanto mais os agentes sociais sobre os quais ele se exerce estejam inclinados - por sua proximidade no espaço das relações sociais e também graças às disposições e interesses associados a essas posições - a se reconhecerem mutuamente e a se reconhecerem em um mesmo projeto (político ou outro) [...]. (BOURDIEU, 2011, p.50-51).

O que Pierre Bourdieu afirma se aplica à trajetória de vida de Manoel Andrade em seu grupo de estudo. Pelo relato de suas memórias, percebi ter sido ele um jovem bastante inquieto, à procura de uma via de desenvolvimento de suas potencialidades individuais. O grupo do qual fala, com entusiasmo, proporcionou-lhe essa defesa de seus interesses, os quais também eram os mesmos de todos os participantes convidados por um de seus líderes. Esse investimento resultou em um trabalho coletivo de construção teórico-prático. Destaco um trecho do relato do professor:

[...]. E aí nessa história [...] eu consegui encontrar uma pessoa que foi [...], um jovem que, ao conhecê-lo ele me convidou pra fazer... ele chegou pra mim e disse: “ei... você não quer participar do nosso grupo?” Eu disse, mas pra fazer o quê? Ele disse: “pra estudar. [...] o que é que você mais gosta de estudar” aí eu disse: “olha, eu gosto muito de Biologia”. [...] ele disse: “pois então você vai ser a pessoa responsável pra nos ensinar Biologia. Nosso grupo é assim, cada um tem uma função. Cada pessoa tem uma função”. E então eu fiquei maravilhado com aquilo sabe? Pensem bem, fiquei maravilhado porque, primeiro eu era um estudante, um cara [...] que não sabia nem o que era universidade [...]. (ANDRADE NETO, 2011).

A partir do convite feito a Manoel, o curso de sua vida trazia a ele uma grande oportunidade, a de se unir com outros estudantes de forma cooperativa em prol de um objetivo comum. Ele não havia refletido sobre como encontrar ou formar um grupo de estudo, a experiência surgiu assim, inesperadamente, posso inferir isso pela maneira da abordagem do novo colega com um chamado objetivo, de senso prático, sem muitas delongas: “ele chegou pra mim e disse: ‘ei... você não quer participar do nosso grupo?’ Eu disse: ‘mas pra fazer o quê?’”. (ibidem). Assim, percebo a força do capital social presente na criação do grupo que se fortaleceria ainda mais; entendo também que essa forma direta de relatar a passagem sobre o grupo de estudo não sinaliza a existência de um plano prévio. Para compreendermos mais a ação coletiva dos agentes desse grupo, leiamos mais um trecho do relato:

[...] quando eu encontrei esse rapaz ele tinha um grupo de estudo, [...] ele se reunia em vários lugares, ele tinha um não, ele tinha vários, o Flávio tinha vários grupos de estudos e ele era um cara muito inteligente, mas [...] além da inteligência, ele tinha

uma capacidade de articular pessoas, era muito sorridente, muito amigo, muito alegre certo? E ele conseguia convencer as pessoas e contagiava as pessoas com aquela alegria dele e com aquele estímulo para estudar, estudava muito, mas ele estudava sempre com as pessoas e quando ele me chamou pra participar do grupo dele e [...] me deu uma função e que eu fui estudar e eu vi que aquilo [...] que eu estava estudando era útil para alguém, aquilo [...] fez uma grande diferença na minha vida, [...] muita diferença! [...] e eu comecei a ficar feliz e satisfeito com o grupo, e daí, [...], isso fez uma grande diferença na minha história de vida porque foi nesse grupo de estudo que eu aprendi muita coisa sobre a universidade, o que era universidade, a importância da universidade, do que era o vestibular, como fazer o vestibular, [...] quantas provas tinham, o quê que a gente tinha que observar no vestibular, certo? [...]. (ANDRADE NETO, 2011).

Percebo a força do capital social nessas relações com outras pessoas; encontrar um amigo que aponte caminhos para um futuro de êxito, de melhoria de vida é uma força, um tipo de poder. A partir dessa estrutura de ação proposta pelo jovem Flávio ao Manoel, a união dos propósitos foi favorável a uma sinergia de forças positivas que os impulsionariam, certamente, ao momento de chegada ao alvo, à meta sonhada. A empolgação com que Manoel fala sobre suas primeiras impressões do grupo de estudo nos mostra o quanto ele foi importante para suas realizações acadêmicas. Vejo o valor de se ter relações sociais, amigos que nos ajudam quando temos um objetivo a perseguir. O Flávio, pela visão de Manoel, demonstra essa habilidade de acionar pessoas, tocá-las, “ele tinha uma capacidade de articular pessoas” (ibidem) rumo a um propósito e Manoel Andrade entendeu e buscou ir em frente com o grupo e isso mostrou um novo horizonte à sua frente, uma visão de sucesso acadêmico.

Figura 44 – Manoel Andrade Neto e integrantes do seu grupo de estudo



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Miceli (2001), em seu livro *Intelectuais à Brasileira*, levanta uma análise tomando, além de outros, o conceito de Capital de Relações Sociais de agentes remanescentes

de camadas dirigentes do Brasil a partir de publicações memorialísticas e biográficas desses descendentes intelectuais literatos. A esses chama de “parentes pobres” das oligarquias da Velha República que, ao perderem o capital econômico por uma série de razões, agora dispõem somente do capital de relações sociais e que, para acioná-lo, foi preciso uma série de estratégias de reconversão para tentarem se aproximar do *status* de vida anterior. Da obra em questão fiz uma leitura valiosa às minhas reflexões nesse trabalho e discuto algumas ideias do autor.

Em se tratando do objeto de análise de Miceli e contrapondo ao meu, eu poderia trocar parentes pobres por “deserdados pela pátria”, por gostar desse título o qual expressa meu sentimento, tomo de empréstimo da obra *Os deserdados da pátria*, 1997, do ilustre dramaturgo português Norberto Ávila. Aqui se trata de deserdados pela pátria da exclusão social, que produz centenas de pessoas sem cidadania plena, sem direitos fundamentais enquanto uma classe abastada pelo capital econômico engorda separada, à parte e apática. Vejo que para os jovens do grupo de estudo de Manoel também lhes restou somente acionar os mecanismos do capital de relações sociais, pelos mesmos estarem sem herança não de seus familiares abastados, mas de uma rica nação que não distribuiu nem distribui seus bens com todos os seus herdeiros. O interesse desses estudantes não era o de reconversão de uma condição financeira alta, mas de um lugar melhor na sociedade onde vivem. Vi que o grupo de estudo de Manoel movimentou muito bem esse capital referido antes. Percebo isso de forma mais clara na parte relatada sobre o seu encontro com o Flávio e em outro momento em que ele se relaciona com o professor aposentado do Liceu do Ceará. Acompanhemos o depoimento abaixo:

[...] nesse mesmo período, eu tive a grata satisfação e o privilégio de conhecer o Barroso que era o filho do Dr. Domingos Braga Barroso lá de Itapipoca, [...], ex-professor já aposentado [...] do Liceu do Ceará e esse professor, [...] morava [...], na praça do Liceu, e nessa praça do Liceu, [...] atrás da casa dele, tinha uma escola abandonada, então, nós nos reunimos lá e eu comecei a passar mais tempo lá do que na casa da minha avó, [...] porque lá a gente estudava [...] e ele vendo o nosso esforço, ele comprou uma geladeira, botou lá e botava comida pra gente, botava frutas, verduras, umas coisas pra gente e ai, eu, as vezes, almoçava na casa do Barroso [...]. (ANDRADE NETO, 2011).

Observei que o grupo foi se fortalecendo juntos com foco em um resultado comum e que, de modo simbólico, nessa interdependência social foram gerando mais empoderamento de seus integrantes que, como grupo, constituíam-se e se consagravam em união e propósitos. As manifestações públicas ainda poderiam vir, mas segundo o relato de Manoel, não houve nenhuma manifestação pública oficial desse grupo. Porém, sei que por

esse grupo de estudos ter sido, penso eu, o embrião do PRECE, essas manifestações têm acontecido, atualizadas por esse último, numa espécie de diálogo entre gerações de grupos de estudo.

Bourdieu (2011) discute que nem todos os grupos podem se efetivar, mas que eles terão mais chance de dar certo se seus integrantes tiverem laços afetivos e se forem mais próximos no espaço social. Os participantes do grupo de estudo de Manoel Andrade tinham relações afetivas alimentadas pelos encontros de estudo, pelos objetivos comuns, queriam entrar na faculdade, por descenderem de famílias populares, por não terem capital econômico favorável para pagarem escolas renomadas, por não terem espaço propício para estudarem em suas casas, portanto, participavam de um mesmo espaço social e tinham *habitus* semelhantes. Observemos no trecho a seguir como eles tinham problemas, dificuldades, desânimos, mas a identificação de formas de ser e viver os sustentava, mutuamente:

[...]. Nós compartilhávamos os nossos sonhos, nós dizíamos o que é que queríamos ser, e quando a gente tava passando por uma dificuldade, tinha algum medo, a gente naturalmente, sem muito ardeio, sem muita conversa, sem muita sofisticação, nós compartilhávamos aquilo, às vezes tava chateado... “ei cara, tô chateado” ou então dizia assim: “não tô muito a fim, não sei o quê, acho que não vai dar certo pra mim, acho que não vou passar” e um dizia lá: “não mas tem...” e começava com aquela conversa...[...] aquelas tristezas, aqueles momentos depressivos iam passando porque nós tínhamos com quem compartilhar. Criamos um círculo de amizade legal [...]. (ANDRADE NETO, 2011).

Bourdieu descreve o grupo como uma “unidade fundada” a partir da afetividade, da amorosidade da qual também fala Freire, não importando aprovação ou não da sociedade. Mas essa participação dos afetos na grandeza do grupo social também remete a outro ponto destacado pelo sociólogo quando diz que esses sujeitos do grupo tendem a ser exitosos por se reconhecerem mutuamente. O reconhecimento de alguém no outro é cultivado pela convivência, pelo conhecimento, pela escuta na hora das confissões necessárias de suas dores. Vejo que quando eles compartilhavam suas dificuldades, medos e chateações, eles se reconheciam, confiando suas mais subjetivas confidências um ao outro. Quando um é fortaleza do outro, isto é, está no mesmo barco, ou ambos navegam juntos ou cada um naufraga isolado, pois se trata de se reconhecerem em um mesmo projeto.

Como vimos nas citações do memorial de Manoel, a metodologia de estudo do grupo era muito simples e trouxe a brilhante e revolucionária ideia de protagonismo estudantil, muito debatido atualmente por pensadores da educação. Dentre estes, destaco o professor e escritor Antonio Carlos Gomes da Costa que tem diversos trabalhos publicados sobre o tema. Um desses trabalhos, *Educação e Vida* (2001), livro bem mais prático que

teórico, logo nas orelhas, lê-se: “este livro pretende ajudar a todos, e a cada adolescente, a educarem-se para a vida. Educarem-se e não, como normalmente se pensa, serem educados” (COSTA, 2001). Não somente neste livro, mas em várias outras publicações, esse autor se empenhou na luta pelo protagonismo juvenil e estudantil tendo como um de seus pilares teóricos o pensamento Freireano. As experiências de Costa (2001) com juventude e seu pensamento prático se assemelham com o que acreditamos como agentes da experiência do PRECE.

Foi esse protagonismo estudantil de Manoel Andrade e dos componentes de seu grupo que os formou, os constituiu estudantes cooperativos e solidários que, em diálogo, aprendiam uns com os outros, ouvindo suas histórias de vida, alegrando-se pelas coisas boas ou se compadecendo das dores de cada um; interagindo nos momentos bons e nos conflitos que surgiam. Todo esse investimento social empreendido por cada um gerou resultados tanto acadêmicos, quanto de experiência no modo de autogestão do grupo, nos estudos, nas brincadeiras, nos trabalhos, na forma de conseguir aprender a aprender em cooperação e até em gerenciar conflitos, coisas presentes em cada grupo, tudo isso trouxe muita transformação de vidas e hoje é inspiração para outros agentes da educação. Baseada em outros relatos de Manoel, todos desse grupo de estudo lograram êxito, vitórias, pois não somente Manoel entrou na Universidade para o curso de Química como também os outros estudantes fizeram um curso superior. Manoel passou no concurso para professor universitário na UFC e os outros também conseguiram adentrar no mercado de trabalho de suas respectivas áreas de estudo.

Marie-Christine Josso em seu livro *Experiências de Vida e Formação* (2004) se relaciona com a prática de grupo de Manoel, a exemplo, extraio uma imagem pensada pela autora que simboliza “caminhar para si”. Percebo isso em toda história de vida de cada ser, como um projeto, um percurso que começa e termina em cada um, em um olhar autorreflexivo e, tratando da história de estudo de Manoel Andrade, vejo esse olhar para dentro de si, em busca de autointerpretação, o que propicia a ressignificação de fatos no espaço-tempo presente. Acompanhemos o que escreve a autora sobre o tema:

[...]. A imagem utilizada do “caminhar para si” [...] foi escolhida como sendo a que melhor pode condensar as várias ideias que estão no centro do nosso questionamento sobre a formação, [...]. A escolha de um verbo sublinha que se trata, [...], da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas [...] do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário de sua bagagem, recordar os

seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. [...], ir ao encontro de si visa à descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um. [...] a imagem sugere igualmente a questão temporal e um processo: no caso presente, um processo de conhecimento de si mesmo que tem início a partir de todas as pré-concepções que nos habitam no momento em que empreendemos o caminho biográfico. É este o caminho que, de etapa em etapa, de elaboração em elaboração, favorece a atualização destas mesmas pré-concepções. [...]. (JOSSO, 2004, p.58).

O indivíduo traz para o grupo sua marca, seu nome, suas idiossincrasias, seu *habitus* familiar e no grupo social tudo isso converge nas particularidades de cada um, gerando algo novo, rico pela proximidade no espaço das relações sociais. Agora são não somente vontades individuais, mas interesses associados dos quais discorreu (BOURDIEU, 2011). Essa presença de cada um constitui um caminhar para si, mas possibilitando passar junto com o outro em diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem e nesse caminhar, a viagem coletiva e os viajantes são apenas um por meio da união de propósitos que gera uma energia vital, proporcionando também o atingir das metas do projeto de vida de cada um no âmbito individual.

Tenho defendido aqui que a experiência formativa de Manoel Andrade nesse grupo de estudo para entrar na universidade o impulsionou a iniciar o PRECE (Figura 45), juntamente comigo e com os sete estudantes protagonistas pioneiros. Ao voltar para sua comunidade, percebeu a situação dos jovens da sua região onde havia ausência de escolas rurais do ensino médio, de professores qualificados, dentre outros problemas. Com isso, Manoel, assim como ocorreu no seu grupo de estudo quando cursava o ensino médio, decidiu convidar alguns desses jovens para estudarem em grupo e se fortaleceram com autonomia e assim, melhorarem vidas através do estudo. A experiência de estudo em grupo, em Fortaleza, o fez acreditar que a ideia daria certo também em Pentecoste, construindo assim, uma nova história – a precista.

Figura 45 – Sete estudantes do 1º grupo de estudo do PRECE, Manoel Andrade e sua mãe Francisca Andrade



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

Essa nova história precisa, inspirada em Josso (2004), comparo a uma viagem em que o viajante Manoel Andrade foi explorado por e revelará uma gênese, uma origem constituída por um ser humano que foi levado e preparado para gerar uma mudança vinda de uma vontade individual, com reflexos sociais, mas a partir de motivações subjetivas, entre tantas revelações possíveis que podemos descobrir na história dessa viagem.

Embarcando nessa viagem, Andrade Neto (2018) afirma que sua avó foi muito importante na sua carreira e nos estudos. Alzira Marques foi enérgica em encaminhar o neto aos estudos na capital, portanto, sem ela talvez ele não tivesse conseguido fazer um curso superior, pós-graduação e ser professor universitário. Sem a ação dela, o destino dele hoje poderia ter sido igual ao de alguns amigos, não desprestigiando o valor de cada um deles que ficaram no sertão tateando, sem norte, vivendo sem recursos, sem melhores serviços de saúde e educação e esquecidos pelo poder político.

Alzira era uma mulher determinada em fazer aquilo que acreditava ser o melhor para alguém que amava, em mudar um destino que estaria sob a égide da desigualdade social. Agora, ao retornar ao Cipó como professor universitário, Manoel sentia as agruras daquele espaço e era um exemplo vivo de alguém que superou, sofreu a saudade do lugar de viver, mas estava ali, vitorioso e cheio de experiências pelas dificuldades que teve para conseguir estudar e fazer um curso superior, dentre outros desafios.

Segundo Andrade Neto (2018) ela fez de tudo para dar a ele a chance de mudar o curso da vida de ciclos de ausência da educação em gerações anteriores para um novo momento de bonanças. E esse desejo da vó Alzira pela educação, hoje revive pela ação social de Manoel Andrade - o estudo como forma de superação da ignorância e da pobreza material, intelectual-acadêmica e de espírito.

Sobre essa volta à memória de Alzira, destaco as ideias de Martine Lani-Bayle (2008), apresentado, acerca do conceito transgeracional e intergeracional. Esse sonho de emancipação através da educação que talvez sempre existiu em Alzira, mas que não foi possível a ela, nem a suas filhas e filhos realizar, foi então repassado para Manoel Andrade. Essa ausência de formação superior pode ter gerado nela o desejo de ver algum de seus descendentes realizando uma espécie de resgate de dignidade e oportunidade que garantisse o acesso ao saber, de forma plena. Vi nesse episódio um diálogo entre duas gerações, portanto, um “parto reverso,” Lani-Bayle (ibidem).

A partir dessa ideia, Manoel Andrade faz sua vó Alzira renascer pela realização de um sonho que era dela, mas também dele e esse “intersonho” foi realizado duplamente e afetou a outras gerações que seguiram na reatualização constante daquele sonho. A partir do conceito de Lani-Bayle, vejo que o interesse pela história de vida de nossos ancestrais e modos de receber deles alguma herança permite que, automaticamente, nos interessemos por nós, nesse ir e vir – do passado ao agora para o futuro. Apesar de não termos feito parte de sua constituição, não estamos sendo somente eles e nem somente nós, estamos sendo eles e nós, ao mesmo tempo.

Dessa forma, somos continuadores de uma cultura familiar que passa de geração para geração. Essa herança e práticas herdadas retornam a nós em uma nova viagem. Isso nos deixa alterar num jogo empático - inserindo, portanto, o sujeito na dimensão social. Percebo na história de vida de Manoel um pouco da história de sua família, de seus pais, irmãos e de seus avós paternos que se atualiza.

Na perspectiva transgeracional e intergeracional, nos narramos, não esquecendo o fato de que contamos nosso percurso formativo, à medida que também nos formamos hoje para perseguir novas conquistas. A autora fala que a “dimensão intergeracional nas narrativas de vida” nos lembra, metaforicamente, uma mola propulsora que nos leva do presente ao passado e nos joga para o futuro. Essa narrativa lança Manoel de um presente para o passado e desses para o futuro, para sua história vindoura, individual e coletiva a partir de toda a história familiar e da sua história no primeiro grupo de estudo do qual participou em Fortaleza e no grupo do PRECE que continua se “metamorfoseando” a cada época.

Como agente do campo educacional, Manoel Andrade, a partir de suas motivações subjetivas, resolve colocar um tijolo a mais na construção de novas pontes que conduziriam a um novo mundo, o dos sonhos de vida digna e cidadã para homens e mulheres. Essa nova realidade foi se configurando a partir do grande sonho coletivo para o espaço primeiro da vida de Manoel Andrade a comunidade Cipó. E quando a semente é boa, ela vai germinando em muitas terras e dando incontáveis frutos. Esses frutos somos nós, os precistas e assim se fez o PRECE, nessa viagem que engloba o presente, o passado e o futuro.

Junto com Manoel Andrade, mergulhada nessa nova realidade, liderada por ele, passei a minha vida dedicada à família, aos estudos e ao projeto. E no início, cada agente tinha o seu nível de comprometimento. Posteriormente, na caminhada, fomos aprendendo mais sobre nós mesmos e sobre o outro. Vi que a vida social dos sete estudantes fundadores na casa do estudante e a ajuda mútua entre eles, permitiu-lhes descobrir o valor de suas histórias de vida.

Na viagem de cada um e na coletiva, foram se reconhecendo como sujeitos capazes de viverem juntos, partilhando seus saberes. Ao analisar a minha vida e um pouco da vida desses amigos de estudo, vejo que somente nessa partilha de nossos saberes, colocando nossa vida juntos nessa viagem com alvo comum a atingir e que nos tornamos conscientes, libertos e fortes em nossa práxis pedagógica.

Percebi na história, notadamente, no primeiro grupo, um processo de identificação entre os agentes precistas pelo exemplo, na postura dos líderes, professores e estudantes, e isso vem perdurando até hoje. Esse dispositivo desencadeador de aprendizagens e motivação, chamo de pedagogia do exemplo. Sobre esse conceito, Paulo Freire destaca que o professor que realmente educa e ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigurosidade do pensar certo, tem como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que faltam a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. Esse termo expressa bem o que o Manoel Andrade representou para todos nós, estudantes fundadores do PRECE, juntamente com ele.

Na experiência, não somente o professor Manoel Andrade era exemplo vívido, corpóreo, ali presente em sua prática, mas todos os que chegavam ano a ano no projeto se esforçavam para viverem o que diziam, o que pensavam, com autenticidade. Sempre houve espaço para a crítica e o pensamento divergente, embora que quase ninguém se aventurasse a divergir em discussões ocorridas em nossas reuniões de gestão do PRECE, talvez pelo motivo de não estarmos muito conscientes e entendedores de como realizar a crítica construtiva. O

saber fazer requeria essa ética nas relações de interdependência, presentes, de modo intenso, principalmente, nos primeiros anos do PRECE.

A identificação entre todos nós, estudantes e líderes era muito forte, talvez por sermos do mesmo contexto, sofredores dos mesmos problemas políticos, educacional e social. Meus pais eram agricultores semianalfabetos e sem terra para plantar, e isso nos identificou, gerou empatia, assim, somei-me a essa ideia genial a qual reatualizava os mesmos ideais que representava bem a nossa luta social em experiências anteriores. Toda essa identificação com a vida comunitária que sempre me fascinou, me impulsionou a viver a experiência com Manoel Andrade naquela ousada iniciativa que objetivava o caminho pela formação escolar e acadêmica dos jovens de baixa renda do espaço rural no qual me incluí.

A partir dessas reflexões acerca da trajetória de Manoel Andrade, percebi o quanto foi importante o processo da entrada dele em seu grupo de estudo. O impacto que teve o diálogo entre os estudantes Flávio e Manoel Andrade gerou muitas histórias de protagonismo estudantil, fortalecidos por metodologias ativas e propulsoras de desenvolvimento educacional em nossas comunidades populares. Esse tipo de prática educativa, como temos visto, se evidenciou pelo cultivo de relações horizontais, sem barreiras hierárquicas, institucionais e burocráticas que, usualmente, ocorre nos grupos de escolas ou universidades. No grupo, os integrantes eram também pessoas de mesmo estrato social, todos com interesses comuns e solidários aos problemas uns dos outros.

Percebi que Manoel Andrade e todos os outros componentes do grupo tinham o mesmo princípio, ensinavam o que sabiam para os outros e aprendiam o que não sabiam com os outros. Concluí, a partir da análise do memorial de Andrade Neto, que o seu grupo de estudo imprimiu em sua história de vida, sua marca que contribuiu para uma nova viagem – a viagem precista, agora atualizada e ressignificada em um espaço-tempo novo.

Na história de Manoel Andrade, vislumbrei o nascer de uma experiência educacional que foi construída por crenças, valores e lutas de pessoas simples, populares. Na esfera coletiva, vi que cada integrante do grupo contribuiu sobremaneira para modificar uma realidade de desesperança para outra, repleta de sonhos e possibilidades de realização desses sonhos individuais e sociais.

Por fim, sobre a discussão de capital social, percebi haver o acúmulo de capital escolar, apesar da experiência ter se dado fora do contexto da escola, porém, por outro lado, todos os estudantes do PRECE vieram da escola pública e traziam as marcas do sistema institucional escolar. Com essa análise, vi a força do capital social do grupo de Manoel e do PRECE na experiência construída a partir das necessidades do campo.

5.2 Adriano Sérgio da Silva Andrade: entre a comunidade, a agricultura e os estudos

Adriano Sérgio da Silva Andrade nasceu em Cipó, Pentecoste, filho de Arão de Andrade e Francisca Andrade. Da história de vida desse líder comunitário e um dos estudantes que veio depois dos sete primeiros, percebo a importância que o trabalho teve na sua vida, pois desde jovem já produzia renda para o sustento próprio e de sua família. Adriano estudava e ajudava seus pais, pois estes precisavam da sua colaboração com a sustentabilidade da família. Segue uma breve apresentação dele e da sua família:

[...]. Meu nome é Adriano Sérgio da Silva Andrade, nasci no Cipó, em Pentecoste, em 06 de setembro de 1965. Tenho 9 irmãos, alguns moram lá no Cipó, outros moram em Fortaleza. Meus avós já são todos falecidos, o Arão de Andrade e Alzira por parte do pai, a vó Chiquinha e vô Nego por parte da minha mãe. Meus pais moravam no interior desde adolescentes naquela comunidade. A propriedade era do meu avô, meu pai comprou uma parte e fez uma casa, se casou e não saiu de lá. Meus avós por parte de pai e os irmãos dele vieram para Fortaleza no período da seca, mas meu pai não quis sair e lá ele criou 10 filhos [...]. (ANDRADE, 2017b).

No excerto destacado, ficamos com a imagem da família de Adriano Andrade que era composta por dez integrantes, tendo em vista que geralmente, as famílias da época eram grandes e carregavam em sua constituição muitas peculiaridades. Essas famílias era uma “micro-sociedade” pelo fato do desafio das relações entre todos os membros; existe um pensamento do senso comum que fala que em família grande tem de tudo, assim são nossas famílias, elas têm de tudo que podemos gostar ou não. Pelo viés econômico, família maior significava mais despesas para os poucos recursos.

Naquele contexto, a nossa realidade era a de que os filhos precisavam ajudar os pais na economia familiar, de modo que os mais velhos sempre tutoravam os mais novos e eram a representação dos pais quando esses estavam ausentes. Era bastante comum, os filhos, desde pequenos, ajudarem aos seus pais, pois esses necessitavam garantir a sobrevivência de uma família, geralmente, numerosa e pobre. De acordo com o relato, Adriano Andrade vai dizer que precisava ajudar seu pai na roça e restava pouco tempo para a brincadeira:

[...]. Minha lembrança principal é o interior. [...], e [...] é de trabalho, desde os 7 anos de idade eu já comecei trabalhando na agricultura. Meu pai sempre trabalhou na agricultura e ele comprava gado. Ele passava até 20 dias ou mais fora comprando gado, [...]. E eu ficava trabalhando na agricultura plantando alguma coisa, cuidando do gado. Minha infância foi essa no Cipó. [...]. Quando começava a chover eu ia ajudar a plantar, limpar mato, [...]. Quando meu pai não estava viajando, comprando gado, ele trabalhava mais comigo, porque meus irmãos (*os que ficaram no interior – grifos do autor*) eram menores. [...]. Com 15 anos de idade eu já tomava [...] conta do trabalho, por exemplo, eu tinha 5, 6 trabalhadores que eu levava para o serviço.

[...]. Eu tomava [...] conta da fazenda, [...] eu ajudava mais na parte do plantio. A gente comia basicamente arroz, feijão, queijo, farinha e rapadura, às vezes tinha carne, mas era muito difícil. À noite a gente ia debulhar feijão no alpendre e ficava conversando. Os vizinhos iam para lá e ficavam debulhando feijão e contando histórias. Às vezes a gente ia brincar no terreiro, brincar de bandeira, escondesconde [...]. (ANDRADE, 2017b).

Identifico-me com essa história porque vivi também um pouco da cultura do plantio de milho e feijão, da colheita e da debulha de feijão à boca da noite no alpendre com a família e os vizinhos. As conversas, as histórias e o toque do rádio, em algumas ocasiões, fizeram parte também da minha história. Esse relato representa um modo de viver dos agricultores de nossa região e do valor dado ao trabalho na agricultura de subsistência que congregava toda a família para garantir a segurança alimentar.

Assim como os sete agentes fundadores do PRECE, Adriano Andrade, sendo da mesma região, também repetiu a 4ª série três vezes pela falta das séries seguintes em sua comunidade. Isso foi recorrente em mais três relatos que foram analisados neste trabalho e que mostram um contexto educacional precário nas comunidades dos estudantes precistas, atestando cada vez mais a real necessidade de uma alternativa para a melhoria do sistema escolar. Veja como se deu esse processo:

[...]. Antes de eu ir para a escola, quem primeiro me alfabetizou foi minha tia Sinhá. Depois tinha uma casa, ali próximo, onde hoje é o PRECE, a casa da dona Rita, lá tinha uma escola e a gente ia para lá ter aula com a Zizi. Era uma casa normal, a gente estudava na sala, eu e algumas outras pessoas. [...]. Comecei a estudar [...] até a 4ª série primária e tive que abandonar os estudos porque repeti a 4ª série três vezes aproximadamente, porque lá na comunidade só ensinava até a 4ª série e não tinha como continuar estudando por não ter essa oportunidade. Teria que se deslocar para uma outra comunidade bem mais distante, ou na Serrinha ou no Sítio. A gente não tinha condições na época e meu pai não se interessava em mandar os filhos estudar em outras comunidades. Eu parei de estudar e fiquei só trabalhando [...]. (ANDRADE, 2017b).

Isso é uma regularidade, comparando com as outras biografias, os pais, principalmente o pai, não era preparado para entender o valor de manter os filhos na escola. Vi isso em dois relatos de vida em estudo, além do meu, pois meus pais também não tinham essa compreensão sobre o valor da educação na minha vida.

A realidade educacional dos pais em nosso contexto se apresentava muito difícil por causa do analfabetismo, tema que discuto mais à frente. A prioridade dos pais era o trabalho e, com isso, os filhos precisavam trabalhar, precocemente, para ajudar na renda familiar. Outro ponto de identificação foi que em quase todas as biografias analisadas, vi que a aprendizagem da leitura se deu com uma professora particular que, na época, ganhava um

valor simbólico para alfabetizar em uma grande mesa comprida rodeada de tamboretas, na sala da sua casa. Era um tempo de poucas escolas, década de 1970 e início dos anos de 1980. No fragmento a seguir, destaco um pouco da realidade comentada:

[...]. Meus irmãos (*irmãs - 05 mulheres*- grifos da autora) vieram pra Fortaleza aos poucos para estudar. O Andrade veio logo novinho pra casa da minha vó estudar, ele ficava um tempo em Fortaleza e nas férias ia para o interior. Ele contava histórias em relação aos estudos e isso nos motivava a estudar. [...]. Eu queria estudar, quando é jovem você tem vários sonhos, [...]. Nessa época da escola eu trabalhava um período e estudava no outro [...]. (ANDRADE, 2017b).

Extraio do excerto, o estímulo dado pelo irmão mais velho, Manoel Andrade e o reconhecimento de Adriano a esse apoio e suporte oferecido. Por outro lado, mais uma vez, a paixão pela agricultura desde cedo o leva para viver nos ares frios da serra, no município de Maranguape. Quando se pratica algo desde criança, acompanhado, junto com um grupo, uma família, esse algo, essa cultura, vai fazendo parte de nós. No meu entender, esse direcionamento dos pais para o trabalho na roça em colaboração ao sustento da família não se configura como uma problemática própria de trabalho infantil, mas trata-se de uma cultura do espaço rural particular do estrato familiar de baixa renda, dos interiores do país.

Isso ocorreu com todos nós, filhos da classe popular que, se não contasse com a ajuda de todos da família, poderia passar fome, portanto, isso era uma questão de segurança alimentar. Seu relato me remete à noção de *habitus* discutida no referencial teórico. Adriano em sua narrativa, viveu, por bom tempo de sua vida, em espaço agrícola, que propiciou um campo social de práticas ligadas a agricultura, trabalhando com seu pai, convivendo com trabalhadores desde a infância, portanto, esse *habitus* o constituiu. Em Maranguape, Adriano revitalizou um sítio de seu pai que há tempos ninguém cuidava. Destaco um texto de seu relato:

[...]. Quando eu completei 18 anos, eu saí do Cipó e fui tomar de conta de um sítio abandonado que meu pai tinha em Maranguape (*na serra* - grifos da autora). A partir daí, eu comecei a ter mais liberdade. [...] antes de voltar a estudar. [...]. No tempo que eu passei em Maranguape, eu me envolvi com movimentos de agricultura, criamos uma associação e eu fui vice-presidente. Depois em Maracanaú eu me envolvi com movimentos sociais, como grêmios estudantis, [...]. (ANDRADE, 2017b).

Adriano Andrade relata a necessidade de sair da casa de seus pais para procurar suas realizações na área dos estudos e profissionalização. As diferenças foram surgindo no relacionamento entre pai e filho e muitas vezes há momentos que não dá para integrar as ideias; entendo que isso tenha ocorrido em sua experiência. Adriano Andrade, também como os outros estudantes, precisou implementar suas buscas próprias da juventude ansiosa por

mudança de vida. A característica mais forte de Adriano Andrade é ser proativo. Ele foi se configurando como um homem de ação. Esse ir e vir entre Cipó, Fortaleza, Maranguape e Maracanaú indica essa inquietação, presente em seu modo de ser. Chegou o momento que precisava tomar uma nova decisão:

[...] fiquei tomando [...] conta dessa terra durante uns 4 anos. [...]. O papai começou a se sentir incomodado e ficou reclamando, aí eu saí e fiquei em Maracanaú me dedicando aos estudos e não voltei mais para o trabalho voltado à agricultura. [...] eu escolhi ir estudar. Eu sou o tipo de pessoa que quando quer fazer uma coisa, vai lá e faz. Nesse caso eu queria continuar meus estudos, porque era uma vontade que eu tinha desde novo [...]. (ANDRADE, 2017b).

Com a valorização dada a questão da educação, a partir da avó Alzira que encaminhou Manoel Andrade para estudar, Adriano Andrade passou a dividir o seu foco no trabalho com o estudo. Vejo que uma coisa não excluiu a outra, na sua luta, nas tentativas que fazia a partir das oportunidades que surgiam para recomeçar os estudos. O desapontamento pelas reclamações do pai, o impulsionou a retomar esses estudos e não esquecer, pois era uma vontade nascida do estímulo que recebeu do irmão Manoel Andrade que havia saído para estudar em Fortaleza. Sobre o sonho de estudar, eis mais um excerto:

[...]. Quando você tem esse sonho, não morre de uma hora para a outra. Tinha um sonho de fazer faculdade, ter algum emprego, mas não tinha uma certeza. Eu queria [...] concluir meus estudos e ter mais condições financeiras para me sustentar. [...] estudando e tentando recomeçar [...] com o apoio do meu irmão mais velho, Manoel Andrade. [...]. Foi na época que [*ele* – grifos da autora] passou no mestrado, conseguiu uma bolsa e, a partir daí, ele alugou uma casa e deu apoio para os irmãos. Nesse período eu concluí o supletivo do ensino fundamental. Eu comecei estudando em escola convencional quando morei em Maracanaú, e quando vim para Fortaleza foi que eu fiz o ensino fundamental através do supletivo [...]. (ANDRADE, 2017b).

A pedagogia do exemplo dentro da própria família é algo importante na história de vida de Adriano, por isso, vejo que a maior influência que recebemos vem de nossa própria família, na acepção bourdieusiana, vejo aqui a força do capital cultural presente em nossos relatos, na área da educação. A partir de experiências anteriores e desse estudo, inferi que, parte dos sete primeiros agentes constituintes do PRECE influenciaram a seus irmãos.

Adriano Andrade foi estimulado para os estudos pelo seu irmão Manoel Andrade. No fim da década de 1980, recomeçou seus estudos do ensino básico, no Centro de Educação Jovens e Adultos Gilmar Maia, em Fortaleza. Isso foi um ponto recorrente em todas as biografias, pois todos nós, pioneiros do PRECE, estudamos pela modalidade de Educação de Jovens e Adultos; alguns tiveram sua escolarização do ensino fundamental a médio, outros somente neste último. Paralelo a isso, Adriano voltaria para sua comunidade com o intuito de

se fixar nela, adquirir sua sustentabilidade e desenvolvê-la através da organização comunitária:

[...] voltei para o interior para passar um período lá trabalhando de outra forma, já na associação. Eu plantei algumas coisas, mas não tinha mais uma relação como a que eu tinha antes. Eu voltei para mobilizar a associação, aí eu passo a desenvolver esse trabalho lá. Foi fácil montar a associação, eu comecei a convencer o pessoal suficiente que desse pra fazer esse trabalho [...]. (ANDRADE, 2017b).

A sua inquietude o fez caminhar em uma nova busca constituída no trabalho comunitário junto com parceiros das comunidades envolvidas com o associativismo comunitário. Esse trabalho social de organização dos trabalhadores rurais ultrapassou a área da agricultura, com ações no âmbito da educação, as quais eram creches e projetos de apoio à professores e estudantes. Adriano fala que conseguiu algumas máquinas de datilografia junto as secretarias de ação social do estado do Ceará e que antes do PRECE conseguiram duas creches para a região, para as comunidades de Capivara e Tamarina. (ANDRADE, 2017b).

Em 1989, Adriano Andrade se tornou presidente da ACOMPARRCC, referida antes. Dentre as várias demandas dessas duas comunidades da associação, uma delas era a construção de uma casa de farinha que serviria aos agricultores plantadores de mandioca, planta da qual se extrai a farinha. Para conseguir recursos financeiros que dessem conta das demandas da entidade, Adriano Andrade enviava projetos para algumas secretarias estaduais. Com esse empenho dele na captação, ganhou a aprovação do projeto das creches e da perfuração de um poço, porém, nunca deu certo pelo motivo dele não fazer parte do grupo do prefeito.

Ganhar projetos de poços profundos era algo animador, pois todos sonhavam em resolver o problema do abastecimento de água dessas comunidades que ainda hoje sofrem com a histórica irregularidade das chuvas na região e a incapacidade dos gestores públicos em solucionarem esse problema. Só, recentemente, esse problema da água foi resolvido na comunidade de Cipó por recursos particulares e por doações destinadas ao PRECE.

Logo depois, Adriano conseguiu a aprovação do projeto de construção da casa de farinha através da Secretaria de Indústria e Comércio. Abaixo (figura 46) tem-se uma foto da construção da casa de farinha entre os anos de 1990 e 1991 e da casa concluída, no dia da sua inauguração:

Figura 46 – Adriano Andrade e trabalhadores na construção da casa de farinha/Inauguração da casa



Fonte: Memorial do PRECE.

Em seu memorial, Adriano fala que os agricultores começaram a plantação da mandioca e ainda fizeram uma farinhaada na casa de farinha, mas logo surgiu a baixa do preço da farinha e, dessa forma, para os produtores, não compensava mais investirem nessa cultura; com isso, a casa de farinha ficou sem uso porque era mais barato comprar a farinha pronta do que plantar a mandioca e fazer a farinha.

[...]. Eu sempre fui inquieto, não ficava acomodado. Eu fiquei estudando em Fortaleza e criamos uma associação no Cipó, a ACOMPARCC (*Associação Comunitária de Pequenos Agricultores Rurais de Capivara e Cipó* – grifos da autora). A partir daí comecei a ir atrás de projetos nas secretarias, conseguimos máquinas de datilografia. Eu praticamente abandonei os estudos (*nesse período* – grifos da autora), já tinha começado o ensino médio, e fui morar de novo no Cipó. Nesse período eu me envolvi com a associação. Na época era o governador Ciro Gomes. A prefeitura na época não apoiava, quando eu conseguia os projetos, (“porque eu não fazia parte do grupo político do prefeito”. – *Ao apresentar essa análise, ele substituiu outra informação por esta* – grifos da autora) [...]. (ANDRADE, 2017b).

Percebe-se em Adriano, o desejo de trabalhar com o associativismo, com projetos sociais, se constituindo ainda jovem, um líder comunitário em Maranguape, em Maracanaú e em Cipó. Ele me faz perceber o seu desejo de melhorar o mundo em que vivia. É importante destacar que, melhorar o mundo em que ele vivia, significava melhorar não somente para ele, no plano individual, mas, com o olhar para os interesses coletivos.

Não quero aqui justificar as motivações de cada um para se doar e sofrer pela causa social, porque precisaria de um trabalho à parte, mas sei que, em muitos de nós, há essa obstinação pelo trabalho coletivo.

Voltando ao projeto da casa de farinha, segundo Adriano Andrade, na inauguração dessa casa pela primeira dama do estado, a mesma em seu discurso, falou que essa casa de farinha tinha sido a maior do estado do Ceará. Esse elogio atestou que houve honestidade na gestão dos recursos públicos destinados à construção. Na fala de Adriano, chamo a atenção de como a casa de farinha passou a casa de estudantes:

[...]. Pegamos o projeto da casa de farinha e construímos num terreno doado pelo papai. [...]. A casa de farinha era pública, mas a produção era individual, cada um ia lá e fazia sua farinhada e deixava uma quantidade para a associação. Tiveram algumas farinhadas, mas logo ocorreram mudanças. Quando iniciamos, a farinha era muito cara, depois o preço baixou e não compensava mais produzir mandioca e farinha, porque ia sair muito caro. O principal motivo que levou à paralização foi econômico, e não a estiagem. Com a globalização, as pessoas começam a ter acesso a produtos mais baratos e elas deixaram de plantar, e a casa de farinha ficou um pouco esquecida. Foi uma soma de fatores [...]. (ANDRADE, 2017b).

A casa de farinha foi um presente para o PRECE, presente que representa muita luta empreendida pelo líder comunitário Adriano Andrade e seus companheiros associados da época. Para conseguir ganhar a aprovação desse projeto, o então jovem estudante e agricultor sofreu muita espera nas secretarias do governo do estado. As várias reuniões realizadas com os associados, o sofrimento em ter que lidar com a escrita de projetos sem uma boa formação escolar na leitura e escrita, a falta de transporte próprio para o deslocamento de uma comunidade rural longe 17 quilômetros da cidade, sede de Pentecoste.

Sabemos que para conseguir apoios públicos sempre temos que realizar muitas viagens. Na análise, pude perceber que nada foi fácil para ele conseguir a casa de farinha, depois, considerada um espaço sagrado para os agentes fundadores do PRECE e para tantos estudantes que vieram depois dos pioneiros. Lugar para os estudos, o saber, a cooperação e a solidariedade.

A partir dos anos de 1990, Adriano Andrade recebe a ajuda de seu irmão Manoel Andrade, que une suas forças e acelera mais as ações comunitárias da Associação. Ações no futebol, nas creches e em novos projetos que seriam realizados na casa de farinha, dos quais falei um pouco, anteriormente.

O trabalho de Adriano Andrade e Manoel Andrade, nesse começo, foi importante para preparar as bases para o posterior sucesso do PRECE e foi no momento de baixa nas atividades de plantação da mandioca, que a casa de farinha precisaria de outra função:

[...]. Quando diminuiu o movimento na casa de farinha, teve um tempo que o local ficou abandonado, comecei a me envolver com o Andrade e a gente organizava campeonato de futebol na comunidade. Nesse período, o Andrade convidou alguns alunos para estudarem na casa de farinha. Antes disso teve o curso de datilografia, eu consegui o material de escritório, e a “uma amiga” deu o curso para algumas pessoas da comunidade, em parceria com uma entidade religiosa (*Patronato Nossa Senhora da Conceição* - grifos da autora) de Pentecoste para entregar os certificados [...]. (ANDRADE, 2017b).

A construção da casa de farinha foi o maior projeto realizado sob a liderança de Adriano Andrade na ACOMPARRCC; mas, além desses, outros projetos comunitários menores foram realizados nessas duas comunidades, por exemplo, segundo Adriano Andrade, ele

liderou um mutirão para construir a casa da professora da Capivara, um sonho da mestra Maria Lúcia Teixeira, realizado. Outra frente de trabalho assumida por Adriano Andrade era a coordenação de um curso de datilografia que, na época, ainda era valorizado.

Adriano, junto de Manoel, colaborava com os campeonatos de futebol que eram organizados com objetivos educacionais, com uma nova proposta de promoção da paz no campo, pois a realidade dos jogos nesses espaços rurais era muito difícil; usualmente, se transformavam em momentos violentos. Todos esses projetos encabeçados pelo agricultor e estudante Adriano Andrade respondiam a problemas crônicos dessas comunidades que ficavam a mercê dos políticos da região, descompromissados com as grandes causas sociais. Além de outros problemas que ainda se arrastam, esperando pela esfera governamental. Acerca desse contexto falei antes.

Infelizmente, Adriano Andrade teve que sair da Associação para poder trabalhar em Fortaleza, pois a sustentabilidade estava difícil em Cipó, levando em conta que todo o trabalho comunitário era voluntário e, nesse período, não teve outra pessoa para assumir seu trabalho à frente da mesma; sobre isso, ele comenta que ficou meio abandonado lá. Como Manoel Andrade continuou, mesmo sem o irmão, o trabalho comunitário em Cipó e adjacências, resolveu criar novos projetos para casa de farinha.

Mesmo sem o então líder comunitário Adriano Andrade, as coisas não pararam por muito tempo, surgiu, liderado por Manoel Andrade, um grupo que sonhava com vários projetos para a comunidade de Cipó. Os precisistas, incluindo eu e logo mais Adriano Andrade se somaria com um novo propósito de vida e juntos mais uma vez, ele, Manoel Andrade e eu, atuaríamos no PRECE, nos mobilizando com outro ideal, tão vital quanto o anterior para alimentar novos paradigmas na vida dessas mesmas famílias, antes beneficiadas pela extinta Associação. Agora não mais os agricultores seriam o público direto da casa de farinha, mas seus filhos e filhas que ocupariam aqueles espaços e cultivariam sonhos e trabalhariam nos estudos, se transformariam em professores e colheriam conhecimentos e uma vida mais digna.

Após alguns anos que os estudantes do PRECE moravam na casa de farinha, iniciou-se uma ação de captação de recursos para a reforma da casa com o intuito de deixá-la mais confortável para moradia. O processo de transformação da casa de farinha em casa de estudante teve uma história de fortalecimento da experiência precisista. A casa de farinha era uma construção pública, feita com recursos públicos para os agricultores e suas famílias das duas comunidades citadas, perdendo sua função primária de ser o espaço onde se produziria a farinha, mas agora ela ganhava nova feição, a de uma escola popular e nela, o professor Manoel Andrade realizou novos projetos movidos pelo PRECE que já cresciam.

[...] quando eu saí de lá o Andrade continuou e formou o grupo de estudo. Não participei no início porque tinha saído e estava trabalhando. Foi quando o Andrade convidou o Toinho (*como era chamado Francisco Antonio Alves Rodrigues* - grifos da autora) e ele passou a ensinar os outros. [...]. Depois, quando o Toinho veio estudar na casa de farinha, ele deu continuidade ao curso. Depois o Andrade convidou ele para ir morar na casa de farinha no Cipó, junto com alguns outros que jogavam futebol, para continuar os estudos [...]. (ANDRADE, 2017b).

Em 1997, Adriano Andrade resolveu voltar aos estudos, ao ser estimulado por seu irmão Manoel Andrade no PRECE junto com os 07 estudantes pioneiros e eu. Ele começou a estudar para fazer o vestibular e se preparou na casa de fazer farinha, a mesma que lutou para construí-la. Adriano fez o vestibular no mesmo ano para o curso de engenharia de pesca na UFC, sendo aprovado na primeira fase, mas não passou na segunda fase. Porém, com a força do grupo em sua vida, ele continuou estudando e foi aprovado para o curso de Geografia da UFC, em 1998, com 32 anos. Isso para ele foi um sonho realizado porque, mesmo gostando muito de trabalhar na agricultura, sempre desejou fazer um curso superior. Com isso passou a morar na residência universitária com os outros precistas conforme (figura 47). Para o estudante popular do espaço rural, a residência universitária é de fundamental importância e para os precistas, como mencionado antes, esse serviço público foi definidor do sucesso deles, sem isso, talvez não tivéssemos conseguido tantos êxitos.

Figura 47 – Adriano Andrade na residência universitária da UFC



Fonte: Memorial do PRECE.

Apesar dos estudos ocuparem seu maior tempo, Adriano sempre praticou o trabalho do campo, que considera muito importante na sua vida. Ele comenta a sua aprovação no vestibular, expressando um sentimento de realização pessoal e coletiva:

[...]. Eu já tinha começado o ensino médio, mas tinha parado e, quando começou o projeto do PRECE, eu fui motivado a continuar os estudos e concluí o ensino médio através do ensino de jovens e adultos. [...]. Agora como professor eu tento ajudar os meus estudantes, os meus alunos que sentem dificuldade em terminar o ensino médio. Eu abandonei os estudos e só voltei a estudar a partir dos 25 anos de idade, aproximadamente. Mesmo assim, me deu aquela vontade de continuar a estudar e ingressar em uma universidade, “o cavalo passou selado” e eu não perdi a oportunidade. Formei-me na Universidade e isso tem sido muito bom para mim, mudou completamente a minha vida. Pude contribuir para apoiar a minha família e muitas pessoas que passaram pelo PRECE. Foi muito bom poder contribuir de uma forma ou de outra para aquelas pessoas que precisavam da mesma oportunidade que eu tinha que era ter um apoio. Já que a universidade ainda hoje é um local para uma pequena quantidade de pessoas, uma minoria. Para nós filhos de agricultores, a oportunidade de chegar na universidade era mínima. Com o apoio do PRECE a gente acreditou que era capaz de chegar. E chegamos [...]. (ANDRADE, 2017).

Ele formou-se em Geografia em 2002, nas duas modalidades, licenciatura e bacharelado. Depois que entrou no PRECE, sempre contribuiu como monitor de geografia (figura 48), articulador, professor e coordenador. Além desses papéis, era motorista, conduzindo os estudantes e facilitadores para atuarem nas ações do Programa. Foi ainda coordenador do projeto de Educação de Jovens e Adultos, do Projeto Pré-Vestibular Cooperativo e da primeira multiplicação do PRECE em 2002 para a sede do município que resultou na Escola Popular Cooperativa Pentecoste (EPC Pentecoste).

Figura 48 – Adriano Andrade em células de estudo de Geografia no PRECE em Cipó



Fonte: Arquivo do Memorial do PRECE.

Quanto a escolha profissional de Adriano Andrade, ele se tornou professor de geografia do estado do Ceará e, atualmente, trabalha no CEJA Neudson Braga, em Fortaleza, lecionando na modalidade EJA, com um público de estudantes que estão fora da faixa etária escolar. Ele fala: “Eu dou todo esse apoio porque passei por todo esse processo e o apoio foi muito importante para mim. [...]. O PRECE foi muito importante na minha vida porque, sem ele, eu não teria chegado à universidade” (ANDRADE, 2017b).

Esses resultados contagiavam a todos no PRECE e esse estímulo impulsionava eles para o protagonismo próprio dos jovens e, com isso, se empenharam na criação das Escolas Populares Cooperativas nas suas comunidades e isso maximizava os resultados. Adriano Andrade participou ainda, em 2008 da coordenação do Projeto Memorial do PRECE, o qual, hoje, tem o principal objetivo de escrever e preservar histórias de protagonismo juvenil e estudantil dos professores e estudantes envolvidos na experiência. A principal ação tem sido a captação das narrativas de vida desses estudantes, hoje, profissionais em várias áreas.

Na visão de Adriano Andrade, o projeto Memorial do PRECE “vai ser de fundamental importância para manter viva a história de um projeto vencedor que nasceu com sete estudantes e que hoje já são milhares [...] que fazem parte dessa experiência inovadora que é a Aprendizagem em Células Cooperativas” (ANDRADE, 2017b).

Em 2009, Adriano Andrade concluiu o curso de especialização em Geografia do Brasil, na área do conhecimento de Educação, Política e Sociedade pelas Faculdades

Integradas de Jacarepaguá – Sede Rio de Janeiro. Adriano Andrade ainda deu passos na política partidária, que apesar de frustrante, a experiência de Adriano a qual podemos explorar mais em outro momento, trouxe a ele muitas lições como também a nós, que temos construído juntos todas essas histórias de lutas sociais na educação.

Esse trabalho mostrou um pouco da trajetória de resistência e superação que mesmo diante de obstáculos que a vida impôs, esse agente encontrou possibilidades para sair dos problemas surgidos no caminho e enxergar a vitória, apesar do contexto difícil da vida no campo, sob a agricultura de subsistência, em uma família grande. Vi que essas histórias enriqueceram ainda mais o registro da história pedagógica do PRECE que parte do individual, mas é social.

Por fim, o relato de vida de Adriano Andrade não se esgota aqui, pois é cheio de temas importantes para serem analisados. Podemos aprender muitas coisas dessa história de lutas, resistências, persistências e realizações de um personagem de ação e de senso prático que se doou, sem medida, ao trabalho na família, na comunidade como voluntário e no projeto social PRECE.

5.3 Francisco Antonio Alves Rodrigues: a motivação e a coragem para começar um novo projeto de vida

O PRECE nasceu de muitas caminhadas, de viagens, de idas e vindas, de movimentos, deslocamentos e trajetórias, e a primeira caminhada foi a de Francisco Antonio Alves Rodrigues, nascido em 1971, na pequena comunidade rural de Serrinha, Pentecoste, Ceará. Filho de João Alves Rodrigues e Maria Alves Rodrigues, conjuntamente de dois irmãos e três irmãs. Seus pais migraram do interior do estado para Fortaleza na década de 1950 para melhorar de vida, mas, devido à dificuldade em se adaptar a viver na cidade, voltaram para o interior, onde Antonio nasceu. Lá, viviam em uma propriedade simples, sem energia elétrica e a economia da família baseava-se da agricultura de subsistência.

Da Serrinha ao Cipó, esse foi um caminho percorrido pelo primeiro estudante dessa experiência que transformou as estruturas sociais do município e passou a ser conhecido a partir do início de sua consolidação e reconhecimento, sendo validado quantitativamente pelas várias aprovações de seus estudantes em vestibulares da UFC.

Essa história de vida, assim como a minha e a de outros que viveram no interior é repleta de desafios os quais requerem motivação e coragem, basta ver o memorial do estudante, fonte a qual me baseei para analisar um pouco da sua trajetória. Ele começou a

estudar aos seis anos, em uma escola distante de sua casa. Sua infância foi marcada por brincadeiras como esconde-esconde e bandeirante, além do futebol, coisas que ele lembra, com alegria. Logo, Antonio teve que conciliar estudos com um trabalho de meio período para ajudar o pai. Ao terminar a quarta série, e não sendo oferecidas pela rede de ensino municipal as séries seguintes, ele se sentia motivado a repetir a 4ª série e assim fez por três vezes. Aos 17 anos de idade, Antonio iniciou o curso supletivo do primeiro grau no centro da cidade, em Pentecoste. Para realizar as provas desse curso, percorria 17 km de pau de arara durante um ano, passando depois a ir de bicicleta. Apesar das dificuldades com a distância e com o estudo mais solitário e menos em grupo, Antonio conseguiu concluir o Ensino Fundamental em dois anos e meio.

Infelizmente, na década de 1970, quando Francisco Antonio estudava, a educação do campo ainda não era pensada como hoje, quando já contamos com as diretrizes curriculares por uma educação do campo que determine uma educação contextualizada com a cultura do povo. Não havia escolas regulares do 5º ao 9º ano, somente algumas através do sistema TV Educativa, sob a liderança de professores (as) não graduados (as). A educação é a chave para o desenvolvimento de uma cidade ou país, logo, sem o bom funcionamento do sistema educacional, as outras áreas como saúde e economia, conforme dados exibidos anteriormente, não iam bem, no contexto em que estávamos naquela década. Os estudantes, como Antonio, para continuar na escola, tinham que ficar repetindo a mesma série pelo fato de não haver as séries subsequentes. Destaco na fala de Rodrigues (2011), essa situação:

[...]. Eu entrei na escola aos seis anos. A escola era distante [...] em torno de quase dois quilômetros, e daí eu ia a pé com os demais, meus irmãos e outras pessoas da comunidade [...] sempre me interessei por aprender, [...]. Daí eu estudei 3 anos repetindo a quarta série, a cada ano era aprovado, “no ano que vem eu vou de novo”! e aí eu fiquei repetindo [...] somente para não abandonar a escola, eu gostava muito de estudar [...]. (RODRIGUES, 2011).

Como ele gostava de estudar e não queria deixar a escola, se agarrava à única oportunidade existente naquele momento, repetir a série que acabava de concluir. Esse fato ocorreu também na narrativa de vida de José Noberto e Adriano Andrade. Essa narrativa resultaria em um filme interessante sobre educação no interior, fatos semelhantes a esse, temos ouvido nas histórias de vida de estudantes precistas não estudadas aqui.

Na narrativa de vida de Francisco Antonio, surge uma dificuldade própria do espaço rural, as distâncias. Geralmente, as casas eram longe umas das outras e das escolas; isso, em muitos casos, era a causa de desistência escolar de estudantes e constituía um obstáculo a ser enfrentado pelos jovens. Esse problema foi recorrente em nossas experiências

de estudantes nessa década. Esses lugares longínquos e esquecidos pelos gestores, além das distâncias, não eram aparelhados por bens públicos básicos como iluminação, água e transporte, recursos essenciais para o desenvolvimento educacional e econômico. Essa soma era motivo para os jovens abandonarem os estudos cedo e se acomodarem com a agricultura de subsistência, conforme já tinham feito seus pais. Em relação ao problema das distâncias, Antonio tentava superar, enfrentando o carro de horário, a bicicleta, julgando assim, que desistir, jamais! Tal realidade é retratada no testemunho abaixo:

[...] (*ia*) de bicicleta até Pentecoste que era em torno de 17 quilômetros [...] era a distância entre a minha casa e Pentecoste. [...] eu ia sempre no [...] pau de arara [...] ou carro de horário que tem muito no interior, eu passei o ano inteiro fazendo isso [...] às vezes, a gente tinha que fazer duas ou três provas, mas tinha que fazer só uma porque o carro já ia voltar, [...]. Aí eu fui amadurecendo, fui aprendendo: [...] e passei a ir de bicicleta [...] nesse trajeto [...] entre minha casa e o local das avaliações [...]. (RODRIGUES, 2011).

Francisco Antonio buscava alternativas, não se acomodava diante das dificuldades, da ausência de um transporte público, um direito dos estudantes da escola pública que, por muito tempo, foi negado pelo sistema político vigente em nossa cidade. Há nele um espírito de resistência presente na pedagogia freireana. Paulo Freire diz que devemos resistir sempre a uma situação opressora e a resistência vem, inicialmente, através da persistência na busca pela aquisição dos conhecimentos, historicamente, organizados, sobre o qual fala Dermenval Saviani (2008). Entendo que a partir daí surge a libertação e a conscientização da realidade que nos conduz ao engajamento na luta por uma transformação social. Paulo Freire fala ainda que “a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mas que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento” (FREIRE, 2011, p.78).

Saviani (2008) preconiza um método de ensino em que a mediação está presente na relação entre educação e sociedade. Trata de se ter uma educação contextualizada, pensada de uma forma sistemática e descrita por ele em cinco passos que podem ser resumidos em: 1) o ponto de partida seria da prática social; 2) a identificação dos principais problemas postos pela prática social - uma problematização; 3) a instrumentalização – “Trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem” (ibidem, p. 57-58); 4) a *Catarse* – concebida na acepção gramsciana (“Pela catarse o processo educativo atinge seu ápice, propiciando aos educandos atingir uma concepção superior, liberta de toda magia e bruxaria.” (SAVIANI, 2013, p.74); por último, 5) o ponto de chegada que é a própria prática social. Nesse, os alunos expressam uma compreensão da prática tal qual o professor. Aqui se

dá o “momento catártico [...] considerado o ponto culminante do processo educativo”. (SAVIANI, 2008, p. 57-58).

A partir de várias ideias de pressupostos teóricos, como esses agora discutidos, é que reflito sobre a prática educativa do PRECE na perspectiva biográfica de Francisco Antonio Rodrigues. Nesse esforço, atenuado pela alta motivação presente em sua rotina, Antonio continua sua busca por alternativas para continuar os estudos do ensino médio. Novamente surge uma oportunidade para estudar pela modalidade EJA, só que agora, esse ensino constituía também uma formação profissional, pois ao concluí-lo, poderia lecionar as quatro primeiras séries do ensino fundamental, o mesmo direito dado pelo curso superior de pedagogia. Antonio seguiu em frente repetindo o mesmo trajeto na sua bicicleta.

Como também fiz meu ensino médio através desses cursos, conheci Antonio nesse período e sou testemunha próxima da sua luta nesses estudos. Para conclusão do mesmo, tínhamos que apresentar para nossos orientadores de aprendizagem, cinco aulas práticas de disciplinas básicas do conhecimento, com duração de quinze minutos cada. Na preparação dessas apresentações, nos unimos para treinar e avaliarmos a postura preletora um do outro nessas aulas. A experiência de treinos foi ímpar em nossa história de estudante, no ano de 1990. Para poder fazer esse curso (LOGOS II), o candidato deveria estar, oficialmente em regência de sala de aula, porém, essa não era a condição de Francisco Antonio, mas como sempre substituía sua irmã, professora, e tinha demonstrado ótimo desempenho no ensino fundamental/EJA, foi aceito para realizar o curso referido. Para ilustrar, apresento suas palavras acerca desse momento de sua vida:

[...] Eu já tinha até o ensino fundamental da sexta a oitava série, acabava que eu ajudava muito ela (*sua irmã-professora* – grifos da autora) em sala de aula, e como eu tive [...] meu esforço [...], os professores reconheciam, eles (*disseram*- grifos da autora): “Olha, você não é professor, de fato, mas você [...] tem esse trabalho na comunidade [...] ajuda sua irmã que é professora, então [...] você faz esse trabalho e nós vamos lhe aceitar, [...] você vai fazer a seleção para cursar o que se chama de Logos II”¹⁹[...]. Ai imagina, eu fiz essa prova e tirei 10[...]. (RODRIGUES, 2011).

Com autonomia, Francisco Antonio Rodrigues conseguiu traçar o seu plano de estudos de forma satisfatória, apesar da distância, do esforço em pedalar quilômetros e de ter que estudar a maior parte do tempo sozinho, pois conhecendo a modalidade EJA, os encontros formativos eram escassos, a periodicidade era muito irregular. Contudo, para quem estava motivado como ele, houve sempre uma maneira para driblar os problemas e uma dessas formas era aproveitar tudo o que estava ao seu alcance para melhorar seus conhecimentos na

¹⁹ Curso de Habilitação para Professores Leigos (CHPL)

busca de “ser mais”, na concepção freireana. Em sua história de vida e na de outros, aqui discutidas, percebo haver a existência de um capital social precista, como tenho me referido, e no caso de Francisco Antonio, esse capital social foi mobilizado em sua vida estudantil, inicialmente, pela força da sua irmã professora e de professores que já o conheciam como estudante de EJA; posteriormente, pela força desse capital, presente no que significava o Movimento PRECE. Na década de 1990, Francisco Antonio, com alta motivação, teve a oportunidade oferecida pelos professores de EJA que já o reconheciam como bom estudante do ensino fundamental. No texto ele afirma que demonstrou um ótimo desempenho, concluindo, satisfatoriamente, o ensino médio profissionalizante.

Após o término do seu curso, em 1992, Francisco Antonio encontrou o professor Manoel Andrade nos campos de futebol. Esse encontro foi um divisor de águas na vida do jovem. Eles se tornaram amigos e, em pouco tempo, foram visitar a comunidade de Coelho e viram as condições precárias que passavam os moradores do local, sendo muitos até analfabetos, pois não existia escola. A partir daquele momento, os dois desenvolveriam, conjuntamente a outros estudantes, práticas educacionais de transformação de uma realidade de exclusão social, de cerceamento de direitos, para outra, pautada pela conscientização e libertação da ignorância e suas consequências. A realidade posta naquela comunidade era a da negação, onde não se sabia o significado do que era ser escolarizado e muito menos do que era ser universitário.

Assim, na tentativa de melhorar a condição das famílias, Manoel Andrade convidou Francisco Antonio para ser professor dos estudantes de Coelho em um salão, cedido pela comunidade. Criaram então uma escola, no sentido de grupo de estudantes e um professor, em um espaço físico, distante 13 km da casa de Antonio. Os estudantes eram 20, que tinham entre 6 e 17 anos. O conteúdo compunha-se das matérias básicas da primeira escolarização. Um tempo depois, Francisco Antonio e o professor Andrade requereram que a escola, por eles criada, fosse regulamentada pela prefeitura, tornando-se escola municipal e Francisco, seu professor oficial. No tempo em que era professor dessa escola, ele continuou sua procura por mais formação, indo fazer o curso de datilografia (na época, coordenado por Adriano Andrade) na comunidade de Cipó à 39 km da sua casa e, apesar da distância, sua alta motivação o fazia percorrer esse trajeto de bicicleta. Sublinho as palavras de Francisco Antonio sobre esse encontro:

[...]. Eu conheci o professor Andrade através do futebol [...], o professor Andrade é o idealizador do PRECE [...] a gente ia [...] visitar algumas comunidades e dentre essas [...] a gente visitou uma que era de uma pobreza imensa [...] uma comunidade chamada Coelho, [...] a gente ficou [...] abismado::: como é que pode pessoas viver

assim no total abandono das condições do poder público. Então era uma comunidade que não tinha nenhuma estrutura, [...] de água, de alguma assistência, inclusive tinha nem escola, então as crianças eram analfabetas, pessoas com 14 anos sem saber ler e escrever porque não existia oferta de escola na comunidade. [...]. Então [...] Manoel Andrade ficou meio impressionado com aquilo e disse: “Rapaz que coisa? o que a gente pode fazer por essa comunidade? [...] surgiu a proposta da gente ir na comunidade dizer: “Olha nós vamos colocar uma escolinha aqui”, [...] tinha o salão comunitário, que a comunidade usava para celebrações e nós falamos com a liderança da comunidade e eles disseram: “Olha, a gente cede para vocês o espaço” e nós prometemos que íamos. E a gente encontrou essa comunidade em momento de campanha política e aí então [...] disseram: “Olha mais que promessa devagar essa, claro que ninguém vem para cá botar escola”, e eles não acreditavam nisso [...]. E daí a gente disse: “Olha vamos”, lembro que a gente comprou caderno, lápis, o professor Manoel Andrade [...] comprou, e daí disse: “Toni, tu vai, [...] e eu vou lhe dar [...] uma ajuda financeira e eu vou te dar por mês e você vai trabalhar. [...]. (RODRIGUES, 2011).

Ao ler o relato de Francisco Antonio, percebo uma inquietude que, comumente, é parte da constituição desses líderes. O professor Manoel Andrade sentia também essa inquietação para resolver problemas crônicos da educação de seu município e vê em Francisco Antonio motivação e coragem, duas coisas presentes em sua história educacional até aquele momento. Com isso, vejo uma congregação de sonhos e para tanto não faltaria energia em ambos para demandar em algo ligado à formação educacional deles e também de tantos jovens populares das comunidades de Pentecoste. Essa experiência também faz parte das movimentações que antecederam ao PRECE, semelhante às narradas no início desse trabalho. Desse modo, Antonio foi se construindo em uma perspectiva social. Assim, os dois congregaram objetivos comuns, Francisco Antonio, com experiência mais local em sua interação com as comunidades de Coelho e Serrinha, e Manoel Andrade com ação mais global, já professor universitário. Essa união começou a gerar mudanças educacionais como, por exemplo, o trabalho na comunidade de Coelho, do curso de datilografia e a do PRECE, o maior desdobramento da experiência dos dois.

Dessa experiência oriunda da parceria entre Manoel Andrade e Francisco Antonio, surgiu a ideia em Manoel Andrade convidá-lo para, juntos trabalharem pela juventude, inicialmente, de comunidades rurais, com educação precária, e, imbuídos desse sonho, iniciaram o PRECE, em 1994. Destaco uma fala de Rodrigues (2011) que exemplifica o momento em que ele foi convidado para ajudar a desenvolver o PRECE (depois nomeado de Projeto Educacional Coração de Estudante, se desdobrando em várias outras siglas), na comunidade de Cipó:

[...]. “Toinho, eu tinha um negócio para te falar aqui”, [...] lembro que era em dia de jogo [...], “[...], mas a gente tá [...] cansado, num outro dia você vem aqui para a gente conversar, um pouco” [...]. [...] eu fui lá [...] no outro dia e ele disse: “Olha

Toinho, eu tenho uma ideia de trabalhar com educação aqui [...] o futebol é uma estratégia boa, mas não é suficiente, [...] eu vejo que aqui os meninos saem todos muito cedo pra ir pra cidade grande”, [...] “olha são meus amigos de infância e eu vejo aqui que a situação é tão dura e tão difícil, e a ideia é que a gente faça alguma coisa que a juventude de hoje, [...] não tenha que seguir esses passos difíceis, duros [...] de quem foi da minha época não teve nada por aqui.” Aí eu *disse* (grifos da autora) [...] “Ah tá bom, então qual é a ideia?” “A ideia é que a gente trabalhe com educação aqui na comunidade” [...]. (RODRIGUES, 2011).

Percebi na narrativa de Francisco Rodrigues, que, quando se está envolvido com os grupos sociais, com a comunidade, as ideias vêm de maneira rápida, prática. Vi que o interesse tanto individual quanto coletivo de Manoel Andrade e Francisco Antonio em trabalharem com uma educação que impactasse a realidade rural daqueles jovens, era transformador, portanto, estaríamos agindo na mudança da realidade social.

O PRECE já havia sido pensado pelo professor Manoel Andrade, inspirado pela sua experiência de grupo de estudo, e depois essa ideia encontrou conexão com o estudante Francisco Rodrigues, que tinha gosto pelo estudo e trazia experiência de aprendizado autônomo pela sua formação leiga em pedagogia pela EJA profissional e um pouco de experiência em sala de aula das séries iniciais do ensino básico. Assim, essa parceria entre professor universitário e professor nível médio (pedagogia) foi o que compôs a primeira dupla de pioneiros da experiência do PRECE.

Nesse processo inicial, vemos que a lógica tradicional da educação bancária foi quebrada, pois ao iniciar o projeto, os dois, professor Manoel e Francisco Antonio que embora professor do município, chegava em Cipó, na condição de estudante para estudar mais e entrar no ensino superior. Com isso, vê-se uma relação horizontal que nortearia todas as relações entre pares (estudantes e os que estavam na condição de professores) no PRECE, cheia de novas possibilidades. Já de início, a hierarquia escolar tradicional é mudada pelos ideais e princípios desse movimento popular em educação cooperativa e solidária. Aqui, eles e os outros que vieram e se somaram ao PRECE, aprenderam a resolver suas dificuldades sem a usual dependência de uma figura hierárquica, e o movimento foi o lugar de congregar os esforços de cada um. Os pais de Francisco Antonio, ao saberem da proposta de Manoel Andrade, o apoiaram em sua decisão de morar e estudar na casa de farinha, em Cipó. Apresento mais um trecho de seu relato de vida sobre a decisão de iniciar uma jornada de trabalho educativo-social onde os objetivos individuais e os coletivos seriam uma coisa só:

[...] Andrade, [...], “[...] vou conversar com os meus pais”, [...] falei: “Olha o Andrade me convidou [...] pra gente fazer esse trabalho, e ele...”, [...] “Olha, você que sabe”, eu acho que eles viam nisso também uma oportunidade [...] pelo fato de conhecerem o professor Manoel Andrade, de saber o comprometimento dele com a educação [...]. Resolvi ir, [...]. “Andrade, vou, [...]”, beleza, isso era por volta de maio de 1994

[...], mas em agosto, beleza! Mudei para Cipó [...]. E o Andrade: “Você vai morar aqui com os meus pais, é..., por enquanto tá só você, e a sua tarefa é visitar as comunidades e nós vamos oferecer para essa juventude um curso de datilografia [...], aquele curso que você fez, agora vamos repassar para os demais [...]”. (RODRIGUES, 2011).

Francisco Antonio estava consciente de sua decisão de estudar em Cipó para entrar na universidade e compartilhou com as pessoas mais importantes da sua vida. Vejo ainda que ele, sem formação universitária, foi convidado para um grande desafio. Daqui para frente, projetos menores aconteceriam e foram resolvendo as dificuldades da vida estudantil nos espaços rurais e urbanos. Mesmo realizando várias ações, Francisco Antonio, orientado pelo professor Manoel Andrade, que gozava da confiança dos pais de Francisco Antonio, conseguiu ampliar sua ação no campo, dando conta dos projetos iniciais do PRECE e também, estudar em células com os amigos, na casa de farinha. Vejamos o relato da dinâmica de estudos desse grupo pioneiro na visão de Antonio:

[...] antes de um mês de trabalho o grupo percebeu que era muito pouco [...] “olha, nós precisamos de mais tempo para estudar”, aí veio a ideia de fazer o grupo durante o dia e a ideia de morar na casa de farinha. Eu penso que essa conversa foi feita muito mais com o Andrade [...] alguém lançou a ideia e as pessoas disseram “tá bom”, então as pessoas foram concordando com essa ideia, então nós vamos estudar em tempo integral na casa de farinha. Isso aconteceu [...]. As pessoas passaram a estudar o dia todo, [...]. No grupo de estudo, a gente estudava de manhã, estudava à tarde, eram de fato momentos de estudos intensivos. [...]. E aí a gente foi criando aquela [...] fama entre aspas[...] “Olha, o pessoal ali né? sabe, tão sabidinhos [...] na casa de farinha”, a gente começou a ser convidado para ministrar aulas de conteúdos específicos, “o assunto tal você sabe? Sabe”, “Quem é que sabe aqui? Olha, Chicão sabe, Noberto sabe, Toinho sabe, enfim, o Beto, o Du”, a gente começou a desenvolver essa relação com a comunidade [...] que de certo modo era um retorno daquele grupo, para dizer: “Nós estamos aqui, nós estamos crescendo e podemos contribuir também”. Então isso gerou um respeito enorme da comunidade [...] um efeito muito grande[...] em termos de comentário [...] em termos de organização, e isso ajudava o grupo a ter essa credibilidade [...] essa aceitação. Nós tínhamos o trabalho do Andrade que era um trabalho consistente [...] que vinha há tempos, e [...] o trabalho do próprio grupo, que agora tomava uma identidade e passava a ter uma relação com a comunidade, na forma de auxiliar [...] os professores em algumas questões que eles, é... nos demandavam, pediam para que a gente pudesse contribuir [...]. (RODRIGUES, 2011).

Depois de sistematizarem seus estudos, o grupo foi crescendo no conhecimento, na organização e no reconhecimento da comunidade. Esse momento foi de relevante motivação em todos os estudantes pioneiros, por isso, o professor Manoel, com o intuito de avançar a aprendizagem e os resultados, discutia estratégias para apoiar mais Francisco Antonio em uma jornada intensiva de preparação para a seleção importante que decidiria a sua vida profissional, o vestibular da UFC. Nesse início, Manoel Andrade era muito presente na orientação dos estudos dos primeiros estudantes. Chegando próximo ao vestibular da UFC, o líder orientou o jovem a passar dois meses intensivos em Fortaleza para focar nos estudos,

ampliando mais os conhecimentos acadêmicos necessários àquele exame. O resultado foi a formação de um potencial para que o PRECE crescesse em competência acadêmica, organização social e em maior número de seu público impactado pelo primeiro resultado da experiência. No resultado final da seleção, Francisco Antonio foi aprovado em 14º lugar na primeira fase do vestibular da UFC e em 1º lugar na segunda fase para o curso de Pedagogia. Vejamos mais uma fala sobre esse evento:

[...] aproximadamente teve aí um pouco mais de um ano e meio de começo do trabalho, [...]. Aí o Andrade disse: “Toinho, você aqui tem muitas atividades, eu acho que você tem que se afastar disso, se afastar, você precisa [...] ir lá para casa em Fortaleza”. Daí eu disse: “Sério?” “Vamos para lá dois meses antes [...] para você... Aí vai deixar a escolinha [...] porque a escolinha lhe toma um tempo, tem a creche que lhe toma um tempo e tem outras atividades aqui na comunidade e você vai lá, nesses dois meses, se dedicar exclusivamente a estudos. Tudo bem [...] concordamos, fomos, então isso é de uma generosidade muito grande [...] porque você levar alguém para a sua própria casa, [...] era um apartamento pequeno, [...], com a minha aprovação, a gente teve um momento de afirmação, “olha, o estudo aqui, é um estudo que tem resultado, ele dá certo, é possível conquistar o sonho de entrar na universidade [...]”. Então [...] a gente fez uma festa pra comunidade: “Olha, tá aqui o nosso primeiro aluno, em primeiro lugar”, então a comunidade foi e participou [...]. Enfim, foi um momento para dizer para comunidade que aquele trabalho [...] era um trabalho sério, de busca da realização dos sonhos, da perspectiva melhor de vida para cada pessoa que tava ali, naquele esforço de estudar e alcançar seus sonhos [...]. (RODRIGUES, 2011).

A partir desse resultado, os outros estudantes pioneiros foram se estimulando e vendo que era possível realizar o sonho de entrar em uma universidade pública e que esta não é apenas para a classe abastada, mas também para aqueles deserdados da pátria, oriundos de famílias de baixa renda. Com a sua aprovação no vestibular em 1996 e sua festa de formatura em 2000 (Figura 49), toda a comunidade ficou alegre; era um resultado individual e coletivo, por isso a alegria e a festa foram de todos. Desse modo, os resultados do PRECE foram transformando a comunidade estudantil fazendo com que os jovens fossem criando o seu próprio jeito de aprender a partir de várias outras ações sociais demandadas pelo próprio campo de atuação. Esse movimento vindo do povo, e não das instâncias oficiais da escola formal do governo municipal e estadual, abriu caminhos para estudantes populares galgarem trajetórias de sucesso. Esse foi uma experiência viva, embora no âmbito popular e não formal, que conseguiu dar conta dessa demanda ávida por transformação de suas vidas e pelo rompimento das estruturas opressoras de atraso. Na pedagogia do PRECE, o processo criado na mediação do saber era algo traçado pela horizontalidade e foi fundamental para o sucesso dos estudantes.

Figura 49 – Francisco Antonio na Formatura em Pedagogia com Inácio Arruda



Fonte: Memorial do PRECE.

Sobre a mediação no ato pedagógico, Lígia Márcia Martins fala “que o pensamento se desenvolve a partir da atividade prática” e que esse “nunca deixará de ser a mediação central da prática social”. (MARTINS, 2011, p. 49-50). Posteriormente, a autora falará sobre o valor da afetividade na aquisição de conhecimentos e essa questão está, de modo exponencial, na mediação junto com a racionalização, compondo assim o psiquismo humano. Em outro estudo de Onilza Borges e Alvin Moser destaca-se uma fala de Vygotsky:

[...] a mediação era vista [...] sob os aspectos: **signo**, **palavra** e **símbolo**. As contribuições dos autores M. Cole, J. Wertsch e Bruner conferem uma determinação mais ampla ou restrita, conforme o ponto de vista. Nas Perspectivas de Vygotsky e Lantieri, os conceitos de ‘meios mediacionais’ e de ‘ação mediada’ são essenciais para compreender o verdadeiro significado ou processo da aprendizagem. [...]. (MARTINS; MOSER, 2017, p. 11).

Vemos que a mediação é uma maneira mais humana de educar e que talvez contribua para promoção de relações mais pacíficas no ambiente de aprendizagem entre os atores do processo, porque a educação é uma via de mão dupla, a mão que dá é também a que recebe. Trata-se, portanto, de uma dialogia do conhecimento, de uma troca saudável por meio da superação da contradição do ensino tradicional e reprodutor. Com isso, talvez o que não tem dado certo tenha a chance de conserto. De acordo com esse conceito, seria inconcebível haver aprendizagem sem “meios mediacionais”, sem ações mediadas.

Francisco Antonio constrói uma trajetória de sucesso profissional, pois cedo, passa em concurso público para professor do município e começa a exercer a profissão logo que conclui a graduação. No início dos anos 2000, dentro da UFC, Francisco Antonio participou de um grupo com professores e técnicos da Universidade, o qual recebeu de movimentos e outros órgãos de representação social, a solicitação para escrever, propor e executar projetos de cursos em educação básica na modalidade EJA e no nível superior, em pedagogia, denominados de Alfabetização e Escolarização de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Ceará; e outro de graduação em regime especial de alternância – Pedagogia da Terra, (Figura 50), dentre outros posteriores e todos os projetos foram aprovados. Esses projetos foram idealizados em função de uma parceria entre a UFC, o Ministério da Educação/Programa de Educação na Reforma Agrária, para um público beneficiário oriundo de Movimentos Sociais, Sindicatos, Organizações não Governamentais, Movimento sem Terra, Federação dos Trabalhadores (as) e Agricultores (as) do Estado do Ceará e o Programa de Educação em Células Cooperativas. Francisco Antonio, o Tony, como passou a ser chamado a partir da sua entrada na Universidade, me convidou para trabalhar na coordenação desses projetos em 2004 e foi um período de aprendizado em nossa história de formação.

Figura 50 – Sala de trabalho na gestão dos Projetos coordenados por Francisco Rodrigues na UFC



Fonte: Memorial do PRECE.

Dentre as realizações acadêmicas importantes de Francisco Antonio, levando em consideração as dificuldades inerentes a realidade do PRECE, foi a conclusão do mestrado em Educação Brasileira no ano de 2007, com tema voltado para a sua experiência em EJA no PRECE. Citei esse trabalho antes, ao falar da história da experiência. Além disso, ele coordenou o departamento de EJA no município de Fortaleza, a partir de 2009, no segundo mandato da prefeita Luizianne Lins.

A análise da história de vida de Francisco Antonio me fez refletir sobre o valor de realizarmos uma ação social que vá além de capacitar jovens para vestibulares. Apesar de ainda não termos percebido mudanças significativas na escola pública de Pentecoste, víamos a importância da história de formação de Francisco Antonio que mostrou sua luta pessoal e social numa prática docente revolucionária, e mesmo que, aparentemente simples, trouxe transformação social e redução de desigualdades. Trabalhar na análise da narrativa de vida dele, de como enfrentou as dificuldades, as distâncias para poder estudar e repetir a 4ª série três vezes por falta da série seguinte, inspira-me, e quando pensei em realizar esta pesquisa, foi acreditando que nossas histórias poderiam impactar outros agentes da educação que convergem no mesmo sonho.

Nessa experiência, houve espaço para a conscientização e autonomia no aprender a aprender e no aprender a ensinar, dentre outros conceitos trabalhados na esfera do individual e coletivo. Vi que os projetos realizados por Francisco Antonio e Manoel Andrade trouxeram esperança de que a mudança seria possível aos que resistissem à mera reprodução alienante que gera o conformismo e a ignorância. Por fim, descobri que para se chegar na ideia mais

arrojada - o PRECE, tivemos que fazer pequenos projetos com vistas a esse objetivo maior. Hoje vejo que o projeto é uma iniciativa social com forte impacto e popularidade do público local, nacional e inclusive internacional. Vislumbro agora ampliar cada vez mais a sua legitimação e o respeito acadêmico das universidades, dentre outras formas de reconhecimento.

5.4 Antonio Eudimar Barbosa: caminhos e descaminhos, outros percursos

Da narrativa de vida de Antonio Eudimar Barbosa, destaco elementos importantes de sua vida estudantil, pessoal e profissional que nos fazem ver formas, gestos, intenções e decisões de um jovem que buscou o que estava ao seu redor para melhorar a sua vida em comunidade, embora, posteriormente, tenha seguido outros percursos que não os mesmos de seus amigos do grupo de estudo do PRECE.

Antonio Eudimar Venâncio Barbosa é filho de Luis Paulo Barbosa e Maria Venâncio Barbosa. Seus pais são pessoas simples do interior, da roça. Ele nasceu na comunidade de Capivara, em Pentecoste. O estudante teve uma história de engajamento com sua comunidade que lhe trouxe diversos saberes para sua vida, porém, antes do PRECE, não via alternativas para se escolarizar e entrar na universidade. Foi o único na família que teve a oportunidade de estudar e ir em frente, mas não conseguiu permanecer. Segundo ele, começou a estudar tabuada com três anos de idade em sua casa, posteriormente, aos cinco anos passou a estudar na casa da professora particular. Apresento o relato desse momento na vida estudantil Eudimar Barbosa:

[...]. Era uma casa normal onde se juntava um grupo de pessoas para ela ensinar português, ciências, matemática, geografia, e a gente foi aprendendo a ler e a escrever. Depois a prefeitura montou um colégio e ela foi dar aula nesse colégio e levou todos os alunos para quem ela dava aula na casa dela. Isso foi muito bom porque a gente se sentiu útil de estar numa escola de verdade. [...]. Uma das coisas boas que eu lembro da infância é o colégio. Na época, tudo era difícil, mas a gente tinha [...] a convivência com os colegas de aula, com os primos que a gente brincava brincadeiras de infância. Fui crescendo e, depois da adolescência, comecei a trabalhar. Saí de casa e fui para as comunidades vizinhas. [...]. (BARBOSA, 2011).

Da mesma forma que os outros estudantes pioneiros do PRECE, Eudimar passou pela experiência de estudar as primeiras letras na casa da professora e quando era construída a escola nas comunidades dessas professoras, isso era uma novidade porque todos e todas sentiam falta da escola formal, do espaço físico de uma escola, onde havia amplitude no espaço e nas amizades. Da mesma forma demonstrada nas demais narrativas, Eudimar, em sua infância e adolescência, precisava ajudar ao seu pai na agricultura e na pescaria, atividades

econômicas de sustentação da família. Em seu relato, Eudimar comenta sobre esses momentos de pescaria com seu pai para ajudá-lo e com outros amigos para comprar as suas próprias coisas.

Ao concluir as séries iniciais, precisou continuar os estudos após a quarta série em uma comunidade vizinha, indo, diariamente, em carro pau de arara. Ele relata que “todo dia, às cinco da tarde, o carro pegava os alunos e deixava na nossa comunidade. A convivência de ida e vinda no transporte foi muito bom, porque conhecemos pessoas, vimos a capacidade de cada um, debatíamos muita coisa juntos”. (BARBOSA, 2011). Lá ele fez até o oitavo ano. Para ele era uma novidade, bastava uma pequena mudança, e tudo para o estudante era euforia. Na narrativa, percebe-se que Antonio Eudimar era um jovem animado para vida, sempre com um olhar de positividade, até mesmo o ensino pelo sistema TV Educativa²⁰ ele elogia e demonstra ter ficado satisfeito, contrariando todos os relatos dos outros estudantes pioneiros e o meu que apontam mais elementos desagradáveis nesse método de ensino do que êxitos. Leiamos uma fala sua a respeito desse momento em sua trajetória:

[...]. Na escola de Cacimbas, a professora estava com o sistema TVE, que depois passou a ser TVC²¹, e os alunos que terminavam a quarta série na Capivara passavam a estudar em Cacimbas. Foi aí que fui transferido para lá e comecei a fazer a quinta série com o sistema TVE, [...]. Era um sistema de televisão, com uma aula apresentada pela TV e depois a gente debatia os tópicos que estudávamos. Era muito bom porque a gente aprendeu a ver coisas diferentes do outro sistema convencional. Foi aí que me entrosei com a turma de Cacimbas. Lá, eu [...] terminei o ensino fundamental. Foi um momento bom porque teve festa de formatura. Naquela época que eu estudava em Cacimbas, eu era envolvido com algumas coisas da comunidade. Eu dava aula de educação física para o time de Canafistula, uma comunidade de Apuiarés, que fica próximo a Capivara, município de Pentecoste. Eu gostava de fazer isso, me deslocava aproximadamente uns 8km de Cacimbas até Canafistula a pé. E também dava aula de educação física para o time de futebol da Capivara. Terminei o primeiro grau e surgiu a oportunidade de eu ir para o PRECE [...]. (BARBOSA, 2011).

Eudimar Barbosa se apresenta como um jovem de ação, de realização. Acima, percebemos todo o seu esforço para dar aulas de educação física em dois lugares distante de sua casa. Vale ressaltar que na década de 1990, havia ausência de professores formados nas áreas específicas do ensino fundamental e médio, sendo assim, quase todos os sete estudantes pioneiros foram convidados pelos professores das comunidades adjacentes a Cipó, sede do projeto, para darem aulas em lugar deles, em suas eventuais ausências e, às vezes, para tirarem dúvidas de conteúdo na hora de planejar as aulas.

²⁰ Nas comunidades rurais da década de 1990, não havia professores habilitados por área. Havia um professor polivalente que fazia uma discussão básica e insegura após as aulas pela TV, assim, nem estudante, nem professor aprendiam, gerando assim, um déficit de aprendizado.

²¹ TV Cultura

Além deles estudarem mais do que outros estudantes da sua época, traziam experiências de envolvimento comunitário, com os grupos do futebol, as festas de Santos padroeiros de igrejas dessas comunidades e festas juninas, que têm como centralidade, a alimentação oriunda do milho e a dança típica denominada Quadrilha. Sublinho mais um trecho da narrativa do estudante, relatando o seu envolvimento com trabalhos comunitários e suas idas e vindas em busca de sustentabilidade:

[...]. Com o passar do tempo, eu passei a morar na comunidade de Cacimbas, que era onde eu estudava. Eu morava com uma tia [...] me sentia em casa morando naquela comunidade, e me sentia útil também. Comecei a me envolver com aquela comunidade e tive muitas oportunidades. Eu era marcador de quadrilha, porque eu me destaquei e fui convidado [...] passei a conviver naquela comunidade, grande parte do meu tempo foi lá. Até que terminou o primeiro grau e eu fiquei sem perspectiva de vida, foi aí que [...] fui morar em Canafístula com um tio meu chamado Zé Canute, [...]. Ali eu passei uma boa parte do meu tempo trabalhando cuidando de gado, [...]. Naquela época era muito difícil, não tinha capim para o gado e a gente tinha que cortar bananeira, e eu me submetia a fazer esse tipo de trabalho porque não tinha outra perspectiva de vida. Estudar em Pentecoste ficava difícil porque eu não sabia como ir, [...] e eu fiquei trabalhando como agricultor, não era muito o meu forte, mas tinha que fazer isso [...]. (BARBOSA, 2011).

Eudimar relata a dificuldade que encontrava para sua sustentabilidade, mesmo de coisas básicas para a segurança alimentar, vestimenta e higiene corporal, imaginemos no que tange a questão educacional. O jeito mesmo era trabalhar na agricultura, pescaria e criação de gado porque não havia condições para ele continuar os seus estudos do Ensino Médio no espaço rural, seu lugar de nascimento. Percebemos suas buscas frenéticas por melhoria de vida no seu próprio espaço a partir dos deslocamentos para a casa de parentes em comunidades vizinhas a de sua família.

A história de vida de Eudimar Venâncio me fez perceber uma inquietação própria da juventude que busca sempre uma saída para as situações desestabilizadoras, próprias do seu contexto de vida nos anos de 1990. Sua realidade era a mesma dos outros seis estudantes pioneiros e dos que chegariam depois. Ao entrar no PRECE, os objetivos de Eudimar eram os mesmos dos outros jovens, mudar a sua vida a partir da escolarização e da formação superior. Nessa década, Eudimar no momento em que soube da existência do PRECE se inscreveu no primeiro projeto que foi o Curso de datilografia, criado, principalmente, para atrair os jovens para estudarem; e dessa maneira, cedo demonstrou seu espírito proativo, sendo monitor e esse curso foi uma grande novidade para a juventude de então, pelo fato de sempre terem existido no centro da cidade, então agora tudo estava ali, na comunidade, próximo dos estudantes. Francisco Antonio contou com a ajuda do cursista Antonio Eudimar, que conforme vimos em

seu depoimento, logo se destacou no curso e por isso já foi convidado a ajudar os outros cursistas. Observo mais um excerto sobre esse começo no PRECE:

[...]. Depois retornei para Capivara, [...] foi aí que surgiu a oportunidade de ir para o PRECE, o Andrade nos convidou. Na época tinha um curso de datilografia e, os alunos que se destacavam, ajudavam os outros, e eu era um dos orientadores de uma turma. Quando surgiu o curso de datilografia [...] na casa de farinha, que tinha desativado por motivo de escassez na época de farinhada. O Adriano apoiou esse curso de datilografia na casa de farinha. O Toinho do PRECE já fazia o curso, tinha terminado, a Silvia Helena, colega de infância, tinha terminado, eles convidaram e incentivaram pra fazer, e eu fui lá, fiz, me destaquei. Era a febre do momento, todo mundo achava bom o curso de datilografia [...]. (BARBOSA, 2011).

Inicialmente, segundo sua narrativa, Eudimar Barbosa se empolgou com a ideia de estudar na casa de farinha com os amigos e, além de participar, convidava outros jovens para aderirem ao estudo, oito horas por dia. Eudimar aceitou o convite do professor Andrade, e se mostrou proativo para colaborar com o que o grupo precisava. Apresento um trecho de seu memorial sobre o convite do professor:

[...]. Foi aí que o Andrade chegou, [...] com um sonho de montar um sistema de grupo de estudante para estudar e fazer universidade. Esse sonho dele tocou nossos corações. Naquele momento estávamos eu, o Beto e o Toinho, os primeiros precisas, e ele chegou e lançou a proposta de o que a gente achava de estudar junto, morar junto ali e fazer um esquema pra que montasse uma escola, onde a gente pudesse estudar o dia todo, debater o que aprendeu. Era um sonho dele montar essa escola, porque na época ele se sentiu incomodado com o sistema que não tinha perspectiva de vida, e ele pensou muito no futuro dos jovens daquela época. De início a gente ficou meio temeroso, mas como a empolgação dele foi tão forte que moveu nossos corações e nós fomos morar lá. Eu me empolguei logo e arranjei um fogão e um botijão da minha tia e cozinhou para a turma. Foi aí que passei a morar na casa de farinha, trouxe minha rede, juntamente com o Toinho, [...]. A gente não tinha como vir pra Fortaleza porque não conhecia nada. Aí teve o sonho de estudar no PRECE, que seria uma preparação para o futuro, o Andrade mostrou que o ser humano, o jovem, tinha que ter uma faculdade, um conhecimento, uma formação, pra poder ter um bom emprego. Como muitos jovens no interior, eu achava que terminar o primeiro era tudo, já podia arrumar um bom emprego [...]. (BARBOSA, 2011).

A frase mais bonita dita por Antonio Eudimar foi “esse sonho dele tocou os nossos corações” (ibidem). Um sonho individual e coletivo foi o início do PRECE, que brotou da experiência de estudo em grupo sugerido pelo professor Andrade e nasceu no coração dos sete primeiros estudantes do interior de Pentecoste. O PRECE se personifica através de vários agentes estudantis nos projetos desenvolvidos por gestores e professores que hoje entenderam o propósito de uma educação cooperativa e solidária. Esses valores advindos do PRECE em suas origens são pilares e sustentáculos dos projetos atuais, integrantes de uma jornada dentro da esfera do institucional.

Vemos no relato o dinamismo de alguém que é mais de ação do que de reflexão e assim, talvez esse ativismo tenha contribuído com seu desestímulo para a concentração do estudo. Existem várias maneiras de ser solidário, e a característica do Eudimar era em ser diligente para resolver problemas bem práticos, objetivos e pontuais. Percebemos isso em vários momentos da narrativa, onde vimos que ele, rapidamente, conseguiu um fogão e um botijão para garantir a alimentação dos que aderiam a proposta de morar na casa de farinha para estudar. A maneira de estudo foi descrita por cada um, em sua visão a respeito de como se deu o início do projeto. Aqui veremos a percepção de Antonio Eudimar sobre a maneira de estudarem juntos:

[...]. O sistema de estudo era uma lâmpada fluorescente ligada na bateria e o grupo na mesa e pegava um livro de história, lia os tópicos e depois debatia os tópicos. Daí formou-se um grupo de estudantes. A gente estudava de dia, um pouquinho de noite. Na época éramos eu, Toinho e Beto, depois a Raquel [...] depois convidamos outros colegas, o Orismar, Francisco e Norberto. A gente montou esse grupo de estudantes e tornou-se uma família, agradável. Passamos por momentos muito difíceis na época, em relação a alimentação. Foi aí que a dona Fransquinha e o senhor Arão que nos abraçaram e nos davam leite e cusuz de manhã. [...]. Seria o sistema do PRECE, de estudar, se capacitar, passar no vestibular e entrar na faculdade. E foi isso que aconteceu, ele (*professor Manoel Andrade* – grifos da autora) montou o sistema e ensinou como tinha que estudar e os alunos vinham com o sonho de estudar para passar na universidade e voltar pra ajudar a turma. E é isso que está acontecendo hoje, os alunos passam e voltam pra ajudar os outros, que estão engatinhando, a se levantar e passar no vestibular para entrar na universidade [...]. (BARBOSA, 2011).

Eudimar relata o que viveu nos primeiros momentos do PRECE; a metodologia de estudo do grupo, os problemas e sofrimentos para conseguirem viver na casa de farinha, a acomodação, a alimentação e a convivência em grupo, com suas diferenças, conflitos, mas também a diversão e a conversa amiga. Diz também sobre a falta de energia elétrica, por isso tinham que usar uma só lâmpada ligada à bateria, que, com certeza, não devia iluminar satisfatoriamente. Além disso, destaca haver uma boa relação com o grupo, comparando o mesmo à uma família, o que indica haver um clima emocional e afetivo bom para se viver. Não esquece a ajuda recebida das famílias da comunidade de Cipó. Descreve como estudavam juntos, lembra os objetivos de concluir os estudos básicos e entrar na universidade. Destaca o valor de retornar como um dos valores precisas, ou seja, o compromisso de garantir a continuidade da ação com os estudantes que chegavam a cada período.

Destaco mais uma vez um relato do estudante sobre a convivência desse primeiro grupo precisa na casa de farinha e na comunidade:

[...]. A gente mesmo [...] fazia o esquema de fazer o próprio almoço. E assim a gente conviveu muito tempo, jogava bola junto, discutia sobre futebol. A gente achava que

o negócio não ia ter como andar, aí o Andrade chegou um dia 9 horas da noite, com o carro carregado de livros doados por uma instituição e a gente montou a nossa estante. Foi aí que começaram os sonhos de vida dos precistas, surgiram os provões em Fortaleza, que fomos fazer no Liceu do Ceará. Inclusive eu fui um dos que não passei, mas isso não me frustrou nem nada. [...]. Eu não era precista só de estudar, eu também monitorava uma creche no período da tarde e de manhã eu dava aulas para as crianças da comunidade do Cipó, também dava aulas pra escola de futebol em Capivara, onde eu nasci e cresci. Juntamente com o Toinho montamos um grupo de escolinha, naquela época nos envolvemos com muita coisa, fizemos campeonato no dia das crianças. Me envolvi também com o time de futebol, fizemos torneios, campeonatos e a gente mesmo quem organizava. O Orismar era o locutor. Uma coisa que marcou foi que na época fizemos uma campanha de desarmamento, porque existia muita violência no futebol e o PRECE abraçou essa causa e fizemos a campanha de desarmamento. [...]. (BARBOSA, 2011).

A partir do trecho destacado, vejo que Eudimar teve um notório engajamento comunitário na realização de projetos importantes para juventude das comunidades rurais vizinhas a Cipó, na década de 1990. Eles fazem parte dos movimentos antecedentes à ação dos precistas pioneiros que iniciaram o PRECE

Nesse trecho, Eudimar rememora pontos importantes para montar a trajetória do PRECE, quando cita por exemplo, as doações de livros, algo recorrente, e todo o esforço empreendido pela liderança para fazer com que esses materiais chegassem ao Cipó. Ao longo da existência dos estudos em célula do grupo pioneiro e depois nas EPC, as doações e entrega desses livros aos estudantes do PRECE foram muito importantes.

Dentre isso, ainda destacou o projeto do futebol, realizado com adolescentes e adultos, com objetivos lúdico e educacional, pontuando também a campanha contra o armamento, algo importante para diminuir a cultura de violência nos momentos de lazer que até hoje ainda domina inclusive em Fortaleza nos estádios de grandes times.

Quanto mais conhecemos a narrativa de vida de Eudimar, mais ficamos intrigados em saber do seu envolvimento e desprendimento pelas causas sociais que o PRECE abraçava, porém, por outro lado, nos surpreende a sua desistência repentina, portanto, tendo tido uma passagem meteora no projeto que ajudou a criar. Ao sugerirmos um comentário sobre os reais motivos de sua desistência de continuar atuando no projeto, ele responde de uma forma simples e natural:

[...]. Eu saí do PRECE porque eu precisava trabalhar pra sustentar minha família, porque eu estava sem perspectiva e minha mãe não ia me sustentar. Eu estava **desestimulado** e juntou com um motivo de força maior, [...]. Na época que eu fiz parte do PRECE, em 94, eu tinha 22 anos e eu passei 3 anos no PRECE. [...] além da **falta de estímulo** próprio, eu [...] tive que sair para me sustentar e sustentar a família, [...] comecei a ficar meio **desestimulado**, uma coisa minha, mesmo. Não descreditei do PRECE, fiquei **desestimulado** comigo mesmo e parei de estudar. [...] Eu [...] tive que vir pra Fortaleza ter minha sustentação própria. [...]. Na época que eu ia sair do PRECE, ele (*o professor Manoel Andrade – grifos da autora*) conversou muito comigo, fizemos uma caminhada do senhor Arão até o açude, de 4

horas da tarde até 6 horas da noite. Ele não queria que eu sáísse, perguntou várias vezes o porquê, disse que me ajudava no que eu precisasse. Eu tinha dificuldade de leitura por causa da minha vista, ele me trouxe para fazer exame de vista em Fortaleza, mas mesmo assim não mudou muita coisa porque já estava com vontade de sair. Ele fez tudo para que eu ficasse no PRECE, mas eu saí. Tive apoio de todos os colegas para não sair, mas acabei saindo, não teve jeito. Me arrependo de ter saído, perdi muito tempo com isso e perdi muito. Admiro as pessoas que venceram até hoje. Na época estava **desestimulado** e saí, mas quem sabe um dia se eu pudesse voltar e fazer diferente [...]. (BARBOSA, 2011).

Conforme sua narrativa, ele aponta algumas razões pelas quais desiste de continuar no projeto, a primeira é o constrangimento de, aos 22 anos, ainda ser sustentado pela mãe. Apesar disso, na mesma narrativa (Anexo J), logo no início, parece haver contradição, pois ele afirma que seus pais o apoiaram, “meus pais me apoiaram, minha mãe queria me sustentar com roupa, alimentação, e eu encarei”. (ibidem). Porém, suponho que esse apoio e aceitação por parte de ambos deve ter acontecido no momento de sua entrada no projeto, e com o passar do tempo, essa insatisfação deve ter ocupado centralidade na forma de encarar a sua realidade.

Esse estado de dependência financeira parece ter marcado fortemente o estudante, causando nele desestímulo, talvez por não ver resultados rápidos, o que comumente ocorre com jovens que não suportam as circunstâncias adversas das famílias de baixa renda e escolhem trilhar pelo caminho do subemprego. Penso ainda haver a possibilidade de outros fatores de ordem pessoal, difíceis de expor para as pessoas. Talvez existiram outros motivos para a escolha pelo ganho rápido que não prover transformação de vida, na sua amplitude. Outra análise possível é o fato de que existem momentos em que somos impelidos por sentimentos emergenciais que tendem a nos conduzir por outros percursos, diferentes dos que nossos próximos esperam. Assim, percebi que foi por meio de um conjunto de sentimentos e estados de alma que cooperaram, negativamente, para gerar o desestímulo nele em continuar estudando e atuando no projeto. Notei que a palavra desestímulo foi citada diversas vezes em seu relato.

O que ficou narrado em seu relato foi o que já se conhece da realidade da juventude popular do interior: o fato de que muitos jovens não conseguem superar os obstáculos para garantir uma vida com mais dignidade, segurança alimentar, educação e saúde de melhor qualidade para a família. Sabe-se que há sacrifícios na dedicação de mais tempo com a formação acadêmica e profissional para se conseguir essa realização. Antonio Eudimar falou que ao deixar o PRECE e se mudar para Fortaleza à procura de emprego, enfrentou, inicialmente, muitas dificuldades para se fixar em uma empresa. Com isso, vê-se que para o jovem popular qualquer uma das escolhas traz mais sofrimento do que enfrenta um jovem de

classe abastada. Acerca do tema, na condição de líderes do PRECE, sempre mostrávamos os dois caminhos com o intuito de conscientizá-los da sua realidade e de ajudarmos em suas escolhas:

[...]. Eu tinha desejo de vir trabalhar em Fortaleza, [...]. Lá em Pentecoste não tinha trabalho, o único trabalho que tinha era para professor. Com o desejo de vir trabalhar com o ensino fundamental a gente achava que já tinha o conhecimento de tudo e que ia conseguir vencer com isso. [...]. Em 99 eu vim pra Fortaleza e comecei trabalhando numa **locadora de carro** como colhedor de carro. Depois passei a trabalhar numa **panificadora**, de lá mudei de emprego para uma **fábrica de roupas**, a **Maresia**, onde foi meu **primeiro emprego de carteira assinada**. Eu já estava casado e passei a fazer parte da igreja, conheci muitas pessoas importantes, interessantes. Quando eu saí da Maresia, tirei a **carteira de motorista**, era um sonho meu, e passei a trabalhar de motorista com um colega meu, [...] na **JV** e isso foi um crescimento muito bom, porque conheci muita gente em Fortaleza. Conheci muita gente da **Pague Menos**, **Telemar**, pessoas importantes, então fiquei muito conhecido [...] tenho facilidade de comunicação. Saí da JV e fui trabalhar num **restaurante**, eu era **saladeiro**, depois saí do restaurante e voltei para a **padaria**, onde estou até hoje [...]. (BARBOSA, 2011).

Em seu relato vi quase que uma peregrinação em busca de se manter empregado mesmo que seja em subemprego que paga somente um salário mínimo. E ainda alguns desses subempregos não garantiram um regime de trabalhos baseado na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Vi no jovem Eudimar, uma espécie de naturalização da sua realidade, uma maneira, aparentemente, resolvida de relatar esse momento. Com um ar pueril na forma de encarar a ausência da garantia do mínimo de seus direitos trabalhistas, não me pareceu haver nele, sentimento de contestação.

A partir da análise dessa narrativa de vida, chega a mim como que nossos sonhos são medidos de acordo com os nossos conhecimentos. Eudimar e todos os estudantes fundadores do PRECE, inicialmente, só conheciam o seu mundo interiorano no qual nunca se ouvia falar na palavra “universidade”, assim, como poderíamos esperar que nenhum estudante desistisse do sonho de fazer uma universidade, se antes ninguém havia falado nesse sonho. Apesar da sua desistência, conforme falou, passar pelo PRECE foi uma experiência que marcou a sua vida.

[...] Passei muito tempo trabalhando, mas nunca deixei o vínculo com o PRECE, sempre fiquei unido com as pessoas, conversava com o Andrade, o Toinho, o Francisco e o Orismar me incentivaram a voltar a estudar. [...]. O PRECE foi e é um marco grande na minha vida, foi onde eu aprendi a conviver, aprendi muita coisa. Lamento não ter continuado, mas nunca saiu do meu coração. O PRECE foi uma coisa muito importante. Quando eu já tinha saído do PRECE, vi que meus colegas já haviam passado no vestibular, estavam cursando a universidade, vibrei com os primeiros precistas que se formaram. Foi a resposta de um sonho, sonhado por um homem, se realizando, isso foi um impacto muito grande. Estava andando, se multiplicou, e pra mim é uma alegria muito grande ver que um sonho se tornou realidade. [...] Se for preciso eu desenvolver alguma atividade, eu estou a inteira

disposição para participar. [...]. Teve um tempo que eu me senti menosprezado por mim mesmo, eu achava que, como eu tinha saído do PRECE, o fato de eu sair do PRECE, eu achava que as pessoas tinham me abandonado, eu não tinha perspectiva de vida, eu me sentia deprimido com isso. Mas não era assim como eu pensava, as pessoas me abraçaram e perguntavam quando eu ia voltar para o PRECE, se eu tinha vontade de voltar, e eu sempre dando uma escapulida. [...] é um prazer [...] fazer parte de um memorial do PRECE está sendo um marco na minha vida, estou gostando muito e espero que eu continue a fazer parte da história do PRECE. [...]. (BARBOSA, 2011).

Eudimar, mesmo desistindo de estudar no PRECE, não ficou afastado, mas mantém o vínculo, o sentimento de pertencimento ainda lampeja em seu interior. Ele cultiva o relacionamento com os amigos de estudo e procura manter a presença do PRECE em sua história de vida em sua vida em transcurso. Além disso, destaca o valor que o projeto teve em sua vida, ajudando-o a conviver melhor com os outros. Percebi haver, de fato, felicidade em Eudimar, pelo sucesso dos amigos que permaneceram e lutaram para realizar o sonho da formação acadêmica. Esse é um sentimento forte do valor do grupo, do coletivo, a alegria pelo sucesso dos demais marca essa nota social, de alguém que se importou com a causa coletiva do grupo pioneiro e de tantos outros que viriam.

Houve na vida de Eudimar o tempo da tristeza, do aparente fracasso por não ter seguido no mesmo caminho que seus amigos do grupo precisista seguiu - caminho para a realização do sonho individual e coletivo apontado pelo PRECE, concluir um curso superior. Com isso, achou que não merecia a atenção dos precisistas; pensava que eles não o aceitavam mais, porém, os reencontros foram acontecendo e ele reconhece ter sido um engano dele.

Com minha convivência com Eudimar e agora com o estudo de seu relato, me pareceu que seu sentimento foi trabalhado e, finalmente, o que há é um novo sentimento – o de amizade que nunca acaba e o de se sentir acolhido pelos amigos do PRECE. Ele demonstra-se muito contente por fazer parte da memória do movimento, tendo sua narrativa captada em vídeo e áudio e suas fotos registradas nos arquivos do projeto Memorial do PRECE.

Antonio Eudimar destaca ainda em seu relato um pouco da sua vida pessoal, da constituição da sua família, destacando fatos importantes e fortes como seu casamento e nascimento de sua filha mais velha, e logo menciona a tristeza pela morte dessa filha por uma doença rara. Porém, fala com renovo de sua alegria pelo nascimento de sua única filha, Lara. Leiamos um pouco dessa parte de sua vida:

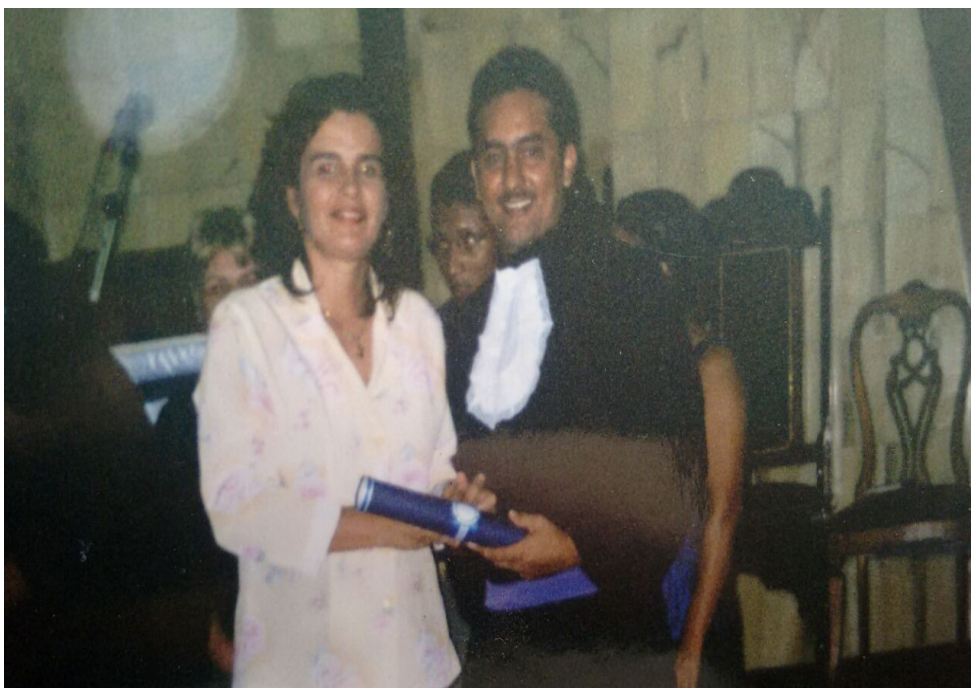
[...]. Na minha vida pessoal, conheci a Rosa na igreja onde eu frequento. A gente casou e tivemos uma filha, Sara Tavares Barbosa, nasceu em 2001. Essa nossa filha cresceu até 3 anos, teve um problema, uma doença rara, passou 7 meses na UTI e, pra mim, foi um momento muito difícil, uma perda muito grande, mas fui abraçado

por todas as pessoas da igreja, todos os meus amigos precisas, pessoal do interior. Perdemos essa filha em 2005 e isso foi um momento trágico na minha vida, só que, hoje, Deus nos abençoou de uma forma tremenda nos dando outra filha, Lara Tavares Barbosa, uma princesinha que está com 3 anos de idade [...]. (BARBOSA, 2011).

Eudimar trilhou por outros percursos e tem crescido em experiência de vida, de trabalho, de também reconhecer as escolhas que considerou um insucesso, os recuos, o desânimo diante da vida difícil, mas paralelo a isso, na alma proativa e disposta a recomeçar sempre, não faltou espaço para o sentimento de renovação e recomeço. Mostrou-se muito alegre e reconhecido pela contribuição dada a cada agente fundador de um projeto que mudou muitas vidas estudantis de jovens da sociedade interiorana.

Nesse episódio em sua vida, a Igreja Presbiteriana foi muito importante no apoio emocional e espiritual em todos os momentos através da pessoa do Reverendo Pastor Áureo Rodrigues e de toda liderança dessa igreja. Como membro, líder e esposo de Rosa Tavares, membra antiga dessa igreja, ele recebeu o conforto, a compaixão e o trabalho de todos dessa denominação no período da doença de sua filha Sara Barbosa. Devido seu trabalho de liderança no grupo de louvor, tocando violão e cantando, fez um curso de liderança cristã (Figura 51) no mesmo Seminário que José Orismar se graduou em Teologia, o Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana de Fortaleza.

Figura 51 – Antonio Eudimar recebendo diploma do curso de liderança Cristã



Fonte: Memorial do PRECE.

Vale destacar que um dos problemas que percebo na visão de muita gente é colocar a universidade como a única ou, pelo menos, a melhor alternativa entre todas, contudo, a vida é mais diversa do que podemos enxergar e, certamente, existem outras possibilidades de desenvolvimento igualmente válidas e legítimas que precisamos aprender a reconhecer, ainda que não sejam as opções que nós faríamos. O grande mérito da experiência do PRECE é tornar a entrada na universidade algo possível, ou seja, transformar o impossível ou quase impossível em uma realidade, dentro de um horizonte mais próximo, no entanto, nunca como a única possibilidade válida.

Por tudo o que discuti, entendí que valorizar a história de vida de um estudante desistente também se faz necessário para podermos compreender como se sente alguém que pensou diferente do seu coletivo e escolheu outro percurso. Ver como se deu esse trajeto divergente; refletir sobre esse processo nos ensina sobre a nossa realidade porque representa tantos e tantas que tentaram e desistiram. A desistência, a escolha por outros percursos, faz parte da vida de todos nós, saber se valeu a pena é outra descoberta que precisamos buscar a cada história lida, interpretada ou refletida. A análise ampliou a minha visão na compreensão da situação educacional e política do espaço rural e a ver o valor que teve a cooperação entre os estudantes no estudo compartilhado.

Por fim, ao perceber que mesmo se tratando da história de vida de um estudante desistente, o pouco tempo que permaneceu no programa foi importante para sua vida e para os outros que permaneceram e tiveram suas vidas transformadas, como temos visto em suas histórias analisadas aqui. Sua experiência não foi desprezada, mesmo ele tendo se sentido em débito consigo mesmo e com o grupo, o grupo, para ele, é como uma família e como irmãos.

5.5 Carlos Roberto de Sousa Gomes: da experiência de vaqueiro à vida universitária

Nessa narrativa de vida de Carlos Roberto Gomes, mais uma vez, destacarei a importância do PRECE como prática docente centrada no estudante, impulsionando o mesmo a ser um protagonista do seu processo de aprendizagem. Foi assim que os estudantes do projeto se construíram a partir do educar-se em comunhão, mudando o destino de continuar vivendo somente daquilo que seus pais tinham e podiam ensinar, geralmente, situações difíceis de sobrevivência como: a agricultura de subsistência, trabalho na terra como diarista, pescador, gerente de fazenda (para cuidar do patrimônio de donos de terras e de seus animais) etc., para cidadãos realizadores de sonhos e livres pelo estudo em cooperação e solidariedade.

Carlos Roberto nasceu na comunidade de Jardim, filho de seu João Félix, que trabalhava como vaqueiro na fazenda em que moravam em Cipó, e Francisca de Sousa Gomes, chamada de Nenê, professora de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Carlos apresenta a si e sua família na realidade posta a eles, que era a vida na condição de vaqueiro:

[...]. Sou Carlos Roberto de Sousa Gomes. Sou conhecido como Beto. Sou filho de João Felix Gomes, vaqueiro. [...] de Francisca de Sousa Gomes, [...] conhecida como Neném, professora. Eles dois são os pais de sete filhos, a minha família é formada por sete filhos [...] mais uma menina que a gente criou que a gente considera como irmã. Eu sou o terceiro mais velho. [...]. Meu pai sempre foi vaqueiro dos grandes proprietários de terra daquela região, [...]. Sempre estava morando com esses proprietários, morou um tempo com uma pessoa – numa fazenda do Zé Gomes e posteriormente do Antônio Carneiro, [...] foi nessa fazenda do Zé Gomes que eu nasci, na comunidade de Jardim, que fica há trinta e dois quilômetros de Pentecoste [...]. No ano de 1981, foi morar numa fazenda no Cipó, [...] onde a gente passou vinte e um anos lá, [...]. A minha mãe foi professora [...] do ensino fundamental básico, que trabalhou durante [...] trinta e seis anos, com jovens, com crianças daquela comunidade, [...] crianças carentes, crianças que buscavam um pouco de educação [...]. (GOMES, 2011).

Vejo no fragmento duas realidades opostas, duas profissões diferentes, o pai vaqueiro, cheio de experiências relacionadas à arte de cuidar do gado, das ovelhas, bodes, do seu ofício de vida, porém sem a devida valorização, em todos os aspectos, que toda profissão deveria ter em nosso país, dentro da justiça do trabalho etc. Por outro lado, há uma mãe professora, com a experiência do ofício da reflexão, da escrita, da leitura e oratória que ensina as crianças e adolescentes, porém também sem a valorização devida, com uma renda pequeníssima, naquele tempo, mas com um pouco mais de chance de uma mobilidade social e econômica para melhor e duradoura, além de que sua posição de professora garante a ela um capital social e cultural importante em sua realidade.

Carlos Roberto está diante de dois campos de força de dois *habitus* bem definidos – o *habitus* do vaqueiro e o *habitus* professoral. A cultura do gado, muito presente em nosso estado, mesmo pouco valorizada em nossa região, fazia parte do interesse particular do contexto familiar de Carlos Roberto. E a cultura do estudo, o valor dado a escolarização, a formação intelectual por parte da professora Nenê. Acerca dessa paixão de Carlos Roberto pelos ofícios do pai, Apresento um relato de Carlos Roberto sobre esse momento que marcou a sua vida no trabalho de vaqueiro, junto com seu pai:

[...] eu passei a fazer isso junto com o meu pai, a gente fazia/transportava gado de um município para outro, [...] quando eu tinha [...] quatorze anos, foi uma das primeiras viagens que eu fiz na minha vida. Foi de levar o gado do município de Pentecoste, da comunidade de Cipó até uma comunidade chamada Rato, no município de Maranguape, isso dá seis léguas ou sessenta quilômetros a pé. Isso eram dois dias, [...] isso para mim foi um marco, né? Uma oportunidade de conhecer outra realidade, outra comunidade[...] eu também passei a desenvolver uma

atividade que foi o tirar leite, eu passei de doze até dezoito anos. Nessa época quase todos os dias de todo ano eu tirava leite, [...]. E durante o período do inverno, que é importante relatar, que na fazenda a gente sempre fez queijo. [...] a gente tirava em torno de duzentos litros de leite que dava uns quinze quilos de queijo por dia, [...]. Numa época em que a fatura era bem significativa [...]. (GOMES, 2011).

Geralmente, os filhos ao ajudarem seus pais, aprendem a manejar a profissão dele. Isso no interior é muito forte por ser um lugar pouco desenvolvido sem muitas opções de trabalho. Assim, sem outra fonte de renda para ajudarem seus pais, acabam tendo que seguir o mesmo rumo de trabalho, em muitas situações, muito cedo, ainda na infância. Carlos foi muito influenciado por esse ofício até se apaixonar pelos estudos. Abaixo, segue mais um trecho de sua narrativa que vai apresentar um pouco da sua paixão pela cultura do gado e outras coisas que fazem parte desse cenário.

[...] nesse período, [...]. Eu passei a desenvolver outra atividade [...] em um certo período que foi capinar, né? *E também*, eu comecei a montar um roçado para mim mesmo, [...] aos treze ou quatorze anos eu joguei aspirante, [...] Ou segundo quadro como é chamado lá no nosso meio rural. [...] aos quatorze anos eu passei a jogar [...] como titular do time de Capivara, Capivara Sport Club, [...] e joguei durante dois anos até os dezesseis anos na Capivara, [...] E isso, foi um período de aprendizagem, de ter novas amizades, de conhecer novas pessoas dentro do município, conhecer outras comunidades, [...] em torno de quinze anos, eu fui [...] joguei, [...] eu [...] gostava muito disso, mas sempre a mãe e o pai diziam “só vai ser joguei durante [...] o período de férias [...]. (GOMES, 2011).

Aqui reside mais uma identificação entre as narrativas de vida dos sete primeiros precistas. Há esse elemento em comum, o futebol, que compõe peça de destaque em quase todos os relatos. Carlos, ainda adolescente, aprendeu todos os ofícios de seu pai e gostava de fazer, demonstrando ter técnica ao se responsabilizar pelo trabalho. Por outro lado, a sua mãe, professora Nenê, direcionava Carlos para prosseguir nos estudos e não somente no trabalho com o pai. Ela dava o equilíbrio necessário na vida do filho e contava com o apoio do marido nas suas decisões. Eles demonstraram querer outro caminho para a vida de Carlos. Dessa forma, Nenê só liberava Carlos para ser joguei quando estava de férias da escola. Aqui, percebo outra identificação, pois semelhante a Adriano Andrade, Carlos Roberto, desde criança, gostava de ajudar o pai, em seu ofício na fazenda.

É interessante ver o gosto dos filhos pelos tipos de trabalho dos pais, a ponto de eles confundirem o trabalho com a brincadeira. Parece que eles se divertem trabalhando; é como se trabalho e brincadeira fossem a mesma coisa. Percebi isso neste relato de Carlos:

[...] foi onde começou toda a minha infância, [...] nessa fazenda em Cipó, que fica há dezoito quilômetros de Pentecoste. [...]. Minha infância foi [...] de uma criança no meio rural, na qual fez todas as atividades do meio rural. [...]. Tinha atividade de trabalho e atividade de lazer, de brincadeira como nós chamamos lá, no interior, no meio rural. [...] nessa minha infância [...] a gente cuidava dos animais. [...]

Pastorava. [...] Ovelha [...]. A gente olhava quantos animais nasciam, se ia ter que curar as bicheiras, se não ia. Caprinos também. E os equinos a gente usava mais para trabalho da gente, [...] para cuidar desses outros animais, além de cuidar da ração, dar banho, né? Tudo isso na parte do equino. [...]. Na parte de brincadeira nós tínhamos umas [...] bem interessantes, [...]. Até doze anos [...] a minha brincadeira principalmente era atirar de baladeira, ir para a escola, [...] que isso era uma obrigação, que lá em casa a mãe sempre colocou os filhos, insistiu pra gente ir pra escola e o pai também sempre apoiou. Um outro, jogar bola, [...] gostava muito de jogar bola, considerado lá no interior como viciado a pessoa a jogar bola. Jogava todos os dias. Tinha um terreiro na fazenda muito grande, [...] no qual a gente jogava bola junto com os colegas [...]. (GOMES, 2011).

Noto que ele divide o tempo da sua infância em atividades de trabalho e atividades de lazer; com isso quase confundimos com “brincadeiras de trabalho” e “trabalhos de lazer”. Com essa descrição bem detalhista de Carlos, pude ver que isso foi bem lembrado, marcou a sua vida e o seu relato empolgante, me demonstrou que ele realmente gostava de realizar essas atividades. Porém vamos passar a analisar o outro lado da vida de Carlos, o lado da sua história estudantil. O excerto preparado por mim representa como foram os estudos da educação básica de Carlos Roberto, da alfabetização ao oitavo ano:

[...] o colégio que eu vim estudar [...] o fundamental dois, o que nós chamamos nessa época, [...] o primeiro grau. [...] *foi o Manuel de Oliveira Sales*, [...] no *quinto* ano de *1990* – (grifos da autora). [...] teve, acho que foi a segunda turma [...] da TVC[...]. A gente estudava pelo manual de apoio, [...]. (*teve um corte temporal para morar na cidade com o avô* –grifos da autora): Meu avô estava morando em Pentecoste, e [...] eu fui pra Pentecoste morar [...] com ele porque precisava de uma pessoa para colaborar nas atividades [...], ele tinha um quintal grande e a mãe pediu pra eu ir, [...] eu fazia a sétima série, [...] a mãe colocou eu para estudar no Tabelaio. [...]. (*Ele quis voltar para Cipó* – grifos da autora) “Vamos embora pro interior que aqui não dá certo não pra eu continuar” [...]. A gente concluiu toda a oitava [...] pelo manual de apoio e a TV na qual passa a aula, e nós estudávamos o manual de apoio com um apoiador, [...] professora. [...] não tinha ensino médio [...] no interior de Pentecoste[...] a gente conclui a oitava série ou o primeiro grau, que a gente faz da vida, [...] Foi [...] a primeira vez *que se* ouviu falar em transporte. Transportar [...] os alunos para estudar [...] em Pentecoste. [...]. (GOMES, 2011).

Carlos Roberto seguia a orientação de sua mãe nos estudos iniciais e, além disso, ia com ela, diariamente, para a escola; as ações de Nenê me levam a crer que o maior objetivo dela era os estudos dos filhos, Carlos e seus irmãos(ãs). Ambos enfrentaram as distâncias, próprias do contexto onde viviam. Aqui reside mais uma regularidade, também na identificação com a história de vida de Francisco Antonio que enfrentou as distâncias para poder vencer esse período de formação em uma realidade difícil para ser ultrapassada – as distâncias - algo que é comum a todos os agentes aqui estudados.

A mãe pedía a ajuda de Carlos para fazer companhia ao pai, mas ela demonstrava sempre zelar pelo equilíbrio da vida estudantil do filho. Esse tempo que estudou na cidade ele não gostou, então retornou e concluiu o oitavo ano, no espaço que amava, o das brincadeiras

de trabalhar com os animais, de respirar ar puro na vastidão do sertão. Esse amor pelo Cipó é o que vai definir outra decisão na sua vida, a resposta a pergunta que desencadeará uma nova discussão: Onde o Carlos Roberto e sua irmã Raquel Gomes (sobre ela falarei à frente) iriam fazer o ensino médio? Já que só existiam escolas de ensino médio na cidade e não havia transporte escolar disponível para levá-los até lá, tendo em vista que não queriam se mudar para a cidade.

Essa era a questão posta na vida estudantil de Carlos Roberto e também de seus irmãos(ãs). Sua mãe sonhava que o filho estudasse na escola Centro Educacional João XIII, que, naquele contexto, era conhecida como a melhor do município. No entanto, quando pensava nas dificuldades de deslocamento e no dinheiro que deveria retirar da pequena renda do esposo vaqueiro e de seu minúsculo salário de professora do município, no início da década de 1990, preocupava-se com o futuro de Carlos, de Raquel e dos outros filhos.

Dona Neném sentia-se cheia de dúvidas quanto ao futuro profissional deles, já que no município não havia oportunidades de emprego. A única opção que se tinha, na época, eram as ocupações próprias da região, citadas antes, e sempre tudo iria bem se houvesse uma boa estação chuvosa, apesar dos outros transtornos com as enchentes do lugar já que a comunidade de Cipó fica entre vários rios intermitentes que botam cheias nessa estação.

Nesse ínterim, em Cipó, o professor Manoel Andrade convidava jovens para se juntarem na casa de farinha para estudar. Dessa forma, Manoel convidou-lhes para uma reunião de explicação acerca do funcionamento do projeto. Assim, eles foram para a primeira reunião do PRECE, em um domingo à noite. O encontro se deu à noite, à luz de lamparina, na grande casa de farinha onde estavam todos os jovens interessados na ideia. No excerto abaixo, destaco a decisão de Carlos Roberto e de sua irmã Raquel, em iniciar o PRECE e fazer o ensino médio pertinho de, recebendo o apoio diário da família. Como o projeto estava no início, não havia garantia de como seria o processo de estudo e certificação, dentre outras questões:

[...] “a gente vai ou não vai? [...] estudar em Pentecoste?”, e ficou nessa briga. Tinha uma irmã, que também estava concluindo junto comigo, a Raquel, concluiu [...] a oitava série. E nós: “Vamos ou não vamos? Vamos continuar nessa”, e foi, a gente decidiu [...]. Depois de uma conversa [...] junto com a família, que não [...] ia *para cidade de Pentecoste* – (grifos da autora). Eu tinha dezesseis anos, a Raquel com [...] dezoito, e [...] passando para adulto, [...] a gente decidiu não ir. Foi um período [...] que o PRECE chegou naquela comunidade do Cipó. Me lembro muito [...] de várias conversas [...]. O importante antes disso é que o PRECE já vinha numa história de campeonatos, de integração das pessoas [...]. Depois de eu sentar com o pai e com a mãe, sempre a gente conversou, [...] E também numa conversa [...] *que* eu tive com o Andrade [...], ele disse, eles disseram, né? porque não foi só ele: O pai me dava todo apoio até eu me formar. Não tinha muito recurso financeiro, mas no que fosse

possível, as coisas básicas para as necessidades básicas. Mamãe do mesmo jeito, [...] isso é uma oportunidade que muitos jovens do meio rural buscam, querem, porém, é uma oportunidade [...] e isso ficou marcado na história da minha vida, [...]. (GOMES, 2011).

Assim, ele e Raquel decidiram ficar no projeto de estudos que se formava. Seus pais já conheciam Manoel Andrade e sua família; e Carlos Roberto já era amigo dele nas interações do futebol, esporte que era o grande ponto de identificação entre os precistas fundadores, pois por todas as histórias ouvidas e analisadas aqui, não há dúvida de que o futebol uniu todos os precistas pioneiros antes de começarem o PRECE. Com essa identificação, ficou melhor para acreditarem em algo que ainda era uma ideia, mas que precisava ser posta à prova. Caso eles tivessem que ir para Pentecoste, iriam, diariamente, em “pau de arara”, à 19 km de sua casa, na zona rural. Nessa situação, o maior receio era a viagem longa a qual durava em torno de duas horas (ida e volta). Levando em consideração que a aula começaria às 7h30min, eles teriam que pegar o carro na estrada às 6 h. Para voltar, deveriam entrar no caminhão no máximo às 12 h e chegariam em casa por volta de 13 h ou mais, cansados e famintos.

Essa rotina ocorria somente no verão, porque em estação chuvosa, a incerteza era parte do dia a dia dos estudantes, isso por causa dos rios e riachos que, às vezes, impediam a viagem para a escola. Essa era a rotina dos jovens que teimavam em continuar estudando para se escolarizar. E ainda teriam que pagar as passagens no carro pau de arara, dobradas para os dois, equivalentes a 16,00 reais, atualmente; levando em consideração o percurso de ida e volta, multiplicando pelos dias letivos.

Percebi no depoimento de Carlos Roberto, a completa ausência do poder público na criação de soluções para a melhoria da educação na região. Soluções como construir pontes ou “passagens molhadas”²² nesses rios e riachos para garantir o transporte dos estudantes na estação chuvosa, prover um transporte público para a locomoção adequada dos estudantes, ou lutar por escolas na zona rural.

Atualmente ainda persiste esse descuido dos gestores públicos com a educação, pois ainda não existem escolas de ensino médio na região, mas somente núcleos. Com tanta dificuldade, muitos dos estudantes se desestimulavam e desistiam de estudar. A maioria dos jovens dessas comunidades rurais concluía somente o ensino fundamental, já outros paravam na 4ª série, pois o ambiente era desestimulador, o foco era nas atividades repassadas pela

²² Uma construção a partir de cimento e ferro no trecho da estrada carroçal onde os riachos passam. Isso evita os atoleiros que podem barrar os transportes que trafegam pela rota.

opção que os pais tinham para ensinar aos filhos, ficando, portanto, impedidos de se desenvolverem nos estudos.

Depois da conversa com Manoel Andrade sobre um plano de estudo e de vida, a decisão de Carlos Roberto e Raquel foi de terem uma experiência no grupo precisa que se incorporava. A partir da conversa com o educador, Carlos Roberto decidiu entrar no projeto PRECE e se dedicou aos estudos, cotidianamente, em busca de seus sonhos, através dos livros. Durante as manhãs estudava, e à tarde jogava bola para descansar a mente, mas, depois começou a estudar integralmente. Dessa forma, foi aumentando, gradativamente, as horas de estudo para não sofrer uma grande mudança nas suas atividades.

Na conversa, Manoel propôs a ele fazer uma revisão do ensino fundamental, levando em conta que a dificuldade dos estudantes daquele espaço com a leitura, a escrita e conhecimentos da História e Geografia eram notórias. Ele, então, começou com essas disciplinas, pois assim, estaria praticando a leitura a partir desses conteúdos.

Segundo Carlos Roberto, com o estudo da Geografia e da História, ele foi aprendendo a interpretar e adquirir conhecimentos. Na sequência, veio o estudo das Ciências e, nessa disciplina, ele conta que Manoel Andrade lançou um desafio ao grupo: aqueles estudantes que demonstrassem ter estudado mais Ciências, ganhariam uma viagem para Minas Gerais e, no final, os que se saíram melhor foram Francisco Antonio e Francisco Gonçalves, e os dois ganharam a viagem.

Vi que no início do trabalho, ocorreram algumas atividades competitivas, mas com o passar do tempo, Manoel e nós estudantes e professores, de 2000 em diante, percebemos que isso não era bom, pois gerava um sentimento de derrota para os que ficavam atrás, além de aumentar a baixa autoestima, o que só prejudicava os que precisavam de mais ajuda. Assim, radicalizamos e não utilizamos mais atividades que estimulassem a competição. Sempre dizíamos que “já havia muita competição no mundo capitalista”; e que poderíamos utilizar boas práticas de ensino que não envolvessem competitividade. Essa conclusão partiu de Manoel Andrade e todos nós seguimos, porque entendíamos que isso estava correto.

Ao se unirem, os sete jovens iniciaram uma revolução naquele contexto de exclusão social da década de 1990, quando tudo era difícil e as pessoas não sabiam o que era uma universidade. A partir deles, centenas de jovens se apropriaram dessa oportunidade, dessa união de propósitos, que hoje apresenta muitos resultados. Pelo fato de morar próximo à casa de farinha, na fazenda em que seu pai trabalhava, como citado por ele, havia abundância de comida, ele tinha tudo nas mãos, comida feita, roupa lavada, ou seja, o acompanhamento da família. Em muitos momentos, Beto e Raquel compartilhavam alimentos e objetos com os

amigos de estudo que tinham suas famílias distantes e passavam muitas privações conforme suas biografias aqui analisadas. Ele convidava esses amigos do grupo de estudo para se alimentarem em sua casa, sabendo que contava com o apoio de seus pais:

[...] Essa nossa família sempre foi uma família abençoada por Deus e a gente sempre teve muita abundância de alimentação nas quais muitos amigos da gente que moravam perto; a gente levava mesmo para se alimentar lá em casa. Isso a gente tinha muito feijão, muita farinha, animais, sempre a gente matava para ter carne durante a semana, o pai sempre comprou muita carne e a gente sempre tinha muita abundância em relação a isso [...]. (GOMES, 2011).

Sobre o contexto onde se iniciou o PRECE, quando pensamos na questão da infraestrutura oferecida pelos gestores - os governos, eles não conseguiram realizar projetos que gerassem renda, que escolarizassem, dentre outras possibilidades, as quais propiciassem mais qualidade de vida para essas comunidades afastadas do centro urbano municipal mais desenvolvido. Até mesmo iluminação pública faltava na época e o problema da água se alongava por anos. Luz que traria um mundo de aparelhos eletrônicos até então desconhecidos por aquela gente esquecida, era um sonho, além de água potável para o consumo diário e para a irrigação.

A população do campo sofria, consumindo água não potável, que buscavam mesmo à longas distâncias, em baldes na cabeça e de outras formas criativas que inventavam para contornar a crise hídrica. Sobre o trabalho, no verão, restava somente trabalhar alugado nas minguadas fazendas de ovino, caprino e bovino ou pescar no açude Pereira de Miranda. Nem mesmo as duas fábricas, uma de derivados de leite, outra de calçados, que hoje há no município, existiam àquela época. Assim, era preocupante a situação dos jovens pentecostenses, no limiar da década de 1990.

Carlos Roberto fala que, em meados de 1995, o grupo pioneiro já estava mais aglutinado e fortalecido. Eles já tinham feito as revisões do 1º grau e, a cada fim de semana, o professor Andrade fazia um questionário para cada um e ainda uma avaliação oral para sondar os conhecimentos do grupo. Essa estratégia, meio que despretensiosa, contribuiu muito como elemento motivador e fez com que eles ficassem mais interessados. Esse início foi de muita união do grupo, “um aconchego positivo entre as pessoas do grupo” (GOMES, 2015a). Ademais, quando falo de Carlos Roberto, volto a mencionar o time de futebol, Estudantina, criado por Manoel Andrade e os sete estudantes. Como vimos, anterior ao início do PRECE, esse encontro para jogar uniu o grupo e o ajudou fazendo com que seus integrantes aprendessem a conviver. Carlos Roberto lembrou ainda como tudo teve início dentro de

dificuldades, mas, foi nessas circunstâncias, que surgiu uma coisa boa, um movimento educacional que impactou a juventude popular e até os mais abastados da cidade.

No começo, de outubro a dezembro de 1994, Carlos Roberto diz que “ninguém sabia para onde ia, e isso mostrava que ninguém tinha uma visão de onde chegar e como chegar e nem sabia se ia chegar; naquele início, ninguém sabia nem se existia uma universidade” (ibidem). Ele comenta que acreditava, porque via o exemplo do professor Andrade, que nasceu lá, morava lá e saiu para estudar, se formar e melhorar a sua vida para depois voltar, sonhar com eles e transformar aqueles sonhos coletivos em realidade.

Os sonhos eram de mudança daquela vida dura do jovem popular agricultor. Ao nos contar essa história, ele relembra como foi difícil o início dos estudos, a disciplina pessoal, criar autonomia, pois na semana, eles deveriam estudar sem o auxílio de um professor, somente se apoiando uns nos outros, no exemplo daqueles mais disciplinados e estudiosos, no auxílio na hora da dúvida, dentre outras interações.

Carlos Roberto fala que foram criados pelo grupo, vários projetos e estratégias que garantiam a permanência dos estudantes naquele espaço de aprendizagens. Assim como todos os outros, ele relata sobre o primeiro projeto que foi o curso de datilografia que na realidade, começou antes, como visto antes. Ele relata que no PRECE havia uma diversidade de conhecimentos que para ele não existia antes. Reconhece que aquele momento foi um divisor de águas em sua vida e não foi difícil decidir não ir mais estudar no centro da cidade. Expõe que o plano para sua vida estudantil havia sido traçado na experiência no projeto, de modo que tudo se tornava muito claro e certo no seu futuro. Ele já havia aprendido muita coisa na revisão, na convivência e no aconchego dos amigos. Ao começar seus estudos na casa de farinha, se sentia mais autônomo e gostava de estar no seu espaço livre, aberto e cheio de plantas. Não compensaria deixar de estudar na casa de farinha para estudar no centro da cidade. Comparando o tempo que gastaria e o quanto que aprenderia na escola da sede do município com o tempo que dispenderia em estudar próximo da sua casa e o quanto que aprenderia nessa “escola livre” e mais próxima da rotina de vida dele, não lhe restava mais dúvida, essa última, era a melhor escolha. Carlos Roberto concluiu o ensino médio através da Educação de Jovens e Adultos, orientado pelo PRECE e foi certificado pelo CEJA Professor Gilmar Maia de Souza, em Fortaleza, em 1997.

Quando tentou o vestibular pela primeira vez, não obteve aprovação, ele relata que tinha muita dificuldade em produzir redações. Em 1998, novamente prestou vestibular na UFC, para o curso de Agronomia e na Universidade Estadual do Ceará (UECE), para Matemática, obtendo aprovação em ambas, porém optou pelo curso de Agronomia. Preferiu a

UFC por uma questão de maior apoio público, tendo restaurante universitário e residência estudantil, como discutido antes.

Ingressou na universidade no segundo semestre, porém no primeiro aproveitou para suprir suas necessidades acadêmicas e fez alguns cursos das disciplinas básicas do ensino fundamental e médio para poder compreender melhor e não ter dificuldades nos conhecimentos acadêmicos que estariam por vir. Na universidade, envolveu-se com o time de futebol, época em que foi a um campeonato universitário brasileiro em Aracaju. Enquanto universitário, assim como os outros, retornava para coordenar células de estudo no PRECE, aos fins de semana, cumprindo a pedagogia do retorno. Nesse tempo, foi também estagiário na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Lá adquiriu diversos conhecimentos e conheceu novos lugares. No mesmo período, deu aulas particulares de matemática e física, áreas nas quais sempre se destacou e isso eu o admirava muito porque qualquer dúvida que eu tinha, corria para solicitá-lo ajuda. Foi também bolsista de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e bolsista de extensão para dar aula no PRECE.

Depois de graduado, (figura 52) realizou um projeto pela Secretaria de Agricultura, em parceria com o Instituto Coração de Estudante (ICORES), organização criada pelo PRECE, explicado antes, trabalhando, diretamente, com o professor Manoel Andrade, em Pentecoste. Posteriormente, trabalhou como educador social na Agência de Desenvolvimento Local Sustentável (ADEL) e depois, foi contratado para trabalhar em Santa Quitéria no seu primeiro emprego na assistência técnica e extensão rural em assentamentos do MST, com um convênio do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em parceria com a Associação de Cooperação Agrícola do Ceará (ACACE).

Figura 52 – Carlos Roberto na formatura em Agronomia – UFC



Fonte: Arquivo pessoal e Memorial do PRECE.

Após essas experiências, retorna novamente para próximo de sua comunidade para realizar um projeto de agricultura no vale do rio Canindé, novamente com o professor Manoel. Ainda trabalhou como bolsista no projeto da Secretaria de Agricultura como professor da escola agrotécnica do Crato na unidade de Umirim. Depois atuou como bolsista da Secretaria do Desenvolvimento Agrário do Estado e em assistência técnica e extensão rural do município de Maranguape. Hoje, Carlos Roberto foi aprovado em concurso público na Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Agrário de Pacatuba, como Engenheiro Agrônomo. Ele é casado e pai de um filho. Mesmo não residindo em Cipó, não esqueceu sua história com o PRECE e sempre colabora e participa de encontros com os amigos que construiu durante sua trajetória de estudos e de futebol. Carlos Roberto continua se preocupando com a formação, por isso, em 2018, fez uma Especialização em Docência Superior na Faculdade Stella Mares.

Tem ocorrido uma conscientização de que não se deve por de lado, em nossas pesquisas, a dimensão afetiva. Percebe-se que a afetividade foi essencial na experiência de Carlos Roberto. Conviver no grupo de estudo do PRECE, aprendendo com os erros e acertos e olhando pelo paradigma do cuidado, foi importante no grupo precisa. Talvez por isso, seus integrantes apreciam se reunir ainda hoje, creio eu, pelo afeto e os laços que construíram em

suas trajetórias de resistência às adversidades. O cultivo das amizades, alimentado pela solidariedade foi algo que destaquei como umas das fortalezas do projeto inicialmente. Sobre a afetividade Morin diz que:

[...] é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais [...]. (MORIN, 2011, p. 20).

A escola não formal dos sete estudantes, hoje chamada PRECE, em vários depoimentos de seus protagonistas, primava pela educação integral, parecida com a vida porque acontecia, diariamente, na convivência da casa de farinha, no campo de futebol, nos projetos sociais comunitários realizados na comunidade etc. Os agentes fundadores falam sempre da importância que tinham as conversas entre eles, o compartilhar das histórias de vida, dos problemas que perturbavam a mente e que, muitas vezes, tendiam a impedir os seus estudos. Tudo isso era dissolvido nessa comunhão e partilha.

Josso (2004, p.41) diz que “a perspectiva que favorece a construção de uma narrativa emerge do embate paradoxal entre o passado e o futuro em favor do questionamento presente”. Notamos na narrativa de Carlos Roberto esse ir e vir buscando informações que foram essenciais para a sua vida, e esse movimento produziu uma reflexão importante para a definição de quem é o Carlos Roberto hoje e qual o impacto que sua história de vida tem para ele e para o outro. Ouvi-lo foi gratificante.

5.6 Francisca Raquel de Sousa Gomes: a única mulher no grupo

Na primeira célula de estudos do PRECE havia apenas uma mulher, Francisca Raquel de Sousa Gomes, irmã de Carlos Roberto. Nasceu na comunidade de Boa Vista, mas depois foi morar em Cipó com seus pais e irmãos. No contexto daquele espaço, cabia às moças, ainda em sua maioria, o papel de ajudar a mãe nos afazeres domésticos, que se tratava de limpar a casa, cuidar da roupa e fazer as refeições, servindo aos homens da casa em lugar da mãe, quando necessário. Mas Raquel, apesar dessa realidade, era estimulada por seus pais a estudar. Lembrando que Raquel tem a mesma mãe de Carlos Roberto; e que falei sobre a profissão dela e do valor que dava aos estudos dos filhos.

Sua mãe, dona Nenê incentivava Raquel a estudar, embora ela, assim como Carlos Roberto que ajudava ao pai, também precisasse ajudar a sua mãe na atividade doméstica da casa. Essa atribuição se fazia necessária, pois sua mãe precisava trabalhar fora, como professora, e isso não era visto como inapropriado pela cultura das famílias populares da época que requeriam os trabalhos dos filhos e filhas para a sustentabilidade da casa, algo discutido antes. Essa mesma cultura ainda separava as atividades domésticas somente para as mulheres da casa. Essa era a cultura familiar valorizada por esse espaço social. A infância de Raquel foi na brincadeira com os seus irmãos, pois os mais velhos eram quase da mesma idade, então a parte das brincadeiras que o Carlos Roberto fazia incluía a Raquel, brincadeiras com os animais, as de correr no terreiro da casa da fazenda, dentre outras, próprias do universo das meninas. Ela relata um pouco da sua descontração na infância:

[...]. Fomos [...] para Cipó e lá nós vivemos a nossa vida por inteiro praticamente. Lá eu acreditava que [...] era como se fosse um espaço nosso mesmo né, tinham os animais o qual hoje ainda eu tenho muita saudade [...], do gado, das ovelhas, dos cavalos. Lá eu tinha a oportunidade de andar de cavalo, brincar com os animais, mas eu tinha muita responsabilidade também né, pois nós morávamos numa fazenda, [...] a casa estava sempre cheia de colegas, mesmo a gente criança, a gente já tinha a nossa família que sempre estava conosco. Aos finais de semana a gente sempre ia para uma comunidade a qual eu nasci, [...] Boa Vista, que eu passava o final de semana com nossos avós [...] eu [...] sempre fui uma criança que gostava de cumprir com algumas tarefas, e nós éramos uma família muito pobre, não tínhamos condições, a minha mãe só tinha aquele fogão chamado fogareiro que era colocado no chão. E a minha mãe tinha colocado a panela no fogo e eu fui mexer nas louças dizendo que ia lavar e acabei sofrendo um acidente, com queimadura, tive que vir para Fortaleza e passei muitos meses deitada sob uma cama de palha de bananeira, [...]. São muitos os fatos que eu tenho de minha infância, os fatos de menina sapeca, de pessoa danada, que gostava de cumprir as tarefas e ajudar a minha família. [...]. (GOMES, 2011b).

Disse bem Raquel, desde pequena, “tinha muitas responsabilidades” e “que gostava de cumprir com algumas tarefas” (ibidem). Ela aprendia com sua mãe como cuidar da alimentação e limpeza da casa. Então essa prática doméstica, cedo ela foi dominando e tomando gosto por essas atividades que aprendia desde pequena. Ela relata inclusive que sofreu alguns acidentes na cozinha, aprendendo a ajudar a sua família.

Raquel iniciou sua alfabetização e estudos de 1ª a 4ª série, tendo sua mãe como professora, pois ela trabalhava na escola dela, em Boa Vista. Como moravam distante, já em Cipó, tinham que percorrer distâncias. O que Carlos não lembrou, Raquel falou, uma história inusitada, o fato de terem recorrido a um transporte diferente, próprio ao ambiente do campo, do campear gado etc, porém, vejo como um ato bastante criativo para a situação da professora Nenê e sua filharada; o transporte era vivo, branco, forte e manso – trata-se de um burro que ganhou o nome de Batalhão. Engraçado é a origem do nome desse animal: Segundo Raquel,

Batalhão se referia ao batalhão de gente que ia em cima dele, um possante burro que andava 8 quilômetros (ida e vinda) da casa de Raquel a escola – nele iam cinco pessoas, quase a família toda que a mãe, professora, levava em cima desse burro para a escola, garantindo assim, a educação dos filhos:

[...]. Lá próximo do Cipó, quando nós ficamos lá, minha mãe trabalhava três expedientes, e ela continuou indo para Boa Vista e eu ia estudar junto com ela, nós íamos em um burro, que chamava-se Batalhão, eu lembro muito porque que o nome dele era Batalhão, porque nele cabia além da minha mãe, [...] mais 5 filhos em cima dele a gente conseguia andar nesse animal, ele tinha características bem forte e a cor dele era branco, e ele era um animal manso. E assim ele servia como transporte para a gente né, [...] porque ela precisava ajudar na educação dos filhos e nas condições financeira, que era difícil [...]. Meus primeiros anos de vida foram na escola Paulo Ferreira, na comunidade da Boa Vista, com a minha mãe, Francisca de Sousa Gomes, mais conhecida como neném, lá eu estudei mais ou menos durante um ano, aí depois eu fui conhecendo outros professores [...] (*e passou a estudar - grifos da autora*) nas Cacimbas, [...]. [...] (*ela fala sobre a construção de uma escolinha em Cipó – grifos da autora*) uma escolinha onde só tinha uma sala de aula e lá funcionava manhã e tarde. Após construir essa escola foi pedido a transferência da minha mãe, lá do Paulo Ferreira pro Cipó, então já que construíram a escola no Cipó, ficou mais próximo de eu voltar a estudar com a minha família [...]. Eu estudei com a minha mãe durante alguns tempos né, estudei também com a filha do seu Arão [...] que é a Ioneide de Andrade [...]. (GOMES, 2011b).

Com toda essa luta mais uma vez por causa das distâncias nesse meio rural espaçoso, a notícia da construção de uma escolinha na sua comunidade foi alvissareira. Agora Raquel e seu irmão Carlos começariam a estudar mais perto de casa. O burro Batalhão teria uma boa folga a partir de então. Logo Raquel iniciaria o seu próximo passo, ensino fundamental:

[...] Então chegamos ao momento de começar, iniciar o meu estudo no fundamental, [...]na [...] escola Manoel de Oliveira Sales, com a professora Maria Irismar. Nessa época a gente trabalhava com o sistema de TVE, [...] onde o professor passa a explicação na TV e depois a gente se reúne em grupo para debater o assunto e foram[...]quatro anos de muitas lutas, de muitas dificuldades, [...] que na escola regular você tem muitas dificuldades de leitura, de escrita, de interpretação de texto, até porque era uma só professora para trabalhar todas as disciplinas do português, inglês, matemática, geografia, biologia, educação física, artes e outras disciplinas que apareciam naquele momento [...] e só era aquela professora para dar conta desse tanto de disciplina. [...]. (GOMES, 2011b)

Assim como seu irmão Carlos Roberto, Raquel estudava pelo sistema de TV Educativa, na mesma escola. Esse sistema tem uma proposta de ensino à distância interessante por oportunizar a escolarização a pessoas de realidades distintas. No entanto, no tocante à sua implementação, nas escolas rurais da década de 1980, em nossa região, funcionava sob a liderança de professores não graduados e despreparados, por isso, academicamente, teve efeito contrário, pois colaborava para uma defasagem escolar. Falo isso por ter passado

também por esse sistema e não ter logrado êxito em meus estudos; e ainda por ter lido relatos negativos sobre isso, nesse trabalho. Assim, Raquel vivia períodos de alta e baixa motivação, mas o importante foi que nunca pensou em desistir. Ao contrário, foi resistindo às instabilidades de sua vida e ao sistema que não cooperava até subir o primeiro degrau, a conclusão do ensino fundamental.

[...] E quando eu terminei o ensino fundamental eu tinha muita dificuldade [...] mas [...], eu procurei [...] melhorar [...] então foi, [...] quando certa noite, [...] eu fiquei conversando com o Beto, [...] o Nacélio e o Du, perguntando o que é que nós iríamos fazer agora que estávamos terminando a oitava série, como é que ia ser a minha vida né [...]. (GOMES, 2011b)

Ela comenta que a fase inicial de sua escolarização foram anos de muitas dificuldades, mas apesar disso, demonstrou obstinação e força para conseguir ir em frente. Raquel havia sido ensinada a ajudar a sua família. Para ajudar a sua mãe, tinha que conciliar o trabalho rotineiro e interminável do espaço doméstico (alimentação, limpeza da casa, lavar louças, roupas, fazer queijo e a comida dos trabalhadores, etc) com os estudos. Além disso, tinha que enfrentar problemas como as distâncias, a falta de professores preparados, dentre outros problemas.

Mesmo quando se tem tudo nas mãos, o ato de concentração para o aprendizado ainda não é algo pouco difícil para todas as pessoas. Vejo que tudo era um desafio para Raquel, mas ela contava com o incentivo da mãe, do pai e do irmão Carlos Roberto, seu companheiro de estudos, apesar da cultura de naturalização da situação da mulher naquela sociedade, que não está longe da realidade social da mulher atualmente.

Raquel se perguntava como iria ser a sua vida após a euforia da festa de conclusão. Para comemorar alegremente a festa, ela precisaria saber como seria dali para frente. Decidir o que eles fariam para continuarem a estudar foi um processo interessante. Destaco um trecho de como Raquel percebeu esse momento de sua vida:

[...] certa vez, (o Carlos Roberto – grifos do autora) se reuniu com o professor Manoel Andrade e nessas reuniões [...] eu acho que, com certeza, eles (o Eudimar, o Narcélio o Carlos Roberto – grifos da autora) falaram sobre estudo, porque quando eles chegaram para mim, eles já estavam com o esquema montado, pra dizer se daria certo né. E foi então que o Andrade chamou a minha mãe, o meu pai, os pais do Nacélio, e o Du, para conversar um dia lá na casa do seu Arão, domingo à noite, na cozinha, lembro muito como se fosse hoje, para falar sobre uma possibilidade de formar um grupo de estudo. Mas, eu pensei, “formar esse grupo de estudos como?”, se nem de nada a gente sabia, não sabia fazer praticamente nada, eu tinha apenas aquele pedaço do papel na mão que seria o certificado (se referindo ao certificado do 8º ano – grifos da autora). Mas naquele momento [...] eu não pensei realmente em ficar ali, porque eu sabia que ia ter como eu ir para Pentecoste e estudar lá, mas no

momento eu fiquei pensando, aí [...] um dia a minha mãe se preparou para fazer a matrícula, [...] Lá em Pentecoste, e eu não tive coragem de deixar ela fazer a minha matrícula, [...] ela fez só a matrícula do meu irmão, [...] do Beto, e ele chegou a ir. [...]. Existiam duas escolas lá, uma era João XXIII, que era particular, e [...] outra era Tabelaio. Ele chegou a ir [...] mas [...] ele passou algumas dificuldades, [...] porque nós éramos família pobre, ele usava havaianas para ir para a escola e os alunos começaram a fazer mangofa dele e essas coisas. E daí então foi que eu realmente percebi que nós [...] tínhamos que acreditar em um grupo de estudos. [...]. (GOMES, 2011b)

Percebi que Raquel não pareceu estar muito empolgada inicialmente. Não compareceu a primeira reunião, mas ficava sempre se informando com o irmão e os amigos. Ela trazia o assunto, mas pareceu com dúvidas antes de tomar uma decisão importante em sua vida. Dona Nenê precisou fazer a matrícula, e ao ser questionada por Raquel, ela decide permanecer fora da escola para depois analisar se participaria da experiência do PRECE.

Entendi que, mesmo tendo conversado com o professor Manoel Andrade, sua mãe, por cautela e segurança, fez a matrícula do filho em uma das escolas de Pentecoste, referida antes. De acordo com seu relato, a professora Nenê fez a matrícula, contando com o apoio de um familiar para hospedar o filho, caso fosse necessário, mas na verdade, Carlos Roberto não pareceu gostar da cidade. Destaco abaixo a versão de Raquel sobre sua entrada no PRECE para se juntar ao grupo pioneiro:

[...] O Andrade chamou outras vezes para conversar e acreditamos naquela conversa. Nesse momento eu ainda não tinha idade para começar o ensino médio, (*pela EJA – grifos da autora*) [...] porque aqui em Fortaleza nós precisávamos vir para fazer o supletivo, mas nós precisávamos completar a idade de dezoito anos, [...]. Então nos juntamos [...]. Toinho era uma das pessoas que já estava na ativa como professor. Ele tinha feito aquele programa chamado Logos II. Então foi ele uma das pessoas que contribuiu [...] porque ele era mais desenrolado como fala popularmente as pessoas, [...]. Ele já era professor, ele não tinha tantas dificuldades como nós. Nós tínhamos tantas dificuldades, a gente tinha dificuldade até em conversar um com o outro, dizer como é que ia funcionar, se daria certo. Então [...] ficamos na casa de farinha, eu, o Du, o Orismar e o Toinho. Aí após chegou o Noberto e o Francisco, foi um grupo, [...]. Assim, eu seria uma pessoa muito protegida, [...] e também, ao mesmo tempo apontada pelos outros, né? Porque eu seria a única mulher no meio daqueles tantos homens. Mas ao mesmo tempo eu estava protegida, pois eu estava ao lado do meu irmão e a casa do seu Arão era próxima, e a minha família ficava bem perto [...]. (GOMES, 2011b)

Raquel tinha dúvidas se continuaria seus estudos do ensino médio, devido as muitas dificuldades internas, sempre citadas por ela, nesse processo. Mas, na tentativa de tomar uma decisão, resolveu ir junto com seus pais conversar com o professor Manoel Andrade. Depois da conversa e estimulada pelo apoio dos pais, decidiu ingressar no primeiro grupo de estudos do PRECE com seu irmão Carlos Roberto. O contexto de trabalho

doméstico em que Raquel era envolvida, desde criança, constituía a própria forma de ser de Raquel, a exemplo, suas exigências, meio exageradas com a limpeza, com a organização da casa, isso tudo tomava lugar de prioridade em sua rotina de jovem que precisava também estudar. E como nem todas as pessoas conseguem conciliar duas prioridades; com Raquel, me pareceu ter ocorrido isso, ela teve a dificuldade para ajustar, com êxito, a sua realidade.

Assim como os outros, Raquel iniciou o ensino médio na modalidade EJA no CEJA Professor Gilmar Maia de Souza, em Fortaleza, com a ajuda do grupo pioneiro. Da mesma forma dos outros estudantes, a proposta de estudar na casa de farinha passou a fazer sentido também para Raquel. Proposta essa, apresentada pelo professor universitário que gozava de muita admiração e respeito perante as famílias de Cipó e adjacências. Era perto de casa e eles se sentiam mais autônomos. Vejo em suas narrativas, o espaço de estudo do PRECE como um lugar do coração deles, um local que inspirava liberdade e confiança. Ao meu ver, essa ideia de liberdade costuma exercer uma atração no jovem que, em maioria, ansejava exatamente por isso. Nesse momento de autodescoberta deles como serem autônomos, foram construindo o protagonismo, vocábulo que logo faria parte daquelas jovens cabeças fundadoras de uma experiência inovadora àquela realidade e boa para gerar desenvolvimento local.

Ao chegar à casa de farinha para estudar com o grupo, Raquel se sentia pertencente e bem acolhida pelos amigos. Sabia que não estava isolada porque havia uma casa vizinha, a do seu Arão, pois isso era algo que ela não tinha na casa da fazenda que morava, e assim, ela sentia-se desprotegida quando estava sozinha. Então tudo ali transpirava o melhor para ela que foi se sentindo pertencente ao espaço e cedo resolveu adotar a postura de guardiã da casa no tocante a limpeza do espaço de estudo.

[...] *eu* convidava sempre os meninos para almoçar lá em casa, jantar, [...] [...] às vezes a gente deixava para ir para casa a noite que já era para ter um pretexto para levar eles para jantar lá em casa, porque eu tinha pena de deixar eles com fome, sem condições. Lá existia apenas um fogão e não tinha carvão, não tinha gás, porque nem eles tinham condições e nem os pais deles, eles podiam ir lá na casa deles e ta trazendo, [...] e [...] deixavam para ir a noite para o pessoal da comunidade não ver eles passando [...]. (GOMES, 2011b)

Raquel se esforçava para ajudar os demais colegas em suas necessidades básicas de rotina na casa de farinha e se preocupava com o outro, comparava a sua abundante alimentação com a escassez deles na casa de farinha. Percebo que Raquel impactou a vida dos amigos pelo paradigma do cuidado com o outro. Ela cuidava deles com atenção, zelo, amor e

serviço. Ela os tratava como irmãos. Penso que eles jamais vão esquecer a presença de Raquel na vida deles.

Além disso, havia ainda o tempo das brincadeiras entre Raquel e os amigos, a hora dos carões quando ela encontrava a casa de farinha suja e bagunçada, já que eles não conservavam a limpeza da casa. Raquel ouvia os desabafos, as histórias de vida, por exemplo, o fato de terem vergonha de passarem em frente as casas de suas comunidades para visitarem os pais e pegarem comida; por isso deixavam para ir a noite para que o pessoal da comunidade não os vissem e, conseqüentemente, não falassem negativamente acerca da decisão de morarem em uma casa de farinha apenas estudando e sendo sustentados, mesmo que precariamente, pelos pais e pelos amigos.

[...]. Eu sei que quando o tempo foi passando e nós fomos estudando em grupo, foram muitas lutas e - muitas vezes eu pensei em desistir e deixar tudo para lá, né? Mas assim, quando eu via que só acreditando no sonho e lutando que eu ia conseguir superar todas as lutas, todas as dificuldades foi que continuei né? E naquele grupo às vezes, eu era uma das pessoas mais [...] relaxada com meus estudos porque eu era uma pessoa que gostava muito de limpeza, que não gostava de estar no meio de qualquer coisa desorganizada [...]. (GOMES, 2011b)

Raquel ia se encontrar com os outros seis na casa de farinha. Lá, Francisco Gonçalves a ajudava com a disciplina de biologia, dentre outras colaborações vindas dos outros. Pelo fato de seus pais trabalharem em fazenda onde tinha mais alimentos, Raquel e Beto tinham uma situação alimentar melhor que os demais precistas da sua época. Mesmo assim, isso não garantia a neutralidade de possíveis problemas porque, no caso de Raquel, talvez fosse necessário a ela cultivar esse sentimento de colaboração com a nutrição e higiene dos amigos.

Ela oferecia algo importante para eles, o sustento e a limpeza e eles também ofereciam algo valioso para ela, o saber e o estímulo, talvez por isso Raquel nunca tenha desistido, porque ela se sentia incluída, pertencente e amada por eles. Destaco um texto de Raquel que mostra esse zelo pela casa e pelos amigos, quase irmãos:

[...] Sempre quando eu chegava à tarde para estudar, os meninos: Orismar, o Du, o Francisco. O mais organizado era o Toinho, eles sempre tinham deixado alguma coisa desorganizada, né? E eu não chegava lá e ia pegar logo meu livro não, eu ia fazer alguma limpeza, varrer, cuidar. Eu me preocupava muito com os meninos, com as roupas deles, com as coisas deles, porque assim, eu queria ver eles - não só apenas formados, mas eu queria ver eles cuidados e zelados, por eu saber que os pais deles não estavam ali. [...]. Nós morávamos na casa grande né? E lá nós fazíamos um queijo, uns cinco quilos, eu sempre procurava tirar, como as pessoas chamam, beirada de queijo, levava rapadura, farinha, as coisas para mim e não só para eles, pra eu comer e eles também. Porque [...] eu tinha pena deles, quantas vezes eu já cheguei lá e via eles comendo farinha com açúcar. E as redes deles, sem condições, eu levava para lavar as roupas, cuidava, lavava, engomava, porque assim,

para mim eles eram, ainda são até hoje como se fossem meus irmãos. [...]. (GOMES, 2011b)

Vejo que tudo tem relação com a forma que a pessoa se sente, Raquel não se sentia menor pelo serviço que prestava aos amigos, ela não se sentia obrigada a fazer tais coisas, pelo contrário, ela se sentia muito bem em ajudar os seus pares naquele momento de vida, na casa de farinha. Era uma pessoa bastante organizada e se sentia responsável por cativar seus amigos de estudo. Dessa forma, percebi que Raquel contribuía para o sentimento de irmandade.

Segundo Raquel, a primeira dificuldade enfrentada, na época, era o fato de ser a única mulher em um grupo de seis homens, a moça que não podia ficar à vontade sem a presença de alguém da família. Em uma sociedade machista, no espaço e tempo da década de 1990, havia uma cultura preconceituosa que se expressava com força por meio de pensamentos retrógrados sobre as mulheres e homossexuais, por isso algumas pessoas desvalorizavam sua presença no meio dos rapazes.

Esses intragáveis comentaristas não viam isso com bons olhos, contudo, ela continuou a estudar no grupo. No depoimento de José Noberto, ele expressa o mesmo sentimento que Raquel, ele também expressa sua tristeza ao falar que os outros estudantes também foram alvos de homofobia e difamações do tipo: “um bando de preguiçosos vivendo juntos sem trabalhar”. (BEZERRA, 2011). Abaixo apresento o relato de Raquel que discute esse tema:

[...] porque algumas pessoas da comunidade chamava a gente de os desocupados, os vagabundos, que iam virar gays, que ia acontecer isso, que ia acontecer aquilo. Mas [...] a gente nunca levou isso em conta porque eles eram pessoas menos esclarecidas, não conheciam uma educação de qualidade, não eram voltados para as políticas públicas e a gente sabia que as pessoas da comunidade falavam sem nenhum sentido. Ruim mesmo era quando você via [...] algum professor, que realmente sabia o que era a educação e eles em vez de nos ajudar, eles apontavam e saíam fazendo comentários sobre a gente, [...], *com* medo da perda dos alunos deles, *para* a instituição ((PRECE)) *porque* foi crescendo, o número de pessoas [...] aumentando, e eles foram tendo medo que iam perder o espaço deles na educação, mas eles não poderiam pensar assim, eles tinham é que se juntar a gente para acreditar que dias melhores viriam pela educação. E quando a primeira pessoa passou no vestibular que foi o Antonio Rodrigues [...] conhecido como Toinho, começou a modificar aquela comunidade, a comunidade começou a acreditar né? *Que* nós existíamos lá, [...] que fazíamos parte do PRECE, [...] a maioria das pessoas, [...] fazem parte do PRECE [...]. (GOMES, 2011b)

Em relação aos comentários negativos sobre o PRECE, relatados não somente por Raquel, mas também por outros precistas pioneiros representam o pensamento de uma sociedade rural com muitas particularidades e características de um espaço onde não há muita

aceitação do diferente, onde há intolerância e práticas conservadoras. Além do mais, essa sociedade rural é pouco afeita ao novo, àquilo que está fora do usual, do comum, do que é conhecido por muito tempo e aceito, portanto, carregam um ranço tradicional. Não quero dizer que isso seja geral, mas ocorre, costumeiramente, em determinados espaços interioranos de nossa região.

Esses problemas somados a outros gerou nela uma fase de desestímulo. A conjuntura de responsabilidades que ela priorizava foi deixando-a para trás nos estudos do PRECE. Sua ausência nos momentos de estudo no grupo para se dedicar a outras atividades causou nela um descompasso com o grupo. O desestímulo de Raquel a distanciou do grupo de estudo precisa e, nas buscas próprias da juventude, foi se envolvendo com outras atividades da comunidade, no âmbito da arte e cultura nas escolas primárias da região, próxima ao Cipó.

Além disso, em 1998, surgiu uma hérnia de disco em Raquel e isso fez com que ela não pudesse mesmo ir para a casa de farinha e nem mais trabalhar em atividades manuais de forma intensa. Todas essas particularidades da vida de Raquel fizeram com que ela participasse mais intensamente nos primeiros quatro anos de existência do PRECE, dando uma arrefecida por um tempo. Porém, seu sonho não parou nesse espaço de tempo, pois a contínua participação de seu irmão Carlos Roberto e de suas duas irmãs mais novas, Carmem e Lucinha, reacenderam as suas memórias dos estudos no grupo pioneiro e essas lembranças, movidas pela “pedagogia do exemplo”, a fizeram voltar a estudar com foco e a caminhar em direção à realização de seu sonho que era “fazer um curso superior e se tornar uma profissional melhor”. (GOMES, 2011b).

Estimulada, Francisca Raquel resolveu recomeçar os seus estudos e em 2000 iniciou um curso de secretariado escolar à distância pela Fundação Demócrito Rocha, indo lá apenas para fazer as provas. Como há tempo para todo propósito debaixo desse universo, o tempo da realização do sonho de Raquel chegou como ela desejava: fazer sua graduação sem sair de Cipó para morar em Fortaleza. Dessa forma, em 2002, ela começou a graduação em História pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), em Pentecoste, com a diferença de que essas universidades cobravam mensalidade. As fotos da (Figura 53) representam, à esquerda, esse momento da volta de Raquel e, a da direita, a marca da sua primeira vitória, a festa de formatura.

Figura 53 – Francisca Raquel e logo do PRECE no campo de futebol (Cipó) e na formatura em História



Fonte: Memorial do PRECE.

Nesse momento, no município de Pentecoste, já existiam formas de estudar no nível superior por núcleos de faculdades que ofereciam cursos de licenciaturas e funcionavam em sede de escolas públicas da cidade. Em 2009, ela iniciou um trabalho na secretaria de educação do município de Pentecoste com um contrato temporário, mas, após sete anos, foi demitida por questões políticas ligadas ao pleito eleitoral. Depois dessa experiência, tem assumido contratos temporários de professora de História/PDT na Secretaria de Educação do Estado do Ceará nas escolas/núcleos do ensino médio nas comunidades rurais próximas a Cipó. Em 2012 fez uma pós-graduação em História do Ceará na Universidade Vale do Salgado. Como vimos, Raquel, mesmo tendo passado por muitas dificuldades, não desistiu. Tenho certeza de que a presença do coletivo na vida dela foi crucial para continuar seu percurso de vida estudantil e formativo. Contudo, Raquel hoje passa por várias experiências de ensino na escola onde trabalha para onde leva os princípios do PRECE e conta sua história de vida em diversos eventos públicos ao ser convidada, nos mostrando o quanto foi importante para sua vida profissional e pessoal, sua participação no grupo de estudo pioneiro.

Destaco ainda o valor que teve, na vida de Raquel, os estudos com o primeiro grupo e como isso a fez resistir e aprender, pois toda experiência produz o saber fazer e gera

conhecimentos que nos dão a competência profissional em nosso campo de atuação, de trabalho e isso nos capacita para a vida, pois como somos sujeitos integrais, toda nossa aprendizagem não tem limites, ela não é algo que utilizamos somente em determinados ambientes e em outros não.

A nossa formação está em nós, em nossas emoções, ideias, escolhas, ações e modo de fazer as coisas, em todo lugar. Vi na convivência entre os estudantes na casa de farinha, grandes momentos formativos que foram lapidando, forjando cada um para um dia se tornarem, quase todos professores, pois hoje, dos sete primeiros estudantes, quatro são professores atuantes, dois no ensino básico público e dois no ensino técnico federal. Em relação a afetividade, algo tão importante de se levar em consideração, hoje na educação, percebo na história de vida de Raquel, como na dos outros precistas, essa questão presente em todo momento. Eles eram cercados pelos afetos, no ouvir as histórias uns dos outros, na ajuda que ofereciam e que recebiam para ajudar a resolver os problemas.

No momento da partilha de conhecimentos, no estudo em grupo, na hora das refeições quando dividiam o almoço ou o lanche, no emprestar as coisas que faltavam ou dinheiro; até nas defesas que faziam uns dos outros quando, por algum motivo, havia um desentendimento. Esse começo já era marcado pela preocupação com o outro e com a causa coletiva; e essa preocupação em contribuir para o bem comum já demarcava uma relação afetiva que assinalava a promoção de uma educação emocional que, sem dúvida alguma, gerava um clima emocional propício ao aprendizado no ambiente da casa de farinha. Isso era visível e hoje reside em cada depoimento dado pelos pioneiros dessa experiência. Sobre isso destaco o que pensa Castro (2014) acerca do valor da afetividade na aprendizagem:

[...]. A meu ver, a afetividade não é devidamente destacada na formação humana. [...] Apesar de estudos que indicam a relevância do papel das emoções e sentimentos na interação humana, no processo de desenvolvimento e aprendizagem, tudo se passa como se nada sentíssemos enquanto pensamos, estudamos, descobrimos, conhecemos – mudamos”. [...]. (CASTRO, 2014, p.28-29).

Percebo pela minha prática de estudo e ensino e pelas experiências de vida dos precistas em análise, que o aprender é mais eficaz quando vem pelo sentimento, mediado pelo amor daquele que ensina por aquele que aprende. E as emoções favorecem o cognitivo na aquisição de conteúdos, historicamente construídos pelas sociedades de todas as épocas, na esfera global e local. Baseando-me na história de vida de Raquel, pude perceber que a pedagogia do exemplo de cada estudante do PRECE e, especificamente, a participação de seu irmão e suas duas irmãs no grupo e, conseqüentemente, a aprovação deles(as) para a

universidade, foram de suma importância para estimulá-la a vencer todos os seus obstáculos e a realizar os seus objetivos de estudos e profissionalização.

Atualmente, Raquel deseja continuar trabalhando na docência e fazer pesquisas na área. Além disso, procura aplicar em seu trabalho na sala de aula, as ideias do projeto que viu nascer, há poucos metros de sua casa, em Cipó. O que mais me tocou na narrativa de vida de Raquel foi a persistência, a busca de solução para os impedimentos que as travessias da vida apresentaram. Ela captou o que estava ao seu alcance, sem grandes sonhos que poderiam, de forma utópica, nunca serem realizados, mas entendeu aquilo que, de fato, poderia fazer bem e com os pés no chão prosseguiu e obteve sucesso.

5.7 Francisco José Teixeira Gonçalves: das pescarias no açude aos bancos da Universidade Federal do Ceará, esboços de uma biografia

Francisco José Teixeira Gonçalves nasceu em Pentecoste, em 1975 e cresceu na comunidade de Jardim, próxima da comunidade de Cipó. É filho do pescador e agricultor Antônio Inocêncio e da agricultora, Marta Teixeira. No ensino fundamental, Francisco estudou na escola da comunidade de Capivara, longe de sua casa, portanto andava em torno de cinco quilômetros em sol forte para chegar à escola. Quanto não estava na escola, ajudava seu pai na agricultura e na pesca. Gostava mais da pesca em açudes com seu pai do que plantar e capinar matos. Das pescarias, tiravam parte da renda familiar.

Semelhante aos outros relatos, Francisco tinha consciência da necessidade de trabalhar com seu pai para garantir o sustento da família. Em seu memorial, ele relata:

[...]. Eu lembro naquela época meu pai, antes de receber o lote, ele trabalhava, [...] para o patrão, não sei se era de meia ou era de terça, sei que muitas vezes a gente ia pro roçado, pra vazante, pegava o feijão, dividia tudo no meio e eu lembro que meu pai ia devolver a parte do patrão, entre aspas, é dito que a terra foi deixada por Deus e não disse pra quem era. Ainda alcancei essa relação de meia, trabalhe e a metade do seu suor vai para alguém que se diz dono da terra. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Como pontuei acima, Francisco estava lado a lado com seu pai; entendia como era a vida dura dele para garantir a sobrevivência de sua família em uma região do semiárido como a nossa, no Ceará, que sofre com o problema da falta de água, da falta de terra, da falta de escolas no campo, da falta de saúde, da falta de coisas básicas na vida de uma pessoa; essa era a realidade das famílias de baixa renda que compunham o público estudantil do PRECE, na década de 1990.

A realidade educacional do município é, a todo momento, apresentada a partir das falas dos protagonistas do PRECE quando narram as dificuldades que encontravam para estudarem. Foram essas dificuldades que fizeram do PRECE tão importante e fundamental na vida de cada estudante que viu nele a pedra fundamental para a realização do sonho - a formação acadêmica e profissional que nortearia seus destinos. Francisco José, assim como os outros agentes fundadores do projeto, saiu de um lugar humilde e simples; vinha de uma situação incerta, aquela que hora tem fartura, hora a despensa está vazia. Dias em que o açude estava seco, a chuva não vinha e a terra não estava disponível, pois a mesma não pertencia a seus pais e assim eram várias as lacunas.

[...] lembro que nessa época a gente não tinha escola naquela região, a escola que se tinha era em Pentecoste, ficava a 15km, então tinha uma prima nossa que morava lá perto, (*da casa dele* – grifos da autora) ela tinha passado um tempo em Fortaleza e aprendeu, **se alfabetizou, fez a segunda, terceira série**. Comparada com a gente, ela tinha um certo conhecimento. E ele (*o pai dele* – grifos da autora) pagou ela pra nos alfabetizar. Nessa época era eu e mais minhas duas irmãs mais velhas. A gente ia pra lá e ela ensinava pra gente. [...]. Após ela, eu lembro que a gente foi estudar numa escola que ficava do outro lado do açude. Ia eu e minhas duas irmãs, eu remando, acostumado a remar canoa, um pequeno barco. Eu ia remando em torno de quase 1km na água, remando, remando. Quando chegava lá, a gente andava mais uma meia hora pra chegar na escola, e ali eu lembro que eu fazia o que hoje é equivalente ao primeiro ano, não cheguei nem a terminar. Depois disso eu fui estudar na Capivara, localidade distante 5 ou 6km de onde eu morava, quando eu comecei ia todo dia a pé. [...]. Comecei lá na **segunda série**, e lá eu fiz até a **sétima série**, quer dizer, não cheguei nem a terminar a sétima série, porque a sétima série eu teria terminado se tivesse até o final do ano, porque em 94, quando eu ia terminar a sétima série, logo em outubro de 94, eu passei a fazer parte do grupo que hoje a gente conhece como grupo do PRECE, que foi iniciado em 1994. [...]. (GONÇALVES, 2011).

A narrativa de Francisco resume a dificuldade que todos nós do PRECE passamos para conseguir a nossa formação acadêmica. A história de cada um dos sete e a nossa, líderes que caminhávamos juntos com eles, tem pontos convergentes que se relacionam fortemente, pelo fato de termos a mesma origem, vindo de famílias de baixa renda, do mesmo espaço social com os mesmos problemas inerentes a desigualdade social pela qual passa nosso país, dentre outras questões da esfera subjetiva de cada indivíduo parte desse objeto de análise.

A realidade desse jovem do interior que sonha, mas não sabe direito como realizará esse sonho não é fácil porque se vê rodeado de empecilhos e obstáculos, dessa forma, os jovens populares podem vencer, porém com muito mais desafios pela frente. A situação de Francisco José e a vontade de mudar a sua realidade se encaixaram muito bem ao convite feito pelo professor Manoel Andrade, que já era conhecido como alguém que tinha potencial para lutar por transformação social através do esporte e da educação.

Esse legado de Manoel Andrade foi estimulante e definidor para Francisco tomar a decisão de estudar no PRECE. Isso se solidificou cada vez mais, posteriormente, a partir do sucesso acadêmico de cada um dos sete agentes fundadores do PRECE. Segue o relato em que Francisco expressa o momento do convite feito a ele:

[...] Como eu falei anteriormente, em 94 eu recebi o convite. [...] o Té, o Luís, chegou lá de bicicleta e falou: “Francisco, o Andrade quer conversar com você”. Naquela época a gente falava do Andrade como uma pessoa ilustre na região, minha professora falava muito, se referia sempre ao Andrade como uma pessoa muito ilustre, professor de universidade. Eu fiquei animado, curioso. O que será? Para quê? Conversar comigo? Até então eu jogava futebol, saía todos os finais de semana, domingo à tarde, para jogar futebol, e às vezes eu encontrava o Andrade nesses campos de futebol ali pelo interior, na maioria das vezes na Capivara, Tamarina, Cipó, Serrinha, e ele chegava pra mim e perguntava: “E aí, está fazendo o quê? Está estudando?”. E eu dizia: “Estou estudando”. Mas nunca entendia o porquê da pergunta. Sempre que a gente se encontrava, nem o conhecia direito, mas ele não perdia a oportunidade. [...]. Nesse dia eu tive a oportunidade, o Andrade me chamou, a gente tomou um café na cozinha, [...] depois a gente se reuniu na igreja e falou de todos os seus planos com relação à criação do PRECE. Foi uma proposta que veio realmente como resposta para aquilo que eu estava procurando. “Vocês vão ter a oportunidade de reunir um grupo nessa casa de farinha, vocês vão ter dificuldades, com certeza, mas se vocês souberem passar por essa oportunidade, vocês vão vencer, vocês vão ser universitários, vocês vão ter o nível superior, vão ser profissionais, vão ganhar o dinheiro de vocês, vão construir uma vida mais digna pra vocês, pra família de vocês”. E aquilo ali era um sonho que eu tinha em mente que achava muito difícil de conseguir. [...]. (GONÇALVES, 2011).

A forma dos relatos biográficos muda, mas o tema continua o mesmo, o valor do PRECE na vida deles, o como se deu todo o processo de participação de cada um a partir do primeiro chamado.

É interessante ver a curiosidade do jovem Francisco acerca do chamado do professor Manoel Andrade para vir para o projeto social. Também o modo como ele via a figura do professor, alguém que lhe chamava a atenção ao lhe dirigir a palavra nos campos de futebol: “E aí, está fazendo o quê? Está estudando?”. E eu dizia: “Estou estudando” (GONÇALVES, 2011). Mas nunca entendia o porquê da pergunta. Mais uma vez, o ambiente de jogo faz parte desse contexto biográfico analisado. É interessante ver que Manoel Andrade tinha um sonho coletivo e mirava pessoas para se juntarem em prol de um propósito coletivo. Depois do convite, veio o iniciar da parte prática. Sublinho mais um relato de Francisco que demonstrará o início do PRECE na visão dele:

[...] Eu lembro que logo na semana seguinte a gente já começou a morar na casa de farinha, aliás, já começou a frequentar a casa de farinha. Começamos especificamente no dia 18 de outubro, se eu não estou enganado, uma segunda-feira. Sentamos à mesa eu, Toinho, Raquel, Beto, Du, eram 5, para estudar história, com aquele livro de Nelson Piletti, um livro muito bom. A gente estudava juntos, lia um capítulo, cada pessoa lia um parágrafo, e assim ia levando. A primeira semana foi assim. Tinha o intervalo, quando dava 8, 8:30, a gente dava uma parada, ouvia umas

três músicas e começava de novo, ia até 9:30, por aí. Na primeira semana, todas às vezes, depois de 9:30 para 10h da noite, eu me deslocava para o Jardim na minha bicicleta. Na primeira semana logo eu percebi que isso não ia dar certo. Lembro que o Andrade disse: “Se não está dando certo assim, vão morar na casa de farinha”. Eu acho que era uma vontade dele que realmente se morasse ali, porque ali ia se criar um grupo que ia viver o dia-a-dia, que ia vencer as dificuldades juntos. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Morar na casa de farinha foi um diferencial do que se vivia no ensino formal, onde a prática escolar se posicionava muito distante da realidade do estudante. Além de terem um espaço só para si, ainda contavam com parceiros de estudos, ou seja, criariam um grupo de estudo onde seus participantes vinham da mesma localidade, com pontos positivos e negativos em comum e lutariam por uma mesma causa; vejo isso como algo muito estimulante para impulsioná-los ao sucesso que hoje celebramos.

O local não era bom para se morar, mas o mais importante foi a liberdade que tinham lá, essa vida livre e solta é atraente para o jovem que sonha exatamente com a possibilidade de ser protagonista de seu próprio destino. Outro ponto fundamental foi a integração de sonhos e de propósitos que cada um trazia ao aceitar o convite do professor Manoel Andrade. A possibilidade de sonhar juntos foi algo que uniu esse grupo pioneiro da história precista.

Outro ponto da história de vida de Francisco José que me chamou atenção foi a firmeza com que ele decidiu deixar a escola regular, algo seguro e oficial para iniciar um projeto que ainda só estava na cabeça do líder principal. Penso que em nossa vida, uma das coisas mais importantes é sabermos tomar decisões com esperança e fé de que elas nos trarão coisas boas, e a decisão de Francisco, aparentemente, parecia uma loucura, mas hoje vejo que ele fez a coisa certa. Francisco destaca a orientação de Manoel Andrade para eles morarem na casa de farinha. Percebi que isso foi definidor para o sucesso de cada um nos estudos, pois estar morando juntos na hora da necessidade individual, havia os outros com atitude solidário e isso foi gerando um espírito de união e apoio mútuo. Lembro ainda que Manoel teve uma experiência similar, morando em uma casa abandonada em Fortaleza com alguns amigos para estudar para o vestibular, então morar na casa de farinha foi uma decisão importante na vida dos estudantes precistas.

A fala de Francisco sobre o passo a passo dos estudos preliminares do grupo nesse relato me passou segurança. Parece estranho, já que isso ocorreu há 25 anos, mas me toca muito e valida a experiência do PRECE que, com o passar do tempo, foi se aperfeiçoando até chegar no que hoje é com a sistematização da experiência baseada na metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Vejo que houve um trabalho não tão diferente do que se faz em

uma escola regular: Estudo: uma escolha de livro didático, um conteúdo, uma estratégia e um tempo; Descanso: um tempo para o intervalo. Tudo regado pelo protagonismo ou posso ainda dizer, pela pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996). Esse foi o processo formativo mais verdadeiro que pude vivenciar e agora refletir por meio das bases teóricas, resultantes das pesquisas em autobiografias e formação. Destaco o relato de Francisco sobre o momento em que saiu da escola regular:

[...]. Nessa primeira semana eu estudava à tarde na escola convencional, só que, quando eu fui morar na casa de farinha, eu cheguei para minha professora e disse: “Olha, dona Lucinha, o Andrade me convidou para gente criar um grupo de estudo lá no Cipó, e eu estou pensando seriamente em abandonar aqui de vez e ir para lá”. Eu lembro que na época a dona Lucinha estava com alguns alunos envolvidos com educação e disse: “Como é que você vai sair de uma escola convencional, que vai te dar um diploma, e vai para um local que você não tem diploma, você fica solto. Você vai fazer isso? Está terminando a sétima série”. Mas eu tinha uma confiança muito grande no Andrade, não tive dúvida, e ela não me convenceu, eu realmente sabia que ia para um local seguro: “Dona Lucinha, é isso que eu quero, vou para lá, a gente vai criar um grupo de estudo”. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Todos os sete estudantes pioneiros, em algum momento, tiveram que tomar uma forte decisão, a de deixar, pela primeira vez, a escola onde estudava, a casa dos familiares, o conforto de estar onde você é “filho de rei e rainha” para residir na casa de farinha.

A professora Lucinha, com suas palavras, representa os demais professores que sabiam acerca da criação do projeto e das decisões tomadas pelos estudantes que optavam por sair ou deixar de se matricular na escola regular; eles ficavam chocados com aquela atitude nova, decisiva sobre o seu destino. Esses professores não costumavam ver semelhante coisa, dentro de um contexto de dominação também na área da educação que não desenvolvia o senso crítico dos estudantes para opinarem e tomarem as decisões sobre a sua própria vida.

Francisco Gonçalves e os demais pioneiros estavam cheios de fé e crença no sonho do professor Andrade que era também o deles, o sonho coletivo precisa. Assim, aceitaram o convite para iniciarem uma trajetória de estudos em grupo com vistas ao alcance, em curto prazo, da formação acadêmica e profissional, tão sonhada por eles. Juntos descobriram que se conseguissem chegar à universidade, suas vidas melhorariam:

[...] Na segunda semana já começamos a morar lá. Eu acho que uma ou duas semanas depois o Orismar chegou. Umas três semanas depois, o Norberto. Por isso eu costumo dizer que foram 7 pessoas que criaram o PRECE porque, se você contar os 5 primeiros que entraram, logo após vieram o Orismar e Norberto, um período muito curto. [...] Na minha opinião, [...] esses 7 eu considero iniciante porque estiveram ali no início e botaram a ideia pra funcionar. Na casa de farinha a vida corria tranquila e ao mesmo tempo difícil. Tranquila porque você tinha liberdade, tinha os livros, tinha a mesa, tinha sua rede, dormia na hora que queria, estudava. [...]. (GONÇALVES, 2011).

De fato, eles colocaram a ideia em prática. Tomaram uma decisão não muito usual, pois tratava-se de algo novo, de uma ideia revolucionária, de transformação de mentalidades e a convivência na casa de farinha proporcionou uma educação além dos conteúdos, proporcionou, aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser (DELORS, 2003). Eu poderia discutir esses quatro pilares propostos para uma educação do século XXI, porém, não farei pela extensão do propósito tomado. Na casa de farinha, a vida “corria tranquila”, mas “difícil”, acontecia livremente, sem amarras, leis rígidas, rigores burocráticos, vigilância, grades, sermões, dentre outras formas próprias do sistema escolar formal de ensino essas características destacadas por Francisco era ponto positivo para o sistema PRECE; era um diferencial importante quanto a escola formal que favorecia o aprendizado.

E quanto à experiência de estudo, eles dispunham do básico que precisavam e que até então não existia em nenhuma escola regular: liberdade, mesa, livro, rede para deitar ler ou para dormir, assim, havia um simples esquema e isso se agigantava pela força do sonho da formação acadêmica tão propagada pelo professor Manoel e tão bem recebida por todos os sete agentes integrantes do projeto. Segue mais um excerto desse começo na visão de Francisco Gonçalves:

[...]. Normalmente a gente tinha o hábito de estudar a manhã todinha, logo no início, à tarde a gente estudava até 4h, depois ia jogar um futebolzinho. Nessa época, à noite, ninguém estudava porque não tinha luz, com exceção do Norberto, que conseguiu na casa da mãe dele uma lamparina, nessa época ele fazia o supletivo do primeiro grau e precisava terminar, então ele conseguiu na casa da mãe dele uma lamparina. Ele costumava estudar à noite, mas os demais não estudavam à noite porque não tinha nenhum esquema de iluminação. Depois de história, a gente começou português, geografia, biologia, e assim a gente terminou todas as disciplinas. [...]. (GONÇALVES, 2011).

No texto, destaco que o principal pilar da metodologia era o estudo em grupo. Arelado ao grupo, vem uma série de fatores dignos de nota que são o protagonismo juvenil e a convergência de sonhos e propósitos. Francisco gosta muito de relatar como era o processo metodológico de estudo em grupo e dos recursos existentes para possibilitar o avanço nos estudos. Então havia o tempo bem definido para o estudo que, para alguns, ocorriam somente durante o dia pelo fato de a noite ainda não haver energia elétrica; para outro dava certo ou talvez pela emergência que tinha em concluir etapas de estudo, precisava enfrentar os estudos à luz de lampeão a bateria, a gás ou a lamparina, assim eles caminhavam. Pontuo mais um texto para análise:

[...]. Eu lembro que a gente foi estudando, eu comecei a [...] estudar mais pela área de biologia, o Toinho, mais pela geografia, o Beto, mais pela matemática, e a gente [...]começou a pegar nome nessas disciplinas. Lembro um certo ano, nas férias nós demos curso das disciplinas para os alunos. Na época era na casa de farinha: “Vai ter

o curso de biologia na casa de farinha”. E os alunos se matriculavam e iam, tinha o grupo e eu era o professor de biologia, me sentia muito honrado de fazer isso. O Toinho era história, geografia, o Beto, matemática. E aí as coisas foram andando, de forma que logo no primeiro ano o Toinho já começou a pensar em vestibular: “Olha, Andrade, eu acho que eu já estou numa condição que dá para arriscar o vestibular”. [...] ele se inscreveu no vestibular e passou em primeiro lugar para o curso de Pedagogia, na UFC. Isso foi uma bomba de incentivo para os demais que tinham ficado na casa de farinha. Eu particularmente recebi isso como uma coisa muito boa, porque eu estava querendo uma coisa que eu sonhava muito, que era entrar numa universidade, e às vezes eu nem mesmo acreditava que eu pudesse conseguir isso, ter condições de estudo, porque não era uma escola convencional que você tem uma receita de coisas que faz e no final das contas entra na universidade, a gente era mais por nossa conta. Foi muito incentivadora essa aprovação do Toinho. Em meados de 1996 o Toinho entrou na universidade, e no início de 1997 foi a minha vez. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Como destaquei acima, os estudantes fundadores foram ganhando mais competência acadêmica nos conteúdos, cada um foi gostando de determinada área e foram se vendo no *habitus* professoral, dando cursos e tendo sucesso nas experiências que iam se lançando, de forma que isso foi proporcionando a eles mais autonomia, mais cooperação e solidariedade de uns para com os outros.

Toda essa valorização pública dada a eles pelos próprios professores deles nas séries iniciais, os quais vibravam com o sucesso de seus antigos estudantes, fazia com que se sentissem bem e felizes. Esse momento de euforia fez com que Francisco Antonio se sentisse preparado para tentar o vestibular e sua aprovação estimulou muito a todos os outros recistas pioneiros, incluindo Francisco Gonçalves o qual passou a ver que seria possível. Sobre a alimentação, todos falam algo que diz a mesma coisa, os seus pais não podiam dar uma boa alimentação a eles, e era muito difícil a vida naquele sertão da década de 1990.

[...]. Era difícil porque não existia um esquema de alimentação, na casa de farinha, principalmente água, era difícil. Nossos pais eram pessoas com condições financeiras muito difíceis. Para comprar coisas de necessidade pessoal, como sabonete, xampu, sabão para lavar suas roupas, no interior se suja muita roupa, joga futebol, sua, vai a uma viagem volta todo cheio de poeira. Não tinha dinheiro para nada. Algumas pessoas tinham mais dificuldade ainda. Meu pai, por exemplo, não tinha condição de me ajudar, nem minha mãe. [...] (*na casa de farinha* – grifos da autora) eu lembro que várias vezes a gente acordava de manhã e não tinha nada para comer, e a gente se refugiava como podia. Eu muitas vezes ia para o Jardim, que ficava a 6 ou 7km, [...]. (GONÇALVES, 2011).

Nessa situação, a partir do momento em que os estudantes se dispunham a dar o primeiro passo para a caminhada de estudos e seleções, a ajuda da comunidade foi um grande diferencial na vida deles. As pessoas que, desde a origem do projeto foram pilares de sustentação da ideia se colocavam para acolher esses jovens sonhadores que se permitiram ser ajudados, penso eu, de uma forma humilde, corajosa e esperançosa.

Essa postura aberta de cada um surtiu um efeito positivo enorme que impactou outros estudantes que viriam, posteriormente, e ainda hoje impacta pela forte história de vida deles. Apresento mais um texto da fala de Gonçalves:

[...] mas era muito comum também eu ir pra dona Neném, que é uma pessoa que me ajudou muito, ela morava pertinho, e não conto as vezes em que eu ia para lá à tardinha, jantava, dormia e quando voltava de manhã pro PRECE já tinha merendado, e às vezes voltava meio-dia também. Foi uma pessoa que praticamente me criou ali, e eu agradeço demais, foi uma das pessoas que mais me ajudou. Nos finais de semana, talvez para não dispersar, o senhor Arão e a dona Fransquinha sempre nos ajudaram, a gente sempre almoçava e jantava por lá. Geralmente o senhor Arão matava um carneiro e a gente era convidado, um convite muito bem-vindo, porque a gente não estava querendo sair dali, porque o Andrade tinha chegado de Fortaleza e trazia palavra de conforto, incentivo e motivação para gente. Se a gente saísse dali seria uma perda, então normalmente a gente ficava lá, era importante ficar ali. Frequentemente nos finais de semana o senhor Arão nos sustentava lá. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Sobre o problema da alimentação dos primeiros estudantes residentes na casa de farinha, muitas estratégias eram traçadas pelo professor Andrade. O PRECE não tinha corpo institucional com captação de recursos financeiros, funcionava a partir de pequenas doações de livros e algum dinheiro de dízimos da congregação da Igreja Presbiteriana de Cipó. As doações de material didático eram menos. A ação voluntária acontecia pelas aulas e palestras de professores amigos do professor Andrade, dessa forma, não havia recurso financeiro para custear a alimentação dos jovens estudantes. Com isso, Andrade desenvolveu ideias e uma delas, vejo no relato seguinte:

[...]. O esquema de alimentação era um conjunto de coisas. O Edu trouxe o fogão, trazia farinha, peixe, o Orismar trazia feijão, o Norberto trazia arroz. A gente criou esse esquema no início, mas não tinha a organização necessária, de forma que alguma coisa faltava. Gente que joga futebol, que anda muito, come muito. De uma hora para outra faltava o arroz, o feijão, e tinha a prestação de socorro que eram os vizinhos. Eu lembro que Andrade sempre se preocupou com essa questão da nossa alimentação, com os alimentos básicos, proteínas, carboidratos, procurava que a gente tivesse uma alimentação variada. Teve um certo tempo tentou uma vazante na beira d'água e tinha que cuidar dessa vazante para tentar produzir feijão e ser autossuficiente na nossa alimentação. Lembro que o Orismar era nosso cozinheiro, ficava na casa de farinha e fazia a nossa alimentação. Pelo que eu lembro, não funcionou bem direito, logo depois as coisas tomaram outro rumo. O Orismar fazia o almoço e, claro, para ele não fazer o mesmo trabalho à tarde, ele fazia tudo de uma vez, o que sobrava do almoço ia servir para janta, para não trabalhar duas vezes e sobrar mais tempo para estudar. A gente se virava dessa forma. Até o tempo em que eu morei no Cipó, o ano de 1996 todo, as coisas funcionaram mais ou menos assim. Se eu não estou enganado, teve um período que a gente fez a alimentação no senhor Arão, tinha um esquema que a gente almoçava no senhor Arão e fazia um serviço, trabalhava e ele garantia a nossa alimentação. Quando eu saí, em 1997, ainda estava nesse esquema. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Para o homem que vive na região Nordeste se sustentando pela agricultura de subsistência, a segurança alimentar de sua família sempre foi algo preocupante, porque se alimentar é algo básico na vida do ser humano. A vida dos sete estudantes fundadores do PRECE evidenciou o maior problema das famílias populares de nossa região, a própria subsistência. Viver na casa de farinha, fora do círculo familiar, fazia com que fosse dividido o pouco de alimentos que seus pais conseguiam e, além disso, esse alimento trazido por cada um ainda era repartido com os outros colegas do grupo dos sete. Assim, a partir dessa partilha de tudo, até da “multiplicação dos pães” vejo que se formava naquela casa de farinha abandonada, a célula mãe, forte e resistente, e dela nasceriam muitos brotos como tem se reconfigurado a cada época – a grande família precista no estado do Ceará. Segue uma fala sobre a casa de farinha

[...]. A casa de farinha era uma casa ampla, havia sido construída uns quatro ou cinco anos atrás, acho que em 1992 ou 1993, e logo em 1994 a gente começou a morar lá. Uma casa que tinha passado alguns invernos, abandonada, os animais quebraram o piso todo, o piso era muito irregular, a gente via os tijolos e a areia misturada. Era uma casa toda aberta e tinha uma parte que era fechada. [...]. Na minha época não teve nenhuma reforma, mas era ali que a gente se arrumava. O Andrade levou algumas mesas, cada um tinha uma mesa pequena, dava para estudar, depois foram mais cadeiras, livros, toda semana chegavam novos livros, e a gente foi tendo uma melhor condição para estudar. Sempre assim: o livro e a pessoa; não tinha um esquema de aula ainda. [...]. (GONÇALVES, 2011).

A casa de farinha é sempre lembrada como um espaço bom para estudar, pois na casa de cada um não havia espaço para estudar. Além disso, nas casas deles não contavam com ninguém para estudarem juntos como no PRECE.

A casa era um celeiro de estímulo e energia para continuarem, apesar das dificuldades. Penso que para eles, estar na casa de farinha era como estar a um passo da universidade, porque ali se respirava essa realização, fazer um curso superior e conseguir um emprego que desse a eles uma vida digna. Sobre a aceleração dos estudos, Francisco fala:

[...]. Lembro que no ano anterior ao meu ingresso na universidade, a gente tinha um esquema de estudo voltado para o vestibular. Nessa época, em outubro de 1996, a gente se encontrava na casa de farinha, o Adriano Andrade, Elias, cunhado dele, eu, Norberto, eram as pessoas que estavam mais pensando em vestibular. A gente tinha um esquema de estudo de passar a tarde estudando, escolhia um horário para se reunir, discutir e compartilhar conhecimentos. Depois a gente viajou para Fortaleza. Eu já tinha morado em Fortaleza. Quando eu pensei em vestibular, chegou-se a uma conclusão que eu tinha de apressar as coisas, porque tinha muita prova para fazer. Na época eu fazia o supletivo do segundo grau [...]. Eu tive que ir morar em Fortaleza para apressar essas provas, estudava o dia todo e à noite ia fazer a prova para que eu terminasse logo o módulo. Eu ficava na casa do Andrade na época, o Norberto e o Elias também ficavam por lá. A gente se arrumava por ali. [...]. (GONÇALVES, 2011).

É interessante ver que na visão de Francisco Gonçalves, havia foco e estudos intensivos, e isso foi necessário porque sem essa força, a vontade de vencer e essa clareza de propósito e de promover uma real mudança, ele não teria obtido bons resultados. Essa atitude aguerrida para estudar foi virando uma consciência de grupo, de apoio e solidariedade demandado por cada um que se juntava àquele grupo pioneiro.

O grupo de estudo, para eles, foi o coração do sucesso de cada um, embora nos momentos de vésperas de vestibular, tivéssemos uma orientação individual, pelas dificuldades mais particulares. Apresento abaixo um trecho do relato onde Francisco expressa muito bem essa tônica de véspera de provas de vestibulares:

[...]. Quando se criou o grupo de estudo no Cipó, passamos um mês no Cipó, foi muito estudo, mas não era mais fazendo módulos, eu estava estudando as matérias do vestibular, resolvendo questões, me preparando para o vestibular. Ficamos lá até o dia do vestibular mesmo, um dia antes do vestibular fomos para o apartamento pequenino do Andrade, para se arrumar, porque para estudar era uma loucura, mas a gente conseguia discutir umas coisas, pegava umas questões. No outro dia pela manhã, no dia da prova, todo mundo eufórico para fazer a prova, eu lembro que a gente acordou cedo, fizemos um café e a gente reforçou a alimentação para passar um meio dia de prova, o Andrade fez uma oração. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Algumas semanas antes do vestibular, o Andrade traçava um plano de estudos intensivos para cada um que se atrevia a realizar a prova. Quando os estudantes chegavam para Fortaleza, inicialmente, se hospedavam em nosso minúsculo apartamento no João Arruda, de 40 metros quadrados. Essas semanas eram de estudos acirrados, em que o Andrade conseguia a ajuda por meio de bolsas de estudos de cursinhos famosos de Fortaleza, que costumavam ter altos índices de aprovação nos vestibulares, e isso ajudava, principalmente, na prova de redação. Essa prova era muito importante porque a orientação do Andrade era que escrevêssemos muito, o peso dessa prova era maior e costumava nos ajudar na aprovação, pois com os treinos da escrita durante o ano, acabávamos sendo bons na produção de texto.

Dentro da universidade, surgia uma nova fase, agora, todos eram orientados a explorarem ao máximo todos os benefícios dados por uma universidade pública. Todos sempre foram incentivados a crescerem na carreira acadêmica:

[...]. Quando eu passei para Engenharia de Pesca, eu achei que fosse mais fácil de entrar porque não tinha matemática, mas eu queria mudar para Agronomia, que foi o que aconteceu no ano seguinte. Nessa época eu estava na residência universitária como agregado enquanto regularizava a situação para morar regularmente na universidade, [...]. Quando entrei na Agronomia, em 1998, entrei com vontade porque era aquilo que eu queria. Logo eu comecei a estagiar no departamento de química orgânica e inorgânica, no laboratório de síntese orgânica, o meu orientador era o professor Arnaldo Viana. O Andrade me sugeriu fazer um estágio na botânica, na área de sistemática vegetal, e eu passei uns quatro meses com o professor Edson, ia ao herbário, pegar as plantas e eu estudava a pata de vaca. Depois fui para a área

de fitopatologia, na Embrapa, em 2001, e fiquei lá quatro anos. Lá eu me desenvolvi muito e aumentou minha curiosidade. Fiquei lá até concluir Agronomia, em 2004. Quando eu concluí, estava muito cansado devido ao processo da monografia, mas eu sempre tive um sonho de fazer a pós-graduação. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Francisco José passou no vestibular da UFC para o curso de Engenharia de Pesca, porém, vemos que ele usou uma estratégia muito comum para os estudantes que não tinham as mesmas condições que os estudantes de famílias abastadas que pagam e acompanham seus filhos em uma escola de qualidade, mesmo tradicional, como tem se configurado as boas escolas cearenses que focam na preparação do estudante para passarem em importantes seleções. Apesar de muito estudo dos estudantes precistas, juntos no grupo do PRECE, a concorrência na UFC era sempre muito elevada para o nível de conhecimento dos estudantes em nossa situação, assim, era necessário criar algumas estratégias que ajudassem aos estudantes na tomada de decisão na hora da escolha do curso superior. Uma das estratégias consistia em escolher o curso menos concorrido e que fosse de área afim ao curso que, de fato, desejasse; para, posteriormente realizar a mobilidade de um curso para outro.

Francisco foi um dos estudantes que mais demonstrou gostar da vida acadêmica. Vejo seu relato sobre sua carreira dentro da universidade como algo prazeroso para ele. Foi incentivado e orientado sempre pelo professor Manoel em como trilhar o caminho da pesquisa, em vários momentos, o momento de bolsista de iniciação científica, do mestrado e o do doutorado. Em seu relato, há uma convicção na escolha de seus objetos de estudo e análise, obtendo sempre o sucesso acadêmico:

[...]. Quando meus colegas entraram na pós-graduação, eu fiquei admirado e feliz porque, se eles entraram, eu também teria essa chance. Quando me formei, fui para Aracati trabalhar numa empresa de assessoria técnica em assentamentos rurais da reforma agrária, numa empresa que é comandada pelo pessoal do MST, e eu passei um ano morando em Aracati. Em 2006 eu tive uma oportunidade de trabalhar em Pentecoste, assessorando os agricultores da região, no sentido de melhorar suas condições de produção. Em 2007 recebi uma proposta de ser professor de uma escola família agrícola no estado do Piauí, na cidade de Pedro Segundo, próximo da Ibiapaba. Na época eu criei uma disciplina de fitossanidade e nunca perdi o contato do Freire da Embrapa. Meus colegas estavam no mestrado, doutorado. Comecei a trazer plantas para o doutor Freire descobrir espécies novas de fungos e reacendeu o sonho da pós-graduação. O mestrado que eu queria fazer não tinha em Fortaleza. Comecei a estudar para a prova da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no mestrado em fitopatologia. Consegui ser aprovado no mestrado da UFRPE, sempre mostrando interesse por micologia. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Importante destacar que ao se formar, Francisco Gonçalves já tinha três oportunidades de emprego e a possibilidade de inserção na pós-graduação, dessa forma, deu início ao mestrado. Ao analisar sua trajetória de vida estudantil, percebi que seu interesse pelos estudos foi tão forte que fez ele vencer os empecilhos próprios da vida do estudante

popular que costumam tirar muitos jovens do caminho da sua formação acadêmica e profissional sonhada.

[...]. Nos finais de semana ia para o interior jogar futebol, atividades do PRECE, e terminei Agronomia em seis anos. Em Recife, na UFRPE foi um período muito intenso de estudo para mim, tudo muito novo, ambiente competitivo, e tem que atingir um certo perfil de notas, senão perde bolsa, é jubilado. Quando passei no mestrado, minha proposta era trabalhar com virologia vegetal. Fiz o primeiro semestre e no meio do ano eu falei com o professor da área de micologia, disse que estava interessado em trabalhar com ele e consegui minha transferência para trabalhar com o professor Marcos Câmara. Em 2010 eu havia concluído o mestrado. Logo após descobri a aprovação no doutorado. Eu nunca quis sair do Nordeste e fiz a seleção na UFRPE e passei. Estamos em agosto de 2011 e eu já terminei as disciplinas do doutorado, falta defender a tese. Hoje [...] eu trabalho com fungos endofíticos do bioma caatinga, fungos que vivem no interior das plantas sem causar nenhum sintoma de doença. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Francisco seguiu o percurso da sua vida acadêmica, os estudos no PRECE na preparação para entrar na universidade, a graduação, o mestrado e o doutorado (Figura 51), mas, além disso, ele destaca acerca do seu retorno aos finais de semana a sua cidade natal para ser voluntário no PRECE dando suas aulas de biologia e compartilhando suas experiências acadêmicas com os novos precisistas que se preparavam para entrarem no ensino superior. Assim como Francisco Gonçalves, muitos precisistas que foram gratos ao PRECE, dedicavam sempre um tempo do seu precioso fim de semana para se voluntariar nas aulas de fim de semana. Para compreender mais o que expus, destaco o excerto abaixo:

[...] Dificilmente um PRECISTA conseguia ficar (*em Fortaleza – grifos da autora*) final de semana, a oportunidade de voltar todas as sextas-feiras era uma coisa única. A pessoa que não tinha condição, tinha a oportunidade de ir lá ajudar os colegas, dando aula, ver os familiares, as namoradas. Eu tive uma relação muito próxima com Pentecoste, porque todas essas atividades eram muito atraentes para mim. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Francisco representa muitos precisistas que vieram depois e que valorizaram muito o retorno a Pentecoste para fazer o trabalho voluntário no PRECE e para visitar a família e participarem da vida social e cultural do lugar de origem deles. A experiência deles nos dois espaços, urbano e rural fez com que adquirissem uma visão mais ampliada da vida. Tornaram-se mais experientes pelo aprendizado acadêmico na cidade grande e pelo contato frequente com suas famílias e seus problemas no espaço rural. Passaram a ser referências em suas famílias, a trazerem soluções de problemas, principalmente, ligados a educação. É notório que esses precisistas orientam a seus irmãos e irmãs a trilharem um caminho de vida focando nos estudos para, assim como eles, conseguirem êxito. Em relação ao estímulo que os precisistas foram e deram para seus irmãos e irmãs estudarem e buscarem se realizar, profissionalmente,

por meio da educação, Francisco Gonçalves foi um caso sem êxito nesse aspecto, vemos isso por meio deste fragmento:

[...]. Quando eu conheci o PRECE, me envolvi mais com a igreja, melhorei espiritualmente, porque fui um adolescente imaturo, de relacionamento difícil. [...] eu sou o único da nossa família que tem o nível superior. Na nossa família nunca existiu uma tradição de estudo. A minha mãe, até hoje, é analfabeta. Meu pai fez até a terceira série, ele conseguiu escrever, fazer as quatro operações, mas nada mais do que isso. A gente nunca teve essa tradição, tanto que meus irmãos nunca encamparam essa luta. Minhas irmãs começaram estudando comigo, mas logo foram deixando, casaram. Lembro de uma das minhas irmãs, Maria José, que foi uma das pessoas que eu incentivei a estudar [...]. (GONÇALVES, 2011).

Francisco José relata a situação educacional de sua família; fala sobre o analfabetismo que, assim como os outros seis estudantes, era presente na história de vida de seus pais. Sobre a falta de interesse de suas irmãs e irmãos, vi que a pedagogia do exemplo aqui não influenciou. Em outro momento, podemos pensar em uma análise mais acurada dos motivos pelos quais Francisco José não conseguiu influenciar os seus irmãos e irmãs a estudarem, pois sei pela minha convivência com ele e por sermos primos, que haviam uma forte empatia entre ele e todos da sua família que ao meu ver o amam, admiram e respeitam. No próximo texto de Gonçalves, ele faz um retorno em sua narrativa de vida:

[...]. Quando eu comecei a estudar, foi muito difícil, porque eu tinha que trabalhar para sustentar a família. [...] Um certo ano eu tive que parar de estudar para ir pescar num açude no município de Tejuçuoca, no açude do Boqueirão, tinha que ir para lá com meu pai pescar para sustentar a família. [...] Havia a alternativa do ajudante. Mas essa pessoa levava 30% da sua renda, quase a metade. [...] Eu também me recordo em alguns momentos que meu pai começou a despertar e perceber que eu tinha vocação para estudar e eu acho que a partir desse momento ele começou a me liberar mais. [...]ele se sensibilizou. Tanto que quando fui para casa de farinha não teve nenhum questionamento. Eles não entendiam muito o porquê, mas eu já tinha 18 anos naquela época, já tinha convicção dos meus anseios, dos meus sonhos. [...] Logo após isso eles me apoiaram muito. Frequentemente ia para casa e levava peixe, feijão, farinha e eles nunca se furtaram dessa questão de ajuda, sempre me ajudaram muito. Se eu fosse lá em casa 3, 4 vezes por semana, eu levava alimentos para ajudar, porque eles tinham concebido a ideia de que, a partir daí, estava livre para estudar e investir naquilo que eu tanto queria. [...]. (GONÇALVES, 2011).

Percebi pela fala acima que os pais de Francisco viram algo mais, algo que o diferenciava dos outros filhos e filhas e isso permitiu a eles compreender que, mesmo nas suas dificuldades econômicas, precisavam ajudá-lo. Outro fator que impulsionou ao jovem Francisco foi também, o exemplo de Manoel Andrade, que é sempre lembrado por todos eles e por mim. Andrade sempre contava sua história de vida estudantil com o objetivo de estimulá-los a continuarem estudando, partindo do pressuposto de que se ele venceu tendo

condições mais difíceis, eles estavam tendo uma boa oportunidade para conseguir chegar onde seus sonhos seriam realidades. Vejamos sua fala sobre o tema:

[...]. Quando eu passei a morar no Cipó, em 1994, a gente estava embasado na história do Andrade. Eu lembro que ele falou para gente que estudou sozinho com outro colega para entrar na universidade, um ajudava o outro. Ele falou que se a gente fizesse a mesma coisa, a gente conseguiria entrar na universidade. Isso era uma coisa que fazia a gente acreditar demais. Nunca me passou pela cabeça desistir. Quando o PRECE foi criado, ninguém conhecia. [...]. Acredito que as coisas agora melhoraram muito no interior, mas naquela época em que eu comecei no PRECE as pessoas trabalhavam muito. [...]. Era muito difícil passar todas as semanas [...] em frente a minha comunidade em direção à casa do meu pai, pegar alimento, as pessoas olhando para mim, era muito doloroso para mim. [...]. Quando entrei na universidade e consegui as primeiras bolsas, foi um alívio. É muito difícil passar o período da graduação e as pessoas perguntando se você já está ganhando dinheiro. Hoje eu vivo uma vida digna, tenho as coisas que eu quero, não preciso mendigar as coisas a ninguém, estou muito satisfeito com o que consegui até hoje [...]. (GONÇALVES, 2011).

E sem pensar em desistir, caminhando sempre, foi que a vida melhorou a partir da formação universitária. E com o estímulo do professor Andrade, o projeto havia começado com Francisco e com os outros seis, apesar de tudo ainda parecer uma incógnita que precisava ser encontrada pelo “cálculo da vida”. Nesse trajeto, Francisco foi descobrindo a fórmula, foi resistindo, foi aceitando ser ajudado, nas mínimas coisas pela sua família e pelos seus amigos. Mesmo com a vergonha que surgia pela total dependência, naquele período de formação de um movimento estudantil que traria muitas coisas boas.

O PRECE se constituía como uma ação de enfrentamento ao descaso político na educação de Pentecoste e essa situação trazia consequências não muito agradáveis para a população jovem do município. Essa realidade era percebida pelos agentes fundadores do movimento e, ao entrarem no PRECE já traziam no peito uma insatisfação com o sistema político educacional, e penso que naquela situação, estar inconformado com a realidade escolar arcaica, repetitiva e sem resultados era o primeiro passo para começar a estudar de forma organizada.

[...] Quando o PRECE foi iniciado, em 1994, a gente estava saindo de um período da história de Pentecoste chamada coronelismo, questão muito marcante no nosso estado. Para se ter uma ideia, naquela época ninguém conseguia fazer um movimento, os professores não conseguiam fazer um movimento por melhores salários, existiam forças nos arredores que conseguiam sufocar. Lembro que teve umas iniciativas, na época em 1993, mas logo, logo as pessoas eram desestimuladas a continuar, viviam à mercê da política local, e passivamente elas se rendiam a isso. Era um município que não tinha perspectiva de crescer. Quando o PRECE foi criado, lembro que minha professora falava que sofria repressão se liberasse os alunos mais cedo, mas foi um grupo que foi agregando pessoas. [...] no PRECE foi criada essa oportunidade, a falar de revoluções, a trazer isso para o dia-a-dia, e isso começou a incomodar, e a gente começou a se perguntar por que as coisas são assim. Por que não temos direito a boa educação? Por que não temos direito a hospitais? Lembro de

um senhor de idade que adoeceu e quando foi para o hospital não tinha equipamento apropriado para recebê-lo, e ele perdeu a perna. Na época, o prefeito deu uma cadeira de rodas para aquela pessoa, e ele agradeceu muito ao prefeito por isso, mas na verdade o prefeito era para ter lutado por um hospital de qualidade para que ele não perdesse sua perna. A gente que começou a estudar e entender as coisas, vimos que aquilo não estava certo. [...]. O PRECE foi permitindo esse espaço de discussão, essa germinação de coisas que existia nas pessoas e que estava esquecida, a capacidade de discutir, questionar e criticar. [...]. Uma vez um vereador bateu no meu ombro e disse que eu ia votar nele, mas eu falei que não era bem assim, sou eu quem decido se vou votar em você depois que eu fizer minhas avaliações, e a pessoa ficou chateada comigo e ficou dias sem falar comigo pela minha reação. Quando as pessoas com esse grau de crítica se tornam numerosas, isso é uma coisa muito forte. [...]. (GONÇALVES, 2011).

As ações do PRECE iam além do objetivo de incluir jovens populares na universidade, ele também proporcionou discussões sobre o analfabetismo político para o nosso público com fortes deficiências de consciência crítica da sua própria realidade de exclusão social.

Em nossa experiência de estudo, conhecemos bem o poeta cearense Patativa do Assaré que não era letrado, mas pelas análises que fiz de sua poesia vemos ele era alfabetizado politicamente. Dessa forma, podemos dizer que a pior situação de analfabetismo é a do analfabeto político, no geral entendo que tratamos de um ser resignado, acrítico e, na maioria das vezes, messiânico, acredita que seu sofrimento é porque Deus quer e que só um messias pode salvá-lo da miséria e da pobreza. Gonçalves expressa muito bem seu espírito crítico, a percepção da sua realidade política e dos efeitos dela em sua vida cotidiana. Mostra que já sabia fazer uma análise de conjuntura municipal. Ele cita casos observados no seu cotidiano que embasam a sua crítica e finaliza deixando uma afirmação que me lembra FREIRE (2011) ao conclamar que todos devem ser indivíduos críticos, de opinião e que devem se organizar para a luta pela libertação das correntes do analfabetismo e do conformismo. Essa poesia atribuída Euger Berthold Friedrich Brecht fez parte de alguns dos nossos discursos em aulas sobre conscientização política da nossa realidade e dos ideais pelos quais lutávamos:

[...] O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe o custo de vida e *nem que* o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais [...]. (BRECHT, 2019).

Alguns deles se diferenciavam e esse foi o caso de Francisco Gonçalves que foi e é um dos precistas mais revoltados com a maneira dos políticos abordarem as pessoas em

períodos eleitorais. Ele considera que a experiência do PRECE nesse cenário político, trouxe esperança e libertação dos jovens dessa mentalidade dominada que aceitava esse tipo de política vigente no município. Segundo ele, os resultados da experiência são valorosos no sentido da transformação de vida dos jovens estudantes que não poderiam avançar em sua formação acadêmica e profissional se não existisse o PRECE. Sua expressão lembra-nos algo redentor, que nos faz ver o PRECE como aquilo que trouxe redenção àqueles estudantes que sonhavam em poder melhorar as suas vidas por meio dos estudos, mas que tinham seus sonhos podados pela desigualdade social, pela falta de oportunidade e pelo descaso desses governos locais desde a história da origem do município.

[...] O PRECE hoje é conhecido no Ceará inteiro. Por onde eu ando as pessoas nos conhecem. São pessoas que eu boto a minha mão no fogo, porque elas foram criadas nesse clima de lutar por melhorias para o município de uma forma justa, correta, honesta, elas não dependem do esquema local, são independentes. O PRECE ajudou a formar pessoas independentes, críticas, com vontade de mudança. Você imagine o que isso significava para o município de Pentecoste, ter pessoas com esclarecimento, que sabem dos seus direitos, acho que isso foi o produto de tudo. Sem contar as melhorias de vida de cada pessoa. Eu era um pescador, nada contra os pescadores, e que estaria hoje com meu casebre na beira da água, meus 3, 4 filhos, sem nenhuma perspectiva e reproduzindo aquilo. As pessoas que se envolveram com o PRECE, principalmente aquelas de renda mais baixa, adquiriram uma vida digna para si. A maioria hoje conseguiu ter um patamar de uma vida digna. Foi uma mudança muito grande na minha vida, radical, sair de uma condição de pescador, passar pela universidade e estar numa condição em que poucos conseguem chegar, não foi fácil. Por onde eu passo no Ceará, lembro dessa situação, e lembro com um sentimento de agradecimento muito grande às pessoas que me ajudaram e a Deus [...]. (GONÇALVES, 2011).

O contraste demonstrado pelo estudante por meio da alusão a vida de um pescador e a vida de um professor doutor com um emprego público federal sem desmerecer o primeiro exemplo, gera em nós um sentimento de dever cumprido e a satisfação por todo esforço empreendido. O impacto da ação no desenvolvimento da criticidade na juventude popular foi exponencial e isso nos anima a continuar trabalhando na construção de uma nova mentalidade dos jovens de Pentecoste. A luta do PRECE contra a desigualdade social presenteou a sociedade pentecostense com vida digna aos jovens estudantes de todas as idades, da mais tenra jovialidade, a média idade, como tem-se o exemplo do engenheiro agrônomo José Alfredo, cuja história de vida é contada por muitos agentes participantes do projeto. A maioria do público-alvo do projeto vem de origem popular e poucos teriam oportunidade de crescimento social se não tivesse surgido o PRECE. É como Francisco discute sobre os resultados do PRECE até hoje, ele “ajudou a formar pessoas independentes, críticas, com vontade de mudança” e ainda ajudou as pessoas a buscarem suas melhorias de vida.

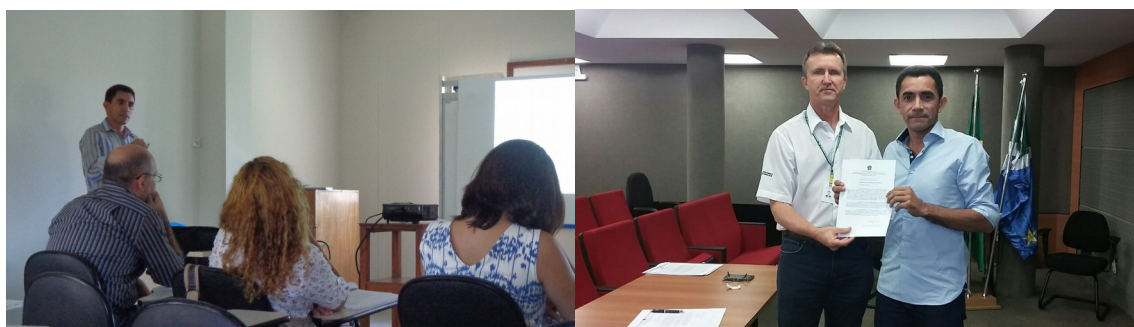
Como resultados de sua trajetória de estudos, Francisco se graduou em 2004 e, no mesmo ano, foi contratado por uma empresa chamada Associação de Cooperativa Agrícola do Ceará (ACACE) e foi trabalhar na cidade de Aracati, onde iniciou os trabalhos, prestando assessoria técnica em vários Assentamentos do Movimento dos Agricultores Rurais Sem Terra (MST). Esta empresa era formada por integrantes do Movimento.

Em meados de 2005 Gonçalves foi convidado pelo Professor Manoel Andrade para fundar o Núcleo de Assessoria ao Produtor Rural (NAPR), organização que trabalhava com pequenos produtores rurais, através das associações, atuando na conscientização, organização e incentivo à implantação de unidades produtivas sustentáveis compatíveis com a situação do local.

Em 2007 Francisco Gonçalves atuou como professor de Agricultura na Escola Família Agrícola Santa Ângela (EFASA), localizada no município de Pedro II, no estado do Piauí. Neste período além de ministrar aula, acompanhava os alunos nas aulas práticas na fazenda, coletava plantas atacadas por fungos com o objetivo de identificar novas espécies. O sonho desejado por ele chegou como prêmio por toda a sua trajetória, - a pós-graduação.

No final de 2007 se submeteu à seleção para o mestrado do Programa de Pós-graduação em Fitopatologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Iniciou os estudos do curso em março de 2008 e desenvolveu a pesquisa com fungos fitopatogênicos no Laboratório de Micologia do Departamento de Agronomia da UFRPE, sob a orientação do professor Marcos Câmara. Continuou no mesmo tema em seu doutorado, tendo concluído o mesmo em 2014, primeira foto da (figura 54). Iniciou outra batalha que foi a preparação para concurso público, sendo aprovado em concurso público para o Instituto Tecnológico Federal do Mato Grosso do Sul, tomando posse em agosto de 2016, segunda foto da (Figura 54).

Figura 54 - Francisco Gonçalves na defesa de doutorado/Posse no IFT Mato Grosso do Sul



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Gonçalves.

Sobre a narrativa de vida de Francisco Gonçalves, percebi ele como um jovem que soube aproveitar todas as oportunidades a ele apresentadas nesse percurso dentro do PRECE. Dedicção e foco nos estudos básicos, acadêmicos e na pesquisa da pós-graduação foram as estratégias. Ainda o direcionamento dado, inicialmente, pelo professor Manoel e o apoio do grupo pioneiro, tudo isso foi essencial e surtiu o resultado sonhado por ele e por nós do grupo que sempre torcemos pelo sucesso de cada um. Depois de todo o resultado, por ele mesmo avaliado, em sua vida, percebi haver nele o amor, a gratidão e o respeito por todos que compõem o Programa de Educação em Células Cooperativas.

5.8 José Noberto Sousa Bezerra, a busca por uma vida melhor: o futebol, a via para os estudos

Noberto Bezerra, o mais novo dos sete filhos de Felisberto Lopes e Maria Anésia Bezerra, nasceu em Apuiarés, interior do Ceará. Seu pai era agricultor e sua mãe costureira. Noberto estudou até a quarta série do ensino fundamental, mas parou em seguida por ter que trabalhar para ajudar em casa, e isso foi uma das maiores dificuldades enfrentadas. Vemos que, assim como os outros estudantes, seu pai precisava que ele o ajudasse na agricultura de subsistência.

Como discutido, a maioria dos pais dos primeiros estudantes, tinham uma vida difícil para sustentar uma família numerosa com renda muito baixa, assim, precisavam que os filhos ajudassem na economia da casa. A maioria desses pais não compreendiam bem sobre o valor dos estudos dos filhos, talvez por causa da herança política e cultural do analfabetismo.

No entendimento de seu Felisberto, bastava cursar até a quarta série e depois voltar ao trabalho no roçado, era o que tinha; ao que me pareceu, ele não pensava fora dos limites do seu espaço interiorano. Outro fator percebido foi que seus irmãos também queriam estudar, mas não era possível todos deixarem de ajudar ao pai. Essa realidade se apresentava como um forte empecilho para a trajetória de estudos de José Noberto.

José Noberto nasceu em um contexto educacional e político difícil, na década de 1970, na comunidade de Serrote do Meio, em Apuiarés. Nessa década, o município ainda passava por um atraso político enorme. A educação e saúde não recebiam a devida atenção dos governos, ainda remanescentes do coronelismo, dentre outras situações já tão discutidas que deixavam os jovens dessas regiões em estado de vulnerabilidade.

De acordo com esses relatos, as distâncias eram um dos maiores problemas que os jovens tinham que enfrentar para se deslocarem até a escola, nesse contexto. Quanto a

influência que os pais exerciam em ensinar seus ofícios para os filhos e solicitar-lhes a ajuda para melhorar a renda da família foi muito recorrente nessas biografias. No excerto abaixo, José Noberto expõe um pouco de como era a realidade do seu contexto:

[...] As casas mais próximas tinha um quilômetro de proximidade, então a gente era praticamente isolado. [...]. E - como filho de agricultor, [...] Então a gente [...] também trabalharia na agricultura seguindo o meu pai. A minha mãe também era costureira, além de dona de casa, costureira, e as minhas irmãs, algumas se casaram no interior aí, elas seguiram também a rotina da mãe. [...]. As minhas irmãs passaram a ser bordadeiras, [...] e os homens agricultores. [...]. O mundo lá, era aquilo ali, fechado, você é filho de agricultor, vai estudar até a quarta série que é o que era promovido/oferecido na Canafistula e em seguida você ia voltar para a roça novamente. Então era como se procedia lá em casa: [...] para quem estudava a tarde, manhã ia para o roçado e a tarde ia para a escola [...]. (BEZERRA, 2011).

Noberto fala sobre o nível de estudos de seus pais e com isso, expõe a sua realidade familiar, a questão do impedimento de continuar os estudos e, conseqüentemente, com as formas de subsistência, realidade de todos os Antonios, os Franciscos, os Josés assim como José Noberto, dentre outros. Essa era uma realidade comum na vida não somente de todos os Josés, mas de todas as Marias, etc. Nesse grupo me incluo, pois minha família, a partir de meu pai e minha mãe e alguns irmãos sofreram a pobreza com a qual, geralmente, se encontra o agricultor analfabeto.

Ao falar de analfabetismo nas Marias, acessei, por ocasião dos cursos de formação de professores da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC), nos quais participei como formadora da Oficina de História de vida, o filme *Vida Maria* (2006). Esse filme retrata a dura realidade do nordestino pobre e analfabeto, contexto presente no Ceará, onde estão inseridas as comunidades dos estudantes do PRECE. O curta-metragem fala, objetivamente, do maior problema social presente nas famílias de baixa renda, o analfabetismo, e a partir dessa condição de analfabeto, surge uma série de outros problemas como a fome etc. Geralmente em nosso país e, especialmente, no Nordeste, para quem é analfabeto só resta mesmo trabalhar como agricultor no regime agrário de trabalho de subsistência, diarista, meeiro, etc. Destaco um trecho do Memorial de José Noberto, o qual demonstra bem o que exponho:

[...]. No final, chega a TVC. Então eu digo: “Como ele me obrigou a fazer a quarta série, eu crente, eu e o Cléidio, que a gente continuaria na quinta série no ano seguinte”. Aí, a gente foi barrado, porque todos os sete queriam e [...] ele disse: “É o seguinte”, as mais velhas, já mocinhas e os mais velhos, rapazinhos. Então ele disse: “Eu não sei se vocês querem estudar ou se querem namorar”. Aí, beleza, então ninguém foi, ele não deixou ninguém, para ninguém ficar com queixa. [...]. Minha mãe já estava morando na Canafistula cuidando da minha avó, que estava doente. Morando só elas duas e tal, eu “Opa, vou arrumar um pretexto aí, para morar com ela”, é pertinho, vou estudar em casa e tal. Então arranjei todo o discurso e cheguei junto de novo, “Não, meu filho, eu não vou deixar porque eu não deixei para os

outros”, o discurso dele era o mesmo. Ai acaba logo, tem nenhum argumento. Eu expus todo o meu argumento [...] (BEZERRA, 2011).

José Noberto expõe uma realidade que não era somente a dele, mas a de muitos jovens brasileiros de sua época, e, herdada, em menores proporções, pelos jovens de hoje. A sua história compõe um fragmento de nossa verdadeira História oficial brasileira; de uma família, dentre outras, que herdou uma cultura patriarcal forte, onde o pai tem poder de mando sobre os filhos. Ele fala de onde não existe obrigação legal que deve ser observada pelos pais que teriam o dever de pôr seus filhos na escola, porém, viviam naquele micromundo, “isolados”, sem informação e educação que auxiliassem as famílias.

Noberto fala de um destino que já estava traçado para todos os homens e mulheres da casa, dar continuidade à vida ao mesmo modo do pai e da mãe. Uma cultura que regeria a sua vida e que o predestinaria a continuar o mesmo ciclo dos Josés e das Marias. Ciclo esse pelo qual passam milhões de brasileiros, realidade iminente na vida de José Noberto.

O que mais despertou minha atenção na história de vida de Noberto foi o fato de ele desejar muito continuar os seus estudos e se ver na impossibilidade, por outro lado, foi a partir desse impedimento que ele assumiu, com protagonismo, a sua vida através das buscas por saídas daquela situação a ele determinada pelo pai que agiu, de modo natural, por uma forma conservadora de viver.

Nessas procuras, Noberto tentou a estratégia de ir morar com a sua avó para poder estudar, porém, sua ideia foi frustrada. Apesar disso, compreendo que esse desejo permaneceu nele, mesmo que latente para ressurgir, no momento certo, a partir do ano de 1994, na experiência precista que ele ajudaria a construir.

Na trajetória de vida de José Noberto, percebi haver a *busca de si, do outro e, principalmente, a busca de conhecimento*. Josso (2004, p.96) afirma que “a busca de conhecimento é orientada pelo desejo de se informar sobre e/ou de se apropriar dos saberes construídos, apoia-se nas fontes das ciências do humano, das ciências da natureza e de numerosos saberes não-científicos”. Noberto estava à procura de algo, orientava-se pelos saberes não científicos encontrados em seu percurso, inicialmente, no futebol (Figura 55), pois era nesse esporte que ele apreendia conhecimentos diversos em suas interações até ali encontradas, e, posteriormente, em suas novas buscas, se apropriaria de saberes científicos construídos historicamente, pela humanidade

Figura 55 – José Noberto quicando sua bola na casa de farinha



Fonte: Arquivo pessoal de José Noberto

A procura empreendida nesse protagonismo consistia em uma demanda verdadeira e transformadora pelos saberes diversos que, orientados, foram a razão de ser de sua vida. O conceito da autora se aplica bem a esse episódio da história de vida de José Noberto. Sobre a busca do conhecimento ela fala que:

[...] é uma pesquisa exploradora e multiforme – alimentada por leituras, intercâmbios interpessoais, ofertas educativas fora do contexto universitário,

manifestações culturais -, que orienta a procura incansável do saber-amar, do saber-pensar, do saber-fazer ou do saber-ser sociocultural que faz sentido numa existencialidade. [...]. (JOSSO, 2004, p. 96).

Com o futebol, José Noberto deu início a sua formação a partir das leituras do mundo em que vivia, das relações sociais feitas e das interações com o grupo do PRECE por meio da cooperação solidária empreendida fora da educação formal. Todas essas relações moveram as experiências socioeducativas e culturais, situação que forjavam a pesquisa constante do conhecimento e gerava sentidos de viver.

Em seu relato memorialístico, ele nos presenteia abrindo o seu coração para mostrar a sua realidade subjetiva, o seu sentido de existência, a sua análise de vida, a sua busca pelo saber e ao mesmo tempo, a sua busca pela felicidade. Não à toa (TORRE *et al.*, 2013, p. 71) afirmam que “em uma civilização avançada do século XXI, as necessidades vitais têm a ver com a dignidade humana”, e que “destruir o meio é prejudicar a nós mesmos”, mas junto às várias formas de vida, dizem que esse ser tem “em suma, o direito a gozar a vida, a liberdade e a autonomia e buscar a felicidade. *O ser humano tem o direito de buscar sua própria felicidade.* Assim, todos necessitamos buscar a nossa felicidade e Noberto precisou buscar a sua, tomar o rumo de sua vida, buscar alternativas e, de forma esperançosa, foi construindo sua trajetória de vida. Leiamos seu relato voltando ao tempo de suas procuras:

[...]. Então começo a direcionar toda a minha vida em função do futebol, porque não tinha outra coisa. O que se espera da vida? O que eu esperava da vida? Poxa, eu esperava que a vida me desse uma oportunidade. O quê!, eu não sei!, porque eu não sei fazer nada. E assim, sou só agricultor, sou só um estudante de quarta série, não fiz mais nada. Então, esperar, às vezes, eu comentava que se aparecesse alguma coisa para eu fazer, para sair, eu sairia naquele momento de completar os dezoito anos e sair. Só que quando eu completo dezessete anos, dos doze aos dezessete anos eu investi muito em futebol, não porque eu vou fazer um investimento, era vontade, era paixão mesmo. Eu andava três quilômetros, corria para ir jogar um rachinha. Onde tinha uma batidinha de bola, a gente corria lá. Chegava em casa a pé depois de andar seis quilômetros. [...]. (BEZERRA, 2011).

O futebol no PRECE teve importância digna de nota, como já foi discutido, porque os estudantes pioneiros da iniciativa entraram em contato com o seu líder e cofundador através desse esporte. José Noberto foi primeiro um jogador protagonista e essa força, ele, posteriormente, aplica na corrida para avançar nos estudos. Manoel Andrade foi o seu primeiro treinador para jogarem bem nos campeonatos coordenados por ele, mas até aqui não se sabia, que ele também seria seu principal orientador nos estudos, nas buscas e escolhas. Destaco mais um relato de José Noberto sobre o lugar que o futebol ocupou em sua história de vida:

[...] dos ‘*meus*’ quinze aos dezessete ‘*anos*’ (grifos da autora), o Andrade já organizava campeonatos na Tamarina, Pentecoste, campeonatos municipais, regionais. E eu jogava pela comunidade de Canafistula, e no final do campeonato eles formavam os selecionados, e eu sempre estava incluso nos selecionados. E o Andrade me conhecia, assim, jogava junto. E [...], tudo o que eu queria, a minha semana girava tudo em função do sábado quando o Andrade chegava para poder a gente treinar. Tudo o que eu queria era que um dia [...] eu tivesse um treinador,

mesmo que fosse futebol amador, alguém chegasse e “vamos fazer algo diferente do que existe”. Então ele chegava com essas propostas, fazia treinamento físico, treinava, e assim a gente reuniu um grupo de pessoas na Tamarina, né? Que era onde acontecia a maioria dos jogos. [...] Tamarina também ‘*está no*’ (grifos da autora) município de Pentecoste. Então aquele momento era [...] de festa. Pessoas simples, mas ao mesmo tempo muito prazeroso. [...]. (BEZERRA, 2011).

Percebo a vontade de mudança existente na personalidade de Noberto, a busca por algo novo que fizesse diferença em sua vida. O protagonismo juvenil de José Noberto o impulsionou a crescer muito nos próximos capítulos dessa jornada estudantil. Para falar sobre isso, começo com alguém que me inspirou por meio de sua palestra e de seu livro *Aventura pedagógica* (1990). Essa pessoa é Antônio Carlos Gomes da Costa. A sua experiência na Escola da FEBEM em Barão de Camargos, em Ouro Preto, Minas Gerais é inspiradora pela crença no potencial do educando. Costa (2010), inspirado em Anton Makarenko e em Paulo Freire, empreendeu uma verdadeira e real aventura pedagógica. Por acreditar no protagonismo das meninas menores infratoras, ele plantou a semente da educação que liberta e transforma o ser humano de tudo que o impede de ir avante na busca de ser melhor.

Essa ideia de protagonismo juvenil-estudantil foi muito forte na trajetória dos sete estudantes pioneiros do PRECE. José Noberto, ao iniciar seus estudos na casa de farinha, mostrou a crença na capacidade do estudante de sonhar e empreender buscas por seu próprio projeto de vida. A narrativa me ensinou a não esperar por um destino, um fatalismo, a não me resignar e me conformar com o que aparece, ou com o pouco que sobra da elite mandatária, mas a empreender a jornada, mesmo difícil, por uma vida melhor. Ela me ensinou ainda, finalmente, a lutar com todas as forças para vencer a tudo que signifique o fracasso. Segue mais um relato de nosso protagonista acerca do momento em que foi convidado por Manoel Andrade para o grupo do PRECE:

[...]. Um ano e meio depois, eu sempre em contato com o Andrade, ele me disse: “Poxa, nós estamos montando um grupo aqui no Cipó, vem tirar dúvidas aqui do supletivo, fazer suas provas”. Ele sabia como é que estava o andamento, estava um ano e meio de supletivo, tinha feito menos da metade do supletivo em Pentecoste. E, ele disse “vem para cá, vem para o Cipó estudar com os meninos”. Estava o Toinho, o Francisco, o Du e o Beto, se eu não me engano. [...]. Aí, que eu digo: “Aí eu vou, essa semana eu vou”. Na outra semana eu: “Não vim, não, mas na próxima semana eu vou. E eu vou, e eu vou”. Sei que chega outubro, novembro, ele disse: “Afinal, tu vai ou não vai?”, eu disse: “Vou”. Ele disse: “Olha, nós estamos montando um grupo para morar lá”, e eu disse “Vou” [...]. (BEZERRA, 2011).

Mais um chamado para entrar no barco e navegar juntos na nova aventura pedagógica. Esse momento foi decisivo na vida de José Noberto, diante de tudo o que tinha vivido ou sentido, pois talvez ele tivesse compartilhado pouco das suas dúvidas, indecisões, e dali para a frente, teria mais pessoas para ouvir sua história. Ele agora conviveria com um

grupo que tinha os mesmos objetivos e que recebia apoio e orientação para prosseguir em suas buscas por seus sonhos. Agora não sonharia mais sozinho, mas acompanhado de novas amizades que seriam construídas nessa viagem, nesse barco, nesse sonho.

Percebi no texto que não foi uma decisão tomada rapidamente como pareceu ser, por exemplo, a de Francisco Gonçalves ou de Francisco Antonio, mas ele levou um tempo para pensar, até que aconteceu! Convite feito pelo professor, convite aceito pelo estudante. Apesar de pensar mais para decidir, José Noberto foi protagonista da sua decisão em viver na casa do estudante, em reiniciar os estudos para se escolarizar, se preparar para a universidade e ajudar os colegas do grupo em suas dificuldades, dentre outras atitudes proativas que realizou. Dessa forma, foi se constituindo como estudante e como um dos líderes do grupo. Em função disso, passou por momentos difíceis em sua trajetória, mas que foram enfrentados pela cooperação e solidariedade, praticadas por todos do grupo.

Um novo momento na vida desse protagonista iniciava-se, agora não somente o treino para aprender a jogar futebol, mas conversas e orientações de como se deveria estudar em grupo para obter bons resultados. Isso se materializou através da presença, da amizade e da pedagogia do exemplo dos amigos residentes, dos líderes mais experientes e determinados a ajudarem no projeto, e aqui me incluo. No relato abaixo, José Noberto nos permite compreender como o PRECE se formou e acolheu novos estudantes:

[...] Passar o dia no Cipó era muito bom, porque chegava lá eu encontrava cinco amigos, de futebol, de vivência. Toinho, Francisco, Beto, Orismar, Du, a Raquel. Então eu não conhecia só o pessoal do futebol, não era difícil eu estar ali, era bom e eu estava disposto a enfrentar as dificuldades da vida. Só voltando atrás um pouco. Quando meu pai morreu, veio um desespero muito grande, eu ia fazer vinte anos, completamente dependente de pai e mãe. A minha tristeza naquele momento, além da perda, era de dependência. Eu não ganhava nada, eu não sabia fazer nada e se minha mãe morrer (*ele se coloca no tempo presente do momento em que viveu – grifos da autora*) hoje, eu vou viver de que? Quem vai me sustentar? A partir dali vinha toda uma mudança de mente. Eu tenho que passar a olhar para mim como a pessoa que vai ter que construir a minha sustentabilidade, vou ter que ter uma profissão, alguma coisa. E essa mudança é muito drástica, não tem experiência, nem orientação. [...]. (BEZERRA, 2011).

Esse momento foi um divisor de águas na vida de José Noberto, sem pai e dependente da mãe, com as emoções abaladas e se questionando profundamente. Talvez por esse motivo demorou a decidir vir morar na casa de farinha, porque teria que continuar pelo tempo que fosse necessário, sem recurso financeiro, em meio a diversos tipos de privações e isso não seria fácil. Diante desse quadro, ser protagonista do próprio destino e tomar a decisão de sair de casa pela primeira vez, foi algo impactante para ele, sua mãe, irmãos e irmãs. Não foi fácil o início e nem o tempo em que morou na casa de farinha, como já exposto, vimos

um pouco dessa realidade da vivência na casa, relatada antes pelas biografias analisadas. Por outro lado, para ele, foi um momento propício para permanecer em grupo e não isolado em sua individualidade.

No PRECE, na formação de um grupo para estudar juntos, ocupando uma casa abandonada, vivendo ali na energia da solidariedade dos amigos, tudo isso o ajudou a encontrar seu caminho. Aquele espaço rural, distante de todas as notícias sobre o que seria uma universidade, recebeu novos ares com a consecução do projeto. Apesar das circunstâncias, era dada a oportunidade a um jovem que necessitava dar uma virada na vida estudantil como tanto quis, ao concluir a quarta série. Houve, portanto, o início da formação de um novo capital social que foi se encorpando e ganhando ascensão em suas diversas formas de atuação no campo educacional não formal.

Disposto a vencer essa situação, com a ajuda do professor Andrade, ingressou no PRECE e começou a perceber que o futebol não era sua real ambição profissional. Foi doloroso deixar esse sonho de lado, porém, seu foco foi mudando de área. Saiu dos gramados para a sala de aula, mudou-se para o Cipó, juntou-se aos outros seis estudantes e focou nos estudos.

Inicialmente, sua família não concordava com isso, porém, aos poucos, foram cedendo à compreensão de que a ele pertencia o direito da escolha e percebendo que ele queria apenas crescer intelectualmente e conduzir a sua vida por meio dos estudos, o apoiaram em todos os sentidos.

Apesar de toda a vontade que movia José Noberto, vieram outros momentos de crises, no entanto, esses momentos mais difíceis foram enfrentados pela cooperação e solidariedade. A cada tristeza sentida, alguém vinha ajudar, ouvindo uma confissão ou um desabafo de algo que estava dentro como empecilho ao crescimento individual e social. Foi nesse momento que a solidariedade ganhou espaço naquele ambiente da casa de farinha com o primeiro grupo de estudantes da experiência em discussão.

A solidariedade praticada por esse grupo carregava a filosofia da ajuda ao outro sem esperar um retorno, tratava-se da mão que entregava sem esperar algo em troca. Assim, quando um dos sete estudantes precisava de ajuda ao passar por algum problema emocional, cognitivo ou de ordem material, sempre um deles ajudava, seja tirando dúvidas na hora dos estudos, seja com apoio nas crises emocionais, seja para oferecer algo material. Por exemplo, havia a conversa amiga, a escuta ativa das histórias de vida de cada um, o empréstimo de uma bicicleta ou o compartilhar de alimentos trazidos de suas famílias, dentre outras coisas. Tudo isso fortalecia e estimulava cada integrante do grupo a não desistir dos seus sonhos. Destaco

esses exemplos baseado-me em outros memoriais lidos e analisados e ainda pela experiência que tive na convivência aos fins de semana quando eu os ajudava e era ajudada nos estudos de sábados e domingos.

Destaco o depoimento de Noberto Bezerra acerca do apoio mútuo, da cooperação e da solidariedade que cada estudante recebia ou concedia em suas dificuldades:

[...] Porque a gente passava a tarde conversando, várias vezes a gente sentava duas horas para estudar, quando dava quatro horas a gente não tinha estudado quase nada, conversando. Com o passar do tempo a gente percebeu que aquelas horas de conversa não eram perdidas, era onde fortalecia nosso grupo. Naqueles momentos a gente saía fortalecido, ia para o racha, brigava lá, saía brigado mais o Du e voltava, essas dificuldades que a gente tinha, resolvia no grupo e isso fortalecia. [...]. Então a gente vivia nesses picos, altos e baixos. [...]. (BEZERRA, 2011).

A convivência dos estudantes era cheia de amizades e poucos conflitos, mas ao surgirem esses conflitos, iam resolvendo, de modo que não aprendiam somente conteúdos, mas como conviver em grupo. Sobre a experiência do PRECE, a cada depoimento, vejo que sempre havia a preocupação com um plano prévio, com a disciplina do tempo, tempo de estudar, tempo de descansar e isso reflete a procura deles mesmos em se organizar para conseguir os objetivos finais. Foi sendo feito um investimento social em sonhos que não foram sonhados sozinhos, mas a partir do pensar coletivamente, quando cada um podia cooperar e exercer a solidariedade em conjunto. Acerca desse valor, Paulo Freire afirma que a solidariedade “caminha de mão dadas com a consciência crítica” (2014) e diz:

[...] Eu não consigo imaginar o mundo melhorando se nós não adotarmos, realmente, o sentimento da solidariedade e não nos tornarmos imediatamente um grande bloco de solidariedade, se nós não lutarmos pela solidariedade. [...] Na perspectiva de algumas pessoas da esquerda nós deveríamos primeiro transformar radicalmente as estruturas materiais da sociedade para poder atuar sobre a superestrutura e somente com estas transformações estruturais concretizadas nós poderíamos ver a realização da solidariedade na sociedade. [...], assume-se que no dia seguinte ao da promoção destas mudanças estruturais profundas, teríamos um novo homem e uma nova mulher, e nós poderíamos instaurar a solidariedade na sociedade. [...]. Nós precisamos restaurar e inventar de novo o poder local. Restaurar e reinventar o poder local significa criar possibilidades diferentes que tornem possível a experiência da solidariedade. [...]. (FREIRE, 2014, p.80-82).

A partir dessa experiência vivida pelos primeiros estudantes do PRECE e do pensamento de Freire, entendo que praticar a solidariedade é algo primordial diante de tanta individualidade e solidão das pessoas. Paulo Freire nos adverte acerca da importância de restaurar e recriar o poder local para melhor se conseguir viver de forma solidária e realizar sonhos por meio dessa virtude que é a solidariedade.

Com a criação do PRECE inicia-se assim uma transformação de mentalidades nos estudantes precistas e junto a isso, o estabelecimento de um poder local que cresceu pela cooperação, solidariedade e criticidade ao analisar-se as condições de produção da experiência.

Nas análises das narrativas de vida dos estudantes pioneiros, percebo o valor que há em compreender a história social por meio das histórias individuais, porque a partir dessas histórias temos um retrato fiel de nossa realidade local e nacional. E é essa história social que nos situa no presente sem perder de vista o futuro que queremos construir para nós.

Na análise da narrativa de vida de José Noberto, tentei mostrar um pouco do que foi uma trajetória de vida cheia de luta, sofrimento, dúvidas, idas e vindas, buscas, indecisão e decisão, sonhos e vitórias perpassadas pela emoção e pela razão. Apesar da herança política e cultural de analfabetismo presente em sua família, o mesmo lutou para vencer o conformismo usual de jovens do interior e seguir em frente nos estudos.

José Noberto, em sua trajetória de estudos, ajudou a preparar a sementeira para a colheita dos novos estudantes que viriam em maiores grupos em busca de transformação de suas realidades de exclusão social. Ele fez parte da construção de uma nova era na educação, conjuntamente à Francisco Antonio Alves, Francisco Gonçalves, Antonio Eudimar, José Orismar, Carlos Roberto e Francisca Raquel.

O interessante é que Noberto foi e é valorizado e reconhecido por sua família. A pedagogia do exemplo tocou, principalmente, as suas irmãs que seguiram em frente os seus estudos inspirados em seu irmão.

A partir dessa decisão de entrar no PRECE, o jovem teve um novo foco na vida, vencer por meio dos estudos e ser professor de química. Apesar disso, não deixou totalmente o futebol e continuou jogando no time de futebol da universidade, porém, fez isso apenas no final da graduação. Ao ingressar na universidade, teve que vir morar em Fortaleza e logo surgiu a saudade de continuar junto com o grupo da casa de farinha.

Era difícil estar afastado das pessoas que conhecia e que tinha criado laços fortes em toda a vivência em Cipó. Quando se vive emoções intensas com um grupo, deseja-se estar sempre com essas pessoas, por isso houve um esforço para conseguir estar na mesma residência que seus amigos precistas e isso colaborou com o estado emocional de José Noberto, resultando em uma maior motivação para concluir a graduação.

Cada precista que entrava na universidade, a esse orientava-se que aproveitasse tudo o que tinha direito dentro dela, que buscasse toda oferta de formação acadêmica, por exemplo: fizesse curso de línguas, participasse de seleção de bolsistas de pesquisa e docência, dentre outras possibilidades encontradas no mundo universitário. Essas orientações vinham

sempre do líder principal, inicialmente, mas depois do crescimento do PRECE, os orientadores passaram a ser todo líder graduado ou aquele graduando que captava tudo bem rápido, ou seja, tinha na mente uma imagem fotográfica da universidade.

Os resultados do percurso de José Noberto começaram a chegar; ele graduou-se em química pela UFC, em 2003, (Figura 56) e logo ingressou no mestrado, mesmo momento em que dá um novo passo na área amorosa, casando-se com Ana Beatriz, conterrânea sua e professora da escolarização. Ele conclui o mestrado em 2006 e logo ingressou no doutorado em Química de Plantas.

Figura 56 – José Noberto e sua mãe, Anésia Bezerra, na Formatura em Química (Licenciatura)



Fonte: Arquivo pessoal de José Noberto.

Nessa fase de sua vida, surgiu seu primeiro filho. Com as tribulações da vida profissional, acadêmica e pessoal, Noberto sentia-se sobrecarregado, chegando até a parar o doutorado por um curto período de tempo, pois não tinha mais forças para continuar. Após esse período afastado, conseguiu, aos poucos, voltar, e foi melhorando cada vez mais. Após a conclusão do seu doutorado em 2012, nasceu o seu segundo filho. Noberto sempre demonstrou gratidão ao PRECE pelo seu sucesso acadêmico como estudante, monitor; como graduando, foi professor; e depois de formado permaneceu ligado as ações do movimento PRECE até a atualidade. Ajudou na construção das EPC e incentivou os jovens que iam para a

universidade, mostrando que seria possível a eles também fazerem o curso que mais se identificassem.

Em relação às experiências profissionais, após a sua graduação, em 2012, José Noberto trabalhou com bolsa de pesquisador na EMBRAPA, em Fortaleza, período de muito aprendizado para ele que o impulsionou a seguir a trajetória de professor e pesquisador. Passou a exercer a docência no ensino Médio nos anos de 2014 à 2015 na Escola Estadual de Educação Profissional Alda Façanha, onde experimentou a metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Nesse mesmo período, foi também professor-tutor da UFC virtual. Por quatro anos, um semestre de cada ano de 2016 a 2019, foi professor temporário da Universidade Estadual do Piauí (UEPI) - Campus Piriipiri. Atualmente, já em 2019, foi aprovado no concurso público para professor efetivo em EBTT (Ensino Básico Técnico e Tecnológico) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus de Camocim.

Ver resultados positivos no percurso de vida de José Noberto, cheio de lutas e desafios é compensador, pois nem todos chegaram onde ele chegou. Mas é interessante perceber que os que não chegaram, faltou-lhes, com certeza, ser rodeado pela cooperação e solidariedade. Isso pode parecer um chavão, mas por tudo que discuti antes, isso não deve ser apenas palavras desgastadas.

José Noberto construiu uma história de enfrentamentos à adversidades, mas também uma história de vitórias. Ele ajudou outros a construírem outras histórias de vencedoras. Em suas buscas, encontrou o futebol, paixão que viveu intensamente em sua adolescência e com um desfecho feliz, pois a partir desse gosto apurado pelo esporte foi que conheceu Manoel Andrade e o PRECE. Esse grupo o levou a olhar além do futebol e, ao enxergar, ele caminhou sua trajetória individual e coletiva para obter o sucesso acadêmico e pessoal.

5.9 Memórias de José Orismar Barroso: uma história de superação e esperança

José Orismar começa a narrar a sua história de forma mais organizada, talvez porque como ele fazia parte do projeto de captação das histórias de vida dos estudantes do PRECE, aprendeu bem a contar a sua história, de modo organizado, acho até um pouco mais trabalhada. Ele não esqueceu de contar elementos cruciais e fortes de sua história que outros poderiam não querer contar. Ele começa:

Meu nome é José Orismar da Silva Barroso, tenho 4 irmãos, sou o primogênito. Meu pai é Francisco da Silva Barroso, minha mãe, Ana Maria da Silva Barroso. Meus avós paternos são Luis Vieira da Silva e Josefa Vieira da Silva. Meus avós maternos são Celina Vieira e Felipe Vieira. Minha descendência é de Parnaíba, uma comunidade que faz parte do município de Pentecoste [...]. (BARROSO, 2011).

A partir desse momento sua história de vida ganha existência, antes era como se ela não existisse por nunca ter sido compartilhada. Um dos pressupostos de Christine Delory-Momberger enfatiza a importância de entendermos que a nossa história para existir, precisa ser narrada pela fala ou pela escrita. Daí porque esse trabalho de registro das histórias de vida dos estudantes fundadores do PRECE é necessário para dar existência a memória individual e coletiva da experiência. A autora afirma que:

[...] a história de vida, em outros termos, a vida narrada, não é a vida. [...] não existe uma prática de formação que pretenda recriar para si própria, o que seria o transcorrer factual e objetivo da vivência; todas elas, ao contrário, se dão por objeto primeiro de trabalho a construção biográfica que o sujeito opera pela fala ou pela escrita quando convidado a contar sua vida, ele se *volta a si mesmo*. (MOMBERGER, 2014, p.316).

A partir disso, entendo que a “história de vida” ou a “vida narrada” não podem ser tomadas como postas, concluídas, mas ao contrário, são objetos de trabalho constante do agente, que a constrói por meio da produção escrita ou falada. De acordo com a autora, a história de vida não estava objetivamente pronta, acabada em sua memória ou na daqueles que conviveram com o protagonista dessa história. Compreendo que nesse processo de construção biográfica de cada um, há apagamentos de lembranças o que gera a possibilidade de não ocorrer somente o real, mas pode haver o que não é real para preencher esses apagamentos.

Por exemplo, a história de vida de José Orismar não tinha existência semiológica, existia apenas em fragmentos de memórias, de forma subjacente. A partir do momento em que foi dada a ele a oportunidade para construí-la, empreendeu essa aventura que foi olhar para si e se narrar, em um esforço de busca pelas lembranças, mas com certeza houve momentos em que o real foi apagado e foi substituindo por aquilo que se considerou o real. Nessa construção que sempre se renova, José Orismar não perdeu de vista o outro que está o tempo todo na história a qual ganha fôlego e existência no mundo objetivo e no seu (inter)locutor. Com a (inter)locução abre-se um espaço para uma co-produção, presente e futura, apontando para a dimensão social das histórias de vida.

Agora, a sua história se faz notória, ela existe para que todos possam saber como foi a vida dele. Como foi a vida com seus pais. Quais foram suas atividades infantis. Os seus estudos. Como era seu jeito de ser. O que ela nos ensina? Com o que nos identificamos.

Dentre tantos interesses possíveis do porquê conhecer a história de vida de José Orismar. Iniciando essa viagem, convido o leitor a conhecer um pouco dessa história e sua análise. Sobre como foi a sua infância e a vida com sua família, destaco a narrativa dele:

[...] Lembro demais dos momentos em que nós nos reuníamos à noite no período chuvoso quando vinham as safras [...]. Era mais comum na casa dos meus avós paternos. A gente tinha montes de feijão e [...] debulhava esse feijão de forma manual. Era gostoso, eu lembro dessa cena porque ali a gente ficava ouvindo as histórias deles de quando eles eram crianças. Eu lembro que a gente andava naquelas veredas, minha mãe ia na frente, eu ia na frente dos meus irmãos e meu pai era o último para nos protegermos. Lembro de alguns serviços básicos que eu fazia junto com a minha família. Lembro de ir buscar água, eu era o mais velho e pai sempre me dava essa função, e geralmente a gente ia buscar essa água ou no açude que tinha lá perto ou no leito do rio Canindé. [...]. A única fonte de renda era o meu pai e geralmente só dava para comprar o arroz, o açúcar e a farinha. É um momento triste que eu lembro. Tinha um serviço do governo federal para as pessoas menos favorecidas durante a seca que foi a construção de um açude, e às vezes eu tinha que ir fazer o serviço no lugar do meu pai nessa construção porque ele saía para fazer outras coisas. No dia que o pai não podia ir, eu ia. Fiz isso poucas vezes, graças a deus, mas isso foi horrível. Tinha que subir uma rampa com um carrinho de mão e eu não tinha muita força, era um serviço muito arduo [...].(BARROSO, 2011).

Assim como em outros relatos, os estudantes pioneiros ajudavam no trabalho de seus pais para sustentar a família, dividindo, portanto, o tempo diário em tempo de trabalhar e tempo de estudar; assim aprendiam a realizar os mesmos ofícios que seus pais precisavam fazer para poder sobreviver ao tempo da fome que é conhecido em nossa região.

Em todas as famílias dos pioneiros do PRECE, esses estudantes ocuparam lugar central no trabalho para sustentar e cuidar de suas famílias. A narrativa de Orismar nos mostra o momento da safra de feijão, algo presente em todos os nossos relatos, o momento da debulha a boca da noite regada de histórias de vida de nossos pais, dentre histórias de fantasmas, piadas e adivinhações. Menciona também o problema da escassez, da falta de serviços e, conseqüentemente, a problemática para obter água para a família. Fala ainda das caminhadas com a família pelas veredas do sertão. Todas essas memórias constituíram o Orismar desse momento da contação e de hoje, no plano espiritual, porque ele já não está mais conosco nessa experiência efêmera que é o plano material.

Orismar Barroso relata sobre a vida econômica de sua família de um modo impactante. Essa narrativa nos faz crer que ele sofria várias privações e isso expõe uma regularidade presente na experiência de vida de todos nós, em nossa realidade familiar. Porém, vi que a experiência de Orismar foi muito mais forte do que todas as outras. Sua família não teve como apoiá-lo em seus estudos quando ele morava em casa e muito menos poderiam quando ele morava na casa de farinha, distante de seus pais. Em alguns aspectos, passamos a nos representar nessa identificação, talvez por isso a união foi um elemento forte

em nosso grupo porque captávamos as emoções uns dos outros quanto a tudo que nos identificava:

[...]. Eu trago muito na mente a lembrança da alimentação, que era muito fraca mesmo. Lembro quantas vezes eu não comia o café com farinha, quando tinha farinha, porque quando não tinha era só o café mesmo, era horrível. Lembro de uma comida bastante rotineira que era o arroz com ovo. Utilizávamos picica, farinha de gergelim, mandioca era mais difícil porque meu pai não tinha terreno e não tinha como fazer o cultivo, a gente adquiria com o meu avô, era a famosa carimã. A gente vivia nessa luta, uma luta de muita resistência, dificuldades. Lembro que eu, em busca de algo para a gente se alimentar, utilizava baladeira para caçar passarinho. Eu deixei essa prática cedo porque eu era um jovem que me sentia muito incomodado quando eu matava os passarinhos, me dava uma pena muito grande. Outra comida que a gente comia eram os carás, que ficavam nas taperas, que são poças d'águas acumuladas durante o período chuvoso. Meu pai chegava às vezes com um bernal e alguns carás. Quando nós tínhamos o cará era uma boa companhia para o arroz. Em termos de alimentação a minha infância foi muito defasada, passei muita necessidade. Feijão era coisa raríssima, porque durante os períodos de seca a gente não conseguia cultivar o feijão para passar o período não chuvoso se alimentando [...]. (BARROSO, 2011).

O relato sobre a infância de Orismar Barroso revela que o seu café da manhã era café com farinha de mandioca e, as vezes, tinha um e não tinha o outro, nesse caso, tinha que ser somente um. Há outra situação em que ele só tinha uma roupa para ir à escola, seus pais não tinham como comprar vestuário, material escolar e nem pagar merenda na escola. Ele fala que “tinha vergonha porque não tinha muita roupa para ir para escola. [...] também não tinha caderno. Depois a bicicleta quebrou, meu pai não tinha como consertar e eu tive que parar os meus estudos. Eu chorei, foi um momento cortante para o meu coração”. (BARROSO, 2011).

A trajetória de José Orismar expressa alguém que tinha uma vida muito escassa de tudo, ele foi o estudante pioneiro mais pobre quanto a recursos materiais. Em seu relato, ele se desnuda de forma autêntica, despido de qualquer orgulho, como podemos ver, até o fim da sua narrativa. Antes eu não percebia a sua história porque ela nunca havia sido contada. Hoje me emociono pela forma como ele captou a sua vida de pobreza, pelo quanto foi impactante para ele esse estado de quase pobreza extrema, portanto, estou à frente de uma narrativa carregada de superação e esperança.

Quando se é jovem, há sempre uma vergonha em ser diferente e por isso, Orismar sofria pela vergonha de ter apenas uma peça de roupa, o que fazia ele não apresentar condição emocional para ter uma boa relação interpessoal com os amigos de estudo, relacionando-se pouco com eles, os quais pareciam ser mais abastados.

A merenda do café com farinha de Orismar também foi o meu cardápio no café da manhã em muitas ocasiões. A farinha de picica também foi minha merenda da tarde outras vezes e assim são muitas as identificações. Nesse momento de verificar tantas aproximações,

penso que nosso grupo se uniu muito pelas identificações. Entendíamos mais a linguagem da pobreza, da dor, da baixa autoestima e da vergonha. O sentimento de pertencimento de todos do grupo era forte e a convergência de um propósito maior em toda essa experiência foi determinante de nosso sucesso.

Os estudos primários de Orismar Barroso deram-se no início da década de 1980 em um alpendre que funcionava como escola. Uma descoberta foi saber que em sua alfabetização; ele experimentou estudar à sombra do juazeiro devido ao alpendre da casa de sua professora, algumas vezes, ser ocupado pelas cabras. E interessante foi que quando chegou ao Projeto, novamente se encontrou com essa árvore que hoje é um dos símbolos do PRECE, por ter abrigado em sua sombra, vários estudantes em seus grupos de estudos. Esse inusitado espaço bucólico, tomado como ambiente de estudo surgiu da necessidade de salas de aulas que eram poucas para uma metodologia em que seus grupos de estudantes precisavam tomar distância por causa do barulho nas discussões que, normalmente, ocorrem quando se estuda em grupo. O estudante narra esse momento:

[...] Lembro que comecei a estudar no início da década de 80, fui alfabetizado no alpendre de um casarão. Lembro da minha ansiedade falando para o meu pai comprar minha cartilha do ABC, que foi a única coisa que eu levava nos primeiros dias de aula porque meu pai não tinha dinheiro para comprar os outros materiais. A minha primeira professora, a tia Francisca, foi quem começou a me ensinar. Ela queria que eu comprasse minha tabuada. Eu comecei lendo minha cartilha do ABC. [...] “no assero do terreiro assim daquela casa que seria como escola, isso é bem emblemático porque[...] depois a minha vivência com essa questão (*que era a experiência de estudo em grupo debaixo do juazeiro em 1994 no PRECE*)[grifos da autora], tinha um pé de juazeiro [...] às vezes quando não dava certo isso, *os estudos no alpendre* [grifos da autora], *ela a professora* [grifos da autora] limpava aquele pé de juazeiro[...] ali nós íamos sentar [...] embaixo [...] porque seria o melhor lugar do que mesmo no alpendre”. [...]. (BARROSO, 2011).

Ele explica que trocavam o alpendre pelo juazeiro em decorrência do odor de fezes e xixi das cabras no alpendre da casa da professora, hábito que os criadores de caprinos tinham de deixar os animais se abrigarem em suas casas nos momentos de chuva.

Nesse período de sua alfabetização, surgiu a paixão pela literatura de cordel, e isso serviu de estímulo para a continuação no processo de aprendizagem da leitura. O que me impressionou na narrativa do estudante foi a persistência e a esperança que o fez vencer muitas dificuldades para continuar estudando. Sobre essas dificuldades colocadas pela extrema pobreza de sua família, que representava muitas outras, de baixa ou nenhuma renda, Paulo Freire discute na obra **Pedagogia da Esperança**. Segundo Freire:

[...] os seres conscientes querem, refletem e agem para derrubar as “situações-limites” que os e as deixaram a si e a quase todos e todas limitados a *ser-menos*; o “inédito-viável” não é mais ele mesmo, mas a concretização dele ao que ele tinha

antes de inviável. Portanto, na realidade são essas barreiras, essas “situações-limites” que mesmo não impedindo, depois de “percebidos-destacados”, a alguns e algumas de sonhar o sonho, vêm proibindo à maioria a realização da humanização e a concretização do SER-MAIS. [...]. (FREIRE, 1992, p.207).

Essas “situações-limites” de Orismar surgiram em boa parte de sua narrativa de vida. Existiam outros momentos por exemplo, quando, por fome, Orismar chegava a chorar no caminho de volta para casa, imaginando que não conseguiria continuar. Toda essa situação desfavorável foi o motivo que o fez desistir de estudar uma vez ainda no ensino fundamental, mas a esperança de a vida melhorar sempre vinha em sua mente.

Na década de 1990, o contexto local se mostrava como um espaço de muitas dificuldades, pois as questões políticas eram de descaso com a educação, saúde e economia, já tantas vezes mencionado, à medida que sinto necessário relembrar em minhas análises, onde as pessoas viviam da agricultura de subsistência e, em tempos de seca, tornava-se cada vez pior a situação das famílias. A família de Orismar, especificamente, viveu tempos curtos de fartura que acabaram logo com a chegada da seca, onde a escassez de alimentos fez com que os poucos recursos feitos no inverno e os da pequena bodega que seu pai tinha se acabassem. José Orismar acompanhava a seu pai nos mais diversos trabalhos que exercia e quando este não podia ir, ele o substituíva.

José Orismar continua a sua trajetória de estudos iniciando o ensino fundamental em uma nova escola. Mas com ele vão todas as dificuldades assinaladas, a distância da casa dele para a escola, a falta de alimentação, vestuário, material escolar, mas, nesse trajeto, ele vai encontrando porteiros que vão abrindo as portas para ele. Vi o espírito de gratidão muito presente em sua narrativa. A todo o momento ele está agradecendo:

[...]. Depois, em 1992, 1993, eu me matriculei em outra escola que tinha da quinta à oitava série, em Cacimbas. Era um ensino através da TV. Aí começaram as mesmas dificuldades das outras vezes. Lembro que caminhava uma hora a pé até a escola, às vezes pegava uma carona na ida e na volta. Às vezes ia para a escola sem comer nada. Comecei a desenvolver amizade com a família da minha professora Irismar, e comecei a passar dias na casa deles. Ela era uma pessoa muito acessível, me deixava muito à vontade na questão da alimentação. Às vezes eu ficava de meses na casa dessa minha professora. Eu agradeço demais porque senão eu teria sucumbido mais uma vez nos meus estudos, porque meus pais não tinham condições. Às vezes eu voltava chorando para casa. Eu fiz amizade com a merendeira e às vezes ela me dava buruaca com café na volta para casa, às vezes me oferecia um almoço. Eu recebi isso com muita gratidão porque eu entendia que eu precisava dos meus estudos e que eu não podia me intimidar diante daquilo, e eu aceitava isso de muito bom grado porque as dificuldades eram enormes e o meu sonho era continuar estudando. Meus pais e meus tios diziam que eu já tinha aprendido a ler e já estava bom de parar, só que eu queria dar uma sequência no meu estudo, eu pensava em terminar pelo menos o meu segundo grau. [...]. BARROSO, 2011).

Na narrativa, Orismar fala dos obstáculos e do choro que o acompanhava em momentos de caminhada nas veredas do sertão no retorno para casa. Essa emoção fez parte também da vida dos outros, lembro aqui do Noberto que também expressou o choro em certos momentos, e eu mesma, expressei isso até demais. O choro reflete a intensidade emocional de algo que deixou em nós marcas profundas que já faz parte do nosso *habitus* – o “*habitus* do choro precista”. O choro coletivo, pela dor e pela alegria da vitória.

A mentalidade dos pais de José Orismar era a mesma dos pais de José Noberto em relação ao valor dos estudos dos filhos; para eles, bastava aprender a ler e saber as quatro operações de contas na tabuada já estava podia para. Mas, a felicidade foi que os dois Josés escolherem continuar.

Quando Orismar estava na sétima série, sem oportunidades, sentiu-se esperançoso ao saber sobre o Projeto de estudos da casa de farinha através do amigo Eudimar Venâncio, o qual o convidou para participar desses estudos com o objetivo de mudar a sua vida a partir da escolarização e de uma formação superior. Por ocasião da sua vida familiar ser difícil, qualquer decisão não seria fácil, mesmo assim, José Orismar decidiu deixar a escola regular e ir morar na casa de farinha para estudar e realizar seus sonhos.

Todos os agentes pioneiros do projeto tinham tomado a mesma decisão, porém, com ele, nada foi fácil e essa escolha também não seria, em decorrência de todas as dificuldades até aqui expostas e pelas que ainda discutiremos. A permanência dele no estudo foi um enorme exemplo de perseverança e esperança, mesmo com as lutas.

[...]. Eu estava na sétima série, o ensino fundamental era só até o oitavo ano. Em 1994 eu tinha muita amizade com o Eudimar, o Du, que estudava na mesma escola que eu. Ele chegou e propôs que eu fosse conhecer um projeto que havia se iniciado com estudantes no Cipó. Eu já conhecia o Cipó porque eu já tinha ido lá algumas vezes fazer o curso de datilografia com o professor Toinho. Depois o Du veio me falar que tinha iniciado um projeto educacional no Cipó com o professor Andrade. Um dia nós vínhamos na estrada entre Capivara e o Cipó, e o Du fazia o relato de como era essa experiência. Lembro da primeira noite que eu cheguei, estavam o Toinho, o Du, o Beto, o Francisco estudando e eu me agreguei na turma. Eu gostei do debate sobre história, daquele grupo compartilhando, conversando. O Toinho tinha conseguido uma lâmpada fluorescente ligada numa bateria porque ainda não havia energia elétrica no Cipó. [...].BARROSO, 2011).

Orismar já tinha feito o curso de datilografia, a novidade educacional daquele momento nas comunidades rurais próximas a Cipó, exposto antes; ele já tinha provado um pouco do gosto pela liberdade de estudar de forma autônoma, de ter uma meta clara, um sonho e foi seguindo, demonstrando que se encontrava na busca pelo aprendizado, pela mudança. E isso se solidificou mais ainda quando participa do primeiro encontro e percebe

um grupo motivado estudando com autonomia e liberdade. Isso o atraiu, e ele aceitou o chamado de Antonio Eudimar cuja biografia discutimos anteriormente.

Ingressar no PRECE e estudar em grupo na casa de farinha, compondo assim, os sete estudantes pioneiros do Projeto, foi estimulante para José Orismar, que passou a estudar e a conviver com os outros da casa. Com isso, ele realizou o “inédito viável” (FREIRE, 1992), aquilo que poderia ser inviável em sua vida – pois com aquelas dificuldades familiares, todos os empecilhos próprios de uma grande família de agricultores no semiárido nordestino, estar ali, iniciar, isso já era a iniciação da realização de um sonho maior.

Tinha-se, portanto, o anúncio da possibilidade, do sentimento de que o sonho não seria impossível ou não viável, mas seria alcançado porque ali se iniciava o percurso para se alcançar o grande sonho de uma vida melhor. Agora faltava conversar com o professor Andrade para ele dar as orientações de trajeto de estudo, ver estratégias a partir da situação de estudo de Orismar e assim foi feito:

[...]. Nós conversamos e o Andrade começou a me dar umas orientações e eu fui fazer o supletivo em Pentecoste. Era uma coisa muito difícil, eu fazia o trajeto na bicicleta do Francisco, meu colega do grupo que nós tínhamos iniciado, e às vezes eu não tinha condições de merendar. Mais uma vez essas coisas começaram a me perturbar. Nas primeiras provas do supletivo eu ia fazer a prova e voltava de bicicleta com uma fome horrível. Eu falei isso algumas vezes para a dona Fransquinha, mãe do professor Manoel Andrade, e ela começou a me dar o dinheiro da merenda. Eu tenho que considerar a igreja na minha vida nesse momento, que me ajudou muito na questão espiritual, porque eu lembro que ia orando na bicicleta para Deus me fortalecer. Terminei meu ensino fundamental entre 1994 e o início de 1995. [...]. BARROSO, 2011).

José Orismar aceitou a proposta exposta pelo professor, mas sabia que mais uma vez, não seria fácil, porém decidiu iniciar os estudos pela modalidade EJA do ensino fundamental. Apesar de ele ter saído da escola regular na sétima série, foi orientado pelo professor Manoel Andrade a fazer uma revisão, para suprir a defasagem proporcionada pelo sistema de ensino TV Educativa. Assim, ele seguiu, mesmo ainda sem recursos, continuou o desafio da resistência e superação de obstáculos - agora novamente, a falta de se alimentar de forma regular como todas as pessoas merecem. Como discutido antes, a presença do suporte espiritual, emocional e material dado pelas mulheres da Igreja Presbiteriana Independente de Cipó fez com que o estudante se sentisse cuidado e isso com certeza o ajudou a continuar.

Dentro dessas situações vivenciadas pelo estudante, destaco o episódio da migração de sua família para o município de Barreira, em Ceará, em 1995. Como ele queria continuar estudando e estimulado pelo compromisso com o grupo, decidiu ficar. Com a ausência de sua família, o sentimento de que estava sozinho bateu em seu íntimo e isso o

predispôs a momentos de solidão, e, certamente, ampliou o raio dos problemas de subsistência, como a falta de alimentos, roupas, materiais de higiene pessoal etc. Com isso, no grupo, ele era visto como o mais necessitado.

Dessa forma, os seis estudantes o ajudavam com o pouco que traziam de suas famílias também de baixa renda. Assim, ele passou a ser ajudado pela família dos amigos da casa de farinha e pela família do professor Manoel Andrade. Para dimensionarmos as dificuldades pelas quais Orismar relata ter vivido, destaco trechos de sua fala que apresentam como se deu esse contexto difícil o qual delineio na breve apresentação: seus amigos tinham saído para buscarem os mantimentos em suas famílias e ele, sozinho e sem comida, vê apenas um peixe que já estava apodrecendo, e conta que para preparar essa refeição foi um imenso trabalho, pois teve que ferver esse peixe em várias águas. Essa fala dele nos gera comoção. No relato ele diz:

[...] lembro de uma vez que eu peguei um peixe velho [...] ‘vou fazer o meu almoço desse peixe’ [...] esse peixe velho chega estava meio esverdeado, [...] lembro disso porque [...] é uma cena fortíssima em termos de vivência dentro da casa de farinha, [...] eu peguei o peixe, [...] ele tava assim [...] com um odor meio forte, [...] lembro que a única coisa que tinha lá era colorau [...] ‘eu vou botar ele dentro de 3 a 4 águas’ [...] botei ele pra cozir [...] quando eu vi que a água estava assim com aquela cor, [...] despejei [...] todinha e botei outra e o bicho continuou, [...] fortíssimo ainda; despejei também; ai botei três águas, a quarta água era pra fazer o meu pão, [...] nesse dia eu comi esse peixe. [...]. (BARROSO, 2011).

Assim, ele resistia com bravura, o fragmento de sua biografia demonstra o tamanho esforço para realizar seu sonho de se escolarizar e fazer um curso superior. Esse momento de enfrentar os estudos dia a dia e a necessidade de se alimentar foi de muita determinação à adversidade em uma situação-limite, a qual Orismar superou. Durante todo o relato, o estudante ainda não tinha dado ênfase a suas dificuldades, porém nesse ponto, ele as destacou com força.

Por outro lado, Orismar depois de passar pela casa de farinha e de ter sofrido suas experiências dolorosas, construiu grandes amigos, aprendeu sobre a vida e foi desenvolvendo o seu potencial.

Além dos estudos básicos e de preparação para o vestibular, ele dominava a arte de falar em público, era locutor de rádio (Figura 57) e narrador dos jogos do time do PRECE. Além dessas atividades, ele tinha competência em tarefas que demandavam sua apresentação para plateias.

Figura 57 – Orismar no Programa de Rádio Coração de Estudante em Pentecoste



Fonte: Arquivo Memorial do PRECE

Em seu relato, finaliza dizendo como estava no momento de produção da sua narrativa de vida, mostrando um avanço e um importante crescimento intelectual. Em 1999, Orismar Barroso se mudou para Fortaleza e foi morar na casa da Igreja Presbiteriana Independente de Fortaleza (IPI - Fortaleza) e concluiu o ensino médio em 2003 no CEJA Professor Gilmar Maia de Souza, no centro da capital cearense.

Devido sua experiência com a IPI Fortaleza como membro e também como participante ativo nos eventos da denominação, optou por não mais fazer curso superior na UFC como os outros precistas pioneiros, mas cursar Teologia no Seminário Teológico Presbiteriano de Fortaleza. Em 2006, José Orismar concluiu o curso de quatro anos nessa instituição, e em 2011, ele decidiu fazer mais um ano do curso de Teologia na Universidade Católica de Fortaleza, reconhecida pelo Ministério da Educação. Dessa forma, nessas duas instituições, Orismar se formou Bacharel em Teologia (Figura 58).

Figura 58 – Formatura de José Orismar – Bacharel em Teologia



Fonte: Arquivo Memorial do PRECE.

Após a conclusão do seu curso superior em Ciências da religião, ele passou a trabalhar com o professor Andrade na implementação da Aprendizagem Cooperativa na SEDUC:

[...]. No final de 2010 eu falei para ele que iria me envolver com as atividades do PRECE. De fato, eu voltei mesmo, hoje estou desenvolvendo um trabalho com um pessoal do grupo que está desenvolvendo um trabalho para Secretaria de Educação do Estado. Estou participando de um projeto maravilhoso que é fazer a construção do memorial do PRECE, eu quero compartilhar, quero fazer parte desse momento, para mim é uma questão de honra. Eu acho que esse trabalho é fantástico, brilhante, e fazer parte dessa história é tudo o que quero, porque afinal de contas o PRECE é dinâmico em todos os sentidos, ele trabalha em todas as frentes e todas frentes de trabalho do PRECE tem uma história bonita por trás, tem algo a ser contado, e o memorial não é diferente. Com toda certeza vai ser algo que vai ajudar muito, não só a história do PRECE, mas as demais pessoas que irão nos visitar, que vai servir de embasamento ideológico para alguma coisa que vai estudar nessa história. É riquíssimo esse momento de construção do memorial. [...]. (BARROSO, 2011).

Antes da travessia de Orismar para outra dimensão, em novembro de 2015, ainda precocemente, ele estava representando o PRECE, contando a sua história de vida na experiência e inspirando muitos estudantes da rede pública de ensino a superarem as dificuldades para continuarem estudando com foco em um sonho, o de melhorar suas vidas através da educação.

O trabalho de Orismar era importante por se tratar de projetos pilotos de implementação da metodologia da Aprendizagem Cooperativa - base teórica para a experiência do PRECE que foi sendo construído de forma empírica e despretensiosa, projeto no qual Orismar foi um protagonista como agente fundador e multiplicador no momento de implementação na Escola Pública da Rede Estadual de Educação do Ceará. Em pesquisas posteriores, podemos escrever mais sobre esse momento de entender sobre a metodologia do PRECE que foi sendo construída em uma nova perspectiva, de maneira mais formal e sistematizada pela equipe de formadores do PRECE que foi tomando corpo a partir de 2009.

Com esse trabalho, percebi que nós, agentes fundadores do PRECE, ao nos unirmos em favor da nossa causa e de outras, aprendemos a conviver, a estudar e a nos ajudar, vencendo os impedimentos de toda natureza que, usualmente, se antepõem à vida do estudante de baixa renda do interior do Brasil.

Percebi que o sofrimento pela falta de alimentos foi muito presente na vida de José Orismar, mas não foi suficiente para fazê-lo parar. Ele caminhou sempre cheio de força, garra e crença. Construiu o seu percurso com muitos amigos que compartilharam da sua existência, mesmo efêmera; e ao se narrar, deu uma oportunidade para a reconstrução de sua história por seus (inter)locutores, dentre os quais me incluo, nesse momento, na reinvenção de sua história.

Esse estudo me permitiu compreender o contexto educacional e político da experiência de José Orismar e dos outros estudados antes e a perceber o valor que teve a ação do estudante para conseguir se escolarizar e concluir um curso superior. Por fim, considero que no percurso biográfico analisado, encontrei um exemplo de resistência, superação e esperança.

6 CONCLUSÕES

Esse trabalho desvela trajetórias de resistência e superação de estudantes do PRECE, os quais, apesar dos obstáculos que a vida no sertão nordestino impunha, se organizaram em grupo de estudo sob a liderança de um professor universitário e juntos possibilitaram a entrada deles mesmos e de inúmeros jovens da classe popular no ensino superior.

A experiência gerou um processo contínuo de inclusão social por meio da cooperação e da solidariedade, auxiliada pelos próprios estudantes protagonistas do seu processo de aprendizagem e formação em uma cultura acadêmica. Cultura essa, não usual nessas populações de baixa renda, sempre relegados ao anonimato de suas histórias, em geral, difíceis.

Nessa busca de melhor compreender como se deu esse processo de inclusão de jovens populares na educação superior, vi que nossas histórias enriqueceram o registro da experiência e facilitou a constatação dos resultados. A perspectiva de análise partiu do individual para o coletivo em seu contexto de produção e existência, no campo educacional de atuação do programa em estudo.

Em sua história, o PRECE tem se destacado pela importância em acompanhar o processo de aprendizagem na escolarização e preparação para o ensino superior, se utilizando de ferramentas próximas e possíveis ao contexto do seu campo de ação as quais eram a própria motivação do estudante, somada a estratégias eivadas pelo ideal cooperativo e de solidariedade. Essa junção de forças tem superado as parcas expectativas comuns das pessoas diante das tentativas frustradas da educação formal na escola pública.

Frente a isso, afirmo que esse trabalho pode inspirar, gerar e fertilizar outros contextos escolares formais ou não formais a serem, de forma criativa, abraçados por ideais da cooperação, da solidariedade, da autonomia que geram transformação de realidades de exclusão social de estudantes populares para uma outra mais inclusiva e potencializadora do crescimento desses.

Percebi nas narrativas de vida em estudo, as práticas educativas, as lutas políticas, as parcerias, a metodologia empírica, os movimentos de ida e vinda, avanços e recuos, dentre outros constituintes que formaram a cultura da ação educacional precisa.

Evidenciei pontos altos da história do PRECE os quais foram: a criação do Jornal Tribuna do Estudante que impulsionou a consolidação do projeto social na época, apresentando um registro importante de memória. Essa ação nos fez professores mais engajados e conscientes da realidade de classe renda baixa, do espaço rural.

O veículo impresso constitui um exemplo de como a escola pode intervir no seu entorno na educação política que tanto necessita de tomar corpo e preparar melhor os jovens, cidadãos do futuro, com consciência crítica, capaz de realizar boas escolhas em períodos eleitorais.

Outro evento notado foi o da criação do Projeto Educacional Coração de Estudante que ajudou na sustentabilidade do projeto por meio da captação de apoios financeiros em instituições não-governamentais através de editais de fomento na área da educação.

Ainda o maior de todos em resultados foi a criação das Escolas Populares Cooperativas em várias comunidades o que ampliou o raio de atuação do PRECE e seus resultados nas comunidades onde não daria para os agentes fundadores do PRECE atuarem.

Outro digno de nota foi o movimento em defesa da Escola Pública com a realização de ações educativas de força política extraordinárias. Essa ação compôs a dimensão política, a vontade política de mudar e fazer o que deixou de ser feito pelo poder público até então e isso foi uma força incrível dessa experiência que nos formou como agentes capazes de sempre continuar fazendo tudo de novo, contextualizado por cada espaço de ação docente.

As condições nas quais o PRECE foi construído não foram tão ajustadas e fáceis em termos de instrumentalização na ordem material, mas foram férteis em participação popular e formação de liderança comprometida com as suas comunidades. Vi que foi possível a partir desse estudo da história do PRECE, por meio das histórias de vida de seus agentes fundadores, construir boa parte do registro memorialístico da experiência para que possa inspirar outros agentes educacionais.

A metodologia do PRECE, utilizada de forma empírica em todo o processo formativo de seus agentes (discentes e/ou docentes), desde sua criação, analisados aqui confirmam que a experiência tem condições metodológicas para ser usada em outros contextos educacionais não formais e, possivelmente, com as bases teóricas da Aprendizagem Cooperativa, em contextos formais de educação.

Dentro disso, penso que a maior fortaleza do PRECE foi o sentimento de solidariedade entre todos nós que nos sustentou em todas as dimensões. Seus valores se

coadunam, com potência, com os postulados teóricos freireanos e podem ser uma resposta a contextos de violência na escola.

Além da solidariedade potente para contextos mais violentos, cheios de agressividade, indisciplina, etc., notei nas histórias de vida precistas, um elemento importante que nos constitui hoje que é a dimensão afetiva a qual transforma o ambiente escolar, tornando propício para o ensino e a aprendizagem. Sobre isso, destaco o mover dos afetos e a atenção entre os líderes e liderados, estudantes e monitores nas aulas, nas conversas, no apoio mútuo, nas decisões importantes para as quais precisavam de orientação da liderança. Desse modo foi-se construindo uma identidade de companheirismo e empatia no interior do campo precista.

Percebi, em minhas reflexões, haver na experiência educacional do PRECE elementos importantes como o protagonismo estudantil que favoreceu uma relação horizontal e de diálogo entre quem representava o educador e o educando. Com isso, considero que esse protagonismo no PRECE respondeu a uma necessidade dos jovens rurais de tomarem a frente de seu destino, pois os mesmos não dispunham de mecanismos públicos que dessem a eles a oportunidade para se desenvolverem por meio da educação.

Vi que havia no sistema educacional municipal a falta de escolas rurais e professores com formação superior que pudessem entender o que ensinavam quanto aos conteúdos, e ainda, que fossem capazes de trabalharem também uma formação mais humana e holística com o estudante.

Apreendi sobre a importância de fazermos algo mais do que, usualmente se faz; algo diferente do que havia nas poucas escolas públicas rurais da época (e muitas fragilidades do período ainda persistem até hoje) as quais não respondiam a problemas que travavam o crescimento de seus estudantes.

Diante desse contexto, vi que foi necessário agirmos com criatividade e obstinação em algo prático e significativo para o contexto do estudante. Dessa forma, dar uma guinada positiva e gerar resultados potentes na vida dele que, nesse processo, foi o protagonista.

Compreendi que o melhor começo foi ouvir os estudantes mediante o estabelecimento de um diálogo com eles, logo que chegavam, ouvir a sua história de vida estudantil, pedir para que a contasse, escrevesse ou desenhasse, enfim, foi urgente primeiro sempre buscar novas ações práticas de como promover o encontro para falar do sonho de cada um.

Outro elemento que nos constituiu educadores e profissionais em processo para entrar no campo educacional formal brasileiro foi o acompanhamento lado a lado, de modo particular, privilegiando as diferenças, já que o estudante não é uma peça produzida em série, todas do mesmo formato. Foi assim, desde o início, desde o professor pioneiro Manoel Andrade ao estudante facilitador que chegou há poucas semanas, em todos os momentos e nas práticas educativas.

Vi a partir da análise das nossas histórias de vida que o processo de aprendizagem cooperativa e solidária na experiência do PRECE possibilitou impactos sociais como, por exemplo, o fato de centenas de estudantes populares serem incluídos socialmente, tendo a oportunidade de entrar à universidade, se graduarem e adquirirem um emprego que desse a eles uma melhor qualidade de vida.

Foi importante saber que todos esses resultados do PRECE foram frutos de um longo processo histórico que compôs vários atores. Minha trajetória foi repleta de aprendizagens surgidas pelas práticas e pelos conflitos, história que tem seu clímax com o início do trabalho social no PRECE.

No programa, fui desafiada a superar esse legado de pobreza, de baixa autoestima que permaneceu em mim, impregnado pela necessidade material e cultural, apesar do amor de minha família. Ao viver o PRECE, tudo foi se transformando, se fortalecendo, ficando intenso, epifânico e catártico em minha vida. Veio a mim, a ideia freireana do Ser mais, parte do meu processo de conscientização e transformação em vários aspectos.

Em minha autoanálise, percebi que as minhas escolhas de objetos de pesquisas acadêmicas na universidade, tiveram a ver com a minha trajetória de vida. No meu curso de especialização, escolhi como objeto o autor cearense Jäder de Carvalho e Graciliano Ramos, ambos de literaturas Realistas, de estéticas de cunho crítico-social. No mestrado, continuei com Jäder de Carvalho. Todas essas escolhas se deram por uma forte identificação das temáticas sociais presentes na obra desses autores, temas que se comunicavam com as minhas lutas sociais no PRECE. Agora no doutorado veio-me a oportunidade de pesquisar, conhecer, analisar e compreender personagens desse programa a partir da minha história e visão.

A pesquisa em Jäder de Carvalho residia no âmbito da ficção. Sai do âmbito da ficção para a pesquisa histórico-metodológica na área educacional no doutorado. Nesse curso, tive contato com as ideias de Henry Giroux (1986) e a partir disso, me veio conceitos próximos ao PRECE. O conceito de revolução, de radical e engajado os quais significam, em certos aspectos; o sentido de se colocar como alternativa a problemas educacionais deixados pelos governos.

Sobre a minha prática docente na produção de textos, ao analisá-la, voltei ao momento em que realizei e me vi cercada por vários sentimentos como o de que eu poderia ter interagido mais com os estudantes, ter discutido mais acerca de seus trabalhos, mas sei que quando evocamos algo de nosso passado ao presente, haverá sempre essa reflexão do que poderia ter sido e não foi. Essa análise me ajudou na transformação pessoal e interior.

A ideia de sugerir a descrição da casa do estudante me veio pelas boas lembranças das minhas experiências de estudo naquele ambiente largo e tranquilo. Os estudantes da sede demonstram um bom domínio da língua culta. Vi ainda, de forma muito recorrente, as dimensões, afetiva e social. A metodologia das histórias de vida se mostrou potente pelo fato de gerar identificação e conhecimentos dos atores do processo educativo - a pessoa professor e a pessoa estudante, portanto carregada de significância na vida desses sujeitos em sua condição ontológica.

O meu intento nessa prática foi despertar os meus estudantes para o prazer da escrita e penso que atingi, pois eles produziram muitas redações e não com erros significativos de gramática ou de texto, e quase todos, senão todos eles entraram na universidade. O fato de eu ter selecionado temas do cotidiano deles, facilitou a compreensão situacional e de léxico. A metodologia do estudo em grupo que utilizávamos favorecia ao espírito coletivo e afetivo, o que percebemos facilmente em seus escritos por meio dos excertos destacados.

Sobre o professor e líder principal do PRECE, Manoel Andrade, percebi em sua trajetória, o quanto foi inspirador o seu grupo de estudo de quando era estudante em Fortaleza. Notei o quão valoroso foi o diálogo, a amizade e apoio mútuo entre Flávio e Manoel pelo fato de haver entre eles uma relação horizontal, sem barreiras hierárquicas, institucionais e burocráticas que, usualmente, vemos nas instituições públicas, como, por exemplo, na escola, comumente na figura do professor ou do diretor.

Entendi que Manoel Andrade e todos os outros componentes do seu grupo tinham papéis, ensinando o que sabiam para os outros e aprendendo o que não sabiam com os outros. Penso, a partir da análise do memorial de Andrade, que essa experiência foi um excelente exemplo para a criação do PRECE, agora atualizado e ressignificado em um espaço-tempo novo, pautado, portanto, na fortaleza existente nos grupos que se reúnem com objetivos comuns.

A análise de temas da narrativa de vida de Francisco Antonio trouxe uma reflexão acerca do valor de uma prática social que vá além de estudos acadêmicos e ultrapasse os muros da escola. Acredito que a escola precisaria ter missão social e que, no âmbito da

educação formal, pode ser fortalecida através dos conselhos escolares, dentre outras formas criativas de se realizar a interação entre escola e comunidade.

Vi ainda o que está em todas as histórias até agora vistas: o valor do grupo, da integração de sonhos e a ajuda mútua. O ponto alto de seu trajeto foi o enfrentamento de obstáculos físicos, como as distâncias, além dos subjetivos que são inerentes à vida humana e o gosto pelo estudo (alta motivação), ao ponto de ter repetido a 4ª série três vezes por falta da série seguinte.

O relato de vida de Francisco Antonio nos mostrou como se constituiu o início do PRECE, as dificuldades primárias, as necessidades geradas pela condição social do contexto de produção da experiência, dentre outras questões evidenciadas na análise do relato desse primeiro estudante precisa que foi um desbravador de caminhos, vencendo distâncias.

Na narrativa de vida de Adriano Sergio Andrade vi um professor de ação e sublinho, principalmente, o seu gosto pelo trabalho social, comunitário, o que rendeu a construção da maior casa de farinha pública do Estado do Ceará que se transformou na sede do PRECE, dentre outras ricas contribuições, como a colaboração na multiplicação da experiência do PRECE para Pentecoste e outros lugares como Fortaleza.

Percebi em sua história pontos vigorosos de ações práticas de alguém que não mediu esforços para se solidarizar com os amigos precisas na luta por inclusão do estudante popular no ambiente universitário. Esse desprendimento em fazer o serviço voluntário para o outro com o cuidado com a pessoa é um resultado que toda escola queria obter. Eu digo que ele foi e é o mais altruísta de todos nós, em determinado sentido.

Na história de vida de Carlos Roberto, notei o valor que teve o apoio de sua família na vida estudantil. Atitude como essa em nosso contexto não é muito comum, mas ele teve essa força. A mãe de Carlos e Manoel tiveram papel central na decisão do jovem de deixar a escola regular, tornando-se um dos iniciadores da experiência precisa.

Como um dos primeiros do grupo, ele teve muita esperança e fé de que o projeto, mesmo tão novo, daria certo e que ele não se atrasaria em seus estudos. Percebi que os afetos da família e do grupo foram primordiais para dar o equilíbrio emocional que Carlos Roberto precisava para poder tomar suas decisões com liberdade e autonomia. Comparando essa realidade do PRECE com a da maioria das escolas formais, o PRECE continua a avançou mais.

Na narrativa de Francisca Raquel vi que, assim como Carlos, ela recebeu o apoio da mãe, Francisca, que acreditou nas palavras de Manoel Andrade, o qual sonhou em algo novo que ajudaria no enfrentamento dos problemas da falta de escola na localidade rural de

Cipó. O sonho foi coletivo, junto com Carlos, Raquel, Francisca (mãe desses), Francisco Antonio, comigo e com tantos outros que viriam.

Um ponto alto no relato de Raquel foi o modo como ela encarou suas dificuldades para recomeçar e focar nos estudos. Raquel teve força para superar o desânimo, a doença e, por outro lado, agir. Francisca Raquel, assim como muitos precisas, foi impactada pela **pedagogia do exemplo**, vivida no PRECE e dentro da sua família, por meio da participação de seu irmão e suas duas irmãs no grupo. Além disso, serviu de estímulo à estudante, a aprovação deles(as) para a universidade. Por fim, valorizo a história de Raquel pela sua capacidade de recomeçar, de resistir e por sua história de amor e gratidão ao PRECE.

Quanto à narrativa de Orismar Barroso vi persistência e esperança para vencer os desafios de sobrevivência na casa de farinha. Ele me pareceu ser o maior exemplo de resistência a todo tipo de pobreza material. Ao resistir, venceu junto com o grupo o qual foi determinante em suas conquistas. Apesar de tudo, ele não perdeu a esperança, mas superou porque, além da sua força interior, havia a potência do coletivo ao seu redor e isso o estimulava a continuar. Assim poderá acontecer nas escolas, o cultivo por um ambiente que abrace o estudante por todos os lados, olhando para ele, em sua individualidade, em suas diferenças. Tudo isso é possível com a força do grupo, dos pares e com a colaboração de um professor que entenda o princípio social.

Analisando a narrativa de vida de José Noberto, percebi que a legitimação do PRECE se fortalece a cada história de vida contada. Em José Noberto, vi que, apesar de seus pais não entenderem o valor dos estudos para os filhos(as), ele lutou para romper esses impedimentos. Com a dificuldade de ser entendido pelo seu micromundo, ele teve que implementar sua busca e a primeira delas foi o futebol. Dessa escolha, ele chegou ao PRECE e nele, mesmo com suas indagações e dúvidas, conseguiu vencer apoiado pela força do grupo e da liderança que caminhava junto.

As fortalezas e fraquezas apontadas pela narrativa de José Noberto se expressaram nas suas lutas por uma vida melhor; vencer as dificuldades do seu contexto de vida, as suas perdas, as suas dúvidas e suas dores internas não foi fácil, mas ele suportou com paciência e com amigos. Isso mostra que é possível construir histórias de vencedores desde que entendamos que não podemos fazer nada fora de uma esfera social.

Noberto comenta sempre que o valor maior da experiência reside no trabalho em conjunto e não no trabalho de uma única mão, de um “salvador da pátria”. Com isso, infiro que no percurso biográfico analisado, encontramos um exemplo de luta, cooperação e

solidariedade, mas também, superação e resistência frente aos desafios impostos pela situação precária da educação no município.

Em relação à narrativa de Eudimar Venâncio, percebi a importância de termos valorizado a história de vida de um estudante desistente. Aprendi com o processo de busca por causas que o tenham desestimulado e favorecido a sua saída do grupo de estudos. Entendi que há outros percursos, não menos importantes do que esse apontado para o jovem que podem ser trilhados, a depender do grau de satisfação de cada um diante de sua vida. Considerei importante ainda a busca pelo que não saiu como esperávamos, portanto, posso dizer que isso também nos constrói profissionais mais competentes para analisar as causas do fracasso estudantil.

No relato de vida de Francisco Gonçalves, percebi algo não muito comum, a sua tomada de decisão em deixar a escola regular, ainda na sétima série e, em apenas dois anos, já ter conseguido entrar na universidade. Francisco José se constituiu professor muito ao gosto pelo estudo e pela pesquisa, e me pareceu foi muito focado na formação acadêmica. Ele colaborou com suas aulas no PRECE e conseguiu aliar teoria e prática a contento. Todos esses elementos destacados significam algumas fortalezas percebidas por mim, pela minha experiência de vida com esse grupo e pelas análises de suas biografias.

A partilha de histórias de vida influenciou e impulsionou muitos estudantes que passaram pelo PRECE a terem êxito em seus projetos de vida pela via do estudo e a tocarem outros a fazerem o mesmo, gerando assim, um ciclo que tenho chamado de “Pedagogia do Exemplo”. Dessa análise, resultarão retratos que facilitarão uma nítida compreensão de como esse movimento de estudantes se constituiu e se fortaleceu tomando proporções inesperadas a seus pioneiros.

Nesse trabalho, compreendi que fiz parte de uma nova maneira de fazer educação, gerando inclusão social de estudantes populares de todas as faixas de idade que estavam em posição de atraso em relação aos incluídos socialmente, em sua maioria, vindos de classe mais abastada. Nessa análise, penetrei através da interpretação de biografias de amigos de estudo e sobre mim mesma em um processo (auto) investigativo e (auto) analítico.

Essa foi uma breve tentativa de evidenciar um pouco de como nos constituímos professores nesse processo formativo de nossas práticas educativas no PRECE e de como temos nos incluído socialmente. Percebi haver na experiência do PRECE força transformadora com base no **poder do grupo, do estudo cooperativo e solidário** que poderão ser inspiração metodológica em Aprendizagem Cooperativa para ambientes educativos diversos.

Esse trabalho foi importante ainda para socializar alguns elementos constituintes do *habitus* desses sujeitos quando desvelamos seus modos de vida, o ser estudante e/ou trabalhador do campo, gente pobre que sofre privação, gente revolucionária, dentre outras configurações.

Por meio das histórias de vida individuais no campo educacional, pude perceber categorias constituintes do *habitus* que contribuíram para a construção da nossa identidade precista. Quando pensamos com base nos conceitos de *habitus* e *campo* de Bourdieu, presentes em nosso cotidiano, vejo uma relação entre nossas práticas, distintas em caráter objetivo e subjetivo. Essas configurações aparecem, ao meu ver, como o *habitus* estudantil precista, no sentido do protagonismo estudantil e na relação horizontal. A esses se ligaria, por extensão, ao que nomeio de *habitus* dialógico precista.

Ainda percebi a existência do *habitus* da solidariedade precista que favoreceu aos estudos cooperativos, o *habitus* do engajamento, pois ao meu ver, nossas ações educacionais tiveram certo grau de sentimento revolucionário na questão de se colocar na resistência intelectual das lutas por melhoria na qualidade da educação, buscando saídas para a exclusão social dos filhos das famílias de baixa renda da zona rural e urbana.

Aliado a esses *habitus*, posso nomear o *habitus* da cooperação que, sem pretensão, criamos uma tecnologia social de educação a partir da solidariedade e da cooperação. Por último, destaco o *habitus* do retorno, pois desde o primeiro universitário que passou no vestibular e veio morar em Fortaleza, houve um processo de conscientização, coordenado pelo professor Manoel Andrade quanto ao valor do retorno desses estudantes universitários para ajudarem os outros que sonhavam em entrar para a universidade.

Com a filosofia do retorno, fomos sendo autossustentáveis em relação aos serviços educacionais prestados à juventude. Fomos nos constituindo no aprender a conviver, no aprender a aprender e no aprender a ensinar, dentre outras formas de aprendizado. Vi que o uso das histórias de vida no primeiro grupo sinergizava, positivamente, para a compreensão mútua dos problemas pelos quais cada um passava.

Por último, sinto ter o dever de restituir à sociedade o que na pesquisa está sendo investido, com fé e esperança, creio que esses resultados os quais, creio eu, tem contribuído e contribuirão com a diminuição dos problemas da educação brasileira, especificamente, no combate à exclusão social de jovens populares por meio da educação libertadora e transformadora. Entendo que toda pesquisa situada em países de muita pobreza como o nosso, deve se preocupar em dar um retorno com possibilidades de transformação de realidades opressoras que geram mazelas sociais.

A pesquisa fez-se relevante e necessária pelo fato de apresentar uma alternativa prática, uma experiência de ensino – aprendizagem calçada na cooperação e solidariedade a qual tem minimizado os problemas da exclusão social. Exclusão essa, em parte decorrente da não escolarização do jovem popular e nem da sua inserção no ensino superior; e em resposta a isso, o PRECE tem gerado sucesso escolar pela aprendizagem desses jovens em meios populares. O resultado final poderá ser uma fonte, um referencial para professores, estudantes, gestores e líderes comunitários em seu trabalho no campo educacional, na escola formal ou não formal, enfim, em ambientes possíveis de aprendizado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriano Sergio da Silva. **Memorial de Adriano Sergio da Silva Andrade: Depoimento** [ago. 2011]. Entrevistador: Fernando Moreira Falcão Neto. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2017. 04 Arquivos em HD; Áudio e imagem: Entrevista concedida ao Projeto Memorial do PRECE. (Transcrição das informações feita por João Yuri Nóbrega).

ANDRADE, Ana Maria Teixeira. O PRECE: Sua história e seu impacto na educação do Ceará. In: Encontro Cearense de Historiadores da Educação, XIII; Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, III; Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais, III., 2014. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Imprece, 2014. 1 CD.

ANDRADE, Ana Maria Teixeira; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho Albuquerque. Histórias de Vida e Educação. In: ROGERIO, P.; SILVA, C.M.R.; FILHO, J.A.C. (org.) **Arte, Ciência e Educação: Encontros e Reencontros na diversidade contemporânea**. Fortaleza: imprece, 2017.

ANDRADE NETO, Manoel. **Memorial de Manoel Andrade Neto: Depoimento** [ago. 2011]. Entrevistador: José Orismar da Silva Barrosos. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, Fortaleza, 2011. 18 Arquivos (curtos) em HD; Áudio e imagem: Relato concedido ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações por Ana Maria Teixeira Andrade).

ANDRADE NETO, Manoel. **Tribuna do Estudante**, Pentecoste, 18 outubro 1998.

ANDRADE NETO, Manoel. **Pelos que ficaram pra trás e para os que estiveram comigo: Narrativa autobiográfica do Professor Manoel Andrade Neto, um matuto sonhador**. Memorial

para obtenção do título de Professor Titular do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Disponível:

[http://www.biograph.org.br/index.php?](http://www.biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=25&Itemid=34)

[option=com_content&view=category&layout=blog&id=25&Itemid=34](http://www.biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=25&Itemid=34) Acesso em: 14 jun. 2019).

AVENDAÑO, Ana Caroline Andrade. PRECE: Caminhadas de sujeitos comunitários. In: XIMENES, V.M.; AMARAL, C.E.M; REBOUÇAS JÚNIOR, F.G. (orgs) **Psicologia Comunitária e Educação Popular: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará**. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008.

ÁVILA, Norberto. Os deserdados da Pátria. "Discursos [Em linha] : estudos de língua e cultura portuguesa". Nº 14 (Abril 1997), p. 143-173. Disponível em: <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/4309>. Acesso em: 28 out. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço** / seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos et al. — São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

BARBOSA, Antônio Eudimar Venâncio. **Memorial de Francisco José Teixeira Gonçalves**. Entrevistador: José Orismar da Silva Barroso. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2011. 06 arquivos em HD; Áudio e imagem: Entrevista concedida ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações feita por João Yuri Nóbrega).

BARROSO, José Orismar da Silva. **Memorial de José Orismar da Silva Barroso**: Entrevistador: Glaucia da Silva Andrade. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2011. 20 arquivos em HD; Áudio e imagem: Relato concedido ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações feita por João Yuri Nóbrega).

BEZERRA, José Noberto Sousa. **Memorial de José Noberto Sousa**: Depoimento [ago. 2011]. Entrevistador: José Orismar da Silva Barroso. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2011. 07 arquivos em HD; Áudio e imagem: Relato concedido ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações feita por Matheus Alves de Oliveira).

BÍBLIA. Filipenses. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção** – crítica social do julgamento; tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira – 2 ed. rev. 4. Reimpr. – Porto alegre, RS Zouk, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. L'illusion biographique. A Cles de la Recherche en: Sciences Sociales (62/63): 69-72, juin 1986. Usos & ABUSOS.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. Tradução; introdução, cronologia e notas de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz; 11^a. ed. (português de Portugal) – 11^a. Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a Teoria da ação**. Tradução: Mariza Correa - Campinas, SP: Papirus. 2011

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Brasiliense, 1982.

BRECHT, Euger Berthold Friedrich. **O Analfabeto Político**. Disponível em: <http://www.pensador.com/frase/MjMzMDA5/>. Acesso em: 02 jul 2019.

Carta da ASIHVIF. **RBE Carta da Associação Internacional das Histórias de Vida e Formação**. In: Revista Brasileira (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 177-179, jan./abr.2016.) Disponível em: http://www.asihvif.com/1/quem_somos_1198171.html. Acesso em : 13 jun. 2019.

CARVALHO. Frank Viana. **Filosofando**. Disponível em : <http://frankvcarvalho.blogspot.com/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CARVALHO, Frank Viana. **Trabalho em equipe, aprendizagem cooperativa e pedagogia da cooperação**. São Paulo: Scortecci, 2015.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília. UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CASTRO, Henrique Sérgio Beltrão de. **No ar, um poeta**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

COCHITO, Maria Isabel Geraldês Santos. **Cooperação e Aprendizagem: educação intercultural**. Lisboa: ACIME, 2004.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Aventura pedagógica**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2010.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da; Antonio Carlos Gomes da. **Educação e Vida - um guia para o adolescente**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

CUNHA, José Luciano Pereira. **Redação**. Pentecoste, 2002. (Aulas de produção textual da professora Ana Maria Teixeira Andrade no PRECE)

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!** As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. da Fac. Educ. vol.23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

DA HISTÓRIA ORAL A ILUSÃO BIOGRÁFICA 185. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1185/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%C3%A3%20Bibliogr%C3%A1fica.pdf10. Acesso em: 29 abr. 2015.

DELORY-MOMBERGER. Christine Delory. **As histórias de Vida: Da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DELORY-MOMBERGUER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica** in: Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set. dez. 2012
www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf. Acesso em: 24 jun. 2019.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez Elabore três tipos de fichas (citação, resumo e analítica) com base no texto: “Os 4 pilares da Educação” de Jacques Delors. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DIÁRIO DO NORDESTE. **MPCE desarticula quadrilha que cometeu golpes em idosos para financiar campanha de prefeito**. Publicado em 18 outubro de 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/seguranca/online/mpce-desarticula-quadrilha-que-cometeu-golpes-em-idosos-para-financiar-campanha-de-prefeito-1.2014637>. Acesso: 06 Mai de 2019.

DIAS, Ana Maria Iorio; LEITINHO, Meirecele Calíope. Metodologia do ensino com pesquisa: uma experiência inovadora e dialógica. In: **O cenário docente na educação superior no século XXI: perspectivas e desafios contemporâneos.org**. DIAS, Ana Maria Iorio; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa- Teresina: EDUFPI, 2013.

ESCOLA POPULAR COOPERATIVA OMBREIRA. **Projetos desenvolvidos**. Disponível em:
<http://epcombreira-atuaodilogoecomunidade.blogspot.com/2007/08/projetos-desenvolvidos.html>. Acesso em: 11 de jun. 2019.

FALCÃO NETO, F.M. & ANDRADE, A.M. **A Construção e o uso do discurso coletivo do PRECE**. In: Encontro Cearense de Historiadores da Educação, XIII; Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, III; Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeducacionais, III., 2014. Fortaleza. Anais... Fortaleza: Imprece, 2014. 1 CD.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.ed. ver. Ampl. São Paulo: Nova Fronteira, s/d.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: O método biográfico nas ciências Sociais**; Tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passerggi, - Natal: EDUFRN, 2014.

FONTES, Alice; FREIXO, Ondina. **Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª. Ed. ver. E atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Pedagogia da Solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GERMANO, Idilva Maria Pires. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em psicologia social. In: ENCONTRO NACIONAL da ABRAPSO, 15, 2009, Maceió. **Anais...** Maceió: ABRAPSO, 2009. 10p.

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação**: para além das teorias de reprodução. Tradução: Ângela Maria B. Biaggio. Rio de Janeiro: Vozes. 1986.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDBERG, L.G. **Pesquisa (auto)biográfica em educação**: afetos e transformações. Fortaleza: EdUECE, 2017.

GOMES, Carlos Roberto de Sousa. **Entrevista de Carlos Roberto**. Depoimento [ago. 2011a]. Entrevistador: José Orismar da Silva Barroso. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, Fortaleza, 2011. 03 arquivos em HD; Áudio e imagem: Relato concedido ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações feita por Matheus Alves de Oliveira).

GOMES, Francisca Raquel de Sousa. **Memorial de Francisca de Raquel de Sousa Gomes**. Entrevistador: Glaucia da Silva Andrade. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2011. 08 arquivos em HD; Áudio e imagem: Entrevista concedida ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações feita Matheus Alves de Oliveira).

GOMES, Francisco Narcélio da Silva. **Redação**. Pentecoste, 1998. (Aulas de produção textual da professora Ana Maria Teixeira Andrade no PRECE)

GONÇALVES, Francisco José Teixeira. **Memorial de Francisco José Teixeira Gonçalves**. Entrevistador: José Orismar da Silva Barroso. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2011. 15 arquivos em HD; Áudio e imagem: Entrevista concedida ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações feita por João Yuri Nóbrega).

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a Iniciação à Pesquisa Científica**. São Paulo: Ed. Alínea, 2007.

GÓRRIZ, I.L. A autobiografia como modelo formativo-educativo de bem-estar e transformação sócio-existencial In: PASSEGGI, Maria da Conceição e SOUZA, Elizeu Clementino de. (orgs). **Autobiografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008. Col.Pesquisa (auto)biográfica, vol.2.

Implicações psicossociais da pobreza na saúde comunitária da população de Pentecoste (Ceará), Humaitá (Amazonas) e Cascavel (Paraná).Org. XIMENES, V.M.; GOMES, L.M.; ALVES, K. da S.; *et al.* Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2017. (Cartilha)

INSTITUTO CORAÇÃO DE ESTUDANTE. **Projeto Memorial do PRECE**. Áudios sobre o Programa de Rádio, 2014.

INSTITUTO CORAÇÃO DE ESTUDANTE. **Projeto Memorial do PRECE**. Ata de Fundação do Projeto Educacional Coração de Estudante. Arquivos. 2019.

INSTITUTO CORAÇÃO DE ESTUDANTE. **Projeto Memorial do PRECE**. Estatuto do Projeto Educacional Coração de Estudante. Arquivos. 2019.

INSTITUTO CORAÇÃO DE ESTUDANTE. **Programa de Educação em Células Cooperativas** - PRECE - Fortalecimento e Expansão das Ações Educacionais no Sertão Cearense; RELATÓRIO I. Fortaleza, 2007.

INSTITUTO CORAÇÃO DE ESTUDANTE. **Programa de Educação em Células Cooperativas** - Fortalecimento e expansão das ações educacionais no sertão cearense; RELATÓRIO II. Fortaleza, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Panorama da educação no campo**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484154/Panorama+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+do+Campo/5b9c2ed7-208b-48ff-a803-cd3851c5c6c9?version=1.2>. Acesso em: 06 de maio 2019.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, Roger T.; HOLUBEC, Edythe Johnson. **Cooperation in the classroom - 2011 trainer's manual**. Minnesota: Interaction Book Company, 2011.

JOHNSON, D.W.; JOHNSON, R.T.; KARL, A. **A Aprendizagem Cooperativa Retorna às Faculdades: Qual é a Evidência de que Funciona?**. In: Change, Jul/Aug98, Vol. 30, Issue 4, p.26. Disponível em: <https://www.andrews.edu/~freed/ppdfs/readings.pdf>. Acesso em: 26 de jun. 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: Intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2006. (Coleção Memória Editorial, v. 4).

LANI-BAYLE, M. Histórias de Vida: Transmissão Intergeracional e Formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição. (org.) **Tendências da Pesquisa (auto)biográfica**. Natal. EDUFRN; São Paulo. Paulus, 2008. Col. Pesquisa autobiográfica e educação.
LÜDKE, M. (Coord.). **O professor e a pesquisa**. Campinas: Papirus, 2001.

MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. **Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch**. Revista Intersaberes | vol. 7 n.13, p. 8 - 28 | jan. – jun. 2012. Disponível em: <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/245/154> Acesso: 19 jul. 2017.

MAXIMIANO, Marina Silva. **O Brasil de Tom Jobim na voz de Frank Sinatra: um estudo sobre tradução, música e cultura. Juiz de Fora 2012**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/bachareladotradingles/files/2011/02/Marina.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Modos de viver, narrar e guardar**: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 10 – 33, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas>. Acesso em: 09 maio 2019.

MIZUTA, Celina Murasse. **Os Jornais do Século XIX e a pesquisa em História da Educação**. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_.../LpN641h.doc Acesso em: 13 jul. 2017.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Trajatórias e biografias**: notas para uma análise bourdieusiana. Sociologias, Porto Alegre, no. 17, jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1517-45222007000100010&lng=pt&nrm=iso/http://dx.doi.org/10.1590/S151745222007000100010. Acesso em: 28 out. 2014.

MORAES, J. J. S. de. **Entrevista concedida em 13 de dezembro de 2007**. In: Memorial do PRECE. Fortaleza, 2019.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2. Ed. Ver. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**; Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NUNES, Luciana Uchoa. **Redação**. Pentecoste, 2002. (Aulas de produção textual da professora Ana Maria Teixeira Andrade no PRECE).

OLIVEIRA, Liliane Cavalcante. **Redação**. Pentecoste, 2002. (Aulas de produção textual da professora Ana Maria Teixeira Andrade no PRECE).

O POVO ONLINE. **Morre o educador Edgar Linhares**. 2015. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/radar/2015/03/28/noticiasjornalradar,3414556/morre-o-educador-edgar-linhares.shtml>. Acesso em: 18 dez. 2019.

OVEJERO, ANASTASIO. **Fracaso escolar y reproducción social**: la cara oscura de la escuela. Barcelona: Creative Commons. 2019.

OVEJERO, B.A. **Aprendizaje Cooperativo**. Métodos de aprendizagem Cooperativa. PPLL. España, 1990. Disponível em: <http://www.crede02.seduc.ce.gov.br/index.php/downloads/category/34-documentos?download=579:histría-e-mtodo> Acesso em: 04 abr. 2014.

PASSEGGI, M.C. Memórias: Injunção Institucional e Sedução Autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. (org.). **(Auto)biografia**: formação, territórios e saberes. Natal. RN. EDUFERN; São Paulo: PAULUS, 2008. Col. Pesquisa autobiográfica e educação.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Pierre Bourdieu: Da “ilusão” à “conversão autobiográfica.** Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade, Salvador, V. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun.2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/viewFile/838/594>. Acesso em: 03 jun. de 2019.

PRECE. Programa de Educação em Células Cooperativas. **Histórico.** Disponível em: www.prece.ufc.br. Acesso em: 30 mar. 2014.

RAMOS, M. **Vida Maria.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bvgN-OWhLGQ>. Acesso em: 12 maio 2013.

RODRIGUES, F. A. A. Compartilhando a experiência do programa de educação em Células – PRECE, desenvolvido no Instituto Coração de Estudante. In: I Encontro Estadual de Educação Popular – **ANAIS**, 1. 2007. Fortaleza. Paulo Freire na Contemporaneidade. Fortaleza: Edições da Universidade Federal do Ceará, coleção diálogos intempestivos, 2007. p. 53-54.

RODRIGUES, F. A. A. **Instituto Coração de Estudante: Educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste.** 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

RODRIGUES, F. A. A. **Memorial de Francisco Antonio Alves Rodrigues.** Depoimento [ago. 2011]. Entrevistador: Glaucia da Silva Andrade. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2011. 10 arquivos em HD; Áudio e imagem: Relato concedido ao Projeto Memorial do PRECE. (transcrição das informações feita por Matheus Alves de Oliveira).

ROGÉRIO, Pedro. **A viagem como um princípio na formação do *habitus* dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará”.** 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

RODRIGUES, F.A.A.; ANDRADE, A.S. da S.; BEZERRA, J.N.S. **Projeto Escola Alternativa.** In: VIII Encontro de Extensão; Cadernos de resumos. Fortaleza: UCF, 1999.

REPENTE. Participação popular na construção do poder local: Pólis- Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais – nº 29 - Agosto/08; Controle Social das Políticas Públicas. Disponível: <http://www.polis.org.br/uploads/1058/1058.pdf> Acesso: 22 de jun. de 2019

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico- crítica: primeiras aproximações** -Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003. – (Coleção Educação Contemporânea)

SILVA, Luzia Gabriele Maia. A biografia e a busca por uma dimensão individual da história. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 265-271, abr. 2013. ISSN 1983-9928. Disponível

em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/567>. Acesso em: 2 mar. 2016. doi: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i12.567>.

SOUSA, A. A. B.A. et all. Adriano Batista. In: Adriano Batista [et all] **Caminhadas de universitários de origem popular**: Coleção Caminhadas de universitários de origem popular. Rio d Janeiro: Pró - Reitoria de Extensão, 2006.

SOUSA, Daiana Paula Rodrigues de. **Redação**. Pentecoste, 2002. (Aulas de produção textual da professora Ana Maria Teixeira Andrade no PRECE).

SOUSA, E. F. e OLINDA, E. M. Pensando o conceito de espiritualidade a partir das narrativas dos professores do ensino religioso. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes. (org.). **Cultura de Paz, Educação e Espiritualidade**. Fortaleza, Ed. UFC, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. 39-50, jan. 2014. ISSN 1984-6444. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11344>. Acesso em: 24 jun. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1984644411344>.

SOUZA NETO, Samuel de; BENITES, Larissa Cerignoni; SILVA, Melissa Fernanda Gomes da. **Da escola de ofício a profissão educação física**: A constituição do habitus profissional de professor. Motriz: rev. Educ. Fis. (online), Rio Claro, v. 16, no. 4, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artex&pid=S1980-65742010000400024&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 abr. 2012.

TEIXEIRA, Francisca Mauzirene Alves. **Seminários Literários no Programa de Educação em Células Cooperativas - PRECE**. Fortaleza, 14 jun. 2018. Entrevista concedida a Ana Maria Teixeira Andrade. (transcrição das informações por Matheus Alves de Oliveira).

TEIXEIRA, Maraíza Alves Teixeira. **Redação**. Pentecoste, 2002. (Aulas de produção textual da professora Ana Maria Teixeira Andrade no PRECE)

TORO, B. A. **O cuidado: O paradigma ético da nova civilização**. Elementos para uma nova cosmovisão, Bogotá, 2009. Disponível em: http://www.bmf.com.br/associacao-profissionalizante/download/Texto%20_Bernardo%20Toro.pdf. Acesso em: 02 set. 2015.

TORRE, Saturnino de La; Pujol, Maria Antonia; MORAES, Maria Candida. **Documentos para transformar a educação** – um olhar complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2013.

XIMENES, V.M. Núcleo de Psicologia Comunitária e Programa de Educação em Células Cooperativas – Um encontro amoroso entre projetos de cooperação universitária. In: XIMENES, V.M.; AMARAL, C.E.M; REBOUÇAS JÚNIOR, F.G. (orgs) **Psicologia Comunitária e Educação Popular**: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008.

**ANEXO A – FICHA DE MATRICULA DO CURSO INTRODUÇÃO À LÍNGUA
PORTUGUESA E REDAÇÃO**

FICHA DE MATRÍCULA

**CURSO: INTRODUÇÃO A LÍNGUA
PORTUGUESA E REDAÇÃO**

Nº DA MATRÍCULA: 23 VALOR/Mensal: R\$ 15,00

NOME: JOSE ORISMAR DA SILVA BARROSO
ESTADO CIVIL: SOLTEIRO NATURALIDADE: PENTECOSTE-C
PAI: FRANCISCO HELIO BARROSO
MÃE: ANA MARIA DA SILVA BARROSO

IDENTIDADE: 2784027-94 NASCIMENTO: 09-06-77
RESIDÊNCIA: CIPO - PENTECOSTE - CE

GRAU DE INSTRUÇÃO: 7ª SÉRIE
ESCOLA EM QUE ESTUDOU: MANOEL DE OLIVEIRA
SALES
LOCAL DE TRABALHO: NÃO TRABALHA
FUNÇÃO: ESTUDANTE
CURSOS JÁ REALIZADOS: DATILOGRAFIA -

DATA DA MATRÍCULA:
ASSINATURA DO ALUNO:
Jose Orismar da Silva Barroso

A

**NEXO B – ATA DE CONSTITUIÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL CORAÇÃO
DE ESTUDANTE (PRECE)**

**ATA DE CONSTITUIÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL
CORAÇÃO DE ESTUDANTE (PRECE).**

Ata da Assembléia Geral de constituição do Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE), realizada no dia 18 de outubro de 1998.

Aos 18 do mês de outubro, do ano de mil novecentos e noventa e oito, às 20 horas na casa de farinha, situada na comunidade do **Cipó**, município de Pentecoste, Estado do Ceará, reuniram-se em Assembléia Geral de **constituição** e fundação os senhores membros do PRECE – Projeto Educacional Coração de Estudante. Estavam presentes muitas pessoas residentes nas comunidades adjacentes. Foi dada a saudação de boas vindas aos presentes, pelo jovem Francisco Antônio Alves Rodrigues, o qual passou a palavra para o seminarista Alexsandro Rocha dos Santos, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que dirigiu uma devocional e na ocasião fez uma oração pedindo que Deus abençoasse a reunião e a Entidade a ser fundada. Após a oração, todos entoaram o cântico "Oh! vinde vós os povos, de todas as nações erguei-vos e cantai com alegria". Francisco Antônio Alves Rodrigues reassumiu a palavra e solicitou que todos os alunos formadores da Assembléia se apresentassem. Logo imediato a apresentação, foram entregues simbolicamente os certificados de conclusão do 1º grau aos alunos do Projeto, Francisco Jairan de Oliveira Ribeiro e Francisco Clélio Sousa Bezerra, os quais foram parabenizados pelos presentes com uma salva de palmas. Iniciando os trabalhos de fundação e constituição do Projeto Educacional Coração de Estudante, Francisco Antônio Alves Rodrigues solicitou que o professor Manoel Andrade Neto realizasse a leitura do projeto dos estatutos sociais da Entidade, o qual foi submetido artigo por artigo, à apreciação e discussão da Assembléia e, em seguida, à sua votação, tendo o mesmo sido aprovado por unanimidade e sem emendas ou modificações. A seguir, foi declarado fundado e constituído o PRECE – Projeto Educacional Coração de Estudante. Por aclamação, foi realizada a eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal, para o primeiro período de gestão que chegou ao seguinte resultado: *Presidente* - Manoel Andrade Neto, *Vice-Presidente* - Francisco Antônio Alves Rodrigues, *1º Secretária* - Ana Maria Teixeira Andrade, *2º Secretário* - Francisco José Teixeira Gonçalves, *1º Tesoureiro* - José Noberto Sousa Bezerra, *2º Tesoureiro* - José Orismar da Silva Barroso, *Secretário Executivo* - Adriano Sérgio da Silva Andrade. O Conselho Fiscal foi composto pelos membros efetivos: Genival Barros da Silva, Francisco Nacélio Gomes da Silva e Carlos Roberto de Sousa Gomes e os respectivos suplentes Maria do Carmo Sousa Gomes e Francisca Raquel de Sousa Gomes. Imediatamente após a aprovação da chapa apresentada pela Assembléia, a palavra foi passada para o Sr. Presidente que fez um

relato histórico sobre o Projeto Educacional Coração de Estudante (PRECE), cujo teor está transcrito na íntegra como segue: *Prezados sócios fundadores do Projeto Educacional Coração de Estudante, Sócios estudantes, senhores pais, amigos colaboradores deste Projeto, e demais presentes. Gostaria de neste momento fazer um breve histórico desta entidade, que os senhores acabaram de ver nascer oficialmente. É o faço de forma escrita, para que fique registrado no livro de atos e também para que não se perca da memória, quando os anos se passarem. Este projeto nasceu de um sentimento de inconformação, diante da situação educacional do nosso país e principalmente do município de Pentecoste. As precárias condições de infra-estrutura do nosso sistema educacional, assim como a completa ausência de qualquer instrumento de motivação que permitisse ao aluno continuar na sala de aula, induziu-nos a arquitetar um projeto, que pudesse atender a jovens que, apesar de todas as dificuldades e precariedades, num lampejo de esperança, ainda nutriam a vontade e a coragem de estudar. Na época, constatava-se na comunidade, a existência de estudantes que, por não terem tido condições e oportunidades de concluir seus estudos na idade própria, se encontravam fora da faixa etária e utilizavam o sistema supletivo, como uma forma de concluir o primeiro e segundo graus em tempo reduzido. Observava-se no entanto, que a maioria iniciava os estudos à distância, mas pouco tempo depois, muitos desistiam pelo fato de que, por estudarem sozinhos, esbarravam em dívidas que os desmotivavam a continuar. Em meio a essa situação, convidamos o jovem Francisco Antônio Alves Rodrigues, que morava na comunidade de Serrinha, para realizar um trabalho de educação que pudesse colaborar com essa problemática. Francisco Antônio Alves Rodrigues, que tinha na época vinte e dois anos e, através de um exemplo singular, havia terminado o primeiro e segundo graus através do sistema supletivo. Este ousado jovem substânciado por um raro tirocinio, aceitou o desafio e em agosto de 1994, veio morar no Cipó, na residência do senhor Arão Andrade Filho e Francisca da Silva Andrade, que compreendendo a importância da ação, o receberam prontamente. Com a presença de Francisco Antônio no Cipó, formou-se um grupo de estudantes composto pelos seguintes jovens; o próprio Francisco Antônio; Antonio Eudimar Venâncio Barbosa; Carlos Roberto de Sousa Gomes; Francisca Raquel de Sousa Gomes; Francisco José Teixeira Gonçalves). Estes estudantes começaram a se reunir no dia 18 de outubro de 1994, hoje completando quatro anos, nesta casa de farinha comunitária construída pela Secretaria de Indústria e Comércio do Estado do Ceará, aqui na propriedade do senhor Arão Andrade Filho. Esta casa de farinha na época e ainda hoje, pertence a Associação Comunitária de Cipó e Capivara (ACOMPARCC), entidade*

fundada em 1989, pelo jovem e líder comunitário Adriano Sérgio da Silva Andrade, que na ocasião havia abandonado o serviço comunitário e os seus estudos supletivos, para trabalhar na sede do município. Orientamos o grupo a cursar o supletivo do primeiro grau, e todos os sábados nos reuníamos com eles na casa de farinha com o objetivo de realizar uma revisão do primeiro grau, e também contar as nossas experiências educacionais que, apesar de terem sido sempre acompanhadas de extrema dificuldade, haviam sido coroada de êxito. Portanto, minha missão naquela hora era fazê-los acreditar em si mesmos, orientá-los e motivá-los a continuar os estudos. Outros jovens se juntaram aos primeiros já citados, os quais podemos citar José Noberto Sousa Bezerra, José Orismar da Silva Barroso, Francisco Nacélio da Silva Gomes, Genival Barros da Silva. Concomitante aos estudos, o grupo de jovens eventualmente participava dos campeonatos de futebol que organizávamos através da ACOMPARCC (Associação Comunitária de Cipó e Capivara). Logo quando iniciamos o Projeto Educacional, realizamos uma campanha para conseguir livros com o objetivo de formar uma biblioteca, cuja importância seria crucial para o funcionamento do Projeto, já que os alunos teriam que, durante a semana, desenvolver trabalhos de pesquisa e para isso precisariam ter acesso aos livros. Necessária e oportuna foi a nossa biblioteca, pois como dizia o sábio escritor Monteiro Lobato: **"Um país se faz com homens e livros e o futuro de um homem depende de ele ter tido ou não uma biblioteca em sua casa"**. Muitas pessoas contribuíram para a nossa biblioteca e para todos estes colaboradores que nos doaram livros, podemos citar o poeta Castro Alves que dizia: "Oh! Bendito o que semeia livros, livros de mão cheia e faz o povo cantar. O livro caindo n'alma é germe que faz a palma, é chuva que faz o mar". Com vários livros espalhados no quarto da casa de farinha, outrora contruída para o beneficiamento de mandioca, sem cara de biblioteca, sem estantes adequadas, o nosso acervo de livros atraiu estudantes para comê-los. Os estudantes: José Orismar da Silva Barroso, José Noberto Sousa Bezerra, Genival Barros da Silva, Francisco José Teixeira Gonçalves e Francisco Nacélio da Silva Gomes, por residirem distante da casa de farinha ou por não terem condições de estudar nas suas próprias casas, optaram por morarem juntos com os livros, residindo na própria casa de farinha e cozinhando para eles próprios. Inicialmente, alguns traziam alimentos de casa ou recebiam doações e, posteriormente, passaram a trabalhar três meio expedientes na Fazenda Cipó, para em troca, receberem a alimentação durante toda a semana, a qual incluía merenda, almoço e jantar. Atualmente, os alunos que aqui residem, continuam trabalhando três meios dias por semana, no entanto, o fazem em um serviço comunitário, plantação de feijão e se alimentam com a

ajuda financeira de doadores, dentre os quais se inclui a congregação da Igreja Presbiteriana Independente, aqui do Cipó e outros amigos que acreditam neste projeto. Com uma máquina de datilografia do escritório da Associação, os alunos do Projeto aprenderam a datilografar e através deles, foi montado um curso onde estes eram os próprios instrutores, chegando a atender a mais vinte jovens da região. Os diplomas do curso de datilografia eram expedidos pela escola do Patronato Nossa Senhora da Conceição no distrito sede em Pentecoste, em acordo realizado por essa instituição, através da Irmã Oscarina com a ACOMPARCC (Associação Comunitária de Cipó e Capivara). Posteriormente, recebemos a doação de uma outra máquina de datilografia e em cooperação com a Associação Comunitária de Canafistula, emprestamo-la para a comunidade assistida por essa associação, através da pessoa do seu então Presidente, o senhor Gilberto Bezerra da Costa. Para surpresa de todos e desapontamento de alguns, o Projeto existia e já prestava serviços à comunidade. Os estudantes venciam a fase inicial de desestímulo e sonhavam com a vitória. Os alunos já conseguiam se ver terminando o segundo grau e alguns mais ousados alimentados pela fé típica da juventude, já se imaginavam prestando os exames vestibulares e fazendo um curso universitário. Para as pessoas da comunidade, isso era uma loucura, ninguém poderia admitir que jovens como aqueles, que há tão pouco tempo estavam fora da escola ou completamente fora da faixa etária, praticamente sem saber ler e escrever, pudessem pelo menos sonhar em ter uma formação universitária. Para alguns, o Projeto nada mais era do que um refúgio para jovens que não queriam trabalhar. Não era raro se ouvir o depoimento desses estudantes que se sentiam magoados com expressões do tipo "vai trabalhar vagabundo", "você quer é comer sem trabalhar", expressões que eram pronunciadas com o objetivo de depreciá-los e humilhá-los. Tudo isso, fruto da profunda ignorância de um povo, que não sabe o verdadeiro valor da educação. O Projeto existia mas não tinha um nome, um nome daqueles que se pinta na parede, daqueles que se coloca no papel. Nem tanto para isso, mas todos queriam um nome que significasse uma idéia, que servisse de identificação, que permitisse a expressão "eu faço parte do Projeto...". Todos concordaram com a idéia de que por se tratar de estudantes, juventude e esperança, o Projeto recebesse o nome de Projeto Educacional Coração de Estudante, que tem a significativa sigla de PRECE. Na verdade todos eram, viviam e faziam uma prece, uma prece ao Deus do universo, ao dono da sabedoria, ao Senhor do amor e da justiça. Faziam uma prece porque sabiam que seriam atendidos, pois acreditavam que a vocação do Senhor Deus, era atender aos humildes e necessitados, oprimidos e desprezados e todos assim se consideravam. Como

nem só de estudos vivem os estudantes e o futebol sempre foi a paixão do povo brasileiro, principalmente dos mais jovens, começou-se a utilizá-lo como instrumento pedagógico com o objetivo de destruir valores nocivos à sociedade juvenil e infundir valores positivos como honestidade, justiça, paz, amor e organização. Através de organização de campeonato de futebol de campo e de escolinha de futebol infantil, era possível não somente ter acesso ao lazer necessário, mas também ensinar e motivar os jovens a um esforço comum, transformar para melhor a própria sociedade. Aproximadamente no final do primeiro ano de existência do Projeto, alguns alunos terminaram o primeiro grau pelo sistema supletivo, no entanto, na cidade de Pentecoste, não existia o supletivo do segundo grau e estes não tinham dinheiro para pagar transporte para chegar até ao Centro de Supletivos, situado na capital do Estado, onde teriam que, periodicamente, realizar provas. Para que os alunos não parassem seus estudos, nós os levávamos à Fortaleza, matriculávamos no supletivo do segundo grau e os transportávamos de quinze em quinze dias para a capital, hospedando-os em nossa residência até que estes realizassem suas provas. Após dois anos de início do Projeto, em 1996, o jovem Francisco Antônio resolveu realizar os exames vestibulares na Universidade Federal do Ceará. Nós o hospedamos em nossa residência durante os dois meses que antecediam as provas, para que este pudesse ter acesso ao programa de televisão Vestibulando, pela TV cultura, já que na casa de farinha ainda não tinha televisor. O primeiro aluno do Projeto a se submeter ao vestibular, comprovando a condição de aluno carente, recebeu a isenção da taxa de inscrição e concorreu ao curso de pedagogia tendo sido aprovado em primeiro lugar no curso pretendido. Havia, portanto, sido realizado um feito até então inédito para o nosso município. Um aluno, que cursou supletivo do primeiro e segundo graus sem ter acesso a escolas convencionais, desafia as leis da lógica e crava um marco na história educacional do município, abrindo um caminho para outros jovens que acalentavam o mesmo sonho. Houve uma festa, Francisco Antônio alcançava a sua primeira vitória, a qual não era somente sua. Aquele feito representava a vitória de seus pais, dos seus amigos, a vitória do Projeto e principalmente a vitória de um povo, que até então acreditava desacreditando. O fato era indubitavelmente, uma grande e estupenda realidade, que se constatava com a seguinte afirmação. Se um jovem pode conseguir isso em condições tão precárias, quanto mais não conseguiria se melhores condições tivesse. Após a aprovação de Francisco Antônio no vestibular, a comunidade ficou estupefata com aquela proeza, e os outros alunos foram tocados por uma motivação nunca antes vivenciada no lugar, parecia que todos já estavam dentro da Universidade. O fato foi tão

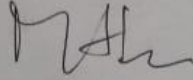
marcante, que o Projeto ganhou outros alunos e dentre estes podemos citar o fundador da ACOMPARCC, Adriano Sérgio da Silva Andrade que há oito anos havia abandonado o supletivo do segundo grau e no momento, já com trinta anos de idade, resolvia voltar com todas as forças ao estudo e concluir o segundo grau via supletivo, para tentar uma vaga na Universidade. De forma extremamente ousada, um dos estudantes pioneiros do Projeto, o jovem Francisco José Teixeira Gonçalves, filho do pescador Antônio Inocêncio e Marta Gonçalves, ainda sem concluir o segundo grau, pois ainda lhe faltava alguns módulos, determinou-se a prestar exames vestibulares no primeiro semestre de 1997. Assim como Francisco Antônio, esse recebeu isenção da taxa de vestibular e se inscreveu no curso de Engenharia de Pesca. O tiro foi certeiro, a vitória veio como um peixe quando vem no anzol depois de horas de paciência na espera. Francisco fora aprovado. Agora já não havia dívidas. Se ia a dívida da aprovação pelo chute, induzidas pelos ainda descrentes. Alguma coisa de muito especial realmente deveria estar acontecendo na comunidade do Cipó. Parecia que havia a existência de um segredo, mas qual seria? Parafraseando o sábio podemos dizer: **"quando um homem sonha sozinho é apenas um sonho, quando todo um povo sonha, o sonho se torna realidade"**. Mas Francisco José, depois de ser aprovado no vestibular, ainda teve que terminar o supletivo e receber o diploma do segundo grau antes que chegasse o dia da matrícula. Foi uma correria, uma luta contra o tempo, uma superação de limites. Deu certo, conseguiu. Chega o vestibular de 1998, já havia dois alunos na Universidade, os quais além de motivar os demais, ainda durante os finais de semana, davam aulas aos outros alunos das séries anteriores, inclusive para aqueles, que fariam os exames vestibulares. O jovem José Noberto Sousa Bezerra oriundo da comunidade de Canafistula, um dos pioneiros, juntamente com Adriano Sérgio da Silva Andrade, que já participava há um ano do Projeto, desde que recomeçara os estudos, tentaram o vestibular. Ambos conseguiram isenção de taxa de inscrição por comprovada carência, se inscreveram para os cursos de Licenciatura em Química e Geografia respectivamente. Novamente, sentiu-se o gosto tão apurado da vitória. Especialmente para Adriano da Silva Andrade, a vitória teve um sabor redobrado. Primeiro, porque foi responsável por uma importante e estratégica contribuição para a execução deste Projeto, conseguindo verbas para a construção da casa de farinha que, mesmo sem saber, futuramente haveria de se tornar palco de grandes vitórias no campo da educação, incluindo a sua própria. Segundo, porque depois de tantos descaminhos já com a idade de 31 anos, conseguiu realizar um velho sonho, que acalentava. Adriano, quando tudo parecia impossível, deu um exemplo de determinação e coragem para vencer,

acrescentando mais um tijolo na construção da motivação dos jovens. Fazendo um balanço dos resultados do PRECE, constatamos que em um tempo recorde foram colocados quatro alunos dentro de uma universidade pública e ainda gratuita. Esses alunos também gratuitamente, hoje, tanto se alimentam no restaurante universitário, como moram em residência estudantil. Os mais antigos já foram agraciados com bolsas de trabalho e pesquisa, recebendo 150 a 240,00 reais, para trabalhar 12 horas por semana. Consta-se também que, estes estudantes que hoje já estão em um estágio mais evoluído de conhecimento, dedicam-se, durante os finais de semana, a atividade de ensino aos seus colegas que ainda estão fazendo os supletivos do primeiro e segundo graus. Esta atitude faz com que aqueles que foram abençoados, tenham a oportunidade de abençoar a outros e utilizarem os seus conhecimentos para darem continuidade ao projeto não somente se beneficiando a si próprios. Depois de aproximadamente quatro anos de existência de fato, mas não de direito, hoje, damos um passo para a fundação do PRECE, no papel e no cartório. Hoje, aprovamos um estatuto, elegemos uma diretoria e um conselho fiscal, normas estabelecidas para a existência oficial de uma entidade. No entanto esta associação que ora se cria oficialmente, já há quatro anos pulsa no coração de jovens que tiveram a coragem de crer que podem e devem vencer, de jovens que não se intregaram diante das limitações impostas por aqueles que deveriam dar-lhes condições, e desafiaram os seus limites em busca da própria superação. O PRECE é uma tentativa de fazer acontecer, de não esperar por governantes ou líderes políticos. O PRECE, hoje, se estabelece oficialmente, constituído por um grupo de jovens cuja meta principal não é se dar bem na vida e nem ter uma formação universitária. Cremos que esses são os meios, os quais, os integrantes deste Projeto procuram conquistar para através deles servir a Deus e aos homens. Os sócios do PRECE se colocam como instrumentos de transformação da sociedade, contribuindo para o estabelecimento do Reino de Deus, onde ninguém pode ser tratado pelo que tem, onde todos são iguais perante o Criador e perante os homens, onde a paz, a justiça e o amor são valores verdadeiramente praticados e absolutamente inquestionáveis. Após realizar o relato histórico do projeto, o Presidente falou sobre o lançamento do jornal Tribuna do Estudante, que naquele dia publicava o seu primeiro número, enalteceu ainda a importância deste periódico mensal e vaticinou que no futuro ele se transformaria num importante veículo de comunicação da região. Após a apresentação do jornal, o presidente solicitou aos presentes que assinassem uma lista de presença posta na mesa, para que ficasse registrado o nome de todos os que inicialmente apoiavam o projeto. O presidente deu por encerrada a sessão, e eu secretária lavei a presente ata que

depois de lida, segue assinada pelo Presidente da Assembléia, por mim, secretária e por todos os demais presentes que passam a ser considerados membros fundadores. Pentecoste, 18 de outubro de 1998.

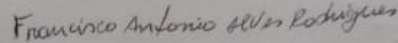
DIRETORIA

Presidente: Manoel Andrade Neto.



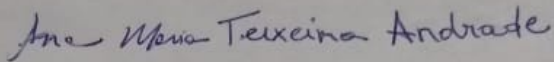
RG 10102104 CRQ-10 CPF 163189513-34.

Vice-Presidente: Francisco Antônio Alves Rodrigues



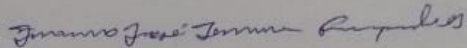
RG 153513888 SSP-CE CPF 754397433-91.

1ª Secretária: Ana Maria Teixeira Andrade



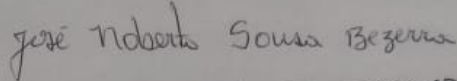
RG 99002054913 SSP-CE CPF 422744863-87.

2º Secretário: Francisco José Teixeira Gonçalves



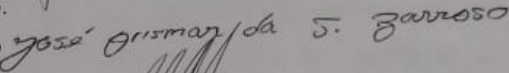
RG 2236041-92 SSP-CE CPF 846860653-72.

1º Tesoureiro: José Noberto Sousa Bezerra



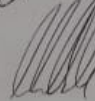
RG 2656996-93 SSP-CE CPF 746779283-15.

2º Tesoureiro: José Orismar da Silva Barroso



RG 2784027-94 SSP-CE.

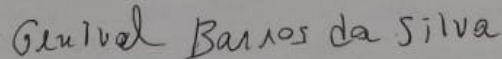
Secretário Executivo: Adriano Sérgio da Silva Andrade



RG 95002557793 SSP-CE CPF 762378183-91.

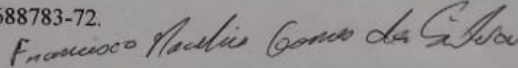
CONSELHO FISCAL

Genival Barros da Silva



RG 2860228-94 SSP-CE CPF 773688783-72.

Francisco Nacélio Gomes da Silva



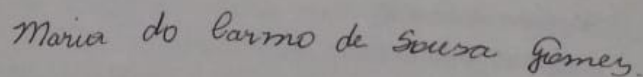
RG 3119630-96 SSP-CE.

Carlos Roberto de Sousa Gomes

RG 3135343-96 SSP-CE.

SUPLENTE

Maria do Carmo Sousa Gomes.



RG 99002037601 SSP-CE.

Francisca Raquel de Sousa Gomes.

RG 2656868 SSP-CE.

**ANEXO C – CARTA DE COMPROMISSO DO MOVIMENTO EM DEFESA DA
ESCOLA PÚBLICA**

**Carta de princípios e propostas de projetos e políticas do Movimento em Defesa da
Escola Pública de Pentecoste.**

*Escola Pública: A mais eficaz estratégia para garantir igualdade de oportunidade e vida com
dignidade para todos.*

Pentecoste, 26 de Setembro de 2008.

**TERMO DE COMPROMISSO DOS CANDIDATOS A PREFEITO DE PENTECOSTE
ELABORADO PELO
MOVIMENTO EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA.**

Eu, candidato a prefeito de Pentecoste, caso seja eleito no dia 05 de outubro de 2008, após assumir o mandato me comprometo a:

1. Considerar meu mandato como uma procuração passada pelo povo, com o objetivo explícito de trabalhar para o bem da comunidade, procurando, com toda a minha equipe, encontrar as respostas acertadas no trato da coisa pública;
2. Operar meu mandato com lisura, eficiência, zelo e probidade, dispondo-me a comandar com os olhos voltados para um tipo de desenvolvimento e reorganização municipais vinculados apenas com o interesse natural do município, empreendendo estudos socioecológicos onde a tônica seja: a eficiência, transparência, honestidade e fraternidade, em seu sentido mais amplo;
3. Nomear como meus secretários e assessores somente pessoas de real capacidade e sensibilidade para com as questões municipais, abstendo-me de agasalhar dentro da prefeitura, qualquer cidadão suspeito de ter praticado ou estar tentando praticar atos ilícitos ou venais que venham macular a administração pública;
4. Devotar todo o tempo do meu mandato ao combate da vilania e da corrupção, expurgando quaisquer indícios de favorecimento que possam por em dúvida a transparência do meu governo e dos atos administrativos;
5. Não oferecer privilégios nem acobertamento a favor de ninguém e nem oferecer conveniências nem favorecimentos na realização de obras públicas, garantindo que as concorrências sejam transparentes e regidas por normas legais e absolutamente imparciais;
6. Não realizar qualquer tipo de contabilidade paralela, podendo quem o desejar requerer informações e agir contra os atos irregulares que possam conduzir à corrupção municipal;
7. Não autorizar gastos supérfluos, não nomear parentes para cargos públicos e agir dentro da maior lisura, sujeitando-me aos processos que a lei determinar;
8. Liberar toda a comunidade para que exerçam severa fiscalização sobre os atos administrativos, formando mesmo uma cruzada para garantir que não haja no município a fraude, a mentira, o logro, a demagogia e a corrupção;
9. Dar prioridade, juntamente com os assessores, auxiliares e secretários programas que visem melhorar a educação, a saúde e a segurança do povo e que possam contribuir para a geração de emprego, trabalho e renda para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos pentecostenses;

Declaro ainda que, li e estou de acordo com a carta de princípios e propostas apresentada pelo Movimento em Defesa da Escola Pública e me comprometo a executar as propostas nela contida, caso seja eleito prefeito de Pentecoste.

APRESENTAÇÃO

Esta é uma carta de princípios e propostas de projetos e políticas para causar impacto a curto, médio e longo prazo sobre a qualidade das Escolas Públicas do Município de Pentecoste. Ela foi construída pelos integrantes do Movimento em Defesa da Escola Pública de Pentecoste após consulta a algumas lideranças comunitárias e escolares.

AS RAZÕES E PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO

- Que a educação é um direito de todos e um dever do Estado, por isso deve estar acima de interesses de pessoas e/ou partidos;
- Que a origem e perpetuação da injustiça social no Brasil estão diretamente ligados a falta de escola pública de qualidade para todos, ou seja, a ausência de igualdade de oportunidade entre ricos e pobres.
- Que uma escola não pode oferecer serviços de qualidade sem ter infra-estrutura física adequada, recursos materiais e didáticos de excelência, bem como professores devidamente qualificados, capacitados e justamente remunerados;
- Que não há escola democrática sem gestão democrática e para isso é preciso que cada escola se esforce para construir seu conselho escolar atuante, assim como deve ser estabelecido um conselho municipal de educação eleito pelo povo, forte e independente;

A VISÃO DO MOVIMENTO

O Movimento acredita que se houver um esforço conjunto por parte dos futuros prefeitos e vereadores e das comunidades, bem como de toda sociedade civil organizada, poderemos em pelo menos 12 anos, construir uma escola:

- Eficiente e eficaz que garanta a todos e a cada um o direito de aprender até onde o permitam suas aptidões e vontade;
- Gerida democraticamente com a participação popular, sendo um espaço para a formação de indivíduos capazes de assumir uma postura crítica e criativa frente ao mundo;
- Que ofereça ao seu povo um ensino de qualidade, para permitir que seus estudantes possam competir igualmente com seus pares das melhores escolas particulares do país no mundo do trabalho;
- E que contribua eficazmente para a construção da cidadania e da democracia no nosso município;

POLÍTICAS E PROPOSTAS DO MOVIMENTO

1. Transparência na gestão

A transparência deve ser um princípio na gestão dos recursos municipais, dessa forma, o futuro gestor deve se comprometer com a apresentação trimestral dos demonstrativos das aplicações dos recursos públicos.

Tal princípio se aplica, naturalmente, a todas as instâncias da administração, o que inclui a apresentação da utilização dos recursos nos Fundos Municipais, por exemplo.

Por se referirem aos bens públicos, tais demonstrativos devem ser acessíveis a todos os cidadãos e entidades da sociedade civil. Sugere-se que essas contas possam estar disponíveis detalhadamente numa página da internet, por exemplo.

2. Participação da sociedade civil na elaboração do orçamento municipal

A exemplo do que tem ocorrido em várias cidades brasileiras, o futuro gestor deverá consultar, diretamente, os munícipes de Pentecoste, para a definição da aplicação dos recursos do orçamento municipal, em cada ano administrativo antes de enviar a proposta para a apreciação do legislativo.

Tal processo necessitará, seguramente, de uma organização da participação popular, ora agrupada em função de temáticas, como Saúde e Educação, por exemplo, ora agrupada em função de características geográficas, comunidades da sede do município, Providência ou Cipó, por exemplo.

Outras experiências poderão ser tomadas como referência, para se aproveitar os aprendizados decorrentes do exercício dessa prática.

3. Diagnóstico do sistema público de educação

No primeiro ano da gestão, o prefeito deverá se comprometer a, através da participação das comunidades escolares e da sociedade civil organizada, realizar um levantamento-diagnóstico do sistema público de educação de Pentecoste. Tal levantamento permitirá identificar as carências e as potencialidades do município, o que permitirá um planejamento mais consistente assentado em dados da realidade.

Também aqui, as experiências anteriores podem servir para o encurtamento dos percursos a serem trilhados; trabalhos como os realizados, em Fortaleza, pela Comissão de Defesa do Direito à Educação e, em algumas cidades brasileiras, pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação podem ajudar na realização, local, dessa empreitada.

4. Conferência Municipal de Educação/Plano Municipal de Educação

Após a comunidade ter sido mobilizada para a realização do diagnóstico do sistema municipal de educação, estará traçado o percurso mais adequado para a realização da Conferência Municipal de Educação, instância máxima de decisões na construção do Plano Municipal de Educação.

É conveniente lembrar que, em 2001, o, então, presidente da república, professor Fernando Henrique Cardoso, promulgou o Plano Nacional de Educação que, entre outras coisas, incumbiu cada ente federativo a realizar os seus; em 2007, o estado do Ceará realizou seu Plano Estadual de Educação, enquanto boa parte dos nossos municípios ainda não cumpriu essa tarefa.

5. Instalação do Conselho Municipal de Educação

Definir a legislação de nomeação e posse dos integrantes do Conselho Municipal de Educação, com representantes indicados pelos vários segmentos da sociedade civil, o que inclui alunos, pais, profissionais da educação, entidades associativas e sindicatos, por exemplo. O referido conselho deve ser entendido como instância autônoma e independente do poder municipal, com orçamento, funcionários e equipamentos próprios.

Como em casos anteriores, a consulta a experiências anteriores são, sempre, salutares; ressalte-se que a União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação – UNCME, tem oferecido assessoria aos municípios que assim o desejarem.

6. Democratização da gestão dos estabelecimentos públicos de educação

Cientes de que a nomeação para os cargos de direção dos estabelecimentos públicos de educação são prerrogativas do gestor público, queremos o compromisso do futuro prefeito para que essa indicação se faça de modo a atender os desejos das comunidades escolares, que deverão se expressar em consultas públicas a serem realizadas antes de cada nomeação.

Cientes, também, de que os processos de consultas públicas podem ser evitados de vícios fisiológicos, entendemos que é possível, e necessário, dar às consultas escolares um caráter pedagógico que pode influir, de forma cidadã, os demais pleitos eleitorais.

Dentro da lógica de democratização da gestão pública, o futuro gestor do sistema público de educação deve se comprometer com a instalação dos Conselhos Escolares, bem como em estimular a criação de grêmios estudantis, em cada estabelecimento escolar.

7. Plano de Cargos, Carreiras e Salários

Por entendermos que o Plano de Cargos, Carreiras e Salários em vigência é antigo e não acolhe as mudanças legais e sociais ocorridas deste então, desejamos que o prefeito eleito se comprometa com a reformulação / atualização do Plano de Cargos, Carreiras e Salários em vigência, encaminhando-o na sua nova versão, após ampla discussão com os servidores, ainda no primeiro semestre do seu mandato.

8. Piso Salarial

O futuro prefeito deve se comprometer em agilizar, em Pentecoste, o cumprimento da lei que define o piso salarial para professores no valor de R\$ 950,00 (novecentos e cinquenta reais), para uma jornada de 40 horas de trabalhos semanais, 30% (trinta por cento) das quais devem ser cumpridas em atividades de apoio às relações de sala de aula.

09. Formação / qualificação dos professores

Qualquer que sejam as políticas e projetos implantados para dar qualidade à escola pública não poderá prescindir da implantação de processos de formação profissional de professores, em serviço.

De imediato, é importante frisar que tal dinâmica não pode ser entendida como simples cursos de titulação que, na maioria das vezes, concede a diplomação, sem induzir mudanças importantes nas salas de aulas.

Como a cidade de Pentecoste tem uma matriz operacional de grupos de mutua educação que podem ser entendidos e utilizados na elaboração de uma matriz de formação de professores em serviço, propomos o aproveitamento dessa experiência positiva, para:

- Implantar a Universidade Aberta em Pentecoste como uma forma e qualificação de professores, especialmente nas áreas de Química, Física, Matemática e Língua Portuguesa e;
- E, simultaneamente, desenvolver um intenso programa de formação continuada de professores para garantir impacto imediato nas salas de aula.

No entanto, se propõe que tanto o programa de qualificação como de formação continuada sejam efetivados sem qualquer ônus para os docentes e sem que seja colocado sobre eles sobrecarga de trabalho.

Pentecoste, 26 de setembro de 2008

CANDIDATOS A PREFEITO DE PENTECOSTE

Cezar Rômulo Cacao de Moura

Francisco de Assis Nunes

João Bosco Pessoa Tabosa

João Gomes da Silva Filho

Vicente de Paula Sousa e Silva

COORDENAÇÃO PROVISÓRIA DO MOVIMENTO

Manoel Andrade Neto (RG 10102104 CRQ-10)

Edilson da Costa, (RG 2004009219289 SSP-CE)

Raimundo Nonato Moura Furtado (RG 99099037474 SSP)

Maria Ione Moreira de Sousa Alves (RG 95015053152 SSP-CE)

Francisco José Martins Barbosa (RG 278362694 SSP-CE)

José Jocélio Simplicio de Moraes (RG 2002015064058 SSP-CE)

Pentecoste, 26 de setembro de 2008

REPRESENTANTES DAS ENTIDADES INTEGRANTES DO MOVIMENTO

ADEL Antonio Adriano Batista Alves Sousa (RG 2004019072752 SSP-CE)

EPC – Pentecoste Tony Werison de Sousa Ramos (RG 96002638309 SSP-CE)

EPC – Ombreira Jorge do Carmo Almeida de Araújo (RG 2004010098538 SSP-MA)

EPC – Boa Vista José de Paulo Firmiano de Sousa (RG 2007009063372 SSP-CE)

EPC – Providencia Ana Carla da Silva Firmiano (RG 2003025020809 SSP-CE)

EPC – Cipó Maria do Carmo de Sousa Gomes (RG 99002037601 SSP-CE)

EPC – Estrela D Alva José Ribamar da Silva Costa (RG 758736 SSP-CE)

Instituto Coração de Estudante – Arneide Andrade Avendano (RG 90003029080 SSP-CE)

Sindicato dos Trabalhadores Rurais - Antonio Valdemir Almeida Marques (RG 1259827 SSP-CE)

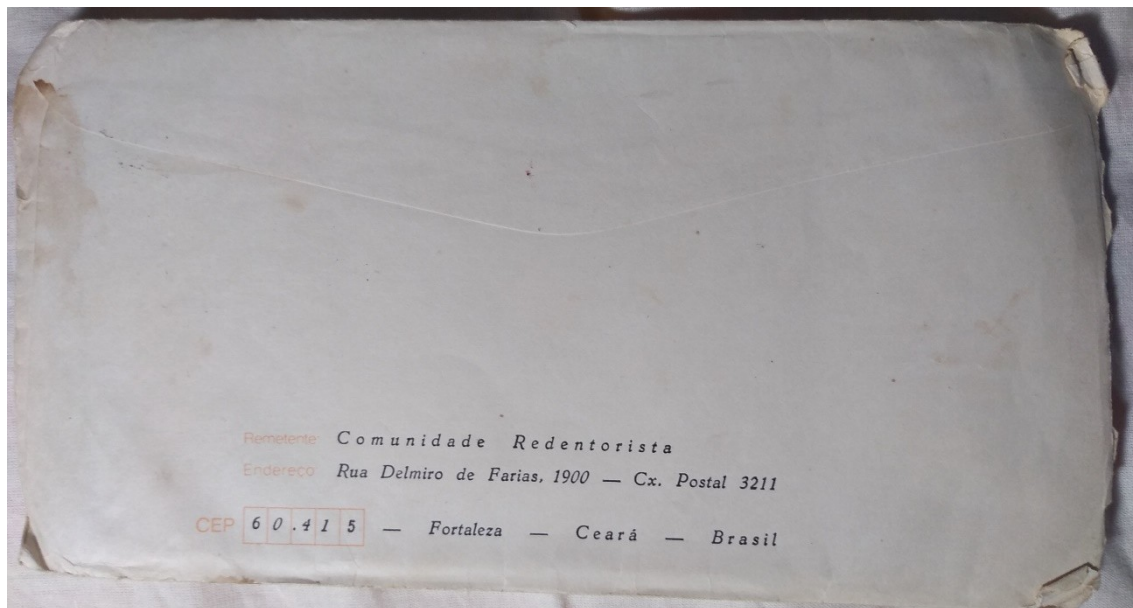
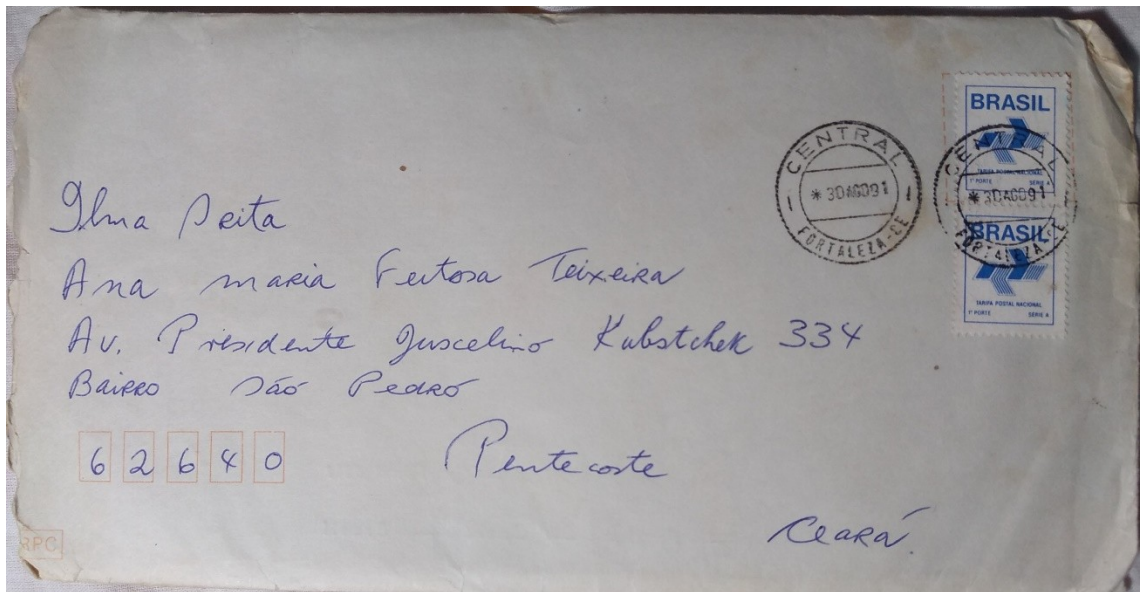
Sindicato dos Servidores Pub. Municipais Manoel Valdeni Pereira Cruz (RG 292149694 SSP-CE)

COAMPE Raimundo Macilio Sousa da Mota (RG 56572482 SSP-CE)

UAVRC Itelvania Maria de Sousa (RG 3063475-96 SSP-CE)

Paróquia de São Francisco Absalão Bandeira de Castro (RG 99418886 SSP-CE -

ANEXO D – CARTA DO PADRE MISSIONÁRIO IRLANDÊS PAULO TURLEY A ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE





COMUNIDADE REDENTORISTA
 Rua Delmiro de Farias, 1900 - Rodolfo Teófilo
 Cx. Postal 3211 - CEP. 60.415 - Fortaleza - Ceará
 Fone: (085) 243-7212

30-08-1991

Querida amiga Ana Maria,

Se o homem tem medo de andar, não largue
 a mão da mãe,
 se tem medo de cair, fique sentado,
 se tem medo de acidente, deixe o carro na garagem,
 se tem medo da escalada, permaneça no refúgio,
 se tem medo que o pára-quadras não abra, não salte,
 se tem medo da tempestade, não levante âncora,
 se tem medo de não saber construir sua casa,
 deixe-a no projeto,
 se tem medo de errar o caminho, fique em casa,
 se tem medo do esforço, do sacrifício e do
 futuro, que renuncie, pois, a viver, e que,
 medroso, se feche e se encolha...

Então ---

Podará talvez sobreviver, mas não será mais um
 homem, pois é próprio do homem poder racionalmente
 apreciar a vida.

Podará fingir que ama; porém, não saberá amar, po
 que amar é ser capaz e querer apreciar a vida
 pelos sentidos, por sentidos.

Podará procriar, mas não será nem pai, nem m



COMUNIDADE REDENTORISTA

Rua Delmiro de Farias, 1900 - Rodolfo Teófilo
Cx. Postal 3211 - CEP. 60.415 - Fortaleza - Ceará
Fone: (085) 243-7212

pois ser pai su mãe é, como o grão na tecla,
aceitar o risco supremo de perder a vida para que
nasça a espiga." Michel Quoist

Voltei da Europa no dia 29/06 - Há 09
semanas atrás. Passei alguns 16 dias em Canadá -
um país lindíssimo onde me encontrei com uma
tia e alguns primos - a primeira vez em 40 anos!!
Agora estou me maravilhando na realidade Brasileira
do NE e a situação desastrosa do nosso povo.

Os meus compromissos neste semestre se
realizam nas paróquias de Maracanaú e Sobral.
Por causa do tamanho da paróquia de Maracanaú
(250.000 e só um padre residente), estamos trabalhando
em várias etapas - quer dizer certas semanas
durante os meses de agosto, setembro, novembro
e dezembro e no mês de outubro (05-27/10) nos
achamos nas 03 paróquias da cidade de uma só vez.

Nestes últimos dias tenho viajado e
voltado de Sobral e Itapipoca mas não deu
certo dar aquele pulinho para Pentecoste.

mutuamente despedidos pela Bele certa
sua escrita ~~o~~ no dia 02/08 para Parnaíba, Piauí.



COMUNIDADE REDENTORISTA

Rua Delmiro de Farias, 1900 - Rodolfo Teófilo
 Cx. Postal 3211 - CEP. 60.415 - Fortaleza - Ceará
 Fone: (085) 243-7212

Atualmente, tenho um endereço aqui em Fortaleza - é mais central / conveniente para mim e as múltiplas viagens aqui em Ceará. Recibi essa carta sua (de Pamela) há 10 dias, ao voltar das Santas Missões e antes de fazer viagens e trabalhos loucos em Sobral e Itapipoca.

Fico honrado pela confiança que deposita em mim e como expressão sua admiração para a minha pessoa. Estou muito grato pela delicadeza. Mas não devo me enganar - se algo de bom acontece é Deus que age através da gente. Nos cabe ser instrumentos de seu amor. A vaidade é sempre uma tentação.

Fico feliz que continua com renovado ardor missionário nos serviços da Igreja e da comunidade de São Pedro - meus parabéns. Você é uma grande apóstola e foi esse empenho que chamou a minha atenção durante as Santas Missões de março '88 (além de anotar que é uma belíssima preta com toda a vida para a frente). Agora com seus 20 anos está chegando a plenitude de seu crescimento mas também com os desejos, dúvidas e crises que marcam as decisões na vida pessoal e opções para compromissos permanentes.



COMUNIDADE REDENTORISTA

Rua Delmiro de Farias, 1900 - Rodolfo Teófilo
Cx. Postal 3211 - CEP. 60.415 - Fortaleza - Ceará
Fone: (085) 243-7212

minha mãe conta 82 anos - vai completar 83 em dezembro, se Deus quiser. Mas Europa, o inverno é duro para pessoas idosas: a Primavera e o verão oferecem um novo ânimo e disposição. Foi assim quando me despedi de mamãe no início de Junho. Ela é uma pessoa muito corajosa - independente (morar só) mas tem ajudas do serviço social. Ela sofre com artrite nas pernas e um tumor foi tirado do pescoço dela há 20 meses que paralizou um lado do rosto. Mamãe não sorri mais. Sabemos que Deus toma conta da gente no jeito Dele e assim confiamos. Ela me deu vida no dia 07/08/1935. Por isso, ao escrever a carta sua, estava pensando na gente na semana do meu aniversário - Sábados.

Fico torcendo que fique feliz e abençoada com bons resultados para se formar como uma professora. De fato é uma vocação, porque como ~~é~~ uma profissão, como tu dizes, não é remunerada ou valorizada. Como seus conhecimentos pedagógicos espero que seus trabalhos ^{como} evangelizadora no fim de semana sejam cada vez enriquecidos e atualizados.

Falou que mamãe não está encantada com a pessoa de seu namorado. De fato, o coração



COMUNIDADE REDENTORISTA

Rua Delmiro de Farias, 1900 - Rodolfo Teófilo
Cx. Postal 3211 - CEP. 60.415 - Fortaleza - Ceará
Fone: (085) 243-7212

de uma mãe sempre se preocupa com a felicidade de
uma filha - e especialmente contigo. Mãe quer
o seu bem e com a intuição de uma mulher -
se espanta com os sinais de que, ela considera,
como perigo. Uma filha deve ficar sensível a isso.

É sobre ^{que} a vida é a sua e é você que tem
que construir a sua própria felicidade. Não sei se
o jovem é seu primeiro namorado ou, vamos dizer,
primeira amizade séria. Com amigos diversos, a
pessoa humana cresce e amadurece. Sempre vai
exigir abertura, franqueza e coerência de vida. Eu
imagino que você é uma moça convicta da
sua dignidade como uma pessoa humana e
consagrada pelo latismo. Mesmo nesta sociedade
"colorida" de contra-valores (cristãos), o crédito que
você é uma flor que faz questão de não tocar
libertinagem etc. Sei que tem seus sentimentos
que quer "cheirar e ser cheirada" mas tem o bom
senso de não brincar com fogo. O fato que o
jovem é Protestante pode indicar um bom comporta-
mento moral. No mesmo tempo, sem dúvida, tem
anotado que há algo na vida d'ele que você não
pode compartilhar e há algo na vida sua em que
ele não pode participar. Talvez o que preocupe
mãe é que essa amizade pare ser um

Compromisso -- não sei.

Você ficou preocupada do tempo que leva ler essa carta!!!
Agora, você deve ter os olhos cansados!!!

O número 243-7212 é de um Colégio. Não é conveniente durante "o dia" escolar. É melhor depois das 18⁰⁰ horas. Eu estarei de férias - e por isso, fora do prédio dos dias 05-16 de Setembro.

Aguardo a fotografia -

Mando felicitações para mané, sue, Dani, Cláudia e
Granilda

Aquele abraço em Cristo vivo,
Mudos em orações,

Pe Paulo CSSR

O sobrenome é Turkey!!!!

ANEXO E – CRACHÁ DE RECENSEADOR DE ANA MARIA TEIXEIRA ANDRADE



ANEXO F – PRODUÇÕES DE TEXTO

Produção de Texto de Francisco Narcélio Gomes

17/06/196

Redação

TEMA TRANSFORMAÇÃO DA CASA DE FARIANA
 ALUNO: P^o Narcélio

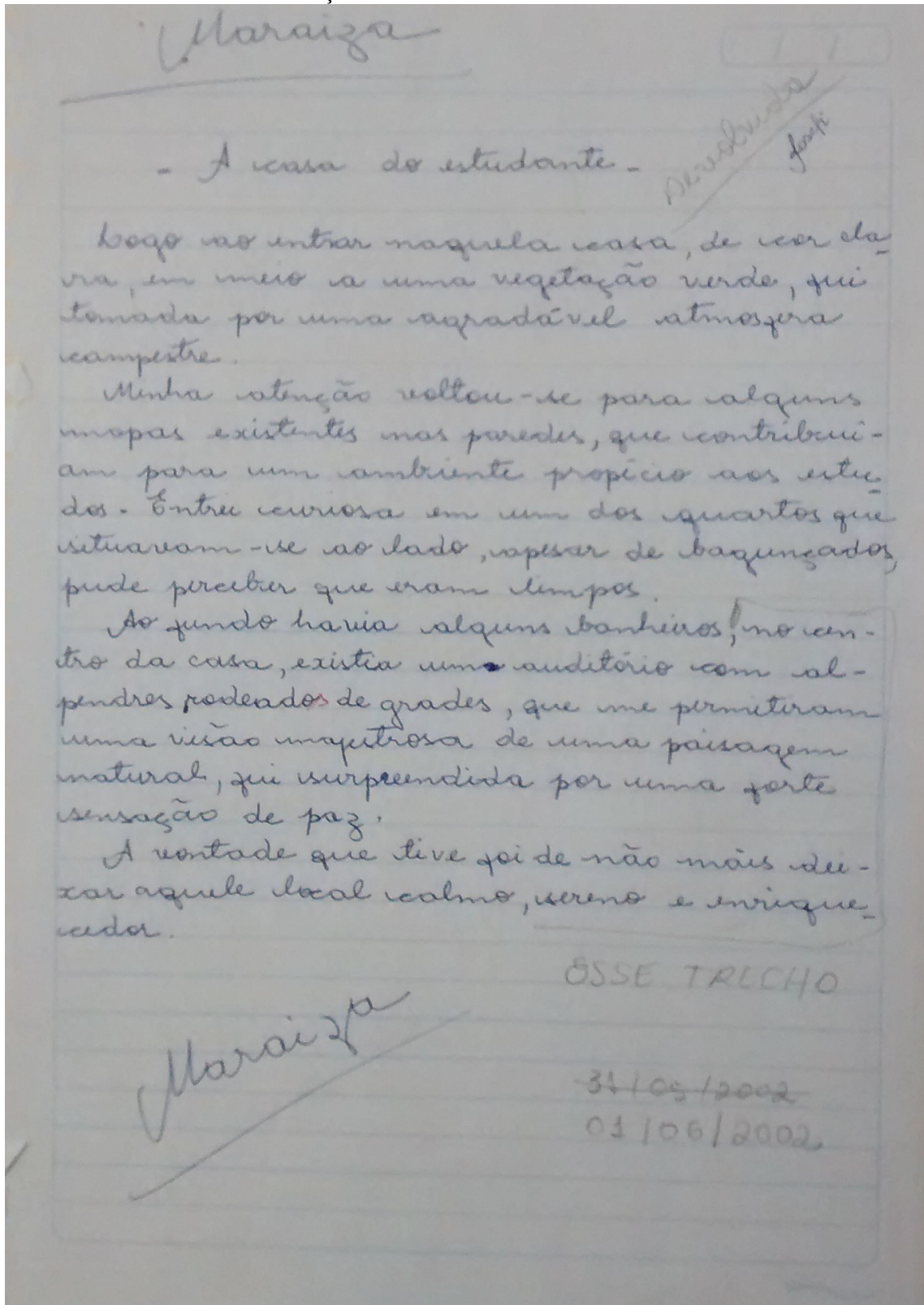
Localizada a dezesseis quilômetros da cidade de porto coste na comunidade do cipó, existe uma casa de farinha que aos poucos vem sendo modificada.

Ela é grande e dentro dela tem seis tanques, espalhados por toda parte, e sobre eles lixas velhas e usadas, perto da porta uma máquina de serras maderneira, logo a frente três mesas, algumas cadeiras e uma ~~sofa~~ louca, dar uma ideia de sala de aula. Ao lado o forno, e em cima dele algumas caixas com livros, revistas, jornais e jornais, todos usados.

A biblioteca é montada dentro do ~~o~~ único quarto, que serve ao mesmo tempo de dormitório. As estantes estão todas completas com livros que foram doados por professores e colaboradores, mesmo sendo velhas as estantes tem servido grandemente para guardar os livros que servem ~~para~~ aos alunos da região.

Neste desenvolvimento da educação a sua transformação é importante, por ~~de~~ dar as condições adequadas para o intelectual desta pequena região, desta ~~pequena~~ pobre município.

Produção de Texto de Maraíza Teixeira



Produção Textual de Luciano Pereira Cunha

6,6 / Redação Descrição: 01/06/02

Casa do estudante

Logo na entrada da casa, percebe-se que -
 uma estrutura bem montada com paredes e teto
 regulares. Postes de aço U. Bandos a regular
 ca de todos que ali se encontram. Huel
 alixão não muito lúidas e pelzes como paredes. -2

A casa do estudante tem sua temperamen-
 tes com portas e janelas feitas de madeira. Tem
 ainda portas de aço para garantir a segurança. Piso
 cimentado com um acabamento para apresentação de
 paredes. A iluminação é bem boa em todo a casa. -2

Debaixo daquela estrutura, está várias cartei-
 ras alguns livros, quadras relacionadas a litera-
 tura mundial e brasileira. Alguns mapas geogra-
 ficos. Parece ainda algo muito valioso que é uma
 biblioteca com bastante livros para se pesquisar. -2

As paredes da casa existem várias plantas
 fazendo assim com que a atmosfera que ^{para} ~~para~~ no -2
 ambiente seja muito agradável e ao mesmo
 tempo propiciam muito saudável. O vento que -2
 bate no resto da gente é muito gostoso de sentir.

Professora => Ana Helena
 aluno => Luciano Pereira

Produção Textual de Daiana Paula de Sousa

25 05 2002

Redação

Aluna: Daiana Paula Rodrigues de Sousa
 Tema: Descrição a casa dos estudantes.

6,5

Na comunidade de Cipó, localidade do município de Petrópolis, há uma casa exclusiva para estudantes. Esta além de ter grande importância na vida de cada jovem que a usufrui, está em constante transformação, para garantir o conforto dos alunos vindouros.

Porquanto, ela é pequena, mas tem quatro quartos, para hospedagem masculina, um auditório no qual os estudantes assistem aulas e palestras, uma sala, uma biblioteca e uma quadra já bem desgastada. Porém, apesar de tantas repartições o espaço é pequeno.

Contudo, os móveis nela existentes são poucos e de qualidade irremediável. As portas, janelas já ferrugentas, embora novas, as paredes, teto, piso, tudo foi reformado a pouco tempo, para ficar de uma forma que os alunos sintam-se integrantes e amantes da natureza.

Apesar, é um ambiente que permite aos estudantes respirarem ao puro todos os momentos, ouvirem o cantar dos pássaros a qualquer instante, isto é, eles têm livre acesso à natureza. Porquanto, é uma casa especial, que tem a função de fazer feliz cada um dos seus hóspedes.

Produção Textual de Luciana Uchoa Nunes

desenv.

31 06 08

5,3 Casa do estudante -4

local de muita tranquilidade, estudos, alegrias, reuniões, dentre outros assuntos. Um ambiente cheio de coisas boas que serão lembradas e guardadas nas memórias de todos nós. -2

Ao nos encobrirmos em suas paredes amplas que parecem os braços de nossas mãos; as janelas e portas sempre abertas para a natureza. -2

Um lugar que se compõe de cadeiras, mesas, livros, mapas expostos, armários, grades, e outros objetos aqui não citados. -2

Aquela ambiente que veio a pairar respeito, igualdade de todos que o compõe, ordem, orgulho de está o constituindo junto dos colegas e professores, e carregando uma das maiores certezas, a de sabermos que somos capazes de com essa união formamos um grupo inigualável. -2

(incomparável)

Luciana Uchoa Nunes. 80

-27

5,3

→ procure ajustar seus parágrafos.

→ fugiu um pouco da descrição, você fez uma relação dos estudantes com a casa, como eles se sentem dentro dela, por isso, -4.

**ANEXO G – ENTREVISTA ESTRUTURADA DA ESTUDANTE PARTICIPANTE
DOS SEMINÁRIOS LITERÁRIOS DO PRECE - FRANCISCA MAUZIRENE ALVES
TEIXEIRA**

Breve entrevista sobre os Seminários Literários no PRECE em 2000, realizados na Escola João XXIII. A ação nominava-se de “Sabadão da Revisão” e “Domingão da Revisão”

1. No geral, o que ficou em sua memória sobre os seminários literários no PRECE no ano de 2000, coordenados pelos estudantes precistas sob a liderança da facilitadora de Literatura Ana Maria Teixeira Andrade?
2. Como foi pra você participar como protagonista nesses seminários? (sugestões: Na leitura das obras, na escrita do resumo dos enredos ou análise de poesias, na leitura das teorias sobre as obras, na preparação do seminário e na apresentação do mesmo, por exemplo, como foi esse momento? Houve o uso de outras linguagens: como a música, a pintura, filmes, etc)
3. Sobre o momento do almoço do grupo: fale como você se sentiu em receber um colega de estudo em sua casa para almoçar/ou como você se sentiu sendo convidado por um colega de estudo para almoçar na casa dele.
4. Em suas lembranças, qual teria sido o ponto alto da prática educativa?
5. Para você, houve resultados acadêmicos e resultados pertencentes à dimensão afetiva e a social?

ANEXO H – PRIMEIRA LOGOMARCA DO PRECE



ANEXO I –

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA NORTEAR A CAPTAÇÃO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DE HISTÓRIA DE VIDA

(Na introdução você deverá se identificar)

1. Falando seu nome completo, a data e local de nascimento
2. Dizer o nome completo de seus pais e avós?
3. Falar Quantos irmãos você tem? Qual o nome deles?

(Introdução – no tópico família você deve falar)

1. O que você sabe sobre a origem de sua família? Por exemplo, a história de seus antepassados, procedência, fatos marcantes, histórias interessantes sobre eles, envolvendo a comunidade, etc.
2. Você pode descrever um pouco sobre as vidas de seus avós falar de como eles influenciaram sua vida.
3. Fale um pouco sobre seus pais, como eles se conheceram.

4. Descreva um pouco a rotina de seus pais durante a sua infância, adolescência. Fale sobre trabalhos e outras atividades que eles desenvolviam.

(Introdução – fale das lembranças relacionadas a sua infância)

1. Onde a sua família estava morando quando você nasceu?
2. Descreva um local ou locais que marcou ou marcaram a sua infância
3. Como era a sua casa na sua infância, faça uma descrição do espaço físico e também de como você se sentia dentro dela.
4. Você gostava da sua rua, do seu bairro, da comunidade...Sim ou não, diga o por quê?
5. Quais eram as brincadeiras mais comuns na sua infância e qual delas você gostava mais e por quê?
6. Existe um amigo ou mais de um, na sua infância que lhe marcou? Fale um pouco sobre ele(s) especificando como se conheceram e o que mais gostavam de fazer juntos.
7. Como era a sua rotina na infância?

(Introdução – vida escolar)

1. Com quantos anos você começou a estudar?
2. Descreva sua primeira escola (espaço físico – prédio, pátio, sala)
3. Fale sobre os professores? Algum foi mais importante para você? Por que?
4. Descreva sua época escolar desde o fundamental até a universidade se passou por ela

(DESENVOLVIMENTO – vida profissional)

1. Com quantos anos começou a trabalhar?
2. Fale sobre a suas experiências de trabalho.
 1. Quais foram as principais dificuldades que enfrentou ou enfrenta
 2. Descreva seu trabalho ou atividades importantes na sua vida

(Bloco temático – PRECE)

1. Como aconteceu o primeiro contato entre você e o PRECE? Em que ano isso aconteceu.
2. Fale um pouco da sua vida antes de entrar no PRECE? sua situação educacional, seus sonhos ...
3. Você se sentiu motivado por sua família a participar do Prece? Quem mais lhe motivou? De que forma isso aconteceu?
4. Descreva sua primeira atuação junto ao PRECE?
5. Que atividades você realizou durante sua permanência no PRECE? Com qual você mais se identificou. Por quê?
6. Qual o impacto que o PRECE causou na sua comunidade e na sua família? Especifique como isso aconteceu?
7. Como você descreve a situação educacional da sua comunidade antes da existência do PRECE?
8. Atualmente que atividades você desenvolve no PRECE?
9. Tem mais alguém da sua família que participa do PRECE?

10. Você se sente totalmente contemplado nas suas expectativas em relação ao PRECE.
11. Quais foram as principais mudanças na sua vida depois que você entrou na universidade?
12. Como se sentiu no seu primeiro dia de aula na universidade?
13. Você conseguiu influenciar outras pessoas a se envolver com o PRECE? Quem?
14. Como foi o processo de criação da sua EPC?
15. Você sabe quais são os recursos financeiros da sua EPC?
16. Você sabe quais são os parceiros do PRECE

FINALIZAÇÃO

(futuro/avaliação)

1. Muita coisa mudou na educação da sua comunidade? Você poderia dar um exemplo?
2. E na sua cidade? Quais foram as principais mudanças?
3. Como está a sua família atualmente?
4. Você continua trabalhando?
5. E, além do trabalho, o que você gosta de fazer?
6. Qual o seu maior sonho?
7. Como você visualiza a sua cidade daqui a 10 anos?
8. O que você achou de contar a sua história?

ANEXO J - TRABALHO DE TRANSCRIÇÃO DE BIOGRAFIAS ORAIS

Narrativa de Vida de Manoel Andrade Neto

Eu sou Manoel Andrade. Sou da comunidade de Cipó, em Pentecoste e meus pais são daquela região, meus avós também são de cipó. Aliás minha família toda é lá daquela região. Eles chegaram lá há quase cem anos, mas eu não nasci em Cipó. Eu nasci em Fortaleza porque os meus avós, na década de 40, eles migraram daquela região de Cipó, lá de Pentecoste para Fortaleza. A migração se deu por conta de problema de seca, eles ficaram...é... minha avó tinha um problema... sofria de depressão. Naquela época, e eles... ela insistiu muito que meu avô saísse pra procurar médicos para ela e lá não tinha condições como hoje as condições ainda são poucas, as condições de saúde, de hospitais, praticamente não tinha médicos, eram os práticos que atendiam, ela tinha conversado com todos e o problema dela não se resolvia e também as condições de seca, dificuldades, então a família de meu avô que tinha, eram 11 filhos, tinham alguns falecidos, mas, é...eles resolveram migrar e saíram de cidade em cidade procurando melhorias de vida e acabaram vindo pra fortaleza, se estabeleceram em Fortaleza na década de 50. E meu pai, meu pai veio também para fortaleza, mas é.. tinha uma ligação muito forte com o interior porque minha bisavó ficou, bisavô também ficou, ele gostava muito e e.. então ele resolveu ficar lá no cipó e conheceu minha mãe, eles se casaram, mas quando foi pra eu nascer eu vim pra casa da minha avó, meu pai era o filho predileto de minha avó, o filho homem, o homem mais velho e era o predileto, então eu... minha mãe veio pra cá pra... ali pro Demócrito Rocha, naquela época, eles chamava tudo de Pici e.. aqui pela rua Belo Horizonte, eu então nasci numa casa aqui na Belo Horizante, mas praticamente só fiz nascer, assim que eu nasci, minha mãe já mudou-se para o Cipó, meu pai ficou fazendo uma casa lá e quando a minha chegou comigo pequeno a casa ainda não tinha sido terminada, nem porta tinha, ah...ainda não tava rebocada, e, então cheguei lá no Cipó nessa época.

Como meu pai era o filho predileto da minha avó e a minha avó era uma mulher assim, minha vó Alzira era uma mulher muito forte quando ela gostava de alguém ela demonstrava isso com muito vigor e quando ela não gostava, ela também demonstrava isso com muito vigor e então eu herdei esse privilégio desse carinho, desse amor da minha avó, e, é, a minha avó ficou ali sempre me trazendo pra Fortaleza, eu vinha aqui passava uns dias e voltava pro Cipó, então dividi ... aquilo ali ... na minha infância [...] passava pouco tempo... pouco tempo...

Eu praticamente só nasci aqui em Fortaleza porque logo que eu nasci, meu...fui...é... minha mãe foi comigo pro Cipó e... pra morar lá, meu pai estava construindo a casa, nós chegamos a casa ainda estava inacabada é... e lá eu fui acolhido pela algumas pessoas da comunidade, era uma comunidade pequena, tinha umas três ou quatro casas. Assim, eu fui acolhido por elas e, então eu dividi esse período da minha infância com algumas viagens um tempo lá no Cipó e algumas viagens aqui pra Fortaleza porque a minha avó, ela, ela como ela gostava mais de meu pai ela passou a gostar mais de mim eu herdei essa paixão e ela queria sempre me trazer sempre pra ficar aqui com ela, pra morar com ela. Minha avó morava aqui em Fortaleza, meu avô nunca ficou de vez aqui em Fortaleza, ele ia e vinha, ia e vinha e a minha avó ficou aqui com as filhas, algumas bordadeiras, bordando pra sustentar a família, meu avô já era velho, e as minhas tias filhas da minha avó, algumas se empregaram e outras trabalhavam com bordado e sustentavam a família, era uma família muito grande, então eu vinha aqui pra fortaleza passava uns dias e voltava pra lá. Mas a minha avó, ela era uma pessoa muito forte, uma personalidade muito forte, ela tinha um desejo muito grande de ver um filho estudando, e os seus filhos não conseguiram estudar, as filhas mais novas, duas filhas mais novas ainda

conseguiram terminar o ensino médio, a custo de muito esforço, muito trabalho, mas ela não teve o privilegio de ver um filho ou uma filha assim, se realizar nos estudos, (então ela pôs) sobre mim o desejo de sua realização pessoalem Fortaleza.

Ela se esforçou, falava com meu pai, [...]a minha mãe [...] a chorar também, ai quando ela começou a chorar, acho que meu pai, numa situação muito dura de uma criança chorando copiosamente, e a minha mãe começa a chorar também, ai meu pai, assim... nunca me esqueço, ele, lá do alpendre, ele gritou: “não vai mais, você não precisa ir mais, pode voltar, quem não dar pra sela dar pra cangalha”, ai eu parei, me virei pra trás, na verdade eu não cheguei a virar pra trás, eu ia, fiz um ângulo de 90 graus olhando pra o sul e fiquei na dúvida se eu vou ou se eu fico, eu vou ou fico, é...ficou aquela dúvida na minha cabeça vou ou fico e..eu não sei assim muito descrever ou explicar porque isso, mas tomei a decisão de vir pra Fortaleza, tomei a decisão de deixar o Cipó e vir pra fortaleza pra estudar.

Talvez na minha cabeça existisse a ideia de que apesar de Fortaleza ser um lugar que eu não ia gostar e que eu já sabia, já conhecia mais ou menos, e era uma coisa completamente diferente do que eu vivia, mas aquilo sinalizava pra mim um novo tempo, uma oportunidade de “ser” alguém na vida, eu coloco entre aspas esse ser porque na cabeça da criança é aquela perspectiva de ser diferente, de estar numa situação diferente, crescer e se desenvolver, uma criança de nove anos, eu tinha nove anos exatamente nessa época, então eu decidi vir e vim, entrei naquele jipe e me lembro que chorei toda a viagem. Chorei, mas chorei alto, não chorei assim, só choramingando não, chorei alto.

Cheguei aqui em Fortaleza pra morar na rua, antigamente rua nova iguçu, rua Rodrigues de Andrade, ali no Demócrito Rocha, casa dos meus avós e via assim um local completamente diferente, cheguei aqui em Fortaleza e passei dois dias chorando, dois dias chorando. O choro foi diminuindo, mas ainda ficou aquele choro, chorando, chorando, e eu me lembro que uma tia minha já aborrecida com tanto choro, eu não me lembro qual foi a minha tia, mas já aborrecida com tanto choro, ela disse assim: “por que que esse menino está chorando?, tu está chorando por que?!”.

Assim uma incompreensão em entender o choro de uma criança, era um choro, uma saudade tão grande, um negócio, parecia que o mundo tinha desaparecido e eu tinha ficado sozinho no mundo. “E por que que você tá chorando menino?” e eu disse assim: “eu tô chorando porque eu tô sentindo uma dor na perna”. Eu inventei que eu tava sentindo uma dor na perna porque era a única forma de eu justificar o choro, eu não sabia dizer que eu estava chorando com saudade, eu não sabia que sentimento era a saudade, imagine um menino do interior com nove anos de idade, o vocabulário era muito restrito para expressar um sentimento tão profundo como aquele, então eu disse eu chorei...tô chorando porque eu tô sentindo uma dor na perna. Eu não esqueço disso, e, então aqui em Fortaleza, eu,... minha avó ela saiu atrás de escola pra mim. Ela foi num colégio chamado Marupiara. Naquela época, nós tínhamos...era o último ano, o ano anterior tinha sido o último ano do chamado teste de admissão, a pessoa só poderia entrar depois que passava pelo teste de admissão. E eu tinha sido alfabetizado lá no cipó, eu fui alfabetizado lá no cipó, eu aprendi na casa do vizinho, eu me lembro muito bem lá, dessa...dessa ...desse momento que eu sentava ao redor de uma mesa, e que a professor lá ainda na época da palmatória, tinha me ensinado as primeiras letras, depois eu comecei a ler, comecei a decorar, decorar as, as... os pontos chamados né. Tinha um livro lá, eu me lembro do livro de história que eu lia “havia um rei de Portugal chamado Dom Manoel em 1500”, e eu tinha que decorar assim uma meia página, se não decorasse então entrava na palmatória, então tinha que decorar aquele ponto, lá no cipó naquela época não tinha escolas, nenhuma

escola, o que acontecia era que as pessoas, estudavam na casa das pessoas, tinha algumas pessoas que ensinavam particular, outras as vezes... a prefeitura pagava uma mincharia para a pessoa dar aquela aula lá.

Então eu cheguei em Fortaleza pra fazer o segundo ano primário. Na verdade, eu não tinha feito o primeiro ano, eu tinha “feito” alfabetizado. E eu fui....minha avó ficou atrás de escola pra mim e encontrou uma escola a dois quarteirões da nossa casa, foi o primeiro ano, a escola foi inaugurada naquele ano e eu “fiz” parte da primeira turma dessa escola chamada grupo escolar Senador Paulo Sarasate, então eu fui para aquela escola a dois quarteirões, era bom porque eu não precisava pegar ônibus, não precisava me deslocar, eu não sabia pegar ônibus, eu não sabia andar em fortaleza e lá eu tive assim uma experiência muito boa porque conheci muitos colegas dali e eu estudava com várias professoras, só tinha professoras naquela época, professora de matemática, professora Beatriz, professora Maria do Carmo que era uma pessoa jovem, a professora Eliene que era uma professora de Ciências, e outras, professora Rita que ensinava estudos sociais, Moral e Cívica, aliás, e naquela época e eu então ia todo dia pra escola estudar lá naquela escolinha e foi assim... eu ia quando começava o semestre, o Cipó ia desaparecendo um pouco da minha mente... vamos dizer assim... da memória, daquela memória recente, da...da...do...do... daquela memória assim, vai ficando um pouco trás, ai eu ficava me envolvendo mais com a escola, com os colegas, com as brincadeiras, jogando bola na escola que era uma coisa que eu gostava de fazer, jogava bola na escola, chegava da escola jogava bola no meio da rua, naquela época não tinha nem calçamento, naquela rua, era...era... estrada era de barro... quando chegava no último dia de aula, quando diziam assim: “hoje é o último dia de aula”, no outro dia, quando terminava aquele dia de aula, eu já viajava pro Cipó e a minha viagem pro Cipó era uma coisa fantástica, eu viajava em um velho caminhão de três boleias, aquele que a gente chamava de misto, ...a gente chamava de misto, o misto, o transporte que levava as pessoas de fortaleza ao Cipó e adjacências lá em Pentecoste. É... a minha ida pro Cipó não passava por Pentecoste, ela ia pelo outro lado, era uma área completamente rural, não tinha asfalto, ela ia pelo outro lado, então eu no outro dia já ficava desesperado, ansioso, pra esperar o misto pra ir pro cipó, isso se deu vários anos, até aos meus 15 anos, eu sofria de uma ansiedade terrível no dia anterior pra ir pro cipó e quando eu voltava, voltava chorando, o choro foi diminuindo porque eu fui ganhando mais autonomia, porque no início, o meu avô, que era um andante, ele ia e vinha pro Cipó muitas vezes, passava um mês lá, depois vinha pra cá, trazia meio saco de feijão, trazia uns ovos de galinha, trazia umas galinhas pra cá pra ajudar, ele ia e vinha então era ele que me transportava, meu avô começava lá no misto, esperando o carro ele ficava comigo, me levava pro interior para a casa do meu pai, essa história do retorno, do meu retorno durante as férias no interior é uma história muito forte para mim, ela tem uma força muito grande dentro de mim porque era o momento do reencontro, naquela época, nós tínhamos quatro meses de férias, era o mês de julho todinho e nós tínhamos também o mês de dezembro, janeiro e fevereiro, eram quatro meses de férias e eu tive a oportunidade de vivenciar todas aquelas práticas do interior nesses meses de férias, por exemplo, no mês de julho, eu já começava a apanhar algodão, no mês de dezembro, janeiro e fevereiro a época de plantação, quando a chuva chegava nesse período, eu plantava feijão, plantava milho, cheguei a limpar a terra, não como o agricultor faz, mas como alguém que vai passar as férias e ajuda, então eu ia com os trabalhadores, todo aquele serviço da área rural eu fazia, eu tinha prazer em fazer porque eu gostava do interior, tinha uma coisa importante que a minha ida para o interior, a minha ida para o cipó, ela tinha uma emoção muito forte, quando eu voltava parecia que eu voltava para o céu.

Então tudo relacionado com o interior, todas aquelas coisas que estavam relacionadas com o interior, todas as atividades, todas as imagens relacionadas com o interior, com o Cipó, aquilo

era agradável para mim, então até mesmo o trabalho duro, apanhar algodão, apanhar feijão, carregar lenha de... em cambito em jumento, fazer cerca, pasturar arroz que é terrível, aquilo dali é terrível, a gente saía as seis da manhã para pasturar arroz e voltava as seis da noite porque os passarinhos que comiam o arroz, eles não davam trégua, quando o sol saía, eles tavam ali em cima, a gente tinha que está ali em cima, senão eles acabavam com o arroz na época em que o arroz estava cacheando.

E o banho no açude que era maravilhoso, o banho no açude era uma coisa, o açude estava recentemente construído, fundo e muito peixe e então eu começava... pescava e saía de manhã, assim com um bisaco que a minha mãe fazia cheio de... botava as vezes minhoca, uma varinha de marmeleiro com anzol e passava o tempo a manhã todinha, só num pescava mesmo dia de segunda feira porque a turma dizia que era o dia do peixe, nesse dia do peixe a gente não conseguia pescar, é..., mas é assim,... era uma vida muito gostosa aquilo dali. O meu retorno para o Cipó era como se eu estivesse indo pro céu sem morrer...[risos] que é muito interessante, ir pro céu sem morrer, sem passar pela dor da morte, eu ia, isso acontecia todo ano eu me alimentava muito com isso. Me fazia suportar a dor de viver aqui em Fortaleza. Tava em Fortaleza eu sonhava, sonhava, sonhava com o Cipó, quando chegava alguém do Cipó, da região ali em Fortaleza, eu entreva em êxtase. No dia que meu pai, meu pai raramente “entrava”... vinha uma vez por ano em Fortaleza, quando ele vinha por acaso visitar a gente ai aquilo dali era uma alegria, eu não conseguia dormir de noite, minha mãe raramente vinha, nunca vinha, a minha mãe só vinha em Fortaleza quando eu estava doente.

Quando eu estava doente ela vinha, mas era muito difícil, porque os transportes eram muito difíceis, então eu, meu retorno era uma coisa maravilhosa e essa trajetória nesse misto levava o que hoje uma viagem pro Cipó uma hora e meia, naquela época levava mais ou menos 12 horas, a gente saía 11 horas mais ou menos, a gente saía daqui a 1h da tarde e chagava lá às 12h da noite porque esse misto, ele vinha traziam porcos, eles vinham vender aqui e aqui compravam coisas e eles voltavam comprando, iam pra Maranguape, passavam em Maranguape, pocinhos, itapebussu, lagoa do Juvenal, ai entrava na mata, e... eu nunca me esqueço dessas viagens, ficaram marcadas na minha cabeça, nunca me esqueço, está aqui na minha memória e vez por outra eu faço essa trajetória de carro pra me lembrar disso, e.... eu me lembro que as pessoas,...a princípio, eu ia com o meu avô e eu comecei a ficar maiorzinho, ai meu pai...e eu ia sozinho e meu pai que pagava a passagem lá, conhecia o dono do caminhão, o caminhão era de um sujeito chamado Edimar Ricardo, era filho do seu Ricardo, então ele tinha esse caminhão e conhecia meu pai, não precisava pagar a passagem, meu pai pagava, acertava lá com ele, e, então no caminhão, durante a viagem aconteciam muitas coisas, muitas coisas mesmo, por exemplo, é é...quando dava 4 horas da tarde, 5 horas da tarde, começava um programa de forró né, não lembro o nome emissora agora, mas um programa de forró era chamado assim... Alô Sertão. E aquele programa servia para tocar o forró, as músicas daquela época, mas ao mesmo tempo servia para mandar recados, as pessoas que moravam em Fortaleza mandavam recado pro seus pais, diziam quando era que iam, o cara dizia assim: “alô seu Chiquinho que mora lá na comunidade da Boa Vista, seu filho Francisco tá dizendo que vai chegar lá no dia tal e que espere, mande um jumento esperar ele” ...eu sempre ficava assistindo aquele programa que eram umas duas..., mais ou menos umas duas horas de programa, eu sempre ficava em cima do carro ouvindo, o Edimar ligava o rádio e eu ficava ouvindo aquele forró, aquelas músicas que nunca me saem da memória, que quando eu ouço aquelas músicas pra mim é como se eu estivesse vivenciando novamente, e aquele monte de gente, uns sentado outros deitados em cima da boléia, ela era assim, tinha três boléias, em cima tinha uns ferros que protegiam assim, era uma espécie de tablado protegidos com os ferros e a gente se deitava em cima, naquela época não tinha fiscalização

de detran, então nós íamos lá em cima e entreva na noite e aquele forró ai depois muitas e muitas vezes naquelas estradas rurais de noite, 6, 7, 8, 9 horas da noite a gente deitado em cima do caminhão vendo o céu estrelado, vendo a lua dependendo da época que a gente viajava né, então essas imagens nunca me saem da cabeça e as vezes o motorista, o dono do caminhão levava o caminhão e e..ainda ia entregar gelo nas festas a meia noite, nas festas no meio do mato, me lembro uma vez eu tava lá ...e as vezes o cara chegou, o Edimar entregava o gelo e batia um papo com um, era uma pessoa muito descansado, tranqüilão... assim...demorava muito nos cantos, não tinha pressa pra chegar...né, eu desesperado, ansioso pra chegar, achava aquela viagem...assim... acho que a adrenalina ia lá em cima, esperando pra chegar no meu Cipó, ele nem ai né, fazendo amizade com um, com outro e tal..o cara esperava um tempão pra resolver uma coisa e ele com muita paciência. Eu me lembro que um dia ele chegou numa festa lá entregou o gelo e nada de sair e eu deitado lá em cima da da do caminhão das boléias e de repente eu ouvi foi um tinido de faca, os cabras brigando lá, e ai eu pufo! fui pra debaixo do encerado é qui aquelas festas no interior também era muito comum as pessoas brigarem de faca né, cada um ia armado de faca né, gente muito legal, mas quando bebia uma cachacinha, começa a ficar assim... qualquer besteira já começava assim a brigar né, e eu fiquei assim desesperado com aquilo dali, fiquei escondido lá debaixo né, e chegamos lá ele me levava pra casa do pai dele, o seu Ricardo, ai o seu Ricardo armava uma rede pra mim, eu deitava, isso quando eu já era... quando eu já andava só, quando eu andava com o meu avô, do mesmo jeito porque chegava tarde da noite ai quando chegava no outro de manhazinha eu ia a pé pro sertão, pro Cipó, isso ficava mais ou menos 2 a 4 quilômetros da casa do meu pai. De manhã cedo, eu ia então a pé. Mas nós tínhamos também outras vezes que íamos com pessoas que iam da região de cipó e quando nós chegávamos em torno de meia noite, nós íamos a pé, a noite até chegarmos na casa de meu pai. Quando tinha gente que conhecia o caminho a noite que eu passava assim quatro meses sem ir lá, as vezes mudava a paisagem, porque o açude as vezes estava cheio, as vezes tava seco, então tinha um jeito diferente de chegar lá e eu ia então, me lembro que uma vez um sujeito chamado Ademar, o seu Ademar, era um homem já de seus setenta e poucos anos, cego, completamente cego, ele não enxergava nada, mas ele tinha de cor o caminho todinho, ele sabia por onde ia, quer dizer, ele ia guiando a gente, ele era cego, mas ele guiava a gente na noite escura. Nesse dia, eu nunca me esqueço, nós chegamos assim no rio, fomos passar os rios, por sinal, os riachos e era uma noite de lua cheia, lua batia assim naquela mata seca, naquele rio seco, naquela areia, dava um prateado especial e eu cheguei na casa de meu pai por volta de 10 da manhã e lá quando a gente chegava, quando eu chegava, o cachorro, normalmente a gente criava cachorro, o cachorro vinha me procurar e ficava latindo com muita alegria, chegava 1 hora da manhã, batia na porta, o meu pai, a minha mãe abria e aquilo, aquilo assim, eu, eu cheguei no céu e quando eu chegava na casa de meu pai tinha uma sala, nós dormíamos na sala, eram 10 irmãos e na casa de meu pai. Hoje é um casarão, mas naquela época era uma casinha pequena né e quando eu chegava lá, minha mãe armava aquela rede na sala, a gente chamava de fianga aquelas redes armadas naquela sala, um monte de meninos assim aquelas trempes, ...e eu me deitava naquela sala no sentido leste oeste da sala né porque já era o mais preferido, porque era o filho mais velho e tinha chegado de Fortaleza né, isso eu com 12, 14, 15 anos né, ai eu dormia ali naquela rede lá no meio da sala. Então quando eu chegava a noite chamava o nome do papai, papaiiii, mamãeee...então eles abriam a porta e eu lá naquele quarto cheio de menino dormindo e a noite eu ficava assim, menino dorme rápido né? Mas aqueles 2 a 3 minutos antes de dormir, eu ficava fazendo oração pro dia amanhecer logo, pra eu começar a vivenciar o Cipó e o dia amanhecia e assim, começava logo com aquele café maravilhoso... que a minha mãe fazia, tudo completamente diferente daqui de Fortaleza, minha mãe tinha o hábito de manhã cedo fazer o café preto, o café puro, sem comer nada só aquele café mesmo, vinha aquele café ai depois as 9 horas tinha aquela merenda né..que era um café também bastante

forte com tapioca ou então um café com batata, batata com leite ou então com jerimum com leite, ou então com pão de milho e aí a minha barriga começava a se transformar né... antes em Fortaleza, a vida era diferente, em Fortaleza, assim, tinha o café preto de manhã com um bico de pão, um pedacinho de pão, pão francês, corta um pedacinho, cada um recebia um pedacinho, aquilo era a merenda, isso era café e merenda ao mesmo tempo e o almoço era um arroz e as vezes, com muito privilégio, um bife do oião que era um ovo frito, um ovo estrelado, é..raramente a gente tinha uma galinha pra comer né, feijão, eu não gostava muito de feijão, mas era assim um prato predileto das pessoas, dos meus avós, né, eles gostavam muito de feijão, a comida do interior. E... assim, o jantar também uma coisa muito simples e eu ficava.... eu diminuía, a barriga diminuía de tamanho, eu ficava assim... quando eu chegava no interior, lá na casa do meu pai, aí era uma fartura, meus pais eram pobres, mas eram pobres que criavam capote, minha mãe chegava a criar 300 capotes por ano. Criava galinha, criava pato, peru, ovelha, gado, né? Então a gente comia ... todo dia se comia, uma galinha, comia capote, comia de tudo e comia farto, né, olha, adolescente comendo muito em fase de crescimento, nunca deixava nada na mesa o que sobrava, eu comia tudo, e aí quando terminavam as férias eu tava com o estomago acostumado a comer muito quando eu voltava pra Fortaleza, aí a coisa era diferente, Fortaleza eu tinha que reeducar o estômago a comer pouco, aí era um sofrimento até eu reeducar aquilo dali. Mas aí quando eu chegava no Cipó era só maravilha, uma maravilha mesmo, fazia de tud, brincando com os meus amigos, tinha o Riba, o Riba Pontes, o Chico Pontes que eram os dois amigos que eu tinha que moravam ali encostado numa casa vizinha a nossa, e jogando bola a partir de duas horas da tarde começava a jogar bola né, era jogo de bola, minha mãe, meu pai nunca gostaram muito desse negócio de jogo de bola, tinha uma preocupação não sei por que, e a minha mãe diziam vocês não podem jogar bola agora não, aí ela marcava: “quando a sombra chegar ali naquele ponto, você pode jogar bola”, aí eu ficava com a bola na mão, debaixo do braço olhando pra sombra né, esperando a sombra chegar, e a sombra chega num chega, quando a sombra chegava, eu botava a bola debaixo do braço, corria pro campo e lá juntava a meninada, a meninada eram poucos meninos, mas tinha aí a gente ia jogar bola, aquele joguinho besta pra lá e tal não era jogo assim de time, e pescaria era uma negocio maravilhoso, naquela época, o açude não estava assoreado e saía no riacho pegando minhoca e pescando pegando camarão e pescando... que a gente chamava de enfieira, era uma linha nylon, um pedaço de arame na pontaque enfiava na ponta e amarrado na então eu pegava e amarrava aqui (Gestos: na cintura, no cós da roupa) e saía dentro do riacho e saía dentro d’água andando e pescando, quando eu pegava o peixe, arrastava pegava a enfieira aqui botava....e amarrava e saía e os bichos ficavam tudo vivinho aqui dentro quanto terminava e chegava em casa aí a minha mãe tinha preparado um almoço especial e aquela fome, diz que quando a gente está dentro d’água dá mais fome comia e depois do almoço deitava, dormia e acordava as 3 horas da tarde com o cheiro do café donzelo, sabe como é o café donzelo, o café donzelo é o primeiro café, naquela época o meu pai comprava o café cru, a semente de café, aí a minha mãe torrava o café botava açúcar, tinha um caco assim bem grande, um tacho e botava o café, botava o açúcar e ficava torrando o café com açúcar. Quanto estava no ponto ela pilava as sementes, ficava bem crocantesinhas, pilava e aí o primeiro café que você tira com todo aquele cheiro, aquele café é chamado donzelo, a região toda sente o cheiro. O café tá com todo o cheiro, não perdeu nada, está com todo o cheiro, tomava aquele café a tarde, muitas vezes com tapioca né? Nem se ouvia falar de pão, pão não existia negocio de pão, o que aparecia as vezes eram umas bolachas doce, umas bolachonas grandes assim [gestos], que a gente comia, botava dentro do leite, leite quente aí as bichas se desmanchavam assim [gestos], então são as minhas lembranças daquela época, uma coisa também que não me sai da memória, eu tinha 3 tias do meu pai que moraram lá que foram mães pra mim. Eu tive o privilégio de ter 5 mães, aliás até mais porque tinha as tias do meu pai né que me amavam, que me adoravam, elas moravam

com o meu pai, a tia Sinhá, a tia Alice, a tia Silda, a tia Sinhá era viúva, a tia Silda e tia Alice não casaram e quando eu cheguei logo no Cipó, criancinha eu tinha duas meninas, pequenas mocinhas que eram a Ceci e Araguaci que cuidaram de mim também, ajudaram a minha mãe a cuidar de mim também. Eu tinha também a minha avó que foi pra mim uma mãe muito forte pra mim, então ali, as minhas tias faziam tudo o que eu queria ali no interior e aqui em Fortaleza a coisa era um pouco diferente, minha avó me adorava, mas eu tinha que concorrer com as minhas tias, muitas delas não gostavam, tinham muito ciúme de mim porque a minha avó era uma pessoa que...ela guardava a minha comida, fazia tudo pra mim e as minhas tias não gostavam muito disso e não era muito legal, então eu vivia assim... meio..., fazia um jogo de cintura.

Quando eu chegava na minha casa, eu era um príncipe, todo mundo, tudo faziam as coisas pra mim, até porque eu era um visitante, da casa eu era o visitante! Então eu me lembro que a minha tia Alice que era a mais apegada de todas, ela fazia...fazia garapa de açúcar pra eu tomar de noite, eu ia dormir e ela fazia aquela garapa de açúcar, garapa de açúcar acalma e tal..e..elas eram maravilhosas pra mim, então essa...esse período assim do interior está associado a tudo quanto é de bom na minha vida, não há nada no interior que eu possa dizer que tem... tenha sido naquela época no Cipó o que foi de ruim que aconteceu, procuro na minha memória e não consigo lembrar, uma fase muito boa da minha vida né, e isso, essa vivência, essa experiência na...no Cipó junto com essa quebra, essa saída construiu tudo aquilo que eu sou hoje, tudo, tudo o que eu sou e tudo o que eu faço, tudo o que eu faço, todas as coisas que eu faço hoje na minha vida estão relacionadas com aquele período, com aquele interior, com aquele lugar, com aquele espaço, com aquele tempo, e como.... tudo, tudo, assim a minha missão, a minha profissão...a minha...o meu trabalho, aquilo que eu fiz na minha pesquisa na universidade, tudo tá relacionado com o interior. É..eu..tenho uma ...uma ligação visceral com aquele... dizem que ...eu não nasci lá no Cipó mas se tivesse nascido lá é.... talvez alguém tivesse me dito que o meu umbigo teria sido enterrado lá na porteira do curral né...porque eu nunca consegui me desligar de lá. Como eu falei pra vocês os meus sonhos, eu sonhava, a noite, aqui em Fortaleza, eu sonhava com o Cipó, eu imaginava voando... eu me imaginava, voando e eu olhando as pessoas no Cipó, e....aqui, então foi assim uma coisa maravilhosa né? E... o tempo foi passando eu fui ficando mais velho, eu fui ficando...amadurecendo, a infância foi desaparecendo né....eu comecei a ver outras coisas, comecei a conhecer outras pessoas, a minha cabeça começou a mudar, é...e...eu...eu tive muitas experiências na minha vida aqui em Fortaleza, née.. passei por muitas situações assim...é...situações não muito alegres né, coisas tristes né..., eu me lembro que eu queria muito que o meu pai viesse pra Fortaleza, viesse morar em Fortaleza, existia uma certa... depois já sei lá de eu já com 17 anos, em torno de uns 16, 17 anos, eu já, eu já tava acostumado com Fortaleza, muito ligado com o cipó, mas eu sentia muita falta dos meus pais, da minha família, quando meu pai vinha me visitar eu pressionava ele pra ele vir, pra ele vir pra Fortaleza, pra ele arranjar uma casa aqui e vir morar aqui, apesar de gostar tanto do interior, eu queria tanto estar com os meus pais, eu tinha tanta, uma inveja tão grande dos meus amigos que tinham, moravam com os pais né e eu não morava, inveja deles, assim, eu queria que, eu queria ter meu pais aqui. E..ee..meu pai era vaqueiro, meu pai cuidava de gado, meu pai tinha um amor muito grande, ainda hoje tem pela aquela terra, pelo Cipó, pela propriedade dele, pelas vacas dele, pela...pelo que ele fazia entende?... jamais poderia passar pela cabeça dele a ideia de se mudar pra vir morar em Fortaleza. Pra ele era uma coisa..era assim..era uma coisa sem sentido né..e eu uma vez me lembro que eu fui falar com ele sobre isso, dele vir pra cá, dele..não era nem de ele vir pra cá, mas dele comprar uma casa aqui, a gente queria que ele viesse, mas a gente queria uma casa, um local onde ficar, refletindo bem era uma mistura, uma vontade de ter os pais aqui, mas também a vontade de ter um lugar

nosso porque eu morava na casa dos outros, morava na casa da minha avó, mas minha avó, apesar de todo o carinho que a minha vó tinha por mim, mas eu morava em uma casa em que eu dormia por último e acordava primeiro, porque eu não tinha um quarto pra dormir, eu dormia na sala, então eu era o último a dormir porque não podia armar a rede no meio da sala tinha que esperar todo mundo dormir, era o primeiro a levantar porque quando as pessoas levantavam né tinha que...então eu queria que ...graças a Deus que o meu pai não veio morar aqui, é.. graças a Deus, foi muito bom não ter vindo, se tivesse vindo a nossa história teria sido completamente diferente, é... aqui uma coisa muito triste que eu passei foi aqui em Fortaleza foi o que eu chamo de a doença da tristeza, eu tive a doença da tristeza, hoje eu entendo como a doença da tristeza. Certo dia apareci com uma dor nas costas, uma dor aqui do meu lado esquerdo e...é...a dor começou a aumentar e começou a incomodar e... aquela dor incômoda e...então...começa os familiares que entendem de alguma coisa começam a dar ...menino vamos...tome um chá, ...chá disso ai depois vamos tomar...a minha avó, no interior o pessoal tem ..que uma limpeza intestinal cura várias dores né, não sei se vocês sabem mas um remédio...um santo remédio no interior é o que eles chamam de azeite de carrapato que é o óleo extraído da semente de mamona, eles pegam as sementes, eles colocam...trituras a semente e ai colocam na água lá e aquece e ai aquele óleo depura e eles tiram o óleo e tem um... toda uma ciência de preparar isso e o cara prepara aquela...aquele azeite e guarda para remédio e é um azeite que ele... o azeite de óleo de mamona é extremamente tóxico, mas como eles fazem o aquecimento, colocam ele no fogo, a toxina se decompõe e ela deixa de ser tóxica, assim..tem uma toxina letal, ela passa a ser tóxica, mas não é tão letal. Então a pessoa quando está com algum problema, uma dor, uma dor aculá uma coisa assim, diz-se toma uma colher de azeite de carrapato, ai você toma uma colher de azeite de carrapato é laxante, ai o sujeito, é..é...laxante, a pessoa fica bem, até porque realmente no passado os médicos entendiam que um dos maiores problemas da pessoa era a pessoa não conseguir defecar direito e tal e aquilo dali causa doenças, como de fato é verdade, dai vem aquela palavra “infezado” né, uma pessoa enfezado é uma pessoa cheia de fezes né? Que tá lá né...fica de mal estar...e então tomava aquelas colheres de azeite de carrapato e tinha lá você toma uma, toma duas, toma três, quando tomava tinha de ficar em repouso absoluto porque pra curar você tinha de ficar em repouso absoluto ai lá vou tomei azeite de carrapato, lacto purga, leite de magnésio, todo esse tipo de coisas, mas a dor não passava e eu era...tinha mais ou menos uns 15 anos, ai vamos ao médico, o médico disse é rins e ai tome remédio pros rins, remédio urupol, tomava o remédio e urinava vermelhoo...e a dor não passava, ai meu pai...minha mãe tinha uma irmã que trabalhava com um deputado, deputado Gomes da Silva e era de dentro da casa do deputado e a minha tia gostava muito de mim, então me levou lá pra casa e eu fiquei lá na casa dele. E ele mandou chamar o médico particular dele naquela época era o Dr Lúcio Alcântara que foi governador e o doutor Lúcio Alcântara me examinou e disse,...não, me levou pro São José aquele hospital que hoje trata de doenças contagiosas, fui pro hospital São José e passei...cheguei lá e eu me lembro que a enfermeira disse: “olha, você...foi me ajustando e disse: “Você vai ficar internado” e eu fiquei internado lá uns três dias eu não tinha tido febre ainda, era só aquela dor incômoda, mas lá no hospital eu dei uma piorada, assim, eu tive uma febre de noite e tal..e.o diagnóstico – pneumonia, diziam que eu tinha pneumonia, mas a verdade, era um diagnóstico confuso, as pessoas diziam que eu tinha pneumonia, mas não tiravam raio x, não tiravam nada e diziam que eu...é...três dias depois me mandaram para casa, “tenha cuidado”, eu tomei uns antibióticos lá e tal fui pra casa, e ai depois fiquei bom, mas fiquei com medo daquela dor e tal e eu digo hoje que era a doença da tristeza. Era uma doença que você...eu não tinha característica de pneumonia, mas eu tinha...me disseram que eu tinha pneumonia porque tinha de ter uma doença né, passei esses dias lá e vim pra casa e nunca mais senti essa dor e pronto, e assim apareceram outras dores que eu fui associando as dores da tristeza. A ausência de... uma pessoa que tem muita saudade,

que vive de melancolia, que tem alguns distúrbios emocionais e tal. Então minha mãe veio cuidar de mim quando eu sai do Hospital, eu me lembro muito bem disso, ai ela fazia aquela comidinha especial, do jeito dela, e... eu me lembro que quando a minha mãe chegou, eu choreiii e eu chorei tantas vezes e eu percebi que aquele choro me deu um alívio, sabe? Sentindo falta da minha família, éé... eu vejo hoje tantas pessoas que não tem pai, que não tem mãe, que vive fora e eu me lembro de uma vez que eu tava na casa de meu pai e o meu sobrinho de mais ou menos uns cinco anos estava em uma rede chorando, ele chorava, chorava, chorava, e a turma dizia: “o que é que esse menino tem que tá chorando?” ele tinha os pais separados, ele não vivia mais com os pais e eu me lembrei daquilo, puxa vida!, eu me lembrei daquele choro pela ausência das pessoas, e...mas eu fui me acostumando com vida em Fortaleza, fui me acostumando e fui estudando, estudando nessa escolinha no Paulo Sarasate, depois eu sai do Paulo Sarasate porque lá era só até o quinto ano e fui fazer o sexto ano no Ginásio Nordeste e era um ginásio...ele era uma escola particular, mas era uma escola particular e a gente podia estudar porque naquela época, o governo estava distribuindo bolsas, eles estavam querendo melhorar, é...fazer com que os estudantes fossem pra escola e ao invés de investir na escola pública e ai ampliar as escolas, ele resolveu dar bolsas pro pessoal irem para as escolas particulares...isso ajudou muito as escolas particulares porque elas cresceram muito e eu ganhei umas bolsas porque meu pai era ligado a esse deputado e votava nele, ai então eles distribuíam bolsas e ai eu ganhei essas bolsas pra ir pra escola no Ginásio, no Ginásio Nordeste. Quando... quando... é... estudando no Ginásio Nordeste, eu.. eu... inventei de trabalhar porque havia uma pressão muito grande na minha família pra eu trabalhar, porque filho de pobre tinha que trabalhar, principalmente as minhas tias, tinha que trabalhar, meus primos... eu tinha primos que moravam com a gente foram trabalhar, já com 15 anos estava trabalhando... “olhe seu primo está trabalhando, já tem quinze anos já e já está trabalhando, você tem que trabalhar também. Eu não vivia com meu pai e minha mãe, minha queria “você tem que estudar” mas as minhas tias diziam assim: “você tem que trabalhar” até porque as minhas tias sustentavam a casa, elas trabalhavam e elas traziam... botavam as coisas dentro de casa, então ter um cabra de quinze anos dentro de casa sem trabalhar era muito ruim, elas queriam que a gente trabalhasse né? Algumas né, tinha assim as mais velhas iam trabalhando ai iam se casando, as mais novas iam trabalhando e ai iam se casando e sempre tinha uma mais nova que ia trabalhando e ia sustentando a casa, meu pai não tinha aquele rigor de mandar comida toda semana, todo fim de mês, até porque era difícil transporte. Quando vinha ele trazia meio saco de feijão, mas trazia uma galinha, trazia umas coisas, mas não tinha aqueleentão elas diziam vai trabalhar e eu fui inventar de trabalhar, com 15 anos eu fui inventar de trabalhar numa empresa chamada Santa Lúcia, fui ser auxiliar de torneiro mecânico, ai eu ia trabalhar, trabalhar ajudando no turno lá, auxiliar na fundição, e...era uma empresa de tecelagem né, mas meu Deus! Eu não sei...eu não aguentava, tinha que sair de manhã cedinho, já levava o almoço pronto e almoçava lá, ai estudava a noite, chegava a noite eu não conseguia estudar, estudava dormindo, não tinha interesse pelos estudos, e acabei saindo do trabalho e continuei...fui...continuei estudando. Depois eu fui inventar de...necessidade de ganhar algum dinheiro e já tava começando a namorar e tal, tinha que levar a namorada pro cinema, comprar uma roupinha né? Ninguém comprava roupa, eram doações, as pessoas que davam pra gente e eu fui então inventar de vender maçã na praça José de Alencar, ai vendendo maçã na praça José de Alencar, eu cheguei...tinha um japonês lá e...ele entregava a caixa de maçã pra gente. Tinha dois amigos que faziam isso e ai me levaram, a maçã tinha aquele cheiro, eu pegava a caixa de maçã e sentia aquele cheirinho de maçã, botava a caixa na cabeça e entrava no ônibus pela porta da frente saia pela outra oferecendo, mas na praça José de Alencar, tinha uns pontos que vendiam, quando você encostava, tinha um negócio, parecia um imã, você encontrava ali,...apareciam muitos fregueses pra comprar, mas esses pontos eram muito apresentados, e os guardas da prefeitura

que a gente chamava de rapa, eles perseguiam a gente, quando você chegava ali era proibido vender, então eles chegavam e você tinha que correr, então você tinha que ficar se escondendo dos guardas. Um dia eu tava ali naquele ponto um cara pegou uma maçã, outro cara pegou outra maçã e eu muito satisfeito, baixa uma Kombi cheia de guardas ali na general Sampaio e eu aqui quase na esquina com Guilherme Rocha em frente o IAPB ai eu fui olhando assim, a Kombi foi baixando assim uns 50 metros e os guardas partindo em minha direção, eu só fiz peguei a caixinha botei na cabeça, sai na general Sampaio, entrei na galeria Pedro Jorge, sai na Senador Pompeu, voltei na Liberato Barroso, vim diretamente pra Liberato Barroso, depois da 24 de maio cheguei pro seu fulano lá que eu não me lembro o nome dele “pode pegar sua caixa que eu não vou mais vender maçã não” “porque?” “não porque os caras tão me perseguindo e eu tô me sentido como se eu fosse...como se estivesse fazendo coisa errada, como se eu fosse um ladrão” e eu com aquela ética toda que fui ensinado na minha família, não aceitava ser...é como se tivesse correndo com medo da polícia né. Pronto, deixei de vender maçã. Ai fui morar com o meu primo; tinha saído da casa da minha avó, temporariamente pra passar uns dias na casa do meu primo e meu primo, ele morava num sítio, meu primo Irandir que gostava muito de mim e a Araguaci que tinha sido uma daquelas moças que tinha cuidado de mim quando eu era pequeno lá no Cipó, chegando lá, meu primo trabalhava nesse sitio lá, era motorista da dona Célia Pinheiro e do Dr. Ernandes, um pessoal muito rico né, é..tinha sítio grande ali na Serrinha, eu fui pra lá, chegando lá, é.. já comecei a trabalhar ali, ajudando no sitio né, ai a Dona Célia disse: “olhe você não quer morar comigo lá na Aldeota, na Visconde de Mauá, num apart..tinha uma casa lá, você pode me ajudar no jardim” ai eu fui pra lá pra ajudar pra ganhar um dinherim, fui, fui ser jardineiro lá, ai lá eu ia buscar um leite que vinha da fazenda deles todo dia, vendia o leite na vizinhança pra eles e cuidava do jardim, aguava as plantas, faziam umas coisas, comprei uma bicicleta, ele me ajudaram a comprar uma bicicleta e eu ia de bicicleta pra aula, eu já tava fazendo o ensino médio ai. Fui de bicicleta toda noite e voltava pra trabalhar lá. Passei uns tempos mais ai, é...assim,..me aborreci um pouco porque era um pessoal muito rico e eu era um cabra matuto do interior, então tinha hábitos do interior e aquilo causava um certo aborrecimento a eles, eles, eles ... e eu resolvi sair , ai sai, sai de lá isso era..tinha mais ou menos uns 16 anos, mas eu tinha aquela pressão da família, de trabalhar, tem que trabalhar, então eu fui, dai eu fui ser o exército, isso quando eu tinha 18 anos, passei um ano no exército, ai perdi um ano de aula porque eu não consegui estudar enquanto estava no exército. Sai do exército, ai fui vender enciclopédia, Delta Larrouse, Dicionário Caldas Aulet, Enciclopédia Mundo da Criança, ai eu sabia demonstrar, esses verbetes que tinha aquele dicionário, que tipo de papel, aquela coisa toda, mas eu não me sentia muito bem vendendo, não me sentia muito bem vendendo não porque os caras, ...chegava na porta, “não eu não quero comprar livro não!”, não quero comprar livro e tinha que ser insistente. Sai com os meus colegas que eram vendedores profissionais, o cara botava o pé na porta e dizia: “não eu tenho uma coisa maravilhosa para mostrar”, inventava uma história até entrar e acabava vendendo né, mas eu não tinha aquela...porque a minha auto estima, ela era muito baixa, eu era um cara do interior certo, assim, morava...não morava na casa dos pais, então se você dissesse um não pra mim eu já virava a cara, não, aquele enfrentamento aquela capacidade para enfrentar porque o vendedor ele tem que ter a auto estima bastante elevada, ele não pode...o cara disse não você tem que insistir, insistir né...e eu disse não, num dá pra mim não. Acabei saindo também.

E ai nessa história eu tinha, nesse... mas ou menos no período eu consegui encontrar uma pessoa que foi... um rapaz, um jovem que... ao conhecê-lo ele me convidou pra fazer...ele chegou pra mim e disse: “ei... você não quer participar do nosso grupo?” Eu disse mas pra fazer o quê? Ele disse: “pra estudar. Você num”...ai eu disse: mas estudar...eu...Ele disse: “o que é que você mais gosta de estudar” ai eu disse olha eu gosto muito de Biologia, ele disse:

“pois então você vai ser a pessoa responsável pra nos ensinar Biologia. Nosso grupo é assim, cada um tem uma função. Cada pessoa tem uma função”. E então eu fiquei maravilhado com aquilo sabe? Pensem bem, fiquei maravilhado porque, primeiro eu era uma estudante, um cara sem né... que não sabia nem o que era universidade, eu não tinha...eu estudava porque a minha vó dizia: “meu filho estude pra você ser alguém na vida!, meu filho estude que se você estudar você vai ter um bom emprego!”. Ela dizia aquilo cotidianamente! Cotidianamente ela falava isso pra mim, “estude pra que você possa ter um bom emprego! Ter um bom trabalho!” né... e eu estudava!, eu ia a escola, eu..eu fazia uma coisa, não era um estudante...um bom estudante, e tal, então que é que eu...quando eu encontrei esse rapaz ele tinha um grupo de estudo, ele entrava,.. ele... ele se reunia em vários lugares, ele tinha um não, ele tinha vários, o Flávio.., o Flávio tinha vários grupos de estudos e ele era um cara muito inteligente, mas eé..além da inteligência, ele tinha uma capacidade de articular pessoas, era muito sorridente, muito amigo, muito alegre certo? E ele conseguia convencer as pessoas e contagiava as pessoas com aquela alegria dele e com aquele estímulo para estudar, estudava muito, mas ele estudava sempre com as pessoas e quando ele me chamou pra participar do grupo dele e di... me deu uma função e que eu fui estudar e eu vi que aquilo que o que eu estava estudando era útil para alguém, aquilo foi..fez uma grande diferença na minha vida, muito, muito, muita diferença! Porque eu percebi que se eu aprendesse alguma coisa, aquilo era útil para alguém e eu comecei a ficar feliz e satisfeito com o grupo, e daí, daí isso, isso fez uma grande diferença na minha história de vida porque foi nesse grupo de estudo que eu aprendi muita coisa sobre a universidade, o que era universidade, a importância da universidade, do que era o vestibular, como fazer o vestibular, como..quantas provas tinham, o quê que a gente tinha que observar no vestibular, certo? ee..porque esses jovens eram jovens de vários lugares, então eles tinham....nós compartilhávamos experiências e conhecimentos. O que ele sabia, ele passava pra gente, o outro também já passava outra coisa, nós vivíamos assim fazendo esse compartilhar, o que eu compartilhava? Aquilo que eu sabia de biologia, mas eu compartilhava das minhas histórias de vida, meu jeito de ser. Isso aparentemente não tinha valor nenhum, mas para aquele grupo tinha, nós compartilhávamos os nossos sonhos, nós dizíamos o que é que queríamos ser, e quando a gente tava passando por uma dificuldade, tinha algum medo, a gente naturalmente, sem muito ardeio, sem muita conversa, sem muita sofisticação, nós compartilhávamos aquilo, às vezes tava chateado...ei cara, tô chateado ou então dizia assim: “não tô muito a fim, não sei o quê, acho que não vai dar certo pra mim, acho que não vou passar” e um dizia lá: “não mas tem ... e começava com aquela conversa..a gente...aquelas tristezas, aqueles momentos depressivos iam passando porque nós tínhamos com quem compartilhar. Criamos um círculo de amizade legal e nós, nesse mesmo período, eu tive a grata satisfação e o privilégio de conhecer o Barroso que era o filho do Dr. Domingos Braga Barroso lá de Itapipoca, um professor, ex-professor já aposentado da ..do Liceu do Ceará e esse professor, ele tinha uma escola, uma escola que ...é....ele tinha sido professor do Liceu, mas ele tinha uma escola, ele morava no Liceu, na praça do Liceu, e nessa praça do Liceu, ele tinha uma... atrás da casa dele, tinha uma escola abandonada, então, nós nos reunimos lá e eu comecei a passar mais tempo lá do que na casa da minha avó, comecei a ficar mais tempo do que na casa da minha avó porque lá a gente estudava e tal e...ele vendo o nosso esforço, ele comprou uma geladeira botou lá e botava comida pra gente, botava frutas, verduras, umas coisas pra gente e ai, eu, as vezes, almoçava na casa do Barroso, me levava pra almoçar lá, então eu fiquei vivendo... eu passava de 15 dias sem ir na casa da minha avó, só ia lá, as vezes levando as roupas pra minha tia Zira lavar e eu pegava as roupas de novo e voltava e as minhas tias diziam assim: “olha esse menino tem que trabalhar, ele tá vagabundando, tá...não tá fazendo nada!”, eles não sabiam nem onde era que eu tava, eu tava dizendo que...eu não dizia nem que tava estudando porque elas não entendiam né? E eu...Então eu fiquei, fiquei lá estudando, isso.. eu tava... nessa época, eu tava fazendo o meu terceiro ano, terceiro ano do

ensino médio, tava concluindo, eu tinha uma bolsa, ganhei uma bolsa pra um colégio, um cursinho chamado Esquema que também era uma escola, mas eu não ia a aula, eu ficava estudando com os meus colegas, não ia a aula, não aguentava assistir aquelas aulas, não aguentava de jeito nenhum, estudando com os colegas. A diretora lá, a pessoa responsável, ela dizia pra mim, ela dizia que ia ser reprovado e eu dizia não professora e tal...eu ia lá fazia as provas de vez em quando como era a escola particular, era uma escola particular, mas não era...era uma escola particular...era uma empresa, uma empresa, inclusive uma empresa não muito boa porque era uma empresa que pra ganhar bolsa e pra ajudar as pessoas, os meninos lá, mas eles não tinham aquela responsabilidade de uma escola normal, naquela época tava um bum dessas novas escolas, né que para pegar as bolsas do governo, mas eu estudando, lá de manhã, de tarde e de noite, vinham vários estudantes estudar e eu praticamente morava naquela casa, me lembro que tinha um colchão velho lá, e a genteeu deitava no colchão e dormia lá, naquele período.

Transcrição por Ana Maria Teixeira Andrade

Em setembro de 2016.

Narrativa de Vida de Adriano Sérgio da Silva Andrade

Adriano Sérgio da Silva Andrade

1. Vídeo 20171030_152402

Minha lembrança principal é o interior. Nasci em Pentecoste, no Cipó, e a minha principal lembrança é de trabalho, desde os 7 anos de idade eu já comecei trabalhando na agricultura. Meu pai sempre trabalhou na agricultura e ele comprava gado. Ele passava até 20 dias ou mais fora comprando gado, quando ele voltava com até 20, 30, 50, dependendo da compra de gado, ele colocava o gado pra engordar e depois revender. E eu ficava trabalhando na agricultura plantando alguma coisa, cuidando do gado. Minha infância foi essa no Cipó, em Pentecoste. Comecei a estudar, estudei até a 4ª série primária e tive que abandonar os estudos porque repeti a 4ª série três vezes aproximadamente, porque lá na comunidade só ensinava até a 4ª série e não tinha como continuar estudando por não ter essa oportunidade. Teria se deslocar para uma outra comunidade bem mais distante, ou na Serrinha ou no Sítio. A gente não tinha condições na ética e meu pai não se interessava em mandar os filhos estudar em outras comunidades. Eu parei de estudar e fiquei só trabalhando. Minha infância foi o trabalho. Meu nome é Adriano Sérgio da Silva Andrade, nasci no Cipó, em Pentecoste, em 06 de setembro de 1965. Tenho 9 irmãos, alguns moram lá no Cipó, outros moram em Fortaleza. Meus avós já são todos falecidos, o Arão de Andrade e Alzira por parte do pai, a vó Chiquinha e vô Nego por parte da minha mãe. Meus pais moravam no interior desde adolescentes naquela comunidade. A propriedade era do meu avô, meu pai comprou uma parte e fez uma casa, se casou e não saiu de lá. Meus avós por parte de pai e os irmãos dele vieram para Fortaleza no período da seca, mas meu pai não quis sair e lá ele criou 10 filhos. Nesse período, alguns dos meus irmãos vieram estudar em Fortaleza e os outros ficaram na comunidade. Posteriormente alguns saíram para estudar em Fortaleza. No meu caso eu saí com uma idade de 18 anos para estudar. Fiz supletivo do ensino fundamental e médio para poder dar continuidade aos meus estudos. Mas antes de voltar a estudar eu passei uma temporada em Maranguape. Depois passei um período em Maracanaú estudando e tentando começar os estudos com o apoio do meu irmão mais velho, Manoel Andrade. Em seguida

voltei a trabalhar, depois voltei para o interior. Consegui concluir o ensino fundamental através do processo do supletivo. Eu já tinha começado o ensino médio, mas tinha parado e, quando começou o projeto do PRECE, eu fui motivado a continuar os estudos e concluí o ensino médio através do ensino de jovens e adultos. Meu pai é Arão de Andrade Filho e minha mãe é Francisca da Silva Andrade e eram lá de Pentecoste, da comunidade da Serrinha. Meus avós passaram um tempo em várias localidades e se firmaram em Pentecoste. A família Andrade é de Pentecoste, mas meu avô passou por alguns locais depois que casou. Quando meus avós vieram para Fortaleza, meu pai não veio e ficou lá em Pentecoste. Minha mãe não foi criada pelos meus avós, ela foi criada pelo meu bisavô, o Chico. Ele pedia para criar uma neta e minha vó negava. Um dia ele disse que tinha que dar, porque havia uma história de que, se ela não desse, não ia ter mais filhos homem ou coisa assim, mas ela teve um filho depois de ter dado minha mãe. As famílias dos meus pais moravam próximo na região. Meu pai conheceu minha mãe muito nova. Meu pai sempre trabalhou na agricultura, plantando e no gado, revendendo gado. Minha mãe cuidava da casa e ajudava meu pai na agricultura. Minha rotina na infância é que eu parei de estudar pra ir trabalhar desde novo. Quando começava a chover eu ia ajudar a plantar, limpar mato, desde os 7 anos de idade comecei a trabalhar no campo. Quando meu pai não estava viajando, comprando gado, ele trabalhava mais comigo, porque meus irmãos eram menores. Quando meu pai estava viajando, quem ia para o roçado comigo era o Zé Chico e também tinham outros. Com 15 anos de idade eu já tomava de conta do trabalho, por exemplo, eu tinha 5, 6 trabalhadores que eu levava para o serviço. Eu tomava de conta da fazenda, meu pai passava mais tempo viajando comprando gado e eu ajudava mais na parte do plantio. A gente comia basicamente arroz, feijão, queijo, farinha e rapadura, às vezes tinha carne, mas era muito difícil. À noite a gente ia debulhar feijão no alpendre e ficava conversando. Os vizinhos iam para lá e ficavam debulhando feijão e contando histórias. Às vezes a gente ia brincar no terreiro, brincar de bandeira, esconde-esconde. Normalmente os fazendeiros plantavam algodão e no período seco botavam o gado, faziam uma associação entre a agricultura e a criação de gado extensiva. Os proprietários de terras davam a terra para os moradores plantarem feijão e milho, e o algodão era de metade, então boa parte do feijão e milho ficavam para quem plantava e o algodão era dividido. No final o proprietário ficava com o pasto para o gado. A propriedade onde minha família morava era nossa. A casa na fazenda era próxima ao local de trabalho, a gente morava próximo à represa do açude. No período chuvoso a gente ia pescar e, quando a água baixava, ia surgindo a terra do plantio, as várzeas. Normalmente no interior não tinha terra para plantio porque a terra seca, mas nós tínhamos as terras das várzeas do açude. Quem morava com a gente eram as três irmãs, tia Alice, tia Sinhá e a tia Silvia. A tia Alice era como se fosse uma mãe pra mim. Todos os filhos que nasceram foram cuidados pelas tias e se apegaram a alguma tia, no meu caso, foi a tia Alice. Ela não era minha madrinha, nós éramos de família protestante e não tem isso de madrinha e padrinho. Sempre gostei de lá onde eu cresci. E o trabalho, pra mim, não foi sacrifício, sempre gostei de trabalhar, fazia com o maior prazer. Teve um período, na seca, que eu ficava até às 10, 12 horas da noite aguçando as plantas, eu tinha uns 15, 16 anos. Eu gostava do trabalho, mas sempre tive vontade de estudar, mas não tinha mais para onde ir, a não ser que eu me deslocasse de uma cidade para outra. No meu caso, eu me envolvi com o trabalho, então se eu sáísse eu deixava de trabalhar. Eu queria terminar os estudos, mas, no meu caso, quando o meu pai viajava eu que ficava tomando de conta de tudo.

2. Vídeo 20171030_155715

Sempre trabalhei no meio de adultos. Era interessante, porque no início eles não queriam me respeitar quando eu fui crescendo e assumindo as coisas, depois eu fui me impondo e chegou um momento que eles me respeitaram. Eu tinha 16 anos e fui assumir a gerência do açude. Eu

trabalhava até meio-dia e à tarde eu pegava alguns que iam trabalhar e pagava para eles plantarem feijão. Meu avô me ajudava na gerência. No período de seca a gente alistava as pessoas e elas iam trabalhar na construção de estradas e açudes nas fazendas e eu administrava esse processo. Meu avô e meu pai trabalharam na construção do açude Miranda. Eu sempre gostei de estudar. Antes de eu ir para a escola, quem primeiro me alfabetizou foi minha tia Sinhá. Depois tinha uma casa ali próximo, onde hoje é o PRECE, a casa da dona Rita, lá tinha uma escola e a gente ia para lá ter aula com a Zizi. Era uma casa normal, a gente estudava na sala, eu e algumas outras pessoas. Meus irmãos vieram pra Fortaleza aos poucos para estudar. O Andrade veio logo novinho pra casa da minha vó estudar, ele ficava um tempo em Fortaleza e nas férias ia para o interior. Ele contava histórias em relação aos estudos e isso nos motivava a estudar. Eu queria estudar, quando é jovem você tem vários sonhos, mas só tive a oportunidade de estudar até a quarta série, tendo repetido três vezes só pra continuar estudando, pois não havia oferta de outras séries. Nessa época da escola eu trabalhava um período e estudava no outro. Desde novinho eu já acompanhava onde meu pai ia, era uma diversão. Meu pai trabalhava com compra e venda de gado, e eu sempre fiquei na agricultura. O que realmente me fazia ficar insatisfeito era porque eu ficava preso na fazenda, não saía nem para a sede do município, e isso me deixava inquieto, eu não tinha a liberdade de sair para os cantos porque eu tinha que trabalhar todo dia. Quando eu completei 18 anos, eu saí do Cipó e fui tomar de conta de um sítio abandonado que meu pai tinha em Maranguape. A partir daí, eu comecei a ter mais liberdade. Eu fiquei tomando de conta dessa terra durante uns 4 anos. Depois eu saí, foi na época que o Andrade já tinha passado na universidade, aí o papai alugou uma em Maracanaú e levou uns irmãos para lá. Eu fiquei um período estudando em Maracanaú e administrando o sítio de Maranguape. O papai começou a se sentir incomodado e ficou reclamando, aí eu saí e fiquei em Maracanaú me dedicando aos estudos e não voltei mais para o trabalho voltado à agricultura. Meu pai reclamou e eu escolhi ir estudar. Eu sou o tipo de pessoa que quando quer fazer uma coisa, vai lá e faz. Nesse caso eu queria continuar meus estudos, porque era uma vontade que eu tinha desde novo. Quando você tem esse sonho, não morre de uma hora para a outra. Tinha um sonho de fazer faculdade, ter algum emprego, mas não tinha uma certeza. Eu queria estudar, fazer uma faculdade, concluir meus estudos e ter mais condições financeiras para me sustentar. Foi na época que o Andrade passou no mestrado, conseguiu uma bolsa e, a partir daí, ele alugou uma casa e deu apoio para os irmãos. Nesse período eu concluo o supletivo do ensino fundamental. Eu comecei estudando em escola convencional quando morei em Maracanaú, e quando vim para Fortaleza foi que eu fiz o ensino fundamental através do supletivo. No tempo que eu passei em Maranguape, eu me envolvi com movimentos de agricultura, criamos uma associação e eu fui vice-presidente. Depois em Maracanaú eu me envolvi com movimentos sociais, como grêmios estudantis, mas não era ligado a nenhum partido. Eu sempre fui inquieto, não ficava acomodado. Eu fiquei estudando em Fortaleza e criamos uma associação no Cipó, a ACOMPAC [?]. A partir daí comecei a ir atrás de projetos nas secretarias, conseguimos máquinas de datilografia. Eu praticamente abandonei os estudos, já tinha começado o ensino médio, e fui morar de novo no Cipó. Nesse período eu me envolvi com a associação. Na época era o governador Ciro Gomes. A prefeitura na época não apoiava, quando eu conseguia os projetos, eles iam lá e desmanchavam porque diziam que eu estava falando mal do Ciro no interior. Em Fortaleza não me envolvi com política porque não fui estudar diretamente em colégios, eu fui pro CEJA. Quando comecei o ensino médio, comecei a me envolver com a criação da associação no interior com o apoio do Andrade.

De início ele não achou nada interessante porque abandonar meus estudos, como aconteceu. Aí eu voltei para o interior passar um período lá trabalhando de outra forma, já na associação. Eu plantei algumas coisas, mas não tinha mais uma relação como a que eu tinha antes. Eu voltei para mobilizar a associação, aí eu passo a desenvolver esse trabalho lá. Foi fácil montar a associação, eu comecei a convencer o pessoal suficiente que desse pra fazer esse trabalho. Construimos uma casa para a professora e ela ficou. Pegamos o projeto da casa de farinha e construimos num terreno doado pelo papai. O papai aceitou a construção porque ele também ia se beneficiar com o projeto. A casa de farinha era pública, mas a produção era individual, cada um ia lá e fazia sua farinhada e deixava uma quantidade para a associação. Tiveram algumas farinhadas, mas logo ocorreram mudanças. Quando iniciamos, a farinha era muito cara, depois o preço baixou e não compensava mais produzir mandioca e farinha, porque ia sair muito caro. O principal motivo que levou à paralização foi econômico, e não a estiagem. Com a globalização, as pessoas começam a ter acesso a produtos mais baratos e elas deixaram de plantar, e a casa de farinha ficou um pouco esquecida. Foi uma soma de fatores, mas não tínhamos muito problemas com a estiagem por causa da várzea. Quando diminuiu o movimento na casa de farinha, teve um tempo que o local ficou abandonado, comecei a me envolver com o Andrade e a gente organizava campeonato de futebol na comunidade. Nesse período, o Andrade convidou alguns alunos para estudarem na casa de farinha. Antes disso teve o curso de datilografia, eu consegui o material de escritório, e a Vânia deu o curso para algumas pessoas da comunidade, em parceria com uma entidade religiosa de Pentecoste para entregar os certificados. Depois, quando o Toinho veio estudar na casa de farinha, ele deu continuidade ao curso. Nós encontramos o Toinho num período onde eu me candidatei a vereador, fomos em várias comunidades e o Toinho nos acompanhou e ajudou em uma dessas comunidades. O Andrade contratou o Toinho e pagou do próprio bolso para ele ensinar os alunos nessa comunidade durante uns 7 meses. Depois o Andrade convidou ele para ir morar na casa de farinha no Cipó, junto com alguns outros que jogavam futebol, para continuar os estudos. Depois da eleição eu decidi abandonar a política. Eu saí da associação e, nesse período que eu saí, ficou meio abandonado lá, e o Andrade convidou as pessoas para irem morar lá na casa de farinha. O Andrade se envolveu também na comunidade, primeiro com os campeonatos de futebol, quando eu saí de lá o Andrade continuou e formou o grupo de estudo. Não participei no início porque tinha saído e estava trabalhando. Foi quando o Andrade convidou o Toinho e ele passou a ensinar os outros. Nós conseguimos algumas máquinas de datilografia a partir de articulações políticas. Antes do PRECE nós conseguimos duas creches para a região, em Capivara e Tamarina.

Narrativa de Vida de Francisco Antônio Alves Rodrigues

16/08/2011 – Fortaleza [116'18"]

[0'00"]

“Meu nome é:: Francisco Antônio Alves Rodrigues. É... Nasci no dia 07 de maio de 1971, na localidade de Serrinha. Meus pais é o senhor João Alves Rodrigues, minha mãe Maria Alves Rodrigues. E eu tenho é:: seis irmãos melhor dizendo cinco: Erivan, Maria do Carmo, Lucirene, Marlene e Valdeci. É:: os meus avôs é:: maternos é o seu Floriano, é:: minha avó Cosma Alves e:: paternos, é Pedro Barbosa e Petronília de Jesus. Eu nunca os conheci, nem quando eu nasci, é:: [gagueja e inicia de outra forma] dá parte de meu pai não era mais vivos e por parte da minha mãe eles moravam no estado do Pará e daí eu nunca conheci os meus avós, né?. [receio] Eu acho que eu nunca vi nem por fotografias, naquela época as fotografias eram difíceis e acabou que é... de fato eu não tive, infelizmente, a oportunidade de conhecer e de conviver com os meus avós né? ((Respiração audível)) então

assim, é... meus pais são pessoas é... do interior né? é... Meu pai né? assim, na época da juventude, ele veio a Fortaleza, por volta lá de 1950 né? [19]52, [19]53, e daí, é:: aquela história, né? de (...) ((gagueja)) pessoas que vem e [gagueja] buscam aqui alguma coisa, não é?? ou alguma melhoria... - e então, ele me (...) ((mudança no raciocínio do pensamento)) nessa época ele me contava histórias muito engraçadas né? é:, por exemplo que ele pregava chiclete nas ruas pra aprender o caminho de ir e vir ((sorri demonstrando alegria)), né? ((oclusão na hora da fala)) Fortaleza ainda era uma cidade pequena naquela época, mas obviamente bem diferente, é:: do espaço rural né? de onde ele ((respiração curta)) é originário e viveu praticamente a vida inteira. Então, é:: essas coisas assim de que ele falava num é::, e a gente () ia pronunciar outra palavra mas desiste dela e fala outra]ficava né? é::, pedindo para ele falar e a gente, e a gente ria junto das questões que eram incríveis não é? é..., então assim, meu pai é:: passou aqui dois anos nesse período né? nesse período de 1951, [19]52 e voltou ao interior... - já conhecia a minha mãe e eles se casaram ((muda o tom de voz)) e daí passaram a morar - mesmo na comunidade e viveram a vida inteira ali né? É:: - Onde eu nasci, é... a casa que eu nasci foi a casa que eles moraram também, que eu morei até os 24 anos né? De pequenos agricultores, meu pai tinha uma terra em torno de 40 hectares, então sempre criava um gado, uma ovelha é... e vivia com né? tendo como base, a agricultura mesmo, sendo a base de subsistência. Então, assim, eu cresci e aí [diminui o tempo da pronúncia como se estivesse corrigindo o “ai”] fui me entendendo nesse ambiente no mesmo espaço de simplicidade, é... De pessoas que é... Tinha né? [...]não tinha chegado, não tinha acesso a bens ou energia elétrica, é... em decorrente disso a [pouco gaguejo] [...]” [3’43’’]

[3’44’’]

“[...]os eletros eletrônicos que precisavam de energia para funcionar né? então, imagina só, a primeira televisão, quando é... a gente conseguiu possuir, eu penso que eu já tinha lá seus 23, 25 anos né? Então a gente fica brincando que, às vezes, os meninos contam histórias de programas que fizeram, é:: parte da infância de muita gente: “Eita, se não assistia é porque não teve infância” ((risos)) enfim, são as brincadeiras. ((Entusiasmo)) (...)” [4’16’’]

[4’17’’]

“[...] [ã] Então o seguinte é... a gente tem poucos registros [sic] fotográficos, quase não te né? a não ser alguma coisa de binóculo né? que é bem antigo e muitos deles perdem porque o tempo né? trata de, enfim, danificar e daí eu vou ter registros já por volta desses 20, 18, 20 anos, que é quando eu começo a estudar, é... fora da comunidade. Então, é... essa minha trajetória né? familiar, ela é muito agradável né? era uma vida simples, porém, é... com muita alegria, é... trabalhava com meu pai na agricultura e sempre gostei de estudar, desde criança mesmo. Então, eu entrei na escola aos seis anos. A escola era distante né? em torno de quase dois quilômetros, e daí eu ia a pé com os demais, meus irmãos e outras pessoas da comunidade e:: sempre me interessei por aprender, né? É... Lembro que eu era uma criança muito ruim para comer, na merenda, nossa! quase não merendava e as merendas eram boas né? ((sorriso)). Eu lembro que eram coisas que, eram né? que tinham um paladar bom, mas dificilmente eu merendava na escola. Eu achava aquilo ruim, daí hoje eu fico: “nossa como é que pode achar uma comida daquela ruim”, né? É... daí, é... depois a escola passou a ser mais perto da minha casa né? e eu estudei é... na minha infância com pessoas próximas. Primeiro, a minha primeira professora depois ela passou a ser minha cunhada, na época, não. Na época, ela era professora, não era casada com meu irmão, mas posteriormente eles casaram e:: ((receio)) na seqüência a minha irmã passou a ser professora na comunidade e eu passei a estudar com ela. Então, até o/a quarta série como nós conhecíamos, hoje é o quinto ano. Até a quarta série, eu estudei é... na casa da professora, primeiramente, depois na minha casa mesmo e era uma sala reservada para que acontecessem as aulas, porque não tinha pré-

escolar na comunidade, é... [a comunidade chamada] Serrinha aonde né? eu estudei é... nesse período. ã:: daí a gente é..., a minha infância é uma infância que é marcada pelaquelas brincadeiras comuns de crianças da zona rural, é bandeira, é brincar do trisca, esconde-esconde num é? ã... era sempre né? Esse tipo de divertimento que a gente tinha é... não tinha muitas opções de ir a algum lugar, não, é, é... enfim, era mesmo é... um ((gaguejos)) uma relação que se dava naquele meio não é? Naquele meio ali com a comunidade mesmo, a gente não tinha muita experiência de ir a uma cidade, de participar de alguma coisa diferente porque é... a nossa cultura ela era uma cultura de cuidar das coisas ali mesmo, entende? Ela não conhecia até pelo fato de não conhecer as outras possibilidades de ((gaguejo)) a gente conhecer coisas novas, enfim. Então meus pais sempre, é:: pessoas que nos trataram né? com muito carinho, isso eles nos ensinaram muito, né? A questão do acolhimento, a questão é... de passar para a gente o carinho que a gente precisava, então a gente, eu aprendi muito né? desses ensinamentos na vida cotidiana, na vida prática, não é? E daí, quando, é::, eu ((repetição)) gostava muito de estudar e meus pais: “então tá bom, você vai trabalhar um período e o outro é para estudo”. E eu lembro que a gente ficou, é..., eu gostava muito também de futebol, assim né? era apaixonado por futebol, e iam acontecendo assim umas coisas incríveis né? [sorriso] eu era muito ruim [risos] muito ruim, então, é... eu [repetição] ajudava a cuidar das coisas no campo de futebol, não é? E daí, é... eu já tava grandinho, tipo, é..., sei lá, já 12 anos, 13 anos, e 14 né? enfim, até por essa faixa não me botavam para jogar no time, que: “não esse aqui é muito ruim, não joga né?”. Aí eu lembro que os meninos fazia assim: “Ah, mas tu trabalha no campo e ainda botam tu pra jogar”, mas são malvados mesmo né? ((sorriso)) e daí, é... a gente [há uma quebra de raciocínio aqui], mas eu jogava com os meninos né? e de repente né? assim, de forma muito rápida, é... eu melhorei assim de forma né? extraordinária tão rapidinho que eu nunca passei, tem um negócio que chamam de segundo quadro né? eu era tão ruim que nós jogava no segundo quadro e de repente, é:: eu melhorei naquele jogo ali não é? e passei a jogar no que chamam de time principal, assim de forma rápida. Eu nunca passei pelo segundo quadro, () eu nunca fui do segundo quadro né? que é aquele time que bota o pessoal que joga menos e tal, então de muito ruim eu passei a ((gaguejos)), naquele contexto da comunidade, não é? naquele contexto ali, a ser bom né?? Pessoa boa que dava para jogar no time principal. [9’48’’]

[9’49’’]

É... talvez para mim foi a coisa que, também né? fosse muito agradável né? nossa né? comecei com 14, 15 anos, já jogar naquele time em que é o time principal da comunidade e daí da família, eu sou o mais novo, então é... os meus pais sempre tiveram um cuidado muito grande, é aquela história de á... né? é... um cuidado um pouco exagerado né? E eu lembro que com 14, 15 anos teve um campeonato em Pentecoste, e daí eu já jogava bem, jogava no time, mas aí para ir para Pentecoste é... meus pais disseram: “Não, não vai, tá?” muito novo, não pode”, né? E daí os meninos ficavam falando, fazendo hora assim: “Rapaz, podendo jogar lá né? tu joga bem aqui, é do time, é do titular e não vai porque os pais não deixam né?”. Mas aí assim, essa questão do cuidado mesmo: “Não, meu filho está muito novo para sair daqui” né? para ir jogar em outro espaço, e eu entendo isso de forma muito clara que é a questão do cuidado dos pais né? sobretudo quem viveu naquele contexto comunitário mesmo, é... era difícil que eles entendessem e vissem que era uma oportunidade, sei lá, uma coisa assim, e daí eu não fui. É... Aí assim, na comunidade, os meus estudos, só tinha até a quarta série, então acabou que com 10, 9, 10 anos eu já tinha concluído a quarta série e a gente, é::, não tinha como continuar estudando ou seguindo adiante nos estudos na comunidade, não tinha nem o tele ensino que na época era uma, era uma [repetição] possibilidade para a zona rural mas na nossa região não tinha. E para ir para a cidade era muito difícil porque tinha que ter conhecido lá e mandar o filho e a gente não tinha, tinha uns

conhecidos. O meu irmão é... um pouco mais velho do que eu, ele foi, estudou dois anos né? em Pentecoste, mas foi uma experiência difícil, porque assim, meus pais não tinham essa condição financeira de tá ajudando, daí eu achei que não dava para mim e não ia pra né? Daí eu estudei 3 anos repetindo a quarta série, a cada ano era aprovado, no ano que vem eu vou de novo né? e aí eu fiquei repetindo é... pelo fato de, é::, somente para não abandonar a escola, eu gostava muito de estudar. Chegou uma hora que isso não deu mais né? para ((ênfase)), eu acho que por volta dos 13 anos, é::, eu parei completamente, porque né? já tinha repetido umas três vezes a quarta série. Bom, daí eu fiquei centrado, é: “não, então eu vou ficar trabalhando com meu pai”. E aí para trabalhar é:: tem o que a gente chama de pessoas que trabalha é:: trabalhador, trabalha rápido né? então nunca trabalhei rápido [risos], mas sabe, nunca mesmo é... porque assim, eu acho que era uma habilidade que me faltava não é? Então meus irmãos trabalhavam rápido né? eram chamados bom de serviço, eu era ruim de serviço ((sorriso envergonhado)), é... porém, eu não deixava de ir né? eu não deixava de ir né? é:: ((ênfase)) é:: eu sempre tava né? junto, só que eu trabalhava bem devagar, pra quem entende de capinagem, por exemplo, as pessoas trabalham, cada um, no que eles chamam de carreira né? fica uma plantação lá e você segue no que é chamado de carreira pra cada pessoa trabalhar. Então eu nunca trabalhei numa carreira, porque eu só trabalhava com meu pai, a não ser que ele não tivesse, quando ele não tava, aí eu tinha que pegar uma carreira sozinho e ficava perdido e lá o pessoal ia embora né? e eu sempre trabalhava com papai em uma meia carreira, era uma carreira para nós dois né? ((sorriso)) aí a gente ia e falavam: “olha...” ((interrupção de fala)) é... me chamavam de Toinho né? “como tu é muito preguiçoso e tal, é::”. Meus irmãos, eles eram, a minha diferença com o mais próximo é de 5, 6 anos né? coisa assim. Então assim, eles ((gaguejos)) é... Aquela faixa etária dele, tinha muito menino, então eles fizeram muita vadiagem e tal. Aí, na minha/no meu crescimento eu já tinha, eu era o menorzinho e eles já eram tudo maiores né? Então eu não participava de muitas coisas com eles tipo, ir pra açude, então, por exemplo, eu não aprendi a nadar. Todos os meus irmãos nadavam muito e eu não aprendi né? porque eu era pequeno e eu não ia porque, pra esse espaço, porque eu era pequeno. Aí depois ficaram todos grandes quando eu já estava maior e tinham outras coisas para fazer. É... andar a cavalo também, nossa ((empolgação)) né? Os meus irmãos eram também muito mais afeitos a isso, corriam no mato né? com os cavalos, enfim. Daí eu não fazia isso né? depois eu acabei fazendo. É aquela história, igual à do futebol né? depois eu consegui me equilibrar melhor e fazia isso, mas, para ter ideia, eu já levei cada queda né? de animal que era uma coisa incrível né? [14’46’’]

[14’47’’]

Então, assim. Lembro, uma vez eles pegaram né? tinha um jumento que: “vamos amansar esse bicho para nós, mas somos pesados, então coloca o Toinho em cima dele”, e eu não sabia montar né? ((empolgação)) Então eles botaram né? eles eram maiores, ficaram e o bicho ficou parado e tal, aí eles disseram assim: “Não, esse não vai sair do canto”. Soltaram a corda, não é? aí o bicho deu um pulo e eu fui lá para a orelha, e o bicho jogou a cabeça e me jogou longe né? [risos]. É... então eu lembro disso e nossa, serviu pra gente ficar rindo depois né? que o Toinho caiu desse jumento né? E teve uma queda, que eu também levei uma queda que foi incrível, eu vinha, eu lembro que eu dava água aos animais e vinha montado num jumento, aí papai criava porcos e botava sempre milho é... do lado lá, tinha um espaço. E o jumento vinha pra, eu pensava que ele vinha entrar no alpendre, não é? E o caba((sic)) e o bicho vinha só andando, literalmente andando né? é..., daí e quando ele se aproximou do alpendre, que eu achava que ele ia entrar ele, ao invés de ele fazer o movimento para a esquerda ele fez o movimento para a direita e esse foi o movimento suficiente para me jogar do outro lado né? Nossa [Ênfase vocal ao iniciar este período], que queda, bati com as costelas, nuns materiais que tinham lá, fiquei sem fôlego, enfim ((envergonhado)) Então foi desse jeito e aí o papai dizia: “Ah, mais o Toinho não trabalha” aí o papai dizia assim: “Só que o Toinho é, se vocês

trabalham muito realmente né? mas o único que não me deu trabalho para ir trabalhar foi o Toinho, porque ele não tem preguiça de ir né? ele vai satisfeito, a questão é que ele não trabalha rápido, mas isso não faz muita diferença porque o importante é que ele vai sem, é... reclamar, não é? satisfeito”(...)então pro papai isso já era muito importante né? ((expressão corporal animada) E ai né? até uns 3 anos, 4 anos, a gente conversando sobre isso, ele dizia: “É verdade sim, o Toinho ia sem reclamar. Vocês eram muito trabalhadores - com os outros né? - mas vocês davam trabalho para ir”. E daí a relação com o meu pai né? foi uma relação boa. E ele me ensinou muito da vida né? pra vida, é... a gente tava numa comunidade que tinha/não tinha por exemplo, não tinha televisão, era longe a televisão aonde tinha, tipo dois quilômetros né? a gente ia a pé, às vezes, com muitos colegas, muitos amigos, mas é, com o meu pai eu aprendi uma coisa assim é..., ele gostava muito de assistir rádio né? então eu lembro demais de como a gente ficava/todas as tardes a partir de cinco horas assistindo programas políticos, não é? programas que tratavam de questões políticas para a gente se informar, pra gente entender né? é... eu gostava daqui e o meu pai gostava tanto daquilo quanto da ‘Voz do Brasil’ que era um programa informativo né? Como a gente acompanhava, é... esses é... programas que tratavam dessas questões né? de nível municipal, estadual, nível né? nacional. Então a gente era muito atenado/ antenado com essa questão da informação, isso para a gente era como escola né? a gente chegava do trabalho geralmente quatro e meia, tomava um banho e cinco horas a gente ligava o rádio para assistir, a gente conversava só olhando né? “tá acontecendo isso, é:: ah, mais esses, é..., deputados hoje fizeram isso”, a gente acompanhava né? apesar de a gente tá em uma comunidade tão distante e pequena mas a gente tinha essa relação de conhecer né? para além dali, então o rádio era esse elemento que nos propiciava esse conhecimento né? Então, nossa, hoje eu gosto muito disso, e é uma herança sem dúvidas né? é dessa, desse hábito que papai tinha de estar assistindo programas e programas informativos. Então lembro demais que a gente ficava assistindo aquela, as questões do:: é... na época do vestibular a gente nem sabia o que era direito, mas, sobretudo aquela história do gabarito né? então como o vestibular era um grande evento, - imagina, a gente não sabia, mas eu sei o que é hoje praquela época um evento extraordinário. E aí, as rádios paravam para falar os gabaritos né? o A de avião o E de Eva, imagino como se fosse hoje como os repórteres falavam essa questão do gabarito e a gente só parava e olhava assim, parecia coisa importante né? porque as rádios param a programação normal para trazer essa informação, então é... a gente tinha né? essa, essa relação com o marco né? através da mediação do rádio. A minha mãe sempre tratou da questão da casa mesmo né? é... Também trabalhou na questão da agricultura conosco né? mais ainda na época de colheita, minha mãe sempre era presente, como na época de plantação. Então eram dois ciclos que ela participava de modo muito ativo, que era no ciclo da prantação e no ciclo da colheita né? É... os meus irmãos, eles, é..., eu tenho dois irmãos homens, então assim, um saiu cedo da comunidade, por volta lá dos dezoito anos, para vir para Fortaleza, é... então ele veio em busca da [gaguejo] melhoria, aquelas histórias que/da migração né? pela falta de oportunidade no espaço rural. E daí veio com a escolaridade muito baixa também né? até a quarta série que ele estudou também né? depois veio pra Fortaleza e, enfim, foi tocando a vida dele né? Depois ele retornou para a comunidade né? morou um tempo, casou e depois veio embora para Fortaleza novamente. O outro meu irmão, ele também é... gostava muito dessa questão da, de gado/então ele saiu primeiramente pra uma fazenda em Caucaia né? “Á, vou trabalhar com é:: tiragem de leite, de questão desse tipo”, depois é... passou um período e foi para Fortaleza de lá, e teve uma época que ficou só eu e papai. As minhas irmãs casaram né? também muito novas, e teve uma época que a agricultura tocava eu e papai, imagina, a gente não tinha muita produção porque, ((risos)) eu não era né? aquele trabalhado de produzir, mas enfim, foi uma época que:: é... também foi muito agradável né? Eu e papai, a gente trabalhava e cuidava do gado né? enfim é::, não foi uma época ruim né? aliás, foi assim, foi uma época

que, às vezes, eu tinha que ir sozinho [ênfase neste último vocábulo], trabalhar não é? papai saia para algum canto, então, eu tinha que ir sozinho e aí os roçados ficavam bem longe né? dois quilômetros da minha casa, né? então só para ir era uma viagem, mas eu vejo isso como exercício importante da família, não é? dá família, porque não é? pelo fato de você não ter um bom jeito que não vai fazer as coisas, que você não compreende o sentido daquilo, é..., não é? só do ponto de vista do trabalho, é do ponto de vista do: “olha nós somos família, a gente faz o que a gente pode né? a gente faz aquilo que é possível fazer para que a gente mantenha né? as condições”, e daí a gente teve períodos difíceis, períodos de seca não é? período de seca era um período muito ruim, porque não se produzia, as questões econômicas ficavam muito mais difíceis, aquela época tinha o algodão. Algodão era, é..., uma forma de tirarmos algum recurso daquilo que não era destinado para a subsistência não é? mas isso também depois foi ficando difícil né? foi dando bicudo - quem é da agricultura conhece. Então teve época que a gente enfrentava muita dificuldade né? aí o pai tinha que comprar no comércio e ficar devendo 6, 7 meses, daí lá na frente tinha que vender um gado, uma coisa assim, é... pra poder pagar né? essas contas, mas a gente ia se equilibrando com isso. A gente ia administrando e tinha épocas que é... muito boas, de fartura, e tinha épocas que era difíceis mesmo né? que você tinha dificuldade de comprar as coisas, era muito racionado né? é..., daí eu vejo o esforço do papai para criar uma família dentro das condições que ele tinha que era a agricultura de subsistência. E por vezes ele montava o comércio né? quando dava, então papai procurava diversas formas de poder manter a família, sempre foi uma pessoa muito responsável né? enfim. Ele é para mim uma grande referência né? minha mãe também, de luta, de desejo de ver, é..., os filhos ali né? crescendo e eles apoiando em tudo quanto a gente fazia. Daí nós tivemos esse período que eu não estudei, certo, imagina a gente trabalhou/ Daí como a nossa terra era pequena teve momentos que papai falou: “Á, vou.. Á... Doutor Damário que era né? tinha uma fazenda e que isso ficava em torno de quatro ou cinco quilômetros de onde a gente morava e lembro que uma vez a gente brocou () e a gente ia né? com bicicleta, é..., imagina né? cinco quilômetros para ir trabalhar, e nessa época eram só eu e o papai realmente, meus irmão não estavam mais morando [conosco] já tinham saído para Fortaleza, outro tinha casado, o mais jovem não era casado, mas enfim, trabalhava em Fortaleza, daí a gente ia né? e eu ficava: “Nossa” [ele prolongo o “no” como se estivesse expressando novamente o encantamento que teve no passado] realmente é uma vida difícil né? Mas assim, uma coisa que eu achava, sempre achei absurda: “Se eu for para Fortaleza, uma cidade... [novamente uma quebra de lógica com mudança de pensamento] como é que eu vou pedir pra alguém pa me dar um trabalho né?”. Então eu achava isso um negócio meio fora né? de propósito para mim, não era aquilo que eu queria. É... meus irmãos: “Tu quer vir para cá?”. Obviamente que eles não faziam muito esforço porque eu era o único que tava em casa ainda. Mas da minha parte também não tinha o desejo de ir não, é... porque eu pensava: “Olha, eu acho que deve ser um negócio muito complicado né? o que eu sei fazer, o que tá aqui; eu não sei fazer, talvez, o que tenha lá e ainda vou pedir para alguém, se alguém não quiser me dar um trabalho né?”, isso passava na minha cabeça. Aí bom, ficamos né? quando foi em 88, não lembro né? a minha irmã, como era professora, ficou sabendo da primeira turma do supletivo em Pentecoste, daí falou: “Olha vai ter...”, meu pai disse: “olha você quer fazer a prova?”. Então eu fui, a minha irmã mais velha também, a gente se candidatou pra fazer essa prova. É... era uma prova seletiva né? você só poderia fazer esse curso se tivesse uma aprovação nessa prova que era feita no escuro, era tipo, um teste sondagem, que você tinha que fazer, dependendo do seu rendimento, você passava a fazer parte do curso. Fizemos lá. É... passei, dentro da média, é... em todas, porque tinha português matemática, estudos sociais e ciências, a gente tinha que ter média 5 né? eu acho, juntando todas as provas, todas as áreas, consegui a média 6.9, ótimo né? Comecei o curso. Então daí começou a mudar um pouco né? a minha, o meu [Ele acaba trocando a forma que irá usar]

conhecimento e a minha relação com outros espaços, antes era muito centrada na questão da zona rural mesmo. Daí eu já tava com 15, 16, essa época eu já estava com 17 anos. É::, tive que vir em Fortaleza para tirar a carteira de identidade né? imagina né? eu vir aqui para fazer isso, fiz né? porque também era uma exigência do curso que tinha que ter uma identificação e tal pra se matricular. Matriculei. A gente estudava, recebia o módulo e estudava em casa e ia na Secretaria de Educação, não era numa escola, era na Secretaria de Educação para poder fazer as avaliações né? periódicas e tal. E nessa época, imagine, a minha mãe, ela não deixava, ela não concordava que eu viesse, por exemplo, de bicicleta até Pentecoste que era em torno de 17 quilômetros né? que era a distância entre a minha casa e Pentecoste. Ela não deixava de jeito nenhum: “Não, não vai de bicicleta de jeito nenhum”, essa questão do cuidado né? e eu ia sempre no ca... [ele corrige-se rapidamente e acaba não completando o vocábulo anterior] pau-de-arara né? ou carro de horário que tem muito no interior, eu passei o ano inteiro fazendo isso né? ia no carro e, às vezes, a gente tinha que fazer duas ou três provas mas tinha que fazer só uma porque o carro já ia voltar, não é? Aí eu fui amadurecendo, fui aprendendo: “Não, olha, depois de um ano já dá para ir né? enfim, sei bem o caminho” e passei ir de bicicleta não é? Nesse trajeto, é::, entre minha casa e o local das avaliações. É::: isso me trouxe já outro amadurecimento né? me trouxe um pouco mais de autonomia, então eu passei, eu acho que dois anos e meio, é... e conclui esse curso. E o meu pai e mamãe sempre diziam: “Olha você gosta de estudar né? a gente lhe apóia” não é? eu não deixei de trabalhar com o meu pai nesse devagarzinho de todo dia, então trabalhava de manhã, que era o período que eu ajudava né? É... no período da tarde era destinado para o estudo, não é? Eu ficava com os módulos, estudando e essa era a sistemática. E aí como eu gostava de futebol e eu jogava todos os dias, de segunda a segunda, quando dava cinco horas, quatro e meia, cinco horas largava o livro, e era uma comunidade, como na época tinha muita né? adolescente, muitos jovens, então a gente jogava todo dia né? É::: a maioria dos dias era com o pessoal que ficava ali pertinho de casa, vizinhos né? e eram aqueles que tinham os treinos do time, do pessoal que vai pro futebol. Então jogava, jogava demais todos os dias era uma questão que eu lembro muito: “nossa como a gente jogava tanto daquele jeito?” né? jogava todos os dias à tarde, domingo jogava de manhã e de tarde, porque na verdade também era uma forma de lazer né? de divertimento, era uma forma da gente, é..., sair da rotina né? do trabalho, de estudo, então isso é uma questão que pra mim fazia muito bem, né? fazia um bem enorme mesmo. É... Terminei o primeiro grau, o ensino fundamental né? em dois anos e meio, então foi por volta né? foi em 88, no segundo semestre eu entrei no curso, lá pelos anos 90 né? final dos anos 90 eu tinha concluído. Era um curso que tinha uma, [ocorre uma troca de vocábulo, pois o anterior não serve para sua construção frasal para concordar em gênero] um grau de dificuldade né? considerável, porque a rigor a gente não tinha professores e tinha orientadores não é? nem sempre o orientador que estava lá para aplicar a prova era daquela área e nem sempre conseguia tirar a dúvida da gente, então a gente tinha que estudar mesmo em casa, exigia um esforço, exigia uma força de vontade mesmo, muito grande. E eu lembro que a gente era em torno de 50 alunos e é... efetuaram a matrícula inicial, e nós tivemos três alunos que conseguiram concluir né? pelo menos na minha época. O curso supletivo ele não tem tempo para você terminar, mas nesses dois anos, dois anos e meio é... chegaram a concluir, eu e mais dois né? alunos, é... a gente era amigos né? pessoas que se dedicavam e “vamos terminar, vamos terminar” e terminamos. Houve né? aquela festinha de conclusão de grau, é..., nesse período a gente [quebra da lógica de pensamento mudando rapidamente para outro fato dentro do mesmo tema] daí eu já tinha uma experiência né? de outros espaços e tal, [gaguejos ao iniciar a frase] e nós três desejávamos continuar estudando e a opção era também a distância né? o que era chamado de Logus dois, ele era um curso de formação pedagógica para professores, né? que não tinham habilitação, porém eu não era professor né? daí assim tá aí primeiro impasse, porém é... como minha irmã

tinha até a quarta série né? e ela era professora até a quarta série né? e eu já tinha até o ensino fundamental do sexto a oitava série, acabava que eu ajudava muito ela em sala de aula, e como eu tive né? meu esforço e tal, os professores reconheciam, eles: “Olha, você não é? professor, de fato, mas você né? tem esse trabalho na comunidade né? ajuda sua irmã que é professora, então ela vai dizer que você faz esse trabalho e nós vamos lhe aceitar, é..., você vai fazer a seleção para cursar o que se chama de lócus dois né?”. Ai imagina, eu fiz essa prova e tirei 10 né? aí, ó, muito bem, e as minhas amigas, as duas que concluíram também, as duas eram professora, daí elas não tiveram problemas em cursar né? pra fazer a prova porque já tinham a legitimidade de ser professor. E aí nós caminhamos, é... já com mais desenvoltura né? porque tinha experiência, era semelhante ao ensino fundamental e o ensino médio eu devo ter terminado em um ano e meio né? coisa do tipo. é... lembro que por volta de 92 né? eu já tava concluindo. é... nesse período né? a gente passou a jogar o campeonato que era organizado pela é... professor Andrade. Eu conheci o professor Andrade através do futebol né? professor Andrade eu é o idealizador da PRECE, e daí nós íamos já é... em outras comunidades né? e aí foi o futebol que fez essa aproximação da gente conhecer outras pessoas, conhecer, enfim, idéias novas, e daí a gente né? ficou amigos, amigos um pouco distantes, mas pessoas que tinha né? o futebol como a mediação de uma relação de amizade. Isso foi uma coisa importante também né? essa questão de usar o futebol como uma estratégia para a gente conhecer é... outros valores né? aproximar mais pessoas conhecendo mais pessoas. E a gente tem isso como uma questão cultural importante né? fazia parte de um lazer né? que é... era comum a várias comunidades, o futebol ele foi aproximando pessoas, foi também é..., dando essa oportunidade da gente ir trocando idéias né? Aí o professor Manoel Andrade passou a conhecer e tal, teve [acaba trocando a linha de raciocínio], 92 foi um ano de eleição, e daí eu lembro que a gente além do futebol tinha a questão da política, e o Adriano que era irmão do professor Andrade era candidato né? E daí assim, a gente tinha é::, havia uma comunidade, uma associação, aliás, Cipó-Capivara, aí nesse período as associações, elas eram uma uma [repetição] uma instituição totalmente importante através do ponto de vista da organização não é? da demanda de projetos, e a gente começou a ter essa relação também por esse viés da associação. E aí a gente ia é:: visitar algumas comunidades e dentre essas comunidades a gente visitou uma que era de uma pobreza imensa né? uma comunidade chamada Coelho, é... a gente ficou assim, abismado, como é que pode pessoas viver assim no total abandono das condições do poder público. Então era uma comunidade que não tinha nenhuma estrutura, sei lá, de água, de alguma assistência, inclusive tinha nem escola, então as crianças eram analfabetas, pessoas com 14 anos sem saber ler e escrever porque não existia oferta de escola na comunidade. E as escolas eram distantes também né? e as pessoas eram pessoas profundamente simples, e o trabalho que tinha lá na comunidade era um trabalho organizado pela igreja católica, que a gente também conhecia né? A gente conhecia muito seu João Bandeira, ele era um leigo que fazia aquele trabalho de porta né? de ir nas comunidades, de enfim, de pregar a palavra, era uma pessoa militante da igreja, não é? então tinha esse trabalho com ele também. Então seu Manoel Andrade ficou meio impressionado com aquilo e disse: “Rapaz que coisa né? o que que a gente pode fazer por essa comunidade? ” Nós é... independentemente de qualquer perspectiva política né? que haja, a gente não vai se ater a pensar de como é que a gente enquanto cidadão pode fazer alguma coisa, sobretudo na área de educação. E daí assim, surgiu a proposta da gente ir na comunidade dizer: “Olha nós vamos é... colocar uma escolinha aqui, fazer uma né? tinha o salão comunitário, que a comunidade usava para celebrações e nós falamos com a liderança da comunidade e eles disseram: “Olha, a gente cede para vocês o espaço” e nós prometemos que íamos. E, a gente encontrou essa comunidade em momento de campanha política e aí então eles não nos disseram no momento, mas depois me falaram isso e disseram: “Olha mais que promessa devagar essa, claro que ninguém vem para cá botar escola”, e eles não acreditavam

nisso né? Mas a comunidade é sempre, [corte de pensamento brusco] é aquela questão da educação né? eles não disseram: “Á, lá vem vocês...”, não, eles: “vem?” Tá certo se vier tá aqui o espaço, a gente realmente precisa...”, mas no fundo no fundo eles me disseram: “A gente não tinha a menor esperança né?”. É... daí a gente disse: “Olha vamos...”, lembro que a gente comprou caderno, lápis, o professor Manoel Andrade que comprou, e daí disse: “Toni, tu vai, é... e eu vou lhe dar é... não lembro, era 20, não sei que dinheiro era naquela época, era uma coisa assim 20 [ele emite um som simulando alguém dando dinheiro, de forma engraçada] uma ajuda financeira né? e eu vou te dar por mês e você vai trabalhar”. E daí a gente, isso era por volta do mês de setembro, início para outubro. Marcamos para antes, antes do processo né? ou aliás, para depois do processo de votação. E a comunidade disse: “Agora que a gente entende que isso não vai funcionar”. Por que não vai funcionar? Porque eles colocaram para começar depois da eleição, se esse candidato não for eleito ele não vai pisar nem aqui, mas assim a rigor a nós não tínhamos a menor né? a nossa compreensão era: “vamos fazer esse trabalho na comunidade porque é uma comunidade que precisa” e a gente pode fazer isso, o professor Manoel Andrade era professor na universidade, mas era muito preocupado com essas questões, tinha uma ligação muito profunda com as comunidades né? sobretudo Capivara, Cipó, mas várias outras que estavam ao entorno e a gente sabia que ia fazer isso. Marcamos o dia x lá pra começar, e fomos no dia, eles estavam lá, os alunos, e assim foi uma comunidade que a gente aprendeu muito porque eram pessoas simples mas que faziam também o melhor é... sobretudo por mim que estava no dia-a-dia, sempre tinha a questão de: “Olha, tá aqui a sua merendinha né?”, um biscoito, um suco, um café e aquilo né? nossa, era uma gratificação muito é... era muito gratificante para mim porque eu percebia a simplicidades, mas o carinho né? eu percebia como as pessoas aceitavam aquele trabalho, e na sua maneira né? buscavam contribuir. Então foi um período de um ano e meio, mas enfim. Em 92 nós levamos é... até dezembro, alfabetizando as pessoas e aí era uma sala que tinha de alunos de 6 anos até 17 anos e era em média 20 alunos né? se desdobrava, aprendendo obviamente né? era a minha primeira experiência em sala de aula, apesar de já ter é... outros momentos substituído minha irmã, mas a gente vai aprendendo sempre, sobretudo nesse desafio de trabalhar com pessoas de faixas etárias diferentes, de interesses diferentes né? Obviamente que eu não tinha essa compreensão naquele, naquela época né? era impossível ter, hoje você tem porque tem toda uma trajetória, toda uma experiência, enfim. Mas levamos esse trabalho adiante, e lembro que em dezembro a gente fez a festa de [gaguejos] finalização, a comunidade foi, é..., não lembro se o Andrade estava presente, não lembro, mas enfim, lembro que a gente foi várias vezes lá, lembro que a gente ia de moto as vezes, passava lá em casa à noite para a gente ir lá na comunidade né? conversar, fazer reuniões. E a comunidade tinha uma base de organização faltava era serviço público, e a gente levou esse serviço, foi importantíssimo né? É... daí no ano seguinte, dois mil e, 93 eu já tava concluindo o Logus 2 a gente disse assim: “Andrade, vamos tentar isso, vamos tentar pela prefeitura colocar essa escola né? de maneira que a prefeitura assuma”, foi tranquilo né? “olha aqui já trabalhamos esse segundo semestre inteiro, queremos agora que a prefeitura reconheça”, até porque para que o aluno tivesse essa certificação, o histórico escolar era preciso que estivesse vinculado a prefeitura né? Vinculamos a escola à prefeitura, é... e daí, em 2013 em diante, nós começamos a trabalhar mesmo com a escola municipal, e daí a minha relação era com a prefeitura, mas com o professor Manoel Andrade continuou porque a gente tinha o futebol né? e assim, a gente sempre falava “a escola tá indo bem” e ele sempre me perguntava isso. É... nesse período que eu tava dando aula né? então o Coelho ficava 13 quilômetros de distância da minha casa, então eu ia de bicicleta, não tinha nenhum transporte que não fosse a bicicleta, a gente não tinha moto que era, bem, um meio de transporte né? não tão comum, mas enfim, que existia na época, mas poucas pessoas tinham, a gente não tinha. E a gente ia a [gaguejos] bicicleta mesmo, ia de bicicleta. E aí eu as vezes, ajudava o papai quando dava

tempo né? quando podia, e eu lembro demais né? demais, demais disso [repete o demais para dar ênfase a sua nítida lembrança desse assunto], uma vez eu ia dar aula e o inverno tava rigoroso, não conseguia atravessar as lamas né? eu não consegui, aí voltei com a bicicleta no ombro né? que não andava, eu lembro demais disso, tem uma terra chamada massapê que gruda na bicicleta e você não consegue movimentar, aí cheguei em casa o papai tava trabalhando, “ah, vou ajudar papai né?”, peguei a enxada. Aí tinha um trabalhador que trabalhava lá que ele era muito engraçado, ficava assim: “Olha, ah, o Toin veio então eu vou...”, [corta a fala para explicar algo que será necessário para uma melhor compreensão] existe uma coisa chamada que assim, olha, você é... trabalha devagar, eu vou tirar duas carreiras ou três enquanto você tira uma né? aí isso dá uma gofa muito grande [excitação ao falar], e nesse dia eu estava trabalhando sozinho né? “ah não, pois eu vou numa carreira sozinho” e ele disse: “Olha, pois eu vou já...” tipo, dá duas por uma, “enquanto você tira uma eu tiro duas”, aí eu digo: “não, não vai”, e nós né? aí o [gaguejos] milho tava grande e a terra tava baixa né? então era muito quente. E daí né? ele ficou tentando fazer isso, tirar duas enquanto eu tirava uma, e eu não, tentando responder rápido né? e quando foi tipo, 10:30, papai disse: “não, tá bom, já trabalhamos muito né? tá bom, vamos pra casa”. E aí a minha roupa estava completamente molhada, molhada, molhada né? blusa e calça, aí ele ficava: “rapaz hoje tu tá bom, não deixou o fadaluz por um e tal”. Aí depois disso eu “Ah! Eu vou largar esse negócio né? eu vou ficar só com educação”. Aí larguei né? de fato larguei, eu já tenho outras ocupações, não vai dar de fato para eu ficar trabalhando na agricultura. Então é... isso vai se refletir mais tarde no Cipó, porque na verdade quando a gente tinha uma um trabalho comunitário e os meninos devem falar isso assim: “eu trabalho um pouco por ali, depois eu vou fazer outra coisa” é... porque a rigor, era como se eu tivesse entregado, encostado a chuteira pela questão da agricultura né? naquele dia lá, que eu disse: “não, tá bom, eu já fiz o que era para fazer não é?”, é... enfim. É... então assim, era professor na comunidade né? chegava a tarde meio cansado, estudava ainda né? porque era questão do Logus 2, mas enfim, estava na fase final, e eu lembro que a gente tinha, que a gente fazia aulas práticas e que basicamente a gente tinha um semestre inteiro ou um ano, não lembro bem, a gente ficou só com as aulas práticas, porque lá se tinha calendário né? se tinha calendário pra poder é... acontecer aquelas aulas que eram marcadas pela coordenação do curso, a gente ficou né? é..., nesse contexto de aulas né? de aulas práticas pra receber o certificado e tranqüilo né? Quando foi em 94 né? aí o professor Andrade, a gente jogava, enfim, tinha uma proximidade pelo futebol, ele disse: “Ô, Toinho, eu tinha um negócio para te falar aqui”, aí eu lembro que era em dia de jogo né? “não mas a gente tá tudo cansado, num outro dia você vem aqui para a gente conversar, um pouco” né? Aí o professor Andrade, eu fui lá né? no outro dia e ele disse: “Olha Toinho, eu tenho uma ideia de trabalhar com educação aqui né? o futebol é uma estratégia boa, mas não é? suficiente, é... eu vejo que aqui os meninos saem todos muito cedo pra ir pras a cidade grande”, ele falou a história né? “olha são meus amigos de infância e eu vejo aqui que a situação tão dura e tão difícil, e a ideia é que a gente faça alguma coisa que a juventude de hoje, ela não tenha que seguir esses passos difíceis, duros né? de quem foi da minha época não teve nada por aqui.” Aí eu, a gente [gaguejos]: “Ah tá bom, então qual é a ideia?” “A ideia é que a gente trabalhe com educação aqui na comunidade”. E daí na época né? essa época também ficava meu irmão dizendo: “Olha, mas o ganho daí e tão pouco, você podia vir para cá né?? Melhorar e tal” e talvez até, um pouco, é... eu pensasse um pouco disso, mas na verdade é... no fundo no fundo eu tinha uma resistência muito grande né? e eu já tava na escola, daí eu falei: “Á Andrade, eu vou falar pros meus pais né? e ainda tem essa possibilidade de ir para Fortaleza”, mas na verdade eu sabia que no fundo no fundo aquilo não me atraía, porque eu achava que realmente era uma realidade muito desconfortável né? Então eu disse: “Olha, vou conversar com os meus pais”, pros meus pais, falei: “Olha o Andrade me convidou, é... pra gente fazer esse trabalho,

e ele...” [Interrompe a fala do outro para acrescentar informações], e ele disse assim: “Olha Antônio, só que pra fazer, você precisa deixar a escola do Coelho e tem que vir morar aqui”, então Coelho e Cipó eram antagônicos né? então eram 13 para lá e 13 para cá. Então assim, eu sempre tive um esforço né? essa vontade de aprender, então teve uma época que eu dava aula no Coelho que era 13 quilômetros né? 26 para ir e vir, e à tarde, duas vezes por semana, eu ia pro Cipó, também esses 13 quilômetros né? e tudo de bicicleta, pra fazer um curso de datilografia. Nossa, sol quente né? [risos]. Mas enfim eu ia, aquilo para mim era muito significativo, então eu terminei o curso de datilografia também pela associação no Cipó. Lembro né? quando a gente chegou no final a máquina quebrou mas a [gaguejos] ACOMPARCC tinha também um trabalho desses em Ombreira, já urbana, e é... eu fui lá terminar com o professor de lá, o curso né? enfim, recebi o certificado. Lembro né? que o certificado para mim valeu muito. É... daí assim, tinha essa proposta de trabalhar lá e tal, e falei pros meus pais né? “Olha, você que sabe”, eu acho que eles viam nisso também uma oportunidade né? pelo fato de conhecerem o professor Manoel Andrade, de saber o comprometimento dele com a educação né? Então, eles sabiam assim: “Isso é uma coisa boa, você que sabe se vai ou se não vai” Eu acho que por uma coisa boa. Resolvi ir, tá bom [fungada]. “Andrade, vou, vou para cá”, beleza, isso era por volta de maio de 2004 né? daí eu disse: “Olha eu preciso terminar o semestre né? na escola, e vendo que pessoa pode estar assumindo, pode estar dando continuidade à escola, de uma maneira que a gente é, a comunidade não seja penalizada por conta de um professor que não tem a escola”. Tranquilo, uma pessoa disse que iria assumir já, e ficou de certo modo acompanhando comigo naquele período ali, e né? junho, último mês do semestre, então sem problemas essa modificação, a pessoa assumiu e continuou. Julho é férias né? então férias ninguém ia ter trabalhado nem em Cipó nem... A escola estava de férias, mas em agosto, beleza! Mudei para Cipó né? e o Andrade: “Você vai morar aqui com os meus pais, é..., por enquanto tá só você, e a sua tarefa é visitar as comunidades e nós vamos oferecer para essa juventude um curso de datilografia né? aquele curso que você fez, agora vamos repassar para os demais.”, Á, tá bom, tranquilo. É... já tava enferrujado, fiz um treinamentozinho pra melhorar, enfim. E aí eu fui nas comunidades né? Canafistula, e Tamarina, é... Boa Vista, Capivara, Jardins, a gente ia dizendo “Olha...” ia na escola né? dizendo “Olha, tem um curso lá no Cipó, a gente tá convidando vocês pra uma reunião” e marcamos a reunião, enfim. E o Andrade chegava no final de semana e perguntava: “Como é que tá indo aí?” aí eu falava: “Olha tamo indo visitar né? tamo visitando”. O seu Arão e a dona Fransquinha me receberam bem né? e aí o seu Arão tinha trabalhadores, lidava com criação, com agricultura também. E daí, às vezes ele tinha né? é... uma relação que era dura com os outros né? havia, enfim, mas uma coisa que eu e o seu Arão sempre nos demos profundamente bem, assim, na nossa história, eu passei um ano e meio lá morando com eles né? e a gente nunca chegou a ter reclamações né? nem de um, nem de parte nem de outra. Foi muita viagem com ele a Pentecoste, e aí assim, eu ficava muito admirado com essa relação porque é... o seu Arão era um pouco mais esquentado a dona Francinha já era aquela pessoa mansa né? mas enfim. E isso gerou um bem querer grande né? então assim gostava muito e gosto do seu Arão, porque a gente teve né? uma relação extremamente respeitosa, amigável né? e isso eu percebia e percebo muito mais agora, que não era uma coisa fácil né? porque eu tava no mesmo contexto né?né? eu era do meio. Então a gente conseguiu criar uma relação né? sabe é::, que ela foi harmoniosa. Enfim, foi uma pessoa que eu tenho um carinho imenso, é porque eu reconheço nele o esforço também por isso né? sabe, de fazer bem, de fazer o melhor não é? e gostava muito de conversar com ele. [Antes de começar esse período ele começa a sorrir, um sorriso que transmite que será contada uma lembrança muito feliz para ele] Lembro que a gente colocava a cadeira ali à noite pra ficar conversando no alpendre né? e eu gostei sempre de conversar com os mais velhos porque eu era o mais novo e lá na minha família o meu

contato era com os mais velhos mesmos né? então eu sempre desenvolvi essa compreensão de conversar com mais velho, achava bom isso né? Eu acho que isso ajudou né? no ponto da nossa relação, que era uma relação muito próxima né? morava na casa dele. Então isso foi uma experiência boa, rica para mim né? Começamos os trabalhos de datilografia, os jovens vieram né? é... em torno de 20 pessoas foi a primeira matrícula, e o professor Manoel Andrade ficava assim: “Olha, nós precisamos fazer algo mais, não temos muita clareza do que seja”, mas enfim, então a gente passou agosto e setembro é... nessa busca, primeiro a gente colocou o curso de datilografia. Na seqüência nós criamos uma escolinha de futebol que era para trabalhar com as crianças, então eu tinha esse trabalho sistemático né? então eu trabalhava em Capivara e esses meninos a gente buscava ter uma organização né? não era só futebol, a gente se organizava, conversava, fazia as coisas direitinho. E íamos pensando no que fazer, o professor Manoel Andrade: “Tem pessoas aqui que pararam de estudar há muito tempo, mas vamos atrás deles né?”. Imagino que ele fez conversas sobre o ensino fundamental, fez conversas com o pessoal que tinha terminado o ensino fundamental na comunidade e não tinha pra onde ir, pra continuar ou para ir embora ou coisa do tipo né? lembro demais, foi o caso do Beto, da Raquel que concluíram o ensino fundamental pelo tele-ensino, mas aí não tinha como tá prosseguindo. Aí tinha o Francisco que era de Capivara, tava indo bem na escola, mas estava fora de faixa né? tipo 18 anos, 19 anos, fazendo sexta série não é? Então essas pessoas que ele foi conversando, elas foram entendendo o que era a proposta, era para formar um grupo de estudos para as pessoas estarem estudando. E daí a gente começou em outubro a sistemática no grupo de estudos, daí assim, começou a se definir essa questão do grupo. Então é, nesse período de agosto e setembro, era aquele período da gente tá tomando pé, vamos fazer o que mesmo né?? Aí eu lembro que na igreja a gente sempre, “vamos pedir orações a Deus para o que é que a gente vamos fazer, o que é que a gente pode tá desenvolvendo aqui, a gente tinha umas idéias” mas enfim, a ideia quando ela tá no início, quando não tem uma referência atrás você fica se perguntando “vai dar certo? É isso mesmo? As pessoas vão querer? Nós temos clareza disso?” mas enfim. Começamos o grupo, professor Andrade, lembro demais, tinha uma coleção de histórias né? da sexta a oitava série, sexta, sétima, não, quinta melhor dizendo, quinta, sexta, sétima e oitava série, era o material que a gente tinha para tá estudando. Daí esse grupo era composto por pessoas que tinham, somente eu tinha experiência com ensino médio através do Logus 2. Os outros eram pessoas que tinham ensino fundamental completo, outros incompletos né? enfim. Daí esse grupo topou o desafio de se sentar todas as noites, esse foi o começo né? a gente sentava a noite para estudar. Lembro que tinha o Orismar, que era um dos que tava naquela fase de: “Ah, eu tô ainda no ensino fundamental né?”, mas começou a participar com a gente. O Francisco foi decidido: “Não, eu vou ficar aqui. O Du já tinha concluído o fundamental, Raquel né? Beto, enfim, esse grupo que sentou para começar esses estudos. É... A gente estudava só à noite né? e na luz da lamparina, não tinha energia elétrica, quando nós chegamos né? Então, lembro que a dona Fransquinha disse depois: “Meu filho essa luz né? vai estragar a vista de vocês” e ela botou para nós um lampião, muito comum de onde não tem energia elétrica né? se tem um butijãozinho de gás, gás de cozinha né? e bota lá e melhora, e dá uma né? claridade melhor [risos]. Essa época a gente fazia tudo na casa de farinha, tanto o curso de datilografia quanto o curso funcionavam na casa de fazer farinha. Era uma casa de farinha que foi construída pela associação né? na época o Adriano era presidente. Aí lembro que na inauguração a gente foi, veio a primeira-dama de helicóptero, nossa, pra gente era uma novidade imensa [risos], e é... como as dificuldades de apoio eram grandes né? sobretudo do pequeno agricultor, aí não deu né? muita produtividade e tal, falta de apoio mesmo né? e ela ficou meio abandonada, então o gado entrava por dentro, quebrava o piso né? Aí quando a gente chegou lá, tava esse estado, aí o André: “Não, então vamos aproveitar aqui para um trabalho que de fato seja em benefício da comunidade”. Estávamos

nós lá, lembro que como no cerão sempre tinha muita gente né? e o pessoal ia lá para a casa de farinha é:: pra se divertir, e a gente dizia: “Olha, vocês fiquem calados porque nós estamos estudando agora, viu”, e daí o pessoal dizia: “Ora, besteira né?”, mas enfim, o pessoal sempre respeitou a gente e entendia: “Não, esse horário a gente não faz barulho por aqui”. A gente estudava, a nossa sistemática era a seguinte: “Vamos ler, certo, aqui o assunto do capítulo do livro, nós vamos discutir e nós vamos responder as questões que são colocadas ao final”, então sempre essa sistemática, lia, fazia um debate “entendeu o que? ” né? “como é que ficou isso aqui? ”. Ia fazendo perguntas uns pros outros, depois a gente pegava o questionário e resolvia esse questionário também. E quando dava entorno de, a gente começava seis e meia, por ai né? quando dava oito horas, lembro, a gente tinha um radinho lá, não sei quem doou aquele radinho quebrado mas ele era muito bom né? Aí oito horas terminava a Voz do Brasil né? de sete às oito, cê não tinha música, quando dava oito horas, tinha um programa lá, um programa de forró, então aquilo era certo, toda noite, e daí juntava a gente com o pessoal que trabalhava na casa de farinha não é? trabalhava no seu Arão e vinha para a casa de farinha, e outras pessoas também da comunidade e fazia aquele momento de conversa né? deixava o rádio tocando. Aí daqui a pouco: “Pessoal agora a gente vai retomar os estudos né?”, aí desligava o rádio, voltava, estudava mais uma meia hora ali, né? uma hora, e encerrava. Então isso era sistemático também, o pessoal já sabia, toda noite, então eles não bagunçavam porque já sabiam “não, quando der 8 horas a gente vai lá, que é o momento de a gente fazer enfim as conversas” né? que é uma coisa que é muito comum do interior, as pessoas gostam muito de conversar não é? e isso é uma coisa muito saudável, muito boa não é? É... e daí, nós é... ficamos, né? mas antes de um mês de trabalho o grupo percebeu que era muito pouco né? “olha, nós precisamos de mais tempo para estudar”, aí veio a ideia de fazer o grupo durante o dia e a ideia de morar na casa de farinha. Eu pensei que essa conversa foi feita muito mais com o Andrade não é? então há coisas que eu não lembro direito, mas com certeza alguém lançou a ideia e as pessoas disseram “ta bom”, então as pessoas foram concordando com essa ideia, então nós vamos estudar em tempo integral na casa de farinha. Isso aconteceu né? as pessoas passaram a estudar o dia todo, daí assim a gente usava menos a noite, porque à noite, a gente estudava o dia inteiro e ficava cansado. O grupo de estudo a gente estudava de manhã, estudava à tarde, eram de fato momentos de estudos intensivos. É nesse primeiro momento as pessoas vinham e tentavam trazer alguma coisa para a alimentação. Lembro que conseguiu-se um fogão de duas bocas, alguém doou, não sei se foi a dona Nenê, que é uma pessoa da comunidade, que teve uma grande importância na vida de muita gente, de todos nós né? mas de pessoas, de outras pessoas de uma forma mais [empolgação ao falar e com isso ele acaba gesticulando mais que o normal], é... Profunda essa importância né? Por que que eu digo isso? Porque, na verdade, eu tinha um mesmo apoio que era a casa do seu Arão, mas as outras pessoas não tinham é... Familiares tão perto né? então tanto a dona Fransquinha quanto a dona Nenê eram os apoios, sobretudo na questão da orientação né? na questão da alimentação, porque assim, passaram a morar, traziam algumas coisas, mas era uma alimentação né? muito difícil né? então os meninos moravam em cinco pessoas, seis, e essa parte de alimentação é... Não era uma grande coisa, não era, é... Era difícil, muitas vezes não tinha né? Daí assim tinha que ir para a dona Nenê e dona Fransquinha. Bom, então esse grupo não é? ele foi criando uma identidade muito boa, é... Por conta é... Do grupo em si, do estudo também, das dificuldades que a gente atravessava e sobretudo que a gente buscava se ajudar bastante, se ajudar com o incentivo, trazendo a palavra de ânimo quando a gente tava, quando algum de nós tava, é... Desanimando, isso é normal né? na trajetória humana, às vezes fica muito difícil e têm horas que você fala “olha, eu acho que não vai dar, não é?”, a gente se apoiava muito, então era um grupo que tinha, na conversa não é? essa convivência que nos possibilitava a gente ir se fortalecendo, quando a gente tava com dificuldade o outro dava uma palavra legal “vamos continuar, vamos perseverar”. A gente tinha um sonho muito claro:

“Olha, nós vamos chegar na universidade, é por isso que nós estamos aqui, é por isso que nós saímos, é... das nossas casas, da comodidade do nosso lar e vir para cá, então para todos nós era um grande desafio né? por mais que a gente tivesse condições, no meu caso eu tinha né? alimentação e dormida era tranquilo, mas saí da minha comunidade, os outros também, enfim. Então a gente foi, a gente passou é... nesse primeiro período né? o primeiro momento, o primeiro ano, essa dificuldade né? de “é isso mesmo? Será que a nós tamo no caminho certo?” E ao, a comunidade também, ela - não compreendia muito né? muito bem, quando eu digo comunidade eu falo no geral, nas comunidades né? inclusive o pessoal do Cipó, aliás, o Cipó era uma comunidade muito pequena né? eu acho que tinham seis, oito casas. E o Cipó era quem mais entendia realmente, era quem mais tinha pessoas que colaboravam, que acreditavam, que incentivavam né? A dona Nenê também era professora, enfim, dizia: “olha, vocês estão certos mesmo, é... daí a gente tinha esses incentivos importantes, mas também tinha desincentivos enormes não é? Tipo, diziam: “Á, mais que povo preguiçoso não é? não tem coragem de trabalhar e fica dizendo que ta estudando, não tem coragem de ajudar os pais”. E a gente sabia que tinha é... pessoas, grupos que de fato, precisavam é... de fato precisavam que eles estivessem trabalhando lá, mas também entendiam: “Olha, você ai vai construir um futuro melhor né?” e as pessoas só viam o imediato, né? Então esse imediatismo fazia com que as pessoas da comunidade tivessem esse olhar. Isso não durou muito tempo porque esse grupo começou a desenvolver também né? uma relação de saber, de aprendizado, de colaborar com as escolas da comunidade, isso foi um ponto fundamental para a gente. Por quê? Porque nós fomos adquirindo conhecimento, fomos acumulando conhecimento e é... cada pessoa daquele grupo tinha uma habilidade para uma determinada matéria né? naquela época era matéria mesmo, não disciplina, e tinham os que trabalhavam com língua portuguesa de forma mais desvolta, outros com a matemática, outros com a biologia, com história. E o tele-ensino que era a oferta de ensino fundamental em algumas comunidades, ele tinha só um professor para trabalhar com todas as disciplinas do ensino fundamental né? então muitas vezes o professor se via sem a condição devida. E aí a gente foi criando aquela, é... fama entre aspas [ele faz o gesto das aspas para enfatizar e comenta sorrindo, pois o comentário é um elogio] “Olha, o pessoal ali né? sabe, tão sabidinhos e tal na casa de farinha”, a gente começou a ser convidado para ministrar aulas de conteúdos específicos, “o assunto tal você sabe? Sabe”, “Quem é que sabe aqui? Olha, Chicão sabe, Norberto sabe, Toinho sabe, enfim, o Beto, o Du”, a gente começou a desenvolver essa relação com a comunidade né? que de certo modo era um retorno daquele grupo, para dizer: “Nós estamos aqui, nós estamos crescendo e podemos contribuir também”. Então isso gerou um respeito enorme da comunidade né? um efeito muito grande. É... o Andrade sempre foi uma grande liderança, em termos de comentário né? em termos de organização, e isso ajudava o grupo a ter essa credibilidade né? essa aceitação. Nós temos o trabalho do Andrade que era um trabalho consistente né? que vinha há tempos, e esse trabalho do próprio grupo, que agora tomava uma identidade e passava a ter uma relação com a comunidade, na forma de auxiliar né? os professores em algumas questões que eles, é... nos demandavam, pediam para que a gente pudesse contribuir. [Ele começa a sorrir ao lembrar-se do momento] Então a gente passou a ser convidado para vários eventos né? nossa, então esse grupo, ele teve assim o auge né? [risos mais enfáticos nesse ponto da fala], imagina, eu vivi, vivenciei essa experiência durante um ano e meio, porque depois de um ano e meio eu já passei na universidade a ai a relação muda porque de certo modo a gente voltava só no final de semana né? mas nesse um ano e meio, um ano e meio tão intenso né? profundamente intenso, por exemplo, a escolinha de futebol, nós treinamos essa escolinha, houve um campeonato, nós fomos campeão nesse campeonato com essa escolinha de futebol né? pra foi muito importante e pra gente foi um prêmio muito grande, porque as escolinhas também eram bem organizadas, enfim. Mas nós tínhamos um trabalho educativo, nós tínhamos um trabalho de fazer, passar vídeo para esses

meninos né? para fazer conversa, e nós não tínhamos um time tão bom do ponto de vista dos jogadores, enfim, foi construindo o grupo. E foi uma satisfação enorme né? é... chegar num campeonato, disputar, encontrar dificuldades né? E aí a gente tinha um sistema de som, que transmitia os jogos, [começa a rir enquanto fala] e eu lembro demais que tinham crianças que ficavam tão admiradas com aquilo né? que dentro do campo, dentro do jogo, eles começavam a ouvir a transmissão e paravam e ficavam assim ouvindo né? eu lembro que a gente levou um gol desse jeito, nos os jogadores, meninos né? 10, 11 anos, não sei, e tava tão empolgado com aquela narração né? que parou e ficou olhando, e lá veio à bola, passou e ele não viu, e veio o outro e fez o gol e depois “gente, por favor, né? vamos ter cuidado, nós estamos no jogo, depois a gente vai ouvir né? os outros jogos narrados, quando a gente tiver em campo vamos ficar mais atento né?”. Então tivemos um começo difícil né? perdemos jogos, mas fomos nos classificando, fomos nos fortalecendo né? e chegamos a ser campeão, nossa foi uma festa bonita. É... isso foi gratificante para mim, gratificante para o grupo né? uma coisa bacana. É... lembro que também tinha uma creche né? uma creche que era coordenada pelo prece, tinha uma relação com a “Febencio”, relação com uma instituição do estado, não lembro bem direito o que é que era, mas enfim, a gente tinha turno manhã e tarde, e eu fiquei apoiando essa creche, esses professores, cuidando na compra da alimentação né? cuidando das questões estruturais pra que a creche tivesse as condições né? necessárias. E essa creche ela ficava numa escola no comecinho da Capivara que era a casa do senhor Milton, tinha um grupo lá, que se não me falha a memória, eles não tinham mais as aulas é... pela prefeitura porque tinha outra escola mais adiante e concentrou tudo lá. Então esse grupo passou a ser exclusivo para a realização do atendimento a creche, tinha turno manhã e tarde né? então eu coordenava o grupo e estudava né? porque eu era também um estudante, tinha a escolinha de futebol, eu era professor no curso de datilografia e acompanhava a creche. Mas isso tudo me ajudava a crescer muito né? nossa [ênfase vocálica], porque eram atividades distintas né? e de certo modo, quando eu ia para a escolinha de futebol né? era um momento de, ficava muito leve né? a questão do esporte e tal, da creche era outra questão que a gente aprendia, enfim. Através da creche eu participei né? do primeiro é... do conselho da criança e do adolescente de Pentecoste né? como membro titular, lembro-me que a gente foi lá na Câmara né? foi a posse desse grupo. É aí que eu digo que foi muito intenso né? pela convivência né? com esse grupo, é... e também com as outras atividades que a gente desenvolvia [gesticula muito com as mãos em movimentos circulares durante essa frase] que portanto a gente começou a ser reconhecido como um grupo com capacidade. Então aí, com essa questão da intensidade de atividades né? e de viver mesmo. Á... nós tínhamos uma escolinha de futebol, eu era o treinador, acompanhava isso, era, ficava em Capivara. Nós tínhamos o curso de datilografia que era ministrado é... na casa de fazer farinha, inicialmente eu fui o único professor mas depois nós fomos compartilhando com outras pessoas que foram concluindo, já acompanhavam né? já davam suporte, e nós certificávamos essas pessoas, nós fazíamos festa de conclusão e entrega de certificado, era um negócio fantástico né? muito bom e isso motivava muito o grupo, as pessoas não é? e eu também coordenava uma escola, aliás, uma creche que ficava também em Capivara mas no comecinho da comunidade, fica numa escola que já havia sido é... não havia mais aulas porque já havia sido construída uma escola nova, e daí essa escola passou a abrigar essa creche, que era mantida pelo convênio da associação ACOMPARCC né? Da qual a gente tinha esse amparo legal e o Governo do Estado de Ceará, não lembro bem se era a Febence, ou era alguma coisa, não sei o que é que era, mas enfim. Lembro que uma vez eu tive que vir aqui em Fortaleza tratar disso, mas, sobretudo cuidava da compra das, da alimentação desses meninos né? Daí todas as vezes, todo mês eu ia com o seu Arão pra Pentecoste, lista de compra na mão né? depois acompanhar se estava tudo ok, se estava tudo na mão. É... daí, a rigor, a rigor né? é... esse trabalho, ele já poderia chamar de PRECE, embora PRECE não tivesse ainda com o nome formalizado né?? Isso foi caminhando e o professor Manoel

Andrade todo final de semana estava com a gente, trazia professor às vezes né? para nos, ministrar aula para esse grupo né? pra gente que estava ali estudando. A gente ia nessa dinâmica né? muito intensa né? No grupo, quem ia em casa sempre trazia alimentação e quando eu ia em casa, toda semana, também trazia né? trazia coisas simples, trazia bolacha, rapadura, farinha, mas isso era uma coisa boa não é? porque o outro que era pescador trazia peixe né? cada pessoa trazia alguma coisa de maneira que é... quando a gente saía, isso já era um sinal do comprometimento né?: “Olha, eu me preocupo com quem tá lá também” e isso era fortalecer a identidade desse grupo né? ou seja, unir esse grupo. É... diante de tudo isso né? a gente foi construindo também essa identidade de nome: “Á, então vamos dar um nome não é?”. Hoje a associação trabalha com muitas coisas e nós queremos trabalhar só com educação não é? e o professor Andrade: “Olha, vamos trabalhar só com educação” então vamos deixar a, a associação para quem quiser tocar né? mas de qualquer modo a gente vai se focar na educação né? agora: “Tá bom né? que nome?”, ai foram surgindo vários nomes e o nome que ficou, que foi aceito foi Projeto Educacional Coração de Estudante, que a sigla passou a ser PRECE né? lembro que a gente fez uma, um evento né? para lançar o PRECE, fizemos uma lista de assinaturas, devemos ter isso porque ficou lá uma lista para quem vem participar do evento né? fazer assinatura, dizer que esteve ali. E daí, então nós passamos a constituir o grupo e também juridicamente, a gente foi no cartório reconhecer no papel e “ta aqui, agora tem uma associação para os estudantes, chamada Projeto Educacional Coração de Estudante”. Isso foi por volta do ano de 95, né?? Não lembro bem o ano, precisa consultar esse documento, porque a minha relação com o PRECE continuou, então tem momentos que eu não sei se foi antes de entrar na faculdade ou se foi depois. Eu até penso que essa relação de institucionalidade foi depois que eu entrei na universidade que foi por volta de 96, eu não tenho claro o tempo né? se foi antes ou depois que eu entrei na universidade, mas enfim, foi um momento de fazer uma solenidade, juntar a comunidade né? e tinha a comunidade de Canafistula que é uma comunidade é... comparativamente ao Cipó, grande não é? digamos, e vinha muita gente né? tinha muito apoio, e também tinha muita resistência nossa né? da comunidade, de algumas pessoas [risos nessa última frase], mas enfim, era uma relação que nos ajudou profundamente esse apoio né? e hoje é uma comunidade que tem uma quantidade de pessoas na universidade que eu acho que é a comunidade com mais estudantes né? é... por pessoas que moram na comunidade né? deve ser a comunidade com mais per capita de universidade, aliás de pessoas já graduadas, enfim. Então, essa né? todo esse trabalho a gente é... lembro que 96 era a última vez que a Universidade Federal ia fazer um vestibular no meio do ano, era o último ano ali, é... que a gente iria ter oportunidade né? A gente ficava na igreja, orava né? pedia a Deus orientação. Uma coisa importante também foi a igreja, acho importante ressaltar isso. Teve uma vez que o professor Manoel Andrade destinava um recurso todo mês para a alimentação dos meninos que moravam na casa de farinha. A igreja também contribuía com uma quantidade de recurso todo mês para destinar a alimentação dos meninos, no caso a Congregação de Cipó, era uma congregação pequena, porém é... tinha uma visão muito grande, tinha uma visão imensa a respeito daquele trabalho. Daí é, muitos desses grupos também tiveram uma compreensão cristã da vida não é? passaram a ter outra relação com questão da, não diria nem da religião, mas de ser cristão né? de compreender, de se envolver, enfim, nós começamos a participar da igreja, né? E a igreja teve um grande papel no apoio espiritual, não só no sentido da oração, no sentido de nos fazer conhecer melhor a proposta do reino de Deus, nós fomos nos aproximando, fomos, enfim, nos alimentando disso, sempre essa proposta de que o trabalho né? social, a responsabilidade social é uma coisa inerente ao trabalho cristão, nós fomos aprendendo isso também com a igreja, ela foi referência de ponto nesse sentido, não só espiritual, mas também com a preocupação do social. Isso é uma marca muito importante. [entusiasmo iniciando] Então, daí, lembro, a gente tinha essa movimentação toda era convidado para festas nas comunidades né? Uma vez a

gente cantou na Canafisto, eu e o Du, lembro a gente cantava um pouco: “Vamos fazer depois da novena um momento de música, né?” e a gente cantando né? [risos]. E era mais um aspecto de que esse grupo tinha potencialidade, enfim, a gente era, de fato, tinha essa interação com [gaguejos] as comunidades né? e isso nos gerava também uma satisfação enorme né? nos fazia muito bem. Bom, começamos em outubro de 2004 né? a estudar, quando foi pra julho de 2006 né? aproximadamente teve aí um pouco mais de um ano e meio de começo do trabalho, então devemos fazer o vestibular né? Aí o Andrade disse: “Toinho, você aqui tem muitas atividades, eu acho que você tem que se afastar disso, se afastar, você precisa... vai ter que ir lá para casa em Fortaleza”. Daí eu disse: “Sério?” “Vamos para lá dois meses antes né? para você... Aí vai deixar a escolinha né? porque a escolinha lhe toma um tempo, tem a creche que lhe toma um tempo e tem outras atividades aqui na comunidade e você vai lá, nesses dois meses, se dedicar exclusivamente a estudos. Tudo bem né? concordamos, fomos, então isso é de uma generosidade muito grande né? porque você levar alguém para a sua própria casa, aonde você já tem filhos, é... tem as pessoas ali da casa e não era um apartamento grande, era um apartamento pequeno, inclusive né? A gente vai vendo isso depois né? vai vendo a questão do desprendimento, e nem sempre você vê na hora, mas depois você pega e começa a perceber com a experiência de vida, com a própria experiência de vida e vai vendo esse desprendimento né? esse espírito solidário, então eu passei dois meses lá, imagina não é? é... um apartamento pequeno com cinco pessoas né? aí tinham outros que vinham do interior para fazer prova, então se juntavam todo mundo é... enfim, era uma coisa muito comunitária né? só quem tem um espírito muito solidário consegue fazer isso né? e enfim, sou muito grato por isso, porque foi um tempo muito importante para mim também né? para que eu pudesse me concentrar mais, e isso foi uma coisa extraordinária, enfim. Passei dois meses aqui me preparando né? aí o Andrade conseguiu uma vaga no pré-vestibular do curso de história, PNV, pré-vestibular histórico que a universidade tem, e daí assim, a gente tinha feito uma revisão completa, no Cipó, do ensino fundamental, completinha né? da quinta a oitava série, todas as disciplinas, a minha ideia era avançar em outros, outras, no ensino médio por exemplo, mas aí quando eu ia para aula né? no ensino pré-vestibular, nem sempre, aliás, no geral, quando era física, matemática e química eu não entendia nada, aí comecei a dizer: “Olha, nesse horário aí eu não vou, se eu não vou entender nada, eu perco o meu tempo”. Como tinha a disciplina de estudar em grupo, de estudar sozinho, então eu fui organizando os horários e temas para ir estudando, história, geografia, língua portuguesa né? biologia, espanhol, então eu ia porque aquilo me acrescentava né? me acrescentava. Maravilha. É..., estudei dois meses né? tinha final de semana que eu queria ir para casa, aí o Andrade: “Não, vai não, vai não. Você veio para estudar então vai ficar aqui, você vai ficar estudando, né?”. Eu sei que isso era uma coisa importante da experiência de vida dele e eu não enxergava, porque a questão da saudade né? família, namorada, enfim, aquelas questões “não, você veio para estudar, vai ficar aqui”. Às vezes eu não concordava, tinha que ficar, mas enfim né? mas foi uma coisa boa né? aproveitei melhor esse tempo de dois meses que foi uma coisa curta né? É..., chegou à época do vestibular e nós não tínhamos experiência alguma com vestibular, era a primeira vez né? primeiro participante, e como o vestibular era sábado e domingo e o Andrade tinha sempre o trabalho no interior, realmente eu fiquei lá para fazer o vestibular né? Fui no primeiro dia, okay, já conseguia me locomover de certa forma, razoavelmente em Fortaleza, quando eu queria alguma coisa o Andrade: “ta aqui o endereço, vá lá, você só aprende se for assim, se eu for lhe deixar lá, você não vai aprender nunca. Tá aqui, ônibus tal e endereço tal”, e eu ia né? enfim, fui aprendendo a me, é... a ter um pouco de autonomia. Fiz a prova né? o primeiro dia de prova. Eram dois dias. Um dia era provas da disciplina né? português, história, geografia, biologia, espanhol, eu escolhi a língua espanhola né? é... física e química, enfim. Mas antes disso quero só dizer assim, com a física e a química, eu peguei dois assuntos né? peguei mecânica na física e peguei não lembro que

assunto na química né? Às vezes: “eu só vou estudar esses dois assuntos aqui porque eu só tenho dois meses, tem coisas que eu não vou poder nem ver, quanto mais aprender não é? Então eu vou garantir aqui dois assuntos, que eu aprendendo, se sair questões desse conteúdo aqui na prova, eu faço, né?”. Fiz isso. Mecânica, questão de aceleração, questão de física consegui, dominei aquele assunto, era um assunto pequeno, né? mas dominei, se sair aqui, eu faço. Da química também, era uma questão da tabela periódica né? lembro. Tabela periódica. Se cair da tabela eu faço. Beleza. É... na prova eu vim e fiz um e tal, quando chegou na matemática acertei uma questão de, lembro demais, era uma questão que perguntava, ela dava, não era um quadrado, ela um retângulo né? Dizia: quantos é... cerâmica vai caber aqui com espaço x? Acertei essa questão, lembro demais como se fosse hoje. Questão da física também saiu uma questão que eu sabia né? essa eu sei, essa eu faço. Da química, uma questãozinha, essa eu sei, ta aqui, ta garantida né? Então assim, creio que Deus, ele também foi né? me abençoou nesse quesito porque eu estudei coisa pequena né? mas o que eu estudei saiu na questão. Então eu pude garantir uma questão, e naquela época você não podia zerar. Era questão de múltipla escolha, você tinha que marcar vários itens em uma mesma questão, você zerou estava perdido né? Mas o fato inusitado foi o seguinte, física e química, a rigor eu não conhecia né? não sabia, e eu fiz as provas, as outras né? Eu fui entregar o gabarito, tipo faltando uma hora e meia ainda para concluir o horário da prova. E o fiscal viu que estava em branco o gabarito né? e sobretudo na química e na física, e a gente podia escolher aleatoriamente né? eu não sabia disso, eu não sabia porque a gente não tinha orientação né? experiência, o Andrade fez o vestibular há tantos anos né? atrás né? E aí, fazer eu não sabia, o que eu não sabia eu não chutava. Aí o fiscal: “Olhe, tem uma hora e meia ainda, volte para essa prova, você pode fazer mais coisas aí ainda”. Aí eu do interior e tal um pouco tímido né? Então ta bom, eu voltei e li a prova, não tem o que eu saiba mais aqui, não tem condição, fui lá “ta aqui, não, vou devolver”. Enfim, eu não marquei nada além do que eu achava que sabia né? teve questões que eu errei, mas eu marcava aquilo que eu achava que sabia, o que eu não tinha a menor ideia, ficou em branco. Porque eu não tinha a menor noção. Entreguei a prova, no outro dia era redação. Lembro que eu dormi um pouco mais e fiquei atrasado né? Aí essa prova era no Pici, mais perto, aí dava para ir a pé, então eu fui literalmente correndo para chegar lá dentro do tempo hábil. Fiz a prova. Lembro que o tema da redação que eu fiz, era uma dissertação, aí eu tinha uma certa desenvoltura né? e teve um colega nosso [ele pronuncia algo não identificável] que me orientava muito, “Toinho, você está escrevendo bem, né? Eu acho que assim, você tem como fazer uma boa dissertação.”. Então ele disse que eu era bom na dissertação mesmo, na argumentação, fruto do que eu conhecia e fruto também dessa questão de assistir o rádio, o informativo né? com meu pai lá de trás me ajudou muito né? Beleza. Eu fiz a redação, beleza. Depois eu fui ver com o Andrade as questões, o resultado da primeira fase. Eu não lembro o que que era a segunda fase, se era redação, sei que na primeira fase eu fiquei em 14º lugar para o curso de pedagogia.

[85'02'']

E a minha relação com o PRECE ela foi sempre assim, intensa nos finais de semana, voltava toda sexta feira a noite, quando muito sábado de manhã, a gente continuava dando aulas para o grupo que ficava, participando da igreja né? participando lá em casa, participando com a família, lógico né? nunca deixei que a gente perdesse esse contato próximo. Depois a gente experimentou a vinda do pessoal de Pentecoste para o Cipó, foi um desafio, por volta do ano 2000, eu acho. Então assim, com a minha aprovação, a gente teve um momento de afirmação, “olha, o estudo aqui, é um estudo que tem resultado, ele dá certo, é possível conquistar o sonho de entrar na universidade né?”. Então é, a gente fez uma festa pra comunidade: “Olha, ta aqui o nosso primeiro aluno, em primeiro lugar”, então a comunidade foi e participou, a igreja sempre presente né? o pastor Aureo, que é aqui de Fortaleza e foi também nesse evento né? comemorativo, minha família tava lá. Enfim, foi um momento para dizer para

comunidade que aquele trabalho né? era um trabalho sério, de busca da realização dos sonhos, da perspectiva melhor de vida para cada pessoa que tava ali, naquele esforço de estudar e alcançar seus sonhos. Então isso foi um impulso muito grande e aí, eu lembro que quando a gente começou, tava com um ano e meio né? digamos, e o Francisco, ele estava fazendo a sexta série do ensino fundamental, em dois anos no máximo ele ia terminar o ensino fundamental, eu lembro que como o último vestibular era no meio do ano, mas no final do ano houve o vestibular do ano seguinte, e Francisco, ele se candidatou ao vestibular né? e ele fazia o supletivo, que era também outra atividade intensa para quem não tinha concluído o ensino básico né? além de se preparar para o vestibular tinha que se preparar para as provas do supletivo, fazendo em Fortaleza né? vindo com o Andrade, enfim, era uma coisa difícil, pela sua estrutura né? além da questão do conhecimento. Então o Francisco, ele fez o vestibular né? lembro como se fosse hoje para engenharia de pesca, que a identidade dele com a pesca era grande, ele era pescador, o pai dele era, é pescador, [ele comenta rindo de felicidade] daí ele foi aprovado também, nossa, foi outra vitória imensa né? porque na verdade, sem concluir né? e depois teve que correr para concluir, porque no ato da matrícula ele tinha que ter o certificado né? Daí assim, foram essas coisas que foram fortificando o grupo, fortalecendo e o grupo começou a se ampliar, começou a ter pessoas interessadas a participar. Então, o grupo ficou muito tempo com 7/8 pessoas, de muito tempo tipo, um ano, dois anos, dois anos e meio. E aí, a primeira grande mudança acontece no ano 2000, se não me falha a memória, que é quando o pessoal de Pentecoste resolve estudar aos fiais de semanas em Cipó, e é com um grupo de aproximadamente 40 pessoas, comunidade pequena, uma estrutura também pequena, embora foi se modificando, a gente foi adaptando a casa de farinha à ser uma casa de estudante né? a ter uma estrutura que pudesse receber pessoas para se instalarem né? para ter onde dormir, enfim. Daí a gente teve esse desafio, nós recebemos esse grupo durante o ano inteiro, foi um esforço enorme, porque a gente passava a semana aqui e os meninos se preparando no final de semana era muito intenso porque era muita gente, mas foi outra experiência profundamente significativa. É... nós tivemos é... nesse período, da seqüência, nós tivemos o Adriano que foi aprovado no ano seguinte, tivemos a Ana Maria, a Aninha, que foi aprovada, tivemos o Beto. É... o Genival, quando o grupo de Pentecoste chegou, nós tínhamos em torno de 5 ou 6 pessoas na universidade, e é óbvio que foi isso que mobilizou esse grupo de Pentecoste, foi a quantidade de pessoas do Cipó que estavam entrando na universidade. E os jovens também tinham esse sonho, mas não tinham preparação devida então decidiram ir para Cipó. Foi um ano inteiro de preparação, então nós tivemos uma aprovação maior no grupo que tava concorrendo. Muitos jovens que vinham com a cabeça, sabe, urbana né? de brincadeiras, muitas vezes de não levar os estudos a sério, mas que no Cipó eles mudaram esse pensar, esse olhar, esse perfil e nós tivemos depoimentos deles, de vários deles: “Olha eu vim aqui só para brincar, porque vinha gente e eu vim também”, mas acabou que o trabalho em Cipó me mostrou que a realidade é outra, que nós precisamos nos comprometer, nós precisamos nos envolver, e que portanto, nós somos responsáveis por aquilo que nós almejamos para conseguir, a gente não consegue por acaso né? tem todo um trabalho, tem todo um esforço para poder conseguir, e isso também foi impactante na vida daqueles jovens né? que aprenderam não só o conteúdo, mas aprenderam noções que ajudou essas pessoas a ter um olhar diferente, uma postura diferente diante da vida, que é preciso se envolver, que é preciso ter o esforço, enfim, para você conseguir realizar os sonhos né? Daí nós começamos, o esporte continuou né? então o campeonato acontecendo, depois a gente passou a participar de campeonatos na própria sede do município, então futebol é sempre um ponto relevante, [começa a gesticular com as mãos para dar ênfase a sua fala] um ponto também de trabalho, era um ponto também que a gente usava como estratégia educativa, usava para representar a nossa proposta de trabalho no PRECE né? um trabalho solidário, um trabalho de respeito ao outro. Então a gente também tinha essa filosofia

no futebol né? O futebol era representativo das ações do PRECE né? era um dos ideais do PRECE, e ele não era somente uma questão de lazer né? mas ele era além do lazer, uma questão de filosofia, de uma ideia. Levamos isso adiante. Me casei em 99 né? imagina um negócio meio maluco né? não tinha me formado ainda, mas enfim, fiz isso, continuei retornando aos finais de semana né? para as atividades, e fiz isso sistematicamente até 2003. 2001 passei... [interrompe o pensamento] me formei em 2000. 2001 houve um concurso para professor do município, eu fiz o concurso, fui aprovado não é? Daí já comecei a trabalhar como professor do município em Fortaleza. Durante esse tempo de graduação, eu aprovei também para na universidade, construir um caminho né? experiência boa. Eu fui o primeiro bolsista de extensão do PRECE. Lembro que em 2008 nós registramos o PRECE como um programa de extensão da universidade. Eu e o Andrade, lembro, conversamos com o professor René Barreda, na época ele era o pró - reitor de extensão. Tinha, não lembro quem era o reitor, mas tinha outra pessoa intermediando, mas lembro né? que o René recebeu muito bem a proposta, registramos como extensão e fui o primeiro bolsista do PRECE. Aí eu passei a ir também durante a semana, porque a atividade de extensão, a gente conseguiu um carro daqui e nós íamos ministrar aula uma vez durante a semana, todas as semanas na comunidade de Cipó. Então assim, é só uma trajetória bastante rica na questão da participação. No movimento estudantil, também participei, fui da Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia, que era uma instância que cuidava dos eventos anuais do curso. Em 2003, a gente organizou, nós fundamos o PRECE aqui em Fortaleza, no bairro do Pirambu, experiência boa, aonde até hoje nós temos esse trabalho, é um trabalho que tem surtido assim um resultado muito bacana para a sociedade, é diferente das cidades do interior que as comunidades passam a vivenciar isso e na cidade grande por falta da nossa disponibilidade de tempo, você não consegue envolver muito a comunidade, mas você envolve pelo menos esses estudantes e eles passam a ter uma visão, uma postura né? diferenciada dentro dessa comunidade e a gente vai assim possibilitando que essas pessoas possam ter outra visão de mundo, no contexto em que elas vivem, naquela cultura ali que não propicia isso, mas o projeto ele busca oferecer esse outro olhar. Temos vários alunos graduados, vários alunos em concursos, vários né? na saúde, na área militar, porque o pessoal lá é muito propenso a isso né? tem a marinha ali encostado, enfim eu sei que muita gente lá tem esse desejo de ir para a carreira militar né? e temos esse trabalho lá até hoje. Graças a Deus. E é um trabalho feito também nas dependências da Igreja Presbiteriana Independente, que disponibiliza as suas salas de aula para que esse trabalho ocorra. Daí hoje nós temos somente pessoas do Pirambu a frente, mas inicialmente nós tínhamos várias pessoas das comunidades nossas né? que apoiaram, Angelina, Elizângela, que são de Canafisto e deram um grande apoio nesse começo, o Wilton de Pentecoste, o Marciano, o Titer né? o Rafael que ainda hoje a gente conversa e ele diz: “Olha, não tenho mais tempo para ir, mas foi um experiência boa”. Então nós envolvemos também pessoas que eram desse nosso grupo né? na comunidade, no bairro di Pirambu, que quando nós chegamos era uma realidade muito dura né? Nós não contamos as vezes que nós chagava e estava o pessoal que fumava entorpecentes, que lá na frente a gente saía e tinha que sair de frente para eles e era uma situação muito difícil, mas hoje está bem diferente né? Hoje a gente já tem uma situação muito mais tranqüila, e mesmo assim nós persistimos com o trabalho na comunidade, que percebemos a importância dele para aquela juventude né? sobretudo para pessoas de mais idade que participavam, tinha gente de 50 anos que participava também desse estudo lá no Pirambu. Em 2001 entrei na prefeitura, em 2004 entrei no mestrado aqui na Faculdade de Educação, foi outro passo também importante, e a minha dissertação foi o PRECE, trabalhando mais essa perspectiva das ressonâncias políticas e culturais, porque o PRECE ele passou a ter iniciação política né? e daí eu fui discutir essa questão pra que ele, enquanto PRECE, começasse a prestar atenção nisso. E aí o PRECE organizava encontros com todos os candidatos a prefeito. O PRECE não tomava partido, mas ele fazia essa mediação de debate,

isso foi uma inovação muito grande, foi uma oportunidade que possibilitou que o eleitor olhasse no olho do candidato e falasse, fazer perguntas e, de certo modo né? criar uma condição de cobrança posterior né? porque não era só a questão do palanque, era a questão do olho no olho. Isso foi uma mudança imensa na cultura política do local, mas é uma história longa né? e hoje o PRECE vai lidando e aprendendo e contribuindo com isso, porque isso é uma questão processual. Depois disso, depois do mestrado eu diminuí a minha ida ao PRECE né? porque ficou o mestrado, eu ia só para entrevistar pessoas né? já não estava mais envolvido com a questão das aulas, fiquei até 2003, sobretudo em Pentecoste, o PRECE foi se expandindo né? essa história da expansão, então a gente foi acompanhando, contribuindo né? e fizemos isso enquanto éramos possível, os afazeres foram diminuindo né? foi diminuindo o nosso tempo, os afazeres foram aumentando. E daí eu participando do Pirambu né? eu participo até hoje, e eventualmente participando de eventos do PRECE, mas não to envolvido mais na comunidade, nos trabalhos da comunidade. Né? assim, então o PRECE passou por transformações enormes. Essas transformações eu já acompanhei muito mais de ouvir né? de conversar com os meninos, mas não de participar efetivamente delas. Então hoje o PRECE é uma instituição de um grande respeito, Instituto Coração de Estudante, na época eu também estava participando dessa mudança, das discussões, como é que vamos passar agora à Instituto? Por que né?? Qual é a razão, objetivo de a gente dar esse outro passo Institucional? Enfim, é uma trajetória de, uma relação saudável, uma relação que é... marcada com grandes aprendizagens né? As dificuldades acontecerem né? mas elas também me ensinaram muito em uma carga de conhecimento que me ajudaram a entender melhor as questões da vida, elas de certo modo nos ensinam né? ensinaram de uma forma profunda também todas essas questões. E daí assim, hoje eu vejo o PRECE como uma instituição de um peso grande, para o município de Pentecoste, quando eu vejo os meninos trabalhando em programas de rádio, desenvolvendo ações junto a agricultores, agricultoras. Isso é... nos mostra o quanto né? o ideal lá de 94, ele foi se ampliando, mas sobretudo é... foi se tornando consistente, no sentido de que a ideia da solidariedade né? a ideia de que a gente construa uma educação que seja capaz de nos mostrar que o trabalho solidário em grupo né? isso nos fortalece e nos dá as condições necessárias para fazer as mudanças não é? e sobretudo realizar sonhos. Então isso para mim hoje é muito claro né? e eu vejo o PRECE desse modo, mesmo estando com o trabalho mais focado no Pirambu, mesmo tendo responsabilidades outras né? na prefeitura de Fortaleza, enquanto coordenador da Educação de Jovens e Adultos, coordenador do Programa Brasil Alfabetizado, atuo também no PRONEREC, que é educação do campo, então assim, peguei as minhas duas bases de origem para trabalhar, que é a educação do campo e a educação de jovens e adultos, que isso ia me ajudar também não só no conhecimento teórico, mas prático né? das questões que são desafiantes, nesses dois segmentos, e aí que a gente faz a trajetória é... bastante agradável né? Aí pessoalmente, é... eu tive um relacionamento de 9 anos num casamento né? mas terminou. Tive filho nesse casamento. E depois tive outro, tenho uma filha de três anos, que é também uma grande fonte de ensinamento né? Nossa, como a gente aprende e amadurece né? porque você vai se defrontar com outras situações de vida né? com outras formas de olhar a vida também, com outras responsabilidades, então isso dá também um crescimento extraordinário. E eu percebo isso claramente, o quanto a gente amadurece com filho, enfim. Então hoje eu tenho uma relação familiar onde tem filha, que é uma coisa maravilhosa né? E a gente vai se entendendo, vai se compreendendo né? e eu acho que essa é a vida né? a vida que segue, é a vida que a gente precisa respeitar o outro profundamente né? sempre. E cada vez que a gente errar é preciso retomar essa caminhada. E cada vez que a gente cair um pouco, é preciso levantar e seguir né? com esperança, [gaguejos] sem mágoas, eu acho que isso é uma coisa muito importante para a vida né? A vida é muito importante para a gente viver com pesos né? que não nos ajudam a olhar a vida de forma bonita como ela é né? como ela nos oferece, como ela se apresenta para todos nós. Então eu

creio que o valor da vida em si ele está para além dessas questões e a gente deve sempre ter a esperança e confiar, sobretudo no nosso criador né? no Deus que nos criou e que nos colocou nessa vida para viver bem né? E a proposta que ele tem, é uma proposta comunitária, é uma proposta que ela nos reconhece como seres limitados, que erramos [ele bate no peito], mas, sobretudo temos que a capacidade de continuar, então isso ficou sendo a minha filosofia de vida né? de continuar sempre. É, de experiência importante, nos anos 2000, 2001, 2002, é que eu também estava coordenando a educação de jovens e adultos no PRECE, através de uma parceria com o EJA de Itapipoca. E daí eu lembro que a gente passou a atender muito mais alunos, e aí a gente atendia na própria comunidade, não tinha a necessidade de o aluno ir para outras comunidades para realizar as provas, porque se passaria a permitir que o aluno fizesse a prova na própria comunidade. Isso foi uma conquista muito grande e a gente foi implementando outras ações também como estimular os alunos a já [gaguejo] no, na EJA, começaram a fazer leituras, a fazer resenhas, fazer resumo de textos, a desenvolver com eles a cada período, semestre, uma atividade que nós chamávamos de gincana cultural e esportiva, então a gente fazia né? uma programação esportiva, que tinha desde corrida, tinha futebol de salão, tinha futebol de campo, tinha futebol feminino né? a gente juntava várias modalidades e envolvia também o pessoal do pré-vestibular, na verdade, o grupo que estava se preparando para entrar diretamente na universidade. Isso integrava os grupos né? tinha pessoas do suplet...; da EJA que também estavam se preparando para o vestibular, com [gaguejos] essa movimentação esportiva, a cada semestre, e a gente chamava isso como, não era bem uma olimpíada, mas era uma variedade de esportes que a gente trabalhava no sentido do grupo ter uma espécie de lazer e, sobretudo uma grande interação. A gente fazia isso e era uma programação de dia inteiro, começava de manhã e ia até a tarde, com intervalo pro almoço. Então são experiências bastante preciosas pra gente que hoje atua na área da educação, e que tem essa base como referência, uma atuação profissional, sem dúvida, mais verificada, mais comprometida por essas experiências. Foi através do PRECE que a gente foi experimentando esse aprender né? esse [gaguejos] desenvolver o trabalho dessa forma. Falando sobre a questão de Pentecoste né? dos alunos que vieram no ano de 2002, foi um resultado extremamente positivo né? muitos deles entraram na universidade, mas para 2003 viria o dobro daquele número de alunos, então não era possível que o Cipó comportasse, porque era uma comunidade pequena com estrutura pequena. Então o passo, a conversa seguinte era: “Então podemos começar um trabalho em Pentecoste? Na cidade, não é?” Lembro que a gente reuniu vários alunos que estiveram em 2002 no Cipó, conversamos com várias lideranças né? igrejas, lideranças sindicais, enfim, com escolas e conseguimos, em 2003, organizar a primeira multiplicação do PRECE, que foi para Pentecoste, na base que veio pro Cipó de alunos, o grupo de sustentação desse trabalho, e lembro que a gente ia, todos os dias da semana tinham pessoas daqui indo para Pentecoste e em Pentecoste a gente começou a fazer um trabalho de segunda à sábado, não é? então as estradas eram muito ruins, profundamente ruins daqui para lá né? a gente pegava trechos quase intransitáveis. E a gente que ia, retornava a noite, retornava onze horas, doze horas, chegando em casa não é? mas enfim era um esforço que ele era recompensado porque a gente percebia, naquele grupo que era maior né? era um grupo que tinha 4 salas de aula, imagino que tinha 100 pessoas tranquilamente, eu acho que era muito mais que isso, mas que estava ali em busca de um sonho também, sendo mobilizada para uma ação que era para ele, para eles, para aquele grupo e nós também de fundamental importância para mudança de perspectiva. Então isso foi também né? uma coisa que foi maravilhosa, e que hoje a gente tem em Pentecoste um trabalho consolidadíssimo, com a liderança forte e que a base foi em 2002, lá no Cipó, que foi se multiplicando e está aí, até hoje de forma autônoma, mas também muito solidária né? de forma muito compartilhada com todo o restante do PRECE. Foi muito bom né? muito bacana, isso é uma oportunidade de exercitar uma lembrança, e registrar essa lembrança, eu que pelo

menos não tenho fotos da infância, vai ficar registrada essa lembrança, não é? Dizer que a gente tem amizades pessoais bacanas né? como é com o professor Manoel Andrade, hoje nós temos uma relação, por conta da nossa ação profissional que não permite mas essa proximidade de amizade, [gaguejos] de trabalhos juntos né? mas que assim, há uma amizade que permanece né? porque ela foi construída e ela foi reconhecida não é? pelo apoio, pelo incentivo, pela disponibilidade não é? então eu acho isso uma coisa que a gente tem que considerar para a vida toda, então me sinto gratificado por isso, e dizer que a gente não, por mais esforço que se faça, você não consegue contar os detalhes de uma história né? que enfim, ela precisa de uma memória de um tempo e de ser recontada várias vezes, mas que é uma experiência muito bacana, de a gente poder trazer as nossas é... vivências, para torná-las agora históricas também não é? para torná-las disponíveis ao compartilhamento com outras pessoas, e creio que esse é um exercício muito importante, porque a nossa história de vida né? e de cada um que passará por esse momento, ela também tem uma contribuição né? no sentido de orientar, no sentido de motivar né? no sentido de dizer: “Olha, é lutando, é através de uma intensa... envolvimento e busca dos sonhos que a gente vai alterando uma situação, é dantes considerada inalcançável. E a gente vai conseguindo as vitórias. [sorrisos].

Transcrição fiel: imprecisões, vaivém, redundâncias, quebras de palavras, pausas e quantidade [mais longa]... Mais curta [ênfatisada...] marcações discursivas [] marcações orais, visuais, gaguejar;

- Olhar muito para cima e baixo;
- Percebe-se uma sinceridade em seu olhar ao falar das situações vividas, pois ele sempre olha com “afinco” para a câmera;
- Empolgação ao falar das experiências de vida;
- Muitos “é”, “né?” e “palavras com a conjugação de verbos na pessoa “a gente” e muitas contrações de palavras;
- Uso frequente de concordâncias erradas, principalmente em número. .
- Repetição de palavras seguidas. Ex.: “essa, essa relação...” e expressões em diversos períodos. Ex.: “mas enfim...”;
- Todos os depoimentos foram colhidos em Fortaleza, porém ele usa muito aqui quando se referência a Pentecoste;
- Não há muitas movimentações, ele passa a entrevista quase toda olhando para o entrevistador.

Narrativa de Vida de Antonio Eudimar Venâncio Barbosa

Meu nome é Antônio Eudimar Venâncio Barbosa, sou filho de Luis Paulo Barbosa e Maria Venâncio Barbosa. Meus pais são pessoas simples do interior, da roça. Sou da comunidade de Capivara, município de Pentecoste, onde eu nasci e cresci. Na minha infância vivi muitos momentos bons. Entre 11 irmãos, eu sou o caçula de 6 homens e 5 mulheres. Fui o único na família que tive a oportunidade e interesse de estudar desde pequeno. Minha infância foi como a de uma criança normal da minha época no interior. Comecei a estudar tabuada com 3 anos de idade em casa mesmo, depois quando inteirei 5 anos fui estudar na casa de uma senhora chamada Maria Lúcia Gomes Teixeira, a Lucinha. Era uma casa normal onde se juntava um grupo de pessoas para ela ensinar português, ciências, matemática, geografia, e a gente foi aprendendo a ler e a escrever. Depois a prefeitura montou um colégio e ela foi dar aula nesse colégio e levou todos os alunos para quem ela dava aula na casa dela. Isso foi muito bom porque a gente se sentiu útil de estar numa escola de verdade. Na minha infância e

adolescência eu ajudava muito meu pai na agricultura e na pescaria para a sustentação da família. Tem até um episódio interessante que eu pescava com meu pai, onde estava um tempo difícil na família e eu tive que ir com meu pai para pescar e poder comprar o alimento da família. Era um tempo muito escasso e a gente até acreditava que não ia pegar nada. Acabamos indo pescar nessa noite e foi uma pescaria muito boa. Até no outro dia foi uma bênção, porque me levou para o interior, para Pentecoste, que para mim era uma atração andar de pau-de-arara e ir para Pentecoste. Quando eu cresci mais, que eu poderia pescar com outras pessoas, eu ia pescar para o meu sustento próprio e poder comprar minhas coisas. Na escola norma, a professora era Margarida Gomes de Araújo. Na Capivara, município de Pentecoste onde eu nasci, a professora era a Lucinha Gomes Teixeira. A gente gostava de ir porque gostava de chegar cedo pra jogar bola, soltar pipa, pião. Uma das coisas boas que eu lembro da infância é o colégio. Na época, tudo era difícil, mas a gente tinha era coisa boa que era a convivência com os colegas de aula, com os primos que a gente brincava brincadeiras de infância. Fui crescendo e, depois da adolescência, comecei a trabalhar. Saí de casa e fui para as comunidades vizinhas. Quando eu estudava na comunidade da Capivara, fui mordido por um cachorro e nessa época passei por um trauma muito difícil porque eu sentia muitas dores de cabeça e não sabia por que era. Depois fizeram uns exames e disseram que o cachorro estava contaminado com o que, na época, chamávamos de cachorro doido. Na época eu me revoltei na escola. Foi um momento muito difícil porque a professora gostava muito de mim. Não fui expulso das aulas, mas saí porque estava passando um momento muito difícil. Foi aí que terminei a quarta série do ensino fundamental. Houve uma reunião das professoras para a transferência de alunos, porque essa escola da comunidade da Capivara só tinha até a quarta série. Na escola de Cacimbas, a professora estava com o sistema TVE, que depois passou a ser TVC, e os alunos que terminavam a quarta série na Capivara passavam a estudar em Cacimbas. Foi aí que fui transferido para lá e comecei a fazer quinta série com o sistema TVE, que um ano depois passou a ser o sistema TVC. Era um sistema de televisão, com uma aula apresentava pela TV e depois a gente debatia os tópicos que estudávamos. Era muito bom porque a gente aprendeu a ver coisas diferentes do outro sistema convencional. Foi aí que me entrosei com a turma de Cacimbas. Lá, eu fiz a quarta, quinta, sexta, sétima e oitava séries. Terminei o ensino fundamental. Foi um momento bom porque teve festa de formatura. Naquela época que eu estudava em Cacimbas, eu era envolvido com algumas coisas da comunidade. Eu dava aula de educação física para o time de Canafístula, uma comunidade de Apunharés, que fica próximo à Capivara, município de Pentecoste. Eu gostava de fazer isso, me deslocava aproximadamente uns 8km de Cacimbas até Canafístula a pé. E também dava aula de educação física para o time de futebol da Capivara. Terminei o primeiro grau e surgiu a oportunidade de eu ir para o PRECE. No começo, quando comecei a estudar em Cacimbas, eu estudava até a tarde e tinha um transporte escolar que transportava os alunos da minha comunidade até Cacimbas. Todo dia, 5 da tarde, o carro pegava os alunos e deixava na nossa comunidade. A convivência de ida e vinda no transporte foi muito bom, porque conhecemos pessoas, vimos a capacidade de cada um, debatíamos muita coisa juntos. Às vezes, quando faltava o transporte, eu andava a pé, percorria uma distância de 7km. Isso era bom porque tínhamos o desejo de estudar e se aprofundar nos estudos. Era uma novidade, na época, o sistema TVC. E a gente fazia esse percurso muitas vezes a pé, quando não tinha carro. Com o passar do tempo, eu passei a morar na comunidade de Cacimbas, que era onde eu estudava. Eu morava com uma tia minha, que já é falecida, morávamos eu, ela e minha prima, que também é falecida. Eu me sentia em casa morando naquela comunidade, e me sentia útil também. Comecei a me envolver com aquela comunidade e tive muitas oportunidades. Eu era marcador de quadrilha, porque eu me destaquei e fui convidado para marcar quadrilhas. Eu passei a conviver naquela comunidade, grande parte do meu tempo foi lá. Até que terminou o primeiro grau e eu fiquei sem perspectiva de vida, foi aí que eu voltei a trabalhar nas

comunidades. Fui morar em Canafístula com um tio meu chamado Zé Canuti, lá na comunidade chama Zé Bonito. Ali eu passei uma boa parte do meu tempo trabalhando cuidando de gado, cortando bananeira pra gado. Naquela época era muito difícil, não tinha capim para o gado e a gente tinha que cortar bananeira, e eu me submetia a fazer esse tipo de trabalho porque não tinha outra perspectiva de vida. Estudar em Pentecoste ficava difícil porque eu não sabia como ir, não tinha implantado o sistema, e eu fiquei trabalhando como agricultor, não era muito o meu forte, mas tinha que fazer isso. Depois retornei para Capivara, que é minha comunidade, foi aí que surgiu a oportunidade de ir para o PRECE, o Andrade nos convidou. Na época tinha um curso de datilografia e, os alunos que se destacavam, ajudavam os outros, e eu era um dos orientadores de uma turma. Quando surgiu o curso de datilografia, era na casa de farinha, que tinha desativado por motivo de escassez na época de farinhada. O Adriano apoiou esse curso de datilografia na casa de farinha. O Toinho, do PRECE, já fazia o curso, tinha terminado, a Silvia Helena, colega de infância, tinha terminado, eles convidaram e incentivaram pra fazer, e eu fui lá, fiz, me destaquei. Era a febre do momento, todo mundo achava bom o curso de datilografia. Como eu já tinha terminado o curso, nós estávamos debatendo sobre o que fazer, o que melhorar no curso de datilografia. Foi aí que o Andrade chegou, era muito difícil ele aparecer, com um sonho de montar um sistema de grupo de estudante para estudar e fazer universidade. Esse sonho dele tocou nossos corações. Naquele momento estávamos eu, o Beto e o Toinho, os primeiros precistas, e ele chegou e lançou a proposta de o que a gente achava de estudar junto, morar junto ali e fazer um esquema pra que montasse uma escola, onde a gente pudesse estudar o dia todo, debater o que aprendeu. Era um sonho dele montar esse de escola, porque na época ele se sentiu incomodado com o sistema que não tinha perspectiva de vida, e ele pensou muito no futuro dos jovens daquela época. De início a gente ficou meio temeroso, mas como a empolgação dele foi tão forte que moveu nossos corações e nós fomos morar lá. Eu me empolguei logo e arranjei um folgão e um botijão da minha tia e cozinhava para a turma. Foi aí que passei a morar na casa de farinha, trouxe minha rede, juntamente com o Toinho, o Beto morava numa comunidade vizinha. Dormíamos eu, Toinho e alguns outros colegas que moravam na fazenda. Na época energia, água encanada, não tinha muita coisa. O sistema de estudo era uma lâmpada fluorescente ligada na bateria. A gente montava o grupo na mesa e pegava um livro de história, lia os tópicos e depois debatia os tópicos. Daí formou-se um grupo de estudantes. A gente estudava de dia, um pouquinho de noite. Na época éramos eu, Toinho e Beto, depois a Raquel entrou, depois convidamos outros colegas, o Orismar, Francisco e Norberto. A gente montou esse grupo de estudantes e tornou-se uma família, agradável. Passamos por momentos muito difíceis na época, em relação a alimentação. Foi aí que a dona Fransquinha e o senhor Arão que nos abraçaram e nos davam leite e cuscuz de manhã. A gente mesmo juntava os familiares e algumas pessoas vizinhas e fazia o esquema de fazer o próprio almoço. E assim a gente conviveu muito tempo, jogava bola junto, discutia sobre futebol. A gente achava que o negócio não ia ter como andar, aí o Andrade chegou um dia 9 horas da noite, com o carro carregado de livros doados por uma instituição e a gente montou a nossa estante. Foi aí que começaram os sonhos de vida dos precistas, surgiram os provões em Fortaleza, que fomos fazer no Liceu do Ceará. Inclusive eu fui um dos que não passei, mas isso não me frustrou nem nada. Vieram concursos para viajar, quem tirasse primeiro e segundo lugar viajava pra fazer coletas de plantas com o Andrade, e isso empolgou muito a turma na época e incentivou a turma a estudar. Eu não me destaquei muito na época porque eu não pensava muito nesse negócio de viajar. Foi muito bom, achei muito interessante porque todos se empolgavam. Na época que eu vim morar na casa de farinha, meus pais me apoiaram, minha mãe queria me sustentar com roupa, alimentação, e eu encarei. E teve o apoio moral, que é o mais importante. Teve um tempo que eu comecei a me desestimular, apesar de eu ter outras atividades no PRECE. Eu não era precista só de estudar, eu também monitorava uma creche

no período da tarde e de manhã eu dava aulas para as crianças da comunidade do Cipó, também dava aulas pra escola de futebol em Capivara, onde eu nasci e cresci. Juntamente com o Toinho montamos um grupo de escolinha, naquela época nos envolvemos com muita coisa, fizemos campeonato no dia das crianças. Me envolvi também com o time de futebol, fizemos torneios, campeonatos e a gente mesmo quem organizava. O Orismar era o locutor. Uma coisa que marcou foi que na época fizemos uma campanha de desarmamento, porque existia muita violência no futebol e o PRECE abraçou essa causa e fizemos a campanha de desarmamento. Foi aí que comecei a abandonar a parte da creche e a escolinha, porque a turma cresceu e nós estávamos empolgados com o estudo e querendo estudar mais. Eu comecei a ficar meio desestimulado, uma coisa minha mesmo. Não desacreditei do PRECE, fiquei desestimulado comigo mesmo e parei de estudar. Depois tive que vir em Fortaleza a trabalhar. Eu me juntei com uma pessoa e tive que vir pra Fortaleza ter minha sustentação própria. Passei muito tempo trabalhando, mas nunca deixei o vínculo com o PRECE, sempre fiquei unido com as pessoas, conversava com o Andrade, o Toinho, o Francisco e o Orismar me incentivaram a voltar a estudar. O Andrade tinha um programa de rádio que era Coração de Estudante, antes do PRECE, e eu falei pra ele colocar o nome do projeto de Coração de Estudante, depois veio o PRECE. Eu conheço o Andrade desde criança e a gente adquiriu um respeito e admiração muito grande por ele. Na época que eu ia sair do PRECE, ele conversou muito comigo, fizemos uma caminhada do senhor Arão até o açude, de 4 horas da tarde até 6 horas da noite. Ele não queria que eu saísse, perguntou várias vezes o porquê, disse que me ajudava no que eu precisasse. Eu tinha dificuldade de leitura por causa da minha vista, ele me trouxe pra fazer exame de vista em Fortaleza, mas mesmo assim não mudou muita coisa porque já estava com vontade de sair. Ele fez tudo pra que eu ficasse no PRECE, mas eu saí. Tive apoio de todos os colegas para não sair, mas acabei saindo, não teve jeito. Me arrependo de ter saído, perdi muito tempo com isso e perdi muito. Admiro as pessoas que venceram até hoje. Na época estava desestimulado e saí, mas quem sabe um dia eu pudesse voltar e fazer diferente. Em 99 eu vim pra Fortaleza e comecei trabalhando numa locadora de carro como colhedor de carro. Depois passei a trabalhar numa panificadora, de lá mudei de emprego para uma fábrica de roupas, a Maresia, onde foi meu primeiro emprego de carteira assinada. Eu já estava casado e passei a fazer parte da igreja, conheci muitas pessoas importantes, interessantes. Quando eu saí da Maresia, tirei a carteira de motorista, era um sonho meu, e passei a trabalhar de motorista com um colega meu, João Lopes Vieira, na JV e isso foi um crescimento muito bom, porque conheci muita gente em Fortaleza. Conheci muita gente da Pague Menos, Telemar, pessoas importantes, então fiquei muito conhecido em Fortaleza, onde ando em Fortaleza tenho facilidade de comunicação. Saí da JV e fui trabalhar num restaurante, eu era saladeiro, depois saí do restaurante e voltei para a padaria, onde estou até hoje. Na minha vida pessoal, conheci a Rosa na igreja onde eu frequento. A gente casou e tivemos uma filha, Sara Tavares Barbosa, nasceu em 2001. Essa nossa filha cresceu até 3 anos, teve um problema, uma doença rara, passou 7 meses na UTI e, pra mim, foi um momento muito difícil, uma perda muito grande, mas fui abraçado por todas as pessoas da igreja, todos os meus amigos precisistas, pessoal do interior. Perdemos essa filha em 2005 e isso foi um momento trágico na minha vida, só que, hoje, Deus nos abençoou de uma forma tremenda nos dando outra filha, Lara Tavares Barbosa, uma princesinha que está com 3 anos de idade. Minha vida, hoje, eu trabalho na panificadora, ajudo a administrar na parte da manhã. Na época que terminei o ensino fundamental, como não tinha perspectiva de vida, como a gente via que terminava o ensino fundamental e pensava logo em arrumar um emprego pra se sustentar. Eu tinha desejo de vir trabalhar em Fortaleza, só que surgiu o PRECE, com outros sonhos de vida. Lá em Pentecoste não tinha trabalho, o único trabalho que tinha era para professor. Com o desejo de vir trabalhar com o ensino fundamental a gente achava que já tinha o conhecimento de tudo e que ia conseguir vencer com isso. Aí o PRECE veio com outra atitude, com outro sistema,

mostrar o que é a realidade. A gente não tinha como vir pra Fortaleza porque não conhecia nada. Aí teve o sonho de estudar no PRECE, que seria uma preparação para o futuro, o Andrade mostrou que o ser humano, o jovem, tinha que ter uma faculdade, um conhecimento, uma formação, pra poder ter um bom emprego. Como muitos jovens no interior, eu achava que terminar o primeiro era tudo, já podia arrumar um bom emprego, mas eu não pensava muito assim não porque conhecia a situação das pessoas, do próprio Andrade, e ele mostrou bem claro pra gente que queria mudar a situação daquela comunidade, porque pra ele foi muito difícil estudar e não ter um emprego à altura do estudo dele. Na época era muito difícil a pessoa terminar a faculdade e ter o emprego pronto para receber você, e o Andrade queria mudar a situação do jovem naquela época, queria fazer diferente. Pra ele chegar na faculdade, ele fez um grande percurso, então ele queria que os amigos dele fizessem um percurso menor. Seria o sistema do PRECE, de estudar, se capacitar, passar no vestibular e entrar na faculdade. E foi isso que aconteceu, ele montou o sistema e ensinou como tinha que estudar e os alunos vinham com o sonho de estudar para passar na universidade e voltar pra ajudar a turma. E é isso que está acontecendo hoje, os alunos passam e voltam pra ajudar os outros, que estão engatinhando, a se levantar e passar no vestibular para entrar na universidade. Foi fácil a convivência porque todos se conheciam, nos tornamos irmãos. O PRECE foi e é um marco grande na minha vida, foi onde eu aprendi a conviver, aprendi muita coisa. Lamento não ter continuado, mas nunca saiu do meu coração. O PRECE foi uma coisa muito importante. Quando eu já tinha saído do PRECE, vi que meus colegas já haviam passado no vestibular, estavam cursando a universidade, vibrei com os primeiros precistas que se formaram. Foi a resposta de um sonho, sonhado por um homem, se realizando, isso foi um impacto muito grande. Estava andando, se multiplicou, e pra mim é uma alegria muito grande ver que um sonho se tornou realidade. Eu não sou envolvido com prece ainda não sei por quê, mas eu sinto dentro do PRECE, estou pensando em voltar. Hoje se eu fosse convidado a participar do PRECE eu abraçaria a causa com certeza. Se for preciso eu desenvolver alguma atividade, eu estou a inteira disposição para participar. Pra mim, já faz parte de um sonho voltar para o PRECE, porque eu já me sinto dentro do PRECE de novo. Teve um tempo que eu me senti menosprezado por mim mesmo, eu achava que, como eu tinha saído do PRECE, o fato de eu sair do PRECE, eu achava que as pessoas tinham me abandonado, eu não tinha perspectiva de vida, eu me sentia deprimido com isso. Mas não era assim como eu pensava, as pessoas me abraçaram e perguntavam quando eu ia voltar para o PRECE, se eu tinha vontade de voltar, e eu sempre dando uma escapulida. Mas hoje é diferente, é um prazer estar no PRECE, fazer parte de um memorial do PRECE está sendo um marco na minha vida, estou gostando muito e espero que eu continue a fazer parte da história do PRECE. O meu desejo de recomeçar de onde eu parei no PRECE é até mesmo para dar exemplo para minha filha, porque ela é muito dotada, interessada, já está estudando no reforço. Estudar é muito bom, apesar de no passado eu ter tido esse desestímulo, eu nunca perdi o contato, o desejo. No momento que eu me senti deprimido em relação a isso era porque eu não sabia como voltar para o PRECE, era um orgulho, de achar o que as pessoas iam falar de mim. Eu acredito na minha capacidade, acho que sou inteligente e estou precisando mesmo só desse impacto na minha vida para que eu possa voltar para o PRECE, ter a coragem de estudar e de encarar. Estou querendo abraçar essa causa de voltar a estudar. O meu vínculo ficou só na saudade, mas não perdi o vínculo com ninguém. Seria muito bom eu retornar para o PRECE, recriar esse vínculo com todo mundo e ajudar. Estava no meu sonho que ficou no passado, mas o desejo de voltar para cooperar é muito grande, exatamente porque eu tenho essa convivência na comunidade que não vai perder nunca. Na minha comunidade o PRECE se tornou uma coisa muito importante, tem um impacto muito grande, inclusive meus sobrinhos e minhas irmãs estão fazendo parte do PRECE. A alegria maior foi eu conversar com minha irmã e ela pedir informação sobre o PRECE. Eu contei várias histórias do PRECE, ela ficou empolgada e disse que era isso que

ela queria para a vida dela. Eu saí do PRECE porque eu precisava trabalhar pra sustentar minha família, porque eu estava sem perspectiva e minha mãe não ia me sustentar. Eu estava desestimulado e juntou com um motivo de força maior, porque tive que me juntar com a Cristiane, que achava que estava grávida, mas era psicológico. Na época que eu fiz parte do PRECE, em 94, eu tinha 22 anos e eu passei 3 anos no PRECE. Quando eu saí, além da falta de estímulo próprio, eu também estava envolvido com uma pessoa e tive que sair para me sustentar e sustentar a família, então tive que vir morar em Fortaleza, motivo por que eu saí do PRECE. Hoje há a vontade de voltar para o PRECE, estou sendo apoiado e incentivado pela minha esposa e por várias outras pessoas, dos precistas que sempre tiveram vontade de me ter junto de novo, trabalhando e estudando, e eu acho isso muito importante. Se eu voltar hoje, vou ter o apoio de muita gente e isso é muito bom.

Narrativa de Vida de Carlos Roberto de Sousa Gomes

Carlos Roberto de Sousa Gomes (Beto) – (Ano de 2001) – Fortaleza [Tempo da entrevista em minutos]

Vídeo - 01

[0'00"]

“Boa tarde, né? A todos que estamos aqui, né? Pra falar um pouco sobre a vida, sobre a minha vida, né? Eu sou Carlos Roberto de Sousa Gomes, conhecido como Beto. Sou filho de João Felix Gomes ((microfone com falha)) ((Há uma pausa no relato para poder ajustar o microfone)) Oi? Oi? Beleza, sem nenhum problema! Posso reiniciar? Vou tossir! ((tosse)). Pois então, boa tarde, né? A todos que estão aqui. Hoje eu vou falar um pouco da história, minha. Sou Carlos Roberto de Sousa Gomez. Sou conhecido como Beto. Sou filho de João Felix Gomes, vaqueiro. Sou filho de Francisca de Sousa Gomes, no qual é conhecida como Neném, professora. Eles dois são os pais de sete filhos, a minha família é formada por sete fi[lhos]/irmãos mais uma menina que a gente criou que a gente considera como irmã. Eu sou o terceiro mais velho. O nome dos meus irmãos são Silvia Regina de Sousa Gomes, Francisca Raquel de Sousa Gomes, eu Beto, Carlos Roberto de Sousa Gomes, Felix Neto de Sousa Gomes, que já está falecido, depois a gente vai falar um pouco sobre a história, Maria do Carmo de Sousa Gomes, Lúcia de Fátima de Sousa Gomes, João de Sousa Gomes Filho e Edna - e Edna que é uma irmã que a gente criou, que a gente considera como irmã. Os meus pais são filhos, o pai, o João Félix é filho de Manuel Félix Gomes e Maria do Carmo Gomes. Eles/Os meus avós paternos eles eram mesmo daquela região da comunidade chamada Mulungu, município de Pentecoste. Pentecoste fica há oitenta e seis quilômetros de Fortaleza. E meus avós tem oito filhos, meu pai é o segundo mais velho dessa família. E os meus avós por parte de mãe é Francisco Raimundo de Sousa e Francisca Lima de Sousa. O meu avô é de uma família que eram dois irmãos, ele e a tia Lila que ainda está viva, meu avô já faleceu, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe. Raimunda Lima de Sousa é de uma família muito conhecida na região, que o pai dela era conhecido como o pai Lima, né? Que é meu bisavô, e eles tiveram vinte e um filhos. E, é uma família muito grande conhecida como a família Lima, né? E o meu pai, vou contar um pouco da história do meu pai, como é que funciona, né? Meu pai sempre foi vaqueiro dos grandes proprietários de terra daquela região, né? Sempre estava morando com esses proprietários, morou um tempo com uma pessoa – numa fazenda do Zé Gomes e posteriormente do Antônio Carneiro, né? Na qual foi nessa fazenda do Zé Gomes que eu nasci, na comunidade de Jardim, que fica há trinta e dois quilômetros de Pentecoste. E - nesse ano, né? Nasceu eu nessa fazenda no qual o pai morava. O/Depois desse tempo o pai veio morar em outra fazenda chamada

Esperança, também do Zé Gomes, passou mais um período. No ano de [19]81, foi morar numa fazenda no Cipó, no qual a gente passou vinte e um anos lá, nessa fazenda. O (3.0) / A minha mãe foi professora, né? Professora do ensino fundamental básico, que trabalhou durante trinta, trinta e seis anos, com jovens, com crianças daquela comunidade, com crianças carentes, criança que buscava um pouco de educação. O - pai morou nessa fazenda e onde passei toda a minha infância, né? Sou de [19]78, de [19]78 para [19]81 eram três anos e foi onde começou toda a minha infância, foi nessa fazenda em Cipó, que fica há dezoito quilômetros de Pentecoste. Em Cipó é o local que eu tive essa infância, no qual a gente vai conversar um pouco sobre ela, como foi que iniciou. Minha infância foi uma infância de uma criança no meio rural, na qual fez todas as atividades do meio rural. Quais são essas atividades, né? Isso é importante para a gente relatar essa atividade que a gente fez no meio rural. Tinha atividade de trabalho e atividade de lazer, de brincadeira como nós chamamos lá, no interior, no meio rural. Vamos falar um pouco agora das atividades de trabalho e posteriormente das atividades de brincadeira. O trabalho como nós morava numa fazenda, nosso trabalho foi sempre cuidar de animais, de animais bovinos, equinos e caprinos e ovinos. Nessas fazendas tinha esses quatro principais animais, né? Que a gente chamava cavalo, boi, ovelha e bode. E durante essa infância, essa minha infância que a gente cuidava dos animais. Cuidava como? Pastorava. O que é pastorear, né? Isso é importante a gente relatar. Pastorear é você colocar um animal em um piquete, capinera e ficar só naquela parte, não deixar escapar. Isso é um trabalho da gente. Ovelha? A gente olhava quantos animais nasciam, se ia ter que curar as bicheiras, se não ia. Caprinos também. E os equinos a gente usava mais para trabalho da gente, né? Para cuidar desses outros animais, além de cuidar da ração, dar banho, né? Tudo isso na parte do equino. [06'09"]

[06'10"]

Na parte de brincadeira nós tínhamos umas brincadeiras bem interessantes, né? De infância, né? Até doze anos a gente fazia mais essas atividades que eu estou dizendo. Agora, até doze anos. E::, a minha brincadeira principalmente era atirar de baladeira, ir para a escola, né? Que isso era uma obrigação, que lá em casa a mãe sempre colocou os filhos, insistiu pra gente ir pra escola e o pai também sempre apoiou. Um outro, jogar bola, né? Gostava muito de jogar bola, considerado lá no interior como viciado a pessoa a jogar bola. Jogava todos os dias. Tinha um terreiro na fazenda muito - grande, né? Fazenda tinha um terreiro muito grande no qual a gente fazia/jogava bola junto com os colegas, junto com os amigos. Vamos relatar até um pouco de como estava posicionada essa fazenda, como era que ela funcionava. Fazenda tinha uma casa sede, na qual nós morávamos, a família toda. A casa sede sempre tinha pessoas que/pessoas de fora que moravam com a gente. Tinha casa de moradores, na qual o pai gerenciava essa parte toda de moradores, de trabalhadores que ia trabalhar nessa fazenda e a infância da gente era relacionada a isso. Em relação aos animais que davam leite, a parte bovina eu era responsável também por colocar os bezerros para as pessoas tirar leite até essa idade de doze anos, gente fez muito isso nessa-/nessa fazenda. Até doze anos eu estudei também num colégio, né? Primeiro eu estudei num colégio, falando um pouco da minha vida ((o entrevistador comenta algo mais sobre a fazenda em que residiu, a casa7, sobre as faturas)). [07'54"]

[08'22"]

A casa, né? A casa é uma casa grande que nós chamava, a casa da fazenda. Tinha cinco quartos. Os quartos eram todos divididos, né? Tinha a família, a família sempre foi uma família grande e tinha muitas pessoas amigas da gente que estava sempre presente com a gente nesse/nessa casa da fazenda. Era uma casa que tinha sempre muita abundância de alimentação, isso é muito importante a gente relatar isso nessa época, né? Essa nossa

família sempre foi uma família abençoada por Deus e a gente sempre teve muita abundância de alimentação nas quais muitos amigos da gente que morava perto a gente levava mesmo para se alimentar lá em casa. Isso a gente tinha muito feijão, muita farinha, animais, sempre a gente matava para ter carne durante a semana, na semana a gente sempre matava para ter carne e o pai sempre comprou muita carne e a gente sempre tinha muita abundância em relação a isso. A casa era uma casa muito de alpendre. Muitas vezes a gente sempre dormia de dez pessoas no alpendre, né? Os amigos da gente. Durante essa época toda dormia muitos amigos da gente lá, nesse alpendre. Era uma casa aconchegante que sempre tinha abundância. É importante relatar também que eu me lembro da minha infância que todos os moradores tinha direito a uma certa quantia de leite. E a gente, por exemplo, além do proprietário, né? O Antônio Carneiro ou Antônio Braga de Azevedo, como era conhecido e depois ficou conhecido como Antônio Carneiro, e o nome dele verdadeiro é Antônio Braga. Ele sempre colaborou com os moradores dele, né? Em relação a essa parte de alimentação, isso é importante. Pessoas que tivessem dificuldades, moradores que tivessem dificuldades ou se o pai conversasse com ele, ele sempre repassava um pouco para isso, né? E ele sempre atendia os pedidos das pessoas que moravam com ele, né? E durante essa parte importante a gente relatar também que vinha muitas pessoas para a fazenda, tinha muitos trabalhadores durante todas essas épocas, né? Eu me lembro muito bem dessa parte da minha infância. E minha vida estudantil, né? É importante relatar, isso eu falei anteriormente até os doze anos. É importante relatar que o/vida estudantil começou eu andando mais ou menos uns oito quilômetros a pé mais a mãe. A mãe era professora desse colégio Paulo Ferreira, lá na comunidade de Boa Vista que fica mais ou menos a oito ou dez quilômetros. A mãe era professora e como tinha que ter uma pessoa para ir com ela, né? Ela me levava - todos os dias - para a aula e foi onde também eu iniciei minha vida estudantil, né? Depois que fiz, acho que carta de ABC e tabuada, e fui estudar, fazer alfabetização, num coleginho na comunidade de Cipó, conhecido como Manoel Andrade Neto, o nome do colégio que até hoje ainda está erguido na comunidade de Cipó. E lá eu estudei, né? A minha primeira professora foi minha mãe, felizmente, né? Pessoa que colaborou muito com essa parte inicial da educação de uma criança. E até a quarta série eu estudei nesse colégio. Da alfabetização à quarta série. Foi um período de cinco anos, na qual nesse colégio também teve muitas brincadeiras, da infância da gente, até os doze anos, () principalmente bandeira que a gente brincava, na qual a gente tinha um grupo. O que é bandeira, né? O que é brincadeira de bandeira? É você colocar - um objeto em um local que a pessoa vai lá e pega, tem que sair da velocidade que o outro não consiga pegar ele. Se conseguir pegar ele, ele fica chamado colado naquele canto fixo. Posteriormente, uma outra pessoa vai triscar nele e ele vai descolar ou sair do canto fixo. Tinha essa brincadeira muito interessante. Também tinha umas brincadeiras de futebol, durante o recreio e posteriormente no término das aulas, lá na comunidade de Cipó. É uma brincadeira muito interessante também que era carimba, né? Carimba era uma brincadeira que colava/ Carimba? O que é carimba né? Carimba é você pegar uma bola e acertar na pessoa e ela bater no chão. Se ela não bater no chão e a pessoa conseguir fixar a bola ou segurar, ela continua sendo o jogo tranquilo, se carimbar ela sai da brincadeira. Durante até meus doze anos a gente teve muito essas atividades, né? Passou dessa etapa de doze anos, aí a gente teve uma outra/uma outra etapa que foi um serviço mais pesado que a gente vai continuando aqui a conversa e eu vou repassar para os ouvintes ou meus colegas que vão continuar. Pode parar aí? ((Eles fazem uma pausa na coleta do depoimento)) [13'18"]

[0'00"]

É, um pouco do que aconteceu também posteriormente a minha infância com doze anos, também a gente continuou na fazenda e teve um trabalho - um trabalho mais pesado, né? Foi uma época que eu precisei, eu pulei da infância e passei a ajudar meu pai nas atividades que ele fazia, né? Quais são essas atividades? Quais são as atividades de um vaqueiro? Vai ser interessante a gente relatar. Vaqueiro, aqui no nordeste e aqui também no município de Pentecoste, é a pessoa responsável que vai ao mato, corre atrás de animais no mato, gado. Pega os animais de um cercado de um piquete repassa para outro. Tudo isso são umas atividades de vaqueiro. E nessa época eu passei a fazer isso junto com o meu pai, a gente fazia/transportava gado de um município para outro, vamos usar um exemplo aqui que aconteceu quando eu tinha treze anos, quatorze anos, foi uma das primeiras viagens que eu fiz na minha vida. Foi de levar o gado do município de Pentecoste, da comunidade de Cipó até uma comunidade chamada Rato, no município de Maranguape, isso dá seis léguas ou sessenta quilômetros a pé. Isso eram dois dias, né? Que a gente andava com os animais, em torno de trezentos a quatrocentos gados e um número x de vaqueiros, que eram em torno de vinte e cinco vaqueiros levando todos esses animais. Isso foi a primeira viagem, né? Que eu fiz com/saindo do município de Pentecoste e da comunidade. Isso para mim foi um marco, né? Uma oportunidade de conhecer outra realidade, outra comunidade, mesmo sendo o meio rural, mas isso foi importante. E, nessa época, né? Eu também passei a desenvolver uma atividade que foi o tirar leite, eu passei de doze até dezoito anos. Nessa época quase todos os dias de todo ano eu tirava leite, em toda essa época, né? E durante o período do inverno, que é importante relatar, que na fazenda a gente sempre fez queijo. Teve uma época que a gente tirava em torno de duzentos litros de leite que dava uns quinze quilos de queijo por dia, né? Numa época em que a fartura era bem significativa, né? Na fazenda ou na casa que nós morávamos, isso era muito bom. E também nesse período, né? Eu passei a desenvolver outra atividade que eu desenvolvi em um certo período que foi capinar, né? Eu comecei a montar um roçado para mim mesmo, né? Para a gente ter um pouco de recurso, vai ficando adolescente, vai precisando de dinheiro para sair mesmo sendo no meio rural, mas a gente precisava de um pouco de recurso. Além de durante esse período, né? A gente recebia um pequeno agrado do papai todo final de semana para ir pro campo de futebol, né? Uma coisa é importante eu relatar aqui, que por exemplo, aos treze ou quatorze anos eu joguei aspirante, né? Ou segundo quadro como é chamado lá no nosso meio rural. Aspirante na cidade, segundo quadro. E aos quatorze anos eu passei a jogar, né? Como titular, do time de Capivara, Capivara Sport Club, com quatorze anos eu comecei a jogar e joguei durante dois anos até os dezesseis anos na Capivara, né? E isso, foi um período de aprendizagem, de ter novas amizades, de conhecer novas pessoas dentro do município, conhecer outras comunidades, né? Gente que está no meio do futebol. É importante relatar também que durante, por exemplo, treze anos eu gostava muito e seu Antônio Carneiro gostava de levar eu e um outro jovem de uma outra fazenda dele, o Luizim, para passar os finais de semana na casa dele, e a gente já estava acostumado a ir, né? E a mãe teve uma época que não deixou mais a gente ir, né? Precisava, porque precisava fazer as atividades de casa. As minhas férias, todas durante esse período, né? De doze à quatorze anos, em torno de quinze anos, eu fui um período que fui joquei, né? O que é ser joquei, né? Joquei é uma pessoa que anda nos animais da região, né? E eu era um cara que gostava muito disso, mas sempre a mãe e o pai dizia "só vai ser joquei durante um período, ficar integral na/numa baía ou numa cocheira onde fica o animal durante o período de férias, porque no período de aula vocês não podem ir. Teve uma época que eu perdi quinze dias de aula e o pai foi me buscar para retornar as aulas, né? Que não era uma coisa que eu poderia fazer ali por perto mesmo, né? Ser joquei. Eu era uma pessoa

que gostava muito de andar a cavalo. Isso facilitava as pessoas virem convidar para andar nos animais deles e tudo mais. [6'00"]

[6'01"]

Durante esse período também, eu tive uma família que me acolheu com muito carinho, ia sempre pra casa dela, dormia sempre lá, família da dona Maria Luca, que hoje mora na comunidade de Tamarina, é importante ressaltar, ressaltar isso. Essa comunidade/essa família tinha uns oito filhos, são sete homens e uma menina, eles são uma segunda família para mim, né? Teve uma época de eu passar a semana lá, retornar só para ir para a escola, e voltar para lá, e fazia todas as atividades e depois vinha dormir lá. E a gente tinha uma brincadeira de futebol, brincadeira de amizade, de bila de peão. Tudo isso era importante, né? Pra gente naquela época, até os quinze anos. É importante também que - quinze anos né? Foi - quinze, quatorze anos, foi a primeira vez que teve quadrilha na nossa região e eu participei da quadrilha, né? Participava, participei durante três anos dessas quadrilhas lá na comunidade de Cacimbas, no qual foi o colégio que eu vim estudar, né? O fundamental dois, o que nós chamamos nessa época, né? O primeiro grau. Nesse colégio, Colégio Manuel de Oliveira Sales, o colégio, a gente começou a estudar no ano (5.0) no ano de noventa. Em noventa teve, acho que foi a segunda turma do/da TVC, né? A gente estudava pelo manual de apoio, né? A gente concluiu toda a oitava (2.0) quinta, sexta, sétima e oitava [série] pelo manual de apoio e a TV na qual passa a aula, e nós estudávamos o manual de apoio com um apoiador chamado, nesse caso foi a dona Irismar, Maria Irismar de Almeida Costa, professora e colaborou também com a minha formação, com a minha educação, durante toda/de quinta a oitava série. Nesse colégio nós tínhamos muitos amigos, muitos amigos, muitas turmas. Você imagina um local que concentrava todos os jovens daquelas regiões, de comunidades como Parnaíba, Boa Vista, Cipó, Tamarina, Capivara, todos os jovens daquelas regiões, como era o único local que tinha quinta à oitava série, concentrava naquela/naquela comunidade. E ali, a família da dona Irismar também foi uma apoiadora, uma colaboradora de todos os jovens que passaram por aquele colégio. Infelizmente esse colégio hoje está abandonado, que precisa ser reestruturado, precisa ser repensado algo para aquele colégio, mas durante todo esse período de estudo, foi um período no qual eu deslocava em torno de três ou quatro quilômetros a pé todos os dias, né? Importante a gente ressaltar que quinta e sexta [série] era pela manhã e sétima e oitava [série] era a tarde. E nós que iniciamos nessa época na quinta série, a gente começou pela manhã, e posteriormente na sétima [série] a gente passou para a tarde. E todos aqueles jovens tinham vários tipo de brincadeiras ali, quadrilha, era futebol, era carimba, e tinha aquela integração de todos os jovens daquela comunidade que nós ali desenvolvemos, né? Aqueles jovens fizeram essa integração, essa junção mesmo de amizade na qual muitas pessoas daquelas hoje em dia ainda são amigos, colegas, onde a gente se ver, a gente conversa, ainda fica relatando como funcionava aquele colégio, como era aquele colégio, como era um colégio daquele que concentrava muitos jovens daquela região. [09'00"] ((Entrevistador fala algo))

[09'07"]

Quando começou o ensino fundamental, né? O importante era que não tinha ensino médio naquela/no interior de Pentecoste, ou no interior ali do Matias que nem nós chamamos. Matias é um distrito de Pentecoste na qual tem em torno de umas quarenta comunidades dentro desse distrito. E dentro dentre distrito não tinha o ensino do segundo grau. E quando a gente conclui a oitava série ou o primeiro grau, que a gente faz da vida, né? Foi no ano em que a primeira vez ouviu falar em transporte. Transportar o transporte para levar os alunos para estudar em escolas. Os alunos que estavam concluindo a oitava série nessa época, eles poderiam estudar em Pentecoste. ((Carlos Roberto pede para comentar algo do passado que ele havia esquecido de falar)). Importante também que, por exemplo,

na/quando eu estava na sétima série, né? Meu avô estava morando em Pentecoste, e foi um período que eu fui pra Pentecoste morar junto com ele porque precisava de uma pessoa para colaborar nas atividades do meu avô, ele tinha um quintal grande e a mãe pediu pra eu ir, né? E no ano, eu não lembro o ano, mas é importante, eu fazia a sétima série, que a mãe colocou eu para estudar no Tabelaão. Você imagine uma pessoa do meio rural, daquela comunidade estudar num colégio da cidade? Numa época atrás isso era muito difícil pra mim, né? Mas mesmo assim eu fui, né? Durante, eu acho que uns cinco meses, aí eu disse a mãe “Mãe, hoje eu vou indo, bora. Vamos embora pro interior que aqui não dá certo não pra eu continuar aqui.” “Por quê? E tu vai perder um ano?” “Não sei, se perder a gente depois conclui”, mas foi um período que ficou marcado, né? Na história pra gente, foi um período que eu saí do meio rural, vim morar numa cidade. Nessa cidade, conheci vários colegas, tinham várias brincadeiras nessa rua que eu morava, né? E hoje em dia, eu vejo assim, desses meus colegas, né? Entraram no mundo da criminalidade, já saíram, já foram embora, já mataram ou já foram embora por outros casos. E desses, eu acho que só tem dois que eu ainda tenho um convívio, ainda consigo falar com eles, mas os outros, dessa minha infância, não têm mais isso. Importante relatar isso, por quê? Porque é um período, o jovem, um período de treze a quatorze anos, um período que a maioria decide sua vida e onde você vai, e foi um período em que eu tive a oportunidade de ir a cidade, mas era uma época em que a oportunidade de a pessoa fazer algo errado aparece com facilidade, mas eu demorei uns cinco meses e retornei pro meio rural, na qual continuei, pedi transferência, foi tranquilo. E continuei lá no colégio Manoel de Oliveira Sales. O/ No ano, né? Que eu concluí o ensino fun/o ensino do primeiro grau, eu – tive oportunidade, né? De ((Comentários do entrevistador)). Ensino fundamental foi no ano de [19]94, ano de [19]94. E foi e [19]95, foi a primeira vez que ia ter carro, para transportar aluno do meio rural para a sede. E em [19]94 eu concluí, né? O ensino, a oitava série. E tive a oportunidade de “a gente vai ou não vai? Vai ou não vai estudar em Pentecoste?”, e ficou nessa briga. Tinha uma irmã, que também estava concluindo junto comigo, a Raquel, concluiu junto comigo a oitava série. E nós: “Vamos ou não vamos? Vamos continuar nessa”, e foi, a gente decidiu, né? Depois de uma conversa, a gente decidiu, junto com a família, que não era, não ia. Eu tinha dezesseis anos, a Raquel com dezesse/dezoito, dezessete anos, dezoito, e tava nesse período de que tava iniciando, né? Essa fase passando para adulto, né? E a gente não decidiu ir. Foi um período, Orismar, na qual a gente conversamos com outras pessoas, que o PRECE chegou naquela comunidade do Cipó. Me lembro muito bem, não sei a data, não dá para saber uma data fixa, mas eu me lembro de várias conversas, né? O importante antes disso é que o PRECE já vinha numa história de campeonatos, de integração das pessoas, integração. Aqueles campeonatos, naquela região nossa, eram campeonatos que faziam com que as pessoas daquela comunidade chegasse a um objetivo, ser campeão, integração, fazer com que as pessoas lembrem disso, né? Me lembro muito bem que eu joguei um campeonato, foi o único que eu joguei o campeonato ACOMPARCC, teve em [19]89, [19]90, [19]91, [19]92, eu joguei o de [19]93, são cinco ou seis campeonatos organizados, né? pelas pessoas, principalmente pelo Andrade e o Adriano, duas pessoas que colaboraram com a organização. organização das pessoas, organização do campeonato, e esse campeonato foi um marco assim né? na qual era do mesmo jeito que nem eu falei do futebol anteriormente, era um momento de integração das pessoas. me lembro muito bem no campo da Tamarina, conhecido, né? Que tinha época de ter mil pessoas ao redor, vendo o jogo, tinha narrações realizadas pelo Orismar e comentários por outras pessoas, naquela região, pelo Toinho ou Toni, como é chamado no Prece. E várias outras pessoas organizando e colaborando com aquilo. ((Comentários do entrevistador sobre pensamentos de Beto em morar na cidade e sobre seus estudos)) [15’51”]

[16'15"']

Sim. Naquela época de, por exemplo, quando eu completei dezessete anos e foi um período que o Prece já tinha iniciado, mas eu vou falar isso. Antes até os dezesseis anos tinha muita vontade de morar na cidade. Mas dezesseis anos, vinha um colega meu, o Valmir, né? Que é muito meu amigo hoje em dia ainda, somos amigos, ele veio morar na cidade e teve/veio para trabalhar numa empresa de ônibus como o cara que fazia a limpeza, que organizava o espaço, e quando eu tava com dezessete anos e meio, apareceu uma oportunidade, né Orismar? Eu vim ser cobrador de ônibus e tu imagine uma pessoa que não ganhava nem um real e passasse a ganhar quinhentos reais, era uma oportunidade que todas as pessoas do meio rural busca, né? A maioria busca durante esse período. Depois de eu sentar com o pai e com a mãe, sempre a gente conversou, né? E também numa conversa com eu tive com o Andrado, né? Manoel Andrade, ele disse, eles disseram, né? porque não foi só ele: O pai me dava todo apoio até eu me formar. Não tinha muito recurso financeiro, mas no que fosse possível, as coisas básicas para as necessidades básicas. Mamãe do mesmo jeito, né? Isso é uma oportunidade que muitos jovens do meio rural buscam, querem, porém é uma oportunidade que para um cara que não passa de um cobrador, né? Isso ficou marcado na história da minha vida, né? Durante isso aí foi no ano de [19]95, meados de [19]95 pra frente. Isso ficou marcado, que foi um 'tra', né? Coisa que fixou que diz que isso não era/eu não vinha para a cidade mendigar um emprego de trocador, concreto na minha vida e isso não ia mais acontecer, né? durante todo esse período. Porém, quando eu me lembro uma outra coisa, um outro marco histórico, uma outra coisa muito importante, que eu me lembro muito bem, acho que foi no final de [19]94, uma coisa que ficou marcada, eu jogava no time da Estudantina, né? Estudantina Sport Club. E eu tinha ido para uma festa dia de sábado e nesse sábado, eu acho que eu tinha quinze anos, dezesseis anos, eu fumei um ci/eu fumava um cigarro, né? E o professor Andrade também. Dia de domingo terminou o jogo, né? e disse: "Beto, eu quero conversar contigo". E sempre quando terminava o jogo a gente ia conversar e disse: "Cara, Beto, ontem tava fumando na festa.", ele tava na festa também e viu, né? "Tava fumando um cigarrinho?", eu disse: "Tava" Ontem, né? ((Fala do Andrade))"E por que que fuma? tu já viu propaganda de cigarro na televisão?", eu disse: "Algumas eu já vi, o cara só pega mulher bonita, carrão, as pessoas que fumam cigarro pra que? Para influenciar as outras pessoas a fazer isso". E foi uma das únicas vezes, né? Isso tava com um período de quinze dias, mais ou menos, que eu tava querendo fumar, que alguns colegas meus fumavam, isso foi a última vez que eu coloquei cigarro na minha boca, isso ficou uma coisa marcada na história para mim, porque foi uma oportunidade de eu não me viciar em fumar cigarro, né? E quando eu cheguei aqui dentro da/quando eu cheguei em outros ambientes, em outros locais também, os colegas meus perguntavam por que eu não fumava e eu sempre contei essa história, que é uma história que fica marcada na vida da gente. Em [19]94 teve tudo aquilo que teve os campeonatos, teve a minha infância. Em [19]94 a gente teve encontros, né? conversas, mas o professor Andrade, ou Andrade como eu chamava ou sempre chamo o Andrade, tava querendo montar um grupo para umas pessoas estudar. Eu me lembro um dia de domingo, eu e mais três colegas, eu acho, sentado em uma antigas casa de fazer farinha, em cima de uns tanques, ele perguntou, a gente, né? a nós que estava lá: "Vocês querem estudar?". A gente pensou que estudar era estudar e tivesse um professor, tivesse uma pessoa que soubesse um pouco mais que a gente e ia lá e dizia as coisas, né? E alguns colegas meus, né? como o Francisco, Toinho, Eudimar ou Du, como é conhecido. E eu me lembro nós quatro muito bem. E eu era um dos caras, o Du também nessa época estava concluindo, ou tinha concluído o ensino do primeiro grau, e o Francisco estava estudando acho que na sexta, o Toinho tinha

concluído logo o antigo primeiro e segundo grau, era considerado o mais sabidão, né? o cara que sabia mais, mas a gente sentou e começou a estudar, passou a semana a gente: “Se vocês quiserem estudar, vocês me digam e no próximo final de semana a gente se reúne novamente.” A gente passou o final de semana, quando teve oportunidade, nos reunimos de novo. ((Comentários do entrevistador sobre o início do PRECE)) [21’50”]
[22’05”]

((Em resposta a uma pergunta do entrevistador)) Foi. ((Mais comentários do entrevistador)). Isso, isso. Um dia de domingo, lembro pela manhã, em torno de nove horas, estávamos lá reunidos, foi o primeiro momento, e deixou a gente matutar, ficar conversando, matutar a gente dizia, e você repensar em algo que as pessoas diz pra gente. Se é bom ou se é ruim. E em outra oportunidade, se reunimos novamente e dissemos: “Vamos estudar?”. Interessante, Orismar, que quando a gente decidiu a passar essa semana pensando, sempre se reunia com Francisco, Du e Toinho para jogar bola, e a gente vamos estar. Decidimos. Mas antes disso, teve uma etapazinha que foi muito interessante, que foi o curso de datilografia, né? O curso de datilografia, para quem não conhece é aquelas maquinazinhas, que as pessoas aprendem a conhecer onde as letras estão no teclado. Naquele tempo era na máquina, fazia as cartas para ficar bonitas, as letras ficarem do mesmo tamanho, né? E o Toinho era do instrutores, né? Era o instrutor da turma e tinha pessoas de várias comunidades lá no Cipó. Quando terminou esse curso, quando concluiu o curso, foi que a gente começou a se reunir para ver se tinha condições de iniciar os estudos. E me lembro muito bem, Orismar e pessoas que estão aqui presentes e outras pessoas, que na primeira semana de estudo, com um livro de história, de história não, geografia, de quinta série, eu me lembro como se fosse agora. E a gente começou a estudar, né? Nesse momento, tinha um grupo de estudo na qual participavam um número de pessoas, não dava para saber o número direito, mas acho que era umas sete ou oito pessoas, e eu me lembro que nessa primeira semana a gente estudou a noite. E a noite lá de casa pra casa de se fazer farinha, em torno de três quilômetros, imagine! Eu vinha a cavalo, aproveitava que havia animais na fazenda. Deixava próximo e retornava a minha casa. Nessa época na comunidade de Cipó não tinha energia ainda, né? e a gente estudou essa primeira semana em luz de/luz mesmo da lamparina, ou luz que a gente chama de farol, né? luz que precisa de querosene ou gás para que ela dê uma iluminação. Essa foi a primeira semana de estudos e me lembro muito bem quando foi o sábado que o Andrade chegou, ele perguntou se a gente tinha estudado: “E durante essa semana?” Interessante que durante essa semana nós fizemos uma programação para estudar duas horas toda noite, nessa primeira semana. E durante uma hora para a outra a gente tinha um intervalo de quinze minutos, intervalo no qual tinha um sonzinho que a gente colocava umas músicas, né? A gente escutava algumas músicas nesse momento, e - essa foi a primeira semana, aconteceu desse jeito a primeira semana do PRECE. Na segunda semana nós fomos desafiados, depois de uma conversa entre nós: “Vamos estudar pela manhã. Mas pela manhã? Por que estudar pela manhã?”. Isso a gente conversando estudar entre nós mesmo porque a gente vai estudar pela manhã. Pela manhã é mais frio, era no período quente aqui no nordeste, no período seco. Pela manhã é mais frio e a tarde tem algumas pessoas que fazem algumas atividades. E durante esse início, teve algumas outras pessoas que tiveram presente, né? Como o Arimatéia, Elton. São pessoas lá da comunidade de Capivara e que tiveram também, que vieram nessa segunda semana, e durante toda essa semana a gente tinha esse momento. O mais importante é que durante toda tarde depois, assim né? A gente estudava pela manhã, fazia as atividades em casa e a tarde a gente vinha bater um futebol junto com todos os colegas daquelas comunidades. Isso aconteceu durante um certo período, né? E passou um ano de [19]94, passou acho que mais umas duas semanas e a gente estudando pela manhã, mais duas semanas, acho que um mês mais ou

menos, posteriormente a gente passou a estudar de forma integral, manhã e tarde, por exemplo, nós estava se habituando ou se adaptando a estudar, e a gente fez toda a revisão de geografia e iniciou a revisão de história. [27'03'']

[27'04'']

Por que essas duas disciplinas? A gente não entendia o porquê, mas com o passar do tempo a gente veio entender que são as duas disciplinas na qual são as disciplinas consideradas menos difíceis e de fácil conhecimento. Pessoas que já tinham concluído e pessoas que estavam com o nível lá em baixo para ficar mais ou menos nivelado. Isso aconteceu muito bem durante um certo período. E no ano de [19]95 já estava o grupo formado, já tava integração entre os jovens, durante todo o/e quando a gente passou de estudar de manhã e tarde, né? Os jovens tinham que trazer alimentação. Eu, no meu caso, eu tinha menos dificuldade porque eu dava uma trote [a cavalo] ou uma carreira de dois quilômetros, tava em casa, comia né? que nem eu falei anteriormente. Sempre a gente teve uma alimentação regular na nossa família, mas os meus colegas que vinham de comunidades de dez quilômetros, de quinze quilômetros, de oito quilômetros, como é que esses jovens/vamos conversar, mas mesmo assim a gente trazia alimentação de casa para a gente fazer lá na casa de se fazer farinha, a gente fez um rodízio primeiramente e posteriormente a gente continuou fazendo essa alimentação, mas o importante também é que alguns colegas meus, muitos deles durante algum período, todos eles eu convidava para jantar lá em casa porque eu conhecia a realidade deles, se não tinha alimentação, se não tem alimentação saudável, o nível de conhecimento, não, o nível de - de aprendizagem diminui, se diminui, rendimento vai cair, tinha todo esse processo, né? muitos deles se alimentaram durante um certo período na casa de João Félix e Neném, no qual são meus pais. E o importante que no ano de [19]95 chegou alguns novos colegas para fazer integração no grupo. Lembro muito bem do Nacélio, Genival, esses dois jovens são uns dos que eu lembro mais durante esse período, [19]95 eles chegaram a fazer parte do grupo da gente e eu conversando com o genival, né? durante esse período de [19]95, no qual a gente terminou a revisão de história e geografia, durante esses três meses, quatro meses, cinco meses, por aí, terminamos aí a revisão de história e geografia, mas iniciamos um curso de português, dado pelo Toinho, né? para a gente melhorar na escrita da gente, na leitura, e eles também participaram durante esse período e o genival foi um dos caras que eu tenho amizade hoje em dia muito forte, mas foi um cara que no início era um dos caras que a gente pensou muito que ele não ia continuar nesse processo durante essa caminhada. Mas em [19]95 foi um período que a gente fez toda a revisão do primeiro grau, fez a revisão e foi um período que teve a primeira disputa interna, disputa no bom sentido de aprendizagem, né? Para duas pessoas serem selecionadas para uma viagem em Minas Gerais junto com o professor Manoel Andrade. Tu imagine um cara do meio rural ter a oportunidade de sair do Ceará nessa época. E isso pra gente, a gente pensou que era uma disputa, mas professor ele sabia que era um estímulo a buscar mais conhecimento dentro da ciência, né? E essa gincana, ou olimpíada, ou uma disputa interna de conhecimento foi na disciplina de ciência e o Toinho e o Francisco foram os dois que foram os caras que tiveram mais conhecimentos nessa disciplina, foram os caras que foram a viagem, e quando retornaram no ano de [19]95, falaram da importância dessa viagem, de conhecer outros locais. E a gente perguntava como era a alimentação, como foi a viagem, como foi a hospedagem ou o local onde dormia, tudo isso pra gente era novidade - também uma oportunidade da gente em uma outra disputa interna, um outro local, ir outras pessoas conhecer os locais. No ano de [19]95 nós continuamos nesse estudo, né? de grupo. Hoje em dia conhecido como estudo em células. Lá nessa época a gente estudou em grupo, quem sabia um pouco mais foi coordenador, fui um dos caras, colaborei com matemática durante muito período, muito tempo. E quando a gente terminou toda a revisão do primeiro grau, o Francisco nessa época, relatando um pouco aqui, o Francisco foi o cara que deixou da sexta série, terminou o ensino fundamental pelo supletivo. E durante todo esse

período de [19]95. é importante também que, durante esse período, a gente sempre buscava conhecimento nos estudo, né? Os melhores livros de pessoas que doaram daqui de Fortaleza, de outras localidades, para os jovens que estavam lá no Cipó, na casa de fazer farinha, estudar em grupo e ter acesso aos conhecimentos. ((Comentários do entrevistador sobre o estudo em grupo e o juazeiro, árvore)). [33'00"]

[33'36"]

Primeiro como eu falei, né? Era um período seco e juazeiro para quem não conhece é uma árvore que no período seco ela tá verde, mas quase, eu acho que isso vem de uma história né? do juazeiro, dizem que eram para os retirantes ter um local de apoio quando não tinha casa ou era um sertão muito deserto, para os retirantes e os animais descansarem em baixo. E pra gente, o juazeiro era um local que tinha uma ventilação agradável, o seu internamente, não ia gastar energia para ter calor, para manter a temperatura do corpo. Isso facilitava todo o estudo. E além de você estar em contato com a natureza, onde a gente realizava esse estudo debaixo do juazeiro, né? de dois juazeiros muito famosos lá no Cipó, ainda hoje estão lá e a gente vai preservar eles por muito tempo. E durante ((comentários do entrevistador sobre o processo de estudo na casa de farinha e o ensino médio do Beto)). Isso é importante que, alguns colegas meus relataram que foi em [19]95, [19]96, eu passei tudo fazendo isso, fazendo essas revisões, todo o ensino fundamental. Aí os colegas meus disseram que em [19]95, [19]96, era para eu tá terminando o terceiro em [19]97, terceiro ano do ensino do segundo grau ou do ensino médio, eu tava dois anos sem/só estudando, fazendo revisões, junto com outros jovens daquela região. E, mas só que alguns colegas meus já estavam nesse período de provas, né? e em [19]97, é bom relatar aqui, em [19]96 a gente teve toda aquela/alguns cursos de ciências de português chamado Robson - acho que é Robson, professor de português, na qual o professor Manoel Andrade levou para dar um curso, né? de português, para a gente melhorar os conhecimentos em português. Os professores daquela região, eles tudo colaboraram e melhoraram seu conhecimento. E em [19]97, uns colegas meus estavam concluindo, o ensino médio, em Pentecoste, alguns que pegaram carro, né? que tinha deles que andavam de trinta quilômetros de pau de arara. Quando eu tava estudando ali e os colegas meu José Noberto e Francisco José ou Chicão, como também era chamado, eles estavam fazendo supletivo em Fortaleza, no CEJA do Centro, né? que infelizmente eu não sei o nome agora, mas eles tavam indo, né? e foi um período que o professor Manoel Andrade, estava com dezessete anos, em 2000 e - 6 estava com dezessete anos né? (5.0) dezessete anos e era um período que eu não poderia me matricular no supletivo. Por que a gente não fazia o supletivo em Pentecoste? É bom relatar isso. E por que a gente quis fazer o supletivo? Supletivo era a oportunidade da gente estudar, trazer o material para casa, e estudar, melhorar seu conhecimento, repassar pros colegas e vir e fazer a prova. Em Pentecoste não tinha supletivo de segundo grau nessa época. E aí? faz onde? Tem que fazer em Fortaleza. E me lembro muito bem que até agosto - até agosto de (6.0) [19]96, até agosto de [19]96, de janeiro a agosto eu fiquei só estudando os módulos, né? Como era que prestava esses módulos se não tinha nem isso? Mas o professor Manoel Andrade conseguiu xerocar os módulos de história, geografia, matemática, português, teve inglês, inglês ele não xerocou porque não interessava nessa época pra gente. E levou pra gente estudar lá em Fortaleza. E eu me lembro que durante um mês que eu me matriculei, né? Um mês que eu me matriculei aqui no CEJA, no Centro, eu fiz trinta e duas provas, deu mais de uma prova por dia, porque eu tinha feito uma revisão dos módulos e isso o pessoal do CEJA aqui do centro, disse que: “Não, tá errado. Uma pessoa não pode fazer uma prova por dia. Levar um módulo e fazer uma prova por dia.” E até um deles, o coordenador, o diretor me chamou para conversar né: “Como você está fazendo tudo isso?”. São relatos importantes né? “Como você está fazendo tudo isso?”, E eu peguei e fui explicar né? como é que eu tinha feito. Tinha feito todo esse período, tinha estudado, tinha feito revisão do primeiro grau, tinha estudado alguns módulos, por isso tinha uma facilidade de fazer todas essas provas, durante

esse período. E eu me lembro muito bem que, foi quando concluí né? Isso foi em agosto né? agosto para setembro iniciei as provas e quando foi em [19]97 concluí o segundo grau né? Enquanto meus colegas estavam levando, [19]95, [19]96, [19]97, eu terminei ou concluí antes deles e foi o período que eu tentei vestibular pela primeira vez. Quando eu terminei o/além de estudar o módulo a gente tinha estudos em grupos, se preparando para o vestibular que alguns jovens nossos, alguns colegas nossos, já estavam dentro da universidade e me lembro muito bem que da primeira vez que eu fiz vestibular, acho que foi em [19]97, foi em [19]98, foi nessa época aí né? que eu não sei muito bem. A primeira vez que eu tentei vestibular eu fiquei em sessenta e quatro, eram cem vagas né? agronomia né? Eu disse: “não isso aqui é tranquilo, né?”. Agora eu tinha uma dificuldade muito grande em escrever redações né? eu nunca tinha escrito uma redação. E durante quinze dias aqui, eu acho que eu escrevi umas três ou quatro redações, o professor Manoel andrade colaborava com a gente e eu fiz vestibular, fiquei em cento e - acho que foi em cento e seis e isso - isso ficou né? classificáveis. Eu recebi uma cartinha, não tinha passado na hora do resultado, e eu recebi uma cartinha que eu estava nos classificáveis e tinha perigo de entrar. E eu só sei que entraram os outros cinco classificados e eu era o próximo e não chamaram né? mas também não se desesperou, sabia que isso era um momento de transição, precisava melhorar os conhecimentos em algumas coisas, isso foi um momento que de morar aqui no/Fortaleza né? mas antes disso eu já tinha vindo fazer todos os ((tosses)) os módulos aqui em Fortaleza, né? E vim, professor Manoel Andrade, quando tinha uns jogos aqui né? Um dia me deu um desafio de colaborar com um jovem que morava nessa casa pertencente a igreja presbiteriana, na qual colaborou muito com a gente lá na Princesa Isabel, duzentos e noventa. [42’10”]

[42’11”]

E, isso foi um momento de melhorar meus conhecimentos principalmente na parte de matemática e biologia, né? que eram as específicas. E nesse momento né? eu fiz uma seleção também, nesse período que eu estava aqui. Além de estudar durante todo o dia com os jovens que estavam nessa casa pertencente a igreja, teve um projeto, um vestibular aqui da universidade e também fui aprovado para participar, né? Eu me lembro muito bem um dia de domingo, fiz isso, passei nessa seleção e aqui teve uns colegas meus, colegas e colegas, que a gente fez também um grupo e levava para lá para estudar junto com a gente. E foi um ano no qual eu prestei vestibular, no ano seguinte. Todos os finais de semana retornava para Pentecoste, colaborava com o jovem que estavam lá, mesmo não estando na universidade ainda, colaborava com ele, com o time, com todas as organizações que a gente pertencia né? E isso, no ano de [19]98 prestei vestibular novamente e fiquei, infelizmente, aumentou para cento e quarenta vaga o curso de agronomia, e eu fiquei em duzentos e dois. Aí eu disse: “Um ano de estudo, invés de melhorar o conhecimento, isso tá alguma coisa errada.” Só sei que fiz a segunda fase né? Nesse mesmo período eu me inscrevi para a UECE, curso de matemática, e saiu o resultado da UECE dois dias anteriores e depois saiu o da UFC, da segunda fase. E eu me lembro que o da UECE eu estava / nisso nesse eu tinha retornado para o meio rural e estava esperando o resultado lá. Na UECE eu tinha sido aprovado, para matemática, já tinha ficado um pouco mais tranquilo. E quando saiu o resultado da UFC, eu me lembro como se fosse hoje, estava lá com aquele sonzão ligado, pertencente ao Orismar, sonzão: “Resultado do vestibular acabou de sair”. Comecei a ver o nome né, e eu tinha visto no jornal que o único Carlos Roberto que tinha era eu. E quando saiu Carlos Roberto aprovado, eu sabia que tinha sido eu. E foi assim, um momento de alegria, um momento de saber que tava tendo uma nova oportunidade da vida, de vir a universidade e tava em dois cursos. Tanto em matemática e em agronomia. Isso eu fui para agronomia na UFC, por que? Isso é muito importante relatar esse porquê. Por que esse cara não faz matemática? Esse cara tinha muita vontade de fazer veterinária, mas não tinha conhecimento, curso muito difícil na UECE e gostava muito de matemática. Fui influenciado por outros amigos que estudavam matemática, na qual fizeram

matemática na UECE. Nesse mesmo período passaram também. Mas UFC por quê? Porque nós tínhamos, quando viesse, residência, local onde morar, não precisava morar na casa de tios, de parentes. Tínhamos alimentações de graça. A alimentação, residência, isso era pra gente que vem do meio rural é altamente interessante, é altamente um local de apoio que você tem um local especificamente para estudo. Você imagine morar na casa de um tio, de uma tia, aonde as pessoas não têm o hábito de esse local ser para estudar, e você está estudando e as pessoas virem e conversar e atrapalhar sua concentração. E isso tem feito que isso era dividido em duas turmas né? Passei para a segunda turma, mas aí foi uma/pra mim foi ótimo. Eu, primeira coisa, nós estava num campeonato muito pesado em pentecoste, no período de treinamento. Como eu já era universitário, já estava matriculado, tinha oportunidade de vir treinar no time da universidade, seleção universitária de futebol e treinava todo santo dia. O que eu fazia? Depois de/eu passei né? fui morar na casa da igreja e colaborava com a parte de limpeza, de todo o ambiente da igreja, do espaço, e isso fez né? com que eu fosse treinar no time da universidade, e fui selecionado pela primeira vez para sair do estado do ceará, pra ir jogar um campeonato brasileiro. A gente foi jogar em Aracaju, durante esse período, como eu já era universitário, como eu não estava cursando mas já estava matriculado. Mas estava credenciado para a pessoa participar do time. E durante todo esse período foi um período para eu aprender um pouco mais dentro do horto. O horto de plantas medicinais da universidade. O professor Andrade com o professor Marques deram esse momento de eu conhecer as plantas, conhecer algumas plantas medicinais, algumas plantas da caatinga que tinha dentro desse horto. Isso para mim foi uma grande aprendizagem. Trabalhava um expediente, trabalhava nesse horto, estagiava um expediente, treinava, retornava pra igreja, colaborava com meus amigos na parte de matemática, biologia e física, para que eles entrassem também dentro da universidade. E durante esses seis primeiros meses de universidade, eu/foi isso que aconteceu, fiz alguns cursos dentro da universidade que dava cursos gratuitos e vou iniciar mesmo a faculdade, as disciplinas. Dá uma paradinha aqui só para eu tomar um pouquinho d'água. [48'21"]

VÍDEO 03

[0'00']

Agora, né? eu já tava na universidade e tudo, mas antes disso, importante a gente relatar que no início do PRECE, no início o professor Andrade juntou os grupos de jovens, em seu carro, numa F1000, que a gente veio conhecer Fortaleza, foi a primeira vez que a gente foi a um shopping, primeira vez que a gente conheceu uma universidade, mostrar uma universidade, o que é uma universidade pra gente, isso é uma forma de estímulo, alto estímulos pras pessoas. Conhecer esse mundo pra conhecer, você conhece um mundo pequeno e depois tem todo esse mundo que você pode conhecer e ter oportunidade. Fomos ao cinema pela primeira vez, isso é altamente importante pra gente. E, eu acho que, isso também foi um período, ratificando aqui, o período que eu entrei na universidade foi em [19]90/[19]98, fui aprovado e entrei pro segundo semestre em [19]99. Porém, quando eu iniciei a faculdade, me lembro muito bem, das primeiras/me lembro muito bem da primeira prova que eu fiz, uma das primeiras coisas que/ curso de agronomia é um dos cursos que tem duzentos e cinquenta e quatro créditos, curso grande que tem um período de cinco anos, que leva muito sacrifício dos estudantes e me lembro muito bem da primeira prova, das outras eu não lembro, mas da primeira eu lembro. Professor conhecido, vou relatar o nome dele, que é um professor que a gente não esquece, né? primeira prova que a gente fez na universidade, né? Professor Euclimar, professor de física um, e me lembro né? que eu, uma das disciplinas que eu gostava muito, né? E minha primeira nota foi 7.5, porém porque eu sabia todas as questões, mas a primeira prova que o cara vai fazer dentro de uma universidade, o cara nervoso, errei lá uma conta, errei lá uma multiplicação, e fiquei com essa nota. E durante todo esse período da faculdade, é importante

relatar agora, que passou o primeiro período quando eu iniciei a universidade e tive a oportunidade de ir pro laboratório de bioquímica, com o professor Benildo Carvalho. O professor deu apoio para pesquisar sobre lectina, algumas plantas que tinham suas lectinas, a pesquisa e isso para a gente foi uma oportunidade magnífica, conhecer um laboratório de bioquímica, e trabalhar e ficar como estagiário durante esses seis meses. O importante é que todos os finais de semana dentro da universidade a gente retornava com o professor Andrade e o seu carro durante um período mais ou menos de dois anos, todos os finais de semana, sexta-feira a noite. E durante esse período, a gente tinha dificuldades, dentro da universidade a gente tinha dificuldade de ter recurso mesmo pra sair pra ter roupa bonita, tudo isso a gente não tinha porque vinha de família simples, porém dentro da universidade eu fui um cara que me dediquei muito. Estava dedicado nas minhas disciplinas, curso de agronomia é um dos cursos no qual a pessoa tem que ter uma dedicação exclusiva. E quando foi no/terminando o segundo período, no terceiro consegui uma bolsa do (2.0) CNPQ (2.0), essa foi até o sétimo período, sétimo, oitavo período. Trabalhando especificamente, eu era o estagiário/bolsista de estatística, porém o meu orientador Ivaldo, José Ivaldo, professor de estatística, deu oportunidade e abriu as portas da Embrapa para eu ser estagiário dentro da Embrapa, mesmo eu sendo bolsista do CNPQ. E durante todo esse período ((tosse)) eu tive oportunidade de conhecer os campos experimentais da Embrapa, tanto em Pacajús que nem Paraipaba, trabalhando com o melhoramento de cajueiro, mamão, melão, desculpa, não é mamãe, melão e orquídeas. Professor, pesquisador Paiva, Paiva Rodrigues da Embrapa, que hoje em dia está aposentado. Foi um dos caras co-orientador meu, no trabalho que a gente fez sobre acerola, na qual eu pesquisava especificamente acerola, né? E durante todo esse período fui estagiário, sempre gostei. E uma coisa que foi importante, Orismar, que eu aprendi durante todo o período do Prece antes de entrar na universidade é que o que você aprendesse, passasse aos outros, nunca mais seria esquecido e tinha um melhoramento no seu conhecimento. E isso pra mim foi uma oportunidade para eu receber um recurso de aulas particulares, por exemplo, eu dava aulas particulares pros meus colegas, os caras dentro da universidade junto comigo, mas eu tinha um pouco de destaque, a gente tinha um grupo de estudo, colaborava, a gente fazia ali uma vaquinha e colaborava para que eles passassem/para eu repassar um pouco de aula pra eles. [05'31"]

[05'32"]

Durante esse período, eu dava aula particular de matemática e física para alguns alunos de colégios especiais, nos colégios de Christus, 7 de setembro, durante esse período da universidade. Durante todo esse período que eu estava dentro da universidade eu sempre tive integração contínua. E no penúltimo período já, concluindo o curso, já pensando no que ia fazer. Eu fui ser bolsista de extensão para desenvolver um projeto que todos os finais de semana, antes de/mesmo sem ser bolsista de extensão eu desenvolvi um projeto, colaborava com o projeto lá nas comunidades de Pentecoste. Na qual o Prece, né? E durante todo esse período, [19]90 e no penúltimo semestre, nono e décimo semestre, nós/eu fui ser bolsista de extensão orientado pelo professor Andrade, e isso fez com que a gente desenvolvesse os trabalhos naquela comunidade. E, no décimo período, final, na festa, na formatura que nem nós chamamos, tive oportunidade, vai fazer mestrado ou vai trabalhar? Imagine, já tinha passado todo esse período, né? sem receber recursos financeiros, e mandei meu currículo para Viçosa, né? Minas Gerais, junto com mais dois colegas que concluíram. E os três foram selecionados, aí eu digo: “Eu vou ou não vou? Tem mais uma decisão na sua vida. Eu e deixo minha comunidade, meu município, sem o desenvolvimento, sem a colaboração que eu vim e peguei conhecimento ou vou para Minas, faço meu mestrado, posteriormente meu doutorado, e continuo na vida acadêmica, não sei onde?”. Aí eu decidi a ir trabalhar em Santa Quitéria, em 2004. Concluí esse curso em 2004, concluí que nem hoje em junho. Agora, com cinco dias, estava trabalhando. Teve outras empresas que vieram atrás né? Pelo currículo e histórico.

A gente teve oportunidade de trabalhar, né? Eu fui trabalhar em Santa Quitéria e durante esse período um ano e meio em Santa Quitéria. Fui mais uma vez desafiado. Ganhei dinheiro, brinquei muito, fiz tudo de bom. Durante/fui mais uma vez desafiado, retornar Pentecoste para iniciar um projeto de apoio aos agricultores familiares daquela região. Depois veio a experiência. Agora teve um problema, né? Eu ganhava x e a oportunidade veio para x sobre dois. Você tá com um patamar, acostumado a gastar x e vai gastar x sobre dois. Isso é um desafio na vida da gente. E eu retornei pra Pentecoste, né? Pra:: iniciar esse projeto com os agricultores familiares do Vale do Rio Canindé, com o grupo em NAPR, Núcleo de Assessoria ao Produtor Rural. Isso foi uma experiência magnífica que eu passei a conhecer todo o município. Conheci aquela região toda do Canindé, conheci várias pessoas, hoje em dia ainda conheço, tenho a oportunidade de conversar. E desenvolvi esse projeto durante um ano no qual deu vários resultados positivos, tanto pro Prece, que nem para mim, que nem pras pessoas, pros agricultores daquela região. E tive oportunidade, Secretaria de Agricultura me chamou para prestar um serviço, Agricultura de Pentecoste, e foi a oportunidade que eu tive de conhecer todo o meu município, né? de conhecer cento e:: quarenta e três comunidades, se eu não me engano. Unir esse município de Pentecoste, ele todo, terminei de conhecer todas as comunidades, todos os locais, não conheço todos as pessoas, mas conheço todas as localidades. Isso é uma oportunidade que a pessoa só tem se tiver dentro da comunidade, dentro do município. E durante esse período também trabalhei prestando serviço para o estado, com agropolos. Isso foi minha vida profissional. Hoje em dia, sou educador social da ADEL, Agência de Desenvolvimento Econômico Local, na qual ela é fruto de jovens que vieram do meio rural, vieram a universidade, tiveram a oportunidade de conhecer e retornar a sua comunidade para prestar um serviço aos produtores, jovens, pessoas daquela região, daquela comunidade e do território de Itapipoca, né? A ADEL trabalha nessa perspectiva. E hoje nós trabalhamos especificamente, hoje eu estou trabalhando especificamente com jovens mas também trabalho em vários outros programas, projetos que o Prece desenvolve, sempre estou no meio, porque isso é uma oportunidade que a gente teve de aprender durante todo esse período e isso faz com que a gente fortaleça as amizades, fortaleça o conhecimento e isso dê força para desenvolver vários outros frutos, várias outras oportunidades para outras pessoas. ((Comentários do entrevistador sobre sua moradia durante a universidade)) [11'10]

[11'37"]

Primeiro eu fui para a residência 2133, na qual eu fui colocado para essa residência, e foi durante seis meses, foi um período que eu não tive presente na residência, que eu tinha uns amigos na igreja, ia para a igreja, ia na residência e ficava na igreja. Mas depois me transferi para o Castelo, chamado, residência conhecida como Castelo. E lá tinha muitos precistas, já tinha muitos precistas nesse período. Toinho, Adriano, Noberto, Francisco e eu. Éramos cinco, já tinha muitos precistas nessa residência. Quando eu entrei foi no semestre que o Toinho saiu, mas isso, por exemplo, o convívio na relação entre pessoas que o Prece dá oportunidade a gente, isso colabora muito para que isso aconteça quando você tem a oportunidade de ir trabalhar com pessoas, de ir conviver com outras pessoas, isso faz com que essa integração ou esse partilhamento, aconteça de forma bem legal, bem:: legal mesmo. ((Comentários do entrevistador sobre o falecimento do irmão e de como as amizades o ajudaram a superar essa fase)). Certo, eu acho que assim, né? A vida do ser humano, seja ele como independente de beber ou não, isso eu acho que é orientado ou é guiado por Deus. Eu vejo nesse sentido e isso, nesse momento, desse falecimento, da morte ou do acontecimento, como queira ser chamado, eu não estava aqui no município de Pentecoste, eu estava em outros municípios. Foi um dia de domingo, eu acho que isso ficou muito marcado para im. Eu tinha terminado de chegar do trabalho, estava chegando no hotel e ia descansar, aí um colega meu, conhecido como Tetê, Valdeir Souza Silva, conhecido como Tetê, ligou e disse que tinha acontecido uma tragédia, eu pensei, no momento que ele ligou e disse, que aconteceu uma tragédia: “ Que foi que

aconteceu cara? Meu irmão que no qual era o Félix, matou ou morreu?” Eu já/antes de eu ter saído, quinze dias antes, eu tinha dito a ele que tivesse cuidado na vida, que deixasse mais dessas bebedeiras, dessas coisas, mas eu acho que Deus tem todo um propósito para a vida de cada um, apesar de ter acontecido na Tamarina, as coisas poderiam ter acontecido lá ou ter acontecido em outra comunidade, em outro local, porque aquilo já estava planejado, as pessoas já estavam planejando aqui, felizmente a gente não sabia, aconteceu lá porque nesse momento ele estava lá e eu acho que iria acontecer em um local ou em outro, isso não ia fazer uma grande diferença. A gente luta por justiça e esperamos que a justiça de Deus, justiça da prisão e não justiça feita pela mão da gente, isso que é o mais interessante, acho que nós lá em casa a gente tem orado para isso, crer em Deus para isso, que isso vai acontecer ((Comentários do entrevistador sobre a importância do Prece na vida do Beto)[15’10’]’]

[15’28’]’]

Rapaz, falar do Prece assim na minha vida, eu acho que quando eu comecei a ter vida, quando eu comecei a me sentir gente, foi o momento que o Prece surgiu na minha vida. E durante todo esse período que eu tive afastado ou não, sempre eu tive ligações com o Prece, sempre estive participando dos eventos, dos acontecimentos nos quais o Prece esteja envolvido. E falar do Prece na importância da minha vida, eu acho que o Prece hoje em dia é/que deu horizonte, que deu visibilidade, que deu oportunidade, que fez com que eu conhecesse quatorze estados do Brasil, faz com que todos os meses, muito difícil eu não viajo para estado diferente, faz com que eu ande de avião, faz com que eu tenha um salário digno, faz com que a minha vida financeira, pessoal e de amizade, integração, tudo isso e falar do Prece para mim, né? E isso são oportunidades na vida da gente que nem eu falei anteriormente, são oportunidades que aparecem. Sempre eu digo para os meus jovens que hoje em dia eu estou educando, na qual é perspectiva, sua vida você perde hoje e ganha amanhã, se você ganha hoje, tem que economizar porque amanhã você pode perder, isso o Prece tem feito na vida de várias pessoas, na minha não é diferente. É dar oportunidade, dar conhecimento, dar empoderamento e dar essa fortaleza de vida, né? que nós temos a nossa família, não só eu, mas a nossa família como um todo hoje em dia, minhas irmãs que são três graduadas, minha mãe é graduada, tudo isso vem do fruto de integração e de oportunidade que o Prece gera na minha vida e na minha família. ((Entrevistador pede que ele faça agradecimentos, se achar necessário)). Sim, agradecimentos, né? Primeiro nós temos que agradecer a Deus. Deus tem dado essa oportunidade, tem colaborado com a gente nessa vida magnífica que nós temos. Meus pais, né? Meus pais, todos os eles especiais, meu pai, minha mãe, meus irmãos. Colaborar, eu acho que uma pessoa que colaborou muito na vida, o professor Andrade, que deu incentivo na hora de dar incentivo, deu conselho, colaborou com um efeito de não é hora de fazer isso, mas tudo isso são oportunidades. Meus amigos, especiais eu vou falar alguns aqui, Genival, Orismar, Noberto, Francisco. Minhas irmãs em geral, meus irmãos que tem/sempre nós estamos unidos na discussão, ver o que é melhor para a família, ver o que é melhor para cada um. Isso tem feito muito e outras pessoas, né? De famílias, acho que tem algumas famílias que a gente deve dar sim como agradecimento. a família da Mariluca, meus avós, todos dos dois lados, João Neto e Rabi, meus tios, né? que são para mim também, tia Nonata, tia Tonha, tia Maria, tia Rosenir, tia Osida foi a que eu tive menos contato, que mora em Brasília, tio Estevam, tive pouco contato também que mora em Fortaleza, mas esses outros, todos eles, quando a gente tem oportunidade, a gente agradece pelo apoio, pelo incentivo que tem dado a gente, né? E mais, a gente tem que buscar melhoria, ver qual é nossa perspectiva. Qual a nossa perspectiva? aonde que nós queremos que nós cheguemos, não só o Beto, mas o Prece? as pessoas? Aqui a nossa comunidade tenha pessoas de vida digna, moradia digna, alimentação digna, e isso seja não só em uma família, mas em todas as

famílias que compõem o município de Pentecoste. ((Comentários do entrevistador sobre como ele vê a cidade de Pentecoste e suas perspectivas de futuro para si e para a cidade)) [19'25'']
[19'42'']

Me lembro bem que nossa meta era que em 2000 nós tivéssemos dez universitários, lembro bem dessa meta. Em [19]94 começou o Prece e em 2000 nós tivéssemos dez universitários. E nós tínhamos dez universitários. Em 2010 nós temos uma outra meta, fazer com que as pessoas tenham educação de qualidade dentro do município de Pentecoste. Isso vem desenvolvendo através das EPC's, né? E vou botar em 2025, que é a minha perspectiva, é que o município de Pentecoste tenha uma administração de pessoas que tenham capacidade de gerenciar, de administrar e capacidade e fazer com que as pessoas tornem-se honestas, fazer com que todo recurso que venha para ser aplicado, seja ele em qual algo seja, ele seja aplicado daquela maneira e não pessoas enricando através do dinheiro do povo, isso é que entristece a gente que tem um pouco mais de conhecimento. Mas isso leva tempo para mudar. Hoje nós temos uma oportunidade de uma escola magnífica, escola técnica de Pentecoste na gerência do Prece, junto com a universidade ((Universidade Federal do Ceará - UFC)), coordenadoria do Prece com apoio da universidade. Isso faz com que o ponto de apoio, de segurança, de mostrar coisa diferente para o município de Pentecoste. E também estamos com a oportunidade do Prece ser conhecido em todo o estado, através da coordenadoria do professor Andrade junto com o estado. Isso faz com que dê visibilidade. E o nosso município, buscamos que em 2025 seja um município exemplo de honestidade, de pessoas de conhecimento, e que todas as pessoas tenham oportunidade dentro daquele município. ((Comentários do entrevistador sobre a simplicidade e a humildade de Beto e questiona se ele já pensou em desistir em algum momento)). Como eu falei anteriormente, o momento que eu pensei em desistir foi o momento em que apareceu a oportunidade para eu ter um emprego aqui em Fortaleza, mas depois de um momento de conversa com o pai e a mãe, e o professor Andrade, isso posteriormente passou e depois de ver os exemplos de outros jovens que tinham o mesmo conhecimento que vinha de famílias iguais a minha, isso gerou só visão, fortalecimento e não mais desistir de jeito nenhum. ((O entrevistador questiona sobre a espiritualidade de Beto)). Espiritualidade? assim, sempre participei. Teve um momento que eu estive mais ligado a igreja, teve momentos que eu tive menos ligado a igreja, e agora agente tá nesse momento de decisão na vida, isso é importante para a gente relatar na paz espiritual. E eu tenho orado a Deus, para que Deus me oriente nesse momento, para que Deus me dê visibilidade do que é bom para mim, que eu já sei o que é parte bom para mim, mas eu quero orientação de Deus. Minha mãe sempre conversa comigo sobre orações. Minha mãe é uma pessoa que está muito fiel, que está sempre na igreja, que/mas também eu gosto muito de participar de cultos, vou sempre a missa também. Eu acho que preciso ter uma decisão mais concreta de apoio na parte espiritual. Eu preciso disso e eu estou buscando isso aos poucos. ((Entrevistador pergunta se Beto gostaria de relatar algo que tenha esquecido)). Acho que algumas coisas relatar são importantes, relatar no período que nós íamos para o interior no carro do professor Manoel Andrade que muitas vezes foi multado, muitas vezes ficou no prego, muitas vezes ficamos atolados no meio rural, né? Isso são relatos que ficam marcados na vida da gente. E teve um relato que ficou marcado também, foi no dia que o Andrade trouxe todo o time da Estudantina para jogar dentro do campo da universidade contra o time do Odiorne. E na volta, né? isso é um relato, é uma brincadeira, mas aconteceu. E na volta o - alguns jogadores vinham em cima do carro, outras vinham na bolé, e um frio daqueles, lá para as doze horas, uma fome daquelas que só Jesus Cristo, tinha depois do jogo, né? E um dos nossos colegas, né? amarrou - o cadarço do sapato de um colega nosso no outro em cada pé. Rapaz, quando foi/o Andrade comprou um refrigerante com pão, que esse colega foi pular, nós precisamos segurar, quando a gente segurou, aí eu vi o homem zangado, querendo brigar com a gente ((risos)), mas aí o colega da gente, a gente não precisa citar nomes, um dos colaboradores do time da gente, cara

que colaborou muito com o time, né? E também, eu acho que durante esse período teve uma amizade que ainda hoje é muito fortalecida entre a gente. ((Comentários do entrevistador)). Eu acho que todos os jovens que queiram, sejam eles ricos ou pobres, ou classe média que nem hoje em dia tem. De primeiro só tinha ricos e pobres. É oportunidade na vida, oportunidade que a vida oferece hoje em dia, é o que eu digo sempre para os meus alunos e jovens que colaboram comigo, é que busquem a educação que todos nós temos, agora conhecimento a gente tem que buscar, tem que ir melhorando aos poucos. E isso, através do conhecimento, você tem oportunidade de melhorar de vida, de fazer com que sua família melhore de vida, sua comunidade, posteriormente, seu município. isso é o que eu digo aos jovens desse nosso território, desse nosso estado. [26'17'']

Transcritor: Matheus Alves de Oliveira
Fortaleza, 02 de junho de 2017.
[87'56'']

Narrativa de Vida de Francisca Raquel de Sousa Gomes

Francisca Raquel de Sousa Gomes

14/10/2011 – Fortaleza [94'58'']

[0'00'']

Me chamo Francisca Raquel de Sousa Gomes, nasci em 8 de abril de 1977, sou filha de João Félix e Francisca de Sousa Gomes. Os meus avós paternos chamam-se Manuel [para de falar e depois continua], chamam-se Manuel Félix Gomes e Maria do Carmo Gomes. Manuel Felix já está em memória né, já está com Cristo, mas foram um casal de pessoas que contribuíram muito assim, pra educação mesmo, sem ter muito nível de estudo, mas eles contribuíram pra nossa educação, assim através de conversa, existiam aqueles grupos onde eles sentavam com os netos para conversar e mostrar exemplos, caminhos da igreja. Eles eram uma família muito católica, como afinal até hoje são, mas eles sempre nos ensinaram os bons modos. E já faz mais de 14 anos que a gente perdeu o nosso avô né, o Manuel Félix. Mas, nós graças a Deus, mantemos a nossa avó e até hoje eu tenho convivência com ela e trabalho numa escola bem próximo a casa dela. Tenho a oportunidade de sentar com ela, conversar, mesmo com ela com a idade acima de 88 anos né. Graças a Deus. Enquanto os meus avós maternos assim, eu tive mais afinidade com ele, porque a minha mãe, nós éramos muito pequenos, e a minha mãe deixava a gente sob a responsabilidade da minha avó né. Á, o meu avô materno chama-se Francisco Barbosa de Sousa, ele também não está mais conosco, Deus chamou ele para a vida eterna e ele não está mais conosco. E a minha avó chama Raimunda Lima de Sousa e atualmente ela mora com a gente na nossa casa né. E assim, o meu avô, ele perdeu sua mãe muito nova né, e teve que ser criado pela irmã dele, Luzanira Barbosa de Sousa, e assim, foram muitos sofrimentos na sua infância, teve uma [ela muda a frase] ele teve que morar numas comunidades e a gente pode até narrar [interrompe a fala para mudar a frase], que foi muito importante [interrompe a fala para mudar a frase] que foi assim, que foi muito triste quando a gente lembra desse fato né, que são as coisas que a vida permite que você faça né, foi quando meu avô tinha apenas 5 anos de idade e ele se perdeu em um serrote na comunidade da Capivara, que mora próximo a minha casa e só foi achado após quase 8 horas

depois, ele já estava dormindo mas graças a Deus não aconteceu o pior né. Então assim, ele conheceu a minha avó, ele foi morar nos terrenos dos pais dela, os pais dela tinham mais condições, meu bisavô que se chamava Zé de Lima, e lá ele foi trabalhar ajudar nos serviços da roça e lá ele conheceu minha avó e casaram, ela com a idade de 15 anos e ele com a idade de 18 anos, e tiveram sete filhos, que foram a mais velha se chama Rosenir, a segunda é minha mãe Francisca de Sousa Gomes, mais conhecida como Neném, em seguida vem a Maria Lima, aí tem o Estevão, o Antônio e a Ozita e a caçula que é a minha segunda mãe que é a Nonata, que eu tenho ela como se fosse a minha segunda mãe que foi uma das pessoas que muito ajudou na nossa criação. A tia Maria também ajudou né, mas a tia Nonata é como se fosse uma mãe mesmo. E [pausa] o tempo foi passando e os filhos da Raimunda Lima, no caso que é a minha avó, cresceram né, e a minha mãe conheceu o meu pai com a idade de 12 anos né, e o meu pai tinha 16 anos, que ele é mais velho que a minha mãe. E eles namoraram por mais de 10 anos, e casaram e tiveram sete filhos né, e eu sou a segunda filha. Sobre a minha infância eu tenho muitos fatos a falar né assim, não na casa onde eu nasci, que era muito pobre, simples, onde aço não existia antes como existe hoje, portas normais né, as portas eram umas portas feitas de vara, aquelas portas de palito mesmo e não tinha energia, não tinha água, a casa era toda chorada né. E assim, uma das coisas que a minha família fala para mim que assim sempre quando eu vou falar sobre a minha vida, sobre a minha infância, eu lembro muito disso que foi eles que já contaram, que eu nasci nessa época e não posso lembrar né, que assim, eu nasci na sexta feira da paixão, quatro horas da manhã né, e naquela época a igreja católica era muito diferente de hoje né, você tinha que ter mais responsabilidade, as pessoas acreditavam mais que qualquer coisa que você se alimentasse, no caso a minha mãe mesmo de resguardo tinha que comer peixe, essas coisas porque tava na época da páscoa né, e as pessoas falam também que é muito importante as pessoas que nascem nesse período da páscoa né. [4'56"]

[4'57"]

E assim, sobre a minha infância né, quando foi com a idade de mais ou menos 3 a 4 anos, nós começamos a morar na fazenda chamada Esperança, que fica no município de Pentecoste, bem próximo a sede. La era de um senhor chamado José Gomes, e esse senhor tem um fato que eu lembro muito, eu era pe [interrompe a fala para contar outra coisa], assim, talvez eu tivesse a idade já [interrompe novamente] tava com dois anos e meio, quatro e meio, criança lembra muito das coisas, um dos fatos foi que eu tomei muito banho num canal que existia lá e eu fiquei doente, fiquei com vi, virose, e acabei gripando e tive que pegar outros dias doente. Depois nós fomos embora para outro lugar eu se chamava Jardim, próximo ao Mulungu. E lá, eu já sempre fui uma criança que gostava de cumprir com algumas tarefas, e nós éramos uma família muito pobre, não tínhamos condições, a minha mãe só tinha aquele fogão chamado fogareiro que era colocado no chão. E a minha mãe tinha colocado a panela no fogo e eu fui mexer nas louças dizendo que ia lavar e acabei sofrendo um acidente, com queimadura, tive que vir para Fortaleza e passei muitos meses deitada sob uma cama de palha de bananeira, na casa de um parente que atualmente é meu padrim, o Adalberto. São muitos os fatos que eu tenho de minha infância, os fatos de menina sapeca, de pessoa danada, que gostava de cumprir as tarefas e ajudar a minha família. Logo em seguida quando nós saímos da Esperança, nós fomos pra, [corrige-se] pro Cipó e lá nós vivemos a nossa vida por inteiro praticamente. Lá eu acreditava que ali era como se fosse um espaço nosso mesmo né, tinham os animais o qual hoje ainda eu tenho muita saudade né, do gado, das ovelhas, dos cavalos. Lá eu tinha a oportunidade de andar de cavalo, brincar com os animais, mas eu tinha muita responsabilidade também né, pois nós morávamos numa fazenda, de um senhor fazendeiro né, chamado Antônio Braga de Azevedo, mais conhecido como Antônio Carneiro, e lá a casa era muito grande, a casa estava sempre cheia de colegas, mesmo a gente criança, a gente já tinha a nossa família que sempre estava conosco. Os finais de semana a gente sempre ia para uma

comunidade a qual eu nasci, que era a comunidade da Boa Vista, que eu passava o final de semana com nossos avós né, que é a Raimunda Lima e o Francisco Barbosa, que nunca chamávamos de vô, sempre de mãe Raimunda, que era a forma carinhosa e pai Chiquim né. Aí na segunda feira voltávamos. Houve também quando eu era criança um fato também sobre um inverno pesado que houve assim, que as pessoas ficavam fazendo medo a gente, que os açudes iam arrombar, e nós morávamos no Cipó e lá ficava bem próximos os açudes né e quase todas as vezes quando ficava bonito para chover, nós tínhamos que se deslocar da nossa comunidade para ir para outros lugares pedir abrigos, por causa das chuvas né. E lá nos finais de semana, vinham sempre os filhos do senhor da fazenda que nós tinha umas boa convivência com eles, mesmo nós sendo de classe pobre e eles ricos, mas nós tínhamos nossas amizades, nós tinha nossos compromissos, nossas responsabilidades. Lá próximo do Cipó, quando nós ficamos lá, minha mãe trabalhava três ixdientes, e ela continuou indo para Boa Vista e eu ia estudar junto com ela, nós íamos em um burro, que chamava-se Batalhão, eu lembro muito porque que o nome dele era Batalhão, porque nele cabia além da minha mãe, com mais 5 filhos em cima dele a gente conseguia andar nesse animal, ele tinha características bem forte e a cor dele era branco, e ele era um animal manso. E assim ele servia como transporte para a gente né, como hoje que você tem seu transporte né, naquele tempo as coisas eram difíceis e eram diferentes, e também a minha mãe tinha que trabalhar três ixdientes, porque ela rpecisava ajudar na educação dos filhos e nas condições financeira, que era difícil como até hoje algumas pessoas passam, porque as coisas não se tornaram tão fácil assim. E, após eu sair da [interrompe a fala e muda o que ia dizer], meus primeiros anos de vida foram na escola Paulo Ferreira, na comunidade da Boa Vista, com a minha mãe, Francisca de Sousa Gomes, mais conhecida como neném, lá eu estudei mais ou menos durante um ano, aí depois eu fui conhecendo outros professores né, como no caso da escola que eu passei muitos anos lá né, mas logo os primeiros ano foi nas cacimba, com a professora Maria Dismar de Almeida Costa, que até hoje ela ainda está na ativa, continua prestando serviço pro estado, e lá eu estudei durante alguns tempos, de Pentecoste passava pela administração da prefeita Margarida Gomes de Araújo, e lá nesse tempo, além da escola regular que tinha, que tinha lá uma escolinha que não era bem um prédio, que funcionava na casa da professora, existia também uma creche, existia lá também posto de saúde né, onde as famílias eram cadastradas, e pagavam uma quantia pela uma associação e tinha direitos a medicamentos e remédios, funcionava pela associação, a qual além da professora Erismar ser professora ela também era presidente da associação e trabalhava também no posto de saúde junto com a minha tia, no NADA que foi, foram as duas primeiras pessoas da comunidade vizinha trabalhar na área da saúde. [11'07"]

[11'08"]

Com o passar do tempo, eu passei esse tempo estudando lá, surgiu a escola no Cipó, que foi feita pelo prefeito João Gomes [pausa] João Gomes, sendo que não é o João Gomes filho, é o João Gomes pai, o João Gomes velho né, que foram construídos no terreno do Arão de Andrade né, uma escolinha onde só tinha uma sala de aula e lá funcionava manhã e tarde. Após construir essa escola foi pedido a transferência da minha mãe, lá do Paulo Ferreira pro Cipó, então já que construíram a escola no Cipó, ficou mais próximo de eu voltar a estudar com a minha família né. Eu estudei com a minha mãe durante alguns tempos né, estudei também com a filha do seu Arão que passou algum tempo na ativa né, que é a Ioneide de Andrade. Lembro também dos fatos de algumas análises que eu fiz com os meus professores que eu não posso deixar de narrar os fatos né, é que assim, naquela época, existia uma parte chamada de vocabulário e a Ioneide pediu que eu estudar para que ela fizesse as perguntas e eu sempre fui muito teimosa e achava que era dona da situação, e eu não estudei, não participei da atividade que era como se hoje fosse uma dinâmica e não respondi, aí ela disse pra minha outra colega que se chama Cirleane, que nós não íamos para casa cedo, nós íamos

ficar até depois de 5:30, então assim ela ficou em uma porta, e como o colégio tinha duas portas, ela ficou em uma porta e fechou a outra, e nós conseguimos sair, e ainda saímos chamando nomes desagradáveis uns com os outros colegas, os outros colegas tinham feito as atividades direito e a gente não tinha feito, achamos ruim porque eles tinham feito o dever né, que a gente não tinha feito, e hoje eu vejo assim, que quanto é difícil você estar na ativa, você ser professor né, naquela época as pessoas respeitavam mais e mesmo assim eu fiz isso né, imagine hoje você na ativa, do jeito que as escolas tá mudada, a educação tá mudada, até por falta de educação dos próprios pais com os filhos né. E são tantos os fatos de minha infância e tem outros também que eu não posso esquecer, é assim, eu participava das atividades da igreja com a dona Sinhá, era uma tia do Arão, mais velha, ela me ensinava muitos bons modos. Tem uma parte que ela ensinou que até hoje eu lembro muito, que é assim, Deus deu essa oportunidade a mim, que ela falava muito sobre a mulher sábia né, e assim, eu consegui graças a Deus ser essa mulher sábia, e assim, isso também eu devo a ela, que era uma mulher de idade, levava a gente para a escolinha e ensinava bons modos. E algumas atividades e algumas coisas sapecas que eu fazia em minha vida, assim, meu pai muitas vezes passou a mão em minha cabeça, mas a minha mãe não, ela sempre cobrou, deu carinho, deu respeito, mas disciplinou quando foi necessário. E assim, eu devo isso tudo a eles né, porque sem eles eu não estaria aqui, não seria a pessoa que eu sou hoje né, graças a Deus. E também assim, agora eu vou falar um pouquinho dos meus irmãos né, que assim, estão presentes na minha vida né, e as coisas foram assim, graças a Deus para mim a família é tudo, assim, família é o sustento né, é uma árvore edificada né, é um muro. [14'52"]

[14'53"]

E assim, a minha irmã mais velha, que é a Silvia né, ela é especial, mas ela assim, não teve muita oportunidade de aprender, ela conhece algumas coisas, tudo o que você fala, ela sabe né. Ela assim, ela me ajuda, me ajudou desde o tempo de criança até os dias atuais hoje né, que ela participa das atividades comigo, vai para a igreja comigo, fica na minha casa comigo, fica na casa da minha mãe, mesmo ela tendo alguma deficiência, mas ela sempre esteve presente em nossas vidas. E o segundo né, é o Beto, que tá presente comigo em todos os momentos, desde a formação do PRECE até os dias de hoje né. O Beto também tem uns fatos né, que ele muitas vezes teve que ser disciplinado, porque assim, tinham umas brincadeiras que a gente fazia, eu, o Beto e o Felix, que era os mais ativos né, nós tínhamos muitas brincadeiras, como de pega-pega, de jogo de bila, de pedra e de amarelinha. E assim, eu sempre conseguia ganhar deles né, lá em casa se alguém ganhasse alguma coisa do outro, se chorasse tinha pea né. E assim, eu lembro de duas vezes que o nosso pai colocou a gente de joelhos e deu umas lapadas na gente, mas ele tinha tanta pena de bater na gente que ele batia com a chinela. Ele fazia mais zuada [interrompe a fala para mudar a frase], a dor da zuada era maior que a dor da chinelada que ele dava na gente né. E sempre, o meu pai teve muito cuidado com os filhos, e assim, ele passou a mão na cabeça às vezes com medo de chatear. E assim, isso em alguns momentos, talvez naquele momento que eu era criança eu achava isso muito bom né. Hoje não, hoje eu quero que cada vez mais eu, como você mãe ou pai, tem que cobrar mesmo dos filhos, não passar a mão na cabeça com medo de chatear né. Mas graças a Deus, nossos irmãos, nossa família, não deram trabalho uns pros outros. E também tem o Felix né, que é um menino que não está mais no nosso meio, que o destino permitiu que ele fosse pro céu, não está mais aqui no nosso meio, assim, ele ajudava meu pai nas atividades né, do gado, pegava o gado, gostava de jogar bola, participava das festas né. E assim, teve um fato que aconteceu em minha vida que eu lembro muito assim, lembro de tudo quando aconteceu. Nós [gagueja e reinicia a frase de outra forma], como eu estava falando né, nós fazíamos parte das escolas das cacimbas, na Manuel Sales, com a professora Maria Irismar, e todas as datas comemorativas, ela era muito organizada, ela organizava diversas atividades, então ela organizou o dia das mães e quando chegou lá, eu fui com as crianças porque eu

levava meus irmãos né, os mais novos, no caso o Beto, O Félix e a Silvia, não tenho lembranças se a Carmem foi, mas nós 4 eu lembro muito. E quando chegou lá, tinha um senhor que chama Chico Carlos e existia os filhos da dona Celeste, né, é d outra comunidade também do Cipó, vizinho, e tinha o Félix e o Beto. E eram mais ou menos umas seis crianças, o filho da dona Celeste irmão do Eudes Costa, o Carlinhos e o Mardoni e outros, e os filhos do seu Edimar. E lá essas crianças começaram participar de queda de corpo e quem ganhasse o senhor Chico Carlos daria um pacote de bolacha e uma rapadura, e o Félix, mais forte, sempre conseguia derrubar uns os outros. Aí a mãe de um, do Erialdi chegou a ver isso né, então ela foi lá, pegou o Cipó e bateu no meu irmão, mas eu logo fui lá e fiz a mesma coisa com ela, porque assim, é por isso que eu digo que família é a base de tudo, porque assim, mexeu com a minha família, mexeu comigo né, e principalmente assim, você criança, naquele tempo não existia muito essa fase de adolescência como hoje você passa por etapa né. E naquela hora eu fui lá e disse para ela, se você realmente vai bater no meu irmão, eu vou bater em você, mas hoje eu como educadora, eu como professora, eu como defensora do programa do PRECE, faço tudo, tenho que dar exemplo, eu sentaria para conversar, mas quando você é criança, você não pensa assim. E após eu sair dessas escolas, foram momentos de estudo, eu passei por muitas dificuldades nos meus estudos. Eu estudei também com outra professora, que se chamava Glaucineide, que era uma das filhas do seu Arão que passou bem pouquim dias, que foi questão de dias que ela substituiu lá, às vezes a Claudia, passei por várias experiências em sala de aula com os professores né. [19'54"]

[19'55"]

Assim também tem meus outros três irmãos né, dois praticamente foi eu que criei né, no caso a Lucinha, que hoje moram aqui em Fortaleza também tá na ativa, trabalhando como professora, e o João Filho. Assim, foram duas crianças que éramos como se fosse meus filhos, quando eu ia sair de casa eles choravam para eu não sair, e eu tinha que cuidar deles como se fosse mãe, porque assim, como eu já falei né, a minha mãe trabalhava três horários, e assim eu tinha que ter responsabilidade de cuidar das crianças, fazer as atividades da casa na qual a casa grande que eu morava, que parecia com a história da senzala que era a casa grande que eu morava, onde tinha diversas responsabilidades, você tinha que limpar e cuidar né, mas mesmo assim eu tinha que dar conta daquelas duas crianças, que a Lúcia assim, até hoje eu digo assim, é como se fosse a minha filha. E assim, o João Filho foi uma criança que passou por uns problemas de saúde, que não foi muito boa, e assim, todas as vezes que ele ia sentir uma crise, que ele dava aqueles ataques que eram problema de saúde, ele gritava sempre o meu nome: “Raquelzinha não deixa que eu morra”, e assim eu tinha ele, tenho né, meu irmão mais novo como se fosse o meu filho né, ele nunca gostou de estudar muito, nunca chegou a terminar o ensino [pausa curta] médio né, ele não gostava de estudar. E assim, devido esses problemas de saúde minha mãe não pode cobrar tanto quando ela cobrou dos outros né, porque ele não gostava de estudar. E ele está bem, ta com sua vida mais ou menos, é casado, tem um lar né, mas quem é que não deseja que todo mundo possa cursar o ensino superior né, ter a sua vida estabilizada e possa voltar para ajuda as suas comunidades, porque não adianta você só estudar e estar bem, e esquecer que lá atrás você deixou uma comunidade que tanto acreditou em você. [22'06"]

[22'07"]

Aí também tem a Maria do Carmem, né, que é conhecida como Carmem, que é professora de educação física na escola da Eteuvina Gomes Bezerra e na escola Tabelaão, lá no município de Pentecoste. E a Carmem, uma menina calma e serena né, tem fatos que nós precisamos ser disciplinadas, pois como morava na casa grande né, tinha a safra de algodão, e lá as pessoas trabalhavam na fazenda e sacavam aqueles sacos de algodão e ficavam todos lotados, nós abríamos espaço entre eles, lá no alpendre, para se esconder e ficava brincando, quando nós estávamos brincando de repente apareceu uma vaca e eu e a Carmem barruamos uma na

outra, e aconteceu um acidente, ela levou um corte no olho, passou um monte de tempo doente né. E quando tudo isso acontecia, sempre quem era culpada era eu, porque era a mais, era como se fosse a mais velha, porque a Silvia é especial e não tinha o tanto da responsabilidade né, as cobranças vinham para mim, à disciplina maior sempre era cobrada por mim, né. Também tem a Edna né, que a minha mãe mais meu pai uma vez foram fazer uma visita na casa de uma senhora, na comunidade de Cacimba, essa senhora estava doente com câncer e quando chegou lá, meu pai viu o pai dela batendo muito nela, né, sem ter carinho e sem ter respeito ele perguntou se ele daria aquela criança para morar com a gente, e ela já tinha sete anos. Eles deram. Ela morou coma gente durante nove anos. Aos dezoito anos ela encontrou uma pessoa, vive com ele, tem um filho e também não quis muito estudar, nem terminou o ensino médio, mas assim ela... nunca é tarde para você recomeçar né. Eu acredito que eu vou ver todas essas pessoas da minha família, mesmo que não seja formada, eu vou ver estabilizada e podendo mostrar um dia que todo mundo vai vencer no tempo certo, porque o tempo de Deus é diferente do nosso tempo né. E hoje eu ouvi uma frase, que eu acho que essa frase vai ser para o resto da minha vida, porque assim, onde a frase aparecia, dia que “a sua casa vai se encher de estrelas”, e as estrelas que a qual eu acho que precisam preencher a minha casa é estrelas mandadas por Deus, estrelas de educação, estrelas de políticas públicas, estrelas de dias melhores, não só para a minha casa, mas para a comunidade do Cipó e o município de Pentecoste, as pessoas que formam a família Prece em si né, porque assim, falar de educação você não pode deixar de botar a instituição PRECE em si em primeiro lugar, pra que essas estrelas possam brilhar pra nós que fazemos parte dessa instituição possamos estar servindo de exemplo para essas pessoas, né. [25’19”]

[25’21”]

Então chegamos ao momento de começar, iniciar o meu estudo no fundamental, né, que foi na mesma escola, na Manoel de Oliveira Sales, com a professora Maria Irismar. Nessa época a gente trabalhava com o sistema de TVE, algumas pessoas conhecem esse tipo de sistema, onde o professor passa a explicação na TV e depois a gente se reúne em grupo para debater o assunto e foram quatro anos, quatro anos de muitas lutas, de muitas dificuldades, como as pessoas sabem né, que na escola regular você tem muitas dificuldades de leitura, de escrita, de interpretação de texto, até porque era uma só professora para trabalhar todas as disciplinas do português, inglês, matemática, geografia, biologia, educação física, artes e outras disciplinas que apareciam naquele momento né, e só era aquela professora para dar conta desse tanto de disciplina. E quando eu terminei o ensino médio, eu tinha muita dificuldade né, mas assim, eu procurei tentar melhorar né, então foi, então quando certa noite, nós estávamos na minha casa né, já participava de [ela muda de frase] surgiu umas reunião lá no Cipó, na antiga casa de farinha né, aí uma certa noite, nós estávamos na minha casa né, com meus irmãos, tava nos preparando para a festa do oitavo ano, que naquele tempo se chamava oitava série, que hoje chama oitavo ano, lá na escola das Cacimbas, e eu fiquei conversando com o Beto, que é o meu irmão né, e o Nacélio e o Du, e perguntando o que é que nós iríamos fazer agora que estávamos terminando a oitava série, como é que ia ser a minha vida né. Mas assim, naquele momento eu tinha uns planos né, pois eu morava na casa do prefeito na fazenda, e eu tinha certeza que se eu terminasse a oitava série e conseguisse fazer o segundo grau, eu tinha todos os empregos garantido, pensava eu que aquele sonho se tornava realidade né, tinha os empregos garantido porque eu morava na casa do prefeito, e aparentemente era como se ele dissesse assim: “Faz e vai acontecer né”. [27’41”]

[27’42”]

E eu terminando a oitava série com professora Maria Irismar, fizemos aquelas festas, aquelas coisas que acontecem no interior né, e ficamos né, parada, pensando, isso foi em dezembro. Quando chegava janeiro, você tinha que pensar né. Lembrando que era no ano de oitenta e oito a oitenta e nove, por aí, era oitenta e nove. Quando terminamos essa festa né, ficamos

pensando. Aí apareceu a casa de farinha, que já estávamos lá, aí a casa de farinha não era muito funcionada como casa de farinha né, mas existiu algumas farinhadas lá, algumas farinhadas foram feitas pelas pessoas da comunidade da Capivara e o Cipó chegaram a fazer farinha lá. E aquele espaço estava lá né, acontecia também na quadra que tinha lá, jogos com as crianças, mesmo sem saber que aquele espaço seria um dia unicamente voltado para estudos né. E o Beto participava de jogo com os meninos, com o Du, com o Narcélio e os meninos da Camarina também. Uma certa vez, ele se reuniu com o professor Manoel Andrade e nessas reunião por aí eu acho que, com certeza, eles falaram sobre estudo, porque quando eles chegaram para mim, eles já estavam com o esquema montado, pra dizer se daria certo né. E foi então que o Andrade chamou a minha mãe, o meu pai, os pais do Nacélio, e o Du, para conversar um dia lá na casa do seu Arão, domingo à noite, na cozinha, lembro muito como se fosse hoje, para falar sobre uma possibilidade de formar um grupo de estudo. Mas, eu pensei, “formar esse grupo de estudos como?”, se nem de nada a gente sabia, não sabia fazer praticamente nada, eu tinha apenas aquele pedaço do papel na mão que seria o certificado. Mas naquele momento eu não pensava, eu não pensei realmente em ficar ali, porque eu sabia que ia ter como eu ir para Pentecoste e estudar lá, mas no momento eu fiquei pensando, aí quando foi um dia a minha mãe se preparou para fazer a matrícula, né? Lá em Pentecoste, e eu não tive coragem de deixar ela fazer a minha matrícula, então ela fez só a matrícula do meu irmão, né? Do Beto, e ele chegou a ir. [30’11”]

[30’12”]

Existia duas escolas lá, uma era João XXIII, que era particular, e era outra era Tabelião. Ele chegou a ir né, mas por lá ele passou algumas dificuldades, né? Porque nós éramos família pobre, ele usava havaianas para ir para a escola e os alunos começaram a fazer mangofa ((sic)) dele e essas coisas. E daí então foi que eu realmente percebi que nós realmente tínhamos que acreditar em um grupo de estudos. O Andrade chamou outras vezes para conversar e acreditamos naquela conversa. Nesse momento eu ainda não tinha idade para começar o ensino médio, né? Porque aqui em Fortaleza nós precisávamos vir para fazer o supletivo, mas nós precisávamos completar a idade de dezoito anos, não é como hoje que você pode começar a fazer e receber o certificado quando tiver dezoito anos. [31’04”]

[31’05”]

Então se juntamos né? Toinho foi/era uma das pessoas que já estava na ativa como professor. Ele tinha feito aquele programa chamado Logus Dois. Então foi ele uma das pessoas que contribuiu assim, porque ele era mais desenrolado como fala popularmente as pessoas, né? Ele já era professor, ele não tinha tantas dificuldades como nós. Nós tínhamos tantas dificuldades, a gente dificuldade até em conversar um com o outro, dizer como é que ia funcionar, se daria certo. Então fomos/ficamos na casa de farinha, eu, o Du, o Orismar e o Toinho. Aí após chegou o Noberto e o Francisco, foi um grupo, né? Assim, eu seria uma pessoa muito protegida, né? E também, ao mesmo tempo apontada pelos outros, né? Porque eu seria a única mulher no meio daqueles tantos homens. Mas ao mesmo tempo eu estava protegida, pois eu estava ao lado do meu irmão e a casa do seu Arão era próxima, e a minha família ficava bem perto. [32’10”]

[32’11”]

Lembrando né, que eu quero fazer uma correção que não foi no caso no/no/ no noventa e nove, mas sim no ((mil novecentos e)) noventa e três que nós terminamos o ensino fundamental, no caso eu, o Eudimar, conhecido como Du, Nacélio e o Beto, porque nós éramos os quatro alunos que vinham da escola das Cacimbas, da Escola Manuel Sales, e fomos as pessoas que foram participar do PRECE. Mas no primeiro momento o Nacélio não foi participar com a gente né, só depois de um tempo. Quem foi foi o Du e os demais colegas que já foram citados, né? E lá no Cipó eu lembro que uma das nossas primeiras reuniões de estudo, o Andrade levou uma das colegas com ele, que era a Kátia, e:: onde ela foi para fazer

enfermagem, e levou também uns materiais de biologia. E lá ele botava a gente para estudar na semana e quando chegasse o final de semana, nós tínhamos que falar alguma coisa daquele livro para ele, e assim eu particularmente tenho medo até de falar, né? Porque assim, nós não sabíamos muitas vezes nem pronunciar as palavras que estavam dentro do conteúdo do livro. O Toinho era que nos ajudava, né? E antes da formação desses sete grupos/sete pessoas num grupo lá em Cipó, que fomos sete, existiu também o curso de datilografia que foi passado pelo Toinho, vinha gente da Serrinha, da Canafístla, do Riacho do Meio, da Capivara, e um curso de português também, né? Que eu participei junto com as minhas irmãs e minhas primas, até hoje eu ainda tenho meu certificado guardado lá em casa. Lembrando que nós estamos numa era moderna, numa era digital, né? Mas eu ainda tenho meu certificado de datilografia guardado como lembrança daquelas dificuldades que nós passamos. E naquele tempo não era todo mundo que tinha a oportunidade de fazer o curso de datilografia. Algumas pessoas tinham que ir lá para Pentecoste pagar bem caro e lá não, esse curso acontecia sem nenhum pagamento, cada pessoa participava de duas aulas durante a semana e existia um tempo x para você realizar as suas atividades. [34'29"]

[34'31"]

E existiam também naquele momento, lá também, uma creche, naquele momento as creches da formação com o PRECE, existiam também umas creches que funcionavam na Camarina, na Capivara, chegou funcionar até em outras comunidades mais distantes, que era a do Mulungu. Eu sei que quando o tempo foi passando e nós fomos estudando em grupo, foram muitas lutas e - muitas vezes eu pensei em desistir e deixar tudo para lá, né? Mas assim, quando eu via que só acreditando no sonho e lutando que eu ia conseguir superar todas as lutas, todas as dificuldades foi que continuei né? E naquele grupo às vezes, eu era uma das pessoas mais assim, relaxada com meus estudos porque eu era uma pessoa que gostava muito de limpeza, que não gostava de estar no meio de qualquer coisa desorganizada. Sempre quando eu chegava à tarde para estudar, os meninos: Orismar, o Du, o Francisco. O mais organizado era o Toinho, eles sempre tinham deixado alguma coisa desorganizada, né? E eu não chegava lá e ia pegar logo meu livro não, eu ia fazer alguma limpeza, varrer, cuidar. Eu me preocupava muito com os meninos, com as roupas deles, com as coisas deles, porque assim, eu queria ver eles - não só apenas formados, mas eu queria ver eles cuidados e zelados, por eu sabia que os pais deles não estavam ali. Nós morávamos na casa grande né? E lá nós fazíamos um queijo, uns cinco quilos, sempre procurava tirar, como as pessoas chamam, beirada de queijo, levava rapadura, farinha, as coisas para mim e não só para eles, pra eu comer e eles também. Porque assim, eu tinha pena deles, quantas vezes eu já cheguei lá e via eles comendo farinha com açúcar. E as redes deles, sem condições, eu levava para lavar as roupas, cuidava, lavava, engomava, porque assim, para mim eles eram, ainda são até hoje como se fossem meus irmãos. Porque assim né, convidava sempre os meninos para almoçar lá em casa, jantar, e assim sempre, às vezes a gente deixava para ir para casa a noite que já era para ter um pretexto para levar eles pra jantar lá em casa, porque eu tinha pena de deixar eles com fome, sem condições. Lá existia apenas um fogão e não tinha carvão, não tinha gás, porque nem eles tinham condições e nem os pais deles, eles podiam ir lá na casa deles e ta trazendo, que mais fazia isso e que fazia, e eles deixavam para ir a noite para o pessoal da comunidade não ver eles passando com as bicicletas e ainda diziam assim pras pessoas da comunidade, além de viverem, porque algumas pessoas da comunidade chamava a gente de os desocupados, os vagabundos, que iam virar gays, que ia acontecer isso, que ia acontecer aquilo. Mas assim, a gente nunca levou isso em conta porque eles eram pessoas menos esclarecidas, não conheciam uma educação de qualidade, não eram voltados para as políticas públicas e a gente sabia que as pessoas da comunidade falavam sem nenhum sentido. Ruim mesmo era quando você via algum educador, algum professor, que realmente sabia o que era a educação e eles em vês de nos ajudar, eles apontavam e saíram fazendo comentários sobre a

gente, porque assim, eles tinham uns medos da perda dos alunos deles, a instituição ((PRECE)) foi crescendo, o número de pessoas foram aumentando, e eles foram tendo medo que iam perder o espaço deles na educação, mas eles não poderiam pensar assim, eles tinham é que se juntar a gente para creditar que dias melhores viriam pela educação. E quando a primeira pessoa passou no vestibular que foi o Antônio Rodrigues né? O Toinho, conhecido como Toinho, começou a modificar aquela comunidade, a comunidade começou a acreditar né? Nós existíamos lá, que nós que fazíamos parte do PRECE, fazemos, a maioria das pessoas, elas fazem parte do PRECE, mas elas também fazem parte de uma instituição da igreja né? E nós nos reunia, nas quintas feiras nas orações, aos domingos, aos sábados, para orar por esse grupo e até hoje esse grupo ainda é sustentado a base de oração, porque quando você crê que existe um deus, você tem que entregar as coisas nas mãos de Deus, né? [39'06''] [39'07'']

E assim, a primeira vitória do primeiro aluno do PRECE, no caso o Toinho, foi uma benção de Deus, porque no momento que acontecia o vestibular, mesmo vendo só aquele rapaz que veio lá pra casa do Andrade, somente ele, a nossa igreja ficou reunida no domingo pela manhã, porque naquele tempo os vestibular só aconteciam no domingo pela manhã. Todo mundo ficou orando e pedindo vitória para ele. E assim, as coisas foram melhorando, Toinho veio embora para cá, e teve uma ótima colocação no vestibular e nós ficamos lá, nós seis, foram aparecendo pessoas como Nacélio, o Chagas passou um tempo morando na casa de farinha, o Genival, e foi chegando pessoas novas. Mas assim, nós ajudávamos financeiramente, assim, não em termos de dinheiro, mas em alimentação, a minha família, a família do Seu Arão, sempre o que estava disponível ajudava, em dormida, em rede, em qualquer que seja a coisa, porque assim, a minha mãe já tinha o emprego dela já mais ou menos fixo, Seu Arão tinha a família que estava em nível mais ou menos, e só existia aquelas duas famílias que mais apoiavam. E assim, existia duas famílias que nos apoiava né. Algumas pessoas poderiam dizer assim: também se a tua família não apoiasse, quem apoiaria né. Mas era a minha mãe e a família do Seu Arão. Essas duas famílias não mediam esforços para apoiar, era com os animais que utilizava, era com as bicicletas que eram o transporte que tinha naquele momento, era com aquele cuscuz com leite e algumas pessoas, às vezes, dizia que só comia isso. Isso fortaleceu e deu certo. Hoje né, todos praticamente já venceram, já estão estabilizados. E assim, é por isso que eu digo assim, que você não deve deixar de lembrar das coisas boas e das dificuldades que você passou né, porque assim, as vitórias são muito mais saborosa quando é com luta né? E também tem um fato que eu não posso deixar de narrar que foi acontecido na nossa época de estudo, certa vez eu fui para Capivara com minha prima chamada Fátima, mais conhecida como Preta, quando seu Orismar mais o Nacélio, organizaram lá uma brincadeira meia chata com a gente, utilizando cordão e bomba, na hora que a gente abrisse a porta a bomba explodia né? E assim, foram muito medo, muitos nomes feios que a gente chamou com eles, eu mais a Fátima, mas nós não podia fazer nada não. Nós tentamos destelhar as telhas, jogamos pedras neles, para que eles aparecessem. E o pior é que eles não apareciam, ficavam escondidos e a gente pedindo socorro e as bombas explodindo, eles amarraram diversas bombas nesse cordão. [42'06'']

[42'08'']

E também o apoio que o Andrade nos deu né? Porque assim, ele tinha a sua família né? Tinha a sua filha pequena. Ele e a Ana não mediam esforços para nos ajudar, e nós vínhamos, utilizava as camas que tinha na casa, comia a comida, usava o espaço no carro. Tudo, ele foi a base de tudo. Porque assim, nunca mostrou cara feia, se gostava do que nós fazia ou não, a cara era a mesma. Ele nos ajudava com conselho, com oração, com leitura, com escrita, com tudo. Muitas vezes ele chegou quando tinha algumas férias, uns feriados, eu, Francisco e o Norberto, que era os que fazia supletivo aqui passávamos de semanas tomando conta do apartamento, ocupando aquele espaço e comendo o que tinha na casa dele, o que tivesse lá era

como se fosse nós, mesmo sem nós ajudar. E assim, muitas vezes para nós vir aqui para Fortaleza, no caso deu mais meu irmão, quando os pagamentos da prefeitura chegou um período que era na época que o João Paraíba Filho estava na ativa. Ele chegou atrasado diversas vezes, o pagamento, e a minha mãe não podia pagar nossas passagens, ela tirava galinha do terrero dela e vendia para a gente vir e pagar nossas passagens. Eu não tenho vergonha de dizer das dificuldades que nós passamos, de muitas vezes querer merendar e não ter com que, tinha que comer aquilo que seu dinheiro dava, não é todo dia que/essas histórias, sanduíche, pizzas, essas coisas, isso não existia, porque nós não tínhamos com que, mas assim, eu sou muito feliz porque o que tinha na nossa casa não era só da minha família, era da minha família, do PRECE, como até hoje. A nossa casa, a minha casa, a casa da minha mãe, a casa da minha família é aberta para as pessoas que fazem parte do PRECE e de outras instituições também que precisarem de pessoas. Porque assim, eu tenho que mostrar diferença, eu sonho com educação de qualidade pra Petencoste, eu sonho com dias melhores, eu sonho com políticas públicas, onde os educadores podem expressar sua opinião, o que deve mudar dentro da sala de aula, o que deve mudar na saúde, porque a constituição ta lá, feita e organizada, bonitinha. O estatuto da criança ta lá, mas funciona? Não! Então assim, você que faz parte da educação, você tem que mostrar diferença, tem que ter coragem de arregaçar as mangas e lutar pela educação de Pentecoste, de Apunhães, de General Sampaio, que é onde o PRECE está se expandindo, crescendo cada vez mais, né? [44'46"]

[44'47"]

E o meu ensino médio, eu fazia no Centro, né? Aqui em Fortaleza, vinha para a casa do Andrade como eu já destaquei, vinha eu, Francisco e Norberto, né? E fazíamos prova. Então surgiu a ideia lá em Pentecoste de fazer o curso lá mesmo, então lá eu iniciei e passei alguns meses fazendo lá. Com o passar do tempo apareceu a ideia da EJA vir direto da Itapipoca até o Cipó, então de quinze em quinze dias vinha dois representantes da EJA passar prova no Cipó. Aí nesse tempo não ficou mais só os três alunos, chegou ao momento de ter dezoito, vinte alunos, que faziam prova em quinze e quinze dias. E naquele tempo não era como hoje, naquele tempo a média era oito. [45'34"]

[59'21"]

E assim, que bom seria se nós estivéssemos em cada área, por exemplo, eu que sou de história estivesse só com a história, alguém de geografia estivesse só com geografia, isso seria um dos primeiros passos para que começassem melhorar o nível de educação. O professor da educação infantil tem que ser especializado naquela área, você ser especializado na sua área e trabalhar com o que você faz, né? O PRECE teve uma contribuição que eu não tenho palavras para descrever o que ele mudou na minha vida, né? Porque com o conhecimento que o PRECE repassou, com as lutas, dificuldades divididas entre eu e meus sete colega e os demais que hoje são milhões, né? Que a gente pode contar que são muitos e muitos alunos né. Foram - tudo que a gente aprendeu foi dividido junto, e ele me ensinou muitas coisas, dividir o bom, dividir o ruim, aprender a esperar, que há momento para tudo na vida, se antes o que era sonho, ele me fez ensinar que vai se tornar realidade, hoje quando eu vejo aquela que era a antiga casa de farinha, está naquela casa, daquela forma, e vai se transformar num museu, quando eu vejo aquele auditório todo pronto daquele jeito, eu não acreditava só via plantas ali, né? E o PRECE me ensinou que a minha comunidade vai ser diferente. Hoje não/ta tudo diferente? Não está. Mas levo tempo? Leva. Mas vai conseguir. Aquelas escolas não estão como eu quero, mas ele me ensinou que vai dar certo, não é hoje, não é amanhã. Leva dez anos? Leva. Leva vinte? Leva, mas vai mudar. Hoje após o PRECE eu sei assim, que eu posso falar, mas eu tenho que aprender a falar na hora - certa e ter cuidado quando se fala, porque assim, às vezes nós somos apontadas por muitas vezes, né? Muitas lutas, e nós que fazemos parte do PRECE temos que ter cautela com as coisas, porque nós somos muito observados, muito visto, e ele me ensinou tudo isso, né? E o que ele mudou na minha vida? Eu ainda sou

explosiva, mas eu aprendi a esperar, que todos vão vencer na hora certa, ele vai me dar tudo certo na hora certa, ele vai me dar tudo certo na hora certa. Quem é esse alguém que vai dar a gente? É Deus. Porque assim, tem uma coisa que nós precisamos colocar na nossa cabeça, que Deus nos dá tudo na hora certa. E assim, sem o PRECE, já imaginou? Como é que aqueles alunos, como é que eu, Beto, a Lúcia, os meus irmãos teriam nível superior, quando é que a minha mãe teria dinheiro para pagar esse curso para todo mundo? E lembrando também que através do PRECE, a minha mãe conseguiu fazer um curso pela UECE, e tem curso superior e tem pós ainda, né? E a minha mãe também ainda está na ativa, a minha mãe ama a profissão dela. E assim, o PRECE contribuiu para a vida da minha mãe? Contribuiu. Contribuiu na minha vida? Contribuiu. Todo mundo na minha casa faz parte do PRECE, mesmo aqueles que não estudaram, mesmo aqueles que não cursaram nível superior, e ele fez eu aprender isso, que mesmo aquele que não está cursando nível superior, como o meu esposo, a minha cunhada, o meu irmão, eles fazem parte da família PRECE em si, porque eles vêm a importância da instituição, eles contribuem de uma forma ou de outra para que aconteça, eles ajudam quando precisa em qualquer que seja a situação, pro programa acontecer em si. [63'21'']

[63'22'']

Porque assim, fazer parte do PRECE, e acreditar - e aceitar que ele ensina as pessoas, é confiar que existe alguém lhe ajudando, mesmo distante. Porque assim, são tantas pessoas contribuindo para a formação do PRECE, estão por detrás da gente e a gente nem percebe essas pessoas. Então essas pessoas eu devo meu muito obrigado, porque assim, meu muito obrigado assim, o Andrade eu não tenho palavras para agradecer ele, né? A Ana. São as pessoas que fizeram acontecer, né? O Adriano Andrade fez a sua parte, mesmo distante, mas ele fez acontecer. Ele conseguiu trazer a EJA para ali, para Itapipoca, foi ele que conseguiu. Ele conseguiu trazer para aquela comunidade uma creche que passou alguns tempos. E hoje nós temos, através do PRECE, no Cipó, uma sala de informática, nós temos a nossa biblioteca, nós temos um espaço lá pra reuniões, nós temos um espaço que funciona como um:: parte dos estudos da DELL, que acontece um curso de uma formação durante um ano, que a gente se encontra duas vezes por mês e é lá nesse espaço para acontecer as nossas atividades, não apenas do PRECE em si, as atividades voltadas à educação, religiosas, são diversas as coisas. E foi isso que o PRECE nos ensinou que o que nós temos, nós temos que dividir com os outros. O espaço à educação, o compromisso, a responsabilidade. Porque assim, se eu quero uma educação de qualidade para a minha família, eu tenho que querer para todas as pessoas da minha comunidade. E assim, um dos sonhos que ainda está no papel, na minha, que assim, eu vou lutar junto com o PRECE, isso vai acontecer, talvez nunca foi falado mas vai ser falado hoje, é assim, ir criar um programa voltado direto pros adolescentes, onde eu não veja esses adolescentes próximos a bar, a jogo desagradável, a programa que eu vejo as escolas, bem próximas as escolas, tem um bar e eu vejo adolescente de quinze, quatorze anos jogando sinuca e eu não suporto isso. E eu me vejo como educadora de não estar contribuindo com isso, o que eu fico me perguntando: o que eu devo fazer e como planejar um projeto para que eu tire essas crianças, esses adolescentes daí? Porque eu considero eles ainda como crianças. Nós temos uma comunidade lá que ()/ nós temos uma comunidade que precisa ser trabalhada, Mulungu, Boa Vista, Capivara, e outras mais, Cipó, então assim, eu não posso me preocupar apenas com o Cipó, eu tenho que me preocupar com todas as comunidades, porque assim, eu quero uma educação de qualidade. Quando vai acontecer? Eu não sei, mas eu tenho esperança que vai mudar. Porque assim, se são diversas pessoas na minha comunidade, na comunidade vizinha, que conseguiram se formar no ensino superior, terminaram mestrado, terminaram doutorado, porque que eu não vou sonhar que isso vai acontecer? Já vai fazer dezenove anos, né? Dezenove coisas muitas coisas mudaram. Antes só era um espaço desocupado dentro do Cipó, hoje nós temos a Boa Vista, onde

funciona uma EPC que você vê que tem bons resultados no ENEM, no vestibular no caso, né? Que já passou e hoje é no ENEM. Temos a Canafistula que funciona, temos a Providência que passa lá por suas dificuldades, mas funciona. Temos na Serrota, temos em Umirin, em Pentecoste, na Eva Moura, no Jardim, na Pedra Branca. Então assim, eu acredito que foi o PRECE que fez e me ensinou a sonhar que eu vou ver todas as comunidades lutando com um só objetivo, que é mudar a educação do nosso país. [67'23"]

[67'24"]

A casa grande, né? Lá no Cipó, lá na fazenda Cipó, que era do proprietário Antônio Braga de Azevedo, mas que era mais conhecido como Manta Carneiro, né? Que passou dezesseis anos como prefeito de Pentecoste, onde esse homem tinha muito poder, mesmo não tendo muita formação, mas ele tinha muito poder. ((emocionada)) E uma certa vez ele lançou um candidato a prefeito, e ele ficava mos/pergunt/mos/pedindo que as pessoas fossem na nossa casa e perguntasse quem a minha família estava realmente apoiando, né? E, uma certa vez, as minhas duas irmãs que faziam faculdade aqui em Fortaleza, e quando os representantes dele chegaram lá na fazenda e perguntaram para ele se elas iam apoiar o candidato ao qual era o candidato apoiado por ele, e ele/elas acabaram falando algumas palavras que para ele foram palavras de sentimento desagradável, e ele começou a juntar aquela falta de estudos públicos, a falta de políticas públicas porque para ser político você precisa di/estudar o significado daquela palavra, política, porque política quer dizer uma coisa e política lá era outra, e naquele momento passaram alguns dias com a perda daquele candidato, o senhor Antônio Carneiro chamou o meu pai e disse para ele que nós tínhamos que sair da fazenda e tinha outra condição de ficar, se meu pai mandasse eu, minha mãe e minhas irmãs para fora da fazenda, né? Só poderia ficar eles, meu pai e meus irmãos homens, né? E naquele momento meu pai estava com a cabeça quente, fazia vinte e três anos que nós estávamos ali, ele chegou, quando eu cheguei do trabalho, ele chegou e pediu para que nós arrumássemos as coisas que nós vínhamos embora. E nós tínhamos uma casa que estava apenas começada, onde não tinha piso e não tinha porta, e nem tinha nem energia. E o meu pai disse que nós íamos embora para ela ((Abaixa a cabeça)). E aquele momento foi assim, muito doloroso na vida da gente, né? Eu particularmente, acreditava que tudo aquilo era espaço que era nosso, e quando/ eu disse pro meu pai, que a gente não ia embora, que a gente ia colocar ele na justiça e ia fazer os cálculos de quanto/ em quanto em dinheiro nós tínhamos dinheiro, porque estava com vinte e três anos que nós morávamos ali. E meu pai não aceitou a ideia e nós viemos morar na nossa casa, né? Que atualmente a minha mãe mora nela, vizinha a minha casa. E assim, foram momentos de sofrimento, onde chegava na hora do almoço e eu não tinha coragem de comer porque era como se eu “vêsse” aquele espaço, o gado, não estaria mais ali. Mas assim, hoje eu vejo que tudo foi passado, né? Nada se volta mais atrás, mas assim, eu não consigo entender como as pessoas se deixam levar por esse tipo de atitude. Passou alguns dias, isso foi onze de outubro, agora onze de outubro completou sete anos que nós estamos morando nesta mesma/ ma casa nossa, que hoje é nossa, graças a Deus, que Deus ((O entrevistador pede que ela mencione o ano que ocorreu o fato para situar quem está assistindo se situar no tempo)) E assim, completou sete anos no ano atual em 2011, que é o ano que nós estamos, né? E no mesmo ano/ no mesmo mês que nós viemos embora, quando nós completamos dois meses que estávamos lá, nós tínhamos conseguido deixar a casa mais ou menos organizada e meu pai teve um começo de AVC, e com esse começo de AVC, o prefeito que ainda estava na ativa e ia ficar até janeiro, no caso, ele ligou pro meu celular para saber se realmente era verdade que o meu pai estava sentindo alguma coisa, eu disse que era, mas que eu não queria conversa com ele e ele procurou a gente, foi na nossa casa, pediu perdão a gente, pediu desculpa e pediu para que a gente voltasse – tomar conta – da fazenda. E eu disse pro meu pai, que dali eu só sairia para uma casa que fosse minha e a minha mãe disse a mesma coisa e nós não saímos, e ele não aceitou, meu pai continuou trabalhando com ele, né? E quando foi/ naquele momento

eu fiquei com muitas mágoas deles, mas graças a Deus eu busco um Deus vivo e Deus não queria isso para mim. O tempo passou e foi esquecido todas essas coisas velhas, como diz a bíblia “ficou tudo para trás, tudo se fez novo”, né? Ele começou a andar na nossa casa, na casa que era da gente mesmo, passava lá, conversava com a gente, mas nós não voltamos mais para lá. Tenho saudades? Muitas. Não gosto de passar lá, que dá vontade de chorar, porque foi uma vida que eu praticamente cresci e vivi lá, acreditava que aquele espaço era como se fosse meu, e você não pode acreditar que o que pertence aos outros um dia pode ser seu, mas todas àquelas experiências foi apenas para nós crescermos, e o senhor Antônio Carneiro ele também não acreditava em si, na instituição do PRECE em si, mas ele também nunca tentou impedir de nós participar, porque ele sabia que nós tínhamos ideia própria, acreditava que nós tínhamos formação feita já. E a nossa mãe sempre procurou nos mostrar o que era certo e o que era errado. [73’26’’]

[73’27’’]

E, quando foi em março, o senhor chamou esse homem para junto dele, eu não sei o que aconteceu com esse homem, mas ele já não está mais entre nós em vida, o Antônio Carneiro. No início do ano 2000, né? O senhor Antônio Braga morreu, né? E hoje atualmente existe o gestor municipal, né? Que é João Pessoa Tabosa, que é o gestor municipal. E, tem algumas coisas – uns lados bons e os ruins da educação, mas ta funcionando. Têm muito a desejar na saúde, em alguns pontos, né? Todos na educação, mas com o tempo nós vamos conquistando esses espaços e acreditamos que uma das coisas que precisa estar acontecendo em Pentecoste, que já faz mais de dez anos que não acontece, que é um concurso público, pra que melhore as condições do funcionário público em geral e não só dá educação e saúde, mas em geral que ta precisando, né? E assim, se você tem uma educação de qualidade, você vai ter melhor condição financeira, melhor condição de saúde. Se você tem melhor condição de saúde, você vai ter sua casa, vai ter outras condições favoráveis para que você comece a cobrar melhor de seus filhos, porque uma das coisas que mais preocupam os pais de família é a preocupação de não poder dar para seus filhos uma educação de qualidade, dar uma saúde pública ao seu filho como sonha, porque como é que você ganha tão risório e vai oferecer isso a sua família? E assim, hoje eu moro na minha casa, né? Graças a Deus. Tenho o meu trabalho que não é um trabalho fixo, mas eu sou contratada pelo estado, né? E esse contrato já faz algum tempo que tem sido renovado, e tenho desenvolvido a minha parte como educadora, faço as minhas atividades no PRECE, e estou esperando por um concurso público para que eu possa me tornar efetiva na área da educação, que é a área que eu trabalho e que eu sou formada, né? Sonho mesmo trabalhar com pesquisa na área de história. Precisa de tempo? Precisa, mas vai levar tempo para acontecer? Vai, mas nunca é tarde, né? Tivemos o exemplo aí da família do seu José de Alfredo, né? Seu José de Alfredo se formando, seus filhos formados, é por isso que assim, você tem que se espelhar, tem que acreditar nessas pessoas, você tem que acreditar que dias melhores virão, nunca é tarde para recomeçar, e principalmente quando se refere à educação, à saúde, à condições melhores para a sua comunidade, você tem que ser uma pessoa esperançosa, acreditar que vai acontecer. E essas coisas acontecem em nossas vidas porque existe essa instituição que contribui para que essas coisas aconteçam, porque sem o PRECE como você teria idéias formadas? Como é que você teria se formado? Porque assim, algumas pessoas têm condições para pagar cursos superiores, isso nós não podemos dizer que não tem, mas outras não têm. E essas outras que não têm, tem só a inteligência, como poderiam – estar formadas? Estar contribuindo para a educação? Saindo de sua comunidade, né? Dia de sexta-feira, com curso universitário, sai àqueles que já são formados às vezes, né? E vão para as suas comunidades ajudar, e eles poderiam muito bem dizer assim: Não, já estou formado, já fiz minha parte, vou ficar tendo lazer. Não. O PRECE ensinou a gente que mesmo formados, que mesmo já tendo feito a sua parte, você tem que ter o compromisso e a responsabilidade de aos sábados, final de semana, um período de férias, no período que

muitas vezes está acontecendo greve, você tá ali, ajudando aquele adolescente, aquele aluno da escola pública, aquele espaço, ajudando a conhecer e a melhorar a educação, porque, no caso, né? No dia que vai ser feito o ENEM, né? Que agora foi substituído o vestibular pelo ENEM. Cada uma das pessoas do PRECE tem o compromisso de começar a relatar sua história, dizer como foi que conseguiu. Um dia eu também passei por isso aqui, um dia também eu estava nervosa e deu certo, eu cheguei aqui. Então assim, são essas experiências que você tem que começar a relatar para as pessoas, para que as pessoas vejam, se alguém venceu você vai vencer também. [78'22']

[78'23"]

Meu agradecimento, assim, primeiramente a Deus, né? Porque ele tem me sustentado nas mãos dele, e sem ele eu não estaria aqui, sem ele eu não seria a pessoa que eu sou hoje, né? A ele que eu devo todo meu agradecimento. E assim, segundo lugar a minha família, né? Que não mediram esforço para me ajudar. Família envolvendo irmãos, pai, cunhado, e o meu esposo, né? Que é tudo na minha vida, a minha mãe, que não mede esforço até hoje para que - a educação, não só dos filhos dela, mas a educação em termos geral aconteça. Eu vejo o esforço da minha mãe fazendo isso acontecer com as crianças que ela trabalha, eu vejo os sonhos dela formando teatro, pegando caixa, reciclando e levando para formar teatro dentro de uma escola, que não mede esforços até hoje para que - a educação não só dos filhos delas, mas para que a educação em termos gerais aconteça.

- Dificilmente foca a câmera;
- Fala muito rápido;
- Sempre fala o nome das pessoas, independente de já ter dito ou não;
- “E assim”.

Narrativa de Vida de Francisco José Teixeira Gonçalves

1. Introdução

Fortaleza, 18 de agosto de 2011, aqui no estúdio do PRECE, Benfica, narra sua história de vida, hoje, Francisco Gonçalves, um dos primeiros sete estudantes do PRECE ali iniciado no Cipó em 1994.

2. Vídeo 1

Meu nome é Francisco José Teixeira Gonçalves. Teixeira Gonçalves porque meu pai, no caso, é Gonçalves, uma família que tem origem na região do Tururu, no Ceará, e minha mãe, que é Teixeira, uma família grande de Itapipoca. Eles se conheceram em Pentecostes, e hoje estão espalhados por aquela região. Eu nasci no município de Pentecostes, em 1974, no dia 05 de março, especificamente. Eu me criei numa comunidade chamada Jardim, município de Pentecoste. Na minha infância, em torno de 08 anos, já comecei a ajudar meu pai, na época era pescador, ainda hoje é, mas num foco mais esporádico. A gente pescava pra sustentar a família. Meu pai também exercia outra profissão, ele era vaqueiro. Meu pai não era um vaqueiro tipicamente como se dá aquela imagem de vaqueiro hoje. Ele era uma pessoa que cuidava de gado, mas era especialista em tirar leite, gostava realmente, era muito eficiente nessa parte. Ele campeava o gado a pé, isso nos momentos mais difíceis, ele exercia essa profissão também, mas a maior parte do tempo ele também fazia pescaria pra ajudar no sustento da família. Logo a partir dos 8 anos eu comecei a ajudar no sustento da família. Na minha infância, eu lembro que a gente ficava alternando o local onde a gente morava. Morava

em Pentecoste, Monsenhor Tabosa, inclusive fica muito longe de Pentecoste. Quando as condições estavam difíceis aqui, a gente ia pra Monsenhor Tabosa, lá tinha um fazendeiro que recebia a gente, meu pai, como falei, era vaqueiro, então passava certo tempo por lá, tendo o apoio e tudo. Quando as condições aqui eram boas, aqui em Pentecoste, estou falando aqui porque a gente está bem próximo, aqui em Fortaleza. Eu falo condições boas quando chovia, o açude enchia, dava peixe, a gente retornava pra cá. Eu lembro que em 1982, a gente retornou de Monsenhor Tabosa pra morar em Pentecoste e não retornou mais. O açude estava cheio, quer dizer, quando a gente retornou o açude estava seco, mas teve um inverno muito bom, o açude encheu. A partir desse momento eu lembro que o DNOCS interferiu numa área que era do fazendeiro, dividiram lotes, e meu pai pleiteou um lote desse. A gente começou a atividade de agricultura ali mesmo, e aí nos fixamos ali, até hoje a gente tem uma relação muito forte com aquela terra. Eu lembro naquela época meu pai, antes de receber o lote, ele trabalhava, eu lembro que ele trabalhava pro patrão, não sei se era de meia ou era de terça, sei que muitas vezes a gente ia pro roçado, pra vazante, pegava o feijão, dividia tudo no meio e eu lembro que meu pai ia devolver o parte do patrão, entre aspas, é dito que a terra foi deixada por Deus e não disse pra quem era. Ainda alcancei essa relação de meia, trabalhe e a metade do seu suor vai pra alguém que se diz dono da terra. Mas o meu pai, na comunidade ele era uma pessoa que, além de pescar, era um comprador de peixe, um comprador de peixe era visto como uma pessoa diferente dos pescadores, era como se fosse uma pessoa que ganhava dinheiro, porque era comprador. Mas meu pai era um comprador de peixe diferente, ou seja, eu lembro que os pescadores de peixe da época, falar como um exemplo, o cara comprava um quilo de peixe por 1 real e vendia por 5, faziam uma relação assim. Meu pai, não, meu pai comprava um quilo de peixe por 1 real e vendia por 1,10, então meu pai, vamos dizer assim, se lascava de trabalhar e não ganhava nada, ajudava mais os outros. Tem uma certa época a gente tinha uma certa condição, eu lembro que nessa época a gente não tinha escola naquela região, a escola que se tinha era em Pentecoste, ficava a 15km, então tinha uma prima nossa que morava lá perto, ela tinha passado um tempo em Fortaleza e aprendeu, se alfabetizou, fez a segunda, terceira série. Comparada com a gente, ela tinha um certo conhecimento. E ele pagou ela pra nos alfabetizar. Nessa época era eu e mais minhas duas irmãs mais velhas. A gente ia pra lá e ela ensinava pra gente. Eu lembro que aprendemos as primeiras letras do alfabeto com ela. Não, me engano, tinha uma senhora que a gente tinha sido alfabetizado, ela já deu um certo adiantamento, aprendendo a ler um pouco. Após ela, eu lembro que a gente foi estudar numa escola que ficava do outro lado do açude. Ia eu e minhas duas irmãs, eu remando, acostumado a remar canoa, um pequeno barco. Eu ia remando em torno de quase 1km na água, remando, remando. Quando chegava lá, a gente andava mais uma meia hora pra chegar na escola, e ali eu lembro que eu fazia o que hoje é equivalente ao primeiro ano, não cheguei nem a terminar. Depois disso eu fui estudar na Capivara, localidade distante 5 ou 6km de onde eu morava, quando eu comecei ia todo dia a pé. Antes de sair de casa, onze e meia, meio-dia, ia estudar. Comecei lá na segunda série, e lá eu fiz até a sétima série, quer dizer, não cheguei nem a terminar a sétima série, porque a sétima série eu teria terminado se tivesse até o final do ano, porque em 94, quando eu ia terminar a sétima série, logo em outubro de 94, eu passei a fazer parte do grupo que hoje a gente conhece como grupo do PRECE, que foi iniciado em 1994.

3. Vídeo 2

Pra enfatizar um pouco como era a minha vida no Jardim, onde eu nasci. Eu tenho 7 irmãos: 4 irmãs e 3 irmãos. Na época, a minha vida basicamente era pescar, jogar um futebolzinho e estudar. A vida era mais ou menos assim, acordava de manhã e ia pra água, tirar os armamentos de pesca que tinha colocado no dia anterior, pegava o peixe que ia pra

comercialização. Em período de vazante, ia pra vazante dar uma ajuda ao meu pai e logo a tarde já ia pra pesca colocar os armamentos de pesca, chama galão, pra o dia seguinte. À tardinha a gente jogava futebol, tinha um campinho pequeno lá na comunidade, era minha diversão. Depois de 16 anos já passei a sair mais da comunidade. Lembro que ia assistir um jogo na Tamarina, ia pra uma quadrilha na dona Irismar. Na época da política a gente se reunia, a gente morava a 3km da beira da estrada onde passavam os carros, normalmente à noite os carros passavam ali pra levar as pessoas pro comício, aquilo pra gente era uma diversão. Eu tinha uma bicicleta, meu meio de transporte, e ia pra Pentecoste e pra as comunidades vizinhas de bicicleta. Os meus irmãos eram mais jovens, não se envolviam muito ainda, não tinha aquela coisa de querer sair, conhecer as coisas, viviam mais em casa, o mais velho ajudava um pouco, minhas irmãs ficavam em casa ajudando a mãe, coisas muito simples. Como eu falei anteriormente, em 94 eu recebi o convite. Estava num momento em que o açude estava seco, eu lembro que o açude estava seco, e a gente tinha plantado as vazantes, e tinha muito legume, inclusive jerimum, nessa época estava vendendo jerimum, uma época boa, relativamente boa. Estava fazendo a sétima série, na escola onde eu estudava já dava algumas aulas, às vezes minha professora saía pra fazer alguma atividade fora e eu ficava dando aula no lugar dela, eu estava começando a sonhar, começando a pensar o que eu queria pra minha vida, talvez continuar dando aula, talvez futuramente fosse um professor na comunidade. Cheguei em pensar a servir no exército, meu pai uma vez me deu essa ideia, mas ele mesmo cortou. Pensei muitas coisas, mas eu não tinha pernas pra ir até onde eu queria, era uma coisa muito limitada. Eu estava sonhando demais, com alguma coisa que eu não tinha nem ideia direito do que era. Lembro de um domingo pela manhã, eu estava no Jardim, e uma pessoa que mora no Cipó, no caso o Té, o Luís, chegou lá de bicicleta e falou: “Francisco, o Andrade quer conversar com você”. Naquela época a gente falava do Andrade como uma pessoa ilustre na região, minha professora falava muito, se referia sempre ao Andrade como uma pessoa muito ilustre, professor de universidade. Eu fiquei animado, curioso. O que será? Pra quê? Conversar comigo? Até então eu jogava futebol, saía todos os finais de semana, domingo à tarde, pra jogar futebol, e às vezes eu encontrava o Andrade nesses campos de futebol ali pelo interior, na maioria das vezes na Capivara, Tamarina, Cipó, Serrinha, e ele chegava pra mim e perguntava: “E aí, está fazendo o quê? Está estudando?”. E eu dizia: “Estou estudando”. Mas nunca entendia o porquê da pergunta. Sempre que a gente se encontrava, nem o conhecia direito, mas ele não perdia a oportunidade. Nesse dia eu fui lá pro Cipó. Eu saía do Jardim e ia de canoa lá pelo açude e chegava em frente ao Cipó, no açude que fica em Pentecoste. Eu olhava para aquela região, para aquelas terras, e eu via a casa do senhor Arão lá detrás das algarobas, mas eu achava um local tão difícil de chegar, porque ali tinha um grande fazendeiro e talvez se eu encostasse a canoa na beira da água e descesse talvez viesse alguém me dizer: “Aqui não pode entrar”. Eu já tinha visto o Cipó por aí, e também já tinha passado na estrada, mas nunca tinha parado ali pra entrar na casa e tudo. Nesse dia eu tive a oportunidade, o Andrade me chamou, a gente tomou um café na cozinha, inclusive era uma cozinha muito diferente de hoje, era uma cozinha pequenina, uma casinha de taipo onde ficava a cozinha, depois a gente se reuniu na igreja e falou de todos os seus planos com relação à criação do PRECE. Foi uma proposta que veio realmente como resposta para aquilo que eu estava procurando. “Vocês vão ter a oportunidade de reunir um grupo nessa casa de farinha, vocês vão ter dificuldades, com certeza, mas se vocês souberem passar por essa oportunidade, vocês vão vencer, vocês vão ser universitários, vocês vão ter o nível superior, vão ser profissionais, vão ganhar o dinheiro de vocês, vão construir uma vida mais digna pra vocês, pra família de vocês”. E aquilo ali era um sonho que eu tinha em mente que achava muito difícil de conseguir. Eu lembro que logo na semana seguinte a gente já começou a morar na casa de farinha, aliás, já começou a frequentar a casa de farinha. Começamos especificamente no dia 18 de outubro, se eu não estou enganado, uma segunda-feira.

Sentamos à mesa eu, Toinho, Raquel, Beto, Du, eram 5, pra estudar história, com aquele livro de Nelson Piletti, um livro muito bom. A gente estudava juntos, lia um capítulo, cada pessoa lia um parágrafo, e assim ia levando. A primeira semana foi assim. Tinha o intervalo, quando dava 8, 8:30, a gente dava uma parada, ouvia umas três músicas e começava de novo, ia até 9:30, por aí. Na primeira semana, todas as vezes, depois de 9:30 pra 10h da noite, eu me deslocava pro Jardim na minha bicicleta. Na primeira semana logo eu percebi que isso não ia dar certo. Lembro que o Andrade disse: “Se não está dando certo assim, vão morar na casa de farinha”. Eu acho que era uma vontade dele que realmente se morasse ali, porque ali ia se criar um grupo que ia viver o dia-a-dia, que ia vencer as dificuldades juntos. Nessa primeira semana eu estudava à tarde na escola convencional, só que, quando eu fui morar na casa de farinha, eu cheguei pra minha professora e disse: “Olha, dona Lucinha, o Andrade me convidou pra gente criar um grupo de estudo lá no Cipó, e eu estou pensando seriamente em abandonar aqui de vez e ir pra lá”. Eu lembro que na época a dona Lucinha estava com alguns alunos envolvidos com educação e disse: “Como é que você vai sair de uma escola convencional, que vai te dar um diploma, e vai pra um local que você não tem diploma, você fica solto. Você vai fazer isso? Está terminando a sétima série”. Mas eu tinha uma confiança muito grande no Andrade, não tive dúvida, e ela não me convenceu, eu realmente sabia que ia pra um local seguro: “Dona Lucinha, é isso que eu quero, vou pra lá, a gente vai criar um grupo de estudo”. Na segunda semana já começamos a morar lá. Eu acho que uma ou duas semanas depois o Orismar chegou. Umas três semanas depois, o Norberto. Por isso eu costumo dizer que foram 7 pessoas que criaram o PRECE porque, se você contar os 5 primeiros que entraram, logo após vieram o Orismar e Norberto, um período muito curto. Quanto ao Narcélio, veio um pouco mais depois. Na minha opinião, já não considero mais um iniciante, mas esses 7 eu considero iniciante porque estiveram ali no início e botaram a ideia pra funcionar. Na casa de farinha a vida corria tranquila e ao mesmo tempo difícil. Tranquila porque você tinha liberdade, tinha os livros, tinha a mesa, tinha sua rede, dormia na hora que queria, estudava. Normalmente a gente tinha o hábito de estudar a manhã todinha, logo no início, à tarde a gente estudava até 4h, depois ia jogar um futebolzinho. Nessa época, à noite, ninguém estudava porque não tinha luz, com exceção do Norberto, que conseguiu na casa da mãe dele uma lamparina, nessa época ele fazia o supletivo do primeiro grau e precisava terminar, então ele conseguiu na casa da mãe dele uma lamparina. Ele costumava estudar à noite, mas os demais não estudavam à noite porque não tinha nenhum esquema de iluminação. Depois de história, a gente começou português, geografia, biologia, e assim a gente terminou todas as disciplinas. Era difícil porque não existia um esquema de alimentação, na casa de farinha, principalmente água, era difícil. Nossos pais eram pessoas com condições financeiras muito difíceis. Pra comprar coisas de necessidade pessoal, como sabonete, xampu, sabão pra lavar suas roupas, no interior se suja muita roupa, joga futebol, sua, vai a uma viagem volta todo cheio de poeira. Não tinha dinheiro pra nada. Algumas pessoas tinham mais dificuldade ainda. Meu pai, por exemplo, não tinha condição de me ajudar, nem minha mãe. O Norberto, na época a mãe dele já era aposentada, eu acho, já tinha um diferencial, não vou dizer que ele vivia bem, mas tinha um certo diferencial. O Toinho já ganhava um pouquinho que dava pra comprar essas coisas, ele tinha diferencial porque foi o primeiro a chegar na casa de farinha e tinha um esquema de alimentação no senhor Arão, que era pertinho. Quando o Andrade o convidou pra morar lá, ele tinha essa condição: “Você fica fazendo as refeições lá no papai”. Tinha um poço, um cacimbão aqui do lado, um açudinho que tem ainda hoje, que é do senhor Arão, a gente ia lá pegar água pra tomar banho, pra beber. E alimentação, eu lembro que várias vezes a gente acordava de manhã e não tinha nada pra comer, e a gente se refugiava como podia. Eu muitas vezes ia para o Jardim, que ficava a 6 ou 7km, o Norberto às vezes ia pra casa da mãe dele, mas era muito comum também eu ir pra dona Neném, que é uma pessoa que me ajudou muito, ela morava pertinho, e não conto as

vezes em que eu ia pra lá à tardinha, jantava, dormia e quando voltava de manhã pro PRECE já tinha merendado, e às vezes voltava meio-dia também. Foi uma pessoa que praticamente me criou ali, e eu agradeço demais, foi uma das pessoas que mais me ajudaram. Nos finais de semana, talvez pra não dispersar, o senhor Arão e a dona Fransquinha sempre nos ajudaram, a gente sempre almoçava e jantava por lá. Geralmente o senhor Arão matava um carneiro e a gente era convidado, um convite muito bem-vindo, porque a gente não estava querendo sair dali, porque o Andrade tinha chegado de Fortaleza e trazia palavra de conforto, incentivo e motivação pra gente. Se a gente saísse dali seria uma perda, então normalmente a gente ficava lá, era importante ficar ali. Frequentemente nos finais de semana o senhor Arão nos sustentava lá. Eu lembro que a gente foi estudando, eu comecei a me estudar mais pela área de biologia, o Toinho, mais pela geografia, o Beto, mais pela matemática, e a gente começou a pegar nome nessas disciplinas. Lembro um certo ano, nas férias nós demos curso das disciplinas para os alunos. Na época era uma casa de farinha: “Vai ter o curso de biologia na casa de farinha”. E os alunos se matriculavam e iam, tinha o grupo e eu era o professor de biologia, me sentia muito honrado de fazer isso. O Toinho era história, geografia, o Beto, matemática. E aí as coisas foram andando, de forma que logo no primeiro ano o Toinho já começou a pensar em vestibular: “Olha, Andrade, eu acho que eu já estou numa condição que dá pra arriscar o vestibular”. Eu lembro que o Andrade o aconselhou a não fazer, mas ele se inscreveu no vestibular e passou em primeiro lugar para o curso de Pedagogia, na UFC. Isso foi uma bomba de incentivo para os demais que tinham ficado na casa de farinha. Eu particularmente recebi isso como uma coisa muito boa, porque eu estava querendo uma coisa que eu sonhava muito, que era entrar numa universidade, e às vezes eu nem mesmo acreditava que eu pudesse conseguir isso, ter condições de estudo, porque não era uma escola convencional que você tem uma receita de coisas que faz e no final das contas entrar na universidade, a gente era mais por nossa conta. Foi muito incentivadora essa aprovação do Toinho. Em meados de 96 o Toinho entrou na universidade, e no início de 97 foi a minha vez. O esquema de alimentação era um conjunto de coisas. O Edu trouxe o fogão, trazia farinha, peixe, o Orismar trazia feijão, o Norberto trazia arroz. A gente criou esse esquema no início, mas não tinha a organização necessária, de forma que alguma coisa faltava. Gente que joga futebol, que anda muito, come muito. De uma hora pra outra faltava o arroz, o feijão, e tinha a prestação de socorro que eram os vizinhos. Eu lembro que Andrade sempre se preocupou com essa questão da nossa alimentação, com os alimentos básicos, proteínas, carboidratos, procurava que a gente tivesse uma alimentação variada. Teve um certo tempo tentou uma vazante na beira d’água e tinha que cuidar dessa vazante pra tentar produzir feijão e ser autossuficiente na nossa alimentação. Lembro que o Orismar era nosso cozinheiro, ficava na casa de farinha e fazia a nossa alimentação. Pelo que eu lembro, não funcionou bem direito, logo depois as coisas tomaram outro rumo. O Orismar fazia o almoço e, claro, pra ele não fazer o mesmo trabalho à tarde, ele fazia tudo de uma vez, o que sobrava do almoço ia servir pra janta, pra não trabalhar duas vezes e sobrar mais tempo pra estudar. A gente se virava dessa forma. Até o tempo em que eu morei no Cipó, o ano de 96 todo, as coisas funcionaram mais ou menos assim. Se eu não estou enganado, teve um período que a gente fez a alimentação no senhor Arão, tinha um esquema que a gente almoçava no senhor Arão e fazia um serviço, trabalhava e ele garantia a nossa alimentação. Quando eu saí, em 97, ainda estava nesse esquema. A casa de farinha era uma casa ampla, havia sido construída uns quatro ou cinco anos atrás, acho que em 92 ou 93, e logo em 94 a gente começou a morar lá. Uma casa que tinha passado alguns invernos abandonada, os animais quebraram o piso todo, o piso era muito irregular, a gente via os tijolos e a areia misturada. Era uma casa toda aberta e tinha uma parte que era fechada. Quanto o Toinho foi morar lá, o primeiro, ele foi no intuito de dar um curso de datilografia. Tinha uma parte que era fechada, porque é onde ficavam as máquinas. O Toinho já estava morando ali, então ele arrumava as coisas dele ali pra dormir. Lembro que o Orismar e o Edu

dormiam fora. O Norberto e o Toinho procuravam se arrumar lá por dentro, num quartinho que tinha. Na minha época não teve nenhuma reforma, mas era ali que a gente se arrumava. O Andrade levou algumas mesas, cada um tinha uma mesa pequena, dava pra estudar, depois foram mais cadeiras, livros, toda semana chegavam novos livros, e a gente foi tendo uma melhor condição pra estudar. Sempre assim: livro e a pessoa, não tinha um esquema de aula ainda. Lembro que no ano anterior ao meu ingresso na universidade, a gente tinha um esquema de estudo voltado para o vestibular. Nessa época, em outubro de 96, a gente se encontrava na casa de farinha, o Adriano Andrade, Elias, cunhado dele, eu, Norberto, eram as pessoas que estavam mais pensando em vestibular. A gente tinha um esquema de estudo de passar a tarde estudando, escolhia um horário pra se reunir, discutir e compartilhar conhecimentos. Depois a gente viajou pra Fortaleza. Eu já tinha morado em Fortaleza. Quando eu pensei em vestibular, chegou-se a uma conclusão que eu tinha de apressar as coisas, porque tinha muita prova pra fazer. Na época eu fazia o supletivo de segundo grau e tinha muita prova pra fazer. Eu tive que ir morar em Fortaleza pra apressar essas provas, estudava o dia todo e à noite ia fazer a prova pra que eu terminasse logo o módulo. Eu ficava na casa do Andrade na época, o Norberto e o Elias também ficavam por lá. A gente se arrumava por ali. A gente estava no Cipó e quando foi fazer o vestibular, tínhamos o apoio do Roderic, que nos ajudava muito na parte de português.

4. Vídeo 3

Nesse período eu morei em Fortaleza pra apressar as provas. Tinha que fazer muita prova pra que eu terminasse a tempo de, caso eu fosse aprovado no vestibular, tivesse a condição de entrar. Quando eu vim pra Fortaleza apressar o supletivo, eu lembro que estava fazendo os módulos de química, e praticamente todos os módulos das matérias mais difíceis, todos os módulos de química eu fiz nessa época. Eu morei com Adriano Andrade e Arleide, irmã dele, numa casa que tinha próximo à av. Sargento Hermínio. Foi um esquema de estudo muito forte, tanto que eu concluí os módulos de química e fiz o primeiro módulo de física. Quando se criou o grupo de estudo no Cipó, passamos um mês no Cipó, foi muito estudo, mas não era mais fazendo módulos, eu estava estudando as matérias do vestibular, resolvendo questões, me preparando para o vestibular. Ficamos lá até o dia do vestibular mesmo, um dia antes do vestibular fomos para o apartamento pequenino do Andrade, pra se arrumar, porque pra estudar era uma loucura, mas a gente conseguia discutir umas coisas, pegava umas questões. No outro dia pela manhã, no dia da prova, todo mundo eufórico pra fazer a prova, eu lembro que a gente acordou cedo, fizemos um café e a gente reforçou a alimentação pra passar um meio dia de prova, o Andrade fez uma oração.

1. Vídeo 4

Depois do café da manhã, a gente foi para o carro, com o coração acelerado, o pneu estava seco foi ágil, mas tranquilo, e essa tranquilidade dele me deixou mais nervoso. Cheguei na hora da prova, foi um momento que nunca esqueci, parece que estou lá hoje, sentei na última cadeira, era no Christus Anexo, que fica no final da av. Pontes Vieira. Se eu deixasse o nervosismo de lado, conseguiria fazer uma boa prova. Na primeira hora foi muito nervosismo, porque foi uma coisa inédita pra mim, mas depois disso fiquei tranquilo e consegui expor aquilo que eu tinha de conhecimento. Fui aprovado na primeira fase do vestibular pra Engenharia de Pesca, na UFC, e imediatamente me dediquei aos estudos do supletivo, que eu tinha deixado anteriormente pra me dedicar ao vestibular, e faltavam quase todos os módulos de física, era uma das matérias que os professores no supletivo levavam muito a sério, tinha que memorizar fórmulas, um mês talvez fosse pouco pra fazer todas as provas de física

quando fui aprovado pra segunda fase do vestibular. Quando fui aprovado de fato na segunda fase, com a minha vaga na universidade garantida, ainda faltavam as provas mais difíceis, e tinha que estar com o diploma na mão. Foi um período de angústia porque eu acreditava que não fosse dar tempo. Geralmente saía de manhãzinha e ficava o dia lá, às vezes voltava pra casa e não tinha feito prova porque não dava mais tempo. Um dia antes da matrícula eu consegui fazer a última prova. Eu já tinha avisado ao pessoal da secretaria de que precisava do diploma com urgência e eles foram muito ágeis. Deu tudo certo. Cheguei em casa umas 5h e comi muito, e dormi bem, relaxado, alegre porque no dia seguinte eu iria à CCV fazer minha matrícula no curso de Engenharia de Pesca na SDrá, no vestibular pra entrar na primeira turma de 97. Na universidade era tudo diferente mas eu consegui me sobressair em algumas disciplinas, principalmente naquelas relacionadas com biologia. Quando eu passei pra Engenharia de Pesca, eu achei que fosse mais fácil de entrar porque não tinha matemática, mas eu queria mudar para Agronomia, que foi o que aconteceu no ano seguinte. Nessa época eu estava na residência universitária como agregado enquanto regularizava a situação pra morar regularmente na universidade, morava com o Toinho, que já tinha vindo seis meses antes. Me identifiquei com as disciplinas relacionadas à biologia, mas não gostei muito das disciplinas na área de cálculo. Quando entrei na Agronomia, em 98, entrei com vontade porque era aquilo que eu queria. Logo eu comecei a estagiar no departamento de química orgânica e inorgânica, no laboratório de síntese orgânica, o meu orientador era o professor Arnaldo Viana. O Andrade me sugeriu fazer um estágio na botânica, na área de sistemática vegetal, e eu passei uns quatro meses com o professor Edson, ia ao herbário, pegar as plantas e eu estudava a pata de vaca. Depois fui para a área de fitopatologia, na Embrapa, em 2001, e fiquei lá quatro anos. Lá eu me desenvolvi muito e aumentou minha curiosidade. Fiquei lá até concluir Agronomia, em 2004. Quando eu concluí, estava muito cansado devido ao processo da monografia, mas eu sempre tive um sonho de fazer a pós-graduação. Quando meus colegas entraram na pós-graduação, eu fiquei admirado e feliz porque, se eles entraram, eu também teria essa chance. Quando me formei, fui pra Aracati trabalhar numa empresa de assessoria técnica em assentamentos rurais da reforma agrária, numa empresa que é comandada pelo pessoal do MST, e eu passei um ano morando em Aracati. Em 2006 eu tive uma oportunidade de trabalhar em Pentecoste, assessorando os agricultores da região, no sentido de melhorar suas condições de produção. Em 2007 recebi uma proposta de ser professor de uma escola família agrícola no estado do Piauí, na cidade de Pedro Segundo, próximo da Ibiapaba. Na época eu criei uma disciplina de fitossanidade e nunca perdi o contato do Freire da Embrapa. Meus colegas estavam no mestrado, doutorado. Comecei a trazer plantas para o doutor Freire descobrir espécies novas de fungos e reacendeu o sonho da pós-graduação. O mestrado que eu queria fazer não tinha em Fortaleza. Comecei a estudar na prova da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no mestrado em fitopatologia. Consegui ser aprovado no mestrado da UFRPE, sempre mostrando interesse por micologia.

2. Vídeo 5

O curso de Agronomia eu estive envolvido com muitas outras coisas. Nos finais de semana ia para o interior jogar futebol, atividades do PRECE, e terminei Agronomia em seis anos. Em Recife, na UFRPE foi um período muito intenso de estudo pra mim, tudo muito novo, ambiente competitivo, e tem que atingir um certo perfil de notas, senão perde bolsa, é jubilado. Quando passei no mestrado, minha proposta era trabalhar com virologia vegetal. Fiz o primeiro semestre e no meio do ano eu falei com o professor da área de micologia, disse que estava interessado em trabalhar com ele e consegui minha transferência pra trabalhar com o professor Marcos Câmara. Em 2010 eu havia concluído o mestrado. Logo após descobri a aprovação no doutorado. Eu nunca quis sair do Nordeste e fiz a seleção na UFRPE e passei.

Estamos em agosto de 2011 e eu já terminei as disciplinas do doutorado, falta defender a tese. Hoje o que eu trabalho com fungos endofíticos do bioma caatinga, fungos que vivem no interior das plantas sem causar nenhum sintoma de doença. O objetivo desse estudo é fazer um levantamento.

7. Vídeo 6

A segunda parte do trabalho é você ver o potencial biotecnológico desses fungos, as substâncias que eles possam produzir e possam ser usadas contra o câncer e outras doenças, como diabetes.

9. Vídeo 8

Difícilmente um PRECISTA conseguia ficar final de semana, a oportunidade de voltar todas as sextas-feiras era uma coisa única. A pessoa que não tinha condição, tinha a oportunidade de ir lá ajudar os colegas, dando aula, ver os familiares, as namoradas. Eu tive uma relação muito próxima com Pentecoste, porque todas essas atividades eram muito atraentes pra mim. Quando eu conheci o PRECE, me envolvi mais com a igreja, melhorei espiritualmente, porque fui um adolescente imaturo, de relacionamento difícil. A minha relação com o pessoal da residência era boa, inclusive todos os PRECISTAS, quando entrei na residência, tinha um cara que fazia odontologia e a única pessoa com a qual esse cara falava era o Toinho, e a segunda pessoa com quem ele começou a falar foi comigo. Em certo período, o número de estudantes do PRECE na residência aumentou muito. Nessa época me candidatei a diretor da residência, porque o diretor tinha uma bolsa pelo fato de ser diretor, mas eu perdi a eleição. Eu receio que os outros estudantes tinham um certo medo da numerosidade dos PRECISTAS. Eu lembro de um tio meu, que casou com uma tia, inclusive ele não é do nosso sangue, que tem ensino superior, é o único relato que eu lembro. Além dele, eu sou o único da nossa família que tem o nível superior. Na nossa família nunca existiu uma tradição de estudo. A minha mãe, até hoje, é analfabeta. Meu pai fez até a terceira série, ele conseguiu escrever, fazer as quatro operações, mas nada mais do que isso. A gente nunca teve essa tradição, tanto que meus irmãos nunca encamparam essa luta. Minhas irmãs começaram estudando comigo, mas logo foram deixando, casaram. Lembro de uma das minhas irmãs, Maria José, que foi uma das pessoas que eu incentivei a estudar. Minha própria mãe, às vezes não entendia direito por que estudar. Ela não foi uma incentivadora de as minhas irmãs estudarem, porque ela achava que mulher não ia exercer uma função importante estudando, ela entendia que não era o adequado, eu não consigo compreender até que ponto isso é verdade. A única pessoa da minha família que eu vejo expressar esse sentimento de orgulho e satisfação é minha mãe. Quando eu comecei a estudar, foi muito difícil, porque eu tinha que trabalhar pra sustentar a família. Mesmo quando eu comecei a estudar na Capivara, com a dona Lucinha, periodicamente eu tinha que interromper esse ciclo de estudo. A dona Lucinha me incentivou muito nos estudos, trazia livros pra eu estudar. Era triste, pra mim, ter que interromper. Um certo ano eu tive que parar de estudar pra ir pescar num açude no município de Tejuçuoca, no açude do Boqueirão, tinha que ir pra lá com meu pai pescar pra sustentar a família.

10. Vídeo 9

Lembro que no dia que a gente ia sair meio-dia e eu demonstrei uma certa insatisfação, aquela angústia de ter que sair pra pescar quando estava tão bem na escola, mas meu pai disse que não podia fazer nada, porque eu tinha que ajudar ele, não tem outra saída. Havia a alternativa do ajudante.

11. Vídeo 10

Mas essa pessoa leva 30% da sua renda, quase a metade. Pra quem ganha pouco, isso é muita coisa. Eu tinha que segurar a onda. Eu também me recordo em alguns momentos que meu pai começou a despertar e perceber que eu tinha vocação pra estudar e eu acho que a partir desse momento ele começou a me liberar mais. Uma vez ele viajou pra pescar em outro canto e contratou outra pessoa e eu fiquei não muito satisfeito pelo fato de estar indo outra pessoa, mas, por outro lado, estava pensando nos meus estudos. A partir desse momento ele se sensibilizou. Tanto que quando fui pra casa de farinha não teve nenhum questionamento. Eles não entendiam muito o porquê, mas eu já tinha 18 anos naquela época, já tinha convicção dos meus anseios, dos meus sonhos.

12. Vídeo 11

Logo após isso eles me apoiaram muito. Frequentemente ia pra casa e levava peixe, feijão, farinha e eles nunca se furtaram dessa questão de ajuda, sempre me ajudaram muito. Se eu fosse lá em casa 3, 4 vezes por semana, eu levava alimentos pra ajudar, porque eles tinham concebido a ideia de que, a partir daí, estava livre pra estudar e investir naquilo que eu tanto queria. Quando eu passei a morar no Cipó, em 94, a gente estava embasado na história do Andrade. Eu lembro que ele falou pra gente que estudou sozinho com outro colega pra entrar na universidade, um ajudava o outro. Ele falou que se a gente fizesse a mesma coisa, a gente conseguiria entrar na universidade. Isso era uma coisa que fazia a gente acreditar demais. Nunca me passou pela cabeça desistir. Quando o PRECE foi criado, ninguém conhecia. O PRECE se difundiu antes na universidade do que em outros municípios. As pessoas falavam que os estudantes do PRECE eram pessoas que não tinham muita habilidade para o trabalho pesado. Eu acredito que, de certa forma, elas tinham razão, porque os meus amigos que tinham mais encaravam o trabalho pesado estão lá. Eu particularmente nunca acreditei que você trabalhar até se lascar vá me dar uma vida mais digna. Acredito que as coisas agora melhoraram muito no interior, mas naquela época em que eu comecei no PRECE as pessoas trabalhavam muito. Eu criei outras estratégias, estudando, dando aulas em troca de dinheiro, talvez até passar a impressão para o meu pai de que eu estou ganhando dinheiro. Era muito difícil passar todas as semanas passar em frente a minha comunidade em direção à casa do meu pai, pegar alimento, as pessoas olhando pra mim, era muito doloroso pra mim. Quando entrei na universidade e consegui as primeiras bolsas, foi um alívio. É muito difícil passar o período da graduação e as pessoas perguntando se você já está ganhando dinheiro. Hoje eu vivo uma vida digna, tenho as coisas que eu quero, não preciso mendigar as coisas a ninguém, estou muito satisfeito com o que consegui até hoje. Quando começou o PRECE, em, 94, a gente ainda vivia no coronelismo muito pesado, era uma fase de transição, as pessoas eram oprimidas em Pentecoste. Ninguém conseguia fazer um movimento em Pentecoste por melhores salários, isso era abafado. Você tinha ideia, mas não tinha coragem pra isso.

13. Vídeo 12

Quando o PRECE foi iniciado, em 94, a gente estava saindo de um período da história de Pentecoste chamada coronelismo, questão muito marcante no nosso estado. Pra se ter uma ideia, naquela época ninguém conseguia fazer um movimento, os professores não conseguiam fazer um movimento por melhores salários, existiam forças nos arredores que conseguiam sufocar. Lembro que teve umas iniciativas, na época em 93, mas logo, logo as pessoas eram desestimuladas a continuar, viviam à mercê da política local, e passivamente elas se rendiam a

isso. Era um município que não tinha perspectiva de crescer. Quando o PRECE foi criado, lembro que minha professora falava que sofria repressão se liberasse os alunos mais cedo, mas foi um grupo que foi agregando pessoas. Antes de eu entrar no PRECE, comecei a ler história, a conversar com as pessoas, porque em casa, com pais analfabetos, não tinha espaços de discussão, e no PRECE foi criada essa oportunidade, a falar de revoluções, a trazer isso para o dia-a-dia, e isso começou a incomodar, e a gente começou a se perguntar por que as coisas são assim. Por que não temos direito a boa educação? Por que não temos direito a hospitais? Lembro de um senhor de idade que adoeceu e quando foi para o hospital não tinha equipamento apropriado pra recebê-lo, e ele perdeu a perna. Na época, o prefeito deu uma cadeira de rodas para aquela pessoa, e ele agradeceu muito ao prefeito por isso, mas na verdade o prefeito era pra ter lutado por um hospital de qualidade pra que ele não perdesse sua perna. A gente que começou a estudar e entender as coisas, vimos que aquilo não estava certo. O PRECE foi permitindo esse espaço de discussão, essa germinação de coisas que existia nas pessoas e que estava esquecida, a capacidade de discutir, questionar e criticar. Logo após nosso grupo foi crescendo. Uma vez um vereador bateu no meu ombro e disse que eu ia votar nele, mas eu falei que não era bem assim, sou eu quem decido se vou votar em você depois que eu fizer minhas avaliações, e a pessoa ficou chateada comigo e ficou dias sem falar comigo pela minha reação. Quando as pessoas com esse grau de crítica se tornam numerosas, isso é uma coisa muito forte. Trazendo aquela época para hoje, o grupo PRECE está muito numeroso, que atua positivamente na política local, composto por pessoas honestas. O PRECE hoje é conhecido no Ceará inteiro. Por onde eu ando as pessoas nos conhecem. São pessoas que eu boto a minha mão no fogo, porque elas foram criadas nesse clima de lutar por melhorias para o município de uma forma justa, correta, honesta, elas não dependem do esquema local, são independentes. O PRECE ajudou a formar pessoas independentes, críticas, com vontade de mudança. Você imagine o que isso significava para o município de Pentecoste, ter pessoas com esclarecimento, que sabem dos seus direitos, acho que isso foi o produto de tudo. Sem contar as melhorias de vida de cada pessoa. Eu era um pescador, nada contra os pescadores, e que estaria hoje com meu casebre na beira da água, meus 3, 4 filhos, sem nenhuma perspectiva e reproduzindo aquilo. As pessoas que se envolveram com o PRECE, principalmente aquelas de renda mais baixa, adquiriram uma vida digna para si. A maioria hoje conseguiu ter um patamar de uma vida digna. Foi uma mudança muito grande na minha vida, radical, sair de uma condição de pescador, passar pela universidade e estar numa condição em que poucos conseguem chegar, não foi fácil. Por onde eu passo no Ceará, lembro dessa situação, e lembro com um sentimento de agradecimento muito grande às pessoas que me ajudaram e a Deus. Acredito que Deus tinha meu caminho traçado. Se eu fosse agradecer às pessoas que me permitiram chegar aqui, começaria agradecendo às pessoas lá do Cipó, minha família, minha professora dona Lucinha, na Capivara, dona Neném, senhor João Felix, senhor Arão, dona Fransquinha, Andrade, Freire, e a todas as pessoas que me ajudaram indiretamente. Peço a Deus que cubra essas pessoas de bênçãos.

14. Vídeo 13

Quero dizer para as pessoas que estão na escola pública, que estão na escola cooperativa, no PRECE, que todos os recursos que você tem pra estudar e fazer você entrar na universidade, o recurso mais importante é você próprio, a energia está toda dentro de você. Ao entrar na universidade, nos primeiros meses tem algumas dificuldades, mas depois se iguala tudo e você não sabe qual aluno veio de escola pública e qual aluno veio de escola particular. Na minha turma, os melhores alunos eram de escola pública, na Engenharia de Pesca e na Agronomia. Está mais dentro do aluno do que propriamente em todos os outros recursos que

ele tem. Se vocês usarem essa energia e a saúde pra estudar, com certeza farão vestibular e serão aprovados. Você deve ter a certeza de que vai entrar.

15. Vídeo 14

Nós somos uma história viva e uma verdade viva.

16. Vídeo 15

Eu entrei na universidade no início de 97, nessa época eu era apenas agregado na residência onde o Toinho morava. Eu fiquei 7 anos na residência, 1 ano na Engenharia de Pesca e 6 anos na Agronomia. A residência oferece moradia com estrutura básica, com local pra estudar. Minha vida na residência era estudar e dormir. Durante a semana tinha o restaurante para alimentação, e a minha residência ficava próxima ao restaurante universitário, e eu fazia minhas refeições lá. Agronomia era um curso pesado, mas eu lembro que ainda tinha um gás nessa época e conseguia estudar à noite. Geralmente nos finais de semana eu viajava para o interior, e era uma coisa muito boa. Os demais colegas que moravam comigo na residência, e que não eram PRECISTAS, não tinham condições de viajar todo final de semana para o interior. Teve uma época que eu fiquei uns 6 meses afastados do PRECE, mas eu sempre ajudei.

Narrativa de Vida de José Noberto Sousa Bezerra

José Noberto Sousa Bezerra – 11 de Agosto de 2011 – Fortaleza [Tempo da entrevista em minutos]

Vídeo 01

[0'00'']

Eu sou José Noberto Sousa Bezerra, né? É:: filho de Felisberto Lopes Bezerra e Maria Nezo Sousa Bezerra. Nascido em dezoito de outubro de 1994, na comunidade de Riacho do Serrote, município de Apuiarés, Ceará, né? É:: meus pais são pessoas semi-analfabetas, filho de/meu pai era agricultor, analfabeto, e minha mãe costureira, semi-analfabeta, então aprendeu a ler e a escrever é:: com algumas aulas. Ao longo de sua vida jovem, né? Teve a oportunidade de sair pra fora de/do Ceará, né? Passou dez anos no Amazonas, passou cinco anos. Aí depois retorna com o irmão dele, voltam, passam mais quatro anos, né? E:: ele sempre contava essa história de que na última volta deles, eles vinham com um objetivo, que era casar. Então nesse momento ele chega, é:: conheceu a minha mãe, né? E três meses depois eles casaram. Não era gosto da minha avó porque ele bebia na época e ela dizia que/mas a minha mãe quis, casaram e tiveram sete filhos: a Nádia, a mais velha, Nilberto, eram quatro homens e três mulheres. Nádia, Nilberto, a Clésia, o Cláudio, a Natalice - Clédio e o Noberto. Então eu sou o mais novo dos sete. Aí um fato interessante que quando meu pai casa, já tinha quarenta e três anos e a minha mãe com vinte e nove, né? Não sei se na época é uma data comum, acredito que não. E ainda tiveram sete filhos. E:: dentro da realidade dessa nossa comunidade Riacho do Serrote, ela é composta de, na época, cinco casas. As casas mais próximas tinha um quilômetro de proximidade, então a gente era praticamente isolado. Costumo falar que a gente era criado como índio, meio isolados. E - como filho de agricultor, né? Então a gente é:: também trabalharia na agricultura seguindo o meu pai. A minha mãe também era costureira, além de dona de casa, costureira, e as minhas irmãs, algumas se casaram no interior aí, elas seguem também a rotina da mãe. Que é que aconteceu? As minhas irmãs passaram a ser bordadeiras, a minha mãe costureira e os homens agricultores. Então a minha diferença de idade para meu irmão mais velho é de sete anos. Então quando eu já pequenininho, cinco, seis

anos, queria ir pro roçado, ia todo mundo e eu ficava só. Então eu já queria ir pro roçado, chegava lá tava meia hora, queria ir embora. É:: coisa de menino, né? Muito atrevido. Então assim, história de/Como é que consegue colocar água para casa? Bezerra, né? Latinha de vinte litros e menino atrevido, peguei uma latinha de vinte litros, bota em cima da caçamba, “Á! Então já pode. Você vai ser o bombeiro da casa”. Então todo mundo ia pro roçado e eu seria o bombeiro da casa, pessoa que ia colocar água dentro de casa, pro consumo diário, né? E, aos sete anos né? Foi o meu primeiro contato com escola, seria então minha pré-alfabetização, nem sei a nomenclatura na época, mas eu sei que eu ia para uma casa, uma casinha () a gente caminhava em torno de três quilômetros e meio, por volta de meio-dia, para ir para lá, passar a tarde lá com a professora, que era uma dona de casa, uma sala da casa dela era nossa escola, né? Então a gente passava a tarde lá. Ela passava a tarefinha e ia bordar lá do lado. E antes de terminar o ano, ela vai embora e passa para uma outra professora, que nem essa sala tinha, era uma salinha pequenininha, a gente sentava no chão, no banquinho, em qualquer coisa e a gente concluiu o ano. Foi como a gente passou a - é:: ser alfabetizado na Canafistula. Dentro desse período, que assim, meus irmãos todos estudavam, já tinham sido alfabetizados, alguns já estavam indo para a Canafistula, sendo alfabetizados lá. E tem assim umas histórias para mim que eu acho marcante. A gente não tinha é:: ((Vídeo interrompido)) [4’50”]

Vídeo 02

[0’00”] ((Continuação))

Como sair de casa a noite, então seis horas, sete horas a gente tava todo mundo jantando, né? Em seguida vai dormir. Isso é uma rotina, a gente não tem vizinhos, não recebe vizinhos, geralmente não é corriqueiro. Mas tinha uma coisa interessante, meu pai fazia o seguinte, a gente ficava na mesa, jantava e ele ficava contando história dele, passado dele, as presepadas que ele fazia, a viagem dele de Amazonas, como eles trabalhavam lá, os riscos que eles corriam, né? E tem outros momentos que eu achei que me deixava/achava aquilo bonito, é que ele pedia para as minhas irmãs ler, as matérias da escola. Então assim “lê o que você aprendeu na escola hoje”. E aquilo eu achava muito bacana. Então assim, isso, eu vou chegar lá, né? Talvez eu tenha tido esse privilégio que eles não tiveram, porque assim, quem lia para eles? Então eu via meus irmãos e minhas irmãs, geralmente as mulheres, que são as mais/têm essa habilidade né? então elas liam. ((vídeo interrompido)) [1’01”]

Vídeo 03

[0’00’]

Então até aí, o que a gente tem na mente, naquele lugar, naquela circunstância? Tô falando pro Osmar, pouco a pouco. O mundo lá, é aquilo ali, fechado, você é filho de agricultor, vai estudar até a quarta série que é o que era promovido/oferecido na Canafistula e em seguida você vai voltar para a roça novamente. Então como se procedia lá em casa: manhã, para quem estudava a tarde, manhã ia pro roçado e a tarde ia para a escola. Quem estudava pela manhã, a tarde ia para a escola, geralmente ia os blocos, né? Geralmente os mais velhos, depois os mais novos. Nunca ia só. Então assim, eu lembro que - após o primeiro ano que a gente teve na biposta, com as duas professoras, em seguida a gente foi para fazer a alfabetização na Canafistula, que é a coisa mais clara que eu tenho dos meus estudos, né? Alfabetização com a dona Vanda, né? Que era a professora da alfabetização da Canafistula. E primeiro ano e segundo ano com a dona Gizelda Costa, que assim, a gente tinha um medo “a Gizelda Costa era valente”, que ela brigava, e assim, ((ele para momentaneamente de falar, emocionado)). No primeiro semestre a gente tinha sempre a mesma dificuldade, chuva, inverno, né? Então a gente não ia para a escola. Eu lembro, primeira série e segunda série foi muito marcante. Porque no primeiro semestre quase que não fomos a escola, eu e o Clédio estudávamos juntos,

a gente não foi, estudou praticamente o segundo semestre que é quando acaba o inverno. Então assim, qual a justificativa? É porque a gente ia trabalhar na roça. E no final do ano a gente foi promovido para a segunda série, os dois. Ótimo. No ano seguinte a mesma coisa, primeiro semestre quase não frequentamos a escola, e o segundo semestre, o Clédio foi reprovado e eu fui aprovado para a terceira série. Houve uma confusão porque eu tinha todas as minhas notas, eu sempre guardei minhas notas e no final do ano eu fui reprovado, só que eu tinha as notas, todas as notas que eram possíveis para eu ser promovido para a terceira série, e a minha mãe foi lá falar com a professora, né? Que era a Gizelda Costa. E ela disse “Olha, se você quiser”, ela com um tom meio chateado, “Se você quiser aprovar seu filho, quiser botar para frente eu boto, mas não me responsabilizo”. Quando ela foi verificar no diário dela, realmente ela tinha se enganado, eu tinha sido aprovado e quem tinha ficado era um colega meu, que tinha um nome completamente diferente, mas era José também. A partir daí, eu fui com uma responsabilidade maior de ter que ser aprovado, aquele medo, né? Mas a gente passava a frequentar a escola normal, os dois semestres. A gente frequentou direitinho. E - nessa altura do campeonato meus irmãos mais velhos, a Nádia, Nilberto, Clésia e Cláudio, já haviam terminado e a Natalice a quarta série, que era o que tinha lá, então só tava eu e o Clédio. Nessa altura, eu - vou um ano a frente, né? Cheguei a terceira série, ele repetiu a segunda, fiz a quarta e ele fez a terceira com () Luz e completamente diferente, aquela pessoa muito professora, muito meiga e tal. E assim, eu nunca fui um aluno trabalhoso em sala de aula, nunca fui aquele cara rebelde, eu era ligeiramente comportado. E tinha as minhas dificuldade quanto à aprendizagem. Eu era um aluno que estudava. O que eu sempre achei estranho é que assim, em casa eu praticamente eu não lia, eu levava a tarefa sem fazer. Não dá tempo, deixa para a última hora, né? Coisa de cearense mesmo, de praxe e assim ia. Quando eu fiz a quarta série, foi quando essas coisas mudaram aí na minha vida, porque assim, poxa vai chegar na Canafistula a TVC. TVC ia oferecer de quinta à oitava série. Como o meu, é::, perdão. Quando eu fiz a quarta série, o Clédio fez a terceira. Então eu encerrei. Não tinha mais nada, o Clédio ia fazer a quarta, Aí, meu pai me obrigou a fazer a quarta de novo, me matriculou, porque ele disse que menino não tinha querer. Porque eu não ia, mas menino não tem querer. “Você vai, vai para fazer companhia a ele”. Beleza, porque lá do Serrote para Canafistula são seis quilômetros e a gente fazia esse percurso a pé, no horário de onze meia, doze horas. Então assim, beleza, eu vou. Voltei, fiz novamente. No final, chega a TVC. Então eu digo: “Como ele me obrigou a fazer a quarta série, eu crente, eu e o Clédio, que a gente continuaria na quinta série no ano seguinte”. Aí, a gente foi barrado, porque todos os sete queriam e que ele disse: “É o seguinte”, as mais velhas já mocinhas e os mais velhos, rapazinhos. Então ele disse: “Eu não sei se vocês querem estudar ou se querem namorar”. Aí, beleza, então ninguém foi, ele não vai deixar ninguém, para ninguém ficar com queixa. Só eu e o Clédio que queria. Aí, o Noberto era aquele menino que pedia as coisas ao papai. Tudo “Vai, manda o Noberto, tal...”, Aí, ele: “Não, meu filho, dá certo não! Eu não dei aos outros, então não vou dar para você, não!”. Entendo. Eu, talvez no lugar dele, fizesse a mesma coisa. Então, não deixo. No ano seguinte, só eu queria, Aí, eu preparei todo um argumento, sondei toda a história. Minha mãe já estava morando na Canafistula cuidando da minha avó, que estava doente. Morando só elas duas e tal, eu “Opa, vou arrumar um pretexto aí, para morar com ela”, é pertinho, vou estudar em casa e tal. Então arranjei todo o discurso e cheguei junto de novo, “Não, meu filho, eu não vou deixar porque eu não deixei pros outros”, o discurso dele é o mesmo. Aí acaba logo, tem nenhum argumento. Eu expus todo o meu argumento[6’59”]

[7’00”]

Então começa a direcionar toda a minha vida em função do futebol, porque não tinha outra coisa. O que se espera da vida? O que eu esperava da vida? Poxa, eu esperava que a vida me

desse uma oportunidade. O que, eu não sei, porque eu não sei fazer nada. E assim, sou só agricultor, sou só um estudante de quarta série, não fiz mais nada. Então, esperar, às vezes eu comentava que se aparecesse alguma coisa para eu fazer, para sair, eu sairia naquele momento de completar os dezoito anos e sair. Só que quando eu completo dezessete anos, dos doze aos dezessete anos eu investi muito em futebol, não porque eu vou fazer um investimento, era vontade, era paixão mesmo. Eu andava três quilômetros, corria para ir jogar um rachinha. Onde tive uma batidinha de bola, a gente corria lá. Chegava em casa, a pé, depois de andar seis quilômetros. O pai chegava em casa e a gente ouvia a batida da bola nos campos mais próximo, que era às vezes um quilômetro, um quilômetro e meio. Aí, chinelava, batia o racha e voltava, tomava banho, dormia e acabou-se. Aos dezessete anos me incentivaram a vir para cá, fazer teste aqui no time Fortaleza, nem lembro qual o nome. Eu vir para Fortaleza, eu tinha dezessete anos, treinar no time do Ceará. Então, com essa idade, eu além de trabalhar no roçado, jogava bola. O pessoal: “Tu tem futuro. Tu joga bem. Então vai lá.”. Vim acho que no início de junho, quando foi em agosto já voltei, porque nesse período não tinha mais peneira. Então eu já entrei em uma turma em andamento. Então eu fui deixado na turma e fui ficando. Só que quando eu voltei a primeira vez, na casa que eu estava, morava com um primo aqui e ele já tinha conversado com o papai e tinha dito que não compensava, porque era só custos, que eu não ganhava nada e fez toda a cabeça dele. Então ele já chegou para mim e disse “Eu vou lá falar com o homem”, não é assim que funciona. Futebol não funciona assim, não é nem dono de uma ovelha, de um bicho, chegar lá: vende ou não vende? Paga ou não paga? Existe ainda uma mente do pessoal profissional de um clube desses, o pessoal já vai fazer contrato e tu já vai ganhar dinheiro. Não funciona assim. Aí eu digo: “Não, tudo bem. O senhor não vai precisar ir lá, não. Eu volto”. Porque assim, até então quem tinha custeado todos os meus gastos tinha sido eu mesmo, que ao longo desses dezessete anos, que além de criar ovelhas e cabras, eu tinha parte das cabras, do rebanho, era meu, acho que umas vinte cabeças. Então era meu. Ele vendia e mandava o dinheiro. Aí eu: “Não, tudo bem. Eu volto”. Isso já em agosto. Quando foi em outubro, a minha irmã, a Clésia, ela sabia que o Andrade morava só e nesse/dos quinze aos dezessete, o Andrade já organizava campeonatos na Tamarina, Pentecoste, campeonatos municipais, regionais. E eu jogava pela comunidade de Canafistula, e no final do campeonato eles formavam os selecionados, e eu sempre estava incluso nos selecionados. E o Andrade me conhecia, assim, jogava junto. E assim, tudo o que eu queria, a minha semana girava tudo em função do sábado quando o Andrade chegava para poder a gente treinar. Tudo o que eu queria era que um dia alguém/ eu tivesse um treinador, mesmo que fosse futebol amador, alguém chegasse e “vamos fazer algo diferente do que existe”. Então ele chegava com essas propostas, fazia treinamento físico, treinava, e assim a gente reuniu um grupo de pessoas na Tamarina, né? Que era onde acontecia a maioria dos jogos. Em Tamarina também é município de Pentecoste. Então aquele momento era um momento de festa. Pessoas simples, mas ao mesmo tempo muito prazeroso. [10’53”]

[10’54”]

E, ela foi e falou com ele sem eu saber, para eu vir morar com ele. Eu estava completando meus dezoito anos em outubro. Depois ele me falou e aceitou, ele estava dizendo: “se ele souber cozinhar”. Ele já era professor da universidade, então eu vim em outubro. Retornei para cá. Completei dezoito anos. Aí, nessa vinda, eu tinha conversado, ele desafiou para eu voltar a estudar. Eu já estava com quatro anos parado, então eu nem pensava em reatar. Não tinha tido essa oportunidade ou essa visão. Ele pa/ele, todo um argumento, né? “Poxa, você é um jogador profissional. Se você não for muito bem instruído seu empresário pode comer todo o seu dinheiro, fazer e tudo lá”. E eu “poxa, é verdade”. Então assim, eu voltei em outubro, retorno lá no Ceará. Já é final de ano, a turma já estava encerrando e voltava em janeiro, “os campeonatos já encerraram. E, o senhor vá fazer supletivo, pertinho do centro ali,

aqui em Fortaleza”. Aí, eu pego e vou fazer as provas, que era o teste de habilidade de português e matemática, fui reprovado em português. Eu passei um mês fazendo nivelamento de português. Fiz a prova e fui aprovado para português e redação, e cheguei ainda a pegar um fascículo. Nesse momento o Andrade estava casando, dezembro, então já volto/ele tentou conseguir aqui algumas casas que precisariam de jovens para morar, pessoas idosas, em qualquer canto para eu não voltar e continuar estudando. Agora sim, eu já volto com outra visão, com outro propósito. Então futebol não era, naquele momento, a principal via. O estudo agora era uma via. Então, eu via minhas irmãs querendo muito estudar e nunca puderam porque o pai não deixava, porque não deu a um não vai dar a outro. Agora, com dezoito, ele não pode mais impedir. Então, isso acontece, eu volto para casa, para Canafístula. Nesse momento eu já estava morando em Canafístula e as minhas irmãs, a Clésia e a Natalice, passam a vir comigo. Vamos lá, fizemos novamente o teste em Pentecoste, sondagem em Pentecoste, e fomos aprovados, todos os três. Nesse período, [19]93, no início/final de julho, aí, o pai adoece. Quando fomos fazer a matrícula, o pai estava no hospital. Ele foi para o hospital domingo e nós fomos fazer a matrícula na segunda, e ele faleceu em novembro. Então nesse período a gente praticamente não fez prova, nenhum dos três. E, a Clésia sempre foi àquela menina/a queridinha da casa, a mais desenrolada, a mais cheia de doídice, e assim, quando o pai volta para casa. E ela assim, quando o pai volta para casa, ele não falava mais, teve trombose, teve um monte de coisa. Então ele não falava, ele não andava, e ela puxava conversa com ele. Às vezes eu fazia ele rir, né? E chegava a falar para ele que estava estudando, que estava fazendo isso. Então quando o pai morre há todo um desequilíbrio lá em casa, da família, quem vai cuidar? Porque a mãe sempre foi a pessoa, que o pai decide tudo, meu pai não fazia nada que ela não concordasse, mas ela tomava uma decisão, ela não vendia um palito de fósforo, não dava nada sem antes consultar ele. Então quando ele morre, tem todo esse desequilíbrio. Quem vai cuidar? Então eu já era/tinha uma outra noção de vida do meu irmão mais velho, tinha uma visão de mundo diferente. Então assim, era ele quem ia conduzir, apesar da gente ter um contraste de ideias, de pensamentos. E a gente passou por momentos difíceis nessa situação. Então eu vi a vinda do meu irmão para Fortaleza, o mais velho, depois veio a Clésia, minha irmã também para morar com ele, a Nádia já tinha casado, então tava eu, Cláudio, Clédio e Natalice. E, por alguns momentos, eu tinha alguns contrastes de ideias, com Nilberto, que ele queria que eu viesse morar com ele, e eu digo: “Não, vou não”. Ele bebia, lá em casa assim, meus irmãos todos bebiam na época, só não eu. E, a gente foi tentando () esse desequilíbrio. Um ano e meio depois, eu sempre em contato com o Andrade, ele me disse: “Poxa, nós estamos montando um grupo aqui no Cipó, vem tirar dúvidas aqui do supletivo, fazer suas provas”. Ele sabia como é que tava o andamento, tava um ano e meio de supletivo, tinha feito menos da metade do supletivo em Pentecoste. E, ele disse “vem pra cá, vem para o Cipó estudar com os meninos”. Estava o Toinho, o Francisco, o Du e o Beto, se eu não me engano. O Osmar ainda não estava, não. Aí, que eu digo: “Aí eu vou, essa semana eu vou”. Na outra semana eu: “Não vim, não, mas na próxima semana eu vou. E eu vou, e eu vou”. Sei que chega outubro, novembro, ele disse: “Afinal, tu vai ou não vai?”, eu disse: “Vou”. Ele disse: “Olha, nós estamos montando um grupo para morar lá”, e eu disse “Vou”. Porque assim, apesar de tudo que estava acontecendo lá em casa, eu tinha um, assim, um ambiente, não tinha terra nos pés, então você não tem força para reagir. Futebol naquela hora estava sem ter apoio, não tem nada, é só verme, vontade de jogar. Eu digo: “Eu vou”. Isso foi num domingo à noite. Segunda a gente fazia até uma despedida do Olavo, naquele momento era o melhor amigo que eu tinha e eu praticamente vivia na casa dele, e ele estava vindo para Fortaleza também. E ele disse: “Vamos fazer a despedida dele, gosto muito do Olavo”, e eu: “bora”. [17’10”]

[17’11”]

Quando eu cheguei em casa eu disse para a mãe: “Eu tô indo morar no Cipó”. Assim, limpo e seco, né? o clima já não era tão. Ela fez de conta que nem ouviu, né? Aí eu entrei e comecei a arrumar as minhas coisas e ela percebeu que era verdade: “E não pode deixar para ir só amanhã? E esse negócio vai dar certo?”, “Vai, por isso que eu tô indo agora.” Então, eu fui para a despedida do Olavo e em seguida peguei minha bolsa, botei e me mandei. Então assim, passei a semana sem vir em casa, vim depois da semana. Na primeira conversa que o Andrade teve com ela, aí pronto, ela mudou, é:: ela começou a acreditar, começou a apoiar, começou a ajudar mesmo dentro do que ela podia. E os meninos, as minhas irmãs, que começaram comigo, casaram, tiveram filhos, uma abandonou o supletivo, a outra não, a Natalice ficou, fazendo devagarinho, mas não abandonou de jeito nenhum, continuava fazendo. A Clésia abandonou, casou, trabalhou, rodou, voltou de novo. E, o Cláudio veio embora para Fortaleza com o Nilberto, passou um tempo, depois veio o Clédio, aí vieram as cachaças, e o Clédio veio para cá. É:: e aqui ele tava trabalhando, perde o emprego, se envolvendo com pessoas que agente não sabe a procedência, o pessoal preocupado, minha mãe chorando e pedia para eu ir falando com ele. Porque assim, até então eu era a pessoa mais próxima dos irmãos que me davam ouvidos, que me ouviam. E ela queria que eu viesse aqui, e eu: “Mas eu posso oferecer o que para ele, vou levar ele para lá para quê? Ele não vai querer ir”. A única coisa que eu poderia ajudar era se ele quisesse voltar a estudar, mas o Clésio sempre foi uma pessoa que teve dificuldade, ele chorava, ele tinha dores de cabeça violentas antes de ir para a aula, eu acho que era para ele não ir. Eu sabia, eu estudei com ele, eu sabia de toda a dificuldade. Aí, um dia eu conversando com a minha mãe, nas minhas idas e vindas de Cipó para Canafistula, a noite, sete quilômetros de bicicleta ou a pé, me fazia refletir muito como eu poderia ajudar, e eu fiz esse comentário com a mãe, então não precisou eu vir aqui à Fortaleza, ela veio e ele voltou, e ela comentou com ele. Aí, um dia agente se encontrou, bateu um racha na Canafistula e fomos para o riacho do Serrote a pé, a noite, caminhando como a gente fazia antes, a gente fez isso bastante. Então, ele já tocou no assunto, que sabia da dificuldade, nunca tinha gostado, mas assim, ele tava tão sem saída que ele ia enfrentar, ia tentar. Então eu chego em casa, estava a mãe e o Cláudio e a Natalice, se eu não me engano, e o Clédio, e eu falei: “ele vai trabalhar um expediente e o outro ele vai estudar”. Ninguém riu, mas ficou todo mundo assim: “Você nunca quis nada”. Aí, veio toda a história por trás, Nilberto não acreditava, Cláudio não acreditava, Clésia não acreditava. O certo é que meses depois ele foi morar no Cipó comigo, levei ele para lá, então ele já estava dando certo, estava começando a tomar gosto e ele foi, fez também o teste de supletivo da cidade de Pentecoste, passou, e foi morar lá em Cipó. E daí, de lá para cá, ele veio por conta, nunca precisei: “Ó, tu tem que estudar, tu está brincando”. Ele diminuiu as bebidas e veio estudar e chegar a entrar na universidade. É:: então assim, paralelo a isso acontecia a história do Claudinho, que ele foi o primeiro, a história, a ovelha negra da casa dos homens. A mãe dizia assim: “no dia que beber, chegar em casa, apanha”. Mais homem, né? O Cláudio foi o primeiro, cedo ele começou a beber, influência das amizades, ele estava numa situação que ele fugia, saía de casa, foi morar sozinho para beber, se ele não tivesse bebido ele não vivia, mas se tivesse, ele vivia. Mas ele ia fazer compra na imposta, já um pouco distante, mas lá tinha cachaça e ele acabava bebendo. Assim, por várias vezes ele chorava porque o dinheiro que ele ganhava não pagava as contas que ele tinha e isso foi por muito tempo. O Cláudio, como é, bebe para deitar e levanta para beber, estava numa situação desse jeito. [22’11”]

[22’12”]

E:: minha mãe ficava apavorada, porque ela nunca gostou de quem bebe e assim, e ter que cuidar, e o Cláudio chegava melado, ia pro banheiro e voltava com a roupa toda molhada dentro de casa, e ela ficava com aquela angústia e não podia fazer nada. E um dia meu cunhado disse que a gente desprezava o Cláudio, que não dava a atenção que ele merecia e

por isso que ele vivia daquele jeito e ia levar ele para um curador. Eu entrei por um ouvido e saiu pelo outro, porque eu não acreditava que o problema dele fosse um curador e a mãe naquela hora eu ouvi ela dizendo assim: “Se ele for curar e não resolver o problema dele, eu pago é despesa”. Aí entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Eu, passou um dia, eu passei a noite acordado, todo dia, até quatro horas da manhã, que eu vou fazer? Já estava aqui na faculdade, que eu vou fazer para impedir que isso aconteça? Porque a situação já estava ruim, então pelas minhas crenças vai piorar, eu não acredito nisso e o problema do Cláudio não é esse. então assim, eu não sei o que fazer, o Cláudio também foi outro que na quarta série mais bebia e namorava que estudava, então ele reprovou três vezes, a quarta ele desistiu. Aí eu digo: “Puxa, não sei o que fazer de jeito nenhum”. Mas assim, eu sou o único que nesse momento entrou na universidade e eu tenho outra mentalidade, não devo, por mais que eu seja o mais novo da casa, não devo, eu acho que por obrigação minha ou responsabilidade, deixar que as coisas aconteçam àquilo que eu não acredito. A conclusão que eu cheguei às quatro horas da manhã é que eu ia conversar com ele, juntamente com a mãe, com meus irmãos que estavam em casa e primeiro passo ele ia pagar as contas dele, que eu sabia que uma das coisas que fazia ele beber era não pagar as contas, e as contas só multiplicam, você sabe como é que funciona. E, essa foi a minha proposta. E outra coisa, com a morte do pai até aquele momento, existem umas mudanças, a gente se sente mais livre, não tem mais quem cobre, estava um pouco distante da igreja, nós não sentávamos para almoçar todo mundo junto, quem chegar primeiro come. Então assim, acho que a gente perdeu isso, então a minha proposta era essa, vamos se juntar, vamos fazer novamente, vamos ser um grupo, né? Os que estão em casa. Nós vamos quitar as contas dele e vamos tentar recuperar isso, frequentar um pouquinho mais a igreja, almoçar juntos, jantar juntos, vamos buscar isso. Então eu fui daqui com essa proposta, quando eu cheguei na sexta feira, eu vim pro Cipó, bati o racha, no sábado, cheguei em casa, anunciei: “Olha eu queria muito fazer uma reunião com vocês esse fim de semana”. Por coincidência, as coisas tudo certinho, o Clélio na época estava tentando o vestibular, o ENEM na verdade, e o nome dele não veio, a prova do ENEM era exatamente no domingo, então ele não viajou, ficou em casa. Aí, eu fui pro racha no Cipó, vim do Cipó para a Canafistula só pensando em como eu vou fazer essa reunião, muito mais prático para mim era desistir: “Á, não, deixa pra lá”. Porque é muito difícil, pois eu sou o mais novo, vou querer dar lição de moral pros meus irmãos mais velhos? É no mínimo chato, você ter que/tem horas que você tem que ter cara de pau, muita crença no que você tá falando ou tá fazendo, quando eu chego em casa, tá todo mundo, Cláudio, Clésia, marido da Clésia, Clélio, a mãe, aí eu digo: “É agora”. Nem tomei banho, sentei no pé da mesa e sentou todo mundo. A Clésia disse: “vai casar?”, aí eu digo: “Não. Não vai ser dessa vez, não”. Então, conversamos, falei exatamente isso pra todo mundo, né? E eles só ouvindo. A mãe falou, o Clésio falou, Clélio falou. E, o pessoal gostou da proposta, a única coisa que ele disse no final: “A única coisa que eu prometo para você é que eu vou deixar de beber, porque eu já sou dependente”. Beleza, mas ninguém pediu para ele parar de beber. A gente estava se colocando à disposição dele para ajudar. Passou uma semana, só que nesse período todo ele se inscreveu no, como é que é meu Deus? é um programa que, esqueci o nome. Ele concluiu o ensino médio, o fundamental, espécie de EJA que ele fez, com as cachaças e tudo, mas ele conseguiu fazer. Na semana seguinte quando eu cheguei” ((A gravação encerra para Noberto lembrar-se de algumas coisas). [27’20”])

Vídeo 04

[0’00”]

Meu irmão me oferecia bebida toda vez que eu passava em frente ao bar que ele tivesse bebendo. Ele chegava, me chamava e me oferecia bebida, sabia que eu não bebia, e eu

educadamente dizia que não queria e ia embora. Morrendo de raiva porque eu sabia que era só para provocar, né? E eu revidava dessa maneira. Dentro do campo eu fazia a mesma coisa, quando alguém me dava uma pancada se eu pudesse dar um drible nele, eu dava. Dar um banhozinho, um chapéu, qualquer coisa para descontar, para mostrar para ele que eu vim para fazer outras coisas. Então assim, paralelo a universidade, nós trabalhamos muito nisso. Então, futebol ficou não mais como um rumo profissional, apesar de que eu fui tentar novamente quando cheguei na universidade. Professor Gilberto, lá do departamento de química, ele já me conhecia, já tinha jogado comigo, ele disse: “Quer não continuar a jogar com vinte e três anos. Se quiser, o Tiradentes, um time aqui de Fortaleza, treinava lá no campo. Se tu quiser eu falo com o treinador”. Eu digo: “Não. Quero não. Agora eu quero ser estudante mesmo. Eu vou ser professor e vou ser profissional em outra área”. Mesmo dizendo contra a minha vontade, eu tenho certeza que naquela hora minhas pernas doeram para correr pro campo, mas eu não corri, tive a resposta. Depois treinei com o dito treinador, mas defendendo a universidade. Então assim, nós éramos tratados como universitários, não como profissionais. Passei a jogar. Quando eu decidi estudar, o meu medo, a minha dificuldade era “como é que eu vou deixar de jogar bola?”, porque eu achava que para estudar tinha que deixar de jogar bola, porque eu não teria tempo. Quando eu entrei, comecei a ver diferente. Eu não precisei deixar de jogar futebol, e eu passei a jogar de uma forma inteligente ou mais educativa, pensava assim, eu achei que a gente começa a ler e a entender como é que se joga futebol de fato, e não só aqueles negócios que se vê nos campos de peladas. Ainda vim para cá, joguei pela universidade no Norte-Nordeste, em Maceió, e joguei um Brasileiro, que é o Jubs, em Natal, esse eu fui, estava com vinte e oito anos, eu fui querendo ir para a seleção brasileira de universitários, e acho que foi o meu melhor campeonato. Já tinha quebrado a perna, já tinha ficado bom e voltado. Joguei quatro jogos em Natal, ficamos em quinto colocado, mas assim, foram bons jogos. E:: a resposta que no final meu nome foi cotado para a seleção brasileira, mas por conta da idade eu não fui, porque a seleção brasileira o limite era vinte e oito anos e no ano seguinte eu estaria com vinte e nove. Então o único nome que foi cotado foi o meu. De qualquer forma, foi uma resposta para o que eu queria. Fiquei com pena de não ter ido, mas ao mesmo tempo satisfeito. Então assim, quando, já terminando a graduação, quando eu termino a graduação eu largo o futebol praticamente de vez, sem muita dificuldade, porque ao longo da minha graduação eu projetei o seguinte “Eu vou fazer mestrado, eu vou fazer doutorado.”, porque se eu sair, eu corro risco de não voltar mais. Primeiro, eu não sou mais nenhum menino, tinha trinta anos. Eu nunca ganhei dinheiro, daí a gente começa a ganhar e acha que está ganhando muito e quer ganhar mais e acaba não voltando. Então eu vou continuar vivendo de bolsas e fiz. Fiz o mestrado, entrei. Casei no ano seguinte já terminando o mestrado, foi uma outra/era um desafio, mas foi uma projeção, uma atitude saudável. Eu não pensei em aumentar minha carga, eu pensei em dividir minha carga. Casar naquele momento foi sem muito pensamento. Parceira, a Beatriz, achava a mesma coisa. A gente tinha projeto de vida em comum, então deu certo. Eu não quero uma mulher para eu ficar preocupado com ela não, nem você um marido para ficar preocupada, porque assim nem eu vou trabalhar e nem ela, nem eu vou estudar e nem ela, mas graças a Deus casei no último ano do mestrado. Terminei o mestrado em 2006, em março. Em janeiro já estava fazendo a seleção do doutorado, foi muito corrido. Deus tem sido presente na minha vida e mostrando as coisas que assim, tem horas que eu digo: “Deus me carregou, porque eu não teria forças”. [5’08”]

[5’09”]

No final do mestrado, eu estava/eu defendi em março e em janeiro eu estava terminando de escrever a tese, e é ao mesmo tempo da seleção do doutorado. Fiz o projeto, Andrade não viu o projeto, ele era meu orientador. Houve um contratempo e ele não viu. Então dois colegas meu, me ajudaram, fizeram as correções, e ele só me ajudou a escolher a planta. Fiz o

projeto, mandei o currículo, mas eu estava cansado, muito cansado naquele período que eu fui para a entrevista com um propósito. Se a banca botar qualquer dificuldade, eu certo que vou só terminar meu mestrado e ir pro mercado de trabalho, porque eu não tenho mais força do que o que eu tenho agora. Se eles me exigirem mais do que eu não posso dar. Quando eu chego para a entrevista, a banca era conhecida. E:: por incrível que pareça, estava com a tabela de notas e eu vi só o cantinho, dez no currículo: “Eu posso tirar um seis no projeto”. O Andrade não tinha visto meu projeto. Eu fui para o interior para as viagens de rotina, cheguei domingo às dez horas da noite, fiz a apresentação até às cinco horas da manhã e apresentei às oito horas. Foi puxado, eu dormi de seis às sete e ainda tirei um oito no projeto. Aí eu comecei a dizer que eu ia fazer o doutorado porque Deus queria que eu fizesse, ele não ia me abandonar. No doutorado vem o primeiro filho, eu já estava com um ano do doutorado, aí eu pego a disciplina mais pesada que eu achava, que era a disciplina do Ediberto e ao mesmo tempo trabalhando no laboratório e nasce o Artur no finalzinho de abril. Então continua seminário, fiz o seminário, pediram para eu repetir, eu mesmo não gostei da apresentação. Quando eu terminei a disciplina do Edilberto foi finalzinho de julho, eu não tive férias. Aí, criança, eu não dormia a noite toda, eu estava ali. A criança acordava de madrugada eu ia ajudar a Beatriz. E:: quando chega em agosto eu papoqueei. Não rendia, não conseguia. Era exatamente para eu reapresentar o projeto/o seminário, não consegui de jeito nenhum, aí tive um problema de saúde, passei/caiu, baixo estima estava a flor da pele, cansaço e fui lá na coordenação, perguntei qual era o meio legal de trancar o curso, porque eu sabia que se eu não terminar o curso eu tenho que devolver as bolsas que recebia e a coordenadora viu a minha situação e disse: “Rapaz, não tranque. Não desista”. Eu estava matriculado, fazendo a disciplina e ela disse: “Tranque a disciplina que você fez e se matricule em tese”. Porque em tese você pode se matricular até o final do curso, até defender. Então pronto, ela fez tudo isso e eu nem voltei mais lá. E eu fiquei seis meses afastado. Nessa época o Andrade estava chegando dos Estados Unidos, conversei com ele, falei para ele e disse: “O que você decidir eu estou do seu lado. O que você quiser continuar/se você não quiser, eu estou do seu lado”. Tudo bem. Alguns amigos vieram lá em casa, conversaram, e eu estava numa situação que, se eu quisesse fazer alguma coisa, eu tinha que anotar. Se eu quisesse lembrar de alguma coisa do dia anterior, eu tinha que anotar. Eu não lembrava de jeito nenhum. Então, criei uma agenda, eu mesmo fiz a agenda em casa, queria nem ver livros, nem ver nada. Então eu fiz uma agendinha e se eu quisesse fazer alguma coisa, pensei agora, anotei. Se eu quisesse lembrar as coisas de ontem e eu ia lá no caderninho e lembrava. Eu perdi a bolsa, foi retirada a minha bolsa porque eu não apresentei o seminário, então eu fui punido com o cancelamento da bolsa. E foram sete meses sem bolsa do doutorado. Quando foi em março o ano seguinte, isso foi finalzinho de agosto. quando foi março do ano seguinte eu consegui reapresentar o seminário, aí foi mais tranquilo, eu gostei da apresentação. Sete meses depois eles me devolveram a bolsa e as coisas continuaram muito lentas. É:: aí na reta final tive que ir para Mossoró, que foi outra parte árdua, o professor lá cedeu o laboratório, muito bom, eu viajava domingo a noite para Mossoró, saía daqui às onze horas e chegava três da manhã na rodoviária, ficava até às seis da manhã para ir para a pousada, de lá ia para o laboratório e sexta retornava, isso foi de agosto a dezembro, onde lá eu consegui os resultados que desse para fazer a defesa. E graças a Deus nesse ano eu consegui fazer a defesa do doutorado, foi em fevereiro e estou aí. ((Comentários do entrevistador)) [11’09”]

[11’22”]

Então assim, eu fui aprovado para licenciatura em química, fui graduado, licenciado. Fiz o mestrado em química de produtos naturais, é uma área e a sub-área é química orgânica, e doutorado também em química natural. Trabalhei com tipi, uma plantinha inclusive utilizada na medicina caseira no interior e no doutorado trabalhei com a oiticica, que foi uma planta

bastante explorada no nordeste, na época de seca. Foi criada uma indústria que trabalhava com o óleo do fruto da oiticica, que ela fechou agora, acho que em [19]97, desde/foi quase um século, mas só foi explorado o fruto. Uma coisa que pouca gente sabe é que a folha da oiticica ela, assim como a folha da pata de vaca, ela é utilizada para controle de diabetes. Se você não tem acesso a pata de vaca, que é mais difícil, tem acesso a oiticica. A folha da oiticica tem essa ação. Eu descobri também por acaso, gostava da oiticica, mas meus primos todos são diabéticos da parte do pai, e eles trabalhavam com a folha da oiticica. Eu fui buscar na literatura e alguns relatos já mostravam isso. Enfim. ((Comentários do entrevistador)). Pronto. É porque ficaram algumas coisas deixadas por fora. Paralelo às atividades da universidade, estar na universidade, voltar para o Prece no Cipó, nos meus dez primeiros anos, foram voltados para o Cipó. Eu trabalhei praticamente em Cipó. Prece cresce e então ele é dividido, ele é feito nas comunidades, associações, Escolas Populares Cooperativas (EPC). Então a Canafistula, uma das comunidades que eu diria mais representadas no Prece, pela quantidade de pessoas que existe na comunidade e presente no Prece. 2004 a gente começa as atividades na Canafistula, comunidade de origem, onde a gente começou com grupos de estudos, com EJA, e em 2006 a gente vai com a proposta de fundar a EPC, se não me engano dez/doze universitários já e a gente começa as atividades. As atividades com um certo medo: “Será que nós estamos preparados? Não temos professores para todas as disciplinas”. Aí já temos um público mais seletos, universitários com uma visão mais/tem que dar uma boa aula, saber o conteúdo, senão eu não posso mais ser o professor da disciplina e nós tínhamos dificuldades com isso. E::, mas assim, a procura tem sido constante, inclusive a média de público que procura a escola parece que não muda, todo ano nós estamos com uma média de trinta e cinco estudantes. E:: a gente vem trabalhando de modo que se ela foi criada, a associação foi criada e registrada em 2006/2008, não tenho certeza agora. É - e o pessoal passa, vem sendo aprovado, existe uma curiosidade nesse ponto, a gente tem um público muito bom de graduados, universitários, mas nós temos um público pequeno de pessoas que trabalham ministrando aula. As aulas para universitários é um ponto que segura estudantes, lá você prepara, orienta para outras atividades, como construir horta no quintal, vamos, sei lá, trabalhar com esportes, trabalhar com projetos de espanhol para crianças, mas o que prepara a pessoa, o que norteia, o que orienta o estudante é o pré-vestibular. E a gente tem tido essa dificuldade, pois algumas pessoas não puderam voltar ou não quiseram voltar, outros acham que não se formaram para dar aula, outros imaginam que não é só para dar aula que o Prece existe, e assim está passando por um momento quanto a isso, mas a escola na Canafistula é crucial, porém hoje em dia eu faço algumas críticas a mim mesmo pro grupo, né? Porque nós temos ao lado da EPC uma escola de ensino básico, não tem muito sentido o estudante passar ali o tempo todo do ensino fundamental, do médio, depois ir para a EPC, para estudar para vir para uma faculdade, ele podia fazer tudo isso na escola, já se prepara lá para vir para cá [17'16"]

[17'17"]

Então, esse é o meu questionamento. Segundo, questionamento é o seguinte: A gente vem, passa a semana aqui, a gente sai domingo à noite, no micro-ônibus, volta sexta à noite, a gente chega lá de madrugada, sete horas da manhã as atividades iniciam. E nós não temos um professor da rede pública, que todos os professores da rede pública, da escola de Canafistula, são de lá. Não tem um de fora, são todos de lá. E nem um deles trabalha conosco. Então assim, existe alguma coisa errada. E tem filhos de professores estudando com a gente. Eu fiz até um comentário hoje com um colega e ele não entendeu, parece trabalho de abestado, né? De pessoas que não têm noção do que estão fazendo. Estou fazendo uma coisa que o pessoal não tá fazendo isso. Por que eu estou indo para lá, mas não temos recurso de nada? O único recurso que a escola dispõe hoje é de uma taxa que o pessoal paga, se não me engano de

quinze reais, que não paga nem a xerox que a gente leva mensalmente. E nós temos o custo com energia, com água, com alimentação de algumas pessoas que estão lá. Então assim, eu acredito que nós precisamos ter um novo marco na comunidade. Porque o Prece deixou de ser o veículo de transformação, para ser um veículo que leva pessoa para a universidade, antes que elas tenham uma opção, esse pessoal já chegou/e testemunhos, eu fiquei muito feliz, a pessoa ter capacidade de falar aquilo. Às vezes é muito triste, porque eu tinha detectado, comentei, mas ninguém assume. Hoje ele é precista por vaidade, por orgulho, dentro da comunidade, sente-se orgulhoso. Eles não assumem isso agora, mas quando chegam aqui na universidade que a gente vai para as reuniões, que aparecem as dificuldades. Eu também era assim, eu me sentia orgulhoso, achava até o fato de comparação. O Prece hoje no interior é o aluno do Farias Brito aqui em Fortaleza, é o cara orgulhoso, pomposo. Os estudantes que vão para a escola, que é uma crítica que eu faço porque eu acho que o Prece não peca, porque a gente não está pegando os alunos carentes de fatos, carentes que eu digo ali, daquele local. Nós não estamos pegando. Estamos pegando o pessoal de classe média e média alta daquele local, da Canafístula especificamente. Vem um ou dois gatos pingados. E os estudantes que não vão para a escola, eles não vão porque não querem, é porque eles acham aqueles meninos metidos, os que vão. Acham metidos, que eles sabem muito e eles não sabem nada. Por isso eles não vão. Porque eu defendo o critério de seleção na escola. Qual critério de seleção? É o que tem vontade de ir, não é o que sabe mais. Eu defendo esse critério em todo canto. Quem é que deve estudar lá? Aquela pessoa que tem muita vontade de estudar, que tem vontade. É essa que tem que ir. Então as pessoas não vão porque o carinha que na escola parece que sabe muito ou é filho de uma pessoa influente, é mais desenrolado, vai ((o vídeo acaba e a fala é interrompida)). [21'09"]

Vídeo 05

[0'00"]

Só passar vergonha. Como é que eu sei disso? Pelo testemunho dos próprios estudantes que acabam de entrar, que eles têm muita resistência, quando vai, quando chega lá descobre que os estudantes não sabem tanto assim, não são as estrelas que demonstram ser e muitos estudantes bons não vão. Aí chego lá, são melhores do que já estão. Aí eles começam: “Poxa, então a história aqui é outra. Existe uma coisa boa na escola que todo mundo aqui se valoriza, trata pelo nome, as pessoas aqui ajudam, colaboram. Quando alguém tem alguma dificuldade, todos ajudam”. Então esse é o forte da escola do Prece. O pessoal preocupado em entrar na universidade, preocupado com as pessoas que estão dentro da comunidade que não estão participando e nós estamos caminhando paralelo a comunidade. Então a proposta do ano passado para cá é que a gente, de 2010 para cá, é que nós passássemos a fazer eventos culturais para que a comunidade pudesse participar e ao mesmo tempo a gente estar ajudando na organização da comunidade. E isso tem acontecido em alguns eventos e a comunidade tem participado. Qual é o problema aí? É que pode ser isso só uma forma de maquiagem, as atitudes podem não mudar. Eu acho que isso a gente tem que estar trabalhando também, é:: esses fatos, porque assim, essa é a parte que mais me preocupa e me deixa muito triste. Não é esse o Prece que eu quero, não é esse Prece que eu vou defender, de jeito nenhum, eu não vou defender pessoas simplesmente por virem para cá. Eu vou defender pessoas que queiram se transformar, que queiram uma alternativa, meios, que para mim os grandes resultados do Prece como todo não é a quantidade de pessoas que se formaram ou chegaram a universidade, é um Claudim, uma Clédia, um Zé Alfredo, é um Valdeir, e quantos outros que eu não conheço que não tinham essa oportunidade, estavam aí direcionados para qualquer canto que não sejam coisas boas, e eles tiveram oportunidade, seguraram. Valdeir foi uma pessoa que foi muito insistente, chegou lá sem dar um pingão de atenção a ele, e ele ficava lá só vendo a

gente. Ele foi resistente e tá aí terminando o curso de agronomia. E, por conta disso, já está o Milton, o Berto e outras pessoas já vieram por conta deles. Então assim, essas nossas atitudes, os sucessos e os insucessos servem para que você atraia pessoas que buscam, que estão precisando de uma luz, de uma alternativa. Que eu vou fazer? Às vezes eu fico: “Poxa, como eu posso fazer algo para ajudar a comunidade? Hoje assim, meu pensamento, porque eu acredito que estudar seja muito difícil, estudar não é para todo mundo. Nem todo mundo quer. Eu conheço pessoas, e várias pessoas lá no interior dizendo: “Eu quero morar aqui, eu só quero terminar meu ensino básico e vou trabalhar na agricultura, trabalhar por aqui mesmo. Vou trabalhar na prefeitura, em qualquer canto, mas eu quero morar aqui. Eu quero estar aqui. Estudar é muito difícil”. Assim, como é que você pode me ajudar? Aonde é que nós vamos poder entrar com projetos, com políticas públicas, sei lá, que a gente possa chegar para aquelas pessoas, pais de estudantes, ex-estudantes daquela comunidade para que ele possa se fixar lá mesmo, ganhar um dinheirinho, uma quantia que ele possa sobreviver e viver dignamente. Mas é difícil, está além das nossas condições, mas o primeiro passo é detectar, segundo é sentir e que existem pessoas que se sensibilizam por isso. Aí, chega o período da política e o pessoal chega e esmaga todos os sentimentos de simplicidade, de honestidade, de dignidade, porque eles não têm. Isso eles não têm e eles não querem nem saber ((comentários do entrevistador)). Eu nunca deixei de voltar, né? Fui três anos e meio presidente do Instituto, então encerrando agora no início de 2011. Logo em seguida fui agraciado com a coordenação da escola. Não era os meus planos, porque eu queria que pessoas novas também passassem. A ideia lá é construir um ciclo e todo mundo passar pela mesma cadeira e sentir os mesmos problemas para poder reconhecer e entender o sofrimento, mas estou lá com a equipe e me propus a dar aulas de química, então vou há cada quinze dias, com uma proposta junto com os estudantes, e por conta disso eu tenho muito contato com esses problemas da comunidade. Acho que hoje eu trabalho mais conversando com os meninos, né? Mostrando para eles algumas vertentes, alguns sentimentos, algumas possibilidades de fazer algo diferente, de mudança do que mesmo atuando, apesar de que estamos lá, frequentemente. [5’59”]

[6’00”]

E assim, só esqueci de falar que no final do doutorado ainda veio a chegada do Ricardo, que foi o meu segundo filho, mas graças a Deus ele já veio na reta final. Dois meninos com muita saúde, uma diversão, porém eu só quero esses dois mesmo, já tá bom, né? Já é um bom trabalho de muita responsabilidade. Hoje eu percebo que talvez a gente precisasse de uma política voltada para isso, construção de família, porque o que se vê hoje mundo a fora, em se tratando de interior, pessoas tendo filhos a torto e a direita, por incentivo de um salário maternidade ou então para um adolescente porque um cara prometeu uma moto ou um carro. Então no interior tem muito isso, pessoas novas que não tem perspectivas, desafios, mas eu ainda acredito que hoje com o país deveríamos ter um controle de natalidade, não ser livre para se ter filhos a vontade. Acredito que precisaria desse controle, talvez ajudasse muito na organização nacional. ((comentários do entrevistador)) Assim, eu gosto de falar. Eu não, sei, não tenho nenhuma palavra para classificar, mas é uma pena que a gente não tem/espero que o vídeo do Prece seja bom para que pessoas ouçam, fiquem ouvindo aí, a vontade, outras pessoas que não temos contato, Meu questionamento com os meninos é: Poxa, vocês não querem saber de nada dos outros estudantes? Eles não perguntam quase nada. Não é nem da gente. É sobre o curso, sobre a universidade. Eu acho que a gente precisava ter rodas de conversas desse tipo em outros momentos, para compartilhar. Porque a gente acaba não conhecendo a vida dos outros estudantes, dos amigos. Eu digo até que minha história é dividida em duas fases, uma antes e uma depois do Prece. Tem toda uma história depois do Prece, um outro mundo, uma outra coisa. Um broto nasce ali com outra visão, com outra proposta, que é voltada para a educação. ((Mais comentários do entrevistador perguntando se

ele gostaria de fazer algum agradecimento)) Olha, Gláucia, eu, assim, na verdade, prefiro não fazer, não porque eu não seja grato porque eu sou grato há muita gente, porque para eu agradecer e esquecer alguém/porque eu sou grato desde quem me criticou, porque eu conheço pessoas que me criticaram, me caluniaram, como dizem, e hoje tá pegando na minha mão e dizendo: “Parabéns. Sua história é muito bonita”. E como o Andrade diz, se me jogarem num rio não me procurem em água rasa, me procurem em água contra a corrente, mas assim, eu adotei essa teoria. Eu não preciso provar para ninguém que não sou gay, eu não preciso provar para ninguém que sou homem e eu não preciso provar para ninguém que posso ou só para mim mesmo. Mas no fundo a gente acaba dizendo/você diz que não vai conseguir, quer falar uma crítica mesmo e não assumindo. E a gente tem isso. [10’07”]

[10’08”]

Mas assim, a coisa ela é tão certa, eu era tão convicto que teve algum momento que as coisas dariam certo. Teve algum momento que eu pensei em desistir? Nunca. Eu era tão rebelde, estava tão obstinado. Uma vez eu estava conversando com o Andrade, vocês estão gravando mais não, né? ((Risos)). Estava conversando com o Andrade, já tinha alguns anos, ele ainda estava lá e ele estava desestimulado, cansado e estava perguntando como estava cada um, e eu: “Olha, se você quiser acabar o Prece hoje e desistir pode ter certeza, eu daqui não volto, não tem mais volta, eu não paro”. Então assim, eu sei o que eu quero hoje. Daí ele disse: “Que bom, era isso que eu queria ouvir”. Porque se o Prece acabar, acaba a ação dele ali com o grupo, mas eu tenho certeza que o grupo que estava lá, estava muito ciente do que queria e de onde ia chegar. Então, eu digo isso e eu tenho certeza, e por alguns colegas, eu falo por eles, que a gente não para. A gente vai chegar lá onde a gente está (). ((Comentário do entrevistador sobre o Claudinho) Tá, Claudinho tá estudando ainda. Gláucia, o Cláudio, para mim, ele não precisa entrar, eu já disse isso para ele, “você não precisa entrar, de jeito nenhum”. Mesmo até querendo poupá-lo do sofrimento de estar na universidade. Eu gosto muito dele, admiro muito a atitude dele, a capacidade dele. Ele é meu braço, minha perna, um monte de coisa. A escola é como se fosse dele, a mãe fica reclamando porque ele dorme na escola, ele está morando na escola. Ele cuida, ele briga, ele reclama, a escola é dele. Ele adotou, se identificou com a proposta do Prece, que eu não sou dono de nada, estou aqui para lhe ajudar. Eu não tenho nada, o que é meu é seu também. Ele adotou isso, ele já tinha essa característica. Então ele estava nessa proposta. Mas como ele me disse: “Noberto, eu tenho certeza de que eu não preciso entrar na universidade para ser o que eu sou, mas por questão de orgulho, hoje eu quero entrar”. Sei que algumas pessoas não valorizam mais, mas aumentaria a autoestima entrar na universidade, mas como ele diz que o que ele quer fazer, ele já sabe o que quer e o que precisa fazer. Ele não quer entrar em universidade, não. Já falei para ele que tem um semi-presencial, tem uns cursos técnicos, então se você quiser fazer, a gente vai lhe apoiar e eu estou aqui a sua disposição e ele sabe, ele gosta muito da gente lá em casa, qualquer coisa ele liga ou então quando a gente chega lá a gente conversa, coloca as coisas em ordem, contar as coisas dos bastidores que não são divulgadas. Ele é o informante oficial, mas assim, ele não precisa, de jeito nenhum. Eu digo isso com muita segurança, como eu já disse para ele ((comentários do entrevistador)). Ele é muito prestativo, muito atencioso, muito fiel às crenças dele, ele é muito ((suspiro)). [13’47”]

Vídeo 06

[0’00”]

Como o Cláudio tinha concluído o ensino fundamental, né? Na Canafistula, e após toda a reunião feita, a proposta. Então na semana a gente já providenciou o pagamento de algumas contas e no final de semana seguinte eu cheguei em casa e ele disse que queria voltar a estudar. Aí eu: “Beleza, agora eu posso lhe ajudar porque eu não tenho dinheiro e nem

trabalho para lhe dar, mas se você quer estudar ou qualquer um que queria, é o único bem que eu tenho que posso contribuir”. O que eu fiz? Levei ele pro Cipó nos fins de semana, eu dava aula de matemática do ensino fundamental, levava ele para a sala comigo.. Ele assistia aula, uma hora de aula e depois eu só saía ou ficava com ele na sala. Eu mandava ele ir pro quadro, ele voltava. Aconteceu um fato muito providencial na vida dele. Lá todo mundo chamava ele pelo nome, todo mundo chamava ele, pedia ajuda e o Cláudio sempre gostou de ajudar. Ele começou a se sentir importante ou começou a se sentir gente, coisa que ele não se sentia mais na Canafistula. Eu lembro que uma vez eu estava saindo da Canafistula, no carro do Elizeu, pai do Elton, e um cara gritou do outro lado da rua: “Claudinho, no Cipó não tem cachaça, tu vai fazer o que lá?”. Ele fez de conta que não ouviu. O Cláudio começou a criar força, criar ânimo, voltou a estudar devagarinho. De repente ele passa a morar no Cipó, pessoal chegava final de semana de Pentecoste, os universitários chamava Claudinho pelo nome, os momentos de conversa, de estudo. Então ele começou a achar um ambiente em que ele pudesse se recuperar, naquele dia eu acho que o melhor remédio que ele precisava tomar, ele estava tomando naquele momento. Então ele passou a morar no Cipó. E, como ele ainda bebia, menos do que ele bebia antes, lá no Cipó não tinha bebida. E uma das festas de padroeiro lá das comunidades, da Capivara, junto com os amigos que ele arranhou lá e deram dinheiro e pediram para ele comprar cachaça. No final de semana seguinte, estava um bafafá forte, a dona Fransquinha veio falar comigo que ele tinha bebido e que ele tinha pago a bebida para os meninos. Aí eu fui conversar com ele. Ele disse: “Olha, eu não comprei porque eu não tinha dinheiro. Eles me deram o dinheiro, eu comprei e bebi com os meninos. Toda vez que você precisar me chamar atenção, pode ficar a vontade, acho que você está aqui para isso. Você tem esse direito. Eu vou tentar fazer com que isso não aconteça mais. Essa foi a primeira e única vez.” Então com pouco tempo logo tinha parado de beber, voltou a estudar, passou a trabalhar lá. Ele gosta de trabalhar, serviço braçal mesmo. Ele estuda por conta própria, tocou a vida para frente sem a bebida. Ele vai para as festas, vai com os adolescentes, a turma vai bebendo e ele vai com uma garrafinha de coca-cola, vai e volta. Hoje ele está na canafistula, com o Prece lá e com essa filosofia e todo mundo gosta dele, a comunidade passou a tratá-lo diferente. Eu acho que ele nem sonha em beber. Então assim, essas direções que foram tomadas ao longo dos dez anos, doze, quinze anos que a gente tem de estudo. Então, retornando a história de [19]93, [19]94, quando meu pai morre, desde o início do Prece e todo o período conturbado, um barco sme direção, onde eu sempre dizia que se eu cambaleasse, eu tive amigos que me dessem aa mão, digo que são minhas muletinhas. Na Canafistula tinha o Olavo, final de semana tinha o Andrade. Então assim, a gente se dava bem, ainda hoje o Olavo tem muito respeito pelo Andrade e vice-versa. A gente tinha ansiedade pelo final de semana. E quando eu vou pro Cipó eu vou levanto toda aquela angústia, aquela mágoa da Canafistula, eu tinha brigado, brigado não, porque eu nunca briguei, mas eu não estava satisfeito com o time da Canafistula, jogava na Tamarina, então eu não jogava na Canafistula, a única coisa que eu fazia era jogar bola e estava estudando lentamente. Eu tinha discutido, o pessoal brigava muito e eu não concordava. Então eles disseram: Dê o seu jeito. Então eu saí com o Olavo para jogar na Tamarina. [05’38”]

[05’40”]

Então quando eu saio, saio carregando tudo isso. O cara que eu tinha que era muito amigo, que me dava força, apesar de pouca instrução, era o Olavo. Toda noite na época tinha jogo na Band e a gente ia assistir. Ele gostava e eu também. Era eu e o Osvaldo na época, e ele lançava a gente nos melhores time, fazia a propaganda. Todos esses acontecimentos me empurram para essa oportunidade que está sendo jogada e eu não estou pegando. Essa onde de dificuldade me joga para aquele ambiente. Passar o dia no Cipó era muito bom, porque chegar lá eu encontro cinco amigos, de futebol, de vivência. Toinho, Francisco, Beto, Osmar,

Du, a Raquel. Então eu não conhecia só o pessoal do futebol, não era difícil eu estar ali, era bom e eu estou disposto a enfrentar as dificuldades da vida. Só voltando atrás um pouco. Quando meu pai morreu, veio um desespero muito grande, eu ia fazer vinte anos completamente dependente de pai e mãe. A minha tristeza naquele momento, além da perda, era de dependência. Eu não ganho nada, eu não sei fazer nada e se minha mãe morrer hoje, eu vou viver de que? Quem vai me sustentar? A partir dali vem toda uma mudança de mente. Eu tenho que passar a olhar para mim como a pessoa que vai ter que construir a minha sustentabilidade, vou ter que ter uma profissão, alguma coisa. E essa mudança é muito drástica, não tem experiência, nem orientação. Nesse período eu busquei, meus amigos mudaram de faixa etária, acho que pela perda do pai, eu mudei. Meus amigos, a maioria são da terceira idade, porque eu vivia pedindo conselho, conversava com eles. Cansei de sentar com o Andrade, horas e horas, contando problemas e ele sugerindo, dando ideias. Seu Gilberto, Olavo, seu Brando, um monte de pessoas, pai de estudantes da minha época que a gente conversava e me dava uma esperança: “Poxa, tu tem capacidade, vai lá”. Às vezes nem tinham instrução, mas uma palavra motivava. Isso foi forte. Então assim, no Cipó, quando eu venho morar e formar esse grupo, vem outras dificuldades, atribuições. Eram um bando de preguiçosos, para os mais malvados, alguns gays. Na boca de algumas pessoas o Toinho era gay, para a Canafistula, algumas pessoas eram gays, então o resto também é, né? “Poxa, tem dois gays lá, então o resto também é”. Isso foi forte e o que fortaleceu no nosso grupo de estudo, naquele momento. Porque a gente passava a tarde conversando, várias vezes a gente sentava duas horas para estudar, quando dava quatro horas a gente não tinha estudado quase nada, conversando. Com o passar do tempo a gente percebeu que aquelas horas de conversa não eram perdidas, era onde fortalecia nosso grupo. Aqueles momentos a gente saia fortalecido, ia pro racha, brigava lá, saia brigado mais o Du e voltava, essas dificuldades que a gente tinha, resolvia no grupo e isso fortalece. [10’00”]

[10’02”]

Então assim, para mim tinha uma coisa que era muito difícil, era seis horas da tarde, batia uma angústia grande, que era exatamente o horário que eu ia pro Olavo. Na semana não tinha Olavo, Andrade, não tinha ninguém. Naquele horário me faltava alguma coisa. E aniversários, fazer ali me dava uma tristeza, um desespero. E graças, as coisas foram melhorando. De repente, veio a aprovação do Toinho. Pedagogia. Primeiro lugar. Tudo muda, a minha curiosidade aumenta e as coisas vão melhorando. Eu quero tomar uma postura, fazer alguma coisa. Ainda foi organizado o último campeonato, em [19]95, [19]96, a gente organizou juntamente com o Andrade, tinha o Orismar que era o locutor, que saía com as caixas de som todos os jogos, mas tinham alguns jogos que estavam muito perigosos, passou a fazer alguma coisa. Fui professor de português, sei nem escrever direito. Tinha um pessoal que estava lá, acho que a Dayana era minha aluna. De repente, fui professor de matemática, nós passamos a dar aula substituindo professores da rede pública quando ia para Pentecoste para fazer feira. “Liga pro Noberto para dar aula de matemática, liga pro Toinho para dar aula de história, de português. Então a gente ia porque a gente tinha essa necessidade de mostrar que estávamos evoluindo, que estávamos aprendendo alguma coisa. Existem os momentos da gente que é de tristeza, de fraqueza. Eu, pelo menos, sou assim. Tem horas que eu acho que estou aprendendo tudo, mas de repente estou me sentindo o pior cara, o que tem mais dificuldade de aprendizagem. Então a gente vive nesses picos, altos e baixos. Quando eu tô no pico muito alto, ponho o pé no chão porque eu não sei tudo e quando eu estou lá em baixo eu começo a arranjar uma estratégia, eu olho para quem ficou na minha época, para quem não quis estudar, onde que ele está e onde que eu estou. Então eu já caminhei muito, eu não sou o último biscoito do saco nem o último da fila, a fila ainda tá grande. Então isso me fazia entrar em um equilíbrio. Eu usava muito as minhas viagens de Cipó para Canafistula para sonhar. Sonhava,

projetava, comentava com o Andrade: “Poxa, eu imagino, mas chega um momento que eu não sou mais capaz de imaginar como será minha vida. Eu sou capaz de imaginar hoje até entrar na universidade, até me formar. Imagino eu como professor ganhando meu salário. Mas e agora? Eu vou fazer o quê?” Chega um momento que dá uma angústia, que me fazia pensar um pouquinho mais, sobre depois que eu me formar, eu sendo professor, se eu vou ganhar bem. O que eu vou fazer depois? Porque só para trabalhar, ganhar e tirar ali em casa não é vida para mim. Eu quero fazer algo diferente, alguma coisa para alguém que não seja só o profissional, né? O pessoal também. Então, veio em seguida a aprovação do Francisco. Com a saída do Toinho, que era a nossa liderança, a gente começa a caracterizar uma nova liderança, no caso, o Francisco e o Noberto. O Francisco era mais manso, mais estudioso e o Noberto mais atividade, vai pro roçado. E aquilo não me incomodava, não me fazia mal. E eu tinha aquilo ali com tem em um livro de história da alfabetização da semente: a semente era doída pelo mundo lá fora e ela se desesperava porque não podia ver. Era uma semente de uma laranja. Um dia a laranja secou, deu uma ventania, quebrou a laranja e a semente saiu e viu o sol, mas em seguida, por causa da ventania, foi coberta por uma camada de folha seca. Daí ela pensa “saí de uma laranja e agora vou para uma camada seca”, mas em compensação eu vou frutificar e ver o sol e a lua todos os dias. [15’11”]

[15’12”]

Então eu imaginava que aquilo ali era passageiro. Eu não estou trabalhando para ser agricultor, não que eu não quisesse ou valorizasse, mas eu estou estudando para ser professor. Agricultura era algo passageiro, era um ganho, uma forma de me mostrar que eu também posso trabalhar. Há cada dia eu internalizava mais isso, eu não preciso enganar ninguém, dava trabalho puxar o Orismar para ir pro roçado, mas eu até entendo. Eu não posso deixar de perder essa oportunidade, eu não quero aparecer para ninguém, eu quero aparecer para mim mesmo, eu quero provar que eu posso e que eu possa fazer uma atividade que seja honesta, que seja um trabalho legal. Eu estava disposto ali, mas estava crente que minha vida não era aquilo ali. Eu estou aqui de passagem. Quando eu vim em [19]92 treinar no Ceará, eu vim com o sentimento de que eu voltava, eu não vim com o sentimento que ficava. Quando eu vim pro Cipó em [19]93, eu não vim com o sentimento de que voltava, que de lá eu ia mais para a frente. Era um sentimento que eu tinha, que dali eu não voltava. Eu não vou voltar para o fracasso. Eu vou voltar para uma alternativa. No ano seguinte vem a minha aprovação. Foi aquela alegria que só sabe, só sente, só classifica, se é que tem como, quem passa, quem sente ou quem sentiu naquela circunstância, porque hoje é tão fácil passar no vestibular, é tão normal, mas naquela época era muito diferente, muito difícil. Eu estava com o Andrade quando recebi o resultado. O Andrade tava com o resultado que a Aninha não tinha passado e eu ali bem quietinho, doído para gritar, sorrir, fazer qualquer coisa. Cheguei no Cipó, peguei a bicicletinha, corri para casa. Isso vai dando outro norte na vida da gente porque são outras responsabilidades. Eu sou um cara muito medroso, cauteloso, penso muito, ajo pouco. Acho que o medo faz você pensar muito no que você vai fazer ou dizer. Então vindo para Fortaleza, universidade, residência. Eu confesso que meu medo maior era a residência. Poxa, eu vou morar com gente de costumes diferentes, hábitos diferentes. Eu já sou difícil, não sou fácil. Apesar de me achar um cara legal, eu sou difícil de conviver, porque eu falo pouco, quase desisti da residência, primeiro semestre praticamente eu não fui, aí o pessoal foi me dedurar na Pró-Reitoria. Eu estudava a noite e eu dormia na Igreja Presbiteriana, no Centro de Fortaleza e durante o dia eu passava na residência, eles não me viam porque a maioria do pessoal estudava durante o dia. E, resumindo, no final do semestre eu quebro a perna jogando bola. Então, o Adriano Andrade tomou conta disso e fez minha transferência para a residência dele, daí foi onde eu vim me encontrar. Eu morava na residência, no mesmo quarto morava o Adriano Andrade, o Toinho, que foi o primeiro que tinha passado, o Francisco, que foi o

segundo que tinha passado e comigo, quatro. Aí, depois saiu o Toinho, e chegou um carinha, ele era veterano, um carinha gente fina. Então, me dei super bem, morei até completar os cinco anos de residência que eu tinha direito, e nunca tive problema de alimentação, mas o meu medo era ir. Porque o curso em si, naquela altura do campeonato, eu tenho certeza que ia ter dificuldade. O nosso máximo era o mínimo que a universidade exigia, eu precisava me superar, trabalhar mais que os outros, estudar mais que os outros. Disso eu tinha medo. Eu lembro de chegar numa aula e o professor dar aula de química de coisas que eu nunca vi na vida, mas não é problema, eu vou lá no livro e vou ler. O curso todo eu fiz dessa maneira. Aí, o futebol fica como? Futebol foi por muito tempo, no Prece, um meio de educar. Nós tínhamos um time, participávamos do campeonato municipal de Pentecoste. Junto com o Andrade, a gente liderava, organizava o time de crianças e eu sentia uma carga muito pesada. Noberto não era uma pessoa agressiva em campo, nunca fui expulso de um jogo. Quando a gente jogava nas comunidades, era o Prece que estava jogando. Então, qualquer atitude que a gente tomasse, agressiva. Às vezes, eu escutava o pessoal falando: “E é porque é precista, e é porque mora com o Andrade, e é porque é evangélico”. Então assim, essas atitudes são muito fortes. Às vezes eu digo assim: Se você quiser conhecer uma pessoa, o que ela é capaz de fazer, jogue bola com ela. Porque você está jogando bola com o sangue fervendo, e o cara te xingando, te batendo e você simplesmente tem que levantar e no mínimo ficar calado se você não quiser revidar. Então, eu adotei isso para mim muito cedo, eu não quero brigar, o meu desafio é não ser expulso, eu não agredi e eu me tornei um dos jogadores mais duros do time da Estudantina. Eles me classificavam como o jogador mais pesado, mais duro, mas eu não era agressivo, não batia, eu não revidava. E a gente jogava com isso, ficava o tempo todo: “Se acalma, respira fundo”. Eu já vi colega meu levar mãozada na cara e eu ter que pegar o cara para não bater, porque se eu tivesse no lugar dele eu também iria querer bater. O cara chorando de raiva porque quer pegar o cara, mas não pode e não deve. Levar chute no umbigo e sair caladinho, não porque eu tivesse medo, mas a comunidade toda estava ali vendo e você quer queira ou não queira, jogador de futebol amador no interior, ele é um modelo. Os jovens, as crianças estão lá fora te olhando. Eu internalizei isso muito cedo, então eu achava que educação não é somente dentro da sala de aula, é o meu comportamento, as minhas atitudes. Eu tenho que defender uma ideologia, mas no dia-a-dia eu tenho que praticar. Para algumas pessoas eu digo: “Ser cristão ou ser uma pessoa boa dentro da igreja, é fácil demais porque vai todo mundo para a igreja desarmado. Ninguém vai para lá para brigar, vai querendo conforto. Agora, quero que seja um cristão bom lá fora da igreja. No meio do quente, onde está todo mundo lá te apontando, te olhando, querendo te desafiar”. [23’54”]

Narrativa de Vida de José Orismar da Silva Barroso

José Orismar da Silva Barroso

08/08/2011

1. Vídeo Cap0919_000(0002)

Meu nome é José Orismar da Silva Barroso, tenho 4 irmãos, sou o primogênito. Meu pai é Francisco da Silva Barroso, minha mãe, Ana Maria da Silva Barroso. Meus avós paternos são Luis Vieira da Silva e Josefa Vieira da Silva. Meus avós maternos são Celina Vieira e Felipe Vieira. Minha descendência é de Parnaíba, uma comunidade que faz parte do município de Pentecoste, distrito de Matias, e meus familiares são daquela região mesmo. Meus avós paternos são de Itapipoca, tem todo um envolvimento com política, e meus avós maternos são da região do Parnaíba e mexem mais com agricultura. Eu me desenvolvi naquela comunidade.

Nasci em 1977 e foram momentos preciosos naquela comunidade. Na minha infância eu lembro de vários momentos que vêm à minha mente quando eu paro para refletir. Lembro quando, juntamente com meus irmãos e meus pais, naquela vida simples daquela comunidade tão bucólica, não tinha televisão naquele período, a gente caminhava bastante, andava, brincava. Lembro demais dos momentos em que nós nos reuníamos à noite no período chuvoso quando viam as safras e a gente se reunia. Era mais comum na casa dos meus avós paternos. A gente tinha montes de feijão e a gente debulhava esse feijão de forma manual. Era gostoso, eu lembro dessa cena porque ali a gente ficava ouvindo as histórias deles de quando eles eram crianças. Eu lembro que a gente andava naquelas veredas, minha mãe ia na frente, eu ia na frente dos meus irmãos e meu pai era o último para nos protegermos. Lembro de alguns serviços básicos que eu fazia junto com a minha família. Lembro de ir buscar água, eu era o mais velho e pai sempre me dava essa função, e geralmente a gente ia buscar essa água ou no açude que tinha lá perto ou no leito do rio Canindé. Lembro de uma infância que tinha essa coisa bastante positiva, que eu gostava demais, que era curtidão dessa coisa bem tranquila do início dos 80 na comunidade de Pentecoste. Lembro das partes ruins também. Meu pai tinha uma bodega, foram um dos poucos momentos fartos na minha vida, muito curto mesmo. Lembro disso porque parece que as coisas boas que a gente recebe e fica na nossa mente. Eu não tinha mais do que 4 anos, eu pegava uma bolacha doce e comia bastante. Depois meu pai desistiu, não tinha como continuar com a bodega. Naquele período éramos eu, minha irmã e meu irmão, depois nasceram os outros 2, e teve muita dificuldade, foi uma infância muito difícil. Eu trago muito na mente a lembrança da alimentação, que era muito fraca mesmo. Lembro quantas vezes eu não comia o café com farinha, quando tinha farinha, porque quando não tinha era só o café mesmo, era horrível. Lembro de uma comida bastante rotineira que era o arroz com ovo. Utilizávamos picica, farinha de gergelim, mandioca era mais difícil porque meu pai não tinha terreno e não tinha como fazer o cultivo, a gente adquiria com o meu avô, era a famosa carimã. A gente vivia nessa luta, uma luta de muita resistência, dificuldades. Lembro que eu, em busca de algo para a gente se alimentar, utilizava baladeira pra caçar passarinho. Eu deixei essa prática cedo porque eu era um jovem que me sentia muito incomodado quando eu matava os passarinhos, me dava uma pena muito grande. Outra comida que a gente comia eram os carás, que ficavam nas taperas, que são poças d'águas acumuladas durante o período chuvoso. Meu pai chegava às vezes com um bernal e alguns carás. Quando nós tínhamos o cará era uma boa companhia para o arroz. Em termos de alimentação a minha infância foi muito defasada, passei muita necessidade. Feijão era coisa raríssima, porque durante os períodos de seca a gente não conseguia cultivar o feijão para passar o período não chuvoso se alimentando. A única fonte de renda era o meu pai e geralmente só dava para comprar o arroz, o açúcar e a farinha. É um momento triste que eu lembro. Tinha um serviço do governo federal para as pessoas menos favorecidas durante a seca que foi a construção de um açude, e às vezes eu tinha que ir fazer o serviço no lugar do meu pai nessa construção porque ele saía para fazer outras coisas. No dia que o pai não podia ir, eu ia. Fiz isso poucas vezes, graças a deus, mas isso foi horrível. Tinha que subir uma rampa com um carrinho de mão e eu não tinha muita força, era um serviço muito ardoroso. Eu participei de várias atividades da lida no interior, arrancar mato, toco, meu pai fazia empleita e eu ia com ele para ajuda, sempre era eu porque eu era o mais velho. Foram momentos de muitas dificuldades. Tinha que ir atrás de lenha às vezes. Nos intervalos tinha os meus amigos que eu ainda hoje tenho na comunidade onde nasci. O futebol era coisa que eu mais desenvolvia. O que eu queria relatar era a questão da minha escola. Lembro que comecei a estudar no início da década de 80, fui alfabetizado no alpendre de um casarão. Lembro da minha ansiedade falando para o meu pai comprar minha cartilha do ABC, que foi a única coisa que eu levava nos primeiros dias de aula porque meu pai não tinha dinheiro para comprar os outros materiais. A minha primeira professora, a tia Francisca, foi quem começou

a me ensinar. Ela queria que eu comprasse minha tabuada. Eu comecei lendo minha cartilha do ABC. Lembro que minha professora tinha uma bodega e a gente dividia o lugar no alpendre com alguns clientes que chegavam para comprar algumas coisas. Ela criava algumas cabras e, no período chuvoso, era uma dificuldade porque elas não gostavam muito e invadiam o alpendre e ficava tudo cheio de urina, era o horrível o mau cheiro. Às vezes quando não dava tempo de limpar o alpendre, a gente ia sentar debaixo de um pé de juazeiro porque seria melhor sem o odor. Lembro que desenvolvi rápido a alfabetização e comecei a pegar um certo gosto pela leitura. Uma coisa interessante é que nas famílias dos meus avós maternos e paternos são totalmente analfabetos, a minoria dos meus tios sabe ler, ninguém tem uma formação. No período da minha infância havia literatura de cordel e eu desenvolvi minha leitura por gostar dessa literatura. Quando eu saí dessa escola que era uma casa grande de tijolo e eu fui para uma escola que era só uma classe misturando as pessoas de diferentes níveis. No segundo grau, comecei a estudar uma escola da minha comunidade, com a professora Ricardina, uma pessoa memorável que me ajudou muito. Hoje eu tenho a felicidade de agradecer-lá, que mãe de um colega meu que é professor também. Essa história nessa escola foi até o início dos anos 90, eu tinha uns 13 anos, porque só tinha até a quarta série, da quinta em diante eu teria que procurar colégios fora da minha comunidade, e o colégio mais próximo era na Providência, que ficava em torno de 6 léguas da minha casa. Comecei a ir pra essa escola na bicicleta do meu pai com uma colega minha da região. Aí começou a surgir dificuldades, eu tinha vergonha porque não tinha muita roupa pra ir pra escola. Uma outra barreira era a questão da comida. Eu também não tinha caderno. Depois a bicicleta quebrou, meu pai não tinha como consertar e eu tive que parar os meus estudos. Eu chorei, foi um momento cortante para o meu coração. Depois, em 92, 93, eu me matriculei em outra escola que tinha da quinta à oitava série, em Cacimbas. Era um ensino através da TV. Aí começaram as mesmas dificuldades das outras vezes. Lembro que caminhava uma hora a pé até a escola, às vezes pegava uma carona na ida e na volta. Às vezes ia para a escola sem comer nada. Comecei a desenvolver amizade com a família da minha professora Irismar, e comecei a passar dias a casa deles. Ela era uma pessoa muito acessível, me deixavam muito à vontade na questão da alimentação. Às vezes eu ficava de meses na casa dessa minha professora. Eu agradeço demais porque senão eu teria sucumbido mais uma vez nos meus estudos, porque meus pais não tinham condições. Às vezes eu voltava chorando para casa. Eu fiz amizade com a merendeira e às vezes ela me dava bruaca com café na volta para casa, às vezes me oferecia um almoço. Eu recebi isso com muita gratidão porque eu entendia que eu precisava dos meus estudos e que eu não podia me intimidar diante daquilo, e eu aceitava isso de muito bom grado porque as dificuldades eram enormes e o meu sonho era continuar estudando. Meus pais e meus tios diziam que eu já tinha aprendido a ler e já estava bom de parar, só que eu queria dar uma sequência no meu estudo, eu pensava em terminar pelo menos o meu segundo grau.

2. Vídeo Cap0919_000(0004)

Uma coisa que eu gostaria de retomar é a minha infância na comunidade de Parnaíba, em Pentecoste, com os meus amigos. Naquele tempo não tinha televisão. As brincadeiras eram bem típicas. Tinha um campo de futebol em frente da minha casa e depois que chegava do colégio a gente jogava o resto da tarde até de noite. Dia do domingo a gente brincava de bola o dia inteiro. A gente brincava bastante de bandeira, era uma brincadeira muito comum na época. Brincava de jogar pedra e bilar. Outra brincadeira que tinha muito era bodega, a gente juntava coisas descartáveis e formávamos nossa bodega, era uma espécie de empreendedorismo infantil. A gente fazia cédulas com carteiras de cigarro, dependendo da marca do cigarro o dinheiro valia mais. Quando tinha festa, eu levava sacola e trazia cheia de

carteira de cigarro. No outro dia eu ia na bodega do meu amigo e comprava a bodega do cara quase toda e ele ficava sem muito possibilidade. Às vezes ele vinha querer comprar as coisas na minha bodega, mas não podia comprar tudo porque eu vendia mais caro. Em 86 teve eleição para o governo do estado, eu tinha 9 anos e gostava de política, lembro que fiz campanha para o Tasso Jereissati. Nas brincadeiras de futebol eu narrava as partidas, entrevistar os meus amigos com um microfone que eu tinha feito. Outra coisa que eu lembro é que os adultos da minha comunidade me ajudavam, eu me sentia muito feliz e queria zelar por isso.

3. Vídeo Cap0919_000(0005)

Eu estava na sétima série, o ensino fundamental era só até o oitavo ano. Em 94 eu tinha muita amizade com o Eudimar, o Du, que estudava na mesma escola que eu. Ele chegou e propôs que eu fosse conhecer um projeto que havia se iniciado com estudantes no Cipó. Eu já conhecia o Cipó porque eu já tinha ido lá algumas vezes fazer o curso de datilografia com o professor Toinho. Depois o Du veio me falar que tinha iniciado um projeto educacional no Cipó com o professor Andrade. Um dia nós vínhamos na estrada entre Capivara e o Cipó, e o Du fazia o relato de como era essa experiência. Lembro da primeira noite que eu cheguei, estavam o Toinho, o Du, o Beto, o Francisco estudando e eu me agreguei na turma. Eu gostei do debate sobre história, daquele grupo compartilhando, conversando. O Toinho tinha conseguido uma lâmpada fluorescente ligada numa bateria porque ainda não havia energia elétrica no Cipó.

4. Vídeo Cap0919_000(0007)

Eu comecei a gostar muito e comecei a entristecer porque eu não sabia como ia continuar lá. Nos primeiros dias eu dormia numas cadeiras de escritório que era onde havia umas máquinas de datilografia. As primeiras semanas foram dentro dessa realidade. Comecei a frequentar o PRECE, mas tinha a questão de como eu iria terminar o primeiro grau. Como eu já fiquei no PRECE direto, eu parei de ir para a escola convencional. Nós conversamos e o Andrade começou a me dar umas orientações e eu fui fazer o supletivo em Pentecoste. Era uma coisa muito difícil, eu fazia o trajeto na bicicleta do Francisco, meu colega do grupo que nós tínhamos iniciado, e às vezes eu não tinha condições de merendar. Mais uma vez essas coisas começaram a me perturbar. Nas primeiras provas do supletivo eu ia fazer a prova e voltava de bicicleta com uma fome horrível. Eu falei isso algumas vezes para a dona Fransquinha, mãe do professor Manoel Andrade, e ela começou a me dar o dinheiro da merenda. Eu tenho que considerar a igreja na minha vida nesse momento, que me ajudou muito na questão espiritual, porque eu lembro que ia orando na bicicleta pra deus me fortalecer. Terminei meu ensino fundamental entre 94 e o início de 95. O PRECE já estava estabelecido, houve uma comunicação entre nós que estudávamos lá e o Andrade, dona Fransquinha e senhor Arão, e eles passaram a nos ajudar até em termos de alimentação. Meu pai e minha mãe foram embora para Barreira, e eu falei para os meus pais que eu ia ficar estudando no PRECE. Foi uma decisão difícil porque eu sabia que ia sofrer, mas entre o sofrimento e parar de estudar, eu decidi ficar no grupo. Eu não tinha ninguém e me socorria com os meus amigos, que às vezes traziam comida de casa e eu fiquei realmente dependente dos meus amigos em todas as situações, foi um momento muito difícil pra mim.

5. Vídeo Cap0919_000(0008)

Algumas vezes faltou comida. Lembro de momentos em que eu comi farinha com açúcar. Comi farinha com açúcar. Tinha uma casa velha que era acima da casa de fazer farinha e às vezes eu ia me deitar lá meio-dia com muita fome. A gente não tinha geladeira porque não tinha energia, e uma vez eu peguei um peixe velho e decidi fazer meu almoço como esse peixe. Os meninos tinham saído pra levantar alguns recursos e eu fiquei sozinho porque eu não ia pra canto nenhum. Às vezes eu ia e às vezes não ia, porque eu estava meio triste, abatido. Peguei esse peixe velho, ele estava meio esverdeado.

6. Vídeo Cap0919_000(0009)

Ele estava com um odor meio forte. Depois que eu peguei e joguei dentro de uma panela. Não tinha tempero, a única coisa que tinha era colorau. Botei ele pra cozinhar dentro da água, quando via que estava com uma cor meio assim, despejei a água e botei outra. Ainda continuava com odor forte. Na quarta vez eu pensei “agora vou fazer o meu pão aqui”.

7. Vídeo Cap0919_000(0010)

Dentro da farinha o bicho não ficou muito gostoso, porque era só colorau, estava meio salgado. Nesse dia eu comi esse peixe. Eu tinha muita vergonha, eu não falava com meu pai, nesse momento meus pais moravam longe. Quando eles perguntavam como era minha vida lá, eu omitia essas verdades, não gostava de contar porque era algo que me fazia muita vergonha. Aí começou a aparecer dúvida na minha mente, de como eu ia continuar resistindo a tudo isso, porque era muito sofrimento. Quanto a alimentação, essa cena do peixe esverdeado foi fortíssima.

8. Vídeo Cap0919_001(0000)

Naquele momento, como eu já tinha terminado o ensino fundamental, eu fiz minha inscrição no ensino médio, e naquele período nós não tínhamos como fazer a prova do supletivo lá no próprio PRECE, não havia essa possibilidade, então nós tínhamos que fazer em Fortaleza. Foi assim com todos os meus colegas, todos fizeram o ensino médio em um supletivo em Fortaleza. Nós vínhamos com o Andrade, era ele e sua família que providenciava tudo, nós ficávamos no apartamento dele, fazíamos as provas e depois voltávamos para o Cipó. Minha experiência do ensino médio foi basicamente isso. Enquanto uns estavam estudando para o ensino médio, outros estudavam para o vestibular, no caso o Toinho, que já tinha o ensino médio. Ele fez o vestibular e foi o primeiro que passou. Isso ia nos fortalecendo como grupo, na certeza de que nós iríamos vencer. No meu ensino médio eu precisava de dinheiro e eu comecei um empreendimento. Eu puxava quadrilha, uma época eu narrei a quadrilha numa escola que eu estudei nas Cacimbas e ganhei 18 reais. Eu reservei 10 reais, fui na casa dos meus pais em Barreira já certo de que quando eu voltasse para o Cipó eu iria começar alguma coisa pra eu ter alguma fonte de renda. Quando eu voltei ao Cipó, montei uma caixa, fui para Pentecoste com o senhor Arão e a dona Fransquinha, comprei alguns pacotes de bombons. Lembro que era época de eleição e estava tendo comício. Eu saí da minha zona de conforto e fui. Fui meio receoso, mas fui. Enchi os departamentos da minha venda, botei uma cinta e fui. Cheguei lá e tive ótimas vendas, apurei 15 reais nessa noite e ainda ficou um bocadinho de bombom na casa de fazer farinha. Fiquei superfeliz e comecei outro momento. Eu estudava e comecei a aumentar minhas vendas, comecei a comprar rapadura, bolacha e o comércio começou a crescer. Depois eu estava abastecendo a comunidade inteira, vendendo todo tipo de cereais. Eu já estava vendendo fiado para o mês, chegava no final do mês eu ficava orando a deus que os mesmos voltassem para me pagar porque senão eu quebraria. Eu chegava a

vender 600, 700 reais, era uma boa grana para a época. Eu ia reservando algum dinheiro, lembro que tirei um tijolo e era ali que eu reservava as poupanças, ninguém sabia do segredo desse fundo fácil. Foi muito bom porque eu comecei a ter minhas atividades, uma certa independência financeira. Eu comprava minhas coisinhas, sabonete, xampu, passagens. Isso foi maravilhoso, só que isso me atrapalhou em alguns momentos porque o comércio me tirou tempo demais. Muitas vezes eu deixava de estudar para ir vender ou fazer compras. Nesse período já havia chegado energia elétrica, aí eu comprei uma geladeira, um som, uma tv, e foram coisas que me tiraram tempo. Atrasei demais meus estudos por causa disso.

9. Vídeo Cap0919_001(0001)

Tomei essa atitude meio radical. Comecei a recolher as finanças, os fiados, tentando evitar vender fiado para as pessoas com medo de receber um calote. Afinal de contas eu recebi, mas algumas pessoas ficaram me devendo.

10. Vídeo Cap0919_002(0001)

Fui meio receoso, mas fui. Enchi os departamentos da minha venda, botei uma cinta e fui. Cheguei lá e tive ótimas vendas, apurei 15 reais nessa noite e ainda ficou um bocadinho de bombom na casa de fazer farinha. Fiquei superfeliz e comecei outro momento. Eu estudava e comecei a aumentar minhas vendas, comecei a comprar rapadura, bolacha e o comércio começou a crescer. Depois eu estava abastecendo a comunidade inteira, vendendo todo tipo de cereais. Eu já estava vendendo fiado para o mês, chegava no final do mês eu ficava orando a deus que os mesmos voltassem para me pagar porque senão eu quebraria. Eu chegava a vender 600, 700 reais, era uma boa grana para a época. Eu ia reservando algum dinheiro, lembro que tirei um tijolo e era ali que eu reservava as poupanças, ninguém sabia do segredo desse fundo fácil. Foi muito bom porque eu comecei a ter minhas atividades, uma certa independência financeira.

11. Vídeo Cap0919_003

Em 95, o PRECE já funcionando a pleno vapor, nós estudávamos já com um grupo formado, eram meus irmãos. Desenvolvemos as atividades diariamente dentro daquela casa de fazer farinha. Pra você ter uma ideia, eram vários tanques próprios pra fazer farinha, tinha o forno onde torrar farinha, algumas máquinas. Nós sentávamos muitas vezes naqueles tanques, às vezes nos reuníamos numa parte que parecia um salão, ficávamos nas cadeiras e estudávamos, desenvolvendo nossas atividades. Aqueles que tinham mais habilidade para ensinar algumas matérias, eles iam ensinando. Alguns conheciam mais de matemática, português, história, biologia, geografia. Na maioria das vezes os meninos iniciavam os debates daqueles assuntos. Nós estávamos cheios de esperança. Esperança era o que não faltava. Os apoios começavam a chegar, as circunstâncias começaram a melhorar. Ali a gente tinha nossos momentos de diversão, conhecíamos uns aos outros muito bem. Durante a tarde a gente ia para a quadra perto da casa de fazer farinha, adaptamos e transformamos em quadra de jogar futebol. A gente discutia, mas nunca brigou. Tinha o Francisco que era mais agitado e violento e o povo ficava com medo. Serviu demais aquele espaço para a gente crescer como amigos, irmãos, companheiros da equipe. Ali a gente dividia todas as atividades, as discussões, os debates fortes, como em qualquer ajuntamento de pessoas sempre tem esses probleminhas, essas discussões. Isso aconteceu algumas vezes, mas aconteceu de forma que nós entendíamos que precisávamos resolver aquele problema entre nós mesmos. Quando a coisa pegava, sempre tinha um que conciliava. Discutia algumas vezes com o Francisco, com o Norberto. O

Norberto era um cara que tinha alguns problemas, mas foi um amigo que no desenvolver a gente foi fortalecendo a amizade e ele também foi melhorando e hoje ele é bem-sucedido nessa luta. Todos nós somos grandes amigos, essa primeira célula tem uma força em termos de amizade. A gente sempre se encontra, conversa, liga para o outro. Houve um acordo entre o professor Manoel Andrade e o senhor Arão e a dona Fransquinha em termos de alimentação, a partir daquele momento seria cedido alimentação e a gente trabalharia meio expediente. O senhor Arão passaria a ser o chefe dessa questão. O Andrade ajudava, a igreja ajudou bastante porque ela dava uma parcela dessa alimentação. Fizemos várias atividades, fui plantar capim com o senhor Arão e outras atividades que ele precisasse. Era meio expediente, a luta era difícil. Melhorou consideravelmente, tinha esse serviço, mas a alimentação foi tudo de bom, porque todo dia a gente tinha a merenda reforçada, muitas vezes cuscuz com leite, café, bolacha, muita fartura. Isso era só de segunda a sexta-feira. Depois entrou o Narcélio no projeto, eu fiz muita amizade com ele e comecei a ir para a casa dele nos finais de semana e comecei a construir uma outra família nesse sentido.

12. Vídeo Cap0919_003(0000)

Naquele momento, como eu já tinha terminado o ensino fundamental, eu fiz minha inscrição no ensino médio, e naquele período nós não tínhamos como fazer a prova do supletivo lá no próprio PRECE, não havia essa possibilidade, então nós tínhamos que fazer em Fortaleza. Foi assim com todos os meus colegas, todos fizeram o ensino médio em um supletivo em Fortaleza. Nós vínhamos com o Andrade, era ele e sua família que providenciava tudo, nós ficávamos no apartamento dele, fazíamos as provas e depois voltávamos para o Cipó. Minha experiência do ensino médio foi basicamente isso. Enquanto uns estavam estudando para o ensino médio, outros estudavam para o vestibular, no caso o Toinho, que já tinha o ensino médio. Ele fez o vestibular e foi o primeiro que passou. Isso ia nos fortalecendo como grupo, na certeza de que nós iríamos vencer. No meu ensino médio eu precisava de dinheiro e eu comecei um empreendimento. Eu puxava quadrilha, uma época eu narrei a quadrilha numa escola que eu estudei nas Cacimbas e ganhei 18 reais. Eu reservei 10 reais, fui na casa dos meus pais em Barreira já certo de que quando eu voltasse para o Cipó eu iria começar alguma coisa pra eu ter alguma fonte de renda. Quando eu voltei ao Cipó, montei uma caixa, fui para Pentecoste com o senhor Arão e a dona Fransquinha, comprei alguns pacotes de bombons. Lembro que era época de eleição e estava tendo comício. Eu saí da minha zona de conforto e fui. Fui meio receoso, mas fui. Enchi os departamentos da minha venda, botei uma cinta e fui. Cheguei lá e tive ótimas vendas, apurei 15 reais nessa noite e ainda ficou um bocadinho de bombom na casa de fazer farinha. Fiquei superfeliz e comecei outro momento. Eu estudava e comecei a aumentar minhas vendas, comecei a comprar rapadura, bolacha e o comércio começou a crescer. Depois eu estava abastecendo a comunidade inteira, vendendo todo tipo de cereais. Eu já estava vendendo fiado para o mês, chegava no final do mês eu ficava orando a deus que os mesmos voltassem para me pagar porque senão eu quebraria. Eu chegava a vender 600, 700 reais, era uma boa grana para a época. Eu ia reservando algum dinheiro, lembro que tirei um tijolo e era ali que eu reservava as poupanças, ninguém sabia do segredo desse fundo fácil. Foi muito bom porque eu comecei a ter minhas atividades, uma certa independência financeira. Eu comprava minhas coisinhas, sabonete, xampu, passagens. Isso foi maravilhoso, só que isso me atrapalhou em alguns momentos porque o comércio me tirou tempo demais. Muitas vezes eu deixava de estudar para ir vender ou fazer compras. Nesse período já havia chegado energia elétrica, aí eu comprei uma geladeira, um som, uma tv, e foram coisas que me tiraram tempo. Atrasei demais meus estudos por causa disso. Meus colegas foram terminando o ensino médio, e às vezes eu ficava de mês sem vir em Fortaleza pra fazer a prova porque eu não tinha estudado, eu estava muito empolgado porque eu estava

ganhando dinheiro. O Andrade me aconselhando, e eu resistindo à ideia. O tempo foi passando e quando foi em 99, decidi q ia acabar com o comércio. Comecei a recolher os fiados com medo de receber um calote. Em fevereiro de 99, já estavam morando na Igreja Presbiteriana do Centro o Genival e o Narcélio, foram eles dois que me ajudaram bastante. Eu não podia ajudar muito porque não trabalhava. Eu reservei um dinheiro e fui gastando aos poucos. Surgiu a possibilidade de os meninos irem morar na Igreja, e serviu até de base naquele primeiro momento para o PRECE, porque a gente não tinha um espaço tão grande. Depois que eles vieram, ampliaram as possibilidades. Depois que os meninos passaram no vestibular, eu assumi o cargo deles e fazia a zeladoria na igreja. Comecei a ganhar um salário que eu dividia com o Jairan. Fiz o vestibular uma vez para Pedagogia e não fui aprovado, fiquei nos classificáveis. Na segunda tentativa, perdi a prova. Quando foi em 2001, terminei o ensino médio no supletivo. Eu comecei a pensar em fazer Teologia e decidi fazer. Terminei o curso no Seminário Teológico De Fortaleza e hoje estou pegando só validação, estou fazendo um seminário na Faculdade Católica. Quando eu terminei o seminário, tinha a perspectiva de trabalhar na igreja, só que ao terminar houveram mudanças de perspectiva. Eu não me sentia no momento maduro e responsável suficiente de assumir como pastor de uma igreja. Foi muito difícil pra mim porque eu estava casado, tinha a família da minha esposa que não entendia o porquê disso, mas foi uma questão ideológica da minha parte. Minha esposa também ficou meio receosa num primeiro momento, não entendia. Eu ui desenvolver atividade numa outra coisa que não tinha nada a ver com o curso, fui trabalhar numa empresa administradora de condomínios. Eu trabalhei ali muito mais porque eu não tinha como ficar desempregado, fiquei uns 2 ou 3 anos nessa empresa. O questionamento de todo mundo era por que eu era formado em Teologia e trabalhava numa coisa que não tinha nada a ver comigo, mas eu simplesmente tinha seguido o intuito do meu coração. Realmente eu posso retomar essa coisa a qualquer momento, eu não descartei, eu só não me sinto no momento certo até hoje, não sei por que mas surgiu isso na minha mente, eu não tinha maturidade suficiente pra ser pastor. Eu acho que em algum momento essa ideia vai retornar, e eu vou aceitar isso com muita prontidão. Eu desenvolvi algumas atividades na igreja, ponto de pregação, mas não de forma oficial, fiz com os meus conhecimentos, mas de forma voluntária, porque nunca recebi nada pelos serviços que prestei na igreja. Trabalhei mais de 4 anos numa comunidade no Pici, fiz lá uns grupos e a gente se reunia pra falar das dificuldades e refletir. Hoje eu tenho perspectiva. Eu nunca perdi meu vínculo com o PRECE, mesmo eu trabalhando numa empresa que não tinha nada a ver com o PRECE, mas eu sempre mantinha contato através dos e-mails, dos blogs, eu sempre procurava me alimentar do que estava acontecendo na dinâmica do PRECE. E o meu contato com o professor Manoel Andrade, uma pessoa que eu tenho uma consideração enorme porque ele sempre reforçava a ideia do meu retorno quando me encontrava, e eu também tinha esse desejo, mas estava faltado mais entusiasmo da minha parte. No final de 2010 eu falei pra ele que iria me envolver com as atividades do PRECE. De fato, eu voltei mesmo, hoje estou desenvolvendo um trabalho com um pessoal do grupo que está desenvolvendo um trabalho pra Secretaria de Educação do Estado. Estou participando de um projeto maravilhoso que é fazer a construção do memorial do PRECE, eu quero compartilhar, quero fazer parte desse momento, pra mim é uma questão de honra. Eu acho que esse trabalho é fantástico, brilhante, e fazer parte dessa história é tudo o que quero, porque afinal de contas o PRECE é dinâmico em todos os sentidos, ele trabalha em todas as frentes e todas frentes de trabalho do PRECE tem uma história bonita por trás, tem algo a ser contado, e o memorial não é diferente. Com toda certeza vai ser algo que vai ajudar muito, não só a história do PRECE, mas as demais pessoas que irão nos visitar, que vai servir de embasamento ideológico pra alguma coisa, que vai estudar essa história. É riquíssimo esse momento de construção do memorial. Eu tenho outras perspectivas ainda, é incrível esse meu sentimento. Estou envolvido agora com o PRECE, mas penso em

desenvolver outras atividades, de empreender em alguma outra situação dentro do PRECE, porque eu acho que vão surgir outras oportunidades, e essa é a minha perspectiva de futuro dentro do PRECE. Eu não quero mais sair do PRECE, aliás, eu nunca saí, mas eu não quero perder esse link de forma ativa dentro do PRECE, eu penso em desenvolver outras atividades também. Eu queria falar um pouco da minha vida sentimental. Desde a minha infância, alguns pontos traumáticos surgiram na minha vida, alguns bloqueios. Quando eu fui chegando na minha adolescência, eu tive um problema muito sério de acne, quando eu cheguei no PRECE estava muito forte. Isso pra um jovem é muito difícil, eu enfrentei isso com muita dificuldade, não vou negar. Foi uma crise crônica, e eu não tinha a mínima possibilidade de cuidar dessa questão dermatológica, era muito caro e eu não tinha. Eu não tive namorada até os 18 anos, era uma barreira realmente. Eu gostei de duas meninas desde 93 até a minha história no PRECE. Eu gostei de uma menina, depois gostei de uma menina que fazia parte do PRECE, esse eu cheguei a mencionar o sentimento, não foi um sentimento platônico, não deu certo, ficou naquela coisa do vamos esperar, mas acabou não dando muito certo. Eu tive muita dificuldade em relação a isso, muitos bloqueios mesmo, não vou negar. Depois que eu já estava em Fortaleza, conheci a minha esposa atual, o nome dela é Cleide. Eu a conheci numa palestra que ela foi dar pra gente lá no Cipó sobre a dengue. Havia alguns contrastes de realidade. Eu morava na igreja, de uma certa forma eu era um estudante zelador da igreja. Ela já era uma pessoa formada, em processo de mestrado, uma pessoa com diferença de idade maior do que eu, já tinha sua vida totalmente independente, enfermeira concursada do estado. Eu comecei a gostar dela, só que eu tinha que enfrentar essa situação. Não sei como a minha autoestima foi tão boa nesse sentido. E assim eu fiz. Nós começamos a namorar, nos casamos, hoje nós temos três filhos, o João Pedro, a Nicole e a Dafne. A gente rompeu alguns modelos de estrutura de sociedade que não foi muito fácil nem pra ela nem pra mim, mas tivemos essa coragem de enfrentamento. Nosso casamento tem sido uma bênção, algo maravilhoso. A gente sonha junto, analisa as coisas juntos, compartilhamos as coisas, ela me apoia demais. Temos uma vivência muito boa, eu diria que nós somos um casal de muita maturidade, porque apesar de tudo o que aconteceu ela me dá apoio. Quando eu disse que não enfrentar a questão de ser pastor, ela simplesmente deu apoio para que eu fosse fazer um serviço que não tinha nada a ver com a minha área, mas ela me apoiou.

13. Vídeo Cap0919_003(0001)

Eu tive sentimentos por duas pessoas, de 90 até 94, foram paixões duradouras. Antes dessa primeira, tinha uma prima que gostava muito de mim, mas eu não tinha muito interesse por ela. Eu era muito fiel aos meus sentimentos, eu não tinha nenhuma motivação só porque ela estava gostando de mim. A partir de 2004 foi uma menina de dentro do PRECE. Eu sofri muito com esse sentimento. Surgiram outras oportunidades, só que, pra mim, isso gerava um certo conflito porque eu tinha a paixão mas não acontecia, e as meninas que gostava de mim eu também não queria por uma questão de fidelidade de sentimento, eu queria mostrar pra pessoa que eu gostava era dela. O que me angustiava era porque o tempo ia passando, eu cheguei aos 23 anos e eu sentia vergonha porque eu não namorava. Minha esposa foi minha primeira namorada de forma efetiva, eu não havia namorado antes. Meu primeiro beijo foi com ela. Tudo pra mim era descoberta, porque eu tinha 25 anos. Eu nunca falei isso pra ninguém. Não muitas aventuras amorosas, tive sentimentos, paixões duradouras, mas não aconteceu nada. Eu não tinha coragem, tinha medo de receber um não. Um dia depois do culto eu fui falar com ela e dei um beijo na boca dela, um selinho.

14. Vídeo Cap0919_003(0002)

Foi algo que aconteceu corajosamente, não sei onde encontrei essa coragem. Depois disso foi namoro, eu fiquei todo empolgado e feliz porque tinha dado certo. O namoro evoluiu, a gente noivou, depois fui conhecer a família dela, foi muito interessante. Por ser meu primeiro namoro, eu consegui me fortalecer muito nesse momento na questão da autoconfiança. Eu acho que não adquiri isso do nada, foi dentro da minha vivência dentro do PRECE, de resistência. O problema com a acne foi muito difícil porque eu não conseguia olhar olho no olho das pessoas, mas eu resistia em não ser assim. Tudo isso me atrasou em algumas situações, principalmente em termos de estudo. Na questão do meu casamento com ela eu tenho que levar em consideração esse monte de situações culturais que nos contrariavam em várias situações. Não foi fácil pra mim, pra ela nem pra família dela. Mas eu tinha que mostrar quem eu era, posso não ter recursos, mas posso dar amor e sustento pra ela. Graças a deus não temos muitas cobranças. Uma coisa que eu penso em realizar é desenvolver algo na área de comunicação, porque eu gosto muito. Eu gostaria de finalizar esse momento do memorial dizendo que hoje eu valorizo muito as minhas conquistas. Eu não valorizo medindo pela régua convencional da titularidade, não tenho doutorado, mas eu valorizo demais essas conquistas, porque eu acho que tenho que respeitar todas as minhas limitações, por isso eu digo que sou um cara vitorioso. Eu conquistei muitas coisas, sou realizado, sou feliz por isso.